

RAQUEL MIRANDA LOPES

**ETNOGRAFIA DE UM SABER
DISCIPLINAR: UM OLHAR POR SOBRE
A SOCIOLOGIA E A ANTROPOLOGIA DO
CAMPEPINATO**

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da Profa. Dra. Mariza Corrêa e co-orientação da Profa. Dra. Maria de Nazareth Baudel Wanderley.

Este exemplar corresponde à redação final da tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em ___/___/99

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Profa. Dra. Mariza Corrêa

Prof. Dr. Mauro William Barbosa de Almeida

Profa. Dra. Nair Costa Muls

Prof. Dr. Octavio Ianni

Profa. Dra. Regina C. Reyes Novaes

JUNHO/1999



76110005

UNIDADE BC
L. CHAMADA: 1/11/1999
Ex. 2
OMBO BC/ 4.1934
PROC. 278/00
C D
PREÇO R\$ 11,00
DATA 30-07-00
1.º CPD

CM-00142B45-2

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

L 881 e **Lopes, Raquel Miranda**
 Etnografia de um saber disciplinar: um olhar por sobre a
 sociologia e a antropologia do campesinato / Raquel Miranda
 Lopes. - - Campinas, SP : [s. n.], 1999.

Orientador: Mariza Correa.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Etnografia. 2. Sociologia rural. 3. Antropologia social.
4. Camponeses. I. Correa, Mariza. II. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Aos que me ensinaram
que o Bem Individual só tem sentido
se convertido para a construção histórica do Bem Coletivo.

Em especial,

Ester (minha mãe) e Raimundo (meu pai - *in memoriam*),
Helena (minha sogra) e 'Prof. Pinheiro' (meu sogro),
meus irmãos, irmãs, cunhados e cunhadas,
meus sobrinhos e sobrinhas,
meus amigos e amigas,
meus professores e alunos.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Com eterna gratidão e amor,

A Tarcísio,

o lado bom da vida e porto para meus desassossegos

A Thiago (*in memoriam*), Bruno e Daniel,

espelhos de meus acertos, erros, buscas e esperanças.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SECÃO CIRCULANTE

AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas que de uma forma ou de outra contribuem para a concretização de uma tese de doutorado. É uma longa trajetória, que envolve negociações pessoais, institucionais, profissionais. Negocia-se com a família as mudanças geográficas, as pontes rodoviárias, a concentração de esforços, que acabam redundando na síndrome da tese, largamente conhecida no meio familiar e acadêmico. Negocia-se a liberação institucional que envolve políticas departamentais, alocação de colegas, sobrecarga e encargos para alguns, liberação para outros, tudo em nome de um projeto de qualificação docente e da esperança da melhoria do ensino e da pesquisa. Negocia-se com o programa de qualificação através de exames, trabalhos, auxílio de orientadores e professores. Como nomear e agradecer a todos? Resta apenas uma rápida menção cronológica a alguns dos que, de forma mais contundente, tornaram este trabalho possível.

Começo agradecendo meu primeiro professor de antropologia e então chefe do Departamento de Sociologia e Antropologia/UFMG, quando da minha liberação para o programa de doutorado na UNICAMP. Welber da Silva Braga, com seu espírito crítico, instigante e irreverente, despertou em mim a possibilidade de estranhar conceitos e pré-conceitos já estabelecidos, muito me incentivando na busca do doutoramento.

Do desejo de trilhar o caminho da antropologia até sua concretização, vaguei pela sociologia rural até quando, com a ajuda de colegas da antropologia, me aventurei na montagem de um programa introdutório de teoria antropológica. Josefina Lúcia Pimenta Lobato de Mello e Cleonice Pitanguí Mendonça me ajudaram muito nesta tarefa e em equipe trabalhamos, trocando

referências bibliográficas, experiências sobre o cotidiano da sala de aula. Com Pierre Sanchis aprendi muito através de seus cursos que eu acompanhava como ouvinte. Com Iêda Martins de Pádua troquei experiências de uma trajetória semelhante. Leonardo Figoli e Ana Lúcia Modesto somaram-se ao grupo com quem tive uma convivência mais amena na 'tribo' antropológica. Sonhava construir com eles um espaço institucional reconhecido a nível nacional. No entanto, o sonho se desfez nas contingências da minha vida pessoal e do grupo que minguou com as aposentadorias geradas pelas ameaças de mudanças propostas na reforma da Previdência Social e a sensação de frustração está por ser exorcizada.

Gostaria de agradecer também aos colegas do Centro de Estudos Rurais da FAFICH/UFMG, que fundamos em 1978 e que foi de extrema importância para meu crescimento profissional e pessoal. Agradeço a Nair Costa Muls pela sua amizade e solidariedade, a Otávia Fernandes de Souza Rodrigues pelo incentivo nas horas de desânimo, a Nilcéa Moraleida Gomes pelo tanto que aprendi com ela, a Carlos Magno Guimarães pela forma honesta de suas críticas, a Maria Aurora Rabelo Meireles por suas observações perspicazes e a Leda Maria B. de Castro pelo espelho construtivo de nossas idiossincrasias. Num derradeiro encontro de 'bota-fora de papéis', numa tarde de maio/97, na sala do CER/FAFICH/UFMG, entendi, finalmente, no meio à poeira de papéis, relatórios, lembranças e conversas, que não só uma vida intelectual estivera enterrada 'no pasto', mas sobretudo minha alma. Esta tese, creio eu, foi o exorcismo necessário para tentar novos vãos.

Agradeço também a amizade das minhas colegas da sociologia Márcia G.M. de Oliveira, Maria de Lourdes D.L. Pereira, Maria Ligia de O. Barbosa e Tania B. Quintaneiro, quando do meu retorno.

Ressalto a importância do programa UFMG/PICD/CAPEs, sem o qual teria sido impossível concretizar este empreendimento.

Quanto ao apoio recebido na UNICAMP devo agradecer, também obedecendo ao critério cronológico, em primeiro lugar ao Prof. Roberto Cardoso de Oliveira, exemplo de verdadeiro mestre num campo de saber. Ele me recebeu, ouviu e aconselhou como os sábios chefes de uma comunidade, que primam sua conduta pelo respeito e zelo humanos, mesmo quando deparam-se com mais um aprendiz. A partir da leitura de seu livro Sobre o pensamento antropológico, comecei a organizar a grande 'salada teórica' resultante de estudos e leituras assistemáticas. Foi através de uma primeira conversa com ele, que eu me encorajei a prestar o concurso de seleção para meu doutoramento.

Em segundo lugar, agradeço sinceramente a Mariza Corrêa, minha orientadora, que soube entender-me, aceitar-me e respeitar meu ritmo moroso e confuso de trabalho. Apontou-me detalhes sutis, aceitou minhas 'aventuras e desventuras' teóricas com a paciência dos que sabem conduzir sem impor percursos. Leu meu projeto de tese com tanta acuidade e perspicácia que conseguiu traduzi-lo e decodificá-lo para mim, apontando-me as entrelinhas de uma discussão que eu apenas indicava inconscientemente. Dialogamos intensamente através de encontros e cartas curtas, mas norteadoras de uma confiança mútua e do compromisso para com o término deste exercício etnográfico. Sem a certeza de que ela estava à minha espera do outro lado desta travessia eu certamente teria desanimado pelo caminho.

Agradeço imensamente a Maria Nazareth Baudel Wanderley, minha co-orientadora, que com seu jeito afetuoso ajudou-me a unir dois campos de saber: o sociológico com o antropológico e encontrar um pouco de sentido para uma trajetória intelectual tão cheia de idas e vindas, tão povoada de dívidas e ansiedades, que me impediam de romper com as amarras de um pensamento

prisioneiro de estruturas fechadas e circulares. Devo muito a estas duas competentes professoras e libero-as de qualquer responsabilidade quanto aos erros presentes neste trabalho.

Agradeço também aos professores Guilherme Raul Ruben e Octavio Ianni que, conjuntamente com os professores Roberto e Mariza, compunham o competente grupo de professores da Área de Concentração Itinerários Intelectuais e Etnografia do Saber do Programa de Doutorado em Ciências Sociais/UNICAMP, turma/1990, pelo muito que aprendi com eles.

Agradeço a Carlos Rodrigues Brandão e Regina Novaes (quando professora visitante no programa) porque foram dois professores-antropólogos que marcaram-me positivamente por sua paixão pela disciplina e despreendimento humanos.

Com Alba Zaluar pude exercitar o embate de pontos divergentes sem a perda do mútuo respeito. Agradeço-lhe muito também.

A Cíntia Ávila de Carvalho e Adriana Gracia Piscitelli, colegas de turma/90, agradeço a amena convivência.

Minha estada na UNICAMP e na cidade de Campinas fazem parte do meu álbum de memória das boas e belas coisas vividas. Agradeço imensamente à minha querida vizinha Sueli Bahia (seu marido Ademir e suas filhas Juliana e Mariana), do bairro Universitário II, que muito me ajudaram na solução de pequenos contratempos domésticos. Nossas crianças brincavam como pássaros livres e felizes naquelas sossegadas ruas.

Ao casal sempre amigo, Maria Laura Mayrink Sabison e Eric Sabison e sua filha Lia devo agradecer pelos encontros carinhosos e amistosos que ajudavam a sanar a saudade dos parentes, dos amigos e das 'coisas de Minas'. Já havíamos compartilhado desta convivência tão saudável, quando da minha estada na University of New York at Buffalo (USA), quando éramos todos solteiros, cheios

de planos para o futuro e não suspeitávamos que a vida nos abarcaria juntos novamente, para minha grande satisfação.

Agradeço também ao casal Heleno Rodrigues Corrêa Filho e Ana Segal Corrêa, do departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Ciências Médicas/UNICAMP, seus filhos Laura e Felipe, que tão carinhosamente transferiram para mim o desvelo e a amizade que dedicaram ao meu esposo-doutorando do Curso de Pós-graduação em Saúde Coletiva.

Os alunos que participaram do primeiro curso que lecionei quando do término de minha licença de doutoramento (Tópicos Especiais em Antropologia) marcaram-me de forma decisiva. A partir deste curso, redimensionei a minha prática profissional. A eles agradeço com carinho e saudades.

A Sônia Missagia Matos que foi minha aluna, colega de Departamento/UFMG e do Programa de Doutorado/UNICAMP, agradeço pelas conversas amigas, pelos livros, pela solidariedade.

Sou muito grata a Profa. Maria Suzana de Lemos Souza e a Profa. Tania B. Quintaneiro pela leitura deste texto e comentários.

O tempo de elaboração deste trabalho coincidiu e misturou-se com um processo de grandes indagações e descobertas existenciais, por isto mesmo os anos parecem equivalerem-se a décadas e os resultados a esforços pequenos. Muito devo à competência e ajuda recebida da Dra. Zuleide Souza Carmo Abijaodi, Dra. Maria Regina Reis Cançado, Dra. Valéria B. Simões e das tão ternas amigas Gislayne Avelar de Matos e Tereza Albergaria.

Agradeço imensamente aqueles que caminharam comigo no dia-a-dia desta jornada. Ester Miranda Lopes, Rosália Miranda Lopes de Almeida, Helena Magalhães Pinheiro e Tânia Márcia

Magalhães Pinheiro, mãe, irmã, sogra e cunhada, que me socorreram com as crianças e com as doenças, cercando-me de carinho e cuidados nos momentos difíceis, onde eu não vislumbrava grandes possibilidades. Agradeço a Ângela Teixeira da Silva, que por muitos anos, me ajudou a conciliar o mundo do trabalho com o mundo da casa. A Pituxa agradeço pela lealdade, pela alegria, pelo carinho e brincadeiras que serviram para preencher as carências afetivas da família.

Bruno Lopes Pinheiro e Daniel Lopes Pinheiro foram os verdadeiros heróis desta travessia, pois tiveram, desde pequenos, de conviver com mãe e pai-doutorandos. O tributo que lhes foi cobrado foi muito alto e no entanto, generosamente, retribuíram dando muito mais do que lhes foi oferecido. Juntos aprendemos muito com tudo isto. A eles agradeço imensamente, bem como ao meu amigo, companheiro e esposo Tarcísio Márcio Magalhães Pinheiro, pois ajudaram-me a tornar esta caminhada possível e encontrar coragem para não desanimar nas horas mais difíceis.

Nestas reviravoltas todas, re-liguei-me à ordem do sagrado: fonte suprema do Bem Coletivo e do Bem Comum, do encontro e do diálogo de diversidades e esperanças.

Finalmente agradeço a você leitor, que por dever ou por interesse, iniciará a leitura desta tese.

RESUMO

Nesta etnografia de um saber disciplinar, buscou-se através da coleta de dados etnográficos (fatos sociais) e da análise dos textos e saberes disciplinares elaborados (fatos epistemológicos) identificar, compreender e interpretar alguns aspectos da prática teórico-metodológica disciplinar (sociologia e antropologia rural) no recorte temático estabelecido (sociologia e antropologia do campesinato) no período de 1960 até final da década de 70. A triade autor-texto-disciplina transformou-se em objeto de pesquisa.

SUMÁRIO

	Página
Introdução	I
Capítulo 1: Etnografia de um saber disciplinar: Reflexões teórico-metodológicas	30
1.1. A temática rural enquanto objeto de uma etnografia do saber	31
1.2. Etnografia da ciência ou etnografia de um saber: interface de um debate	35
1.3. Etnografia de um saber: procedimento teórico ou metodológico?	58
1.4. Fatos sociais e fatos epistemológicos: componentes interligados de um campo de saber	61
1.4.1. Um mapeamento do campo de pesquisa a partir de fatos sociais e fatos epistemológicos obtidos através de entrevistas e encontro científico	66
Capítulo 2: Debates e diálogos na construção de um saber disciplinar: Processos macro- estruturais (anos 60- 70)	74
2.1. O debate sobre os processos sociais agrários macro-estruturais	75
2.2. A construção de uma prática disciplinar: modelos teórico-metodológicos e práticas acadêmicas	93
2.2.1. Caio Prado Júnior: o intelectual independente e sua exclusão da academia	94
2.2.2. José de Souza Martins: o resgate da dimensão social, antropológica e política na análise de temas rurais	112
2.2.3. Moacir Palmeira: jogos ideológicos e políticos no debate da questão agrária	135
2.2.4. Otávio Velho: a academia e a busca da objetividade de um campo disciplinar	155

2.3. O vôo espiral de uma prática teórico-metodológica: continuidades e descontinuidades de um debate	173
Capítulo 3: Debates e diálogos na construção de um saber disciplinar: Processos sociais agrários internos (anos 60-80)	181
3.1. O debate sobre os processos sociais agrários internos	182
3.2. Campesinato e capital: versões de um debate	189
3.2.1. Economia camponesa residual	192
3.2.2. A <i>plantation</i> e a produção camponesa	199
3.2.3. A fronteira: espaço de desavenças teórico-metodológicas e políticas	209
3.2.4. A fronteira e o modo de produção camponês	216
3.2.5. A fronteira e a <i>plantation</i> : processo de diferenciação interna do campesinato e/ou de proletarianização	229
3.2.6. A fronteira e o campesinato enquanto relações não-capitalistas de produção	244
3.2.7. Formas de subordinação do campesinato ao capital	254
3.2.8. Lógica interna e especificidade da produção camponesa	257
3.4. Significados simbólicos da prática social camponesa	260
3.4.1. A terra: garantia da reprodução econômica ou do saber camponês?	262
3.4.2. O mundo do trabalho familiar enquanto atividade econômica e organização social	270
3.4.3. Lutas e estratégias camponesas	272
3.4.4. Saber camponês e identidade social	274
3.4.5. O mundo da cultura e do sagrado	275

3.5	Encontro da prática teórico-metodológica com a prática empírica: o resgate do objeto rural em carne sangue e seu reencontro em sangue e alma na espiral da vida	276
4.	Conclusões: O fim do começo ou o recomeçar sem fim	280
4.1.	Quanto às explicações ou mitos teórico-metodológicos construídos pela comunidade acadêmica	285
4.2.	Quanto aos mitos e veracidade das práticas discursivas elaboradas	291
4.3.	Quanto à efetivação de mitos e/ou de práticas nas soluções das chamadas questões agrárias	295
5.	Abstract	306
6.	Referência Bibliográfica	307
7.	Fontes Primárias	334
8.	Banco de Dados	335

INTRODUÇÃO

No capítulo inicial do Ramo Dourado, Sir James Frazer relata a 'estranha e repetida tragédia' da sucessão sacerdotal no santuário de Diana do Bosque¹ e conta que: 'Dentro do Santuário de Nemi, crescia certa árvore da qual não se podia quebrar nenhum ramo. Somente a um escravo fugitivo se permitia partir, se o conseguisse, um dos ramos. Se tivesse sucesso na tentativa, permitia-se-lhe lutar com o sacerdote em combate singular e, se o matasse, reinaria em seu lugar, com o título de Rei do Bosque (Rex Nemorensis)'. Ao redor da árvore, durante o dia e a noite, uma figura sombria rondava. 'Carregava na mão uma espada desembainhada e estava sempre à espreita, como se a cada instante pudesse ser atacado por um inimigo. Era um sacerdote e um assassino; e o homem a quem procurava devia, mais cedo ou mais tarde, matá-lo e tomar-lhe o posto de sacerdote. Esta era a lei do santuário. Um candidato ao sacerdócio só poderia conseguir o cargo eliminando o sacerdote e, depois de eliminá-lo, conservava o cargo até ele próprio ser morto por alguém mais forte ou mais hábil'. Ao nos voltarmos ao Rei do Bosque para os governantes seculares da terra, do costume do santuário aos processos de ação política, a figura do atormentado sacerdote, zelando por sua posse transitória, volverá à nossa mente como tema de toda a soberania. Pois a história política é uma série de estórias deste tipo. Reaparece sempre a estória dos escravos destruindo os senhores e de senhores que, compreendendo a natureza aleatória de sua soberania, lutam para conservá-la. E, embora a espada seja muitas vezes guardada em alguma simbólica bainha de civilização, a guerra do governante contra possíveis sucessores é amarga como sempre. Pois a cabeça que recebe a coroa está destinada a ter o sono inquieto e os dias contados. (MARSHALL, 1972: 9-10).

¹ Segundo Marshall, Frazer associa esta árvore dourada ao visco, que algumas lendas consideram a árvore da vida. (MARSHALL, 1972: 9). Marshall, refere-se à belíssima obra de Frazer intitulada **O ramo de ouro** [1922] (1982).

Nesta luta circular pelo poder, pelo acesso aos meios de produção material, pelo controle dos bens simbólicos profanos e sagrados, pela construção do saber dominador, assistimos ao desenrolar histórico, material e espiritual da existência humana.

A princípio, foi através do recorte temático Questão Agrária e Igreja Católica (LOPES, 1991; 1998) que me propus a identificar os fios da construção de um saber empírico-teórico para re-arranjá-lo, isto é, para que eu própria saísse das construções circulares e, através de construções espiraladas, pudesse fugir deste eterno aprisionamento e desencantamento que a posse de um Ramo de Ouro representa para nosso modelo de humanidade constituída de privilegiados e excluídos.² Estas preocupações refletiam meu repensar sobre a historicidade das teorias elaboradas; sobre os desafios concretos que a empiria colocava para os que analisavam o rural; sobre as diferentes formas de inserção na realidade pesquisada que iam do extremo da neutralidade, da objetividade à participação observante³; sobre o espaço da militância e do

² Quem são os excluídos, poderíamos perguntar? A cada ano que passa esta categoria abarca com novos contingentes humanos. De acordo com o Editorial do **Caderno CEAS**, nº 157, os excluídos... São muitos, milhões. Estão em toda parte, são muito mais que aqueles que os dispõem em categorias e setores e tentam administrar a sua explosão. Vêm de todos os quilombos, sobreviventes do arraial de Canudos, do presídio de Carandiru e do largo da Candelária. Chegam de engenhos e charqueadas, escritórios e oficinas, alpendres e albergues. Legiões daqueles seres chamados de malucos, aleijados e retardados, lerdos e nervosos, revoltados, desocupados, inaptos, incompetentes. Tidos como afeitos à pândega e à preguiça, propensos ao vício, ariscos e desconfiados, candidatos ao crime e à perversão. Sobraram de mecanismos que os anexaram pelas bordas e hoje os descartam, como os acidentados de trabalho que estendem a mão à caridade pública. Excedem, absolescentes como um computador da geração passada. As febres, as guerras, as operações policiais-militares conseguiram apenas arranhar o seu número. São tantos, meu Deus! (CEAS, 1995: 3-4). Ao refletir sobre a categoria exclusão tão presente nas falas dos agentes de pastoral, dos agentes políticos e dos agentes sindicais, Martins alerta para o fato de que exclusão é uma *...expressão de contradição* no desenvolvimento da sociedade capitalista (MARTINS, 1997a: 17) e que *...a exclusão não se explica apenas pelo fenômeno em si, mas também, e sobretudo, pela interpretação que dele faz a vítima.* (idem: 21). A categoria exclusão pode transformar-se, empiricamente, numa forma de obrigar o outro - o excluído - a lutar pela sua inclusão num sistema político-econômico, que por princípio, o marginaliza e explora. O trabalhador rural sem terra, ao lutar pela inclusão no sistema burguês de propriedade de terra, reproduz a sociedade que o cria.

³ Crítica feita por DURHAM, 1986: 26-7.

academicismo; sobre o significado sócio-político de um saber elaborado; sobre as leis, continuidades e discontinuidades dos debates construídos e sobre os desafios postos pela realidade social e empírica.

Como estas indagações constituíram para mim, um *bias* ou um *parti pris* inconsciente, o que fiz foi não só a reconstrução de dois campos intelectuais sobre a questão agrária e a Igreja Católica, mas, sobretudo, um mapeamento do campo através do meu entendimento de práticas discursivas sobre o rural nos anos 60-70. Procurei identificar, nos textos, os problemas empíricos que eram postos pela sociedade e como estes foram sendo tratados. Dada a própria conjuntura sócio-política da época, aos agentes intelectuais que procuravam entender aquela realidade conturbada somaram-se os agentes de uma prática partidária e pastoral, que buscavam soluções e saídas concretas.

Os textos escolhidos foram apontando novos textos, bem como confirmando a importância de certos intelectuais para a elaboração da prática teórico-metodológica que se constituía sobre o rural na antropologia e na sociologia nos anos 1960-80, em que se instalavam cursos de pós-graduação nos quais a temática rural era apresentada enquanto um dos campos possíveis de especialização.

Mais do que explicar a reconstrução de um campo de conhecimento, foi se revelando, ao longo da elaboração deste texto, minha preocupação inconsciente e inicial de buscar entender o processo de construção de um saber disciplinar e de suas práticas teórico-metodológicas, não mais sob a concepção do pêndulo⁴, mas a partir da metáfora de uma espiral.⁵

⁴ Conceber algo através da imagem do pêndulo sempre me foi muito incômodo, pois me lembrava o balançar monótono do relógio-cuco, como se cada batida fosse eternamente a mesma. Se a tese-síntese-antítese não irrompesse no novo, não faria sentido continuar lutando pelo rompimento de circularidades. Afinal o que seria o elemento inovador e transformador na elaboração de um saber?

Durante o XVI Encontro Nacional da Associação PIPSA, ao fazer uma avaliação crítica sobre sua produção intelectual, Tavares dos Santos lançou o seguinte desafio:

Talvez este relato de vinte e cinco anos de trabalhos sociológicos sirva de exemplo da maneira como se faz a ciência social, marcada pela política e pelas lutas sociais, mas envolvida com as discontinuidades do conhecimento teórico e as vicissitudes do campo intelectual. Por ventura possa este esboço ter servido para demonstrar que o processo do trabalho sociológico não se faz sem críticas às teorias disponíveis e nem sem a investigação da realidade social. E que as hesitações e temores que sempre nos acompanham possam de um modo ou de outro serem suplantados pela audácia de querer explicar de forma inovadora os processos sociais sempre e a cada vez desconhecidos. (TAVARES DOS SANTOS: Mesa Redonda/APIPSA, 07/12/92).

Esta etnografia carrega, acredito eu, a preocupação de buscar uma nova forma de se pensar sobre a construção de saberes a partir do somatório ou/não de contribuições individuais.

A imagem empregada por Freeman na introdução do livro de Jung e colaboradores, **O homem e seus símbolos**, ilustra bem o sentido da concepção de um movimento espiralado sobre a produção de um saber, seja ele científico ou não.

Os argumentos de Jung (e os de seus colegas) sobem em espiral por sobre um assunto como um pássaro que voeja em torno de uma árvore. No início tudo o que vê, perto do chão, é uma confusão de galhos e folhas. Gradualmente à medida que voa mais alto, os diversos aspectos da árvore repetindo-se formam um todo que se integra no ambiente em torno. Alguns leitores podem achar este método de argumentação "em espiral" um tanto obscuro e até mesmo desordenado durante algumas páginas - mas penso que não por muito tempo. É um processo característico de Jung e logo o leitor vai descobrir que está sendo transportado numa viagem persuasiva e profundamente fascinante. (FREEMAN, 1964: 14).

Procura-se aqui, uma reflexão cuja argumentação siga esta metodologia. Esta imagem espiralada quanto à forma de produção do saber, foi aos poucos inundando minhas representações gráficas e mentais. O saber é aqui concebido como algo que gera a possibilidade de uma consciência crítica, distinta da produção acumulativa de conhecimento. O saber é somatório de continuidades e retornos, de erros e acertos, de avanços e interrupções, de certezas e dúvidas, que através de uma

⁵ A imagem da espiral, apesar de também poder aprisionar o saber gerado, quando este se fecha em torno de si, representa uma possibilidade libertadora e a busca por novas saídas para os impasses práticos e teóricos.

'dialética espiralada', retorna sempre às questões que a sociedade impõe ou repõe. O saber se transforma num patrimônio que é socializado ou não, ou continua enquanto problema de pesquisa, quando de uma forma ou de outra, não se encontra a chave para a sua solução. A questão agrária no Brasil é um bom exemplo desta constatação.

Esta forma de conceber o conhecimento, através da imagem de uma espiral, estava também presente em alguns dos autores lidos ao longo destes anos. Apesar de estes intelectuais não empregarem esta imagem no sentido que dou a ela, eles foram importantes para ajudar-me a clarear esta proposta.

Geertz fala das interrogações alternadas que Spitzer faz sobre um poema, quando

...emerging at the end of an advancing spiral of general observations and specific remarks with a reading of the poem as an assertion of the triumph of the aesthetic mode of perception over the historical... (GEERTZ, 1983: 69-70).

e sobre sua própria forma de indagar do como os nativos concebem a noção de pessoa, e, também conclui que esta noção

...emerging in the end of a similar sort of spiral with the notion that they see the self as a composite, a persona, or a point in a pattern". (ibidem)

Em comentário sobre a obra de Geertz, Ramos fala-nos de

... uma nova fase da "espiral dialética" necessária ao processo de construção da teoria e da pesquisa. (RAMOS, 1985: 305).

Em Fischer, encontrei ...a história não é circular, mas espiralada (FISCHER, 1985: 60) e ...processo circular ou espiralado de renovação na antropologia. (idem: 64).

Bresser Pereira, que ao apresentar a obra de Teilhard de Chardin, destaca a concepção globalizante e histórica que este adota sobre o mundo, que

...desenvolve-se em um movimento espiral⁶ : primeiro através da cosmogênese propriamente dita; depois, através da antropogênese, a partir do aparecimento do homem, e, finalmente, através de uma cristogênese, a partir do aparecimento de Cristo até o ponto Ômega. (BRESSER PEREIRA, 1979: 39).

Desroche fala da "lei da espiral" (DESROCHE, 1985: 52), que atravessa a "imaginação selvagem" e a "imaginação domesticada" e ...cujas frustrações novamente ricocheteiam em novo impulso. novo anel da mesma espiral. (idem) Para ele,

...o desenvolvimento social não é nem necessariamente 'linear' como o postularia o otimismo de um progresso cumulativo infinitamente ascendente; tampouco fatalmente 'cíclico' como o suporia o pessimismo e a temeridade dos que proclamam "nada há de novo debaixo do sol". Talvez o desenvolvimento social seja, como uma 'espiral', feito de anéis que se articulam, cada qual com outro e outros, a reproduzirem em níveis diversos, ciclos análogos de outros impulsos e outras quedas e cujo conjunto se regula pela linha-eixo desta espiral. (DESROCHE, 1985: 51).

Bergson prefere o uso da imagem da espiral em detrimento da que descreve a história como um movimento pendular. Para ele,

Não poucas vezes falou-se das alternâncias de fluxo e refluxo que se observam em história. Toda ação prolongada num sentido acarretaria uma reação em sentido contrário. Em seguida ela recomeria, e o pêndulo oscilaria infinitamente. É verdade que, no caso, o pêndulo é dotado de memória, e que não é mais o mesmo na volta o que fora na ida, tendo-se enchedo da experiência intermediária. Eis por que a imagem de um movimento em espiral, que algumas vezes já se mencionou, seria mais precisa que a da oscilação pendular. Na verdade, há causas psicológicas e sociais das quais se poderia declarar a priori que produzam efeitos desse gênero. (BERGSON, 1978: 242).

Nesta direção Barthes escreve:

Mas não procede a história, segundo a bela metáfora de Vico, em espiral? Não devemos retomar (o que significa repetir) as antigas imagens para dar-lhes conteúdos novos? (BARTHES, 1988: 122).

Segundo Harris,

No existe ninguna prueba empírica en apoyo de la afirmación de que la evolución de las formas está obligada necesariamente a pasar a través de una serie de estadios opuestos o contradictorios. El esfuerzo de Hegel por presentar el curso de la evolución del mundo como una espiral ascendente de negaciones sucesivas es el resultado de la sugestión de la magia de las palabras y de los números. (HARRIS, 1985: 59)

⁶ Usa esta grafia.

Velho, ao apresentar a republicação de uma coletânea de textos de sua autoria, lembra-nos que,

Alguns lógica linear expressa na sequência dos textos será sempre relativa, em parte explicada pela ação de forças "externas". E, em parte, também enganadora, já que, embora suficientemente longa para revelar até mesmo certos cortes, a sequência não o é para expressar retornos... (VELHO, 1982: 14).

Conclui que,

A velha imagem da espiral, na verdade, talvez ainda seja aplicável, desde que expurgada da curiosa e significativa confusão com a figura da curva helicoidal criada pelo pensamento teleológico e progressista. (ibidem).⁷

Dez anos depois, em seu Memorial, Otávio Velho volta a empregar esta idéia ...um movimento em espiral (a não ser confundido com a curva helicoidal). (VELHO, 1992: 7).

Soares, ao referir-se à sua argumentação teórica, escreve:

Retomamos, assim, o caminho apontado pelo curso do raciocínio expresso nas unidades precedentes. Andamos não em círculos, mas em espiral. (SOARES, 1981: 203).

Cardoso, quando analisa na obra de Turner o sentido da organização das *communitas* e das estruturas sociais, diz que:

Vendo as estruturas sociais como em estado de tensão, teria sido possível perguntar que forças sociais a estão movendo e se abriria um caminho para explicar como se geram os intervalos de 'communitas' e também sua força ou fragilidade. Por outro lado, esta perspectiva não levaria a uma lei geral do movimento das sociedades, ainda que permitisse compreender como cada tipo de sociedade, percorrendo um caminho seguramente tortuoso porque resultado do confronto entre os grupos e segmentos que a compõem, desenvolve uma espiral de transformação. (CARDOSO, 1978: 325).

Petrini também se utiliza desta imagem. Segundo ele,

⁷ Em texto posterior, Velho sem usar a terminologia espiral, emprega novamente esta imagem: Mesmo porque, assumindo uma postura não teológica as coisas aparecerão menos separadas, reafirmando de alguma maneira um eterno retorno - pelo menos pela impossibilidade de fixação definitiva de qualquer padrão - e a necessidade de uma permanente reapropriação. (VELHO, 1983a: 260-1). A imagem da espiral, por mim recorrentemente empregada nesta tese, não possui qualquer vinculação com o teológico. Reafirmo seu uso no sentido da construção dialética em direção a novas alternativas para uma ordem social viciada e arbitrária.

...existe uma heterogeneidade de consciências que poderíamos imaginar graficamente com pontos esparsamente dispostos numa grande espiral cujo centro seria representado por uma clara consciência de classe e por uma definida atuação político partidária. No entanto, esses níveis de consciência e de participação política, apesar de heterogêneos, só excepcionalmente são contraditórios com a que domina na Comunidade. Os laços afetivos, consolidados pela experiência de solidariedade e pelo controle social exercido na Comunidade, são mais fortes que as diferenças ideológicas, tanto no plano religioso quanto no político. Isto permite uma unidade nas práticas populares que pode reduzir, com o passar do tempo, as distâncias ideológicas. (PETRINI, 1984: 105).

A mesma imagem é empregada para referir-se a práticas políticas. De acordo com

Mainwaring:

Tornou-se mais difícil para os líderes leigos atuarem por causa da repressão, assim padres e freiras assumiram mais responsabilidades na defesa dos direitos humanos. Como resultado, transformavam-se cada vez mais em alvos da repressão. Numa espiral crescente, os bispos novamente se declaravam contra as injustiças. No final de 1970, afirmavam: "Somos testemunhas da trágica situação em que vive boa parte da população, especialmente, no interior, no campo e na periferia das grandes cidades, por causa do irrisório nível de salários". (MAINWARING, 1989: 119-20).

Num clássico texto de economia, a imagem da espiral se faz também presente:

Qualquer declínio, ainda que conjuntural, do desempenho das empresas, redonda em detrimento da "confiabilidade" e, em espiral descendente, num mecanismo tipo "feed-back", termina por atingir todo o sistema. (OLIVEIRA, 1972: 79).

A espiral é uma imagem que resgata, para mim, a dialeticidade da construção teórica e da vida, que descortina a esperança de um saber libertador, transformador, livre da circularidade das contradições binárias, suicidas, excludentes, aprisionadoras e parece criar a possibilidade de desatar as amarras que as estruturas sociais impõem ao sujeito e ao objeto histórico. Descortina o todo e suas partes sem se ater, necessariamente, à síntese advinda deste saber, porque este novo saber pode reconstruir novos sentidos, ou recriar condições para que se repense qualquer forma de dominação social, política, cultural, ideológica, pessoal, etc.

Todos os elementos estruturais da existência humana em sociedade permitem a construção de um conhecimento espiralado, não evolucionista e nem funcionalista, que está num crescente

movimento dialético, feito por tensões, transformações. O homem e a ciência, neste movimento, não são concebidos como girando em círculos fechados, mas em espirais que sempre buscam e encontram o novo, mesmo quando este novo parece repetir ou retroceder àquilo que já existe. A posse de uma consciência individual e histórica permite que as trajetórias humanas, as idéias concebidas, a forma de ser, de viver e de existir explorem as várias dimensões do existir humano. As quedas ou retrocessos, na verdade, não são mais do que entrecruzamentos dos vários elos espiralados do viver individual e social, prisioneiros ainda da lógica que gera a expropriação e a desigualdade social, mas que também carregam o germe da reflexão crítica e da mudança.

Objeto do conhecimento e sujeito produtor deste conhecimento apropriam e são apropriados pela realidade em suas múltiplas facetas: social, cultural, política, religiosa, econômica, profissional, existencial, ideológica, psicológica, etc. A consciência adquirida através das várias possibilidades de se aprofundar e ampliar qualquer forma de saber, estaria marcada pelo movimento 'dialético-espiral' que acompanha a existência do indivíduo, da sociedade, da cultura, da aprendizagem. Esta consciência transcende - ser social⁸ - e resgata a crença nos valores humanos mais profundos.

O movimento espiral enfatiza o movimento da história, no seu sentido de continuidades, mudanças, transformações, adições, quando o tempo, enquanto conceito e realidade empírica, não é necessariamente sinônimo de cronologia, mas especialmente refere-se a tudo aquilo que transcende o que aprisiona a evolução do homem e se coloca no seu espírito como desejo de mudança e de

⁸ Dialogo aqui com a seguinte premissa teórica de Marx: O modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência. (MARX, 1977: 24). No entanto, a transcendência para uma forma nova de existir que ponha fim à "pré-história da sociedade humana" (idem: 25) baseada na exploração do homem pelo homem, exige mudanças mais profundas no sentido do resgate do que existe de mais nobre e ético na natureza e inconsciente humanos.

reencantamento, preenchendo-o de esperanças, de possibilidades na direção de uma real consciência individual e social. A espiral interconecta transformações materiais e objetivas com as subjetivas e inconscientes responsáveis pela construção do novo, pelo desejo da mudança, pelo resgate das intersubjetividades, pelo questionamento das ideologias e categorias aprisionadoras, pela crítica ao senso comum gerador de *status quo*, de estruturas de privilegiamento. É rico o questionamento de Fromm nesta direção:

Agora devemos perguntar-nos como o inconsciente pode chegar a ser consciente. Há uma resposta que consiste em afirmar que o inconsciente pode chegar a ser consciente quando desaparece o conflito básico entre os interesses de uma sociedade e os de cada indivíduo dessa sociedade. Se isso ocorresse, a sociedade não teria que deformar, não seria necessário ameaçar, nem "lavar cérebros", tampouco seria necessário bloquear a realidade para que ela não fosse percebida por nossa mente consciente. (FROMM, 1977: 133).

Por mais lento que seja este processo, acredito que ele, por ser uma atividade do espírito humano, impõe, aos poucos, novas formas a conteúdos que se renovam na direção de um mundo mais justo e humano, expresso nos costumes, nas instituições, na linguagem falada, escrita, simbólica, mítica de povos antigos, modernos, civilizados ou tribais. Este processo acaba gerando, como aponta Derosch na análise sobre os fenômenos religiosos e sobre uma sociologia da esperança; uma memória coletiva; uma consciência coletiva; uma imaginação coletiva que,

...se fundem, triplamente constituintes de uma "sobre-sociedade" ideal, germe de uma nova identidade e de uma nova alteridade coletivas. (DEROSCH, 1985: 182).

A etnografia, como ensina Lévi-Strauss, é o caminho do conhecimento do homem que ...vai do estudo dos conteúdos conscientes ao das formas inconscientes da vida social, da passagem do ...particular ao universal.⁹ Assim, ...o etnólogo caminha para frente, procurando atingir, através de um consciente que jamais

⁹ Como nos aponta Lévi-Strauss, é ...dever sagrado da humanidade... conservar em mente seus dois termos, igualmente presentes e importantes nas análises antropológicas evitar, sem dúvida, um particularismo cego, que tenderia a reservar o privilégio da humanidade a uma raça, uma cultura ou uma sociedade; mas também jamais esquecer que nenhuma fração da humanidade confundida num gênero de vida único é inconcebível, pois seria uma humanidade petrificada. (LÉVI-STRAUSS,

ignora, cada vez mais o inconsciente para o qual se dirige... (LÉVI-STRAUSS, 1975: 40). Ele é capaz de estranhar não só a antropofagia mas também a antropoémia simbólicas do outro e do eu. Ele é capaz de reconhecer que,

...as forças que animaram os nossos longínquos antepassados estão também presentes em nós. Nada está jogado; podemos tudo retomar. O que foi feito e falhado pode ser refeito: a idade do ouro que uma superstição cega tinha colocado atrás (ou em frente) de nós, está em nós. A fraternidade humana adquire um sentido concreto ao apresentar-nos na tribo mais pobre a nossa imagem confirmada e uma experiência da qual, como de tantas outras, podemos assimilar as lições. Reencontraremos, mesmo nestas, uma frescura antiga. Pois sabendo que desde há milênios, o homem não conseguiu senão repetir-se a si próprio, acederemos a essa nobreza de pensamento que consiste, para além de todas as repetições desnecessárias, em dar por ponto de partida às nossas reflexões a grandeza indefinível dos começos... (LÉVI-STRAUSS, 1955: 494).

As relações de privilegiamento, inclusão e exclusão presentes nas várias dimensões da vida em sociedade e, conseqüentemente, num campo intelectual de produção de bens simbólicos, acarretam vários tipos de ações sociais¹⁰, de laços intersubjetivos que atam ou desatam a rede de relações sociais e de influências culturais que envolvem obrigações específicas de reciprocidade¹¹, como num grande

1976: 365). Para compreender, organizar e preservar a tão necessária diversidade humana, cabe ao antropólogo atentar para as condições conscientes e inconscientes da vida social, presentes não só na vida material, mas especialmente na natureza simbólica dos símbolos e signos culturais. (idem: 19).

¹⁰ Para Weber, as ações sociais podem ser "racional com relações a fins", quando se busca atingir determinados objetivos; "tradicionais", quando são comandadas por costumes arraigados; com relação a "valores", quando regidas pela crença consciente num valor "ético, estético, religioso" e "ações afetivas", ligadas à emoção, aos estados sentimentais. (WEBER, 1944: 20-21).

¹¹ Segundo Weber, reciprocidade faz parte da relação social que envolve a conduta de vários indivíduos, como característica conceitual, com "sentido empírico e mentalizado pelos participantes", numa "ação concreta" ou num tipo "puro" construído e nunca de um sentido normativamente justo "ou metafisicamente construído". (WEBER, 1944: 22). Assim a relação social ...consiste só e exclusivamente... na probabilidade de que uma determinada forma de conduta social, de caráter recíproco pelo sentido tenha existido, exista ou venha a existir. (idem). O sentido da ação social pode ser "pactuado por declaração recíproca" e envolve ações com racionalidade com relação a fins e a valores. (idem: 23). Para mim, mais do que a probabilidade e o tipo de racionalidade envolvidas na relação social, são as obrigações recíprocas específicas presentes nas influências sócio-culturais e no inconsciente coletivo que fazem com que as regras e prescrições detalhadas sejam cumpridas. É como nos aponta Gramsci, quando lembra-nos que a reciprocidade é ...necessária entre estrutura e superestrutura e que esta ...é, precisamente, o processo dialético real. (GRAMSCI, 1978: 57). E ainda, é através da "catarse" que se passa ...do momento meramente econômico (ou egoístico-passional) para o momento ético-político, isto é, a elaboração superior da estrutura em superestrutura na consciência dos homens. Isto significa também a passagem do 'objetivo ao subjetivo' e da 'necessidade à liberdade'. (ibidem) A estrutura, qual força exterior que esmaga o homem, assimila-o a si, torna-o passivo, transforma-se em meio de liberdade. em

*kula*¹² de 'relações sagradas' que compõem a vida do ser humano em sociedade e sua busca por um aparato hegemônico¹³ alternativo. Constituem estas relações sagradas os valores do nosso eu individual e o nosso eu social, socializado, pertencente a um sistema cultural, social, político, religioso, simbólico, ético, ligado a obrigações recíprocas específicas e a um inconsciente que ...não é apenas um simples depósito do passado, mas que está também cheio de germes de idéias e de situações psíquicas futuras (JUNG, 1964: 37) e esclarecedor dos fenômenos coletivos. (LÉVI-STRAUSS, 1975: 34). Este inconsciente reflete também um profundo comprometimento com o bem coletivo, com a eliminação dos ramos de ouro geradores da desigualdade humana e social.

instrumento para criar uma nova forma ético-política, em origem de novas iniciativas. A determinação do momento catártico torna-se assim, em minha opinião, o ponto de partida de toda a filosofia da práxis; o processo catártico coincide com a cadeia de sínteses resultantes do desenvolvimento dialético. (GRAMSCI, 1978: 57-8).

¹² Resgato de Malinowski o sentido dado a este fato etnográfico, o *Kula*, que envolve a ...relação intertribal que une através de laços sociais definidos uma vasta área e um grande número de pessoas, atando-as com obrigações recíprocas específicas e, obrigando-as a observar regras e prescrições detalhadas de modo harmonioso. (MALINOWSKI, 1976: 369). Para o autor, o *Kula* é um sistema de comércio ou um fenômeno econômico de considerável importância teórica, que ...assume uma importância fundamental na vida tribal e sua importância é plenamente reconhecida pelos nativos que vivem no seu círculo, cujas idéias, ambições, desejos e vaidade estão intimamente relacionadas ao *Kula*. (idem: 22) Tiro do texto deste autor, o otimismo com que analisou a concepção do valor primitivo à luz da instituição ocidental e a possibilidade de alargarmos nossa compreensão e fé sobre/na natureza humana e sobre uma nova atitude mental. Talvez a rota circular de direção fixa na qual se movem os bens materiais e simbólicos, possa quebrar-se e abrir-se espiraladamente, trazendo à tona um novo sopro de vida e uma nova realidade que despertem reciprocidades ditadas por um *kula* baseado em valores (sagrados) de generosidade e igualdade humana. Ainda segundo este autor: Estudar as instituições, costumes e códigos, ou estudar o comportamento e mentalidade do homem, sem atingir os desejos e sentimentos subjetivos pelos quais ele vive, e sem o intuito de compreender o que é, para ele, a essência de sua felicidade, é, em [sua] opinião, perder a maior recompensa que se possa esperar do estudo do homem. (idem: 38).

¹³ Para Gramsci, um aparato hegemônico liga-se a um terreno ideológico, ...que determina uma reforma das consciências e dos métodos de conhecimento, e, ...quando se consegue introduzir uma nova moral de acordo com uma nova concepção do mundo, acaba-se por introduzir também tal concepção, isto é, determina-se toda uma reforma filosófica. (GRAMSCI, 1978: 57). Este aparato já encontra-se em construção na práxis e nas utopias daqueles que procuram concretizar neste momento histórico, uma nova forma de viver, uma nova concepção de vida, um mundo alternativo para o caos hoje vivido.

Esta representação de imagens coletivas idealizadas aparecem aqui como um mito ou sonho arquetípico¹⁴, criador de preconceitos, esperanças e expectativas que consciente ou inconscientemente acalentamos, pois como intelectuais do mundo, estamos sempre almejando uma ciência à serviço da paz universal, da igualdade social, da justiça, da verdade, enfim da reflexão crítica que a consciência das relações sociais sagradas deveria exercer sobre as relações sociais profanas de exploração e dominação.

Desta forma,

...são as relações sociais, ou melhor, econômico-políticas, dos homens entre si que governam tanto a secularização dos valores religiosos como a profanação desses valores. O sagrado é o produto sempre renovado... das relações dos homens entre si com a natureza e com o próprio sobrenatural. São os homens vivos, presentes, em suas relações pessoais, familiares, grupais e de classes que produzem e recriam, a todo instante, o sagrado que consagra as suas relações presentes. Na maioria dos casos, o sagrado é a consagração passada do presente. Também há casos em que o próprio presente sacraliza-se, pela invenção de novo sagrado, pela sacralização das coisas, acontecimentos ou gentes. A ciência, por exemplo, às vezes barra e confina o sagrado; mas outras vezes ela própria sacraliza idéias, explicações, teorias, como deusa do que é certo ou errado, inocente ou pecado. Tanto assim que o cientista pode aparecer como o sacerdote de um novo tabu, nova revelação, novo milagre, ou apenas novo jargão. (IANNI, 1977: 164).

Mesmo sabendo que o profano e o sagrado fazem parte integrante da dialética da vida, enfatizo, baseada em Kolakowski, que certos valores sagrados são determinantes para a própria duração da cultura. A ordem do sagrado torna-se fundamental para conferir sentido às tradições, à cultura, ao homem, à vida, à polaridade bem/mal. Sem ela prevaleceria a insensatez, o absurdo, o nada, ou seja, apenas a ...satisfação do momento ou a ...imaginação ociosa. (KOLAKOWSKI, 1977: 162).¹⁵ Como Vaz, acredito que estes valores sagrados e a atitude religiosa possibilitam o ...aparecimento de uma

¹⁴ Para Jung os arquétipos são resíduos arcaicos, imagens primordiais, ou representações conscientes. O arquétipo ...é uma tendência para formar [as] representações de um motivo - representações que podem ter inúmeras variações de detalhes sem perder a sua configuração original. (JUNG, 1964: 67). Os arquétipos aparecem como imagem e emoção (idem: 96) ou como ...herança comum de padrões de comportamento emocional. (FRANZ: 1964a: 304).

¹⁵ Não entro aqui na polêmica que o texto de Kolakowski suscitou e no debate crítico que a Revista **Religião e Sociedade** apresentou através dos textos de IANNI (1977), VAZ (1977) e MATTA (1977).

consciência crítica. (VAZ, 1977: 172). Para mim, esta consciência crítica, este desejo de um novo mais humanizado encontra-se universalizado dentro da diversidade das culturas humanas, fato este comprovado pelas várias expressões intelectuais comprometidas com uma sacralização do profano, no sentido do resgate e construção de novas práticas mais éticas e igualitárias.

Segundo Cardoso de Oliveira, a questão ética refere-se ao ...acordo em torno de normas ou valores (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1990: 17), cuja ...intenção implicaria ainda na 'existência de reconhecimento mútuo' (idem: 20). Citando Ricoeur, Cardoso de Oliveira lembra-nos que a ...ética do político não consiste noutra coisa que na criação de espaços de liberdade (ibidem), cujo compromisso deveria ser para com uma ...ética na era da ciência (idem: 16), já ...que o saber e a ética são componentes indissociáveis (idem: 9). Esta ética reafirma o acordo antropológico baseado, segundo Geertz, no "reposicionamento de horizontes", no "descentramento de perspectivas", no fato de que já conseguimos ...mudar o nosso sentido do sentido e a nossa percepção da percepção (GEERTZ, 1988: 18). É justamente através do encontro, do diálogo, da hermenêutica dos vários saberes já construídos e consolidados, que esta nova ética deve ser pensada.¹⁶ O encontro de alteridades explicita os desentendimentos, mas pode também explicitar alternativas novas de modos de interpretar, de pesquisar, de agir. Os desencontros e desentendimentos podem engravidar-se de reencantamentos, de esperanças, de possibilidades, sem *necessariamente* ter que abortá-las. O encontro das diversidades ou das alteridades transporta-nos por sobre o que já foi vivido, pensado, negado, construído, desfeito. Abre-se uma ponte para a revisão crítica e construtiva

¹⁶ Este desalojamento de verdades acabadas e o resgate de possíveis outras versões e formas de interpretações, postas pela prática antropológica, abrem também o espaço político para o questionamento da própria ética capitalista, que como aponta Easlea, tem sido uma ...das causas *principais* dos problemas mais sérios que a humanidade enfrenta (EASLEA, 1977: 441), já que esta se baseia na crença de que existe um ...caráter intrinsecamente agressivo e competitivo do homem. (idem: 447).

dos desentendimentos e para o estabelecimento do encontro de reciprocidades simbólicas edificadas não pela lógica da relação dominante/dominado ou sujeito/objeto, mas pela lógica do humano que se humaniza através do que vê espelhado de si e de sua cultura no outro e na outra cultura. A diferença, mais do que constitutiva de guetos de exclusão, impõe a crítica e a busca de alternativas.

As reciprocidades simbólicas advindas destes encontros explicitam uma nova relação do 'nós+outro', *especialmente* construída a partir do diálogo espiralado por sobre alteridades e diversidades, não necessariamente transcritas em manifestações escritas e faladas. Ou seja, quando do meio de um bombardeio atômico surge uma criança desnuda e queimada, sem uma única palavra, choramos o choro de nossas perplexidades. Quando do meio de escombros surge uma criança viva e ilesa, choramos o choro de nossas esperanças. Seja onde for, uma lágrima, um som, um gesto, um sorriso, podem ser motivo de prazer ou de dor. No entanto, a lágrima, o som, o gesto, o sorriso do prazer do meu eu cultural, jamais deveriam ser a lágrima, o som, o gesto, ou a dor do outro cultural e vice-versa.

Esta preocupação já se fazia presente na clássica proposta de Malinowski, que defendia que o estudo das instituições, costumes, códigos culturais, comportamento ou mentalidade do homem, deveria resgatar os ...desejos e sentimentos subjetivos pelos quais [o homem] vive e compreender ...a essência de sua felicidade. (MALINOWSKI, 1976: 38). Segundo este autor, estes fatos são essenciais no estudo do homem.

Sousa Santos fala da necessidade das ciências sociais pautarem-se por princípios que priorizem a "racionalidade moral-prática" e a "racionalidade estético-expressiva" e não mais apenas a "racionalidade cognitivo-instrumental", uma vez que estes princípios ...devem ter precedência na produção e distribuição de saberes universitários. (SOUSA SANTOS, 1994: 194).

A universidade ...deve ser um ponto privilegiado de encontro de saberes (ibidem), que ...subordine o *Know-how* técnico ao *Know-how* ético (idem: 195), pois afinal, esta deve ter o papel de

...re-encantamento da vida colectiva sem o qual o futuro não é apetecível, mesmo se viável. Tal papel é assumidamente uma micro-utopia. Sem ela, a curto prazo, a universidade só terá curto prazo. (idem: 200).

O campo intelectual, gerador de um saber disciplinar, obedece desta forma, tanto às regras postas pelo viver em sociedade, quanto aos modelos inconscientes, construtores de valores, crenças, visões de mundo, que constituem e perpassam as relações sagradas idealizadas e as relações profanas¹⁷ que o atravessam. O que é utópico hoje possui a força geradora ...que rompe as amarras da ordem existente¹⁸. (MANNHEIM, 1972: 216).

Bourdieu analisa os aspectos da influência dos elementos inconscientes no campo intelectual (1971), no campo artístico (1971, 1987), no campo religioso (1987). Para ele:

Los préstamos y las limitaciones inconscientes son sin duda la manifestación más evidente del inconsciente cultural de una época, de este sentido común que hace posibles los sentidos específicos en los cuales se expresa. (BOURDIEU, 1971: 176).

Os modelos do inconsciente cultural acabam por penetrar no inconsciente individual, no senso comum e nos modelos e padrões elaborados por uma comunidade científica, conformando nela um certo espírito comum, uma certa cumplicidade, uma disputa por objetos, temáticas, problemáticas,

¹⁷ Segundo Eliade, ...o *sagrado*, e o *profano* constituem duas modalidades de ser no mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história, referem-se às ...diferentes posições que o homem conquistou no Cosmos. (ELIADE, s/d: 28, 29).

¹⁸ Para Mannheim ao se ...limitar o significado do termo "utopia" ao tipo de orientação que transcende a realidade e que, ao mesmo tempo, rompe as amarras da ordem existente, estabelece-se uma distinção entre os estados de espírito utópicos e os ideológicos. (MANNHEIM, 1972: 216). A orientação utópica busca ...pôr fim aos laços da ordem existente (ibidem) e em termo relativo significa ...o que pareça irrealizável tão-só do ponto-de-vista de uma dada ordem social vigente. (idem: 220). Como Mannheim, acredito que é nesta ordem da utopia que se encontra a ...vontade de plasmar a história e, com ela, a capacidade de compreendê-la. (idem: 285). Eu ainda acrescentaria, é na utopia que depositamos a capacidade de sonhar, de ter esperanças e de romper os elos que nos aprisionam num círculo fechado, que nos impossibilitam de caminhar em direção a novos 'novos'.

que configuram o estilo de vida de uma época ou de uma sociedade. (idem: 177). Para Bourdieu, existe um consenso e um dissenso

...que forma la unidad objectiva del campo intelectual de una época dada, consensus inconsciente sobre los puntos focales del campo cultural, que la escuela modela al amoldar lo impensado común a los pensamientos individuales. (idem: 179).

A totalidade deste contexto possibilita ao ser humano traduzir em palavras, ações, olhares, gestos, sons, etc, os sentidos que vêm na/da unidade do espírito humano, isto é, nas aqui denominadas relações humanas sagradas, capazes de gerarem e espiraladamente romperem com o elo trágico e evolutivo da luta pelo poder e pela manutenção do saber ou do conhecimento. Esta luta lembra-me a trágica e infundável posse e sucessão na estrutura de poder, simbolicamente ocorrida no Santuário de Nemi. Os valores sagrados e, por que não, a busca do saber/conhecimento, envolvem aspectos essenciais para a construção daquilo que Ribeiro aponta no prefácio da obra de Frazer *O ramo de ouro*¹⁹, ou seja,

...a unidade essencial do espírito humano, expressa na espantosa continuidade dos mesmos arquétipos de pensamento se reiterando ao longo de milênios em povos de toda terra. (RIBEIRO, 1982: 5).

Os valores sagrados tornam-se imprescindíveis para o resgate da relação de intersubjetividade posta entre o sujeito-objeto já que, da relação gerada entre o eu/pesquisador(a) e o outro(a)/objeto da pesquisa, poderá surgir um compromisso que priorize/ou não, um saber libertador.

A etnografia da trilogia autor-texto-disciplina aponta para elementos que descrevem continuidades e descontinuidades quanto às formas de acesso, domínio e guarda de alguma forma de

¹⁹ Com este livro Frazer buscava ...explicar a estranha regra do sacerdócio ou da realeza sagrada de Nemi e, com ela, a lenda do ramo de ouro imortalizada por Virgílio, que a voz da Antiguidade associou ao sacerdócio. (FRAZER, 1982: 16) O autor queria mostrar, nas regras similares por ele pesquisadas e nos mitos dos diversos povos por ele estudados ...que os pretendentes humanos à divindade foram muito mais comuns, e seus crédulos adoradores muito mais numerosos do que até então se supunha. (idem: 17).

saber. O saber se apresenta, sugestivamente, como a própria Diana do Bosque de Nemi. O saber representa uma dimensão do poder, uma possibilidade de se decidir para/sobre o outro ou outros, a possibilidade também de se pretender divindade e de se manter crédulos adoradores submetidos a ele.

Frazer conseguiu mostrar em **O ramo de ouro** que as numerosas instituições sagradas foram produzidas em circunstâncias variadas, mas cada instituição mantinha sua especificidade e uma semelhança com as demais. Apreende-se que também no campo intelectual existem regras de constituição de saberes disciplinares que, em certa medida também são sagrados e sacralizados, já que saber é uma forma de poder material e simbólico.

Através da reflexão de práticas discursivas sobre o rural, busco entender as regras de acesso/pertença a um campo de saber disciplinar, identificar os guardiães (os senhores) deste campo de saber, o sentido dos saberes construídos, mapear o saber (Diana) que se quer proteger ou divulgar, apreender a circularidade ou não da luta simbólica pela posse do saber construído.

O saber disciplinar faz parte do campo intelectual, aqui concebido de acordo com a visão sociológica de Bourdieu,

...a la manera de un campo magnético, constituye un sistema de líneas de fuerza: esto es, los agentes o sistemas de agentes que forman parte de él pueden describirse como fuerzas que, al surgir, se oponen y se agregan, confiriéndole su estructura específica en un momento dado del tiempo. Por otra parte, cada uno de ellos está determinado por su pertenencia a este campo: en efecto debe a la posición particular que ocupa en él "propiedades de posición" irreductibles a las propiedades intrínsecas y, en particular, un tipo determinado de participación en el campo cultural, como sistema de las relaciones entre los temas y los problemas, y, por ello, un tipo determinado de inconsciente cultural, al mismo tiempo que está intrínsecamente dotado de lo que se llamará un peso funcional, porque su "masa" propia, es decir, su poder (o mejor dicho, su autoridad) en el campo, no puede definirse independientemente de su posición en él. (BOURDIEU, 1971: 135-6).

O campo intelectual, concebido enquanto um campo magnético, possui subdivisões e posições internas e externas de poder. Essas posições são ocupadas diferentemente pelos agentes

produtores do conhecimento. Ele é regido por suas próprias leis. No entanto, cada parte do campo intelectual depende das outras, num grau de variada dependência, como num jogo de xadrez, cujas peças mantêm entre si uma interdependência funcional (idem: 160), apesar das múltiplas possibilidades de ação. O campo intelectual também estabelece uma relação de interdependência com as estruturas fundamentais do campo cultural. (idem: 163). A produção e/ou apropriação do saber confere poder simbólico e concreto aos intelectuais que o produzem e o transmitem em suas práticas discursivas disciplinares, num determinado centro acadêmico e momento histórico-cultural.

Em síntese, a etnografia de um campo intelectual ou de um saber disciplinar se processa a nível da análise dos fatos empíricos e datados (fatos sociais) e dos fatos epistemológicos construídos (dados teórico-metodológicos).²⁰ Trata-se de uma reflexão sobre a construção teórico-metodológica de um intelectual que pertence a um recorte disciplinar particular que domina a matriz deste saber, que pratica a especificidade do olhar ou do ser da área de conhecimento ao qual se dedica e que interfere, querendo ou não, nos rumos da sociedade que pesquisa e analisa. Busca-se entender aqui, o objeto - nós/cientistas sociais, assim como a antropologia procurou entender os outros/nativos - como seres sociais e como seres produtores de símbolos, de sentidos. Os cientistas sociais e os saberes disciplinares construídos são transformados em objeto antropológico, não pelo resgate da história em si, mas pelas questões postas por eles.

Percebe-se - tanto nas leituras dos textos selecionados, quanto nas entrevistas com as pessoas inscritas no campo intelectual estudado - a definição e preservação de valores, de práticas e de um saber teórico-metodológico que aparecem como algo semelhante a valores sagrados, ou *vaygu'a*

²⁰ Consultar Capítulo 1, item 4 desta tese.

(objeto de valor do kula malinowskiano)²¹ advindos tanto da elaboração do espírito, da alma, quanto da elaboração criteriosa do intelecto, que segue os cânones científicos.

Se um dos supostos da antropologia é o estudo da diversidade das culturas humanas, a noção de campo intelectual, aqui empregada, leva em consideração que, apesar de certa unidade entre cada um dos saberes disciplinares passíveis de estudo, cada um deles assume forma diferente e reflete as concepções de mundo de quem observa (nós/nativos intelectuais), de quem é observado (outro/nativo observado), em meio às várias relações sociais, políticas e intelectuais envolvidas e estabelecidas entre sujeito-objeto-texto-prática disciplinar. Os saberes disciplinares construídos, no entanto, mais do que formadores de guetos intelectuais e de aporias teórico-metodológicas, somam-se ricamente e resgatam novos aspectos e novas formas de apreensão da realidade social.

O objeto desta etnografia é a feitura do estranhamento²² do saber disciplinar produzido pela abordagem antropológica e sociológica no que concerne à sociologia e antropologia do campesinato²³.

²¹ Consultar MALINOWSKI, 1976, em especial capítulo III.

²² Segundo Cardoso de Oliveira, a etnologia pode ser ...ela própria possuidora de instrumentos que lhe permitam poder alcançar um grau de compreensão de si, estranhado-se a si própria de modo a realizar aquele 'espanto' de que fala o filósofo e que tão bem caracteriza o SER da filosofia; e que, de certa maneira, está presente em toda boa etnologia em seu encontro com o outro. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988: 13). O autor aponta para a pertinência do indagar sobre o SER da ciência, não que isto precise ser feito à maneira de Heidegger, mas no próprio fazer antropológico, quando se poderá utilizar o caminho etnográfico para a busca da compreensão do objeto teórico.

²³ Ao adotar este recorte teórico-metodológico, privilegiei alguns aspectos da discussão sobre a produção camponesa. Reconheço, no entanto, que, neste período, a problemática trabalho assalariado rural tornou-se uma das principais questões estudadas não só pela academia, mas também pelos partidos de esquerda e pela Igreja Católica, servindo inclusive, em alguns casos, de ponto inicial para uma reflexão sobre o campesinato. Na década de 60 e nas seguintes, a temática do trabalho assalariado rural era um tema central e estava presente no polêmico debate que envolvia concepções teórico-metodológicas sobre a natureza da agricultura brasileira, os rumos do processo de capitalização da agricultura, o processo de proletarianização rural e a subordinação da produção camponesa às formas de dominação econômica e política. A nível prático-político, esta temática explicitava questões tais como: legislação trabalhista para o campo e reforma agrária. A problemática do trabalho assalariado temporário, a construção simbólica desses grupos sociais, o trabalho feminino (TAVARES DOS SANTOS, 1991: 18), a mão-de-obra volante na agricultura (GNACCARINI & MOURA, 1983: 14) constituíram-se linhas de pesquisa de grande expressão acadêmica. Entre tantos trabalhos, consultar como exemplo: D'INCAO, 1975;

Outros poderiam ter sido os temas e intelectuais eleitos neste exercício etnográfico se o recorte teórico-metodológicos e a proposta de estudo tivessem seguido uma lógica diferente da proposta nesta tese. Não se trata de um resgate exaustivo dos debates teórico-metodológicos que perpassam este recorte temático. Busco, tão somente, apreender dos textos lidos como se deu a construção de uma prática teórico-metodológica e o encontro/desencontro de intelectuais, com práticas disciplinares, políticas e acadêmicas em torno desse recorte temático. Este recorte analítico expressou a busca de saídas e/ou alternativas para o momento de horror e sofrimento pelo qual passava não só o meio rural, mas todo o país, ou seja, o momento da revolução de 1964 e seus desdobramentos políticos e econômicos nas décadas seguintes.

A questão inicial desta investigação: Quando, dentro de quais tradições teóricas e através de quais pesquisadores sociais, a temática Igreja Católica torna-se visível na prática das disciplinas sociologia e antropologia rural? (LOPES, 1991: 4) ficou resumida na: Como se deu o debate sobre o rural, quando a prática discursiva intelectual, partidária e de esquerda deparam-se com as reivindicações populares dos anos 60-70? O que separava ou ajuntava os que se dedicavam a uma sociologia e a uma antropologia do campesinato? A proposta de elaboração do trabalho Etnografia de um saber disciplinar: questão agrária e Igreja Católica afunilou-se no Etnografia de um saber disciplinar: um olhar por sobre a sociologia e a antropologia do campesinato.²⁴

MARTINEZ-ALIER, 1975; IANNI, 1976; LEITE LOPES, 1978; ARAÚJO & ABRAMOVAY et al, 1979; GNACCARINI, 1980; SIGAUD, 1980b; GRAZIANO DA SILVA, 1981; UNESP, 1982.

²⁴ Uma análise comparativa entre a proposta do Projeto de tese (LOPES, 1991) e a pesquisa da tese, propriamente dita, foi um dos aspectos abordados no trabalho acadêmico apresentado para o Exame de Qualificação (LOPES, 1998). Um texto preliminar sobre a importância e influência da prática discursiva da Igreja Católica nos saberes elaborados fazia parte da primeira versão desta tese e foi, posteriormente, excluído da mesma (LOPES, 1997). A Igreja Católica, juntamente com os partidos políticos e o campo acadêmico despontaram-se enquanto força social de grande importância na preparação de uma elite intelectual pensante no país. A Igreja Católica influenciou, através de sua prática teológica em defesa dos pobres e oprimidos, a ação e lutas dos trabalhadores rurais. Mais do

O recorte temporal desta tese compreende o final da década de 60, com a instalação dos programas de pós-graduação e projetos de pesquisas regionais em áreas rurais brasileiras e o princípio da década de 80, quando ocorreu maior reflexão teórica sobre a influência da Igreja Católica nas lutas e conflitos sociais ocorridas no meio rural. Não se trata de um levantamento detalhado da história deste período, da constituição das disciplinas sociologia e antropologia rural, ou do campo intelectual e do campo religioso brasileiro, mas tão somente a apresentação de uma das muitas leituras dos textos teóricos, aqui analisados e vistos como um texto cultural, conforme indica Cardoso de Oliveira,

Como procurei mostrar, cultura e leitura guardam uma relação dialética tal que constituem para a antropologia um tópico de investigação privilegiada. A cultura, quer seja vista como texto, ou melhor ainda como discurso, quer seja o texto visto como cultura, o certo é que ambos não podem se

que destacar os autores conformadores e defensores deste novo arcabouço de idéias e ações nos anos 60, apenas mapeei naquele texto as influências deste contexto sócio-cultural sobre a prática disciplinar dos que escreveram sobre a temática agrária. Os dados mostraram que não apenas a prática discursiva da ala progressista da Igreja Católica influenciou o campo intelectual e as práticas disciplinares, mas estas também receberam influências das práticas discursivas do Partido Comunista Brasileiro, entre outros. O mapeamento inicial de algumas categorias analíticas mostrou-me que, do ponto de vista teórico, a estruturação do campo intelectual, que investigava a realidade social rural, também sofreu as influências sócio-políticas impostas à sociedade nacional. Do ponto de vista histórico e do recorte analítico proposto, as questões teórico-metodológicas refletiam o entrecruzamento de temas como questão agrária, Igreja Católica, partidos de esquerda. O mundo acadêmico dos anos 60 foi, portanto, herdeiro, no plano institucional, da demanda crescente por divisões temáticas e disciplinares, da luta por uma institucionalização do saber, da divisão de fronteiras entre o discurso científico, teológico, político, literário e no plano político, das problemáticas e questionamentos impostos pelo Estado burguês, pelas reações populares e pelo golpe militar de 64. As práticas teórico-metodológicas foram sistematizadas através do contato que os intelectuais mantiveram entre si no campo intelectual das ciências sociais e com aqueles ligados aos partidos políticos e instituições católicas, cuja preocupação comum eram os excluídos, social e economicamente, no meio rural. Ocorreu, portanto, o encontro e a interseção de práticas discursivas da academia, da Igreja Católica progressista e de partidos de esquerda, especialmente do PCB, que passaram a interferir e contribuir para a consolidação de um determinado saber sobre a questão agrária. Os sindicatos rurais, as Ligas Camponesas, as lutas sociais rurais sofreram, portanto, a influência do jogo político-ideológico destes agentes que disputavam o controle e a hegemonia sobre eles. Nas décadas de 60 e 70, as universidades, os partidos políticos e a Igreja Católica, entre outros campos de produção intelectual, elaboravam práticas discursivas sejam conservadoras, liberais e/ou revolucionárias, para criticarem ou não o país da exclusão, das arbitrariedades, dos privilégios e das falsas liberdades democráticas. Cada grupo a seu modo e a partir de posições e motivações diferenciadas, representou a unificação de esforços, seja na direção da construção de uma nova ordem econômica, social, política e cultural, seja na do fortalecimento daquela instalada pelo regime militar aliado aos grupos oligárquicos. Os saberes disciplinares refletiam, assim, tanto as categorias analíticas quanto as políticas e mostravam que a questão agrária poderia ser mantida enquanto problema insolúvel ou enquanto um caminho possível para solucionar os problemas sociais advindos de uma estrutura agrária e social injusta, através da efetivação de uma real reforma agrária. (LOPES, 1997).

furtar de serem interpretados -ou lidos- por pessoas ou grupos sociais pertencentes a mundos distintos, não só diferentes mas muitas vezes desiguais, marcados por relações assimétricas de poder. mundos esses que -em hipótese nenhuma- devem ser olvidados no exame da questão que nos trouxe aqui. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988: 199).

Esta etnografia procura analisar tanto dados epistemológicos, quanto dados sociais que atravessaram a construção de saberes disciplinares e a comunidade científica que os construiu. Este exercício está na fronteira de onde, assim acredito, são produzidos os contatos, os diálogos, as tensões, as absorções e/ou substituições de modelos teóricos explicativos entre as duas disciplinas aqui consideradas. Buscou-se as ambiguidades, harmonias, descompassos, regularidades, uniformidades, recorrências, entre o como pensamos e como representamos o conhecimento num recorte disciplinar (textos escolhidos).

A temática agrária, associada ou/não à atuação da Igreja Católica, dos partidos políticos e da academia, é tema vivo ainda hoje, questão não resolvida, ainda tematizável, polêmica. Mais de trinta anos depois, apesar de tudo o que já foi pesquisado, analisado e escrito sobre este tema, a questão agrária retorna na espiral do conhecimento, que se abre em nova dimensão, impondo-nos novas-velhas questões. As práticas discursivas não se transformaram em ações concretas, em saber libertador. Nemi (o saber) continua apossada e mantida num santuário que escraviza a natureza humana no elo aprisionador do ter/não ter, do dominador/dominado, do que possui/é possuído.

Os textos acadêmicos (apesar de críticos), os autores (apesar de engajados política, academicamente e/ou teologicamente), as disciplinas (apesar de fornecerem saberes racionais), continuam sem dar respostas à ação infatigável dos trabalhadores "sem terra"; sem atender aos apelos dos excluídos; sem minorar os efeitos perversos de uma estrutura agrária concentrada; sem barrar o

crescimento dos privilégios e arbitrariedades; sem romper com a cadeia da luta entre seres, jurídica e humanamente iguais.²⁵

As questões parecem ser as mesmas, no entanto, explicitam dimensões mais críticas a nível da consciência sócio-política e do conhecimento já elaborado. A produção de um acervo intelectual e a

²⁵ A mídia continua denunciando os casos de violência e assassinatos ocorridos pela ausência de uma política eficaz sobre a questão agrária. Só para citar os últimos acontecimentos, veja os casos:

- Corumbiara (GO) em 9/8/95, foram registradas as mortes de dez sem-terra, dois policiais e de vinte desaparecidos após a chacina. (KOTSCHO, 1995: 32; SAMPAIO, 1995a: 48-9).

- Pontal de Paranapanema (SP), de julho a agosto/95 ...várias fazendas foram ocupadas e desocupadas por ordem judicial. (ibidem).

- Ocorrem também ocupações em Pedra Bonita (MT), Santa Maria da Boa Vista (PE), Cruz Altas (RS). (ibidem).

- De 1980 até o ocorrido em Corumbiara, ...1357 trabalhadores rurais tomaram na luta pela terra. Nenhum mandante destes crimes está na cadeia. (idem: 40). Para Simas Filho, nesses últimos quinze anos, apenas nos Estados onde o Movimento dos Sem Terra (MST) está organizado, ...1635 pessoas morreram em conflitos pela posse da terra no Brasil. Do total, apenas 25 casos foram a julgamento. (SIMAS FILHO, 1995: 22). Em 1995, eram mais de ...doze milhões de sem-terra, ou 4,8 milhões de famílias; 198 conflitos; 89 acampamentos; 20.521 famílias acampadas num país com ...81 milhões de hectares de terras ociosas, suficientes para quatro milhões de famílias. (KOTSCHO: 1995: 41). Segundo pesquisa realizada pela Datafolha, os sem-terra acampados ...têm em comum a inexperiência em trabalhos urbanos, pais que eram agricultores e o desejo de independência financeira. (DATA FOLHA, 1996: 3).

- Em 05/04/96, deu início à marcha do MST em várias cidades do interior do país até as capitais de seus Estados, para reivindicar a reforma agrária. Além das manifestações em 17 capitais do país, várias foram as ocupações de sedes do INCRA e violências policiais praticadas contra os manifestantes. (JORNAL ESTADO DE MINAS 1996a, 1996b, 1996c; JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 1996a, 1996b).

- Em Eldorado dos Carajás (PA) em 17/04/96, foram registradas dezenove mortes e várias desaparecimentos. (Vide a polêmica cobertura dada pelos meios de comunicação escrita e televisiva)

Vários têm sido os artigos e reportagens publicados pela mídia, escritos pelos mais diversos segmentos intelectuais formadores da opinião pública do país, denunciando estas arbitrariedades e defendendo a necessidade de uma reforma agrária no país. São exemplificadores: CAMARGO NETO, 1996; DIRCEU, 1996; CEAS, 1996; FLORES, 1996; GREENHARLGH & FON FILHO, 1996; LULA DA SILVA, 1996; MARTINS, 1996b; NASSIF, 1996a; 1996b; 1996c; 1996d; NAVARRO JR. 1996; PINHEIRO, 1996; SAMPAIO, 1995a, 1995b, 1996; SOUZA, 1996; SUPPLY, 1996; VEJA, 1996; entre tantos outros. Em pesquisa realizada nos anos 50, Marcondes, mostra que a reivindicação pela reforma agrária já era uma luta antiga no Brasil. Segundo este autor, só ao Legislativo Federal ...foram apresentados, até 1958, nada menos de 213 projetos de reforma agrária e de assuntos correlatos e, hoje, acreditamos que esse número já ultrapassou a casa das três centenas. (MARCONDES, 1964: 126). Uma consulta apenas aos boletins especializados, publicados nos anos 70 e 80, que objetivavam não só refletir teoricamente sobre os movimentos sociais rurais, mas também, sobre o sentido de uma reforma agrária e as políticas governamentais voltadas para o campo, indicam as várias análises e denúncias sobre as arbitrariedades vivenciadas pela população rural e os apelos por uma reforma agrária. A título de exemplo consultar, entre outros, os boletins **Reforma Agrária** da Associação Brasileira de Reforma Agrária (ABRA), da **Comissão Pastoral da Terra (CPT)** e o **Cadernos do CEAS**. Vide em especial: SANTOS FILHO & PORTO, 1984; COMISSÃO PASTORAL DA TERRA, 1983; LORENA, 1983; ESTATÍSTICAS E INDICADORES/REFORMA AGRÁRIA, 1983: 46-8; MARTINS, 1980b: 39-43; 1980c: 33-44. A mesma situação de conflitos no campo continua sendo denunciada nos anos 90: SECRETARIADO NACIONAL DA CPT, 1996: 12-15; PICCOLI & MATO, 1997: 11-20.

constituição de um saber se fazem presentes num campo intelectual que se amplia e possibilita novos vãos, novas aventuras e até mesmo recoloca velhos impasses. É o movimento dos elos da espiral que, mesmo rondando as mesmas problemáticas, o faz de ângulos diferentes e cada vez mais abertos, numa diacronia sem fim, numa dialeticidade não necessariamente prisioneira da síntese dos contrários, num eterno retorno em busca de respostas. Os saberes disciplinares já elaborados mostram-nos que, mais do que poder material, podem ser empregados como poder simbólico, como possibilidades para uma reflexão mais crítica e como construção de uma cultura humana mais humanizada.

Cabe aqui uma desculpa antecipada pois, ao buscar abarcar um universo tão amplo e tão desconhecido por mim mesma, abri em demasia os elos da espiral em busca de respostas, que nem sempre foram objetivas e concisas. A tentativa de responder a um leque tão vasto de indagações levou-me a elaborar um texto que talvez sobrecarregue e ocupe em demasia o leitor. Para aliviá-lo abusei do recurso dos pés-de-página, construindo praticamente dois textos, um que procurava ser mais direto e menos circular e outro onde, através dos rodapés, busquei detalhar e fundamentar as afirmações. Acabei descobrindo neste recurso o diálogo esquizofrênico e infundável: autor-autor, do qual o leitor terá sempre a opção da fuga ou do simples correr d'olhos.

Um certo ecletismo sugerido por este texto apenas retrata minha postura frente ao conhecimento teórico-metodológico elaborado. Como parto do pressuposto de que esta elaboração se dá seguindo o movimento de uma espiral, nela são somados tantos os diálogos e acertos teóricos, quanto as divergências e erros metodológicos. O acervo intelectual de um saber disciplinar abarca, portanto, tanto os cortes epistemológicos, as continuidades e discontinuidades, quanto as mudanças teórico-metodológicas significativas ou não.

Este exercício carrega o limite de ter sido elaborado, em grande parte, a partir de dados secundários, qual sejam, os textos escritos, já que as entrevistas previstas foram executadas apenas parcialmente.²⁶ Trabalhei também com Memoriais²⁷ e *Curriculum Vitae* disponíveis, com textos biográficos²⁸, com correspondência escrita²⁹, com entrevistas por mim realizadas, entrevistas

²⁶ Por razões de ordem pessoal e pela imposição de certos imponderáveis que a vida nos reserva, não foi possível cumprir o cronograma proposto no Projeto de Tese. A princípio, o âmbito da pesquisa era bem mais ambicioso e as trajetórias intelectuais a serem estudadas muito mais numerosas. No entanto, os recortes se fizeram necessários e este estudo restringiu-se à contribuição mais específica de apenas dois cientistas do campo intelectual paulista (Caio Prado Júnior e José de Souza Martins) e de dois do campo intelectual carioca (Moacir Palmeira e Otávio Velho). O próprio recorte analítico apresentado no capítulo 1, foram responsáveis pela escolha destes e não de outros intelectuais e pelo direcionamento da argumentação apresentada e desenvolvida neste exercício etnográfico. Foram, portanto, as problemáticas estudadas por estes intelectuais e as questões político-ideológicas postas no campo intelectual, que determinaram a escolha destes intelectuais e não a filiação religiosa e/ou política de cada um deles. As entrevistas a serem realizadas com José de Souza Martins, Otávio Velho e Moacir Palmeira foram substituídas por entrevistas já publicadas, por Memorial dos próprios autores e contatos através de cartas. Numa primeira fase da pesquisa, quando eu ainda mapeava o campo intelectual a ser etnografado, entrevistei Carlos Rodrigues Brandão (14/11/91) e Regina Reyes Novaes, conjuntamente com Nair Costa Muls (22/12/93). Estas entrevistas confirmaram minhas hipóteses e auxiliaram-me a recortar o vasto campo intelectual que eu queria etnografar. O resultado deste recorte é de inteira responsabilidade minha.

²⁷ Segundo a nova tradição acadêmica, o Memorial é um texto que o candidato ao título de Titular na universidade apresenta à banca examinadora. Os memoriais consultados constituem uma análise do próprio autor sobre suas atividades acadêmicas de pesquisa, ensino e extensão. Devido ao recorte estabelecido trabalhei com o Memorial de Moacir Palmeira e Otávio Velho. Ao Prof. Palmeira eu agradeço pelo envio de seu Memorial. À secretária Tânia Lúcia Ferreira da Silva agradeço a ajuda para obter o Memorial do Prof. Otávio Velho.

²⁸ No caso de Caio Prado Jr., os dados foram obtidos em textos que analisavam sua obra e atividades profissionais. Os comentários que o Professor Manuel Correia de Andrade proferiu sobre Caio Prado, quando de sua participação no XVI Encontro Nacional da Associação PIPSA/FAFICH/ Belo Horizonte, em 07/09/92, me foram de grande valia.

²⁹ Escrevi ao Prof. José de Souza Martins, pedindo-lhe cópia de Memorial e Curriculum Vitae. Gentilmente, o Prof. Martins estranhou a minha solicitação e pediu-me que lhe enviasse meu projeto de pesquisa para que ele pudesse se situar melhor frente ao meu pedido de dados, segundo ele tão pessoais. Enviei-lhe não o projeto, já um pouco ultrapassado, mas o Sumário da tese, que estava quase pronta e apenas à espera de alguns dados complementares sobre os autores escolhidos. Enviei-lhe também a questão que balizava a minha pesquisa. Recebi dele uma segunda correspondência: uma verdadeira aula, que se não me nocauteou, ao questionar-me sobre a questão estudada, me ajudou a repensar e assumir meu bias inconsciente, conforme já explicitado no início desta Introdução e melhor discutido no capítulo 1, item 1.4. Menciono este fato não para computar-lhe qualquer responsabilidade por minha redefinição, uma vez que ela já estava posta, subjetivamente no meu texto, mas simplesmente para agradecer-lhe imensamente, pela sua generosidade em dedicar a mim uma parcela tão grande

publicadas nas próprias coletâneas dos intelectuais selecionados e com as fitas gravadas do debate Mesa Redonda: Repensando a Questão Agrária/APIPSA³⁰.

Apresento no primeiro capítulo uma reflexão teórica sobre o sentido e significado do que estou considerando como uma etnografia **de um** saber disciplinar e os dados obtidos através das entrevistas realizadas. Descrevo o rural, enquanto objeto de estudo, como fato epistemológico e como fato social. O entrecruzamento das temáticas Questão Agrária e Igreja Católica aparece enquanto pano de fundo daquilo que eu realmente buscava, ou seja, entender como se processava a elaboração da ...produção de um saber disciplinar. (LOPES, 1991: 6).³¹

No segundo capítulo analiso as teses centrais, de caráter macro-estrutural, presentes no debate do feudalismo e do capitalismo, com a variedade de matizes teórico-metodológicas, para

de seu tempo ao escrever-me uma Carta-resposta - verdadeira aula de um professor do ensino e pesquisa. Esta carta, certamente, lhe demandou um tempo considerável quando da sua elaboração.

³⁰ Agradeço a professora Nair Costa Muls, que me emprestou as fitas da gravação feita por ela do XVI Encontro Nacional da Associação PIPSA (Projeto de Intercâmbio de Pesquisa Social em Agricultura), que ocorreu na FAFICH/UFMG, Belo Horizonte, de 7 a 9/12/92, cujo tema central era um repensar sobre o conjunto da produção intelectual sobre o rural no Brasil. Transcrevi parte dos dados que auxiliavam-me na explicitação de questões postas por meu texto. Fizeram parte desta mesa de debates: Leonilde S. Medeiros (coord.), Manuel Correia de Andrade, José Vicente Tavares dos Santos, José Graziano da Silva e um público de intelectuais e sindicalistas rurais.

³¹ Mais do que entender a relação Igreja Católica e Questão Agrária, o que eu, realmente, buscava era entender o debate acadêmico, que partia de grandes questões macro-teóricas e construía um novo entendimento sobre micro categorias até então deconsideradas nas análises sociológicas e antropológicas. A Igreja Católica e os partidos de esquerda, em especial o PCB, buscavam soluções pastorais (a primeira) ou políticas (os partidos) para os impasses que envolviam os setores populares rurais, que se descongelavam na história, através das Ligas Camponesas e dos movimentos sociais rurais. (LOPES, 1997). A década de 60 apresentava-se como um momento histórico de grandes contestações e reivindicações feitas pela população rural. A instalação dos programas de pós-graduação e de projetos de pesquisas regionais em áreas rurais exigiam um contato mais direto e concreto com este lado da realidade brasileira. Para a feitura desta etnografia o que passou a ser importante não foi mais a reconstituição e análise da atuação da Igreja Católica e dos partidos de esquerda neste contexto histórico e político, mas o fato de que, estes agentes institucionais forneciam uma base empírica importante para as divergências teóricas e políticas, que se expressavam nos debates em curso. Privilegiei assim, uma etnografia do sentido dos debates/embates teórico-metodológicos elaborados.

explicar a constituição histórica da sociedade agrária brasileira, fundamentada teórica e metodologicamente na teoria funcionalista, estruturalista ou marxista, ou numa postura ideológica, política e ética dos autores que as construíram. Apresento o desenrolar do debate para explicar a natureza das relações de produção e relações de trabalho presentes no meio rural. Resgato o debate a partir de autores, que para mim, exemplificam o que descrevo como o movimento dialético espiralado da construção de uma nova prática teórico-metodológica na questão agrária, a partir dos anos 60, a saber, Caio Prado Júnior, José de Souza Martins, Moacir Gracindo Soares Palmeira e Otávio Guilherme Cardoso Alves Velho. Não se constitui objeto desta tese a análise exaustiva das obras destes autores, mas tão somente os elementos circunscritos aos recortes teórico-metodológico e cronológico aqui apresentados. Alguns destes autores criticaram sua própria posição teórica ou metodológica posteriormente, e até mesmo se enveredaram para outras questões teóricas.

O terceiro capítulo é um desmembramento do segundo e nele resgato, através de um recorte mais micro, as questões e categorias vinculadas ao estudo das relações políticas, culturais, ideológicas, sociais e simbólicas presentes no debate teórico sobre a questão agrária, a partir dos autores estudados no capítulo anterior.

Tentei resgatar nestes dois capítulos, os debates e diálogos presentes na construção de um saber disciplinar sobre o rural destacando alguns aspectos temático-epistemológicos. As questões que nortearam estas discussões refletiam os impasses e movimentos sociais presentes nas lutas pela terra no campo e pelos direitos trabalhistas rurais, ou os problemas e impasses de uma realidade em crise. Os recortes temático e temporal eleitos nesta análise foram, portanto, determinantes na montagem do texto e da argumentação teórico-metodológica como se encontra aqui desenvolvida.

Nas Conclusões reflito sobre as explicações e mitos construídos sobre a prática teórico-metodológica, sobre as práticas discursivas elaboradas e sobre as práticas e soluções encontradas e apresentadas para a questão agrária, dos anos 60-70 no Brasil. Indico apenas alguns aspectos dos vários elos da espiral de um saber em construção, de uma prática intelectual em constante autocrítica e de uma realidade que continua em busca de soluções.

CAPÍTULO 1

ETNOGRAFIA DE UM SABER DISCIPLINAR: REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

O mundo é para nós o que se apresenta através desses conceitos. Isto não quer dizer que os nossos conceitos não possam mudar; mas quando mudam, isto quer dizer que o nosso conceito do mundo também mudou. (WINCH, 1970: 26).

1.1. A temática rural enquanto objeto de uma etnografia do saber

Foi justamente através da apreensão e percepção da existência de uma diversidade de noções, sentidos, símbolos e conceitos empregados por cada cultura e sociedade para explicar o mundo, que a antropologia pode desenvolver uma postura relativizadora em torno de seu objeto e chamar a atenção para a necessidade de não se ater a valorizações e desvalorizações etnocêntricas de culturas e de sociedades humanas.

Os antropólogos, desde os primórdios da disciplina, conseguiram elaborar instrumentais teóricos e metodológicos que permitiam não só o estudo etnográfico de sua própria história e produção teórica, como também a análise crítica de conceitos já construídos, a revisão e re-dimensionamento de concepções de mundo e de práticas políticas e/ou discursivas. Esta prática tem impulsionado um movimento de reflexão teórico-metodológica em busca de respostas e soluções mais adequadas para as questões e tensões que a sociedade impõe aos pesquisadores sociais, num movimento constante de síntese e de busca de novas dimensões para as análises que desenvolvem. Foi a partir destas constatações que comecei esta pesquisa.

Dos anos 60 ao início dos anos 80, a temática Questão Agrária passou a ser associada à temática Igreja Católica e transformou-se em objeto de pesquisa na prática teórico-metodológica¹

¹ A prática teórico-metodológica aqui analisada não tem o estatuto temporal e espacial de uma teoria, considerada e referendada como clássica (por exemplo, uma teoria marxista, freudiana, durkheimiana, etc). Considera-se, aqui, prática teórica-metodológica da temática rural, aquela cujos objetos de análise são as reflexões, as idéias e o corpo teórico-metodológico gerados no interior das disciplinas sociologia e antropologia rural, sem necessariamente terem impacto e força paradigmática privilegiada dentro das ciências sociais. Seguem, no entanto, os mesmos princípios teóricos e cuidados metodológicos (DEMO, 1987: 39), quando da construção do conhecimento. No caso da sociologia rural, é rica a proposta de Martins, que a estuda enquanto campo de análise e como ...objeto do processo de conhecimento, em que temos, ao mesmo tempo, o conhecimento, isto é, a sociologia rural, e o rural que ela incorpora ou destrói, como passo na superação dessa perspectiva limitada e ideológica. No primeiro caso, a sociologia rural não

sobre o rural. Foi a partir deste recorte, que me propus a investigar a trajetória de duas disciplinas: a sociologia e a antropologia do campesinato. Meu estudo, no entanto, não resultou numa reconstituição de campos de saber, mas numa reflexão sobre a construção de abordagens teórico-metodológicas.

Na tentativa de estranhamento etnográfico da consolidação destes saberes disciplinares percebi que algumas vezes eles se adequavam outras não - teórica, empírica, metodológica ou politicamente - às questões postas pela realidade social brasileira em transformação. Compreendi, então, que a conversação ou o encontro/desencontro dos saberes e discursos elaborados por esta prática teórico-metodológica refletiam a relação tensa de um momento político e social marcado por lutas sociais, bem como por embates e discordâncias de uma prática política de esquerda; pela necessidade teórica de explicação e organização; por uma composição teórico-metodológica eclética; por uma postura intelectual não conivente com as arbitrariedades de um sistema de expropriações; por um engajamento político em busca de alternativas sócio-econômicas; pela efetivação de uma prática pastoral da Igreja Católica que procurava "escutar os clamores de seu rebanho" excluído e marginalizado no meio rural. (LOPES, 1997).

Mais do que enveredar-me num mar inglório de desavenças e desentendimentos, procurei positivar o fio condutor destes debates no sentido de identificar os elementos que alimentavam os sonhos, as esperanças, as lutas e as propostas daqueles intelectuais que buscavam entender uma realidade sócio-política em transformação e em sofrimento. Eram os anos da repressão e do regime militar de 64.

dá conta dos fenômenos efetivamente envolvidos ou das situações efetivamente abrangidas pelo campo de análise e referidos portanto, à historicidade da vida social. (MARTINS, 1981a: 38).

Das discontinuidades, das diversidades e desencontros, busquei entender o que somava, o que consolidava a prática teórico-metodológica disciplinar sobre o rural, num momento em que os campos intelectuais solidificavam-se através da implementação de programas de pós-graduação, da prática de pesquisas coletivas e de campo. Com esta análise procurei apreender o conhecimento científico construído a partir da contextualização da tríade autor-texto-disciplina, numa tentativa de recuperar o que aconteceu no campo intelectual sobre a questão agrária, ao longo dos anos 60 até finais dos 70 ou início dos anos 80. Através da análise de textos que explicitavam os debates ocorridos na época, identifiquei alguns dos intelectuais representativos da consolidação dos saberes disciplinares aqui considerados.

Dos textos lidos e das entrevistas realizadas foram selecionados os elementos esclarecedores do significado e da lógica dos debates, do sentido das relações sociais, culturais, políticas, e ideológicas que deram suporte ao debate intelectual e às relações institucionais estabelecidas entre seus interlocutores.

Ao me lançar nesta longa aventura, o fiz acompanhada de pelo menos três grandes preocupações. A primeira era: Como conceituar a etnografia de um saber² disciplinar com base nas teorias e metodologias existentes? Na verdade, eu queria colocar em prática as reflexões desenvolvidas com professores e colegas da área de doutoramento Itinerários Intelectuais e etnografia do saber da UNICAMP. Afinal o que seria etnografar textos? Como interligar fatos sociais e fatos epistemológicos na etnografia de um saber?

² Como são vários os saberes possíveis de serem etnografados dou preferência ao uso da preposição **de um**.

A segunda preocupação referia-se ao como executar este exercício a partir da comparação de duas práticas teórico-metodológicas de um campo de saber: a sociologia e a antropologia do campesinato, em si só, um empreendimento bastante pretensioso. Para viabilizar este exercício, optei por um recorte temático, onde as junções questão agrária e Igreja Católica e ...interseção de práticas teórico-metodológicas e político-ideológicas do campo intelectual das ciências sociais com as da Igreja Católica (LOPES, 1991), constituíam-se apenas questões postas implicitamente. Desta forma, direcionei a pesquisa para alguns aspectos da discussão sobre a produção camponesa, para um recorte sincrônico que compreendeu as décadas de 60 e 70 e para um recorte institucional restrito à prática teórico-metodológica de alguns poucos intelectuais. A partir dos dados levantados com a realização das primeiras entrevistas, vislumbrei a possibilidade de mapear o campo dos debates e de interpretar as relações de objetividade-subjetividade e/ou intersubjetividade presentes na relação de pesquisa, no contato sujeito-objeto e no envolvimento acadêmico, político ou religioso dos intelectuais ligados a estes temas. Os fatos sociais e os fatos epistemológicos apresentavam-se interligados na estruturação deste campo de saber.

A terceira preocupação referia-se ao trabalho propriamente dito. Que sentido poderia ter uma tese, elaborada a partir da análise de textos teórico-metodológicos? Conseguiria ela problematizar a relação pesquisador-pesquisado; refletir criticamente e/ou objetivamente sobre o modo de viver, de pensar ou de ser capitalista; desvendar a fundamentação teórico-metodológica e acadêmica-filosófica de uma prática disciplinar?

Afinal de contas, o que representava o encontro e/ou desencontro de diversidades, alteridades e reciprocidades postas na relação de pesquisa, ensino e extensão? O que surgia enquanto síntese

transformadora ou/não do encontro/desencontro dos pontos de vista de sujeitos-objetos-sujeitos (pesquisadores-teóricos-cidadãos) e de modelos explicativos de práticas disciplinares distintas? O que conformaria a especificidade de um saber disciplinar e como esta estaria atravessada ou/não pelos pressupostos teórico-metodológicos e político-ideológicos de intelectuais ligados à construção de um saber sobre a produção camponesa? Seria real o pensamento de Winch expresso na epígrafe deste capítulo? (WINCH, 1970: 26) Como os conceitos, a visão de mundo e as práticas discursivas são elaboradas e como elas interferem ou/não na elaboração de um saber disciplinar?

1.2. Etnografia da ciência ou etnografia de um saber: interface de um debate

Para se pensar sobre o sentido, o significado e a viabilidade de uma etnografia de um saber disciplinar, é importante salientar algumas contribuições teórico-metodológicas dos autores escolhidos para fundamentar este exercício. Neste trabalho, está implícita a esperança de que esta busca de diálogo com a teoria e com os textos daqueles que a construíram, contribua para o entendimento do rumo das políticas, dos mitos, das ideologias elaboradas em torno do segmento social rural, que tem sido historicamente marginalizado e expropriado. Refletir sobre isto, é querer entender o papel da ciência na construção de um saber libertador ou transformador, opressor ou aprisionador, adequado ou não à realidade social. Até que ponto autor-texto-disciplina conseguiram aproximar-se do mundo rural,

captá-lo como algo vivo, como um esqueleto com carne e sangue³ como a clássica e tão atual proposta malinowsquiana?

Se, ...Conhecer o outro e conhecer-se não são, afinal de contas, ..., as faces de uma mesma moeda? (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988: 14), eu diria, parafraseando o autor: - conhecer a pesquisa etnográfica dos colegas de tribo, perfazer suas trajetórias teórico-metodológicas, refletir sobre as categorias trabalhadas, entender a matriz disciplinar⁴ da área pesquisada, estranhar o contexto social, histórico, cultural, político da produção do conhecimento/saber e a relação sujeito-objeto do conhecimento, não seria afinal de contas, um bom caminho para se aprender o fazer antropológico? O que seria a etnografia de um saber disciplinar?

Para mim, ela surge como uma área de especialização dentro da antropologia, historicamente concebida a partir do debate que a antropologia tem desenvolvido no âmbito das ciências sociais e do movimento de auto-observação, quando alguns antropólogos voltam-se para a análise de práticas

³ Em analogia ao trabalho de MALINOWSKI (1976), que destaca a necessidade dos estudos etnográficos referirem-se não só à estrutura social, mas à ...realidade da vida humana, [ao] fluxo regular dos acontecimentos cotidianos, fazendo com que ...a carne e o sangue da vida real preencham o esqueleto vazio das construções abstratas. (idem: 31, 33). Assim, os imponderáveis da vida real, presentes na vida grupal, nos rituais, nas cerimônias, nas instituições, nos costumes, nos códigos, nas festividades, nos comportamentos, no mundo do trabalho e das relações sociais mais amplas, passaram, aos poucos, a serem considerados nas análises antropológicas.

⁴ Ao contrário de Kuhn (1987), Cardoso de Oliveira distingue paradigma de matriz disciplinar, não considerando-os como conceitos similares, fundidos. Para Cardoso de Oliveira ... uma matriz disciplinar é a articulação sistemática de um conjunto de paradigmas, a condição de coexistirem no tempo, mantendo-se todos e cada um ativos e relativamente eficientes. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988: 15). Sigo a linha de raciocínio de Cardoso de Oliveira. Já no Posfácio de seu livro, Kuhn sugere o uso do termo matriz disciplinar em substituição ao de paradigma. Disciplinar ...porque se refere a uma posse comum aos praticantes de uma disciplina particular, e matriz ...porque é composta de elementos ordenados de várias espécies, cada um deles exigindo uma determinação mais pormenorizada. (KUHN, 1987: 226). Conclui afirmando que: ...Todos ou quase todos os objetos de compromisso grupal que meu texto original designa como paradigmas, partes de paradigma ou paradigmáticos, constituem essa matriz disciplinar e como tais formam um todo, funcionando em conjunto. (idem: 226-7). O autor redimensiona sua noção de paradigma, aliando-a à de matriz disciplinar. No entanto, não desenvolve, deixando apenas implícita, a rica conexão entre os elementos internos e externos que compõem uma matriz disciplinar, ou seja, uma mistura de fatos sociais - que provocam avanço/recuo da dinâmica científica - e os fatos epistemológicos - que possibilitam o encadeamento interno dos conceitos.

disciplinares e teorias elaboradas. Este processo cria a possibilidade de a antropologia pretender, ou realmente conseguir, estranhar-se e colocar-se perguntas sobre sua própria história, produção, evolução e/ou transformação.

O estranhamento etnográfico da tríade autor-texto-disciplina, enquanto objeto de estudo, refere-se ao alargamento teórico-metodológico das clássicas concepções sobre o sentido de uma etnografia de textos e da rica interface epistemológica estabelecida entre a antropologia e outros saberes disciplinares. Neste espaço germinou e tem se consolidado aquilo que acreditamos ser o estranhamento da própria produção científica. O texto escrito e a relação sujeito-objeto do conhecimento passam a ser observados e analisados com as técnicas do fazer e do olhar antropológico, empregados nas tradicionais etnografias sobre as culturas humanas.

A etnografia de um saber é, assim, fruto da interface que a antropologia estabelece com disciplinas, entre as quais a filosofia da ciência⁵, a história da ciência⁶, a hermenêutica⁷, a sociologia do

⁵ O diálogo entre a antropologia e a filosofia, por exemplo, já se fazia presente em autores clássicos como DURKHEIM (1968), DURKHEIM & MAUSS (1981) e MALINOWSKI (1976). Estes no início deste século já se reportavam à construção de conceitos e categorias explicativas, de entendimento, de classificação e representação do mundo, que nós (cientistas sociais) e os outros/nativos, empregamos para dar conta do como entendemos uns aos outros no mundo das idéias e da vida concreta.

⁶ Estas várias vertentes põem em evidência as tendências metodológicas, sejam internalistas ou externalistas, que concebem o conhecimento como fazendo parte de um processo social de negociações localizadas no tempo e no espaço e não na lógica da decisão individual. Segundo Canguilhem, a perspectiva externalista concebe a história das ciências ligada aos interesses econômicos, sociais, ideológicos, políticos, religiosos e a internacionalista privilegia o domínio epistemológico. (CANGUILHEM, 1975). Lakatos mostra que deve existir um diálogo entre a filosofia da ciência e a história da ciência, para se demarcar os elementos constitutivos da reconstrução racionalista ou história interna (primária) e os elementos da história externa (secundária). (LAKATOS, 1974). Para melhor mapeamento do debate sobre a ciência como atividade cultural, que inclui as relações sociais dos cientistas e as estruturas cognitivas que produzem, bem como, as implicações resultantes do debate Kuhn, Popper, Lakatos, Feyerabend, Maugrave, entre outros, vide o livro editado por WHITLEY, 1974, que reúne textos sobre este assunto e que foram discutidos no seminário realizado em Londres em 1972 pela International Sociological Association's Research Committee on the Sociology of Science, em associação com a British Sociological Association.

⁷ Para um mapeamento da teoria hermenêutica (Schleiermacher, Dilthey, Betti), da filosofia hermenêutica (Heidegger, Gadamer), da hermenêutica crítica (Apel, Habermans) e suas vertentes ligadas à Escola de Frankfurt,

conhecimento⁸, a história das idéias⁹. Este contato tem possibilitado a comunicação entre sistemas diferentes de conhecimento e a troca de experiências, de técnicas, de métodos, de perspectivas, de abordagens, bem como o desenvolvimento da antropologia interpretativa.¹⁰

ao materialismo (Lorenzer, Sandkühler) e à fenomenologia hermenêutica (Ricoeur), vide o interessante livro de BLEICHER, 1982. Consultar também PALMER, 1986 e RICOEUR, 1988.

⁸ Para maior explicitação deste debate, vide o livro de Knorr-Cetina & Mulkay que editam vários textos mapeadores destes estudos, ou seja, o estudo etnográfico da prática e do trabalho científico, a análise de discurso da produção científica (falada, escrita, pintura), a sociologia do conhecimento. (KNORR-CETINA & MULKAY, 1983). Segundo estes autores, o estudo microscópico da prática científica prioriza mais as questões HOW do que as WHY. (idem: 7; KNORR-CETINA, 1981: 20). Sobre a história da sociologia do conhecimento e do diálogo desta com a hermenêutica, consultar o trabalho de HEKMAN: 1990, entre outros.

⁹ Os historiadores americanos e ingleses da História Social das Idéias têm mantido contato com a antropologia, como forma de alcançar a interpretação da cultura, redirecionando seu empenho na resolução dos problemas referentes à interpretação da cultura e ao de identificação dos modelos de significado (DARNTON, 1990: 195). Buscam pelas estruturas, pois entendem que para se ...obter uma interpretação rigorosa, temos de tentar avançar dos detalhes para o quadro cultural que lhes conferia sentido, reunindo a análise formal e o material etnográfico. (idem: 303). A História das Mentalidades iniciada pelos historiadores franceses ligados à perspectiva marxista, tem desenvolvido uma reflexão sobre as mediações, sobre as relações dialéticas presentes ...nas condições objetivas da vida dos homens e sobre como os homens se 'narram' e 'vivem'. (VOVELLE, 1987: 24). Esta historiografia desenvolve-se na direção de uma história de tendência etnográfica (DARNTON, 1986: XIII), que tem se mantido próxima da História das Idéias. Ela busca no testemunho da história, da arte, da literatura, da iconografia, a compreensão de temas ligados à família, à morte, à loucura, à criminalidade, à religião e cultura popular, enfim às formas de resistência dos personagens esquecidos pela historiografia tradicional, resgatando visões de mundo pouco familiares. (DARNTON, 1986: XV). Como exemplificações de estudos sobre a História das Mentalidades, vide os trabalhos de DARNTON: 1986; BAKHTIN, 1987; GINZBURG, 1987; 1989, entre outros. Consultar também a interessante entrevista de Robert Darnton à Leila K. Moritz Schwarcs e Pedro Puntoni, sobre o diálogo teórico-metodológico entre história das mentalidades e a antropologia interpretativa. (DARNTON, 1996: 7-11).

¹⁰ Como representantes da antropologia interpretativa têm se destacado Clifford Geertz, James Clifford, George Marcus e Michael Fischer. O primeiro tem sido citado como o mais influente neste novo estilo de antropologia. Geertz destaca o 'native's point of view' e a metáfora da cultura como um texto a ser decifrado. (GEERTZ, 1983) Geertz mostrou o impacto que representou a publicação póstuma do *Diary in the strict sense of the term* de Malinowski. Tal publicação deixou a descoberto o lado rude do não-dito, das dificuldades de um trabalho de campo, o etnocentrismo daquele que era exemplo do fazer etnográfico. (idem). As preocupações de James Clifford aproximam-se desta trilha. Ele propõe a análise da produção escrita, do fazer dos textos. (CLIFFORD, 1986: 2). Reflete sobre o tradicional método da etnografia que segue o modelo da observação participante, da coleta de dados, das anotações de campo, da feitura de mapas e análise de resultados. Segundo Clifford, esta forma convencional de etnografia começou a ser questionada nos anos 60, quando passou-se a valorizar as reflexões do autor sobre suas experiências de campo, sobre os problemas de ordem epistemológica, existencial, política e econômica, aproximando-se subjetividade e objetividade e reconhecendo-se a necessidade de se adotar o dialogismo, a polifonia e se questionar a monofonia autoritária do autor. Informantes se transformaram, em muitos casos, em co-autores. Clifford mostra que as críticas recebidas pela etnografia tradicional são reflexo da influência dos vários estilos da filosofia hermenêutica, que mostram que as descrições culturais são criações intencionais de

O que constituiria, então, a interface entre os sistemas ou modelos explicativos, que numa troca interdisciplinar, dialogam em busca de explicações mais plausíveis, mais completas, mais científicas? Desta rica interface com outras áreas do conhecimento tem surgido um espaço novo para a germinação e consolidação daquilo que acredito ser o estranhamento da própria produção científica e o espaço da etnografia de um saber, ou seja, a fronteira onde se estabelecem os contatos, os diálogos, as tensões, as absorções e/ou substituições de modelos teóricos explicativos entre áreas diferentes do saber disciplinar, ou científico, na busca da compreensão de sua natureza e da constituição de seu próprio "ser-saber"¹¹.

um intérprete contextualizado; da influência da ciência da linguagem em suas várias tradições (estruturas verbais como sistemáticas e situacionais); do retorno e valorização da retórica; da semiótica e análise de discurso. (CLIFFORD, 1986: 1988). Também MARCUS e FISCHER (1986) falam da necessidade de uma auto-reflexão a ser realizada pela moderna antropologia crítica, fruto do questionamento de paradigmas no período pós-facismo e pós-IIª Guerra Mundial. Este foi um movimento externo à antropologia, que já vinha se construindo desde a sociologia de Parsons, de Weber, da fenomenologia, do estruturalismo, da linguística, da semiótica, da Escola de Frankfurt e da hermenêutica, que levou à uma reflexão sobre o gênero literário da etnografia. Segundo Marcus e Fischer, tal fato gerou uma crise de representação, e um movimento pendular entre os paradigmas de teorias totalizantes para problemas relativos à interpretação dos detalhes da realidade; colocando novas formas e alternativas de representação e de prática antropológica; separando estruturas sociais e comportamentos, dos estudos de símbolos, significados, mentalidades; impondo uma tensão entre compreensão e interpretação. (idem). Uma série de seminários foram organizados nos Estados Unidos para a discussão do que hoje se chama de paradigma hermenêutico ou antropologia interpretativa. O livro editado por Rabinow & Sullivan *Interpretative Social Science* ilustra os primeiros debates desenvolvidos na University of California at Berkeley, no período de 1976/77. Reune textos de vários autores, que ilustram o diálogo da antropologia com a ciência social interpretativa, na busca de alternativas para conectar ...what is studied, the means of investigation, and the ends informing the investigations, com os contextos simbólicos das áreas da cultura. (RABINOW et al, 1979: 13). O livro de Marcus & Fischer *Anthropology as cultural critique* (MARCUS & FISCHER, 1986) foi o resultado das discussões realizadas no Institute for Advanced Study in Princeton, em 1982-3, quando o 'Ricle Circle for Anthropology' propôs uma reflexão sobre a antropologia interpretativa numa perspectiva mais crítica. Este debate teve desdobramentos no Seminário Organizado em 1984 por Clifford & Marcus na School of American Research in Santa Fé/New Mexico, que resultou no livro *Writing culture* editado pelos dois antropólogos, com artigos seus e de vários outros autores sobre esta temática. (CLIFFORD & MARCUS, 1986).

¹¹ Cardoso de Oliveira, baseando-se na proposta heideggeriana sobre o SER da filosofia (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988: 13) propõe que a antropologia deveria também ...assumir esse 'espanto' sobre si mesma, sobre seu próprio SER, uma interrogação permanente a alimentar o exercício de nosso ofício; ofício que não seja apenas um ritual profissional consagrado à eternização da academia ou à legitimação da intervenção, estatal ou particular, naquelas parcelas da humanidade que, ao se entregarem à nossa curiosidade e às nossas impertinentes indagações, constituíram a nossa disciplina. (idem: 24). Baseio-me nesta proposta para falar de estranhamento da constituição de qualquer forma de ser-saber.

Deste contato entre diferentes ser-saber disciplinares surgiram os elementos que possibilitaram o enfrentamento das dificuldades vivenciadas por determinado campo do conhecimento. Em outras palavras, da interdisciplinariedade e da troca mútua de pressupostos teóricos e metodológicos ocorreu um arejamento e até mesmo uma inovação em determinadas áreas do conhecimento. Alguns autores, apontados a seguir, foram cruciais para que se chegasse a estas constatações.

O primeiro destes autores foi Thomas Khun, cujas elaborações teóricas foram muito elucidativas.¹² Segundo ele, é importante que na análise do desenvolvimento do conhecimento científico se leve ...em consideração a maneira pela qual a ciência é realmente praticada: que se a compreenda e às suas razões e eficácia; que se conheça o *status* cognitivo de suas teorias (KUHN, 1979: 292) e se estude a estrutura comunitária da qual ...possuímos hoje muito poucas informações. (idemi: 311).

Segundo o autor,

Teoria e fato científicos não são categoricamente separáveis, exceto talvez no interior de uma única tradição da prática normal¹³. É por isso que uma descoberta inesperada não possui uma importância simplesmente fatural. O mundo do cientista é tanto qualitativamente transformado como qualitativamente enriquecido pelas novidades fundamentais de fatos ou teorias. (KUNN, 1987: 26-7).

¹² Thomas Kuhn foi estudante de física e acabou se transformando num importante historiador da ciência. Debruçou-se sobre fatos datados e fatos epistemológicos e mostrou como se processa o conhecimento, a relação dos autores entre si e com as comunidades científicas, como essas defendem seus pressupostos e princípios, como lidam com as arbitrariedades que criam ou são criadas, como é a extensão e força das ...crenças esposadas por uma comunidade científica específica de uma determinada época. (KUHN, 1987: 23). O autor chama a atenção para os erros, mitos e superstições que povoam estes universos de pensamento e faz uma espécie de sociologia das teorias nas ciências naturais, mais do que uma filosofia propriamente dita. Destacou os elementos do que ele denominou psicologia do conhecimento subjetivo que convivem com os aspectos objetivos e os da lógica do conhecimento. Destacou a presença dos dados legítimos, dos fatos encontráveis no espírito da vida científica real e a necessidade de voltar-se para a história, para encontrá-los. (KUHN, 1979: 6).

¹³ Para Kuhn a ...'ciência normal' significa a pesquisa firmemente baseada em uma ou mais realizações científicas passadas. Estas realizações são reconhecidas durante algum tempo por alguma comunidade científica específica como proporcionando os fundamentos para sua prática posterior. (KUNH, 1987: 29).

Nas ciências sociais, apesar de ocorrerem alterações, transformações, controvérsias nas teorias e na comunidade científica, diferentemente do processo revolucionário que Kuhn diz ocorrer nas ciências físicas, naturais e exatas, estas ambiguidades convivem e muitas vezes são supridoras de elementos explicativos de novos modelos teóricos. Apesar de não se referir às ciências sociais, os elementos apontados por ele são ricos para uma reflexão sobre a etnografia de um saber disciplinar.

Nas ciências sociais, indiscutivelmente, teoria e fato social são elementos inseparáveis, que se entrelaçam, se entrecruzam, se auto-determinam. Um trabalho de campo na etnografia de um saber exigiria o contato do pesquisador com o mundo dos textos escritos dos cientistas que analisa e com o mundo social onde as ações e as relações de poder se estabelecem. Baseada nas sugestões de Kuhn é que proponho, como hipótese, o que denomino o universo da pesquisa com os fatos sociais (fatos datados) e o universo da pesquisa com os fatos epistemológicos (textos teórico-metodológicos) de um campo de saber disciplinar.

Uma etnografia de um saber deve ter como universo a ser pesquisado dois contextos distintos, porém dialeticamente ligados, portanto, começo-fim e fim-começo um do outro: o universo dos fatos epistemológicos e o universo dos fatos sociais. Estes universos colocam sempre novas dimensões para a análise, resgatam e re-elaboram questões, problematizam e tematizam o objeto e a relação objeto-autor-saber. Mesmo quando a análise privilegia um ou outro destes universos, é importante salientar que ela será limitada se se restringir a apenas um destes recortes.¹⁴

¹⁴ Outra indicação na direção do como fazer a pesquisa com a 'tribo acadêmica', dada por um filósofo da ciência, encontra-se em Winch ...Para compreender as atividades de um investigador científico individual, devemos levar em conta dois conjuntos de relações: primeiro, a sua relação com os fenômenos que investiga; segundo, sua relação com seus colegas cientistas. Ambos são essenciais para ter sentido dizer-se que ele está 'distinguindo regularidades' ou 'descobrimo uniformidades'; mas os que escrevem sobre 'metodologia' científica muitas vezes se concentram mais sobre o primeiro tipo de relação e desconhecem a importância do segundo. (WINCH, 1970: 84). Concordando com este recorte metodológico, afirmo que a etnografia de um saber é construída a partir da relação dialética estabelecida entre estes dois universos

Em Gaston Bachelard podem-se também encontrar elementos teóricos muito ricos para fundamentar o que tenho denominado de uma etnografia de um saber disciplinar.¹⁵ Para ele, o epistemólogo tem como tarefa entender como os conceitos se vinculam e estabelecem as sínteses psicológicas de sua progressiva produção. (BACHELARD, 1974: 20). Além de entender e psicanalisar os conceitos, o autor se preocupa em executar a psicanálise da comunidade científica.¹⁶ Ele destaca o compromisso para com o desvendamento das armadilhas presentes na linguagem científica, nas mentalidades obsoletas que produzem o conhecimento, as imagens, as metáforas e analogias presentes no discurso científico.¹⁷

da produção do conhecimento, que possibilita romper com a circularidade de construções teóricas, quando prisioneiras de um destes dois recortes.

¹⁵ Gaston Bachelard foi defensor da tese de que a filosofia científica deveria desenvolver uma nova pedagogia científica para dar conta das transformações, das revoluções, rupturas e dos cortes epistemológicos que atravessam a história das idéias. Em seu interessante livro *La Formación del Espíritu Científico* (BACHELARD, 1974) propõe analisar o destino do pensamento científico, mostrando as dificuldades das abstrações corretas, o peso dos primeiros esquemas, e da trajetória da busca de coerência da ciência. Ele analisa os obstáculos epistemológicos que impedem o desenvolvimento de uma mentalidade científica e afirma a necessidade de superá-los, demonstrando a preocupação em delimitar uma postura crítica na busca dos conhecimentos, das idéias fecundas presentes na formação da ciência. Apesar de privilegiar a análise dos dados epistemológicos, mostra como os erros de interpretação do universo dos dados sociais vão afetar profundamente o universo dos dados empíricos. Para ele: ...El historiador de la ciencia debe tomar las ideas como hechos. El epistemólogo debe tomar los hechos como ideas, insertandolas en un sistema de pensamientos. Un hecho mal interpretado por una época, sigue siendo unhecho para el historiador. Según el epistemólogo es un obstáculo, un contrapensamiento. (idem: 20).

¹⁶ Para Bachelard, ...toda cultura científica deba comenzar, ..., por una catarsis intelectual y afectiva ... [cuya] ...tarea más difícil [será] poner la cultura científica en estado de movilización permanente, reemplazar el saber cerrado y estático por un conocimiento abierto y dinámico, dialectizar todas las variables experimentales, dar finalmente a la razón motivos para evolucionar. (BACHELARD, 1974: 21). Existe assim, a necessidade de se psicanalisar os autores e seus contextos sociais (idem: 55, 63, 291, 292, entre outras), os estilos pessoais, as tendências sádicas, masoquistas, o Complexo de Édipo (idem: 297), presentes nas atitudes intelectuais e, por que não, também nas obras destes autores?

¹⁷ Nesta direção, cabe aqui uma rápida referência ao trabalho de Wittgenstein, que alerta para o fato de ser a linguagem permeada por jogos de linguagem, que espelham tanto o conjunto da própria linguagem, quanto as ...atividades com as quais está interligada. (WITTGENSTEIN, 1975: 16). A linguagem representa ...uma forma de vida (idem: 19) e é ...parte de uma atividade (idem: 22), seguindo regras que podem ser auxiliares para o entendimento do jogo de linguagem empregado, pelo grupo analisado. Existe assim, uma linguagem teórico-metodológica específica a cada campo de saber.

Se empregarmos aqui a imagem do movimento espiralado que rompe, que abre, mas que sintetiza e dá conta de explicar o que se transforma, o que é passível de ser decomposto e recriado, resgatado e posto pela dimensão do inconsciente coletivo, pelas subjetividades e intersubjetividades da relação autor-objeto-texto-leitor, poder-se-ia entender a ciência, o movimento teórico, supostamente pendular, das relações sincrônica/diacrônica, particularista/holista, a postura metodológica empírica/intelectualista dos cientistas sociais e do desenvolvimento da teoria por eles construída. Não se trata de um movimento que segue a forma determinista, polarizada, dicotômica de concepções e modelos teóricos e metodológicos que se solidificam.

Para mim, a ciência ou qualquer forma de saber é construída obedecendo um movimento espiralado, que resgata a lógica dialética e as contradições que são dadas pelo inter-relacionamento dos fatos epistemológicos com os fatos sociais, sem que haja necessariamente, uma revolução e/ou substituição de modelos explicativos. Na verdade, a construção de um saber recoloca sempre uma dimensão cada vez mais profunda e sutil do conhecimento, uma dimensão que aos poucos desnuda os vinculados à estrutura social, econômica, política, filosófica, cultural, psicológica, existencial, inconsciente... Enfim, várias dimensões do viver e do existir social humanos vão sendo resgatadas e analisadas sem que se perca de vista o universo das inquietações humanas, místicas, religiosas ou científicas do encontro pesquisador+pesquisado. Por mais que uma estrutura de poder e dominação pareça estar solidificada, o elo profundo da contradição humana - expressão máxima de sua natureza racional e crítica - lembra-nos sempre e amargamente, que ...a cabeça que recebe a coroa está destinada a ter o sono inquieto e os dias contados. (MARSHALL, 1972: 10).

A apreensão dos obstáculos epistemológicos como forma de fundar os rudimentos de uma psicanálise da razão (BACHELARD, 1974: 22) é um ponto chave para a elaboração de uma etnografia de um saber. É indispensável a delimitação dos obstáculos que interferem nos elementos internos do contexto dos fatos epistemológicos e dos elementos externos do contexto dos fatos sociais.¹⁸

Mesmo não privilegiando a interferência dos aspectos econômicos e ideológicos na produção e desenvolvimento científico, Bachelard aponta para a necessidade de se psicanalisar a dimensão interna da ciência, detectando os diversos obstáculos que enfrenta; apontando para o uso dos falsos conceitos, das imagens metafóricas, das analogias errôneas, dos mitos, da acumulação de adjetivos, da mistura do pensamento erudito e do experimental, da vinculação do conhecimento qualitativo e quantitativo, da relação de um objeto com outros objetos, da formação do conhecimento objetivo.¹⁹

¹⁸ Nesta tentativa de vincular as atividades externas às internas na produção do conhecimento, pode-se apontar como exemplo deste fazer etnográfico o trabalho de LATOUR, 1983. Este autor ao analisar a implantação e funcionamento do laboratório de Pasteur no século passado, mostra como os dados e as informações foram sendo construídas no interior do laboratório. Aponta para a diferença existente entre a questão ligada ao fato científico (descobertas, vírus, vacinação, higiene) e como as explicações científicas foram sendo elaboradas, transmitidas e dominadas pelo senso comum e popular. Latour analisa o brilhantismo de Pasteur, que conseguiu vincular a pesquisa de campo, a produção científica, o interesse da comunidade com o locus do laboratório e a construção destes interesses, o uso da linguagem e a conduta de Pasteur no manejo dos fatos científicos. Apesar de Latour trabalhar com um recorte mais micro e a-histórico, seus estudos oferecem interessantes indicações metodológicas. Vide LATOUR, 1984; 1987; LATOUR & WOOLGOR, 1979.

¹⁹ É importante mencionar aqui o trabalho de Merton, um autor chave da sociologia do conhecimento. Para ele, o ethos da ciência moderna supõe quatro conjuntos de imperativos institucionais, ou seja, o universalismo, o comunismo, o desinteresse e o cepticismo organizado. (MERTON, 1972: 67). Estes fatos vinculam-se a critérios impessoais pré-estabelecidos, à existência de uma herança comum que está acima do produtor individual. Existe um comum na ciência que coloca os cientistas sobre a dependência de uma herança cultural e a suposição de que há um caráter de desinteresse institucional básico, ou seja, os cientistas se sujeitam às prescrições institucionais sob pena de sofrerem sanções (conflitos psicológicos), caso não sigam as normas estabelecidas. Aponta para a presença de uma espécie de mandato metodológico e institucional, que prescreve a suspensão dos juízos de valor até que se possa dispor-se dos dados. Estes são critérios relacionados a uma esfera mais geral e externa da construção da ciência. Merton se preocupa com questões mais sociológicas da formação da ciência, que apesar de importantes, apontam e revelam apenas um lado do problema. No entanto, não se pode perder de vista as questões postas no debate teórico por um tipo de sociologia do conhecimento como a deste autor, uma vez que estas rompem com o uso dos modelos puramente lógicos e abrem espaço para o desenvolvimento de modelos históricos.

Em Bachelard detectei também a preocupação de explicitar a presença do diálogo "entre o espírito e as coisas". Para ele, ...toda la enseñanza científica, cuando es viviente, será agitada por el flujo y el reflejo del empirismo y del racionalismo. (BACHELARD, 1974: 289). O autor indica a necessidade de se fazer uma leitura contextualizada da ciência.²⁰

Clifford Geertz foi outro pilar teórico-metodológico destas minhas considerações sobre a etnografia de um saber, com sua indicação da busca do ponto de vista nativo. Trata-se aqui de um nativo diferente: o intelectual de uma cultura científica, treinado a superar os imponderáveis da vida²¹ acadêmica e transformado aqui, juntamente com os textos que produz, em objeto de pesquisa. Este é visto como inserido num círculo hermenêutico, onde cada esfera de sua vida social, cultural, institucional, política e existencial vincula-se com o objeto de seu estudo. Acredito que, no fundo, somos todos objeto-sujeito de nossas produções teóricas; buscadores de uma postura mais crítica daquilo que pensamos e elaboramos.²²

²⁰ Bachelard coloca-nos uma rica indagação, que apesar de referir-se à filosofia se aplica à antropologia: ...O que é este estranho caráter do pensamento filosófico que torna surpreendente o familiar? O que é este estranho caminho dos filósofos onde cada ponto é encruzilhada? O pensamento filosófico é hesitação contínua, muito surda, mesmo quando tem pomposas garantias dogmáticas. Mesmo quando avança, recua em si mesmo... (BACHELARD, 1985: 191). Afinal de contas não será essa a tarefa da etnografia de um saber, que propõe tornar estranho o familiar? Ao voltar-se para conceitos teóricos construídos e para a academia que o produz, ela também não se coloca numa encruzilhada? Resta saber se este caminho vai ajudar uma prática teórico-metodológica avançar, retroceder, redefinir-se, reposicionar-se frente ao mundo e às diversidades humanas, sem perder de vista a necessidade do diálogo e do entendimento, tão necessários para a sobrevivência do planeta.

²¹ Em analogia a Malinowski, os fatos imponderáveis da vida real e os tipos de comportamento referem-se à rotina do trabalho, aos vínculos e relações sociais, aos rituais, aos deveres sociais, às obrigações econômicas, etc. (MALINOWSKI, 1976: 33-38).

²² É interessante a citação de Martins a este respeito, ...Continuo tendo comigo mesmo uma relação de sujeito e objeto na medida em que entre o eu-sujeito e o eu-objeto existe o abismo da alienação que me põe como estranho em face de minha obra. Mesmo que eu me ponha no papel de companheiro e igual do outro com quem pesquiso e a quem pesquiso, ainda assim, e

Geertz, no lugar de uma etnografia de um saber, propõe uma etnografia do pensamento ou do pensar. Para ele, pensamento é o que está em nossas cabeças, especialmente quando este é posto junto a outros pensamentos e os ultrapassam.²³ (GEERTZ, 1983: 148). Esta proposição assemelha-se às que tenho mencionado ao longo desta apresentação. Para mim, os pensamentos são como nossos saberes que estão num contínuo movimento de acrescentar e retirar fatos. Os pensamentos são como um rio que adiciona sempre novas águas às de origem. Quase sempre desvia-se de seu leito, misturando-se a outras águas, mas sem perder fragmentos daquilo que é e absorveu por onde passou. Fragmentos como aqueles que se encontram neste movimento espiralado já descrito, que se mantêm na cultura e nas diversas formas de produção do conhecimento e que fazem-nos trilhar sem descanso rumo às nossas utopias e intersubjetividades, que queremos ver materializadas no agora do nosso existir.²⁴

Parece ser a busca de um novo caminho de interpretação, da ampliação do diálogo entre culturas, da minimização dos conflitos gerados pelos ruídos de comunicação, como aponta Geertz,

O que se faz necessário é ampliar a possibilidade de um diálogo inteligente entre pessoas que diferem consideravelmente entre si em interesses, perspectivas e poder, e no entanto estão

por isso mesmo, não superamos juntos o estranhamento que nos vitima a ambos e que nos separa das relações sociais que nos transformam em falsos sujeitos, isto é, em objeto. (MARTINS, 1989: 136)

²³ É como aponta Azzan Júnior sobre esta proposta de Geertz: Sua proposta para uma tal etnografia do pensamento é um estudo sobre a *intersubjetividade*, sobre como estruturas de pensamento mudam, como províncias de pensamento são demarcadas, como as normas de pensamento são mantidas, como os modelos de pensamento são adquiridos, como o trabalho de pensamento é dividido. (AZZAN JÚNIOR, 1993: 90).

²⁴ Segundo Geertz, há algo que liga todas as abordagens que têm uma reflexão sobre esta temática que é justamente, ...the conviction that the mechanics of human thinking is invariable across time, space, culture and circumstance, and that they know what it is. But the general movement toward universalistic conceptions of, to use the most neutral word I can think of, ideation has naturally come to have its effects upon the pluralizers too. The fundamental identity of mental functioning in homo sapiens, the so-called 'psychic unity of mankind', had remained a background article of faith among even the most thoroughgoing of them, anxious as they were to do away with any notion of primitive minds of cultural racism. (GEERTZ, 1983: 150). O 'pensar/saber' - processo presente em todas as culturas - será o produto que vai variar de acordo com os valores e tradições em curso. É neste cenário de reflexões que surge a preocupação de se entender historicamente os estilos de pensamento e as formas de saber presentes na humanidade sejam eles científicos, religiosos, místicos, ou do senso comum.

limitadas em um mundo onde, envolvidas em interminável conexão, fica cada vez mais difícil sair uma do caminho da outra. (GEERTZ, 1989: 63).

Mais do que ventríloca²⁵, a etnografia do pensamento procuraria, além de falar sobre as formas de pensar, entrar dentro delas. Seria uma incursão nas categorias de entendimento, não mais do outro-nativo e objeto das tradicionais reflexões antropológicas, mas nas daqueles que produzem o conhecimento, as formas de explicação, os estilos de pensar científicos, disciplinares, artísticos, populares, etc.²⁶

A grande contribuição da análise de Geertz para o sentido desta etnografia refere-se ao seu procedimento metodológico. Ele propõe para a etnografia do pensamento três fontes de pesquisa: a *convergent data*²⁷, a explicação das "classificações linguísticas"²⁸ e o exame do "ciclo de vida" (*life cycle*)²⁹.

²⁵ Na verdade, como aponta Geertz, as descrições etnográficas ... são descrições de quem descreve, não de quem é descrito. (GEERTZ, 1989: 63). ...Há o ventriloquismo etnográfico: a afirmação de falar não somente *sobre* outra forma de vida mas falar de dentro dela; como ...uma presença do *Lá* em um texto elaborado *Aqui*. (idem) Assim, o escurecimento da leitura feita ...através dos óculos escuros de um autor... [deve] ser minimizada pela autofiscalização do autor para evitar "preconceito" ou "subjetividade", e ela [aqui a poesia da etíope Emawayish] e ele [o etnólogo] possam ser vistos face a face. (ibidem).

²⁶ Para Geertz: ...We are all natives now, and everybody else not immediately one of us is an exotic. What looked once to be a matter of finding out whether savages could distinguish fact from fancy now looks to be a matter of finding out how others, across the sea or down the corridor, organize their significant world. (GEERTZ, 1983: 151). É a busca do como pensamos e organizamos nossos mundos, seja trafegando pelas formas simbólicas presentes na linguagem, arte, literatura, mitologia, teoria, rituais, tecnologia, leis ou no senso comum. Há aqui modelos teóricos e comunidades a serem analisadas e traduzidas. É a busca de ...how meaning gets moved, or does not, reasonably intact from one sort of discourse to the next; about intersubjectivity, how separate individuals come to conceive, or do not, reasonably similarly similar things; about how thought frames change...how thought provinces are demarcated..., how thought norms are maintained, thought models acquired, thought labor divided. The ethnography of thinking, like any other sort of ethnography... is attempt not to exalt diversity but to take seriously as itself an object of analytic description and interpretative reflection. (idem: 154).

²⁷ A *convergent data* seriam as descrições, as medições, as observações de tudo aquilo que ele chama de *grow up together* e eu entendo como pertinentes a uma mesma tribo, ou a uma mesma rede de relações pessoais, institucionais e políticas, ou a um mesmo padrão simbólico básico, conforme já descrito. Desta forma, ao se analisar os laboratórios ou institutos de pesquisa, as academias intelectuais, as universidades, os departamentos, os grupos literários ou artísticos, as facções intelectuais, etc, ...all fit the same pattern: communities of multiply connected individuals in which something you find out about A tells you something about B as well, because, having known each other too long and too well, they are characters in one another's biographies. (GEERTZ, 1983: 157).

Tais indicações metodológicas possibilitam a apreensão dos saberes como atividades sociais e culturais e a busca de um caminho de constante auto-crítica³⁰, no sentido de se alargar os diálogos e os discursos possíveis da humanidade; de se entender os rumos da ciência, seus caminhos, suas crises, suas respostas; de se buscar pelas estruturas significantes de nossas próprias construções, explicando explicações, construindo uma nova leitura, uma nova interpretação daquilo que se analisa (GEERTZ, 1978: 17-20); de se buscar a compreensão dos significados existenciais (AZZAN JÚNIOR, 1993: 133) e de se construir o encontro de alteridades e diálogos, numa rica interface entre culturas.

Em E. P. Thompson, a partir da crítica que desenvolve à epistemologia do estruturalismo althusseriano³¹ (THOMPSON, 1981), encontrei algumas indicações muito interessantes para minhas

²⁸ As categorias linguísticas são aquelas categorias que acabam ganhando vida e falando por si. É o que Geertz descreve como, ...It tends to focus on key terms that seem, when their meaning is unpacked, to light up a whole way of going at the world. (GEERTZ, 1983: 157). Cita como exemplo dessas categorias, os conceitos como *mana*, *tabu*, *potlach*, *lobola*, etc, que expressam algo, quase uma visão de mundo, uma mentalidade específica que falam por si e estão presentes em todos estilos de pensamento.

²⁹ O ciclo de vida (*life cycle*) é composto pelos fenômenos sociais, culturais e psicológicos que estão presentes no contexto social e na carreira intelectual daquele que está sendo observado. (GEERTZ, 1983: 158). Esta é uma dimensão importante do trabalho de campo sobre os dados sociais e para a compreensão dos fatos epistemológicos.

³⁰ Como indica Lienhardt sobre o trabalho de Geertz: ...Ele diagnostica 'graves incertezas, que equivalem quase a uma espécie de hipocondria epistemológica', nos antropólogos de hoje e sugere como eles podem aliviar-se - principalmente aceitando-se modestamente pelo que são, híbridos da arte e da ciência, mas nem uma coisa nem outra. (LIENHARDT *apud*, GEERTZ, 1989: 61).

³¹ Apesar de não ser este o objeto de minhas indagações, a polêmica levantada por Thompson contra as categorias estrutura e sujeito de Althusser muito me auxiliaram nestas reflexões sobre o que significa a etnografia de um saber disciplinar. Segundo Thompson há um modo idealista de construções teóricas em Althusser, quando a estrutura conceitual passa a sobrepor o ser social e a dominá-lo, não captando a dialética da convivência mútua e da interferência recíproca. Torna-se errôneo tomar certas representações conceituais obtidas através da investigação histórica como revelação da estrutura como um todo. Isto porque: ...Pensamento e ser habitam um único espaço, que somos nós mesmos. Mesmo quando pensamos, também temos fome e ódio, adoecemos ou amamos, e a consciência está misturada ao ser, mesmo ao contemplarmos o 'real', sentimos a nossa própria realidade palpável. (THOMPSON, 1981: 27). Desta forma, numa etnografia de um saber disciplinar tem-se de um lado, a utilização da matéria-prima teórica (textos) e de outro, os dados sociais pertinentes à vida dos intelectuais de um determinado campo intelectual. Na etnografia de uma construção teórica estar-se-ia analisando tanto dados epistemológicos, quanto dados sociais.

reflexões. Ao acusar Althusser de negligenciar o diálogo existente entre o ser social e a consciência social, Thompson alertou-me, em analogia, para a necessidade de se observar o diálogo existente entre o ser intelectual que produz um certo discurso disciplinar e a consciência social que o envolve.³²

A contextualização do intelectual e/ou do texto teórico-metodológico pressupõe que o sujeito produtor do conhecimento é um cidadão inserido no mundo de suas relações sociais, econômicas, culturais, políticas, institucionais, profissionais. O conhecimento produzido, por mais objetivo que o intelectual possa ser, recebe influências do contexto sócio-cultural no qual é produzido. O intelectual é o sujeito que produz um conhecimento, ao mesmo tempo que pode ser objeto-cidadão em uma pesquisa. Seus textos, as entrevistas que concede, sua alocação a um campo de conhecimento, são objetos de observação e análise em uma etnografia de um saber disciplinar. O intelectual de uma cultura científica, treinado portanto, a superar os imponderáveis da vida real, é transformado, juntamente com seus textos, em objeto de pesquisa. Cada esfera de sua vida social, cultural, institucional, política e existencial vincula-se com o objeto de seu estudo, apesar de toda sua objetividade e neutralidade.³³

políticos, culturais ou existenciais que atravessam a construção destes saberes e a comunidade científica que os constroem. Nesta fronteira são produzidos os contatos, os diálogos, as tensões, as absorções e/ou substituições de modelos explicativos.

³² A rica abordagem de Thompson mostra que o historiador, e acredito que também o cientista social em geral, deve buscar um duplo diálogo na formação do conhecimento. Ou seja: ...o diálogo entre o ser social e a consciência social, que dá origem à experiência; segundo, o diálogo entre a organização (em toda a sua complexidade) da evidência, de um lado, e o caráter determinado de seu objeto, do outro. (THOMPSON, 1981: 42). Assim, ainda segundo este autor: Os fatos não podem 'falar' enquanto não tiverem sido interrogados. (idem: 41). Parafrazeando-o, eu diria: ...os textos não podem 'falar' enquanto não tiverem sido 'interrogados'. Para ele: O que devemos recitar de novo, ao que parece, é a natureza árdua do embate entre os pensamentos e seu material objetivo: o 'diálogo' (seja como práxis ou em disciplinas intelectuais mais conscientes de si mesmas) a partir do qual todo conhecimento é obtido. (idem: 47). Como ele, defendo a necessidade de se realizar um diálogo com o objeto da teoria, ou do saber disciplinar analisado. ...Nas margens do mapa encontramos sempre as fronteiras do desconhecido. O que resta fazer é interrogar os silêncios reais, através do diálogo do conhecimento. E, à medida que esses silêncios são penetrados, não cosemos apenas um conceito novo ao pano velho, mas vemos ser necessário reordenar todo o conjunto de conceitos. (idem: 185).

³³ Consultar a tese de PEIRANO, 1991.

Existe uma rede de relações que envolve o autor e os seus textos. Estes são revisitados constantemente nos mais variados níveis de suas inserções na vida em sociedade. O autor apresenta um texto, que é a sua interpretação sobre o objeto que pesquisou. Os vários aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos, profissionais emprestam tanto ao autor quanto ao texto, uma possibilidade e uma coloração nova na forma de interpretar e de ser interpretado. Assim, a produção de um saber disciplinar faz parte de uma espiral de conhecimento onde o saber produzido se vincula e extrapola as diversas dimensões da vida daqueles que alaboram este conhecimento, como círculos hermenêuticos que atravessam nossas existências.³⁴ Percebe-se na teoria, a presença de indagações e representações, que parecem permear a consciência social e o inconsciente coletivo e refletem as indagações intelectuais individuais.

Para isto, é importante o mapeamento espacial e temporal do território da produção intelectual e dos personagens do recorte empírico analisado (textos-autores). Este mapeamento possibilita o entendimento daquilo que Certeau define como história ...uma prática (uma disciplina), seu resultado (um discurso) e sua relação (CERTEAU, 1982: 109), e que eu, parafraseando defini como um saber disciplinar.

Uma prática disciplinar é criada por determinado grupo de intelectuais vinculados a uma determinada instituição social, detentora de uma linguagem científica própria, veiculada em revistas,

³⁴ Esta noção de um movimento espiralado presente na vida em sociedade (consciência) e na interpretação que se faz dela (autor-texto), pode ser apreendida também em Thompson: ...Evidentemente a consciência, seja como cultura não autoconsciente, ou como mito, ou como ciência, ou lei, ou ideologia articulada, atua de volta sobre o ser, por sua vez: assim como o ser é pensado, também o pensamento é vivido - as pessoas podem, dentro de limites, viver as expectativas sociais ou sexuais que lhes são impostas pelas categorias conceptuais dominantes. (THOMPSON, 1981: 17). Os itinerários intelectuais e os saberes disciplinares produzidos se encontram contextualizados como num mosaico que perpassa as diversas dimensões da existência daqueles que os constroem. (GEERTZ, 1983: 68).

livros e boletins, na forma de textos. Uma etnografia de um saber disciplinar tem que levar em consideração, portanto, esse movimento que organiza os grupos intelectuais e as idéias criadas/divulgadas/ou não, refletindo criticamente sobre esse saber expresso nos textos, estranhando-o etnograficamente³⁵ e buscar pelas suposições e sentidos implícitos e explícitos no texto. O texto e seu autor são os personagens e atores sociais. Ambos têm vida e contam não só de si mesmos, como também do grupo social e cultural ao qual pertencem. A etnografia de um saber é o processo através do qual se vai além das aparências. Não se trata tão somente de uma descrição dos fatos sociais ou epistemológicos, mas da busca do entendimento do sentido do texto através de uma perspectiva comparativa. É uma tentativa de se decifrar tanto o sistema de códigos utilizados nos textos, quanto a complexa rede simbólica elaborada consciente e/ou inconscientemente na versão escrita de uma interpretação possível da realidade social e o sentido das mensagens veiculadas pelo autor.

O texto torna-se o tecido sobre o qual estão inscritas as redes de significado de um grupo pesquisado e dos valores e fatos sociais, culturais, políticos, econômicos, ideológicos, institucionais, existenciais, que representam. Os textos são reveladores e testemunhas de uma época, da rede de significados dados a eles, do perfil teórico do autor e possibilitam explicitar a questão da diferença e da diversidade de modos de conhecimento.

Em Pierre Bourdieu encontrei um meio de arranjar e ordenar as idéias expostas até aqui. Ao trabalhar com a noção de campo intelectual e descrever a força do poder simbólico presente neste

³⁵ Segundo Thompson: ...O texto morto e inerte de sua evidência não é de modo algum 'inaudível'; tem uma clamorosa vitalidade própria; vozes clamam do passado, afirmando seus significados próprios, aparentemente revelando seu próprio conhecimento de si mesmas como conhecimento. (THOMPSON, 1981: 27).

campo, ele ilustra não só o jogo político-ideológico da construção da teoria, como faz Thompson, mas demonstra, através de análise empírica, a luta política entre as frações de classe da comunidade científica. (BOURDIEU, 1984).

Segundo Bourdieu, para se,

Compreender a gênese social de um campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não-motivado os actos dos produtores e as obras por eles produzidas e não, como geralmente se julga, reduzir ou destruir. (BOURDIEU, 1989: 69).

O universo do campo intelectual é regido, segundo este autor, por um espaço de relações (idem: 26-7), que envolve, necessariamente, o poder simbólico, que é visto como ...o poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo o exercem. (idem: 7-8).

A produção do conhecimento, como já foi apontado, pressupõe a existência de condições dadas *a priori*, não sendo neutra, nem pura filosofia ou epistemologia. Se os dados lógicos, epistemológicos, metodológicos são essenciais para se entender um recorte teórico, temático, disciplinar, os dados obtidos a partir das relações sociais, políticas, culturais, econômicas, etc., são indispensáveis para completar sua compreensão. Os textos, a matriz disciplinar, a disciplina, só serão entendidos quando se compreender como se estrutura o campo intelectual ao qual estes pertencem.³⁶

³⁶ Bourdieu explicita a luta pelo poder exercida pelas várias frações de classe no interior do campo intelectual: À medida que o campo intelectual e artístico amplia sua autonomia, elevando-se, ao mesmo tempo, o estatuto social dos produtores de bens simbólicos, os intelectuais e os artistas tendem progressivamente a ingressar por sua própria conta, e não mais apenas por procuração ou por delegação, no jogo dos conflitos entre as frações da classe dominante. (BOURDIEU, 1987: 191). No interior do campo intelectual, existem frações de classe diferentes (intelectuais, artistas), que participam dos jogos de conflito pelo acesso às posições de prestígio, aos bens simbólicos, às gratificações, aos habitus de um estilo de vida (idem: 191-201), que se forma como um hábito mental, ou habitus cultivado. (BOURDIEU, 1971: 181). Desta forma, no campo intelectual cada uma de suas partes depende das demais, ocorrendo entre elas relações de interdependência funcional que se dá em grau diferenciado de hierarquia e legitimidade. (idem: 160-3).

Na análise de um texto teórico, é preciso atentar-se, portanto, para o fato de que o texto expressa a cultura, a classe social, a sociedade e a época, da qual o seu criador objetivamente e subjetivamente faz parte, através das formas de pensar, das formas de lógica, das expressões de estilo e simbologias, dos hábitos e modelos inconscientes da consciência que o autor expressa na obra. (BOURDIEU, 1971: 172-3).

As escolhas intelectuais inconscientes relacionam-se com o passado escolar do intelectual, com certo espírito comum e certa cumplicidade que compartilha com seus pares, com certa ordem de problemas comuns e maneiras comuns de abordar os problemas, com a disputa de certos objetos (idem: 177), com a geração e cultivo de *habitus* que constituem uma época, um estilo específico. (idem: 181). Existe, assim, uma relação estreita entre os temas e os problemas apresentados em uma dada época (idem: 135-6), entre conteúdo da obra ou escola e o espírito da cultura que ela transmite, entre a herança coletiva e o inconsciente individual e comum. (idem: 181). A etnografia de um campo intelectual desnudará o espaço e a configuração das relações de poder nele presentes, a distribuição do capital simbólico³⁷, a composição das forças e dos jogos envolvendo compromissos científicos, as lutas políticas que visam transformar esse campo de forças (BOURDIEU, 1983: 124-5), pensado por mim, graficamente, através da imagem da espiral.

³⁷ Para Bourdieu, o capital simbólico ...se refere à autoridade científica [e à] ...luta que se trava entre os agentes é uma disputa em torno da legitimidade da ciência. (BOURDIEU, 1983: 21). Para ele, o capital simbólico, é um outro nome da distinção, ou seja, ...não é outra coisa senão o capital, qualquer que seja a sua espécie, quando percebido por um agente dotado de categorias de percepção resultantes da incorporação da estrutura da sua distribuição, quer dizer, quando conhecido e reconhecido como algo de óbvio. (BOURDIEU, 1989: 145).

No caso dos estudos etnográficos sobre o pensamento antropológico que têm sido realizados no Brasil, foi-me de grande valia e fonte de inspiração, o estudo de Roberto Cardoso de Oliveira³⁸ (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988). Com a montagem de quadros estruturais, o autor propõe, articula e procura dar sentido aos autores e categorias chave que compõem os quatro paradigmas que apresenta como subculturas da cultura antropológica, apresentando quadros que buscam pelo nexo da disciplina, indo além do que a estrutura permite explicar.³⁹

³⁸ Sob a influência dos filósofos hermenêuticos (entre os quais Heidegger, Gadamer e Ricoeur), dos historiadores da ciência (Thomas Kuhn e Gilles-Gaston Granger) e antropólogos hermenêuticos (principalmente Geertz), Roberto Cardoso de Oliveira, exercita a etnografia do saber, que ele denomina de etnografia da ciência. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988: 163). Através da epistemologia o autor demonstra que os limites do conhecimento da antropologia, vão além das regras e da lógica da construção da teoria e contextualiza esta dinâmica. Seu enfoque de análise privilegia os fatos epistemológicos e seu objeto é a própria teoria antropológica, da qual pinça autores e categorias chaves da história da disciplina. Inova ao não seguir um modelo centrado na história episódica, datada, sequencial das escolas de pensamento da disciplina. Para Cardoso de Oliveira a disciplina é um recorte estrutural, uma subcultura de uma cultura maior, ou seja, do conhecimento científico. Apresenta-a através das matrizes disciplinares exemplificativas das diversas abordagens da antropologia tradicional, clássica e brasileira. Usa para isto dois eixos principais: um referente à categoria tempo (sincronia/diacronia) e o outro à tradição teórica (intelectualista/empirista) filiada à centros e autores metropolitanos clássicos. Trabalha também com as polissemias dos sistemas de relações sociais e institucionais/sistemas de representação e os usos das categorias cultura/estrutura. Constrói a partir destes dois eixos de análise um instrumento que é a matriz disciplinar - empregada como forma de estruturar o campo do conhecimento. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988).

³⁹ Vide em especial os quadros presentes em seu livro: CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988: 16, 104, 121, 122. Seus quadros inspiraram-me a elaborar o seguinte Quadro-Resumo:

Eixo cronológico espacial	Estudos de Comunidade	Estudos Regionais	Estudos em áreas de Fronteira
Eixo das Práticas discursivas	Preservação do objeto rural "in lab"	Academia - Partido - Igreja Católica	Práticas públicas
Eixo Temático-epistemológico	Processos sociais agrários macro-estruturais	Processos sociais agrários internos	Objeto rural em "carne e sangue"

Na primeira versão dessa tese, através do quadro acima, propus três eixos de questões para a sistematização e interpretação dos resultados de minha pesquisa com os fatos epistemológicos e para a busca de aproximações sucessivas, quando através de modelos comparativos, analisei o saber disciplinar investigado. Dado o volume daquela proposta de pesquisa, esta tese é o resultado do estudo do eixo temático-epistemológico (processos sociais macro-estruturais e processos sociais agrários internos), conforme capítulos 2 e 3. Parte dos resultados das discussões sobre os dois primeiros eixos da análise (o cronológico-espacial e o das práticas discursivas) foram apresentados no texto do Exame de Qualificação. (LOPES, 1998).

Com Cardoso de Oliveira aprendi que, se se fugir da camisa de força que a construção pura e simples de um modelo disciplinar pode significar, vislumbra-se a possibilidade de uma nova forma de interpretação, quando nos dados epistemológicos encontram-se as nuances dos fatos sociais e através do estranhamento antropológico procura-se por uma nova forma de indagar sobre o saber científico, ou o saber disciplinar, que se está analisando. No mapeamento dos dados epistemológicos e sociais estarão os indícios para se entender o movimento dos debates teórico-metodológicos, as tensões e os diálogos presentes neles, os valores e categorias criadas ou incorporadas por este saber, os mecanismos de estruturação, organização, rupturas, etc. Através da etnografia de determinado saber buscar-se-ia domesticar este saber, para apreendê-lo na sua constituição e vincunlá-lo à espiral de conhecimento do qual faz parte.

Os trabalhos de Mariza Corrêa também muito me auxiliaram teórica e metodologicamente. No lugar da célebre frase de Clifford Geertz "somos todos nativos", esta autora prefere usar "somos todos estrangeiros" num campo intelectual, integrantes, pois, de uma mesma tribo, da qual busca-se descobrir as ambiguidades, as harmonias, os descompassos entre o como pensamos e o como nos pensam. (CORRÊA, 1988: 79). Para isto é importante mapear o território⁴⁰ da produção intelectual e seus personagens.

Com sua forma instigante de entrelaçar os fatos sociais presentes no campo intelectual com as elaborações epistemológicas dos autores analisados, Corrêa alerta para a importância de se investigar com maior atenção a origem ou a história do problema que se pesquisa, o como este problema se

⁴⁰ Corrêa evita o uso da noção de campo intelectual de Bourdieu para fazer o mapeamento temporal e espacial do contexto social analisado. (CORRÊA, 1987: 13). Ela acaba privilegiando o universo das relações sociais, intelectuais e históricas estabelecidas no interior da tribo acadêmica. Neste recorte, os fatos sociais são eleitos como objetos centrais da pesquisa de campo.

transforma em objeto de investigação e sua relação com o contexto autor-texto-disciplina. (CORRÊA, 1988, 1995).

No trabalho de Mariza Peirano fica demonstrada a importância de se analisar o percurso intelectual de autores que auxiliaram na consolidação institucional e científica de uma disciplina, através do mapeamento dos principais temas pesquisados por estes autores; da discussão que fizeram de seus objetos de pesquisa; da formação profissional e/ou acadêmica de cada um deles; das auto-reflexões e críticas recebidas; dos seus esquemas explicativos; de suas heranças e afiliações teóricas; de seus seguidores; de suas vinculações com centros estrangeiros e debates intelectuais ou inserções políticas; de suas práticas de pesquisa; do tipo de trabalho de campo que realizaram; dos dilemas e mudanças na carreira profissional destes autores; do levantamento de conceitos centrais para a consolidação da disciplina e de sua vinculação com o projeto de construção do Brasil-nação. (PEIRANO, 1991; 1992; 1995b).

Peirano mostra como, num exercício etnográfico, é importante estabelecer e compreender as relações existentes entre a teoria antropológica e o contexto social; entre a relação "cientista-cidadão" e sua inserção social e ideológica e como através de ...questões antropológicas em contextos sócio-culturais diferentes deve-se ...alcançar as concepções particulares da disciplina desenvolvidas por grupos acadêmicos diferentes.⁴¹ (PEIRANO: 1992: 12).

⁴¹ Também nos artigos publicados no livro *A favor da etnografia*, Peirano mostra que é possível, através da problematização dos diálogos presentes na comunidade das ciências sociais brasileiras e estrangeiras, se alcançar uma renovação teórica única, pois todos eles caminham para acumular experiências ...quer das linhagens locais, quer das internacionais. (PEIRANO, 1995a: 10). Para ela: Nos diálogos que compõem o [seu] livro está implícita uma proposta que procura ver a antropologia, institucionalmente diferenciada da sociologia e da ciência política atuais, como eterna construção e superação. (idem: 11).

Novos contornos têm sido dados à etnografia do saber a partir do programa de pesquisa sobre Estilos de Antropologia, cujos resultados foram publicados num livro com este título. (CARDOSO DE OLIVEIRA & RUBEN, 1995). Para Ruben, a etnografia da ciência tem como particularidade o fato de levar a uma reflexão sobre a produção dos próprios produtores de saberes, sobre os saberes disciplinares e não-disciplinares e usar o ...trabalho de campo como dimensão particular de reconstrução etnográfica do objeto. (RUBEN,1995:122).

As idéias acima expostas, foram possibilitando-me elaborar este saber teórico-metodológico sobre a feitura de uma etnografia de um saber, não mais no sentido clássico da observação empírica do mundo e das categorias nativas, mas no da observação da tribo dos nós mesmos - os produtores do conhecimento, dos textos e dos bens simbólicos acadêmicos e disciplinares. O campo intelectual-enquanto um mecanismo sociológico de organização do sistema de produção de saberes disciplinares, de ensino e pesquisa - é perpassado por uma rede de relações sociais, de influências teórico-metodológicas, culturais, ideológicas, partidárias, religiosas e escolhas pessoais. Nele estão presentes certos procedimentos e escolhas teórico-metodológicas, certas regras de reciprocidade, certas obrigações e prescrições e certos posicionamentos filosóficos ou existenciais.

No campo intelectual, como no grande *Kula* econômico pesquisado por Malinowski, o saber, como uma peça do *vaygu'a Kula*⁴², tem como objetivo principal o fato de ser possuído e trocado, de circular e de ser exibido. O saber, produto da própria circulação, passa a ter seu valor acrescido e referendado no campo intelectual e necessita participar da circulação institucional e das trocas

⁴² Consultar MALINOWSKI, 1976: em especial o capítulo III.

simbólicas de poder (Bourdieu). Para ser fonte constante de exaltação, *status* ou veneração, o seu dono posta-se vigilante frente a Diana (o saber), como o Sacerdote de Nemi, numa luta constante contra as espadas imaginárias dos cortes/recortes epistemológicos (BACHELARD) e da ausência de rigor teórico-metodológico. O intelectual, misto de sacerdote e ex-escravo circula com seu *vaygu'a* do tipo saber em busca da promoção individual, científica e/ou política. Ele referenda ou questiona a sociedade do ter/não ter e reproduz ou/não os impasses ideológicos, partidários, institucionais, que vivencia.

1.3. Etnografia de um saber: procedimento teórico ou metodológico?

Na etnografia de um saber disciplinar tem-se o compromisso para com a coleta de dados etnográficos através da pesquisa de campo e da observação participante no campo intelectual pesquisado, com a análise dos textos e saberes disciplinares elaborados e com a identificação, compreensão e interpretação das regras e códigos específicos da comunidade científica estudada. A tríade autor-texto-disciplina transforma-se, nesse contexto, em objeto de pesquisa. O estranhamento do fazer epistemológico persegue a compreensão de categorias analíticas e empíricas⁴³ e de modelos teóricos elaborados, bem como seus significados e alcance. Envolve tanto o universo das discussões epistemológicas e do diálogo entre disciplinas, quanto o universo das relações sociais estabelecidas entre os cientistas, suas concepções teórico-metodológicas, políticas, sociais, religiosas, ideológicas etc.

⁴³ Em analogia a Minayo, para quem as categorias analíticas ...retêm historicamente as relações sociais fundamentais e podem ser consideradas balizas para o conhecimento do objeto nos seus aspectos gerais. (MINAYO, 1992: 94). Já as categorias empíricas referem-se àquelas ...construídas com finalidade operacional, visando ao trabalho de campo (a fase empírica) ou a partir do trabalho de campo. Elas têm a propriedade de conseguir apreender as determinações e as especificidades que se expressam na realidade empírica. (ibidem).

O trabalho científico, o texto, a teoria, o conceito, o saber enfim, transformam-se em dado etnográfico, adquirem uma história de vida e passam a ser observados, descritos, situados, analisados, como fatos sociais e culturais. Passa-se a buscar no saber e no contexto dos autores que criaram este saber os elementos de sua estruturação, suas cadeias de significado, as imagens do conhecimento estabelecidas nos estilos verbais e escritos, a lógica dos processos de construção teórica, as modificações, negações ou reificações ocorridas. A comunidade científica é tomada como dimensão importante da análise porque através dela será possível captar-se o grau de congruência interna, suas genealogias teóricas, sua estrutura de poder, as razões racionais e emocionais na conduta de seus membros.

Com o emprego do olhar etnográfico sobre o contexto dos fatos sociais e sobre os fatos epistemológicos buscam-se as estruturas recorrentes na organização social de um campo disciplinar; as relações de parentesco (redes de interesses, as filiações institucionais, as linhas matrilineares ou patrilineares de filiação teórica, o diálogo/ou não com as teorias ligadas às tradições centrais ou marginalizadas); as relações de poder (pais/mães fundadores, estruturas hierárquicas estabelecidas, trâmites das burocracias institucionais e agências de financiamento, classificações/desclassificações construídas); o universo simbólico dos mitos, crenças, valores compartilhados; as linguagens usadas na comunicação-interpretação-tradução-compreensão; a visão de mundo expressa; o estilo de pensamento-mentalidade elaborado. Este movimento mostra que a construção de um saber está sempre superando, transcendendo ou resgatando alguma forma de *status quo*, de *estado* de direito, de *estado* de costume, de *estado* conscientizador, de *estado* libertador. A forma de vida e de atividade do autor se interpenetram com o texto.

O texto tanto espelha e representa um modelo binar/plano/dicotômico/alienado/circular que separa autor/objeto/texto no tempo e espaço - como a lógica positivista, estruturalista e em certa medida a lógica dialética o fizeram - quanto, por outro lado, o texto pode também representar um modelo pluridimensional-conscientizador-espiralado que resgata a tridimensionalidade⁴⁴ do movimento dialético da relação sujeito-objeto no tempo e no espaço social, cultural, político, intelectual. A etnografia de um saber é, portanto, uma rica metodologia do fazer antropológico, que ao estranhar a construção de alguma forma de saber, desnuda a relação saber-poder-dominação-exclusão, criando a possibilidade da construção de novas práticas teóricas, científicas, éticas e humanas.

Diferentemente do Bosque de Nemi, o legado (o ramo de ouro intocado) é socializado (saber construído) na academia. O autor mantém-se vivo-atual-aceito-reproduzido-criticado, enquanto comunga e reparte os ramos de ouro do saber entre seus pares e descendentes teóricos diretos. Ele é rei esposado com o saber (como o Rei-sacerdote com Diana do Bosque), lega os bens simbólicos construídos, mas jamais o seu prestígio, pois saber é também sinal de poder simbólico. A construção de um saber disciplinar, ou outro qualquer, por si só já delimita a comunidade ao qual se circunscreve, mantendo a circularidade/ou não das categorias de pensamento e de entendimento que constrói e da práxis que exerce.

⁴⁴ Emprego esta categoria não no seu sentido físico que refere-se ...às três dimensões: comprimento, largura e altura (FERREIRA, s/d: 1408), mas no que se vincula ao resgate da dimensão posta pela consciência e que leva, necessariamente ao rompimento de uma lógica aprisionadora. Para mim, a lógica positivista-dicotômica resgatou a relação sequencial, espacial e temporal dos fatos sociais. A lógica dialética resgatou a relação interdimensional e concêntrica do conflito. Ambas, no entanto, tornaram-se prisioneiras de uma prática teórica-metodológica-política, apesar de terem sido indispensáveis, posteriormente, para o rompimento desta prisão e pela busca de uma explicação hermenêutica mais aberta. A lógica espiralada, resgataria a tridimensionalidade posta pela consciência histórica, ética e espiritual e abriria a possibilidade de construção de um saber libertador, esposado por todo e qualquer indivíduo, sem constituir-se em privilégio ou em forma de dominação pessoal, social, política, econômica, cultural ou espiritual, estabelecendo verdadeiras relações sagradas, éticas e igualitárias questionadoras das relações profanas de exploração e dominação.

A prática de um saber é, por natureza, hierarquizadora, dominadora, aprisionadora e reprodutora de uma estrutura de dominados e dominadores, como na busca eterna dos sacerdotes do Santuário de Nemi, pelo domínio do sagrado. No entanto, ela pode provocar o início de um movimento espiralado conscientizador e libertador, capaz de conduzir a outras práticas discursivas, sociais, culturais, políticas, éticas, humanitárias e espirituais.

1.4. Fatos sociais e fatos epistemológicos: componentes interligados de um campo de saber

Esta pesquisa, a princípio, envolveria três fases.

Na primeira fase foi feito um mapeamento preliminar do campo a ser pesquisado. A partir dele, foram realizadas as primeiras entrevistas, que confirmaram a pertinência desta etnografia, forneceram fatos sociais importantes para a análise e mostraram a necessidade do estabelecimento de novos recortes.

A segunda fase referia-se ao estudo dos debates teórico-metodológicos lidos através dos textos dos próprios autores que se destacaram no estudo do campo intelectual escolhido. A partir dos fatos epistemológicos presentes nos textos desses e de outros autores, buscou-se fazer o rastreamento e o mapeamento de debates, conceitos e categorias que foram sendo construídos, desenvolvidos, substituídos, abandonados ou não, ao longo da produção teórico-metodológica sobre a questão agrária, nos recortes temático e temporal aqui propostos. Isto significou buscar os resquícios, os indicadores, os parâmetros, os modelos, as matrizes desta discussão. Estes elementos compõem o universo da pesquisa

com os dados epistemológicos, o mundo das idéias, o mundo dos textos, que se apresentavam aqui como meus informantes e que forneceram os dados sobre as descrições e comentários⁴⁵ teórico-metodológicos. Essa análise resultou no texto da tese.

A terceira fase previa um re-visitar e uma re-análise dos fatos epistemológicos encontrados nos textos analisados, através do contato direto e de entrevistas com os intelectuais que ainda pudessem ser ouvidos. Buscar-se-iam, neste contato, novos fatos sociais que clareassem as discussões presentes nos textos já analisados. Infelizmente, os imponderáveis da vida fizeram com que esta fase não fosse totalmente cumprida.

Do contato teórico e acadêmico com a sociologia e antropologia do campesinato detectei modelos explicativos que concebiam a prática teórico-metodológica sobre a temática rural oscilando num movimento que era descrito como supostamente pendular, que ia ora em direção à abordagem macro-estrutural, ora em direção a um debruçar mais micro e detalhado por sobre o objeto de pesquisa. Na verdade, este movimento da teoria, da pesquisa, do ensino, mais do que pendular, parece completar o círculo hermenêutico espiralado das indagações que o atravessam. As questões teórico-metodológicas e políticas não solucionadas sobre a realidade agrária e nacional têm provocado o rompimento de elos da espiral no sentido de buscarem novas soluções e de encontrarem as bases de um campo intelectual próprio, que pudesse responder às indagações teóricas, seja numa perspectiva macro-

⁴⁵ Muitas vezes senti-me como Evans-Pritchard entre os Nuer. Se os textos não são sabotadores de uma investigação, colocam-se, diante de nós, como informantes objetivos e frios frente às questões que propomos. Respondem até certo ponto, levam-nos a buscar nas entrelinhas por respostas que só o contato concreto com o autor do texto poderia nos dar. Este é um universo que também causa-nos bastante 'nueroses'. (EVANS-PRITCHARD, 1978: 18-9).

estrutural ou micro-estrutural⁴⁶, porém dialeticamente integradas no mesmo processo de produção de um saber disciplinar.

A partir de recortes disciplinares, busquei a contribuição da prática discursiva teórico-metodológica da antropologia e da sociologia. Tratava-se de tentar descobrir a linhagem de sistemas de categorias e noções chaves para o debate sobre a questão agrária dos anos 60 até finais dos anos 70 e de recuperar o debate sobre a natureza da agricultura brasileira e das relações sociais desenvolvidas no meio rural. Estes estudos refletiam a trajetória intelectual de autores que foram acumulando, com seus textos e práticas disciplinares, um acervo intelectual cujas reflexões teórico-metodológicas construíram determinados modos e modelos de interpretar e analisar a realidade agrária brasileira. Neste exercício procurei apreender os avanços, mesmo que às custas dos obstáculos epistemológicos, acadêmicos, políticos e culturais enfrentados pelos cientistas sociais que se debruçaram analiticamente por sobre os processos sociais ocorridos na sociedade agrária brasileira. (LOPES, 1997).

O universo dos debates teórico-metodológicos, aos poucos, foi mostrando a existência de uma interseção de práticas discursivas elaboradas a nível da academia, da Igreja Católica e de partidos de esquerda, em especial do PCB, que marcaram profundamente as discussões temáticas, teóricas e metodológica do campo intelectual sobre o rural, gerando uma rica interdisciplinaridade⁴⁷ na troca/elaboração de saberes. (idem)

⁴⁶ É como nos aponta Fernandes: ...a unidade lógica da ciência faz que todos os ramos do conhecimento científico sejam solidários entre si, concorrendo... para a consecução dos fins cognitivos (empíricos, teóricos e práticos) do pensamento científico... [Assim], o edifício da ciência como um todo se altera continuamente, de acordo com os progressos da investigação fundamental e seus reflexos na organização do universo intelectual do cientista. (FERNANDES, 1961: 454) A busca das regularidades e uniformidades presentes neste movimento teórico-metodológico indica-nos a ordem e regras sociais e acadêmicas existentes neste campo intelectual que estão em constante movimento.

⁴⁷ Barthes lembra que ...O interdisciplinar, de que tanto se fala, não está em confrontar disciplinas já constituídas das quais, na realidade, nenhuma consente em abandonar-se. Para se fazer interdisciplinariedade, não basta tomar um 'assunto'

Os dados encontrados na análise dos fatos epistemológicos mostraram que, a partir dos recortes teórico-metodológico e cronológico, a questão agrária poderia ser analisada com base em dois eixos temático-epistemológico: o denominado dos processos agrários macro estruturais⁴⁸ e um outro, que posteriormente resgatava os processos sociais agrários internos⁴⁹, histórica e academicamente interligados. A partir da prática da pesquisa de campo e da observação empírica, novos elementos foram sendo trazidos para a prática teórico-metodológica. Descobriu-se que o objeto rural em "carne e sangue" também era composto pelos seres humanos produtores de símbolos e de sentidos próprios.

Ficou claro que o saber construído teórico e metodologicamente seguia diferentes modelos teórico-metodológicos (evolucionista, difusionista, funcionalista, estruturalista e/ou marxista) e era captado, recortado, descrito e analisado de acordo com a filiação institucional e profissional dos cientistas sociais. Faziam parte deste universo teórico as indagações sobre os problemas ligados à

(um tema) e convocar em torno duas ou três ciências. A interdisciplinariedade consiste em criar um objeto novo que não pertença a ninguém. O texto é, creio, eu, um desses objetos. (BARTHES, 1988: 99). Para mim, a questão agrária conseguiu ser o objeto deste encontro e diálogo disciplinar.

⁴⁸ Uso o conceito de processo agrário macro estrutural para referir-me às análises teórico-metodológicas que refletiram sobre a realidade social agrária, a partir da conjuntura histórica, econômica e social da formação social do país e da articulação intersetorial, associando-a à lógica e ao processo de desenvolvimento e acumulação capitalista. Um estudo inicial sobre as principais questões empíricas e teóricas, presentes na sociologia e antropologia rural, mostrava a existência de um movimento teórico diacrônico, que privilegiava os grandes marcos teóricos, que ressaltavam categorias estruturais, econômicas, políticas, sociológicas, tais como modo de produção, sistema feudal, sistema capitalista, sistema escravista, luta de classes, exploração da força produtiva, entre tantas outras. Estas discussões envolviam questões teóricas relativas à constituição do sistema fundiário brasileiro; a vinculação terra/capital/trabalho; progresso técnico e a modernização da agricultura brasileira; a formação dos complexos agro-industriais; a atuação do Estado; a questão camponesa, entre outras.

⁴⁹ Uso a terminologia processos sociais agrários internos para referir-me aos estudos que primaram pela análise e reconstrução das relações sociais presentes na pequena produção e nos conflitos e lutas entre grupos e classes sociais. Nestes estudos foram usadas categorias que não eram demarcadas apenas pelo recorte disciplinar da história e da economia, ou definidas a partir da lógica do capital, mas que resgatavam a dimensão simbólica e a lógica interna da produção camponesa.

questão agrícola e agrária⁵⁰, às relações sociais de produção e de trabalho na agricultura, às lutas sociais, à violência rural, entre tantas outras questões. Privilegiei, no entanto, a análise de alguns aspectos da sociologia e antropologia do campesinato, apesar de reconhecer que a problemática trabalho assalariado rural era um outro pilar das pesquisas feitas sobre a questão agrária não só pela academia, como pelos partidos de esquerda e pela Igreja Católica, naquele período, conforme já mencionei na Introdução desta tese.

Percebe-se que, através do saber elaborado nas práticas disciplinares, os intelectuais buscavam por uma saída econômica, política ou social para os impasses vivenciados pela população rural; por alternativas para a estagnação agrícola do país e por uma resposta às questões ligadas ao desenvolvimento e subdesenvolvimento nacional. É no bojo destes textos que encontramos aqueles que vincularam a questão agrária à atuação da Igreja Católica no meio rural, que ligaram a prática acadêmica ao movimento político desenvolvido pelos partidos políticos e pela Igreja Católica. Era um momento histórico de resistência frente às repressões e abuso dos direitos civis praticados pelo governo militar de 64. (LOPES, 1997).

A volta e reviravolta espiralada por sobre fatos sociais e fatos epistemológicos foram desvendando aspectos cada vez mais sutis das análises sociológicas e antropológicas e demonstraram a

⁵⁰ Segundo Graziano da Silva, ...a separação entre questão agrária e questão agrícola é apenas um recurso analítico. (GRAZIANO DA SILVA, 1980b: 10). Sigo a definição dada por ele sobre a questão agrícola e a questão agrária. A primeira diz respeito ...aos aspectos ligados às mudanças na produção em si mesma: o que se produz, onde se produz e quanto se produz. Já a questão agrária está ligada às transformações nas relações de produção: como se produz, de que forma se produz. (idem: 11). Ainda segundo este autor a ...história brasileira sempre foi marcada por crises agrícolas e agrárias de sinal negativo. (GRAZIANO DA SILVA, 1985: 6). A reforma agrária foi apresentada ...no final dos anos 50 como a solução simultânea para a crise agrícola e para a crise agrária: aumentaria a oferta de alimentos e eliminaria o latifúndio que entrevava a expansão das relações capitalistas de produção no campo. (idem: 9). Dada a não solução da questão agrícola e da questão agrária no Brasil, a reforma agrária aparece, recorrentemente, nos vários debates sobre a questão agrária.

presença do diálogo que interliga tudo. Este movimento espiralado do sentido, do significado, da percepção, da consciência, mostra que tudo se inter-conecta num único processo: sujeito+objeto+texto+leitor+saber+contexto+consciência. O grande desafio é transmitir tudo isto no texto elaborado.

1.4.1. Um mapeamento do campo de pesquisa a partir de fatos sociais e fatos epistemológicos obtidos através de entrevistas e encontro científico

A pesquisa bibliográfica inicial, a leitura de vários textos e as primeiras entrevistas realizadas com Carlos Rodrigues Brandão⁵¹ e Regina Reyes Novaes⁵² apontaram pontos capazes de dar sustentação ao mapeamento feito com os dados etnográficos e aos rumos e condução desta pesquisa:

1ª) Era possível destacar os autores conformadores e defensores de um novo arcabouço de idéias e ações presentes na relação Questão Agrária e Igreja Católica. As influências destes autores e do contexto sócio-cultural sobre a prática disciplinar dos que escreveram sobre a temática agrária eram fortes. Existia uma interconexão entre a prática discursiva religiosa da ala progressista da Igreja Católica com as práticas discursivas e os saberes disciplinares elaborados pelo campo intelectual que tratava da questão rural e as práticas dos partidos de esquerda. (LOPES, 1997). Pensar sobre o recorte temático questão agrária, a partir das disciplinas aqui consideradas, envolvia uma reflexão sobre as confluências e influências das práticas discursivas academicamente elaboradas e as da Igreja Católica ou

⁵¹ A entrevista realizada com Carlos Rodrigues Brandão ocorreu no final da tarde de 14/11/91, ao redor de uma das mesas instaladas ao ar livre no pátio do IFCH/UNICAMP, gravador ligado e esquemas sendo rabiscados para melhor apresentação dos dados.

⁵² A entrevista com Regina Reyes Novaes foi realizada juntamente com a de Nair Costa Muls, num restaurante belorizontino, ao som de músicas portuguesas, num intervalo de almoço e embarque, no dia 22/12/93.

do Partido Comunista Brasileiro, entre outras. Os textos a serem estudados para resgatar essas discussões deveriam ser especialmente os daqueles intelectuais que, de dentro ou de fora⁵³ da Igreja Católica, escreviam sobre esta temática, seja para questionar ou justificar as políticas, as teologias ou pastorais elaboradas para o meio rural.

2ª) Era possível responder à questão inicial dessa tese através do resgate do debate intelectual entre acadêmicos e igrejeiros⁵⁴. A Igreja Católica, enquanto instituição, era o objeto das investigações. Assim, a análise deveria desvender o papel desempenhado pela Igreja Católica nas políticas do Estado voltadas para o meio rural; ou nos movimentos de contestação social rural (Ligas Camponesas, Sindicatos Rurais, Comissão Pastoral da Terra, Comunidades Eclesiais de Base, Movimento dos Sem Terra, etc.); ou nas formas populares de expressão religiosa (catolicismo popular, cultura popular, práticas de solidariedade, valores sagrados conformadores de uma visão de mundo, etc.).

3ª) Era também possível manter a questão inicial da pesquisa da tese, ou seja, o entrecruzamento das temáticas questão agrária e Igreja Católica, apenas como pano de fundo para a feitura do estranhamento do saber disciplinar produzido pela abordagem antropológica e sociológica, no que concerne ao encontro de práticas discursivas, num momento de atuação da Igreja Católica no meio rural, especialmente nas áreas de fronteira agrícola. Conduzi, portanto, a pesquisa na direção desta última ordem de questionamentos.

A partir da análise de textos teóricos e da identificação de dados epistemológicos e sociais que permeavam a construção acadêmica de saberes disciplinares (antropologia e sociologia do campesinato)

⁵³ Categorias utilizadas por Carlos Rodrigues Brandão em entrevista (14/11/91).

⁵⁴ Categoria empregada por Carlos Rodrigues Brandão em sua entrevista em 14/11/91.

ficava claro que, num primeiro momento, pelo menos três trajetórias intelectuais deveriam ser etnografadas: Otávio Guilherme Velho, José de Souza Martins e Carlos Rodrigues Brandão.

Iniciei a pesquisa etnográfica pela entrevista com Carlos Rodrigues Brandão por vários motivos: Brandão é reconhecidamente um expoente intelectual no estudo sobre o campesinato (LOPES, 1990a; 1990b; 1990c); foi participante do movimento da Igreja desde os anos 60; tem pesquisado vários aspectos da religião popular e do campesinato; possui uma vasta produção antropológica sobre estas temáticas, embora não tenha analisado a Igreja enquanto instituição propriamente dita. Foi um pioneiro no estudo do catolicismo popular, da cultura popular, relacionando estes temas ao estudo do campesinato. Através de assessorias prestadas junto ao Movimento de Educação de Base (MEB), às Comunidades Eclesiais de Base, à Comissão Pastoral da Terra (CPT), Brandão estabeleceu a vinculação das temáticas questão agrária e Igreja Católica. Iniciou suas atividades docentes na UNICAMP em 1978, como aluno do Programa de Doutorado na USP, sob a orientação de José de Souza Martins na fase final da pesquisa, quando da morte de seu primeiro orientador Duglas Teixeira Monteiro. Esteve antes ligado à Universidade de Brasília. Foi colega de turma de Otávio Velho. (idem). Como a questão inicial da pesquisa de tese foi reformulada, a análise do trabalho intelectual de Brandão foi parcialmente abandonada. No entanto, utilizo algumas citações da entrevista realizada com ele no corpo dessa tese por sua riqueza de informações e por fornecer dados complementares para uma melhor compreensão dos fatos epistemológicos obtidos em alguns dos trabalhos de José de Souza Martins e Otávio Velho. Nesta mesma direção também justifica-se o uso de

trechos da entrevista realizada com Regina Reyes Novaes⁵⁵, que foi aluna de Otávio Velho e Moacir Palmeira no Museu Nacional/UFRJ e de José de Souza Martins na USP, quando do seu doutorado.

Moacir Palmeira e Otávio Velho eram referências intelectuais obrigatórias quando se mencionava o Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Museu Nacional (PPGAS) e a questão do campesinato no nordeste e nas áreas de expansão do capitalismo na Amazonas Legal. Tanto Palmeira, Velho e seus orientandos no Museu Nacional, quanto José de Souza Martins e seus orientandos na USP eram referências para um tipo de debate desenvolvido sobre a questão do campesinato (modo de produção camponês, *plantation*, fronteira, relações de produção não capitalistas, etc.). Todos eles foram, reiteradamente, mencionados por outros pesquisadores como pertencentes a uma teia de relações sociais e acadêmicas ligada a esta discussão.

A análise de alguns dos textos de Martins e Velho se fazia necessária para o resgate de um debate que se apresentava como fundamental para se entender a questão da fronteira, da terra de trabalho, da terra de negócio, da existência ou não de um modo de produção camponês, da natureza da agricultura brasileira, quando a Igreja Católica se transformava no espaço social e político das resistências e alternativas para o campesinato.⁵⁶

⁵⁵ A realização da entrevista com Navaes, na primeira fase da pesquisa tornou-se importante dado o inquestionável envolvimento de Novaes com temas ligados à Igreja Católica e movimentos sociais rurais; por seu conhecimento do campo religioso e de seus estudiosos; pelas assessorias e pesquisas realizadas junto a centros de estudos sobre a religião.

⁵⁶ Um levantamento elaborado na fase inicial dessa pesquisa já mostrava que o entrecruzamento dessas temáticas, era fruto de uma reflexão acadêmica e política sobre a ação pastoral e política da Igreja Católica no nordeste e nas frentes de expansão da fronteira agrícola na Amazônia Legal. Existia uma disputa pelo destino das populações rurais entre a Igreja Católica e partidos de esquerda. Em texto denominado Eixo das práticas discursivas- A interseção de práticas discursivas sobre o rural: academia, partido político e Igreja Católica, discuto a interseção de práticas discursivas sobre o rural, quando a academia, a Igreja Católica e o PCB procuravam organizar um saber teórico e/ou uma forma política de organização do setor rural. (LOPES, 1997). Várias pesquisas passaram a indicar a existência de conteúdos simbólicos, políticos e míticos para categorias outras (terra prometida, terra liberta, terra de trabalho, terra de negócio, besta-fera, cativo, luta dos posseiros, atuação das Comunidades Eclesiais de Base

Otávio Velho, antropólogo vinculado ao Museu Nacional/UFRJ e pesquisador sobre agricultura e campesinato, envolveu-se num debate contra o populismo católico da teologia da libertação nos anos 70. Pesquisou na Amazônia Legal e manteve uma posição divergente no debate teórico-metodológico com José de Souza Martins e Moacir Palmeira.

Martins, sociólogo ligado à USP, encontrou-se com a igreja progressista via questão agrária, na década de 70, tornando-se assessor da CPT (Comissão Pastoral da Terra)⁵⁷.

A análise de alguns dos textos de Moacir Palmeira se fez necessária dada a proposta alternativa deste autor para o entendimento da agricultura nordestina. Palmeira e seus orientandos colocavam-se implicitamente, enquanto intelectuais aliados, no debate Martins/Velho, a favor de

apoiadas pela ala progressista da Igreja Católica, CPT, etc), que não as meramente econômicas. Conforme textos de VELHO, 1976; 1981; 1982; 1987; MARTINS, 1979b; 1979c; 1980a; 1980b; 1980c; 1981b; MUSUMECI, 1988, entre outros.

⁵⁷ A CPT, foi um movimento iniciado em Goiânia em 1975, para refletir sobre os problemas da terra. Segundo Novaes a ...CPT nasce no contexto das Comunidades Eclesiais de Base, caminho que a Igreja encontra para uma Igreja que nasce do povo'. O termo 'agente pastoral' pretende definir as diferenças clássicas entre hierarquia/laicato atuante/Bases. Os agentes pastorais podem ser bispos, padres, freiras, assim como leigos de diferentes classes sociais. O projeto da CPT não era fundar 'sindicatos de linha cristã', nem ser um centro de encontro, diálogo, reflexão profunda de pessoas comprometidas com a construção de um mundo a serviço dos homens, mas sim 'acompanhar e apoiar o movimento camponês', através do trabalho de agentes pastorais e assessores, católicos ou ateus, que tenham 'compromisso com a luta do povo' que se identifiquem com o povo. (NOVAES s/d: 17). A CPT ...nasceu [do] encontro da 'Amazônia Legal', em 1975. Nasceu marcada com esta missão eclesial: colaborar para que as Igrejas locais conhecessem a realidade da vida do seu povo. Tal tarefa tinha como base a certeza de que a pastoral somente poderia ser correta se fosse uma resposta aos desafios presentes na vida das comunidades. (COMISSÃO PASTORAL DA TERRA, 1983: 71). É importante ressaltar que tanto a Igreja Católica quanto a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil trabalham na CPT, assessorando o Movimento dos Sem Terra. Vide MARTINS, 1984a: 98-103. Segundo Martins: Frequentemente, nas reuniões da CPT há presença de pastores e bispos metodistas e na própria assembléia da CNBB os luteranos tem estado representados. Muitos protestantes, inclusive pastores perseguidos ou incompatibilizados com suas igrejas, (...), foram acolhidos no trabalho de pastoral social da Igreja Católica, embora continuassem sendo protestantes. (MARTINS, Carta-resposta, 02/06/97: 3). Sobre a ação pastoral da CPT, a prática de seus agentes, sua relação com a questão agrária e/ou com outras igrejas, vide FERREIRA, 1979: 48-9; COMISSÃO PASTORAL DA TERRA, op cit, em especial cap.3; MEDEIROS, 1989: 112-14; MARTINS, 1994: 145-169; 1997a: 130-140; 1997c: 70-8; CASALDÁLIGA, 1997: 79-84; POLETTO, 1997: 21-70; SECRETARIADO NACIONAL DA CPT, 1997: 177-272.

Martins e contra Velho/orientandos, por outras questões teóricas (como a da existência ou/não da especificidade da produção camponesa).

As práticas de pesquisa de campo desenvolvidas por Palmeira e Velho surgiram como cruciais no Programa de Pós-Graduação do Museu Nacional/UFRJ, na execução de projetos coletivos regionais de pesquisa e na orientação de um grande número de pesquisadores. Estas práticas indicavam a necessidade de um recorte teórico-metodológico capaz de destacar categorias analíticas e empíricas, a nível mais micro, que esmiuçassem a realidade interna e sincrônica do universo camponês. As categorias analisadas eram as que procuravam entender como se constituía/reproduzia, culturalmente e simbolicamente, o mundo camponês.⁵⁸

Se a Igreja Católica não era objeto específico de análise para todos estes autores, a nível prático, enquanto agente de mudanças sociais nas áreas de fronteira na Amazônia Legal, ela fornecia a base empírica para as divergências teóricas e políticas, que se expressavam nos debates em curso. (LOPES, 1997).

Caio Prado Júnior, apesar de excluído da academia, era referência obrigatória no debate do feudalismo x capitalismo, que constituía o pano de fundo das discussões que envolviam todos os autores acima mencionados. Por isto, a obra de Prado Júnior referente à questão agrária foi incluída nesta etnografia, principalmente porque ela representou uma nova forma de ...estudar a história através das relações sociais e econômicas, através da ...tradição da história social marxista, através da ...convicção de que é

⁵⁸ A criação dos cursos de pós-graduação nos anos 60, a valorização do trabalho etnográfico, o uso da observação participante para a coleta de dados sobre a realidade pesquisada e a elaboração de projetos de pesquisas regionais contribuíram para estas redefinições. Temas como: frentes de expansão, frente pioneira, fronteira agrícola, trabalho familiar, trabalho migrante, processo de capitalização/proletarização da economia camponesa, especificidade da produção camponesa, modo de produção camponês, relações de produção não capitalistas, *plantation*, são alguns dos muitos que passaram a ser pesquisados.

preciso mudar esta nossa sociedade tão desigual, tão cruelmente violenta... (D'INCAO, 1989: 9). De uma forma ou de outra, a obra deste autor era referência obrigatória para o estudo da formação histórica do Brasil, por apresentar ...uma ampla pesquisa sobre aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais da Colônia, Império e República. (IANNI, 1989: 63). Prado Júnior foi ...o fundador da interpretação dialética do Brasil (idem: 73) e fonte de inspiração para vários intelectuais. (idem: 74-6).

O uso nessa etnografia de alguns trechos dos debates apresentados no XVI Encontro Nacional da Associação PIPSA⁵⁹, enquanto material etnográfico, se justifica pela importância desta associação para o estudo da questão agrária. Na Mesa Redonda Repensando a Questão Agrária (7 a 9/12/92) coordenada pela Prof. Leonilde Sérvo Medeiros, os professores Manuel Correia de Andrade, José Vicente Tavares dos Santos e José Graziano da Silva apresentaram uma re-avaliação de

⁵⁹ Várias foram as associações de profissionais criadas para consolidar ainda mais as práticas discursivas, as práticas de pesquisa e docência sobre a questão agrária. Dentre elas destacam-se a Associação Brasileira de Antropologia (ABA), a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), o Projeto de Intercâmbio de Pesquisa Social em Agricultura (PIPSA). (SIGAUD, 1990; CORRÊA, 1993; TAVARES DOS SANTOS, 1988). O PIPSA ...foi criado em 1979 com apoio da Fundação Ford, como parte das atividades do então Centro de Pós-Graduação em Desenvolvimento Agrícola da Escola Interamericana de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro. Em 1990, esse projeto transformou-se numa associação independente de pesquisadores profissionais voltados para o conhecimento dos aspectos sócioeconômicos da agricultura (Associação Pipsa). (Boletim APIPSA, 1996: 2). Os pesquisadores ligados à associação APIPSA têm se proposto, através de grupos temáticos, grupos regionais e coordenadores, refletir e orientar trabalhos de pesquisas sobre temas específicos (Agricultura na Amazônia; Agroindústria, Cooperativas e Grande Produção Agrícola; Agricultura Familiar; Instituições e Políticas Públicas; Movimentos Sociais no Campo; posteriormente Agricultura, Meio Ambiente e Condições de Vida) ou temas sobre a realidade agrária, que a conjuntura política, econômica e social impõem de imediato à sociedade e aos intelectuais, numa tentativa de aperfeiçoar ou buscar soluções teórico-metodológicas para a pesquisa e o ensino. Segundo Sigaud, ...o PIPSA se constitui certamente num fórum mais expressivo não apenas no que se refere ao número de pessoas, mas ao volume de trabalhos e à diversidade de abordagens. É lá também que se debatem dentro do espaço acadêmico as questões da conjuntura do 'campo' com aqueles que atuam nos órgãos de Governo e com representantes sindicais. (SIGAUD, 1990: 13). Ao coordenar a Mesa Redonda: Repensando a Questão Agrária, Leonilde Medeiros fez o seguinte relato sobre o APIPSA: ...A mostra mais evidente do recorte acadêmico deste debate é a própria existência do PIPSA, que tenta, enquanto rede de pesquisa e intercâmbio sobre o rural cruzar a experiência que é desenvolvida na universidade com a experiência do pessoal que trabalha, principalmente, em instituições públicas de pesquisa. Foi no bojo destes debates produzidos na academia e nos diversos encontros que se constituem a partir daí que se constituíram, enquanto questões de pesquisas sociológicas, antropológicas e econômicas, algumas das dimensões do que hoje chamamos questão agrária... (MEDEIROS, Mesa Redonda/APIPSA: 7/12/92).

suas atividades intelectuais e engajamentos político-social bastante elucidativa do campo intelectual, onde se processavam estes debates.

Mais do que resgatar todo um debate sobre Igreja e sobre temas ligados à questão agrária enveredei-me pelo resgate do significado dos debates em curso. O que separava ou juntava os que se dedicavam a uma sociologia e a uma antropologia do campesinato? Quais eram os interlocutores institucionais que influenciavam na produção de um saber disciplinar sobre o rural? Seria importante não perder de vista que o contexto sócio-político dos anos 60-70 interconectava a prática política do PCB, a atuação pastoral da Igreja Católica e os debates conduzidos por alguns dos intelectuais ligados à questão agrária. (LOPES, 1997).

Parte dos dados obtidos nas entrevistas realizadas e no XVI Encontro Nacional da Associação PIPSA auxiliaram-me a delinear os contornos da construção de uma prática disciplinar sobre o campesinato. Esta foi perpassada por conflitos advindos de conceitos cristalizados, de modelos teórico-metodológicos conformadores de posicionamentos político-ideológicos e de certa cumplicidade ou desavenças pessoais e existenciais. Buscava-se uma solução para a questão do campesinato, naquele momento histórico de grandes transformações sócio-econômicas na agricultura brasileira. Entre a busca do ideal e do real encontravam-se práticas teórico-metodológicas que, além da elaboração do saber disciplinar, refletiam sobre as soluções possíveis para todas estas transformações e questões.

CAPÍTULO 2

DEBATES E DIÁLOGOS NA CONSTRUÇÃO DE UM SABER DISCIPLINAR: PROCESSOS SOCIAIS MACRO-ESTRUTURAIS (ANOS 60-70)

O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão.
(GUIMARÃES ROSA, 1985: 21)

2.1. O debate sobre os processos sociais agrários macro-estruturais

Para se entender a discussão teórico-metodológica presente nos anos 60 é preciso não perder de vista sua relação com a ocorrida nas décadas anteriores e identificar através delas de que modo os debates foram sendo criados, rompidos ou recriados nas décadas seguintes.

O debate inicial para desvendar a natureza das relações sociais constituídas na agricultura brasileira foi desenvolvido até os anos 30 pelos historiadores, que elaboraram e difundiram uma explicação teórica, globalizante e abstrata¹ sobre esta realidade.

Até a publicação da obra *História econômica do Brasil* (1937) de Roberto Simonsen, acreditava-se no caráter feudal do regime político e econômico transposto de Portugal à sua colônia brasileira.² Simonsen criou um novo modelo interpretativo³, ditado pela

...derrota sangrenta da insurreição paulista de 1932... [quando]... a classe dirigente da nova metrópole industrial do país [quis] reinterpretar a história nacional. (TOPALOV, 1978: 14).

Para Palmeira, esta interpretação constitui-se no passo inicial para a mudança nos rumos teórico-metodológicos do debate iniciado pelos historiadores sobre a existência ou não do feudalismo

¹ Palmeira cita que o Movimento Modernista de 1922 foi um marco na vida intelectual brasileira e na década de 30 ocorreu a valorização da pesquisa formal, a defesa do nacionalismo e a renúncia aos modelos estrangeiros. (PALMEIRA, 1971: X-XI). No entanto, tais mudanças foram ainda tênues sobre os modelos explicativos da natureza da sociedade rural brasileira, que continuaram baseando-se e reproduzindo, até os anos 60, modelos teóricos e categorias abstratas estrangeiras.

² Este debate histórico refere-se ao modo de produção e às instituições transplantadas da metrópole à colônia brasileira, quer referido ao regime feudal ou capitalista. Para referência dos autores e principais argumentações vide: PALMEIRA, 1971: 1-23; TOPALOV, 1978: 27-45.

³ Segundo Topalov, Simonsen chegou a uma interpretação oposta quanto a colonização do país. Ou seja, ...na época da descoberta, Portugal já não vivia em regime feudal: o rei é um 'autêntico capitalista', seus vassallos chegam ao Novo Mundo com o desejo de enriquecer. Os poderes que lhes são delegados têm apenas o objetivo de assegurar-lhes lucros: apenas a forma jurídica dessa concessão assemelha-se às instituições feudais. Seu conteúdo, em compensação, é exclusivamente capitalista (SIMONSEN, 1973, pp.124-127). (*apud* TOPALOV, 1978: 14).

no Brasil, cuja argumentação central defendia a presença do feudalismo como uma "legislação transplantada" de Portugal para o Brasil. (PALMEIRA, 1971).

À luz de fatos econômicos, Simonsen afirmava que o Brasil jamais conhecera o feudalismo. Segundo Palmeira, apesar de sua rica contribuição, Simonsen não conseguiu libertar o debate da influência das discussões dos historiadores e da crença na existência de um feudalismo brasileiro. O livro não teve o impacto e o reconhecimento devidos nos anos 30. (idem: II-III).

Caio Prado Júnior entrou neste debate em defesa da tese do capitalismo⁴. Em 1945 escreveu também um livro intitulado **História econômica do Brasil**, sob a ótica marxista, quando passou a considerar a ...formação econômica do Brasil como um elemento de um fenômeno mais amplo: a expansão comercial dos países capitalistas europeus. (TOPALOV, 1978: 15).

A análise destes dois autores acrescentou aos modelos teórico-metodológicos, feitos sob o olhar disciplinar da história e do direito jurídico⁵, uma interpretação que explicitava os aspectos econômicos⁶ da realidade brasileira e resgatava questões de natureza mais política e sociológica.⁷

⁴ Segundo Martins, Caio Prado Júnior questionou a ...orientação dos que definiam como feudais ou semi-feudais as relações de produção no campo. Indicava como, na verdade, relações do tipo parceria e colonato teriam se constituído em variantes de relações capitalistas de produção. (MARTINS, 1979c: 10).

⁵ Estes estudos explicitam os instrumentos jurídicos de concessão de terra aos donatários e sobre as instituições feudais. (TOPALOV, 1978: 14-7).

⁶ A disciplina economia destacou-se, nas décadas de 50 a 70, como um novo saber disciplinar em busca de saídas teóricas e práticas para os impasses vividos pela sociedade nacional, passando ...a desfrutar de uma posição central, abrangente e formuladora dos cânones a serem seguidos pelas Ciências Sociais. (OLIVEIRA, 1995: 294).

⁷ É importante lembrar que desde as análises de Gilberto Freyre (1933) e Victor Nunes Leal (1948) estavam sendo resgatadas as dimensões sociológicas e antropológicas da discussão sobre a formação da sociedade rural brasileira.

Para Martins, no entanto, cometeu-se um erro metodológico nestes estudos, quando o ...procedimento classificatório [descartou] a constituição das relações, tensões e determinações que se expressam nas formas assumidas pelo trabalho.⁸ (MARTINS, 1979a: 11).

Nos anos 60, o debate teórico-metodológico procurava explicar a natureza e a constituição da agricultura brasileira, privilegiando aspectos históricos e utilizando-se de categorias macro-estruturais, econômicas e políticas. Este debate envolvia teses como a do feudalismo⁹, do capitalismo¹⁰, associadas/ou não ao trabalho escravo¹¹.

⁸ A hipótese de Martins é a de que ...o capitalismo, na sua expansão, não só redefine antigas relações, subordinando-as à reprodução do capital, mas também engendra relações não-capitalistas igual e contraditoriamente necessárias a essa reprodução. (MARTINS, 1979b: 19-20).

⁹ Várias foram as expressões empregadas: feudalismo (Oliveira Viana, Nestor Duarte, etc.), setor semi-feudal e agricultura pré-capitalista (Celso Furtado), estrutura formalmente capitalista com resíduos feudais (Paul Singer), etc. Vide em Topalov pontos desta discussão. (TOPALOV, 1978: 11-28). Algumas destas questões referem-se ao sistema econômico (circulação, relações de produção), tipo de mentalidade coletiva da estrutura de poder político, da organização das classes sociais. (idem: 26-62) Alberto Passos Guimarães (1968), representou no Brasil, um dos principais expoentes desta vertente nos anos 60. Para ele, o feudalismo estava em fase de desagregação e se propôs a ...estabelecer e avivar as relações de causa e efeito que motivaram os avanços e os recuos, os êxitos e os insucessos do sistema latifundiário brasileiro (PASSOS GUIMARÃES, 1968: 1), já que este constituía o ...reduto das sobrevivências coloniais e feudais que [estrangulavam] o desenvolvimento da agricultura e da economia brasileira. (idem: 226). Esta estrutura é ...verdadeiramente semifeudal e semicolonial, apresenta características fundamentais do pré-capitalismo. (idem: 38) Sua postura teórico-política contra a tese capitalista para explicação da natureza da agricultura brasileira, veicula uma proposta de reforma agrária mais avançada. Segundo Passos Guimarães, se se admitir que ...a estrutura agrária existente em nosso país foi, desde os mais remotos tempos, e continua sendo capitalista, está-se admitindo, por coerência, a inoportunidade e a desnecessidade de uma reforma revolucionária, de uma mudança democrática dessa mesma estrutura. Que restaria por fazer, se se tratasse de tornar mais capitalista nossa estrutura agrária já capitalista? Deixá-la como está, inalterada, e injetar nela mais dinheiro, mais capital. (idem: 34) Ver em Moacir Palmeira (1971) a análise comparativa que faz do debate dos historiadores e dos sociólogos, representantes do debate do feudalismo x capitalismo no Brasil. Os principais pontos deste debate estão tratados, quer sob o recorte da base econômica a partir do recorte temático do conceito de modo de produção dominante dentro do regime econômico do país, do sistema de propriedade e monopólio da terra (através do conceito de latifúndio), das relações de produção, das relações de trabalho (parceria, arrendamento), das técnicas, das formas residuais (sistema de barracão e cambão), quer através do recorte das classes sociais em relação aos meios de produção. (PALMEIRA, 1971: 24-83; 102-112). Para os autores defensores da tese feudal, as relações de produção e de trabalho, associadas ao monopólio da terra determinam a natureza da exploração feudal. (idem: 66). Palmeira chama atenção para a presença do viés econômico, tanto nas teses do feudalismo quanto nas do capitalismo. Otávio Velho fala do preconceito economicista e de sua implicação sobre a concepção de reforma agrária, como no caso de Alberto Passos que a concebia como necessária. Para os defensores da tese do capitalismo, ela ...representaria um passo atrás dado o avanço (também) econômico do capitalismo no campo brasileiro. (VELHO, 1982: 104).

¹⁰ Para os defensores da tese capitalista é a ...natureza da exploração que determina o tipo de relação de produção e de trabalho. (PALMEIRA, 1971: 66). Para a análise das questões teóricas levantadas e autores defensores da tese do

Todas estas teses fundamentavam-se, teórica e metodologicamente, quer em categorias do estrutural-funcionalismo¹² ou do materialismo histórico¹³, para explicar o processo de acumulação

capitalismo vide: PALMEIRA, 1971: 24-83; 102-112; TOPALOV, 1978: 11-45; GNACCARINI & MOURA, 1983: 10-12; WANDERLEY, 1985: 14-37. Caio Prado Júnior colocou-se como defensor contumaz desta vertente, como se verá mais à frente. Para os desdobramentos dos estudos sobre o caráter capitalista da agricultura brasileira, vide referência feita por Wanderley sobre os trabalhos de José de Souza Martins e Sérgio Silva, que acabaram por solidificar esta perspectiva. (idem: 30-4). Para Martins, o grande erro presente neste debate, estava na análise parcial que era feita dele. Ou seja, para ele: Se tomarmos a maior parte da literatura brasileira que tratou da controvérsia capitalismo/feudalismo, veremos que, basicamente, os que viam feudalismo e pré-capitalismo no proprietário da terra, no latifúndio, faziam-no porque viam nele um obstáculo à expansão do capitalismo no campo, isto é, das relações capitalistas de produção. Há aí uma clara simplificação do problema, uma clara interpretação positivista e não dialética do processo do capital, um claro desconhecimento de que a propriedade da terra é uma relação social. A propriedade da terra é um obstáculo à expansão das relações capitalistas de produção, não porque o proprietário deva necessariamente converter-se em burguês, em capitalista, mas porque, como dizia Marx, a propriedade da terra, na figura do proprietário, ergue-se diante do capital para cobrar um tributo, para cobrar uma renda, sem o que esse capital não poderá expandir-se na agricultura e dominar o trabalho no campo. O proprietário da terra não é uma figura de fora do capitalismo, mas de *dentro*. (MARTINS, 1981a: 170).

¹¹ A escravidão é apontada como sobrevivência da antiguidade, como instituição capitalista, ou não capitalista. Para os defensores da tese do escravismo, o fundamental é a presença do trabalho escravo, se aproximando dos defensores da tese capitalista, não vendo a escravidão em oposição ao capitalismo, por ser uma forma de economia mercantil. Há também os que falavam de feudalismo escravista, ou capitalismo-escravista, semi-escravidão, semi-servidão. (PALMEIRA, 1971: 17-26; 30-5; 113-24). Com o Grupo de pesquisadores de São Paulo/USP dos 50/60, novas leituras teóricas passaram a ser feitas, através do questionamento da interpretação da realidade do escravismo moderno ao modelo de uma sociedade feudal. Sobre a contribuição de Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso e Octávio Ianni, na análise do processo histórico e sua relação com o capital, vide a obra de MARTINS, 1994: 55-6. Para Martins: Na interpretação do grupo de São Paulo, o escravismo se desenvolvera no corpo do próprio processo de expansão mundial do capital. Portanto, a contradição entre o capital e o escravismo não tinha a radicalidade da contradição que opusera o capital às relações feudais. (idem: 54-5). Martins lança novas questões neste debate, quando através dele explica o surgimento do trabalho livre. Consultar MARTINS, 1979b: 14-8.

¹² Vertente largamente criticada, por sua perspectiva não histórica e pouco crítica, caudatária da sociologia americana, fundamentou estudos ligados ao tipo e natureza da organização social rural; estratificação social; natureza da cultura rural; controle social, valores e normas sociais rurais; estrutura populacional, migração, vida da comunidade e sistema de vizinhança; estudos estatísticos sobre posse e uso do solo; educação e extensão rural; instituições rurais (religiosas, governamentais, comerciais, de saúde, partidárias, cooperativas). Esta tradição esteve presente nos estudos de comunidade e em estudos regionais. Para Tavares dos Santos a orientação funcionalista, foi responsável pela ...presença do pensamento conservador na Sociologia Rural brasileira, ainda mais por estar seguidamente marcado pela ideologia da modernização. (TAVARES DOS SANTOS, 1991: 29).

¹³ O debate marxista sobre o desenvolvimento do capitalismo na agricultura brasileira foi um dos mais hegemônicos. Fortemente marcado por uma vertente economicista, ele centralizou-se em torno de questões ligadas ao modelo clássico dos países desenvolvidos, quando buscava-se compreender a natureza do modo de produção dominante na agricultura, a relação do modo capitalista com os modos de produção que o precederam (feudal, escravista, pré-capitalista, etc.), o sistema de propriedade e extração da renda fundiária, as relações sociais existentes e mediadas pelo capital, o sistema de produção, reprodução e troca (mercadoria, mais-valia), o processo de industrialização e capitalização da agricultura. Esta polémica seguiu de perto os pressupostos teóricos da polémica Marx/Kautsky/Lenin/Chayanov, quanto à forma de expansão e dominação do modo de produção capitalista na agricultura, sua relação com a produção camponesa e com o processo de industrialização da agricultura e sua subordinação ao capital. A questão política que atravessava estas indagações ligava-se à

capitalista¹⁴ no Brasil. Muitos destes estudos privilegiaram os dados estatísticos dos censos agropecuários e demográficos e do cadastro rural.(TAVARES DOS SANTOS,1991: 39).

Ao lado deste quadro teórico-metodológico, encontrava-se o modelo de análise do dualismo¹⁵ que foi explicitamente formulado e introduzido no Brasil para dar conta de questões políticas e econômicas, como as apontadas por Linhares & Teixeira Silva

compreensão e defesa de determinada postura intelectual com relação à relação capital-trabalho, ou seja, a sobrevivência ou não da produção camponesa, que rumos adotar na defesa/ou não de uma reforma agrária, de políticas de mecanização e modernização da agricultura, da propriedade da terra e do capital, bem como, sobre os rumos das transformações no setor rural na luta democrática e socialista. Marx foi referência obrigatória para os que lançaram-se na discussão da renda fundiária. (MARX, 1980a). Kautsky foi inspiração para os intelectuais que analisaram a dominação do capital sobre a agricultura, a industrialização da agricultura, os mecanismos de resistência camponesa frente ao processo de expropriação e sua vinculação com o capital industrial. (KAUTSKY, 1977). Em Lenin fundamentaram-se os que analisaram a agricultura associada ao desenvolvimento do capitalismo, a concentração do capital, da propriedade, dos meios de produção, o processo de diferenciação social e econômica do campesinato e sua proletarização. (LENIN, 1974). Chayanov subsidiou aqueles que procuraram resgatar a organização social e demográfica da produção camponesa e sua vinculação com o processo de capitalização da agricultura. Mostrou como a produção camponesa deveria ser entendida através de sua lógica interna e das estratégias que encontrava para resistir ao capital. (CHAYANOV, 1981). Para aprofundamento destas questões vide os textos originais acima citados, bem como: AMIN & VERGOPOULOS, 1977; ABRAMOVAY, 1990: 1ª parte; TAVARES DOS SANTOS, 1991: 31-8. Da vertente marxista adveio a reflexão sobre a natureza da agricultura no Brasil através de categorias como: tendência do desenvolvimento capitalista, penetração do capitalismo no campo, mercantilização da produção, diferenciação social, burguesia rural, entre tantas outras.

¹⁴ Este conceito é central na análise sobre a questão agrária. Segundo Wanderley, a ênfase no processo de acumulação foi retirada da análise de Francisco de Oliveira sobre o âmbito das ...relações agricultura-indústria, cuja integração dialética é capaz de explicar as relações internas de cada setor (WANDERLEY, 1985: 27) e da integração inter-setorial. (idem: 28). Para desdobramentos desta discussão na economia, vide a análise da autora sobre a contribuição de Sérgio Silva (idem: 32-4). Na vertente sociológica José de Souza Martins apontou para ...as condições de reprodução e de subordinação [das] estruturas camponesas às formas vigentes do capital. (idem: 30). Consultar esta discussão no próximo capítulo. Para referência sobre o debate agricultura x acumulação capitalista, expansão do capitalismo no campo, industrialização do campo, processo de modernização e tecnificação rural, formação de mercado, produção e consumo, vide a resenha comentada de GNACCARINI & MOURA, 1983: 10-3.

¹⁵ Como apontam Linhares & Teixeira da Silva, o dualismo enquanto esquema de análise, foi ...introduzido no Brasil por dois franceses, Jacques Lambert e Roger Bastide, ambos sociólogos e professores em universidades brasileiras. De certa forma, direta ou indiretamente, no todo ou em parte, as principais correntes de interpretação das estruturas econômicas e sociais, não apenas do Brasil, mas dos países que tiveram um passado colonial, foram influenciadas, nesse período, pela concepção dualista, segundo a qual tais países apresentariam uma dualidade de estruturas: um setor 'aberto e moderno' e um setor 'fechado e arcaico'. (LINHARES & TEIXEIRA DA SILVA, 1981: 42). Era a concepção da existência de 'dois brasis' (CASTRO, 1972: 83). Para Topalov, Lambert inseriu o estudo da sociedade colonial e das estruturas sócio-política no Brasil ...num conceito mais amplo de 'dualismo estrutural'. (TOPALOV, 1978: 17). Tanto o livro de Jacques Lambert (Os dois Brasis), quanto o de Roger Bastide (Brasil, Terra de contrastes) foram escritos em 1959. Há em Bastide uma clara preocupação com a idéia de integração, onde as ...épocas históricas emaranham-se uma nas outras e

...os movimentos de rua e os consequentes debates sobre as mudanças que se impunham para a compatibilização do abastecimento interno, da necessidade de divisas com as exportações e do crescente parque industrial [que marcaram] os anos 50 e 60. Agora, obscurecida a idéia do 'país essencialmente agrícola' surgia a industrialização como sinônimo de desenvolvimento, forma de afirmação e autonomia face ao colonialismo. (LINHARES & TEIXEIRA DA SILVA, 1981: 37).

O modelo do dualismo procurava resolver questões ligadas ao subdesenvolvimento¹⁶ e encontrar uma saída política e econômica para o país. Nas várias modalidades de expressão da noção de dualismo, verifica-se que este esteve presente tanto no pensamento conservador quanto no pensamento liberal, tanto nas muitas nuances do debate da tese do feudalismo, quanto na tese do capitalismo, para a explicação da formação, natureza e contribuição do setor agrícola no processo de desenvolvimento capitalista do país.¹⁷

para analisá-las seria necessário ...descobrir noções de certo modo líquidas, capazes de descrever fenômenos de fusão, de ebulição, de interpretação. (BASTIDE, 1976: 15). Várias foram as vertentes explicativas sobre o dualismo, relacionando-o à ideologia desenvolvimentista (expansão do mercado interno); ou à ideologia conservadora que contrapunha o modo de produção capitalista com o feudal, o setor urbano ao setor rural, o moderno com o arcaico; ou à teoria da dependência (capitalismo periférico). Sobre o dualismo estrutural ver PALMEIRA, 1971: 99-102.

¹⁶ Para referência dos autores que introduziram esta discussão na literatura econômica, vide entre outros: TOPALOV, 1978: 18.

¹⁷ Castro mostra as várias posições teórico-metodológicas das análises sobre a agricultura brasileira, dividindo-as em quatro grupos. No primeiro encontram-se os autores que escreveram sob o olhar da dualidade, ou seja, da relação dicotômica existente nos diferentes modelos explicativos sobre as relações econômicas e sociais presentes na realidade brasileira. São exemplificativas as teses de Lambert (CASTRO, 1972: 83); Normano (idem: 84); as teses que defendiam a presença do sistema feudal na agricultura brasileira em suas várias vertentes (feudalismo, pré-capitalismo, resquícios feudais, etc.) No segundo grupo, encontram-se os autores que ...realçam os entraves que a agricultura teria imposto ao desenvolvimento do País. (idem: 82). É um debate sob o recorte disciplinar da economia (Américo L. Barbosa de Oliveira, Paul Singer, Warner Baer), quer referido à tese do feudalismo (Celso Furtado), quer à do capitalismo (a análise sobre as disparidades regionais de Gunder Frank). Consultar CASTRO, op. cit. 87-92. Em oposição, encontram-se aqueles para quem o setor agrícola não representou obstáculos ao desenvolvimento capitalista, como Delfim Netto, Ruy Miller Paiva, entre outros. A agricultura atenderia a função de gerar excedente de alimentos e matérias primas, liberar mão-de-obra, gerar mercado consumidor e transferir capitais (idem: 93-137), atendendo assim, aos ...requisitos do processo de desenvolvimento. (idem: 83). Finalmente encontram-se os autores que ...atribuem uma natureza ou ...'estágio' histórico distinto ao sistema de relações de trabalho, à estrutura de propriedade etc., imperantes na agricultura..., que é vista ...como um sistema com problemas internos e próprios. (idem: 83). Castro não especifica aqui os autores. Este é um debate sob o recorte disciplinar da história e da sociologia. Vide também TOPALOV, 1978: 17-24.

A crença na existência de um setor feudal explicado à luz do dualismo estrutural baseou-se num modelo que não só interpretava o atraso econômico brasileiro, mas que também defendia o rompimento com seu passado colonial, visto como o grande entrave para a modernização do país. A agricultura era a representante deste atraso, a expressão das "forças retrógradas e opressoras" (LINHARES & TEIXEIRA SILVA, 1981: 70) e contrárias, portanto, ao desenvolvimento econômico e político. O grande empecilho para o desenvolvimento urbano e industrial do país seria, assim, seu passado arcaico e rural.

Este debate refletia a conjuntura política dos anos anteriores, cujas principais marcas foram: a questão do subdesenvolvimento; a política do nacional-desenvolvimentismo¹⁸; as disputas políticas no interior do Estado quanto aos rumos do processo de industrialização, modernização, urbanização, êxodo rural; o pacto populista e sua crise¹⁹; as implicações da Aliança para o Progresso²⁰; a mobilização popular e movimentos de resistência ao Golpe de 64; as perseguições políticas, prisões e torturas executadas pelo Estado Militar contra os movimentos de esquerda e de contestação, tanto no

¹⁸ Como aponta Mantega, o ...desenvolvimentismo foi a ideologia que mais diretamente influenciou a economia política brasileira e também, de um modo geral, todo o pensamento econômico latino-americano... nos anos 40 e 50, inspirando planos de desenvolvimento a nível teórico através da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL). (MANTEGA, 1984:23).

¹⁹ O pacto populista já havia funcionado no passado e através dele eram redirecionadas as políticas governamentais que levariam ao desenvolvimento capitalista do país e o repensar das práticas partidárias e da atuação da Igreja Católica. A ideologia do desenvolvimentismo nacionalista esteve presente no pacto populista, que aliou as forças políticas, os setores econômicos e os vários grupos sociais, na defesa das relações de produção capitalista. As raízes históricas do populismo datam dos anos 30 a 64 e este movimento abrangeu uma ampla margem de consenso. Consultar: IANNI, 1973; ANDRADE, 1979.

²⁰ Segundo Bordin a criação da Aliança para o Progresso (1961) figurou como uma das medidas de controle, bem como, a luta anti-guerrilha, a elaboração da doutrina da segurança nacional, as ...violentas repressões contra o povo, a classe operária, camponeses, líderes sindicais, cristãos comprometidos, partidos populares etc, (BORDIN, 1987: 47, 48), durante o regime militar. Dentro da política do desenvolvimentismo, a América Latina foi pressionada pelo governo de Kennedy (USA), através da carta de Punta del Este e da Aliança para o Progresso, para que executasse

setor urbano quanto no rural; a busca de saídas para as arbitrariedades vivenciadas pela sociedade civil; o anúncio de um projeto militar de reforma agrária (Estatuto da Terra) em resposta às pressões partidárias e populares; a montagem de projetos políticos, pastorais ou institucionais de partidos de esquerda, da Igreja Católica ou de grupos intelectuais. (LOPES, 1997).

Os principais temas discutidos sobre a questão agrária versavam sobre: a natureza e o caráter da estrutura de produção vigente na sociedade nacional (escravista, feudal e/ou capitalista, etc.); o caráter da revolução social em curso (socialista, populista, democrática, de libertação nacional, etc.); a estrutura social existente no meio rural; o papel das classes sociais no processo histórico; o sentido das práticas dos partidos políticos e da Igreja Católica no assessoramento às Ligas Camponesas²¹ e ao sindicalismo rural²²; as saídas propostas pelo pensamento católico ou laico em defesa do nacional-desenvolvimentismo. (idem)

a reforma agrária como forma de frear as guerrilhas rurais, transformar o camponês em força conservadora e promover o abastecimento do mercado interno e do setor industrial. (DUSSEL, 1981: 48).

²¹ Organizações como a Sociedade Agrícola dos Plantadores e Pecuáristas de Pernambuco (SAPP) constituíram-se em embrião de Ligas Camponesas, nos anos 50. Vide em Novaes, em especial capítulo II, a análise que desenvolve sobre a atuação do Partido Comunista na Paraíba e sua relação com as Ligas Camponesas. (NOVAES, 1987). A Igreja Católica também esteve presente em alguns municípios paraibanos, quando da fundação das ligas. (idem: 62). Sobre a formação das ligas consultar: JULIÃO, 1962; KADT, 1970: 9-33; BRUNEAU, 1974: 170-2; CALLADO, 1979; MARTINS, 1981b: 62-80; AZEVÊDO, 1982: 55-118; BASTOS, 1984; entre outros.

²² O sindicalismo rural será outro ponto de atrito e de clivagem ideológica. Depois do surgimento das Ligas Camponesas, a Igreja tinha se lançado num trabalho no meio rural. No começo de 1963, o Ministro do Trabalho Almino Affonso regulamentou afinal a sindicalização no campo, aprovada em lei desde muitos anos, mas nunca sujeita a um regulamento que possibilitasse sua efetivação. Começou então uma corrida desenfreada das várias correntes ideológicas, para ganhar o maior número de sindicatos. Ali estavam as organizações ligadas ao Partido Comunista e à Igreja Católica. (GÔMES DE SOUZA, 1984: 68). Ver também KADT, 1970: 107-121. A sindicalização dos trabalhadores rurais transformou-se numa ...das lutas fundamentais do Partido Comunista (...) e conquistou realmente este direito em 62 (...) O crescimento dos sindicatos vai ter seu ponto culminante a criação da CONTAG, no final de 63. A CONTAG surgiu através de um compromisso entre o Partido Comunista e a Ação Popular e, secundariamente, os católicos moderados, que eram os que atuavam no Nordeste. E isso apareceu na divisão de cargos no interior da CONTAG. (MEDEIROS, 1983: 61). Vide também a análise de PALMEIRA, 1985: 41-51; 1989: 101-6.

Os partidos políticos, a academia e a Igreja Católica - desde a década de 30, porém mais largamente a partir dos anos 60 - conviviam com os impasses impostos por todos estes problemas político-sociais. Para os partidos políticos havia o interesse de subsidiar teórica e analiticamente seus programas partidários e estratégias de mudança revolucionária, nos mais variados matizes de sua prática partidária em busca da liberdade democrática. Cabia ao campo intelectual formado pelas ciências sociais elaborar uma análise científica dos vários movimentos de avanço e recuo em direção ao processo de democratização do país. Para a Igreja Católica, a partir de sua própria redefinição teológica²³, restava o resgate de seu rebanho ameaçado de dispersão, atraído por novas práticas evangelizadoras e pela atuação dos partidos de esquerda nas regiões de maior conflito social no Brasil. (idem).

Nos anos 70-80, escrever sobre a questão dos conflitos no campo passou a exigir uma menção ao trabalho da Igreja Católica. (NOVAES, 1987: VI). A ala progressista da Igreja²⁴

²³ Segundo Novaes a Igreja Católica para sobreviver teve que ouvir os sinais dos tempos, ou seja, teve que ...fornecer uma interpretação teológica dos fatos históricos e seculares e, a partir daí, traçar sua linha de atuação, promover mudanças. E, em termos mais sociológicos a mudança é condição essencial para sua sobrevivência. Afinal, como instituição social, a história da Igreja reflete e revela a dinâmica e o movimento da sociedade. (NOVAES, s/d: 20). Sobre o tema, entre outros, ver também MACEDO, 1986, em especial o capítulo À procura do novo tempo: as CEBs e a Igreja Renovada; BOFF, 1977; BOFF, 1979a) e a análise que Clodovis Boff desenvolve sobre a hermenêutica da teologia dos sinais do tempo. (BOFF, 1979b).

²⁴ Ao apoiar as comunidades rurais, uma ala da Igreja Católica gerou uma mudança social e cultural importante, seja através das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), dos movimentos católicos e pastorais rurais. A análise da dimensão do religioso forneceu subsídios teórico-metodológicos e práticos para os movimentos de resistência ao regime de arbitrariedades instalado no Brasil. A própria cultura e religiosidade popular, transformaram-se em elementos de resistência. O discurso da Igreja da libertação tornou-se sinônimo de transgressão da ordem burguesa e da inauguração de uma opção pelos segmentos sociais marginalizados e excluídos da ordem político-econômica do país. (LOPES, 1997). O modelo religioso redefiniu-se para absorver um novo conteúdo e sentido para o sagrado, resgatando para seu interior a população sofrida e desassistida. A Igreja Católica se transformou em mediadora de contradições e de conflitos no meio rural, principalmente nas regiões pioneiras do Centro-Oeste e da Amazonas Legal. (MARTINS, 1984a: 24).

transformou-se em espaço político de resistência e luta.²⁵ Dependendo da influência do pensamento conservador ou liberal, as propostas teórico-metodológicas deveriam sugerir a aplicação de reformas de base para o setor agrícola, tido como obstáculo ao desenvolvimento capitalista do Brasil. Estas medidas seriam a reforma agrária (idéia defendida pelos liberais) ou a aplicação de políticas modernizantes sem mudanças na política fundiária (posição dos conservadores).²⁶ (LOPES, 1997). A modernização e a industrialização representariam soluções para corrigir os desequilíbrios sócio-econômicos que impediam o desenvolvimento nacional. Estas idéias estiveram presentes nos anos 50 e 60, no pensamento de órgãos como a Comissão Econômica para América Latina (CEPAL)²⁷, o Instituto

²⁵ Como testemunha Martins: A Igreja Católica tornou-se, em consequência, uma Igreja oposta à orientação do Estado (e vítima do Estado, nos casos de repressão policial, de inquéritos policiais-militares, de tortura e de assassinatos de seus membros). Portanto, para os que entendiam e entendem que, independente de sua origem religiosa ou político-ideológica, numa conjuntura de repressão, tortura e morte, de subjugação dos pobres e dos dissidentes, em que o principal e prioritário combate é o fortalecimento da sociedade civil, do direito e da dignidade da pessoa, o apoio aos que na Igreja Católica compreendiam e assumiam o mesmo compromisso era essencial. Apoiar o Estado enquanto agente de desenvolvimento econômico, como havia sido no tempo da hegemonia ideológica do getulismo, já não era o mesmo que apoiar o desenvolvimento social, bandeira que passara a outras mãos, a Igreja entre elas. (MARTINS, Carta-resposta, 02/06/97: 3). Conforme Palmeira, a Igreja Católica: De suporte das formas tradicionais de dominação passou a suporte de contestação camponesa, para o que contribuiu, certamente, seu conflito com o Estado, algum tempo depois de implantado o regime militar, que, por sua vez, intensificou-se com esse posicionamento. (...) Surgindo como força política na luta pela terra e por direitos trabalhistas nos anos 50, da convergência conflituosa das ligas camponesas e sindicatos rurais, estimulados por partidos de esquerda e pela Igreja Católica, o movimento sindical dos trabalhadores rurais teve um papel fundamental na transformação da questão da reforma agrária em questão política. (PALMEIRA, 1989: 102).

²⁶ Como pertencentes a uma perspectiva mais liberal, Linhares & Teixeira Silva apontam as teses de Furtado como aquelas que mais se aproximam do pensamento marxista e também influenciadas pelo esquema dualista conservador, apesar de avançá-lo. Outra modalidade deste debate é aquela que denominam de dualismo radical, composto pelas teses marxistas tradicionais e pelo nacional-desenvolvimentismo. Para entendimento dessas teses e seus desdobramentos, consultar: PALMEIRA, 1971; LINHARES & TEIXEIRA SILVA, 1981.

²⁷ Este órgão foi criado para dar suporte à teoria econômica, cuja concepção centrava-se na idéia de um sistema centro-periferia de caráter estruturalista-reformista-intervencionista, que buscava o entendimento para questões ligadas à industrialização periférica, ao subdesenvolvimento, ao desemprego, ao desequilíbrio externo, à estrutura produtiva, etc. (RODRÍGUEZ, 1986). A CEPAL baseava-se na premissa de que ...desenvolvimento era sinônimo de industrialização e na crença da ...abordagem dualista que divide o mundo em países centrais e periféricos, havendo uma relação de dominação dos primeiros sobre os segundos. (OLIVEIRA, 1995: 295). Como saída para o subdesenvolvimento foi formulada ...uma ideologia desenvolvimentista, segundo a qual a modernização advinda da industrialização traria um aumento do bem-estar de todas as classes e camadas sociais. (idem: 297). À agricultura ...caberia os papéis de 'financiar' o esforço de substituição de importações (fornecendo as receitas cambiais necessárias via exportação de produtos primários), prover matérias primas para a indústria nacional e alimentar a crescente população urbana do país. (GRAZIANO DA SILVA,

Superior de Estudos Brasileiros (ISEB)²⁸ e de vários outros centros de pesquisa (como o CLAPCS²⁹, ILPES³⁰), quando o desenvolvimento transformou-se numa questão crucial, teórica, econômica e politicamente.

Não havia, no entanto, um consenso quanto às várias possibilidades teórico-metodológicas que deveriam ser seguidas, para minimizar as crises econômicas, sociais e políticas vivenciadas pelo país. Os modelos estruturais e o dualismo conservador ou radical apontavam caminhos, mas não conseguiam soluções para os impasses vividos. Os autores ainda trabalhavam com categorias da década de 50, opondo o setor moderno³¹ ao setor arcaico³².

1987: 1). Sobre a CEPAL veja os capítulos I e II do livro *As idéias e seu lugar* de Fernando Henrique Cardoso (CARDOSO, 1980) e MANTEGA, 1984: 23-133, entre outros.

²⁸ Este órgão de ensino e pesquisa, criado sob o patrocínio do Ministério da Educação, funcionou de 1956 a 1964 e reuniu intelectuais, em sua maioria, de esquerda, para ...formular 'a ideologia do desenvolvimento' brasileiro. (PALMEIRA, 1971: XII, nota 16). Seu propósito era produzir formulações capazes de favorecer o desenvolvimento econômico do país, bem como para apontar saídas para a superação dos obstáculos a esse processo. (JAGUARIBE, 1979; OLIVEIRA, 1995). Ao contrário do CLAPCS (Centro Latino-Americano de pesquisas em Ciências Sociais), o ISEB apontava o ...nacionalismo... como instrumento indispensável na luta contra o 'atraso', contra o subdesenvolvimento, contra as forças externas responsáveis por tal situação. (OLIVEIRA, 1995: 298). Ao ser criado e financiado pelo governo brasileiro, este ...pretendia que se constituísse ali um grupo que não só teorizasse sobre o desenvolvimento, mas justificasse políticas governamentais concretas. (idem: 299). Para Miceli, o ISEB foi resultante da ...aliança entre jovens intelectuais requintados de famílias abastadas e licenciados pés-de-boi de famílias remediadas, os primeiros desejosos de alavancar sua irresistível ascensão política através de uma presença conjugada no setor privado, no governo e nas instituições culturais, os demais discernindo nessas últimas possibilidades de associar suas veleidades intelectuais à militância política. (MICELI, 1989: 82). Consultar também MANTEGA, 1984: 57-63. Sobre a influência da esquerda católica na formação do pensamento isebiano consultar: BEOZZO, 1984: 57, 59, 109; GÓMES DE SOUZA, 1984: 54.

²⁹ O Centro Latino-Americano de Pesquisa em Ciências Sociais (CLAPCS) foi criado em 1957, com patrocínio da UNESCO e seguia também a matriz cepalina, sem no entanto, vincular-se ao projeto nacionalista do ISEB. Luiz Aguiar Costa Pinto foi fundador e primeiro diretor deste centro. (OLIVEIRA, 1995: 299-300).

³⁰ O Instituto Latino-Americano de Planejamento Econômico e Social (ILPES) foi criado em 1960. Foi ...considerado como inaugurando uma perspectiva mais sociológica no tratamento do desenvolvimento. (OLIVEIRA, 1995: 295).

³¹ O setor moderno era constituído pela burguesia nacional que se opunha às empresas estrangeiras, vistas como constitutivas do imperialismo. Ao nacionalismo se ligavam as forças progressistas que buscavam sua autoafirmação, bem como o desenvolvimento do país. A pobreza do campesinato impedia o desenvolvimento do mercado interno, entretendo conseqüentemente os potenciais econômicos e políticos da burguesia nacional. Aos

Tanto para os críticos dualistas conservadores ou radicais, quanto para os adeptos da tese do feudalismo agrário ou do capitalismo agrário, a questão do final da década de 60 - qual seja: se a agricultura teria capacidade de cumprir ou não seu papel no processo nacional de desenvolvimento - já estava respondida afirmativamente. As concepções elaboradas refletiam o contexto político, econômico, ideológico, social e cultural. As soluções encontradas pelos intelectuais sofriam as pressões da conjuntura político pré-64 (com a geração de posições pró-socialismo ou pró-capitalismo modernizante) e pós-64 (com posicionamentos contrários ou a favor do golpe militar).

Os modelos explicativos existentes até os anos 60 empregavam categorias analíticas, abstratas e generalizantes importadas de realidades externas e distantes de um Brasil real, onde ...o conhecimento da realidade efetiva foi, até certo ponto, tolhido pelo desestímulo à pesquisa... e ...a postura dogmática era um obstáculo dos mais danosos. (LINHARES & TEIXEIRA SILVA, 1981: 40). Estes esquemas de análise repercutiram por toda década de 60 e 70 e retrataram as reações e modificações ocorridas no mundo sócio-cultural, que influenciava e submetia os intelectuais e os modelos teóricos criados. O objeto social estava a reboque de um mundo em grandes transformações.³³ Este debate refletia questões polêmicas

camponeses ...caberia participar da aliança popular e democrático-burguesa pela transformação do país (reformas de base). (LINHARES & TEIXEIRA SILVA, 1981: 45).

³² O setor agrícola continuava sendo visto como arcaico, entrave portanto, do desenvolvimento sócio-econômico do país. Sua vinculação com as forças opressoras e retrógradas dos demais setores da economia nacional era um agravante adicional. Este esquema não apreendia a complexidade da realidade social, já que também partia de polaridades e dualidades (arcaico/moderno; atraso, empecilho/avanço/progresso; imperialismo/nacionalismo), definidas, a priori.

³³ Um exemplo destas influências são os fatos sociais, políticos e econômicos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial e que exerceram impacto sobre os esquemas teóricos que passaram a analisar os problemas de um terceiro mundo, face aos problemas sócio-econômicos advindos do pós-guerra e de um mundo em transformação. Assim como a crise de 1929 provocara uma depressão prolongada nas economias industriais (Europa e Estados Unidos) e a guerra de 1939/45 alterara fundamentavelmente, o quadro dentro do qual se fazia o comércio internacional, com repercussões profundas nos países exportadores de alimentos e matérias-primas, foi esse segundo pós-guerra que criou condições para a eclosão, em âmbito mundial, de um largo debate de idéias. Tais idéias, centradas sobre a reflexão dos problemas sociais e econômicos dos países que passariam a ser denominados como partes integrantes de um 'terceiro mundo', devem ser compreendidas no contexto político-ideológico da guerra fria: de um lado, a polarização do mundo em blocos, de outro, o 'processo de

da época³⁴, bem como a postura ideológica³⁵ e ética dos intelectuais que o construíam, tendo adquirido uma densidade ideológica que acabou se transformando em obstáculos à prática política e à prática científica. (PALMEIRA, 1971: XIV).

As várias vertentes dos debates teórico-metodológicos seguiram posições impostas pela estrutura do campo intelectual e, na maioria das vezes, não conseguiram romper com a circularidade das discussões, nem com as regras teóricas impostas pelo campo político e ideológico, culminando em pura reprodução e adjetivação da realidade. (idem: 127-9). Os debates expressavam uma espécie de ...*bias* reformista de certa corrente que propugnaria, coerentemente, uma etapa burguesa necessária e dominante (...) de organização da sociedade. (GNACCARINI & MOURA, 1983: 6).

Os debates dos anos 60-70 sobre a questão agrária no Brasil envolveram, portanto, uma reflexão sobre a natureza da agricultura e explicitaram os impasses e a busca de soluções para os rumos sócio-econômicos do país, do processo de industrialização, modernização e capitalização³⁶ do setor

descolonização', tal qual ele se deu nas décadas de 50 e 60. (LINHARES & TEIXEIRA SILVA, 1981: 37). A divisão do mundo em dois blocos de poder econômico-político (capitalismo versus socialismo) exemplifica uma visão evolucionista e dual, que justificava e defendia, ideologicamente, uma determinada interpretação do mundo. Este novo contexto impôs ao mundo e àqueles que analisavam e escreviam sobre ele, uma lógica específica gerada no interior deste novo cenário da história internacional e nacional. O que estava em pauta era a necessidade do desenvolvimento capitalista interno dos países ditos subdesenvolvidos. Segundo Castro, iniciou-se nos anos 50 uma ...invasão das atividades tradicionais por formas modernas de produzir, o que fez gerar profundas mudanças na economia brasileira. (CASTRO, 1972: 184).

³⁴Dadas as transformações mundiais buscava-se por soluções econômicas e práticas para os impasses econômicos vivenciados pela nação. As discussões a respeito da natureza das relações sociais dominantes na agricultura brasileira passam a ocupar o primeiro lugar na cena intelectual, conforme assinala Palmeira (1971) em sua análise sobre o debate feudalismo x capitalismo. (SIGAUD, 1990: 1).

³⁵Em sua tese, Palmeira descreve a presença da postura ideológica nos debates intelectuais, cujas relações sociais são históricas e socialmente construídas. (PALMEIRA, 1971: VI-VII). O conceito de ideologia foi tomado como equivalente de inconsciente cultural (inconsciente ideológico). (idem: VII). Este debate refletiu as questões políticas, academicamente vivenciadas. Topolov chama a atenção para o fato de que estas teses acabaram se transformando em doutrinas ao mesmo tempo que posições teóricas e práticas. (TOPALOV, 1978:9).

³⁶Dentre as várias abordagens explicativas para esta questão, consultar, entre outros: OLIVEIRA, 1972, 1977; SÁ JR., 1973; SILVA, 1976; LOPES, 1978, 1979; GRAZIANO DA SILVA, 1978; LOUREIRO, 1979; ANDRADE, 1979; GNACCARINI, 1989; PALMEIRA, 1989; GORENDER, s.d. Segundo Martins ...expansão do

rural, atravessado por profundas mudanças. A questão agrária que era um problema ou indagação eminentemente política, construída fora da academia, foi sendo, progressivamente, resgatada para dentro dela e para as discussões teóricas daqueles que analisavam o rural.

O golpe militar de 64 significou uma reação e uma aliança dos conservadores proprietários de terra com o Estado Militar³⁷, para barrar os movimentos sociais e redefinir o modelo de desenvolvimento capitalista no país. A partir da aliança política entre os latifundiários e o Estado burguês, foi reforçada ...politicamente a irracionalidade da propriedade fundiária e do ...sistema oligárquico nela apoiado³⁸ (MARTINS, 1994: 80), quando o financiamento público levou à modernização parcial do

capitalismo no campo se dá, primeiro e, fundamentavelmente, pela sujeição da renda territorial ao capital (MARTINS, 1981b: 177), unificando posteriormente a terra e o capital. O capital carrega duas contradições fundamentais: ...a produção social e a apropriação privada da riqueza. (ibidem) . No entanto, o capital não é capaz de acabar com a desigualdade econômica e social, porque esta se legitima na igualdade jurídica, ou seja ...a relação social capitalista é uma relação, ao mesmo tempo, aparentemente igual entre pessoas iguais, mas produz resultados econômicos profundamente desiguais entre si... (idem: 155). Esta compreensão, à partir do sentido simbólico deste processo abriu novas possibilidades para a compreensão do trabalho camponês, da reforma agrária e das mudanças sociais.

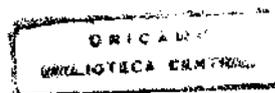
³⁷ O que estava em jogo era a ameaça da desapropriação da terra para a reforma agrária e o não pagamento da indenização à vista ou em dinheiro. Vide GÖRGEN, 1987: 20-21. Conforme aponta Carvalho, o Estado burguês, para não mexer na estrutura fundiária montou agências governamentais para tratar da questão agrária. Ou seja, nos anos 50, implantaram-se ...a Comissão Nacional de Política Agrária e o Serviço Social Rural, este criado com o apoio do empresariado para atender a população pobre do campo. Na década de 60 cria-se o Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC) e a Superintendência de Reforma Agrária (SUPRA) (Governo João Goulart). Aos poucos, todos falam sobre a reforma agrária. Todavia as ações são pontuais, sem comprometer a estrutura fundiária no campo. (CARVALHO, 1997: 147). O regime militar instalado com o golpe de 64, elaborou o Estatuto da Terra para tratar da questão agrária e em 1965 deu ...outro passo a favor de uma suposta reforma agrária burguesa (agora regulamentada pelo Estatuto da Terra...) é dado quando se separa a questão agrária da agrícola. Nesse ano foi criado o Instituto Brasileiro de Reforma Agrária (IBRA) e o Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrícola (INDA). (ibidem). Estas instituições foram unificadas em 1972, com a criação do INCRA. (idem: 148). Carvalho ainda nos lembra, que: De 1968 (AI-5) até o final de 1984 (eleição de Tancredo Neves), trata-se a problemática da terra não só como processo de militarização (Souza Martins), mas também como regularização fundiária e como colonização dos espaços vazios. A mudança da estrutura fundiária é alijada neste período, e o que se tem é, por um lado, a 'ocupação do espaço vazio' (Amazônia e Centro-Oeste) no âmbito da geopolítica de segurança nacional, e, por outro lado, a regularização fundiária em áreas de conflitos sociais sobre a posse da terra. As desapropriações de terras para fins de assentamentos efetuam-se de maneira molecular, dispersas, ora em consequência de conflitos de terra localizados, derivados de lutas de ocupação de terras, ora por iniciativas isoladas, ao nível dos Estados Federados, de desapropriações de terras, na maior parte das vezes, em negociações dos Governos com os proprietários das terras. (idem:148).

³⁸ Nenhum pacto político foi feito neste País, desde a Independência, em 1822, até a recente Constituição, de 1988, que não fosse ampla concessão aos interesses dos proprietários de terra. A estrutura do Estado brasileiro está em parte constituída com base nesses interesses. (MARTINS, 1994: 96).

latifúndio. A estrutura agrária manteve-se inalterada e qualquer possibilidade de efetivação de uma reforma agrária tornou-se inviável³⁹, culminando com a intervenção radical do Estado na questão agrária, promovendo sua "militarização"⁴⁰.

³⁹ Apesar de toda movimentação em torno de uma demanda pela reforma agrária através de uma política de redistribuição de terras e políticas agrícolas, todas as tentativas históricas do Estado burguês foram inviabilizadas. Vide o caso do Estatuto da Terra, que permaneceu letra morta e do MIRAD, que apesar de todas as pressões recebidas em meados dos anos 80, teve os projetos e decretos a favor da reforma agrária boicotados. O MIRAD (Ministério da Reforma e Desenvolvimento Agrário) foi criado para tratar da questão agrária, enquanto regularização fundiária e titulação. (ALMEIDA, 1981: 24-5). Para mais informações sobre esta política agrária e seu resultado ambíguo, vide MARTINS, 1984a: cap.II; POLETTI, 1997: 49-53; 55-56. A Nova República, através do MIRAD e do INCRA elaborou a Proposta do Plano Nacional de Reforma Agrária, que foi duramente criticado pelos latifundiários e os setores conservadores. Assim, ...a proposta de reforma agrária não passou, sendo aprovado um plano que apenas manteve o nome, tornando-se ...um plano pior que o Estatuto da Terra, defendendo das desapropriações latifúndios arrendados ou que estejam produzindo um mínimo, além de passarem pelo seu crivo todos os Planos Regionais de Reforma Agrária. As desapropriações tornaram-se demoradas e cheias de burocracia. (GÖRGEN, 1987: 29). Também foram criados grupos específicos para minimizar os conflitos de terra, onde a política de reforma agrária não era vista como solução desejada. Visava-se uma reforma agrária localizada subordinada ao Conselho de Segurança Nacional. (ALMEIDA, 1982). São exemplificativos a criação do GETAT (Grupo Executivo de Terras do Araguaia-Tocantins) e do GEBAM (Grupo Executivo das Terras do Baixo Amazonas). O GETAT foi criado pelo Decreto-Lei nº 1.767 de 01/02/80 no Governo militar de João Figueiredo, para minimizar e controlar os altos índices de luta pela posse da terra, num território considerado indispensável ao desenvolvimento e à segurança nacional e berço da Guerrilha do Araguaia nos anos 70. Sobre o tema consultar o interessante trabalho de Santos Filho e o dossiê que elaborou com os documentos relativos ao GETAT e às reações que despertou: SANTOS FILHO, 1984: 3-55. Ver também MARTINS, 1984a: 24-27, 49-61. Sobre os conflitos nas terras do Araguaia-Tocantins consultar: ALMEIDA, 1981: 24-41; DIREITO AGRÁRIO/REFORMA AGRÁRIA, 1981: 37-41; LORENA, 1982: 26-7; PINTO, 1983: 11-19; KOTSCHO, 1981. O ...golpe de misericórdia foi dado com a Constituição de 1988 e a criação da UDR (União Democrática Ruralista). (MARTINS, 1994: 89-92). Esta situação reforça a já existente anteriormente. Ou seja, em 1963, Marcondes apresentou na XIII Conferência Inter-Americana de Advogados a pedido do Instituto dos Advogados de São Paulo, um trabalho sobre os principais aspectos da reforma agrária brasileira e concluiu que, o Brasil, no período de 50 a 60, apesar de ter alcançado aumento significativo de maquinaria (arados e tratores) ...fatores [estes] que indicam acentuado desenvolvimento nas últimas décadas, devemos frisar que apesar disso tudo a distribuição da terra no Brasil, e a correspondente estratificação social rural, é das mais precárias e gritantes. O número dos grandes proprietários rurais, monocultores do café, do cacau, do algodão, do açúcar, do babaçu ou do gado, talvez represente de 2 a 3% da população nacional (acima dos vinte anos); a percentagem dos proprietários rurais que formam a classe média (pequenos fazendeiros ou sitiantes), geralmente policultores, não atinge a 20%, restando, dessarte, cerca de 80% da população rural formando o exército *dos sem terras*. (MARCONDES, 1964: 126). A situação de concentração fundiária não mudou nos anos seguintes. Consultar, entre outros, ARAÚJO et al, 1979; SZMRECSÁNYI, 1979: 266-276; 1980; GRAZIANO DA SILVA, 1978; 1980a; MARTINS, 1980a: 35-7, 45-9; 1981b: 138-149; GRAZIANO DA SILVA & HOFFMANN, 1980; HOFFMANN, 1982.

⁴⁰ A respeito vide o livro de José de Souza Martins **A militarização da questão agrária** (1984), onde o autor mostra como a política de desenvolvimento agropecuário imposta pela ditadura militar fez com que as transformações sociais, econômicas e políticas no campo se dessem a favor das grandes empresas capitalistas e dos grupos econômicos, em detrimento da pequena produção. As instituições criadas pelo governo militar federalizaram e militarizaram a questão agrária, centralizando-se ...nas mãos do novo ministro as decisões sobre o problema da terra. (MARTINS, 1984a: 25). O Estado passou a intervir diretamente nas políticas fundiárias estaduais, abrindo espaço ao grande capital e os grupos econômicos passaram a ser ... efetivos agentes econômicos da



Se a opção política do Estado Militar foi pela manutenção da grande propriedade em detrimento de um amplo programa de reforma agrária e adoção de políticas agrícolas capazes de assegurar a instalação de pequenas produções autônomas e produtivas,⁴¹ a realidade a ser analisada, exigia novas elaborações teórico-políticas com relação a ela.

Em um contexto profundamente politizado e questionador de valores ideológicos, os intelectuais assumiram posições de agentes pensantes de políticas modernizantes e/ou de mudanças sociais estruturais. Alguns deles exerceram o papel de intelectuais orgânicos⁴¹ a serviço de mudanças político-econômicas concretas, outros prestaram assessorias às organizações sindicais, às lutas sociais desencadeadas no meio rural, aos órgãos governamentais, à Igreja Católica, aos partidos, às ONGs⁴², à formação de lideranças (cursos e palestras), à fundamentação técnica, à publicação em revistas e à produção de documentos e relatórios⁴³. Por fim, alguns participaram da construção de um campo de

centralização do poder. (idem: 50) A criação do Grupo Executivo das Terras do Arraguaia-Tocantins (GETAT) foi uma ...tentativa de desmobilizar a própria CNBB, quando esta se preparava para ...iniciar a assembléia que... elaboraria e votaria o documento 'Igreja e Problemas da Terra'. (idem: 24).

⁴¹ Segundo Gramsci, ...cada grupo social, nascendo sobre o terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo e organicamente, um ou mais grupos de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função não só no campo econômico, mas também no campo social e político... (GRAMSCI, 1978: 343). No Brasil, estes intelectuais, em sua maioria, são oriundos da classe dominante.

⁴² Consultar NOVAES, 1991: 7-9.

⁴³ Segundo Medeiros, se nos anos 70 a produção intelectual estava concentrada principalmente em São Paulo através da USP e no Rio de Janeiro no Museu Nacional: ...uma das marcas desta produção [será] sua descentralização, constituindo centros de pesquisa e reflexão nos diferentes estados do país... Outra dimensão do debate sobre a questão agrária... será a constituição deste debate, principalmente nos anos 80, já extrapolando os muros da universidade principalmente através de um encontro entre pesquisadores e os 'mundos dos movimentos', digamos, por diversos canais através da proliferação das ONGs, das relações entre as universidades e as ONGs, das universidades e entidades de organização dos trabalhadores. O produto da reflexão feita fundamentalmente na academia chegou até os movimentos sociais e informou algumas das questões que eles passaram a levantar. Ao mesmo tempo, revistas, livros editados principalmente através de ONGs procuravam colocar pelo menos parte do que foi produzido nos anos 80 ao alcance dos chamados interessados, enfim, ao alcance dos diretamente afetados pela questão agrária, os trabalhadores rurais que por sua vez intensificaram o diálogo com a academia buscando a reflexão sobre questões que lhes eram colocadas e que muitas vezes no dia das lutas eles não conseguiam colocar. A análise da produção recente e principalmente dos produtores recentes... tendem a indicar vínculos muito fortes entre vários pesquisadores e algum tipo de movimento, ou de contato de assessoria e de colocar o seu conhecimento acumulado à disposição dos trabalhadores. Reafirmando um desafio que se coloca em termos da universidade de criar e agilizar estes canais de contato... Parece que é uma tendência que está começando a se marcar. (MEDEIROS, Mesa Redonda/APIPSA: 7/12/92). A própria

conhecimento mais objetivo e científico ou buscaram referendar os interesses econômicos, sociais e políticos da sociedade capitalista.

O campo intelectual das ciências sociais encontrava-se, assim, marcado pelos impasses e questionamentos levantados e vivenciados pelos principais autores construtores da prática teórico-metodológica sobre o rural. A história contribuía com modelos analíticos sólidos, embora carentes de maior fundamentação empírica, a economia fornecia resultados empíricos e se estabelecia enquanto saber disciplinar, influenciando profundamente a sociologia e a antropologia contribuía com práticas metodológicas como a pesquisa de campo e a observação participante. As práticas disciplinares misturavam-se e enriqueciam-se mutuamente.

Aos poucos, os esquemas analíticos macro-estruturais foram sendo substituídos ou incorporados àqueles que buscavam melhor entender os significados e sentidos da vida concreta através de recortes cada vez mais precisos. Surgiram os debates sobre as consequências sociais e políticas do processo de capitalização e de modernização da agricultura; a expulsão e expropriação de camponeses da terra; o processo de proletarianização rural; o significado/consequência da legislação trabalhista para o meio rural; os sindicatos rurais; os movimentos camponeses; o Estatuto da Terra, a reforma agrária e os projetos de colonização; o movimento dos trabalhadores rurais "sem terra"; a fronteira e o posseiro; a atuação da Igreja Católica e dos partidos de esquerda nesta conturbada realidade, etc.⁴⁴

elaboração do 'Plano Regional de Reforma Agrária' no Governo Sarney, foi um exemplo, de como ...os efeitos do conhecimento podem reverter para a sociedade, e de que modo se pode eliminar a possibilidade de dele fazer uso. (SIGAUD, 1990: 47). A elaboração deste projeto reuniu ...alguns dos maiores 'nomes' construídos através da academia... [pesando] ...também a confiança e as indicações políticas. (idem: 45).

⁴⁴ Parte destas questões serão analisadas no próximo capítulo.

Intelectuais ligados aos campos acadêmico, partidário e religioso, bem como os vinculados aos projetos governamentais, promoveram a aproximação da academia com o campo político, resgatando para seu interior a reflexão sobre os problemas políticos nacionais. O próprio movimento social rural impôs e exigiu que uma reflexão crítica fosse elaborada sobre a situação social do mundo e os impasses vividos pelo país.

Se os intelectuais não estavam sempre iguais e as discussões teóricas não estavam terminadas, estavam pelo menos sempre mudando, "afinando ou desafinando", na busca de um saber capaz de indicar novos caminhos para estas questões e problemas.

Entre tantos temas, privilegio, no próximo capítulo, o do campesinato, apesar de reconhecer que os estudos sobre a proletarização rural⁴⁵ foram centrais nos debates teórico-metodológicos dos anos 60-70.

⁴⁵ Segundo Wanderley, isto se deu ...sobretudo pelas concepções dominantes sobre o capitalismo agrário e pelo debate em torno da legislação trabalhista para o meio rural... Posteriormente, o CEBRAP produzirá trabalhos importantes sobre esta questão - Ianni, Vinicius etc. Este tema interessa muito à Igreja, que atuava com este grupo desde o começo (sindicatos rurais). Não é por nada que o livro de Conceição, publicado pela VOZES, está hoje com umas 30 edições ou mais. Ainda nos anos 60, a equipe de Botucatu (coordenada por Sônia Bergamasco) e o pessoal da ABRA conseguiu um financiamento da FORD para realizar uma série de seminários anuais, em Botucatu sobre o que se chamou Mão de obra volante na agricultura. Cada reunião produziu seus anais e no final foi publicado um livro com uma seleção de textos. O pessoal do Museu, sobretudo Lígia Sigaud participou de vários destes seminários. (WANDERLEY, Carta-resposta, 23/03/98: 2). Vários foram os debates envolvendo estas problemáticas: a proletarização dos trabalhadores rurais e sua expulsão do campo (colonos e moradores); o significado sócio-político do Estatuto da Terra; a reforma agrária; os projetos de colonização; a atuação da Igreja Católica junto aos posseiros da fronteira; o nascimento do MST (Movimento dos Sem Terra).

2.2. A construção de uma prática disciplinar: modelos teórico-metodológicos e práticas acadêmicas

No bojo destas discussões, destaco a contribuição de quatro autores que, para mim, enriqueceram a prática teórico-metodológica sobre a questão agrária, alargando as perspectivas e os questionamentos. A prática disciplinar destes autores possibilitou, a partir dos anos 70, que a pesquisa empírica tornasse mais crítica a análise dos processos sociais macro-estruturais e dos processos sociais agrários internos, resgatando para o interior das análises o objeto rural em "carne, sangue e alma".

Caio Prado Júnior⁴⁶ e José de Souza Martins no campo intelectual paulista⁴⁷, Moacir Palmeira e Otávio Guilherme Velho⁴⁸ no carioca (Museu Nacional/UFRJ), despontaram como

⁴⁶ Apesar de não ser nem sociólogo e nem acadêmico uspiano, a escolha de Caio Prado Júnior encontra-se em parte justificada no item 1.4.1 do capítulo 1 desta tese e no próximo item deste capítulo. Outros nomes poderiam ter figurado nesta análise se o recorte institucional tivesse se restringido à USP. Na verdade, eu tentei até mesmo mapear este quadro, mas acabei privilegiando o recorte temático já exposto no capítulo 1 e mantendo a escolha de Caio Prado Júnior.

⁴⁷ Em fevereiro de 1997, enviei correspondência às Secretarias dos Cursos de Pós-Graduação/USP solicitando informações adicionais sobre a contribuição dos vários professores que se destacavam em quantidade de orientações dadas à pesquisas sobre o rural nos cursos de pós-graduação em Sociologia e Antropologia na USP. Raras foram as respostas obtidas. Enviei também correspondência, diretamente aos professores a quem solicitei informações sobre sua contribuição e/ou vinculação com o tema rural. Uma das respostas obtidas foi a do Prof. João Baptista Borges Pereira que me informou: ...Meu campo de pesquisa relaciona-se a questões étnicas e raciais e só circunstancialmente toco em assuntos relativos ao mundo rural brasileiro, como é o caso de meu estudo sobre a Imigração Italiana Pós 2ª Guerra Mundial... (BORGES PEREIRA, Carta-resposta: 3/4/97). Segundo Durham sua ...contribuição à questão agrária brasileira [foi] pequena e indireta. Resultou de minhas pesquisas sobre a imigração italiana no Estado de S. Paulo e sobre a migração rural-urbano. (DURHAM, Carta-resposta: 11/03/97). Nem Durham e nem Borges Pereira mencionam ou computam suas atividades de orientadores de dissertações e teses ligadas à temática rural no Programa de Pós-Graduação em Antropologia na USP. É interessante registrar, no entanto, que João Baptista Borges Pereira aparece com o maior número de dissertações de mestrado e teses de doutorado orientadas, seguido por Eunice Ribeiro Durham para o mestrado. Há maior diversificação no doutorado. (LOPES, 1998). Uma análise feita sobre os títulos, temáticas e orientadores das dissertações de mestrado e teses de doutoramento produzidas no Programa de Pós-graduação em Sociologia da USP, ao longo dos anos 1970-1994 mostra um quadro bastante variado de docentes a orientarem pesquisas sobre a temática rural, tanto a nível de mestrado, quanto de doutorado. Maria Isaura Pereira de Queiroz figura com o maior número de orientandos de mestrado e doutorado, logo seguida de José de Souza Martins para o mestrado e José César Gnaccarini para o doutorado. (idem). Das cartas enviadas aos sociólogos da USP, que destacaram-se quanto ao número de trabalhos orientados sobre temas ligadas ao rural, só obtive resposta do Prof. José de Souza Martins. Segundo Martins, nenhum deles ...se especializou no tema e que na USP não tiveram ...o que

personagens-chave na construção dos saberes disciplinares da sociologia e da antropologia rural, contribuindo política e academicamente, de forma diferenciada e efetiva, para a consolidação destas disciplinas. Eles indicaram soluções teórico-metodológicas para a análise do rural; apresentaram alternativas para uma teoria abstrata e prisioneira de modelos globalizantes, que não conseguia apreender o real sentido e significado do modo de produção dominante na agricultura brasileira e sua relação com a produção camponesa; analisaram os processos agrários internos, as relações sociais concretas presentes no mundo da produção e do trabalho, as formas de resistência política e econômica no meio rural e as representações simbólicas do camponês. No entanto, é importante lembrar que o impulso para o vôo teórico destes autores funda-se na contribuição dos que os precederam. Outros autores poderiam ter sido os escolhidos nesta análise, se a estrutura lógica desta tese tivesse privilegiado outros recortes teórico-metodológicos ou temáticos.

2.2.1. Caio Prado Júnior: o intelectual independente⁴⁹ e sua exclusão da academia

Caio Prado Júnior destacou-se no campo intelectual paulista enquanto um intelectual independente. Mesmo sem vinculação acadêmica, participou ativamente da formação intelectual de

se poderia chamar de sociólogo rural... De modo que nenhum de nós se veria corretamente 'classificado' se fosse reduzido à condição de especialista na questão agrária, coisa que de fato não somos. (MARTINS, Carta-resposta, 14/04/97: 1). Como Wanderley acredito que ...esta lacuna se deve, em parte, à recusa dos uspianos em assumir a temática rural. (WANDERLEY, Carta-resposta, 23/03/98).

⁴⁸ Devido os recortes, as questões e os eixos condutores desta etnografia, privilegiei a contribuição de Moacir Palmeira e Otávio Velho, que destacaram-se, na primeira geração dos antropólogos do Museu Nacional, nos debates sobre os processos agrários macro-estruturais e lançaram luzes para os estudos dos processos agrários internos. No entanto, menção especial merecem a contribuição de Lygia Sigaud, Francisca Keller, Afrânio Garcia Jr, José Sérgio Leite Lopes, entre outros, que também se dedicaram ao estudo da questão agrária no Museu Nacional.

⁴⁹ Em analogia ao artigo de Danta Prado sobre seu pai Caio Prado Júnior. (PRADO, 1989: 41-3).

cientistas sociais, através de sua rica e conceituada produção científica.⁵⁰ Ele preocupou-se profundamente com o emprego de esquemas teóricos considerados científicos e contribuiu para o resgate da questão agrária enquanto objeto político e acadêmico.

Apesar de desenvolver uma obra científica; de empregar uma análise referendada em fontes primárias⁵¹, documentais⁵² e estatísticas; de defender o compromisso para com a construção de uma ciência com maior isenção político-ideológica; de escrever sobre a história social, política e econômica da formação da sociedade nacional; de ter vários de seus livros adotados como manuais nas

⁵⁰ Ianni, baseando-se em várias autoress, afirma que, apesar da existência de ...precursores e contemporâneos de Caio Prado Júnior, no que se refere à análise marxista de aspectos da realidade brasileira (IANNI, 1989: 76), foi Prado Júnior ...quem inaugurou uma interpretação marxista diferente, original e influente da formação social capitalista brasileira. (idem: 77). Ianni completa: A obra de Caio Prado Júnior inaugura um estilo de pensar a realidade brasileira. Há toda uma historiografia baseada nela. Aliás há toda uma corrente das ciências sociais influenciada por ela. (idem: 78).

⁵¹ Iglésias chama atenção para o fato de Prado Júnior preferir fontes primárias e não parecer frequentador de arquivo. (IGLÉSIAS, 1982: 25). Várias são as menções a um Caio Prado pesquisador. Para Lima, apesar deste intelectual ser de ...família abastada, tradicional, podendo levar uma vida de conforto, mesmo de luxo, Caio [preferia] sair a campo, lutar por objetivos que considera melhores para a vida do país e do seu povo... (LIMA, 1989: 15). Segundo Candido, certa vez ...Caio Prado Júnior me propôs ir com ele de automóvel até o Piauí, para ver a obra social de um padre, que lhe parecia do maior interesse. Recuei espantado, ante a perspectiva de tantos mil quilômetros por esse mapa imenso e perdido. Não podia, mas também não queria, por falta de disposição. Ele riu e dali a tempos foi sozinho, pilotando o seu Volkswagen... Na volta, contou minuciosamente a experiência longínqua, como tempos antes havia contado outra expedição até o sertão da Paraíba, ou de Pernambuco (não lembro bem), onde fora passar uns tempos na fazenda de gado pertencente a pessoas ligadas a parentes seus. (CANDIDO, 1989: 22). Para Candido, o historiador Caio Prado foi ... alguém voltado para a realidade concreta, interessado em pesquisar os aspectos fundamentais da sociedade, afastando os aspectos que afloram para ir até às forças que regem de fato. Por isso foi sempre tão ligado ao corpo físico do Brasil, que conhece palmo a palmo e varejo por todos os quadrantes. (idem: 24). Ou ainda: O conhecedor de história e de economia do Brasil se confunde na sua personalidade intelectual ao insaciável viajante e observador, ao espírito sempre aberto para o fato do dia, ao leitor sistemático e microscópico dos jornais... (ibidem). Tornou-se também um profundo conhecedor de geografia, aprendendo com Pierre Deffontaines ...a "ver" a terra que antes apenas "olhava". (ibidem). Segundo Florestan Fernandes, Caio Prado ...nunca se resguardou em seu gabinete. Possuindo uma biblioteca esplêndida, uma cabeça inventiva, ele nem buscava um refúgio nem se isolava através da 'investigação pura'. (FERNANDES, 1989: 33). Para Danta Prado, Prado Júnior era ...um pensador que não se limitou a ser intelectual de gabinete, interpretando dados colhidos por terceiros. Ao contrário, seu lazer, suas férias, sua vida enfim, compõem uma permanente busca de dados e informações ao vivo sobre a realidade brasileira. (PRADO, 1989: 43). À sua companheira Prado Jr. disse certa vez: ...Chega uma hora, ensina ele, que é preciso fechar e partir para o reconhecimento da realidade, levantando os problemas *in loco*. (PRADO JÚNIOR, *apud* HOMEM, 1989: 49). Segundo Ianni, Prado Júnior: Vai longe, viaja por estradas e caminhos sem fim, percorrendo estados e regiões, procurando conhecer as situações reais de vida e trabalho, de lutas, derrotas e conquistas de trabalhadores do campo e da cidade. (IANNI, 1989: 76).

⁵² Segundo Maria Cecília Homem, Caio Prado: Além de sua curiosidade natural e de seu espírito de observação, a fotografia proporciona-lhe precioso instrumento de trabalho. Exímio fotógrafo, ele mesmo revela seus filmes. Dispõe as fotos em álbuns datados, introduzidos por um roteiro caprichosamente desenhado por ele. (HOMEM, 1989: 49).

universidades, Prado Júnior foi sempre visto como um representante ideológico da vertente do pensamento marxista e excluído da academia.⁵³ Seus livros, no entanto, foram responsáveis ...pela formação de inúmeros historiadores e analistas das condições econômicas, sociais e políticas do Brasil, notadamente no interior da universidade.⁵⁴ (MELO, 1987: 43).

A militância política de Prado Júnior⁵⁵ iniciou-se em 1928 e esteve vinculada à criação do Partido Democrático, ao movimento constitucionalista em São Paulo, à Aliança Nacional Libertadora,

⁵³ Para Iglésias, Caio Prado Júnior candidatou-se à cátedra de Economia Política na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (IGLÉSIAS, 1982: 19), mas como era ...inconcebível um comunista como professor de Economia Política, e como ...não tiveram a coragem de reprová-lo: não lhe deram o cargo de catedrático, mas o título de livre-docente, que ...foi cassado em 1968. (idem: 20). Ele fez também o concurso para a cátedra de História do Brasil do curso de História da Faculdade de Filosofia, quando o titular Sérgio Buarque de Holanda se afastou, devido aposentadoria, ... mas o concurso nem chegou a ser feito, pois o referido movimento de 64 o tornara impossível. (ibidem). Vide também IGLÉSIAS, 1982: 29,30,34,36; 1990: 374; LIMA, 1989: 21; PRADO, 1989: 41; entre outros. Para Danta Prado, filha de Caio Prado Júnior, ele ...viveu, a contragosto, oficial e oficiosamente no ostracismo da *intelligentsia* nacional, quer de direita quer de esquerda. Entre outras limitações teve frustrado seu desejo de ser professor universitário, para assim manter diálogo sistemático com estudantes e pesquisadores. (PRADO, 1989: 41). Ainda segundo ela, Prado Júnior: Ressentia-se também por não ser solicitado a participar da elaboração dos programas do Partido Comunista Brasileiro ao qual pertencia, nem, por outro lado, ser chamado a seminários da área acadêmica. Não obtinha, em resumo, *feed back* para seus escritos e idéias, sentia-se isolado, sem diálogo ou participação. (idem: 42). Uma manifestação mais positiva do que as acima vem da companheira de Caio Prado Júnior. Segundo Maria Cecília ele, proferia ...conferências por todo o país, [tomava] parte em simpósios e bancas examinadoras e [dava] entrevistas, enquanto se [mostrava] incansável na política. (HOMEM, 1989: 51). Também segundo Ianni, este intelectual: Sempre [participava] da vida política. Por dentro e por fora do Partido Comunista, das correntes de opinião pública, da universidade e de outros lugares de pensamento e ação, ele não [deixava] de participar dos movimentos da sociedade. (IANNI, 1989: 76).

⁵⁴ Melo cita os depoimentos de Antônio Candido e Fernando A. Novais, que exaltam as influências recebidas de Caio Prado. (MELO, 1987: 43). Mantega, chama a atenção para a grande repercussão da produção intelectual de Prado Jr. (MANTEGA, 1984: 236). Consultar também IANNI, 1989: 73-8; MÜLLER, 1989. Correia de Andrade exemplifica a influência recebida de Prado Júnior quanto à necessidade de se fugir de modelos pré-concebidos. Quando da elaboração do seu livro *O homem e a terra no nordeste*, ele informou à Caio Prado que estava lendo Kautsky, no que foi advertido: 'Então páre. Só leia Kautsky depois que me entregar os originais'. Eu Digo: 'Mas porque?' 'Por que você lendo Kautsky vai procurar as categorias de Kautsky no nordeste e não vai achar. Então você escreve o seu livro e depois leia Kautsky para fazer sua auto-crítica.' Isto foi uma das maiores lições que Caio Prado me deu (...) É preciso conhecer os casos para poder encontrar as soluções. Esta tese eu bato por ela desde que comecei e não nego a influência que recebi dele. (ANDRADE, Mesa Redonda/APIPSA, 7/12/92).

⁵⁵ Consultar : IGLÉSIAS, 1990: 362-367; FERNANDES, 1989: 29-38; LIMA, 1989: 17-21; HOMEM, 1989: 47-8, GASPAROTO, 1989:56-60; IANNI, 1989: 76.

ao Partido Comunista Brasileiro (desde 1931), à fundação da Revista Brasiliense⁵⁶, à criação da Livraria e Editora Brasiliense⁵⁷ e da Gráfica Urupês⁵⁸. (IGLÉSIAS, 1982: 8).

A situação financeira de Prado Júnior afastou-o de ...posições de realce no Partido Comunista, que o olhava com suspeita, por ser um homem de classe dominante no segmento mais rico e por ser um intelectual. (IGLÉSIAS, 1990: 365). Ao que parece, a dupla exclusão: acadêmica e partidária⁵⁹, deveu-se talvez à irreverência de seus posicionamentos de contestação⁶⁰ e de militante-político independente⁶¹, bem à

⁵⁶ A Revista Brasiliense foi fundada em 1955 com o objetivo de divulgar e discutir a teoria marxista e o socialismo. Esta revista ...era o órgão por excelência da esquerda não oficial, ou melhor, da esquerda intelectual em vias de constituição, firmando-se como um espaço de discussão das principais teses, argumentos e interpretações da realidade brasileira. (MICELI, 1989: 106-7). Os artigos de Prado Júnior nesta revista, expressam seu questionamento e divergência quanto à linha oficial do PCB e de seus dirigentes, apesar de ter construído sua carreira intelectual associada ao marxismo. (NOVAIS, 1983: 66; LIMONGI, 1987: 34; LIMA, 1989: 21). Para Danta Prado, a criação desta revista deu à Prado Júnior ...a única oportunidade de contatos regulares com jovens intelectuais recém-saídos da USP (entre eles Fernando Henrique Cardoso, Rubens Paiva, Almino Afonso, Fernando e Marco Gasparian), que lhe solicitaram um curso sistemático sobre a realidade brasileira, com a duração de alguns meses. Realizou-se este em 1956, na garagem de uma residência particular nos Jardins. (PRADO, 1989: 42).

⁵⁷ Através desta editora vários intelectuais foram lançados no mercado editorial, conforme atesta Manuel Correia de Andrade. (ANDRADE, Mesa Redonda/APIPSA, 7/12/92).

⁵⁸ Para mais informações vide IGLÉSIAS, 1982: 19; 1990: 370-3; LIMONGI, 1987; LIMA, 1989: 21.

⁵⁹ Segundo Danta Prado, esta exclusão de Prado Júnior: ...Provavelmente foi [devida] sua oposição às teorias 'oficiais' do PCB sobre o feudalismo brasileiro, entre outros exemplos de independência intelectual, que impediu seu acesso aos quadros de direção do Partido, assim como levou os órgãos da imprensa comunista no exterior a recusarem publicar artigos de sua autoria, mesmo durante a ditadura no Brasil. Neste caso fui testemunha pessoal de ocorrências... (PRADO, 1989: 42). Para a companheira de Prado Júnior Maria Cecília Naclério Homem, ...Caio possui fama de ser anti-social, arredo e orgulhoso, de difícil abordagem. De fato, sua conhecida capacidade intelectual inibe de imediato o interlocutor. Por outro lado, enquanto sua ideologia marxista afasta de si os burgueses, temerosos de que 'coma crianças', sua origem burguesa leva os próprios correionários do Partido Comunista a dele desconfiarem. (HOMEM, 1989: 45).

⁶⁰ Vários são os episódios narrados nesta direção. Consultar a coletânea **Depoimentos** in: D'INCAO, 1989. Para ilustrar destaque o seguinte relato: Membro de uma família rica e tradicional importante (...) ele teve a fibra de romper com esse circuito, que também era um círculo de ferro. (...) Ele teve que vencer resistências psicológicas, barreiras sociais e conflitos humanos que lhe devem ter sido muito dramáticos. É verdade que ele começa como um típico político burguês radical, tentando, através do Partido Democrático, enfrentar e demolir a oligarquia. Logo ele foi além e espatifou todas as concepções, os valores e suas próprias raízes, em uma transgressão que ultrapassava o apoio à Revolução de 1930. As inquietações devem ter sido tormentosas, pois oscilou ao ligar-se à Revolução Constitucionalista. Porém, em seguida, as dúvidas se dissipam de maneira rápida; a transformação é, ao mesmo tempo, tão penetrante quanto definitiva. Em 1935 ele já está na Aliança Nacional Libertadora e toma posições nítidas de um contestador de esquerda. (FERNANDES, 1989: 33). Ainda segundo Fernandes: Por idealismo revolucionário, ele se tornou um ativista altamente qualificado da antielite e um ativista teórico e militante do partido da revolução proletária. Recebeu, portanto, uma incompreensão rancorosa e uma exclusão como um apóstata. (idem: 34).

frente de seu tempo histórico. O mais irônico desta situação era o fato de que, ...a política e a atividade intelectual, proporcionadas pelo socialismo marxista foram as ...duas grandes paixões de Caio Prado. (HOMEM, 1989: 47).

O Socialismo Marxista é uma idéia força. Além de abrir perspectivas para a teoria também o faz com referência à ação solucionadora. (PRADO JÚNIOR, apud HOMEM, 1989: 47).

Desde a década de 30, Prado Júnior trabalhou por conta própria, sem laços com a instituição universitária, sendo empresário de sua própria obra, valendo-se do estilo ensaístico e de seu patrimônio material e social. (MICELI, 1989: 102). As condições materiais que mobilizou no campo intelectual permitiu que se afastasse ...do mercado de trabalho e das suas exigências, para ...dedicar-se exclusivamente à pesquisa.⁶² (LIMONGI, 1987: 34).

Iglésias chama a atenção para o fato de que, mesmo podendo viver dedicado ao estudo, Prado Júnior ...entregou-se à política (IGLÉSIAS, 1982: 10) e o ...intelectual e o militante coexistiram e produziram em harmonia, passando ...a conhecer e compreender o povo, em extraordinária aventura humana (idem: 15),

⁶¹ Segundo Florestan Fernandes, Caio Prado ...que poderia ser o burguês-modelo salta à arena para mostrar que o antiimperialismo, a democracia plena e a revolução nacional teriam de vir através da solidariedade dos trabalhadores e dos oprimidos, como o ponto de partida da evolução para o socialismo. Imaginem o que aconteceu com Caio. A intrepidez desse homem que arrosta sozinho a passagem de uma posição à outra. De um lado, os militantes do Partido Comunista desejavam ardentemente a adesão dos intelectuais, principalmente os de maior prestígio. Mas ainda não estavam preparados para assimilá-los. (FERNANDES, 1989: 35). Por outro lado, os próprios intelectuais estranham o estilo modesto de quem poderia viver no mais perfeito estilo burguês, conforme o próprio Fernandes, filho de senhora portuguesa que foi criada de dona Hermínia Bresser Lima (idem, 1989: 33) testemunha: A primeira vez que fui à casa de Caio Prado Júnior pensava que iria encontrar ali um ambiente luxuoso, requintado, de ostentação. Nada disso! Encontrei um trato ameno, acolhedor e um almoço bem feito e gostoso, mas sóbrio. O vinho branco Conchales era, então, muito barato. Servido gelado, foi complemento perfeito ao almoço. Gostei daquela naturalidade, mas minha primeira reação foi de decepção. Em seguida, percebi quão importante era aquilo tudo. Uma vida simples, moderada, espartana ornava o caráter de quem não precisava de exterioridades para se valorizar e se impor. Ele não recorria ao nível de vida e ao prestígio da classe, pois já tinha renegado a classe... (idem: 39).

⁶² Segundo Limongi, Prado Júnior publicou seu primeiro livro, **Evolução política do Brasil**, aos 23 anos, ...livro este que, geralmente, lhe vale o título de precursor e pioneiro da interpretação marxista do processo histórico brasileiro. (LIMONGI, 1987: 34). Esta obra é considerada como uma aplicação inteligente do marxismo na historiografia brasileira. (IGLÉSIAS, 1982: 7).

como até então não era muito comum nas práticas acadêmicas. Segundo Candido, o próprio Prado Júnior lhe relatara que:

O que lhe interessa são a vida diária, a produção, o movimento dos negócios, as técnicas de plantio, os costumes, o mecanismo de transmissão da propriedade, e coisas assim. (CANDIDO, 1989: 23).

A trajetória intelectual de Prado Júnior organizou-se, desta forma, através

... de dois eixos básicos: a militância política e a ruptura de classe que ela envolveu. Pertencente ao tronco de uma das mais típicas famílias da 'elite' aristocratizante de São Paulo, Caio Prado Jr. desde muito jovem tornou-se militante comunista e pensador marxista. (NOVAIS, 1983: 67).

Dentre sua vasta produção intelectual destaco aqui, apenas, alguns aspectos de dois de seus livros que analisam, mais detalhadamente, a questão agrária no Brasil, a saber: *A questão agrária no Brasil*⁶³ e *A revolução brasileira*.

O livro *A questão agrária no Brasil* é uma re-edição de seis textos escritos por Prado Júnior para a Revista *Brasiliense* no período de 1960 a 64 e versam sobre a questão agrária, a legislação rural-trabalhista e a política agrária. Estes artigos foram escritos sob o clima de ...pressão popular no sentido da efetivação de medidas tendentes à reforma de nossas estruturas agrárias e relações de trabalho rural. (PRADO JÚNIOR, 1979: 7). Nestes artigos, o autor analisa a importância política da questão agrária; mapeia em quadros estatísticos a configuração da estrutura agrária e da distribuição da propriedade fundiária, das

⁶³ Este livro foi fonte de inspiração para novas propostas. Prado Jr. foi referência teórica para Otávio Velho. Consultar VELHO, 1982: 40-7. Otávio, a partir do uso que fez da obra de Caio Prado Jr., foi referência teórica para D'Incao. Consultar D'INCAO E MELLO, 1975: 48-66. D'Incao chama a atenção para a contribuição de Prado Jr., entre outros, no debate do bóia-fria e sua relação com a questão agrária, ou seja, ...Caio Prado Jr. parece merecer um tratamento à parte, pela lucidez com que identifica a presença do capitalismo no campo, a despeito do não amadurecimento das relações de produção tipicamente capitalistas. A categoria com a qual trabalha - assalariamento disfarçado -, embora teoricamente incorreta, permite-lhe mostrar que as formas de produção existentes - parceria, arrendamento, etc. - estavam sendo utilizadas pelo processo de acumulação de capital, deixando transparecer o que mais tarde se constataria, isto é, que o modo de produção capitalista se desenvolve servindo-se das condições existentes e, muitas vezes, recriando-as no seu próprio interesse. Demonstrava, sobretudo, que o capitalismo se desenvolvia no país agudizando e não superando as condições miseráveis de vida e de trabalho no campo, como a história acabou revelando. (D'INCAO, 1984: 29-30). Vide também a análise de Wanderley sobre Prado Jr. (WANDERLEY, 1985: 14-18).

relações de produção e de trabalho; analisa as condições de remuneração do trabalho rural (saliariado) e as formas não monetárias de trabalho que envolvem o pagamento com parte do produto, com concessão de terras para o plantio, e/ou combinação destas formas (caso do colono, parceiro, foreiro), além da prestação do serviço obrigatório e gratuito (cambão). (PRADO JÚNIOR, 1979).

Ele inaugurou uma nova maneira de interpretar a natureza da sociedade brasileira, argumentando, taxativamente, contra categorias teóricas construídas *a priori* e defensoras da existência do modo de produção feudal ou de restos feudais⁶⁴. Contribuiu para por fim à tese feudal, base da interpretação dualista, substituindo-a, definitivamente, pela tese capitalista para a explicação do processo econômico e da natureza das relações de produção e de trabalho na agricultura brasileira.⁶⁵

Segundo Palmeira, os diversos artigos de Caio Prado Júnior escritos na Revista Brasiliense, o livro de Alberto Passos Guimarães *Quatro séculos de latifúndio* (1968)⁶⁶ e o artigo de André Gunder

⁶⁴ Segundo Prado Júnior, ...o emprego da designação 'feudal' ou 'restos feudais' atribuída às relações de trabalho na agropecuária brasileira, implica a idéia que se trata de situações institucionais, isto é, implantadas se não no direito positivo e na legislação, o que naturalmente não é o caso, pelo menos no direito consuetudinário e em relações jurídicas institucionais não escritas. Ora não é isso que ocorre. Como acabamos de verificar na análise acima, certas relações de trabalho presentes na agropecuária brasileira, embora se revistam formalmente de caracteres que as assemelham a instituições que encontramos no feudalismo europeu onde se foi buscar a designação, não constituem senão modalidades de pagamento que correspondem ao salário. Isto é, são formas de retribuição de serviços prestados em que por um motivo ou outro - mas sempre motivo de ordem circunstancial - o pagamento em dinheiro é substituído por prestações de outra natureza. Salvo algumas raras situações que no conjunto são excepcionais - como a referida retenção do trabalhador por dívidas contraídas a serem reembolsadas com serviços - o que se apresenta no terreno das relações de proprietários e trabalhadores da agropecuária brasileira, é um mercado livre de trabalho. 'Liberdade jurídica', bem entendido, que é a liberdade de contratar, sem atenção a injunções de outra natureza que juridicamente não se levam em conta, mesmo que se trate da alternativa de perecer à míngua... (PRADO JÚNIOR, 1979: 65-6). Para Palmeira, Prado Júnior praticamente repetiu Simonsen, que já havia negado anteriormente, as sobrevivências feudais na formação agrária brasileira. A obra de Prado Júnior serviu de incentivo para a publicação de outras obras e documentos que passaram a rebater ou responder as suas idéias. Palmeira cita várias destas obras e documentos do Partido Comunista, como as teses do Sexto Congresso realizado em 1967 e ...voltadas à questão agrária e ...destinadas à responder Prado Júnior. (PALMEIRA, 1971: IV)

⁶⁵ Para Palmeira foi somente na década de 60, que o debate da tese do feudalismo versus capitalismo ganhou a feição de questão pública, saiu do âmbito das discussões intelectuais de um círculo fechado e somou-se à discussão dos políticos de esquerda. Estes intelectuais expressavam suas idéias contrárias às teses do feudalismo na *Revista Brasiliense* e na *Revista de Estudos Sociais*. (PALMEIRA, 1971: III-IV).

⁶⁶ Vide PASSOS GUIMARÃES, 1968 e comentários sobre esta obra: SORJ, 1980; VELHO, 1982: 100-106; entre outros.

Frank “A agricultura brasileira: capitalismo e o mito do feudalismo” (GUNDER FRANK, 1964)⁶⁷ são obras centrais para a configuração de um novo campo intelectual, que contrapunha perspectivas teóricas e políticas conflitantes.⁶⁸ Estas obras, em especial as de Prado Júnior, contribuíram consistentemente para uma redefinição do campo intelectual da prática teórico-metodológica sobre a questão agrária na década de 60.⁶⁹

A forma como Prado Júnior analisou o conceito empírico e o conceito analítico de campesinato⁷⁰, talvez seja o aspecto mais frágil e combatido desta temática nos anos 70. Ao identificar os camponeses como simples fornecedores de mão-de-obra para os empreendimentos capitalistas, ele não captou o sentido político de suas lutas e reivindicações e nem o modo específico de ser social do camponês e dos assalariados, vendo-os como similares.

Apesar dos contatos pessoais estabelecidos com estes segmentos sociais em suas andanças de campo⁷¹, o autor parece ter se aprisionado nos pressupostos teórico-metodológicos que elaborava.⁷² A

⁶⁷ Gunder Frank nega a existência dos restos feudais tanto na estrutura agrária brasileira quanto na da América Latina. Para ele, apenas um modo de produção pode, ao mesmo tempo, explicar a organização da sociedade e de seus setores produtivos. O modo de produção capitalista constituiu assim, o tipo de colonização ocorrida no Brasil, sua subordinação interna ao imperialismo, com conseqüente dependência tecnológica. (LINHARES & TEIXEIRA SILVA, 1981: 58-9).

⁶⁸ Para uma análise crítica sobre estes autores e suas discordâncias teórico-políticas, consultar: MANTEGA, 1984: cap.5.

⁶⁹ Como aponta Wanderley, há na obra de Prado Júnior uma ...postura política de defesa das transformações da agricultura sem confundí-la com os negócios dos fazendeiros. (A questão agrária). (WANDERLEY, Carta-resposta, 23/03/98). Também Mantega atribui à Prado Júnior, o mérito de ter sido um ...crítico ardoroso da tese feudal e pioneiro na caracterização de um Brasil mercantil e capitalista desde os tempos da colônia... (MANTEGA, 1984: 236). Ver em Mantega a análise que este desenvolve sobre a contribuição de Caio Prado Júnior.: MANTEGA, op.cit.: 236-262.

⁷⁰ Segundo Wanderley, um dos aspectos frágeis da reflexão teórica de Prado Júnior seria: Em particular a imagem do assalariado disfarçado (disfarçado de que?) e a negação de uma tradição camponesa no Brasil. (WANDERLEY, Carta-resposta, 23/03/98: 5).

⁷¹ Várias foram as referências sobre a extraordinária preocupação de Caio Prado com a coleta de dados empíricos sobre a realidade brasileira, ...seu lazer, suas férias, sua vida enfim, compõem uma permanente busca de dados e informações ao vivo sobre a realidade brasileira. Interrompia a cada momento o passeio ou o trajeto a pé, a cavalo ou de carro para indagar de trabalhadores e trabalhadoras rurais como e o que recebiam pelo desempenho de suas tarefas. A curiosidade

categoria proletariado seria uma das chaves explicativas da natureza capitalista da agricultura brasileira e para se pensar os rumos da revolução brasileira⁷³. Este segmento social⁷⁴, enquanto categoria analítica, foi privilegiado em detrimento à de campesinato⁷⁵, considerada enquanto um "setor residual"⁷⁶. (PRADO JÚNIOR, 1978: 46).

intelectual foi um traço inesgotável e essencial de sua personalidade, nunca manifestando desconforto ou preguiça ao enfrentar as precárias estradas e hotéis existentes no Brasil. Queria saber a verdade, conhecer de perto as relações de trabalho e de produção em cada recanto do país: defendia uma reforma agrária planejada, com o conhecimento das situações regionais. Motivava-o, basicamente, uma profunda perplexidade diante das desigualdades sociais. Em suas viagens pelos países industrializados, comparava a qualidade de vida, o nível cultural do camponês ou do operário de lá com o daqui, lamentando a desumanidade de nossas estruturas sócio-políticas que ainda mantêm padrões de vida deploráveis para a maioria da população. (PRADO, 1989: 43). Ou ainda, ...viaja sistematicamente pelo Brasil. O objetivo é sempre o de levantar o sistema de vida e as condições de sobrevivência de cada lugar. Perfazer os trajetos habituais e as rotas da economia regional, utilizando-se do mesmo meio de transporte local, é um dos métodos adotados. Nessas ocasiões, deixa o automóvel para andar a pé, a cavalo, de barco, trem ou avião. Outra forma de que se utiliza é o diálogo direto com o habitante, pernoitando sempre que possível em sua morada. (HOMEM, 1989: 49).

⁷² Conforme aponta Monteiro, ...ao combater as teses que se apoiam na noção da persistência de 'restos feudais', Caio Prado sustenta que, antes de mais nada, deve-se considerar tais elementos como 'restos escravistas', para manter uma certa coerência com o trajeto específico da história do Brasil. (MONTEIRO, 1989: 159-60). Caio Prado não apreendeu que: O papel desses lavradores pobres era de suma importância. Não como fornecedores de mão-de-obra - isso viria depois -, mas sim como fornecedores de gêneros alimentícios e de alguns serviços. Esta pequena produção de alimentos, voltada sobretudo para a auto-subsistência, com pequenos excedentes que se destinavam aos limitados mercados internos, constituiu a principal ocupação de grande parte dos colonos livres e libertos, brancos e mestiços, negros e índios. (idem: 160).

⁷³ Prado Júnior entendia a revolução brasileira, como sendo o ...complexo de transformações em curso ou potenciais, que dizem respeito à estrutura econômica, social e política do país, e que, contidas e reprimidas pela inércia natural a toda situação estabelecida, se desenrolam de maneira excessivamente lenta e não logram a chegar a termo. Nem por isso deixam de estar presentes, e se revelam e fazem sentir através de perturbações que agitam a vida do país: desequilíbrios econômicos, desajustamentos e tensões sociais, conflitos políticos de maior ou menor gravidade e repercussão. Cabe precisamente à ação política revolucionária estimular e ativar aquelas transformações implícitas no processo histórico em curso e de que tais perturbações constituem o sintoma aparente e mais diretamente sensível. É a programação das medidas necessárias ou favoráveis a esse fim que forma a teoria revolucionária. (PRADO JÚNIOR, 1978: 133).

⁷⁴ Esta análise de Prado Jr. sobre os trabalhadores rurais inspirou um importante veio de pesquisa nos anos 70. Segundo, D'Incao, que o toma como referência em sua pesquisa sobre os bóias-frias (1975), Caio Prado seria um dos pesquisadores que ao analisar a realidade agrária brasileira, constatou a ...aparente liberação de mão-de-obra do meio rural, ...as dolorosas consequências que ela traria para o trabalhador rural", sugerindo a necessidade de se buscar ...solução do problema do homem e chegando a fazer da 'praxis científica', uma praxis criadora ou revolucionária. (D'INCAO E MELLO, 1976: 39).

⁷⁵ Segundo Correia de Andrade: Naquela ocasião, década de 50, se discutia muito o problema da necessidade de uma reforma agrária no Brasil e muitos grupos intelectuais achavam que a análise da questão agrária e a solução (...) estava numa tentativa do Brasil sair de um sistema feudal para entrar no sistema capitalista (...) Nelson Werneck Sodré e Alberto Passos Guimarães, intelectualmente (...) respeitáveis diziam (...) que se o Brasil não estivesse num regime feudal não haveria necessidade de se fazer uma reforma agrária. Contraopondo-se a alguns, liderados por Caio Prado Júnior que achavam que nunca teria havido feudalismo no Brasil e que o processo de colonização já tenha sido um processo de colonização capitalista... Se levantava também a questão se havia ou não um campesinato no Brasil (...) comparando com 'sistemas camponeses' no Brasil com sistema camponês francês (...) para mostrar que não havia camponês, que não ocorria a mesma coisa que ocorria na França

Prado Júnior analisa a questão agrária a partir do ...que diz respeito aos interesses gerais da nação, para não dizer simplesmente 'humanos', a partir da reprodução de circunstâncias que ...condenam milhões de seres humanos a uma existência miserável e sem perspectivas. (PRADO JÚNIOR, 1979: 15-6). Ele destaca os obstáculos para o ...desenvolvimento econômico e cultural do País. (idem: 16) e denuncia a concentração da propriedade agrária⁷⁷ a partir das imposições da grande exploração agromercantil, que recria o tipo de produto e de relações de trabalho de acordo com seus interesses⁷⁸.

A análise de aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos da realidade rural e a busca de soluções para os impasses postos pelo modelo de desenvolvimento econômico do país, foram uma constante em sua obra e atuação política⁷⁹. Sua compreensão da reforma agrária⁸⁰ refletia seu *bias*

(...) Era processo de alienação muito grande, aqueles que admitiam a existência de um modo de produção feudal no Brasil e procuravam aplicar no Brasil aquela classificação de Marx como se fosse uma classificação cronológica e universal, quando o próprio Marx não admitia como tal... (ANDRADE, Mesa Redonda/APIPSA, 7/12/92).

⁷⁶ Acompanhar esta discussão no próximo capítulo.

⁷⁷ Vide PRADO JÚNIOR, 1979: capítulo 2.

⁷⁸ Consultar PRADO JÚNIOR, op cit: capítulos 2 e 3.

⁷⁹ No XVI Encontro Nacional da Associação PIPSA ocorrido em 1992, Manuel Correia de Andrade deu o seguinte relato sobre estas preocupações de Caio Prado: Eu conversava com Caio Prado e ele dizia: -Todos nós estamos falando em reforma agrária, mas para se reformar alguma coisa tem-se que saber o que se está reformando. Na realidade não há estudos particularizados sobre as condições de trabalho no campo para que possamos, a partir daí, elaborar um programa de reforma agrária'. Então continuamos a conversar e no fim ele disse: -'Eu quero ver se publico, ele era dono da editora Brasiliense, um livro que traga uma contribuição a isto. Nós vamos pegar as regiões naturais do IBGE e eu vou encomendar a cada pessoa (...) de cada região, um livro sobre este assunto. Você já está convidado para fazer o nordeste e para escolher as pessoas de outra regiões, junto comigo, aqueles que eu vou convidar.'. (ANDRADE, Mesa Redonda/APIPSA, 7/12/92).

⁸⁰ Ao apresentar as frentes de ataque da reforma agrária, propõe, no entanto, medidas de caráter jurídicas, ou seja, ...a extensão da proteção legal ao trabalhador rural (legislação social-trabalhista) e o ...favorecimento de seu acesso à propriedade e utilização da terra ('desconcentração da propriedade fundiária rural'). (PRADO JÚNIOR, 1979: 90 e 91). Dentro do contexto sócio-econômico que analisa propõe que a reforma agrária ...precisa se desenvolver simultaneamente na base das duas ordens de medidas que visam respectivamente, de um lado, à regulamentação legal das relações de trabalho no campo; e doutro, à facilitação do acesso à propriedade e uso da terra, por parte da população trabalhadora rural. (idem: 92). Para Caio Prado a saída da situação ...dolorosa e humilhante do nosso país, é sem dúvida alguma a modificação das condições reinantes no campo brasileiro e elevação dos padrões de vida humana que nele dominam. É isso portanto que deve centralmente objetivar a reforma agrária. O resto virá depois, e somente poderá vir depois, como certamente acontecerá. (idem: 89). Os órgãos e comissões criadas viabilizariam o processo de desapropriações, divisão

teórico-metodológico e partidário. Aquela era concebida como uma forma de elevar os padrões de vida da população rural⁸¹ e deveria aliar-se a uma legislação social trabalhista rural neste sentido⁸², através de uma intervenção a nível do mercado e do acesso à terra.⁸³ (PRADO JÚNIOR, 1979: 80-5).

Prado Júnior critica o programa comunista por desconsiderar a legislação trabalhista rural⁸⁴ e por desconhecer o projeto relativo ao Estatuto do Trabalhador Rural⁸⁵, que em abril daquele ano, num documento intitulado “A posição dos comunistas diante das reformas de base” não o mencionava.⁸⁶ Numa interpretação otimista, o autor acreditava que a simples aplicação da legislação rural em muito melhoraria a vida dos trabalhadores rurais. Para ele, a ...legislação social-trabalhista, e a desconcentração da propriedade fundiária rural (idem: 91) levariam a uma ...elevação dos padrões de vida da população rural e

e distribuição de terras; organização e formação de mudas, etc. Para comentário sobre estes aspectos consultar: FALEIROS, 1989; GNACCARINI, 1989; MÜLLER, 1989; RÊGO, 1980; 1989; RANGEL, 1989, etc.

⁸¹ Conforme PRADO JÚNIOR, op cit: capítulos 2, 3, 4, 6.

⁸² Para Caio Prado: Uma legislação trabalhista eficaz e realmente protetora do trabalhador empregado rural deve, além de regular as relações de trabalho, criar as condições necessárias, e que fazem falta no meio rural brasileiro por circunstâncias que lhe são peculiares, para que entre proprietários e trabalhadores subsistam unicamente, como se dá nos centros urbanos, relações puramente de trabalho, isto é, de prestação remunerada de serviços, de empregador a empregado. E que essas relações não se envolvam e deformem, como tão frequentemente se dá entre nós, por vínculos estranhos de natureza extra-econômica que afetam o estatuto político-pessoal do trabalhador. (PRADO JÚNIOR, 1979: 99). O autor supõe que ...o salariato rural encontrará então ambiente favorável à sua plena configuração como tal, isto é, para uma legítima e pura locação de serviços contratados entre partes efetivamente em pé de igualdade jurídica. (idem: 101). Estas indicações se aplicam também à parceria, que ...deverá ser assimilado ao simples empregado, gozando de todos os direitos e prerrogativas daí decorrentes. (idem: 102)

⁸³ Müller chama atenção para o fato de que esta proposta repete ...as idéias de rompimento com a estrutura fundiária herdada do passado colonial. Mas, novamente, sem nenhuma menção a respeito do impacto da agricultura moderna sobre a atrasada, e tampouco da industrialização e da urbanização aceleradíssima sobre a estrutura agrária. (MÜLLER, 1989: 194-5).

⁸⁴ Para Prado Júnior: O ponto relativo à legislação trabalhista não é incluído no texto que se ocupa da reforma agrária propriamente e das medidas destinadas a promovê-la. E sim é arrolado entre as ‘medidas parciais que melhorem a situação das massas camponesas, incrementem a produção de gêneros alimentícios e matéria-primas’. E assim mesmo essa inclusão é feita em último e mais que apagado e discreto lugar. (PRADO JÚNIOR, 1979: 162).

⁸⁵ Também conhecido como Lei nº 4.214 de 2 de março de 1963.

promoveria a sua ...integração em condições humanas de vida. (idem: 80). A mobilização trabalhadora contra esta situação deveria estar sob o controle do partido.

O livro de Prado Júnior *A revolução brasileira* (1978), editado pela primeira vez em 1966, dá continuidade a muitas destas questões e é menção obrigatória no debate sobre a questão agrária no Brasil. Este livro politizou o debate, questionou as sobrevivências feudais nas relações de produção e nas relações de trabalho presentes na formação agrária brasileira e também criticou muitas das teses e equívocos do Partido Comunista.⁸⁷ Para ele o documento do PC denominado "Por un viraje decisivo en el trabajo campesino" (1933) está repleto de afirmações errôneas sobre a economia de exportação brasileira, sobre a crença na existência de restos feudais presentes no país⁸⁸. A parceria, o barracão e o cambão eram apontados neste documento como formas feudais ou semifeudais de exploração do trabalho⁸⁹. (PRADO JÚNIOR, 1978: 42-5).

⁸⁶ Segundo Caio Prado o partido, propôs ...a elaboração de estatuto que [estabelecesse] uma legislação trabalhista adequada aos trabalhadores rurais.' A direção do Partido chegava ao cúmulo de ignorar a vigência do Estatuto! (PRADO JÚNIOR, 1979: 59).

⁸⁷ Vide artigo de Iglésias (1990), especialmente páginas 369 e 370. Para Prado Júnior, houve ...graves distorções (...) na interpretação da realidade política, econômica e social brasileira [que] contribuíram para os erros que vinham sendo cometidos desde longa data na ação política da esquerda, e que levaram afinal ao desastre de 1º de abril. (IGLÉSIAS, 1978: 23). Prado Júnior criticou, de forma contundente, a elaboração teórica da linha revolucionária na América do Sul do Bureau Sul-Americano da Internacional Comunista (Montevideu), que segundo ele, demonstrava ...o mais completo desconhecimento do Brasil, estava escrito repleto de ...disparates no que se refere às nossas coisas e parecia não receber a colaboração de 'representantes brasileiros' (PRADO JÚNIOR, 1978: 37-8). De acordo com Correia de Andrade: Da discussão enorme de Caio Prado Júnior com o PC oficial publicou uma série de artigos no *Jornal a Classe Operária* e que depois reestruturou no Livro *A revolução Brasileira* (...) Ele mostrou que os grandes erros do PC vinham dando nesta preocupação de aplicar modelos importados... (ANDRADE, Mesa Redonda/APIPSA, 7/12/92). Segundo Fernandes este livro foi muito importante para a ...história do movimento comunista no Brasil e à crítica do nosso pensamento e práticas pretensamente revolucionárias e pela refutação dos modelos de revolução, que estavam imbricados no chamado marxismo-leninismo do PCB (uma versão stalinista do marxismo e do leninismo), refutação esta que continha o sentido de uma superação construtiva. (FERNANDES, 1989: 36). Consultar também: GARCIA, 1989; GORENDER, 1989; BRESSER PEREIRA, 1989; SILVA, 1989.

⁸⁸ Consultar PRADO JÚNIOR, 1978: capítulo II.

⁸⁹ Para ele, esta interpretação constituía-se numa ...deformada visão da economia e das relações de produção e classe no campo brasileiro. (PRADO JÚNIOR, 1978: 74). Estes aspectos serão melhor tratados no item 3.2.1 do próximo capítulo.

O autor desenvolve uma discussão teórica sobre a realidade econômica, social e política, para mostrar como a esquerda, partindo de textos clássicos, procurou ...os fatos ajustáveis em tais conceitos e teoria. (idem: 79). Sua preocupação foi denunciar a interpretação apriorística dos fatos e defender o uso do método dialético enquanto ...[método] de interpretação, e não receituário de fatos, dogma, enquadramento da revolução histórica dentro de esquemas abstratos preestabelecidos. (idem: 19). Segundo ele, a falta de conhecimento e perspectiva sobre a realidade brasileira ocorria devido às

...posições teóricas decalcadas em modelos estranhos que não se aplicam à situação do nosso país, bem como as danosas consequências práticas e de ordem política que daí provêm, se verificam em outras concepções da consagrada teoria da revolução brasileira. (PRADO JÚNIOR, 1978: 70).

Com a publicação do livro **A revolução brasileira**, Prado Júnior ressaltou sua discordância com o modelo desenvolvimentista das análises isebianas, com o Partido Comunista e com a política anti-imperialista da esquerda.⁹⁰ Discordando destes modelos, ele se apresentava como um marxista, que criticava os esquemas abstratos desligados da realidade brasileira, que não conseguiram promover as transformações econômicas e sociais necessárias para o desenvolvimento do país. Ele propôs

...reelaborar a teoria da nossa revolução, a fim de por ela acertadamente pautar a ação política da esquerda brasileira. Mas para isso devemos antes começar pela apreciação crítica das concepções teóricas até hoje consagradas e que de maneira tão lamentavelmente errada vêm inspirando as forças políticas renovadoras do nosso país. (PRADO JÚNIOR, 1978: 28).

Sua crítica volta-se contra as teorias admitidas e empregadas *a priori* (idem: 78) e contra aquilo que já havia denunciado anteriormente, ou seja,

...forças políticas de esquerda, inclusive os comunistas, [que] se desgastam em estéril agitação que [serviram] muito mais aos propósitos do carreirismo político que aos verdadeiros interesses das camadas trabalhadoras do campo e aos objetivos econômicos e sociais da revolução brasileira. (PRADO JÚNIOR, 1979: 168-9).

⁹⁰ Vide em especial PRADO JÚNIOR, 1978: capítulo VII.

Segundo Fernandes, com esta obra, Prado Júnior ...foi ao fundo da questão, do ângulo dos militantes do PCB e dos caminhos revolucionários a seguir, nascidos do solo histórico brasileiro, mas não foi suficiente para a análise da questão da ...terra e trabalho, em seus desdobramentos sobre a reforma agrária. (FERNANDES, 1989: 36).⁹¹

Com estas duas obras, **A questão agrária** e **A revolução brasileira**, Prado Júnior exemplificou um tipo de abordagem interdisciplinar, que não contemplava apenas a história, mas também a sociologia, a política, a economia. Manteve a preocupação com os destinos da classe trabalhadora, especialmente a rural, mudando a forma tradicional de focar a agricultura, abandonando a bipolarização dos esquemas evolutivos dos modos de produção (feudal e capitalista) e negando o caráter feudal ou de restos feudais da agricultura, cujo processo sócio-econômico, segundo ele, foi essencialmente capitalista. Ele firmou a necessidade da redefinição do debate feudalismo x capitalismo, da ruptura com um discurso politizado submetido aos ditames de um partido e abriu uma nova forma de indagar a realidade e os procedimentos teórico-metodológicos.

Ao defender um novo estatuto jurídico que legislasse sobre as relações de trabalho no meio rural, o autor o fez sob o ideário de uma suposta igualdade⁹². A aplicação da legislação rural-trabalhista de 1963 (Estatuto do Trabalhador) tornava-se, para ele, o instrumento principal para a obtenção da

⁹¹ Para Fernandes este livro foi o ...mais sério que se escreveu no Brasil naquele momento e teve um impacto político enorme, acordando a esquerda para a urgência de uma renovação de fundo. Ao mesmo tempo descortina o panorama de uma reconstrução pluralista, repudia a hegemonia monolítica de um único modelo de revolução... (FERNANDES, 1989: 36-7).

⁹² Para o autor não são as ...relações de pessoa e estatutos pessoais que interferem na transação [como ocorre no feudalismo], e sim unicamente relações mercantis (PRADO JÚNIOR, 1979: 67), que marcam o caráter das relações de trabalho da agropecuária brasileira. Por ser uma atividade essencialmente comercial, Prado Júnior acreditava que todos aqueles que participam de um empreendimento comercial agropecuário o faziam ...em pé de igualdade jurídica, isto é, com estatutos pessoais idênticos. (ibidem) Entre a realidade teórica e a empírica, faltou-lhe o entendimento das sutis relações pessoais (patronagem, compadrio, deveres, obrigações, lealdades) que envolvem mandos e desmandos, o legal e o informal presentes nas relações de trabalho rural.

melhoria de vida, para a luta dos trabalhadores rurais (PRADO JÚNIOR, 1979: 10, 11) e essenciais para uma política de reforma agrária⁹³. (idem: 159-160). Mesmo sendo uma interpretação conservadora, tais propostas avançavam sobre o que estava posto até então.

A proposta política de Prado Júnior ficou expressa nos textos que escreveu para a academia na qual não conseguiu inserir-se. Para ele, teoria e prática estavam dialeticamente interligadas, ou seja, ...a teoria se realizando em função da prática, e a prática em função da teoria. (PRADO JÚNIOR, 1979: 14). O saber teórico estaria a serviço da transformação das estruturas geradoras da injustiça e da miséria da classe trabalhadora. Sua dialética, apesar de inovar, manteve uma lógica circular, que não conseguiu, nem teórica e nem politicamente, romper com a relação aprisionadora autor/texto/objeto/saber. O homem rural - objeto de suas reflexões teóricas e políticas - mesmo que vivamente apresentado, continuou prisioneiro em seus textos. Apesar de ter conseguido enxergar e pesquisar a realidade rural, não captou dela a informação essencial para, de fato, desencadear o tão sonhado processo revolucionário.

Se Iumatti está correto ao identificar nos **Diários políticos de Caio Prado Júnior de 1945**, alguns dos elementos que comporiam o quadro mental do livro **A Revolução Brasileira** (IUMATTI, 1998: 110-11), escrito por Caio Prado em 1966, não é sem razão a proposição nesta obra de esquemas interpretativos generalizantes e de saídas legalistas para as condições de miséria, tão denunciadas por ele. Provavelmente, toda paixão com que identificou as injustiças presentes no meio rural e sua busca de uma solução menos radical para as questões trabalhistas e de terra no meio rural foram frutos de

⁹³ A reforma agrária, segundo o autor, deveria realizar-se em benefício dos que trabalham na terra (PRADO JÚNIOR, 1979: 81, 85) e de forma a resolver o ...problema essencial e primordial da economia agropecuária brasileira (...) a melhoria das condições de vida do trabalhador rural. (idem: 185). Assim, ... a frente decisiva da luta pela reforma agrária se situa hoje sobretudo na implantação geral e definitiva, no campo, das normas reguladoras do trabalho. (idem: 162).

longos anos de militância partidária infrutífera; de uma vida intelectual que não presenciou o tão esperado processo revolucionário do país; da observação do descompasso da teoria/empíria; do excesso de dados sobre a miserabilidade da vida rural e que não foram, por si sós, capazes de mobilizar, transformar e apontar caminhos. Como o sacerdote do bosque de Nemi, postou-se, às vezes, muito inquieto frente aos impasses enfrentados. Segundo sua companheira, Prado Júnior, mesmo sabendo que,

As grandes coordenadas, o processo, a visão de conjunto, a síntese vêm depois... [Vivia] mesmo obcecado com elas a ponto de estar constantemente distraído. Tão absorto [andava] com suas idéias que [batia] a cabeça ou [tropeçava] com frequência. não vendo os obstáculos que [apareciam] à sua frente. (HOMEM, 1989: 49).

Como na epígrafe desta tese, o sacerdote, apesar de não receber a coroa do reconhecimento de seus pares, dada sua situação de duplamente marginalizado (na academia e no partido), teve o sono inquieto. No entanto, seus textos teóricos, cheios de paixão revolucionária, engravidaram outros textos com os ideais de mudança e com o desafio histórico da busca de saídas teórico-metodológicas ou práticas.

Se se mudassem no texto a seguir a data e os personagens, compreender-se-ia por que o militante independente 'tropeçava' na dialética das construções intelectuais abstratas e no concreto da vida. Afinal, toda uma vida intelectual e partidária não foi suficiente para presenciar novos contornos para a realidade brasileira.

A política comunista tem por enquanto muito pouco de construtivo. Ninguém procura muito bem saber o que se vai fazer; quer-se alguma coisa radical, confusamente sentida. mas ninguém se preocupa em definir claramente o que seja esta 'coisa'. As próprias reivindicações de Prestes e do PCB, ..., ficam no ar... A 'reforma agrária' anda na boca de todo mundo. Raríssimos serão aqueles que tem uma idéia do que venha a ser esta reforma... [Ficou-se na] 'entrega gratuita de terras aos 'camponeses' nos arredores das cidades', pleiteada por Prestes. Como fazer isto, ninguém diz, e poucos serão os que pensam no assunto. No entretanto, a idéia provoca aplausos entusiásticos quando apresentada nos comícios e assembléias.// (p.116) (PRADO JÚNIOR, 1945, apud IUMATTI, 1998: 130).

Caio Prado Júnior foi considerado político demais para ser admitido no campo acadêmico e, erroneamente desclassificado pela esquerda partidária, como um intelectual-burguês. Seus textos foram aprisionados no interior da academia e excluídos de práticas partidárias⁹⁴, não alcançando assim, os segmentos sociais responsáveis pela consolidação de uma consciência histórica.

Para Ianni:

Há muito de experiência de vida, inquietações e esperanças, na sobriedade contida e tensa com que Caio Prado constrói a sua escritura e interpretação. Focaliza a realidade social e histórica desde as diversidades, desigualdades e contradições que fundam os seus movimentos. E assim descobre a fecundidade histórica e teórica do ponto de vista do operário, trabalhador do campo e outros, vistos em suas especificidades locais, regionais e nacionais. Nessas andanças, observa e analisa o caleidoscópio de múltiplos tempos que compõem e decompõem os impasses e as possibilidades da sociedade nacional. Descobre alguns lineamentos básicos da formação do Brasil contemporâneo, da revolução social, das condições e possibilidades do socialismo brasileiro. (IANNI, 1989: 76).

No entanto, este saber disciplinar não transformou-se em saber libertador e gerador de uma nova forma de existir. A dupla marginalização de Prado Júnior e talvez sua própria altivez de intelectual independente, não consolidaram, lamentavelmente, a construção de um grande *kula* simbólico onde os saberes pudessem ter circulado como *vaygu'a* (MALINOWSKI, 1976) num enriquecimento mútuo da prática teórico-metodológica e político-partidária. Apesar disto, os seus textos ao serem reestudados por outros autores contribuíram para o rompimento de um elo da espiral do conhecimento na direção de uma nova reflexão sobre a questão agrária dos anos 60, frutificando nas décadas seguintes e apontando para a necessidade de se analisar também os aspectos dos processos sociais agrários internos de forma mais sistemática.

⁹⁴ Segundo Gasparoto, apesar da importância do livro de Caio Prado *A Revolução Brasileira*, esta só chegou até eles ...como um bloco de concreto sobre [suas] cabeças] dois anos depois. GASPAROTO, 1989: 57). Através deste livro eles tomam contato com a autocrítica que o PCB não fez e descobrem que ...o PCB não se havia equivocado apenas na maneira de conduzir a Revolução, mas que sua própria concepção da revolução brasileira era equivocada; e mais: que se estudava conforme modelos que nada tinham a ver com a nossa realidade nacional. (ibidem). Muitas foram as críticas e rejeição a esta obra e ...lições de Caio Prado, parece não foram aprendidas. (idem: 59).

Apesar de não ter experimentado a docência e de não ter tido contato com a prática de pesquisa sistematizada, a obra de Caio Prado indicou a necessidade de estudos com maior rigor teórico e metodológico e da prática de pesquisa de campo, enquanto técnica indispensável para a apreensão da realidade social. Junto com seu encantamento e compromisso político com o setor rural marginalizado, seus escritos lembram-nos, reiteradamente, que ...são naturalmente os homens que contam (PRADO JÚNIOR, 1979: 27); que devemos lutar contra a miséria em que vive o trabalhador rural; que devemos eliminar ...a confusão e ambiguidade da teoria, aliadas ao mais grosseiro empirismo na prática (idem: 188) e que devemos nos comprometer com a realidade pesquisada.⁹⁵

Como fazer isto? é a questão que se mantém. Do contato com estas duas obras, ficou a indicação de que era necessário resgatar o recorte micro para as análises globalizantes; aproximar o sujeito+objeto do conhecimento; romper com a estrutura social e política a serviço do *status quo* e dos mecanismos de classificação e desclassificação de autores, textos, objeto de pesquisa. As questões da propriedade da terra, da reforma agrária, da expropriação, da miséria rural, entre tantas outras, continuam sem solução. Os esquemas teórico-metodológicos elaborados para explicar a realidade social em transformação, apesar de mais complexos e científicos, continuaram escravizados no Bosque de Nemi (saber) e nas estruturas de poder.

⁹⁵ Qualquer análise social é sempre afetada, consciente ou inconscientemente, pela posição política do analista. Ele deve por isso fazer que o seja conscientemente, a fim de não embaralhar a matéria e divagar sem rumo preciso.(...) Se nos propomos analisar e corrigir a deplorável situação de miséria material e moral da população trabalhadora do campo brasileiro - e nisso consiste preliminarmente, sem dúvida alguma, a nossa questão agrária -, é disso que nos devemos ocupar em primeiro e principal plano. O que não exclui, e antes impõe, a posterior consideração dos problemas que dizem respeito ao 'negócio' da agropecuária e que interessam sobretudo, nas condições atuais, grandes proprietários e fazendeiros, como sejam, entre outros, redução dos custos de produção (mais eufemicamente designados por 'aumento da produtividade'), comercialização e financiamento da produção etc. (PRADO JÚNIOR, 1979: 22-3).

2.2.2. José de Souza Martins: o resgate da dimensão social, antropológica⁹⁶ e política na análise de temas rurais

José de Souza Martins é o segundo autor que destaco nesta discussão, por contribuir para o resgate político dos camponeses para dentro dos debates teórico-metodológicos⁹⁷, por valorizar o saber camponês⁹⁸ e por mostrar que ...'o rural' não se limita à 'questão agrária', que é uma questão social e política específica e circunscrita.⁹⁹ (MARTINS, Carta-resposta: 02/06/97: 2).

⁹⁶ De acordo com Carta-resposta de Martins, ele ressalta sua condição de sociólogo: Na verdade, sou sociólogo. É próprio da tradição da chamada 'escola sociológica da USP' um consistente diálogo com a antropologia. Gostaria de lembrar-lhe que o fundador de nossa cadeira sociologia, em 1936, foi Claude Lévi-Strauss. Seu sucessor foi Roger Bastide, 'fortemente antropólogo' como se vê em sua obra. O sucessor de Bastide, foi seu aluno Florestan Fernandes, cujo mestrado foi em Antropologia e cujo doutorado em Sociologia trata de um tema antropológico. O mais importante trabalho sociológico sobre populações camponesas produzido aqui na USP é a tese de doutorado de Antonio Candido sobre os *Parceiros do Rio Bonito*, que constitui um diálogo sociológico com a antropologia de Redfield e de Foster, pela primeira vez via Marx. Mas, não é apenas a antropologia que está na interlocução do grupo de que faço parte. A História tem em nossos trabalhos uma presença fundamental (e também o diálogo da antropologia com a história). Bastide, Florestan, Cardoso, Ianni, Carvalho Franco, Gnaccarini e eu mesmo fizemos pesquisas e estudos sociológicos especificamente no território da história. A nossa 'antropologia' não está divorciada da mediação da história. Os fundamentos teóricos dessa orientação estão em vários livros de Florestan Fernandes, especialmente nos *Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica*, em que ele codifica os procedimentos relativos à junção de processos sociais sincrônicos e processos sociais diacrônicos. Isolar a antropologia nesses casos desfigura a orientação metodológica geral que os sustenta. (MARTINS, Carta-resposta, 02/06/97: 2). Apesar dessas ponderações, saliento a contribuição da perspectiva sociológica e antropológica dos trabalhos de Martins aqui considerados, sem pretender 'desfigurar' qualquer orientação metodológica e/ou desmerecer o diálogo que ele estabelece com a história em sua prática disciplinar.

⁹⁷ Martins chama a atenção para o desamparo político daqueles que são ...silenciados como sujeitos não só da História, mas também da teoria, pelo desdém dos partidos e dos intelectuais. (MARTINS, 1984a: 10). Poletto ao refletir sobre os 'sujeitos e valores emergentes' para tornar a democracia ...uma obra em construção, um ideal possível, uma utopia realizável (POLETO, 1993: 21) aponta para a importância das pesquisas de Martins nesta direção, uma vez que elas revelam a existência dos ...germes de uma sociedade diferente transformada a partir da superação de uma ou muitas carências, a existência de uma ...'nova' moral dos excluídos e que estes são 'sujeitos políticos coletivos' de suas próprias histórias. (idem: 27-8).

⁹⁸ O autor valoriza o saber camponês, capaz de informar e formar o intelectual nas suas atividades de pesquisa, como foi o caso de Carlos Rodrigues Brandão, um de seus orientandos. Segundo Martins, Brandão ...[encostou] nos ranchos e palhoças, indagando, olhando, querendo saber coisas, fazendo espontaneamente o bacharelado de sua vocação, em Antropologia, com alguns dos melhores mestres do país, os camponeses analfabetos das roças e povoados. Sacramentou o aprendizado fazendo um mestrado em Brasília com pesquisadores da melhor competência. (MARTINS, 1980c: 11).

⁹⁹ Conforme Martins, na USP desenvolveu-se uma tradição de pesquisa, que embora ligada à industrialização, à urbanização, ao trabalho, à migração e à temas rurais, procurava "diversificar perspectivas", já que ...na USP, na antiga Faculdade de Filosofia, (...), nunca houve nada parecido com o que se possa eventualmente chamar de campo intelectual relativo ao tema 'questão agrária. (...) Quase todos os professores e pesquisadores vinculados às antigas cadeiras de Sociologia e também à de Antropologia fizeram pesquisas sobre populações rurais no Brasil e sobre diferentes aspectos do tema escreveram trabalhos importantes: Florestan Fernandes, que era o titular da Cadeira, Fernando Henrique Cardoso, Octávio Ianni, Maria

Em suas pesquisas de campo e em sua análise criteriosa, o rural foi tema recorrente em suas reflexões teórico-metodológicas. No entanto, Martins critica qualquer tentativa de ser classificado ou reduzido à condição de especialista na questão agrária ou de sociólogo rural¹⁰⁰ (MARTINS, Carta-resposta: 14/04/97: 2), embora seja assim reconhecido por seus pares.¹⁰¹ Segundo Martins, mesmo

Sylvia de Carvalho Franco, Marialice Mencarini Foracchi. Todos foram meus professores e com eles trabalhei desde quando fui convidado a integrar o quadro de docentes da antiga Cadeira de Sociologia I, pouco antes de minha formatura em 1964. Na Cadeira de Sociologia II, de que era titular o professor Fernando de Azevedo, de certo modo aconteceu o mesmo: Antônio Candido, Maria Isaura Pereira de Queiroz e Aziz Simão fizeram pesquisas sobre o assunto. E na Cadeira de Antropologia foi a mesma coisa: Gioconda Mussolini e João Baptista Borges Pereira fizeram pesquisas e publicaram trabalhos a respeito. (MARTINS, Carta-resposta, 14/04/97: 1).

¹⁰⁰ Segundo Martins a sua reflexão ...vai incidir sobre a sociologia rural, partindo do entendimento que ...o rural é parte de uma forma de construção social da realidade, ainda que no âmbito do chamado conhecimento sociológico. (MARTINS, 1978a: 46). Ele procura verificar como as ...ambiguidades de origem da sociologia, expressas simultaneamente no conservadorismo e no cientificismo, 'comportam-se' na particularização da realidade e na particularização do conhecimento - como rural de um lado e sociologia rural de outro. (ibidem). Considerando-se os títulos das dissertações de mestrado e das teses de doutorado produzidas no Programa de Pós-graduação em Sociologia da USP (anos 1970-94), que de alguma forma indicam a temática rural como objeto de investigação, constatou-se que José de Souza Martins aparece em segundo lugar quanto ao número de orientações dadas a alunos do mestrado e em terceiro quanto ao número de orientações de tese de doutorado. (LOPES, 1998: 24-6).

¹⁰¹ A despeito de seu querer, várias são as menções, em reuniões científicas e meio acadêmico, reconhecendo-o como um especialista em sociologia rural. Segundo entrevista feita com Brandão sobre sua situação de ex-orientando de Martins, ele menciona sua sorte de ter dado continuidade à sua tese sob orientação de Martins, após a morte de Duglas Teixeira Monteiro: ...para sorte minha, eu caí com o José de Souza Martins. Ele trabalha com o mundo rural, sociologia do mundo rural, numa perspectiva diferente da minha, mas a gente se afina de cara. Neste tempo, numa outra coincidência boa, ele está se aproximando muito de um trabalho com viés da religião e está começando a assessorar a CPT. (BRANDÃO *apud* LOPES, 1990a: 17). Várias foram as referências à importância do trabalho de Martins no tratamento da questão agrária, conforme as entrevistas realizadas com Carlos Brandão (14/11/91), Regina Novaes (22/12/93) e a exposição de Tavares dos Santos (Mesa Redonda/APIPSA). Conforme Nair Costa Muls relatou nesta ocasião ...José de Souza Martins foi uma figura importante na nossa trajetória e no entendimento da questão agrária. (MULS, *apud* Novaes, Entrevista: 22/12/93). Avaliar as implicações e consequências da resistência de Martins e de outros intelectuais da USP sobre a consolidação de uma prática teórico-metodológica sobre o rural uspiana, mereceria uma investigação. Num estudo sobre a sociologia rural francesa, Jollivet indica alguns elementos que poderiam ajudar a entender, hipoteticamente, algumas implicações desta 'resistência', já que o resultado de sua análise poderia ser 'generalizável' para outras realidades, conforme indica o próprio autor. (JOLLIVET, s/d: 1) Esse autor mostra que: ...A demarche 'ruralista' tem a ambição de integrar todas as dimensões do social, o tempo, o espaço, o local e global. Trata-se de uma demarche que se qualificaria hoje de holística (ou holista). (idem: 3). Segundo, ...a sociologia rural, por um desvio de alguma forma paradoxal, em princípio 'especialidade' da sociologia, aparece de fato como uma sociologia 'generalista' em si. O sociólogo rural se interessa por todo um conjunto de aspectos da vida social que é dividido, por sua vez, em tantas 'especialidades' da sociologia - sociologia política, sociologia da família, sociologia das religiões, etc. (idem: 4). Terceiro: É portanto pelo seu 'objeto' - seria melhor falar de 'campo de aplicação' - e não por uma 'teoria' ou uma 'escola de pensamento' particular que a sociologia rural se define. (ibidem). Quarto: ...E desta proposição decorre a interdisciplinariedade já evocada, com a ...a integração dos diversos aspectos da vida rural. (ibidem). Ou ainda, ocorre: ...uma busca constante da transversalidade no seio da sociologia e da interdisciplinariedade com as outras ciências sociais do mundo rural. Dai, também o risco para os sociólogos rurais de aparecer como fechados - juntamente com outros 'ruralistas' - em um mundo rural 'específico' e 'fechado'. (idem: 6). Todos estes elementos encontram-se explicitamente expressos nos depoimentos de Martins, que

tendo escrito e tratado da temática rural, nem ele, nem o grupo de professores ligados ao ensino da disciplina Sociologia na USP, especializaram-se nesta temática:

Seguimos todos a tradição deixada pelos nossos primeiros titulares de Sociologia - Claude Lévi-Strauss e Roger Bastide - e os outros europeus que fundaram a USP, no sentido de diversificar perspectivas e não trabalhar com concepções segmentadas da realidade. No curriculum de todos você vai encontrar uma razoável diversidade de temas. Mesmo um antigo aluno de Florestan, depois professor aqui na Faculdade, José César Gnaccarini, não é a rigor um sociólogo rural. Seus trabalhos são antes sobre sociologia da dominação... Nunca tivemos aqui o que se poderia chamar de sociólogo rural, nem mesmo a Professora Maria Isaura Pereira de Queiroz que é antes uma grande especialista em sociologia da cultura e sociologia dos movimentos messiânicos. Outros professores de outras cadeiras da antiga Faculdade - História, Geografia, Economia - tiveram um percurso semelhante. De modo que nenhum de nós se veria corretamente 'classificado' se fosse reduzido à condição de especialista na questão agrária, coisa que de fato não somos. (MARTINS, Carta-resposta, 14/04/97: 1).

É, portanto, no âmbito da Teoria Sociológica e de uma Sociologia Especial que Martins define sua prática disciplinar de temas ligados ao rural.

Minha perspectiva e meu tratamento do tema, que é um dos vários com que tenho trabalhado no âmbito das diversas sociologias especiais, estão muito influenciados por essa formação e por essa orientação, de que me considero um dos continuadores. Basta ter em conta que há muitos anos não dou cursos sobre temas rurais e nos trinta e dois anos em que estou na Universidade eu os dei apenas umas poucas vezes. Desde 1975, na atividade docente no curso de graduação, dedico-me à Sociologia da Vida Cotidiana, disciplina que formalizei e introduzi no Brasil, embora nessa área nunca tenha desenvolvido cursos de pós-graduação. E nessa área tenho vários trabalhos publicados. (idem: 2).

Desde o início de sua carreira intelectual, Martins tem lecionado e desenvolvido pesquisas na USP. (MARTINS, Carta-resposta, 14/04/97: 1). Foi aluno e assistente de pesquisa de Florestan Fernandes, na época titular da disciplina Sociologia I, fêz parte da geração de assistentes dos pesquisadores ligados ao Projeto do CESIT (Centro de Estudos de Sociologia Industrial e do Trabalho), fundado em 1962 e agregado à disciplina Sociologia I da USP.¹⁰²

refletem sua formação acadêmica, herdeira da tradição francesa. Nestes elementos, talvez se encontrem parte da resposta para se entender o por que da minimização do estudo do tema rural na USP (Martins e outros, conforme já indicado).

¹⁰² A pesquisa desenvolvida para a elaboração de sua dissertação de mestrado vinculava-se à uma das temáticas pesquisadas neste Centro. Este trabalho intitula-se "Empresário e empresa na biografia do Conde Matarazzo" e foi defendido em 1966, sob a orientação de Florestan Fernandes.

Para Martins, sua perspectiva intelectual, sua forma de tratamento do tema e de fazer pesquisa é herdeira da sua formação intelectual na USP e da

...tradição deixada pelos... primeiros titulares de Sociologia - Claude Lévi-Straus e Roger Bastide - e os outros europeus que fundaram a USP, no sentido de diversificar perspectivas e não trabalhar com concepções segmentadas da realidade. (MARTINS, Carta-resposta: 14/04/97: 1).

Segundo Martins, a tradição da escola sociológica da USP fez com que

...as grandes questões nacionais (e suprapartidárias) sempre [fossem] tratadas de modo 'ecumênico'. Florestan e os outros sempre insistiram na não partidarização da ciência e, ao mesmo tempo, no compromisso da ciência com as transformações sociais e com a dignidade do homem, acima de partidos e facções. (MARTINS, Carta-resposta, 02/6/97: 4).

Martins também assessorou a CPT, a elaboração de documentos subsidiadores da atividade pastoral¹⁰³ da Igreja Católica e usou o espaço institucional desta para sua ação prática e reflexão acadêmica.

Segundo Martins, se até 1964, o PCB ...fortaleceu sua presença na organização e nas reivindicações dos trabalhadores rurais, depois disto ...foi perdendo influência sobre os movimentos camponeses¹⁰⁴ (MARTINS,

¹⁰³ O trabalho de José de Souza Martins "Terra de negócio e terra de trabalho: contribuição para o estudo da questão agrária no Brasil" foi subsidiador para a elaboração do documento "Igreja e problemas da terra" do encontro dos bispos em Itaici (1980). Em nota de pé-de-página a Revista CEAS/67, aponta para a contribuição de Martins para a compreensão do ...caráter anticapitalista dos conflitos pela terra; para a distinção que elabora entre as categorias terra de negócio e terra de trabalho; por mostrar como ...o Estatuto da Terra proclama e consagra a propriedade empresarial e para a ...necessidade de reconhecer o saber e o direito popular, assim como as várias formas de organizações populares. (CEAS *apud* MARTINS, 1980d: 34-5). Apesar de seu apoio educativo a grupos católicos Martins não é católico. De acordo com seu próprio depoimento, ele foi de origem calvinista: Divirto-me muito quando críticos de meu apoio educativo a grupos católicos, mas também protestantes (luteranos, metodistas), populares de base, descobrem minha origem calvinista e ficam sabendo que fui membro professo da Igreja Presbiteriana até a época de meu ingresso na Universidade (1961). A rotulação fácil de ideólogo do catolicismo popular vai por água abaixo. Mais ou menos em coincidência com essa época e o golpe de Estado de 1964 (ano de minha licenciatura), a igreja a que eu pertencia fez uma clara opção pelo apoio aos militares. Poucos desses comentadores de superfície sabem ou prestaram atenção no fato de que com o golpe militar houve uma certa protestantização do Estado brasileiro. Até então, candidatos protestantes a cargos do Executivo eram informalmente impugnados pela hierarquia católica e era impensável um presidente da República que não fosse formalmente católico. Com o golpe, protestantes (especialmente presbiterianos e batistas) chegaram pela primeira vez a governos de Estado (em Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo e Pará) e também a prefeituras. E pela primeira vez um protestante se tornou presidente, o luterano Geisel. (MARTINS, Carta-resposta, 02/06/97: 2-3)

¹⁰⁴ Contribuíram para isto a repressão do governo militar sobre a liderança política, o caráter dúbio das propostas partidárias de esquerda e o fortalecimento da ala progressista da Igreja Católica. (LOPES, 1997).

1981b: 10) e a Igreja Católica passou a liderar os movimentos camponeses, especialmente nas áreas da fronteira. O trabalho com as comunidades rurais revelou o lado político do trabalho da Igreja, ou seja, através das formas comunitárias abria-se um espaço de enfrentamento com o capital. (MARTINS, 1986: 77). Os confrontos sociais e étnicos ocorridos no Brasil nos anos 60 e 70, especialmente nas áreas de fronteira agrícola da Amazônia, a partir da política de incentivo fiscal, impuseram à Igreja Católica o compromisso para com estas novas prerrogativas e para com a tarefa de ser mediadora nas lutas camponesas. A prática e a experiência pastoral junto aos movimentos camponeses do nordeste da Igreja Católica se estendeu para a Amazônia Legal (posseiros e índios). (LOPES, 1997). Este quadro institucional é informativo para o entendimento da prática disciplinar de Martins que, pesquisando na fronteira, descobre o posseiro com quem a Igreja Católica estava trabalhando:

Em sua elaboração teológica, a Igreja vinha se referindo à caminhada do povo de Deus, à busca da terra prometida etc. O posseiro se torna neste momento, uma figura emblemática deste modelo bíblico. O documento¹⁰⁵ é forte ao se referir à guerra de extermínio e em sua prática - da qual participa Martins - ele descobre o posseiro que está de fato, vivendo esta experiência de luta pela terra, o camponês que resiste, que será o fundamento de toda a reflexão de Martins. É importante lembrar que, o sindicalismo rural estava, praticamente, ausente nestas regiões de fronteira - Norte e Centro-Oeste. A Igreja assume, na prática, então um papel de organizadora e formuladora do discurso e mesmo da ideologia destes posseiros, embora ela nunca tenha admitido isto... O chamado sindicalismo de oposição nasce neste contexto. Dá para entender porque Martins é tão crítico à Contag. Ele acha que os posseiros não estão interessados em terra legalizada, enquanto a Contag para ele está presa à luta burocrática pela aplicação do Estatuto da Terra. (WANDERLEY, Carta-resposta, 23/03/98: 4).

Ou ainda segundo Novaes:

...se Martins não trabalhasse a questão da Amazônia, talvez ele não tivesse a aproximação da Igreja que ele teve... [Ele] pega a Amazônia e vai fazer um experimento social, totalmente diferente. A Amazônia não tem um sindicalismo muito arraigado. Tem os sindicatos isolados. Acabou a frente de expansão... Acabou o grande momento da Transamazônica e começam a espocar os conflitos que se manifestam... através de pastorais e da estrutura da Igreja Católica. O fato de Martins ter estudado a Amazônia é que é outro ponto importante, porque ele vai estudar justamente uma região aonde a Igreja tem um papel inquestionável na reação à expansão do capitalismo selvagem da maneira que era. (NOVAES, Entrevista: 22/12/93).

¹⁰⁵ Trata-se do documento de Itaici Igreja e "Problemas de Terra" (1980).

Tanto a proposta metodológica de trabalho com comunidades, quanto o documento de Itaiçi, apontam para a possibilidade de ...uma nova sociedade sem exploração capitalista e sem dominação do Estado capitalista.¹⁰⁶ (MARTINS, 1980b: 39). Neste documento, ficam explicitados conceitos alternativos de propriedade e de comunidade¹⁰⁷, fonte de esperança para Martins.

O documento abre uma janela de esperança para que a terra de trabalho e os regimes alternativos de propriedade que encerra sobreponham-se à exploração capitalista, superem a exploração, ao indicar a possibilidade do trabalho comunitário em grande escala, como saída que preserve e amplie as vantagens sociais da terra de trabalho, da utilização não capitalista da terra. (MARTINS, 1981b: 150).

Com relação aos trabalhos acadêmicos realizados por Martins, destaco sua tese de doutoramento que foi defendida em 1970 e publicada em 1973, com o nome "A imigração e a crise do Brasil agrário"¹⁰⁸. Este trabalho exemplifica uma prática teórico-metodológica ...herdeira da tradição deixada por Lévi-Strauss e Roger Bastide e que Florestan Fernandes denominava de sociologias especiais.¹⁰⁹ Nesse livro, Martins rejeita os esquemas dualistas¹¹⁰, ao procurar demonstrar que o

¹⁰⁶ A nova sociedade resultaria das contradições do capitalismo e da busca de uma sociedade alternativa num ...mundo novo [que] já está nascendo. (MARTINS, 1980b: 40), e que vem a substituir a sociedade capitalista. Ainda segundo o autor: A resistência popular ao capital, representada pelas formas alternativas de propriedade, é o princípio dessa nova sociedade, em que o saber e a soberania são dos trabalhadores, são do povo. Será, portanto, uma sociedade democrática, em que diferenças como as que existem entre um posseiro e um pequeno proprietário abrirão possibilidades distintas e convergentes de construção de um mundo novo; em que os povos indígenas terão o seu implícito direito de propriedade reconhecido, o que quer dizer que o seu mundo e a sua visão do mundo renascerão numa comunhão maior. (...) Nessa sociedade, a riqueza será de todos, será um bem comum, porque não haverá possibilidade de exploração do trabalho. Os deserdados da terra, os peregrinos do mundo, construirão com as suas mãos o trabalho, em comunhão, a terra prometida. (idem: 43).

¹⁰⁷ Tornam-se importantes os conceitos de propriedade tribal, propriedade comunitária, terra de exploração, terra de trabalho (CNBB, 1980: 16), propriedade familiar, propriedade capitalista da terra, propriedade privada da terra (idem: 17), comunidade fraterna e serviçal (idem: 13), comunidades eclesiais como processo de constante conscientização e formação de uma nova sociedade. (idem: 19). Para análise do sentido destas categorias e a controvérsia em torno deste debate consultar os vários artigos publicados no nº2 do Boletim da ABRA de mar/abr/1980: VILAR DE CARVALHO, 1980; MARTINS, 1980b; QUEDA, 1980; REGO & SILVA, 1980a.

¹⁰⁸ Obteve o grau de doutoramento em Sociologia, no Departamento de Ciências Sociais/USP, sob a orientação de Luiz Pereira. Dedicou sua tese a ele, bem como a Florestan Fernandes, Marialice M. Furracchi e Octavio Ianni, a quem faz agradecimentos especiais. (MARTINS, 1973a: 44).

¹⁰⁹ Segundo Martins: A marca específica da formação e do trabalho da quase totalidade dos docentes que lidaram ou lidam com o tema... na Faculdade de Filosofia é a teoria sociológica, sendo apenas complementares aquilo que o Professor Florestan

capitalismo procura vincular as atividades econômicas, em especial a ...atividade produtiva camponesa aos requisitos de reprodução ampliada do capital e às leis de mercado. (MARTINS, 1973a: 25). Para além de uma lógica linear da compreensão do processo macro-estrutural da integração migração-processo de reprodução do capitalismo no Brasil, o autor propunha também a compreensão do modo de vida camponês, do significado do ato de migrar na sociedade de adoção, do sentido do projeto de vida social alternativa - a comunidade utópica¹¹¹. (idem: 27) Um aspecto importante que se refletirá em trabalhos posteriores do autor é a compreensão do projeto do camponês de preservação de sua comunidade. Ou seja, ...o movimento social se norteia pela comunidade utópica. (ibidem).

Fernandes... chamava de sociologias especiais. (MARTINS, Carta-resposta, 14/04/97: 2). Para melhor entender o quadro intelectual no qual se formou, Martins sugere a leitura do ...ensaio que Antônio Candido escreveu sobre a sociologia em São Paulo, [e] publicado no imenso livro coletivo, de 1954, *Ensaio Paulistas*, pela Editora Anhambí e do ...famoso projeto *Economia e Sociedade no Brasil*, de Florestan Fernandes, que é uma síntese das orientações temáticas do grupo de que [é] parte e que [Florestan Fernandes] articulou e orientou. (ibidem) Para Martins, ao ...analisar a constituição [da] sociologia especial definida como sociologia rural, não estava preocupado ...com o rural em si mesmo, mas com a suposição de ...que a própria noção de rural é elaborada a partir de determinadas condições e circunstâncias sociais. (MARTINS, 1978a: 45).

¹¹⁰De acordo com Martins, em texto escrito posteriormente (MARTINS, 1978a: 43-82), uma reflexão crítica sobre o rural deveria ser capaz de ultrapassar a concepção do rural criada a partir da dualidade rural-urbano, quando o ...conhecimento na sociologia rural é produzido para superar o rural. (idem: 74). Para ele, ...a elaboração do rural como objeto de conhecimento está intimamente relacionada com a forma do conhecimento em que se apoia. Essa forma de conhecimento, que é a sociologia rural, é expressão da dominação do urbano sobre o rural. (idem: 75). Assim, ...o rural não é uma ficção ou uma mistificação. O rural é produto necessário de um *modo de construir a realidade social*, construir no nível de entendimento que se pode ter sobre essa mesma realidade numa determinada formação social, como a capitalista. É um ponto de partida, mas não pode ser, ao mesmo tempo, o ponto de chegada. (idem: 79). O rural é objeto do processo de conhecimento e é uma forma de construção social da realidade. (idem: 46). Em texto posterior, Martins destaca a correlação dialética existente entre os setores rural e o urbano, Martins criticou os modelos dualistas que separavam o rural/urbano como dualidades excludentes e em oposição e defendeu um posicionamento teórico-metodológico comprometido em ...analisar e compreender o processo histórico, suas contradições e suas determinações, sem confundir ...História com o desenvolvimento, fugindo-se de ...alianças pretéritas de classe e da ...ênfase descritiva no econômico. (MARTINS, 1979a: 245). O rural seria uma realidade interna e externamente integrada, parte de um mesmo processo, apesar de contraditório. (MARTINS, 1975: 102).

¹¹¹Para Martins, a comunidade utópica expressa ...resistência aos *efeitos* estruturais das rupturas, ou seja, ...à expansão do capitalismo, ...às tensões e oposições da sociedade de adoção. (MARTINS, 1973a: 29). Assim: A utopia comunitária constitui uma perspectiva de avaliação da sociedade e das relações do grupo que a vivencia com a sociedade. A utopia 'explica' o todo, as relações e os seus resultados. A comunidade como unidade de investigação é, pois, constituída por essa perspectiva utópica. (idem:36)

Ele analisou a imigração estrangeira, através de um estudo histórico do núcleo colonial de migração italiana São Caetano, atual município de São Caetano do Sul (São Paulo), cuja instalação se deu em 1877. A partir de 1910, foi instalado na região um número crescente de indústrias, o que ...alterou substancialmente a sua fisionomia e a situação dos seus habitantes. (MARTINS, 1973a: 41). Nesta análise, Martins destacou os aspectos econômicos, sociais e políticos da migração¹¹², sem negligenciar os simbólicos¹¹³.

Martins associou a análise do processo agrário macro-estrutural com a do recorte micro, resgatando as relações sociais e as relações de conflito existentes no campo, quando o capital remunera ou expropria um setor produtivo ou uma classe social. Nesta tese, preocupou-se em entender a ...gênese do problema agrário brasileiro e, conseqüentemente, da crise brasileira. (idem: 44). Além de realizar esta análise histórica, procurou mostrar o sentido do impacto das modificações sociais sobre a existência do migrante camponês.¹¹⁴

Sua pesquisa reflete a crítica radical que faz aos estudos de comunidade, acusando-os de privilegiar os determinantes das condições ecológicas e não atentar para o fato de que ...a existência do

¹¹² Segundo Martins, a migração ...do ponto de vista sociológico (...) não é apenas a passagem de uma localidade geográfica para outra, mas consiste na transição do sujeito, sozinho ou em grupo, de uma sociedade a outra. (MARTINS, 1973a: 19). Este ...participa de uma cultura que fornece como referência normas de comportamento apoiadas num sistema de valores... (ibidem).

¹¹³ O motivo simbólico da imigração estrangeira para o Brasil ligava-se à ...possibilidade de ascensão do trabalhador (assalariado ou semi-assalariado) à condição de proprietário da terra. (MARTINS, 1973a: 16).

¹¹⁴ De acordo com Martins ...o campesinato na sociedade capitalista se determina pela renda territorial capitalizada. *A sociedade local não se constitui a partir da apropriação comum das condições de existência* e não se constitui, portanto, por relações pessoais diretamente fundadas na relação homem-natureza. (MARTINS, 1973a: 39). Para ele o migrante ao inserir-se na economia nacional redefine-se objetivamente a ...partir da renda territorial capitalizada [que] ocorre em relação a uma categoria social *preexistente* à expansão capitalista. Mas a forma de consciência continua fundada num modo de vida camponês, sendo que os fundamentos desse modo de vida é que são redefinidos pela sua integração na sociedade capitalista. O que o camponês apreende são efeitos dessa redefinição, que procura situar e neutralizar através de um movimento social tendente a preservar o que ele supõe ser o modo de vida camponês, do qual a migração é um passo essencial. (idem: 26-7).

camponês é a condição de produção da comunidade utópica¹¹⁵ e, que ...a comunidade aparece como forma de consciência do camponês, engendrada pelas contradições da formação capitalista. (idem: 40).

Martins apontou para o sentido simbólico da utopia comunitária e sua redefinição a partir do uso ideológico feito da categorização racial para atender às necessidades do mercado de trabalho capitalista¹¹⁶ e para a forma manipulatória da política de colonização em função de garantir a reprodução do capital na economia colonial. A comunidade utópica apresenta-se, portanto, enquanto uma construção sociológica, capaz de ...aprender as relações invisíveis tecidas pela mercadoria, que deslocam a dinâmica da existência local para os centros de decisão econômica e política do capitalismo. (idem: 39).

Como sua pesquisa sobre os migrantes italianos referia-se às fases pretéritas da sociedade, analisou a linguagem do burocrata nos registros do passado (idem: 43), buscando entender como se deu a mudança da relação ocupacional senhor-escravo para a de fazendeiro-colono; as oportunidades de trabalho dadas ao imigrante; as aspirações expressas por ele; as pressões recebidas; a divisão do trabalho; o projeto ideológico do destino agrícola do país; a resistência frente ao processo de proletarianização; o consórcio da lavoura de exportação com a de alimento; a instauração da propriedade privada da terra; a inserção marginal do colono na sociedade brasileira; o significado da constituição do campesinato através dos núcleos oficiais de colonização; o surgimento do trabalho livre; a ideologia do mundo do trabalho nas grandes lavouras; a relação dos colonos com as atividades industriais instaladas

¹¹⁵ Se os estudos de comunidade desvendavam a relação determinista natureza-homem, eles não conseguiam captar as relações mediadas pela renda capitalizada que tornavam a reprodução da comunidade camponesa como algo construído apenas utopicamente. De acordo com Martins: À medida em que se analisa cientificamente o grupo que se vê mediante a utopia comunitária, descobre-se as relações em que se funda a utopia, isto é, descobre-se os *vínculos de marginalização* do camponês, ou seja, o processo social, como consciência e como dimensão objetiva. Aí a comunidade aparece como forma de consciência do camponês, engendrada pelas contradições da formação capitalista. O caráter científico do procedimento se explicita então pela *generalização que se alcança desvendando como o caso se configura a partir de mediações que estruturam a totalidade concreta*, isto é, rebatendo o fenômeno e o conhecimento para a sua concreticidade. (MARTINS, 1973a: 40).

¹¹⁶ Consultar em MARTINS. 1973a, o capítulo IV.

(olarias, extração de madeira, do capim) para atender às necessidades da indústria e do reajustamento e efetivação do capitalismo periférico no âmbito do sistema capitalista, etc.¹¹⁷

A análise de Martins marcou uma nova forma de vincular a análise histórica, a dados secundários e ao estudo micro-estrutural da realidade brasileira.¹¹⁸ Além de analisar sociologicamente a realidade rural, ele apontou para os elementos constitutivos de uma análise sócio-antropológica.¹¹⁹

Em seu livro **Capitalismo e tradicionalismo** (1975), Martins reuniu textos referentes a realidades empíricas localizadas e aproximou-se deste tipo de prática teórico-metodológica que passou a adotar. Os textos foram escritos ao longo dos anos de 1968 a 75 e, através das noções de expropriação sucessiva, economia do excedente, exclusão integrativa e *tradicionalização*¹²⁰ (conceitos balizadores na obra), Martins buscou ...localizar e situar as contradições pelas quais se determina a diversidade interna da nossa sociedade, seus dilemas e tensões. (MARTINS, 1975: i). Ele mostrou que a economia agrária sofre as consequências do processo expropriatório, do agrarismo extensivo e do processo de modernização e industrialização. (idem: 1-14). Alguns destes artigos são frutos das pesquisas realizadas junto ao CESIT/USP e refletem as temáticas estudadas coletivamente por este grupo. (idem: 15).

¹¹⁷ Consultar MARTINS, 1973a: capítulos I, II e III.

¹¹⁸ Seus dados foram obtidos de observadores originais, de cartas de datas de terra, mapas, dados de arquivo, relatórios de Presidente da Província, relatórios apresentados à Assembléia Legislativa Provincial, atas de Câmara, Registros Paroquiais, etc., bem como da literatura científica já existente sobre o assunto.

¹¹⁹ Em texto escrito posteriormente (MARTINS, 1981b: 151-177), o autor, ao criticar as leituras reducionistas que não apreendem o real significado das relações presentes na agricultura brasileira (sejam capitalistas ou pré-capitalistas), ilustra o universo de suas críticas e do que é revelador para se entender seu procedimento de análise. Ou seja, ele critica ...a tendência de se ver nas relações desta sociedade apenas o revelado, o transparente, o de não ver, ao mesmo tempo, aquilo que fica necessariamente oculto nessas relações, aquilo que permanece opaco... (idem: 170). Este procedimento é encontrado em várias passagens de seus textos. Apenas como exemplo consultar MARTINS, op. cit: 103-124; 125-137; 1979b: 143-150.

¹²⁰ Como aponta em texto posterior, sua pesquisa visava ...a reconstrução sociológica das *bases sociais do tradicionalismo no campo* (MARTINS, 1986: 124).

Partindo de análises teóricas já existentes, de dados quantitativos e das representações coletivas elaborados por sitiantes, fazendeiros, empregados arrendatários, técnicos agrícolas, agentes de crédito rural, resgatadas em entrevistas de profundidade (idem: 15), Martins conclui que:

Antes, o desenvolvimento urbano, particularmente o da economia industrial, só foi e tem sido possível graças à existência de uma economia agrária estruturada de molde a suportar e absorver os custos da acumulação do capital e da industrialização. (MARTINS, 1975: 3).

No lugar de uma análise a partir de dualidades, ele aponta para a dialeticidade existente entre os dados referentes aos valores, concepções e caracteres de personalidade e os referentes aos processos sociais presentes na atividade econômica, quando do tratamento do problema da modernização dos meios de produção e das relações de produção e sua integração no processo produtivo.¹²¹

Os temas tratados no livro versam não só sobre a questão da modernização¹²²; mas sobre os problemas agrários¹²³; o significado da frente pioneira e fronteira de expansão; o que representava o movimento associativista empresarial frente à política desenvolvimentista e às relações de troca campo-cidade¹²⁴; problemas sociais e culturais mais específicos, como os relacionados ao associativismo

¹²¹ Consultar MARTINS, 1975: 15-42.

¹²² Conforme Martins: Entendendo-se a modernização como parte do processo de desenvolvimento econômico, como ajustamento social e cultural a uma nova estruturação da economia, podemos afirmar que os fatores dessa mudança são os que podem ser apreendidos no plano da modernização empresarial, através da compreensão da ação do produtor empresário. Pode-se afirmar, liminarmente, que *a modernização não produz o empresário e que nem toda persistência de padrões costumeiros de utilização dos fatores de produção é anti-empresarial*. (MARTINS, 1975: 41).

¹²³ Dentre estes problemas encontra-se o da reforma agrária. O autor localiza dois tipos de problemas agrários: Primeiro, o rompimento da combinação entre relações de trabalho e produção direta, pelos próprios trabalhadores, dos meios de vida (MARTINS, 1975: 51). Em segundo lugar, a ocupação de novas terras nas fronteiras econômicas do país. Essa ocupação ocorre por intermédio de proprietários legalmente titulados. (idem: 52). A ...propriedade capitalista da terra e o trabalho livre (ibidem) estão na base da questão agrária brasileira. Para Martins a questão da reforma agrária envolve um processo social, ou seja, ...é uma interferência deliberada nas tendências da vida social com a finalidade de modificá-las conforme um tipo de interpretação da realidade; ...representa um tipo de reorientação das relações entre o homem e a natureza que implica em mudanças mais ou menos profundas nas relações sociais (idem: 54); ...apóia-se na distribuição desigual do poder na sociedade e finalmente, ...a reforma agrária em si mesma constitui geralmente assunto técnico, mas neste esquema ela é essencialmente uma técnica social baseada no poder político. (idem: 55).

¹²⁴ Consultar MARTINS, 1975: cap. V.

agrário, à adoção de práticas agrícolas¹²⁵; a função da escola rural e sua relação com o mundo do trabalho no meio rural¹²⁶ e o significado do universo simbólico e religioso¹²⁷ presente na música caipira e sertaneja¹²⁸. A exploração econômica revela-se na subordinação técnica do urbano sobre o rural.

¹²⁵ No capítulo VI, Martins destaca o sentido sociológico da adoção de práticas agrícolas e o universo simbólico legitimador da integração ideológica e técnico-cultural pretendida, para se atingir os desígnios do capital. (MARTINS, 1975: 80-1).

¹²⁶ Consultar MARTINS, 1975: 84. Diferentemente das pesquisas anteriores, ele explicita nestes textos as falas de seus entrevistados e conclui que ...a escola, ainda que concebida em termos do trabalho pelo trabalho, constitui uma forma de adestramento pela qual o imaturo adquire hábitos e incorpora concepções compatíveis com as representações dominantes e sustentadoras da sociedade. (idem: 100) Assim ...a escola se incorpora significativamente à sociedade agrária quando esta se integra numa teia de relações com a sociedade urbana e inclusiva através da produção de mercadorias. (ibidem) A preocupação de Martins com o desvendar do sentido da educação está em outros textos. Num artigo posterior, bastante inovador, ele analisa personagens de Walt Disney (o cotidiano de Tio Patinhos) para ...introduzir os [seus] alunos no mundo da reflexão crítica, através da ...discussão de Marx sobre o fetichismo da mercadoria e com a crítica do conhecimento que daí decorre. (MARTINS, 1978a: XIV). Ele busca entender os efeitos do modo capitalista de pensar sobre os conhecimentos científicos e sobre o senso comum e mostra como a educação se torna um veículo impositivo de valores. (idem: 17). Martins retoma o estudo da relação trabalho familiar/criança/estudo, em texto escrito em 1991 e republicado em 1997: "Regimar e seus amigos: a criança na luta pela terra e pela vida". Consultar: MARTINS, 1997b: 113-144.

¹²⁷ Muito interessante é a análise de Martins sobre a música presente no ciclo do cotidiano caipira e sua ligação com as atividades religiosas-profanas. Vide sua análise da Festa do Divino (Pentecostes), Festa dos Santos Reis, Dança de São Gonçalo. (MARTINS, 1975: 109-111). Martins vincula a produção caipira - dos mínimos vitais da economia de excedente (o natural) - com o sobrenatural. Para ele, estas ...duas ordens estão integradas numa mesma trama e ...a totalidade de cada ritual, quando cabe, possa compreender músicas, letras e danças sagradas e profanas, e que o ritual constitua basicamente a forma de junção das duas ordens. (idem: 109).

¹²⁸ Nesta coletânea de textos (MARTINS, 1975), o artigo sobre a música caipira e a música sertaneja (escrito em 1974/75) é o maior do livro. Nele, Martins analisou aproximadamente quatrocentas músicas gravadas de 1929 a 1974 e complementou os dados ...com observações e registros [feitos] sobre músicas e acontecimentos folclóricos (idem: 104), em municípios paulistas. Distinguiu uma ...sociologia da música e uma sociologia de relações sociais que têm a música como instrumento de mediação ou como resultado. (idem: 103). Distinguiu a música sertaneja - (fim em si, que é revestida da forma de valor de troca) - da "música caipira" (meio). (idem: 113) Martins captou de forma viva o sentido da presença da música caipira no ciclo do cotidiano do caipira ou a sua rotina ritualizada. (idem: 108) A música ...nunca aparece só, enquanto música (...) é sempre *acompanhamento de alguma ritual* de religião, de trabalho ou de lazer. (idem: 105) A "música caipira" é portanto, um instrumento de mediação ou resultado de relações sociais através do qual apreende-se o sentido religioso das festas sagradas, das relações de trabalho, como o mutirão (trabalho coletivo gratuito, que envolve relação de reciprocidade). A música reforça nestas atividades o estreitamento de relações sociais entre seus participantes, reflete a identidade dos humilhados, conforma uma imagem estereotipada construída sobre/pelos caipiras e cumpre uma função ideológica. Tudo isto pode ser entendido através da decifração de sua linguagem dissimulada. (idem: 160).

O rural aparece como tema constante nas reflexões de Martins¹²⁹ e de redefinição de sua prática teórico-metodológica.

A partir de um certo momento, achei que seria importante escapar um pouco das limitações graves que o trabalho acadêmico impõe ao pesquisador e ao professor universitário... e que a gente não deve aceitar. Quer dizer, num certo momento passou das medidas. Acho que a Universidade tem um caráter repressivo, e num país como o Brasil, mais ainda... Achei que tinha que dar um certo sentido ao meu trabalho. Então resolvi investigar diretamente coisas que são pertinentes, que são significativas. Podem não ser significativas para o Estado ou para a Universidade. Mas que sejam significativas para as pessoas que estão vivendo problemas graves... O acadêmico sempre tem a pretensão de que seu trabalho seja útil, de que seja importante para os pobres, para os oprimidos. Mas, na verdade, nem ele orienta concretamente o trabalho nessa direção, nem assume concretamente, de um modo geral, compromissos que mostrem a existência dessa boa intenção. Então resolvi orientar um pouco meu trabalho nesse sentido. Até aí não há nada de excepcional. Muitos pesquisadores fazem isso. E como tenho uma experiência de trabalho no meio rural, achei que essa experiência poderia ser útil, exatamente investigando esse tema. (MARTINS, 1980a: 160).

Martins pesquisou não apenas a realidade rural paulista, mas também a da Amazônia Legal.

Como Caio Prado Júnior, assumiu despesas pessoais e contou com pequena ajuda financeira para suas pesquisas.

Eu pedi um auxílio à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e eles me deram uma pequena ajuda que cobriu um pouco as despesas de viagem... E no mais, estou tocando o meu trabalho com os meus recursos e os das pessoas que me apoiam, quer dizer, do próprio posseiro, que me ajuda... Eu ando de carona, ou de ônibus, ou do que seja, quer dizer, a coisa vai sem muita formalidade. Não tem grande mistério, qualquer um pode fazer isso. No fim, é uma coisa extremamente simples. (idem: 161).

O contato com os posseiros na frente de expansão mostrou-lhe uma realidade de conflitos, na qual o sistema capitalista é o maior responsável pelos problemas gerados:

É ele o maior agitador. É ele o sujeito que cria o maior número de conflitos. Ele é a entidade mais subversiva que temos neste país, exatamente porque cria todos esses problemas que estamos discutindo e não dá a menor solução. Ele se mantém intransigente. O empresário brasileiro, a empresa brasileira, a classe dominante, o Estado que a representa, se mantêm intransigentes. E fazem de conta que não entendem... (MARTINS, 1980a: 175).

¹²⁹ Em resposta a uma entrevista dada ao Boletim do IEPA em 1978 e que foi republicada sob o título "Retrato falado" (MARTINS, 1980a: 159), Martins diz que: Estou fazendo pesquisa no meio rural já faz muitos anos, desde que comecei meu trabalho na Universidade, em 1965. E me concentrei, em geral estudando pequenos proprietários, em várias regiões do Estado de São Paulo. (MARTINS, op cit: 159).

Para Martins, é o capital expropriador que recria a produção camponesa. Os conflitos pela terra na Amazônia Legal - mas não só ali - foram objeto de discussão e de pesquisa. Como a Igreja ...tem estado presente de forma significativa nestes conflitos, a relação Igreja Católica face ao Estado, também se transformou em objeto de suas reflexões. (MARTINS, 1986: 57).

Em entrevista concedida a Débora Lerre em 1996 e republicada em uma de suas coletâneas de textos (MARTINS, 1997a) Martins revela um pouco sobre o seu passado de menino que trabalhou na roça, na fábrica da cidade e estudou, à noite, graças à benevolência do patrão. É de sua vivência rural que o autor traz algumas de suas propostas para a produção familiar. Segundo ele,

Nunca fui defensor da agricultura familiar pela agricultura familiar, do tipo volta à pequena unidade de produção, pai, mãe e filho trabalhando na roça, solitários e isolados. Nunca fui defensor do atraso social e econômico, porque sei pessoal e diretamente o que ele significa. Venho de uma família de pequenos agricultores pobres, e eu próprio vivi na roça, quando menino. Boa parte de minha família materna ainda está na roça. Sempre achei que a experiência da família rural estável, que é capaz de sobreviver com dignidade e sem passar fome, é uma experiência que tem de ser resgatada socialmente, que não pode ser 'jogada fora'. Porque a alternativa para ela, na circunstância atual, é a proletarização e a miséria. (idem: 120).

Apreendeu com os avós, tios e primos que a ...agricultura familiar é, sobretudo, uma forma básica de cooperação econômica e é, também, uma comunidade. (idem: 121). Que o trabalho é ...um momento, propriamente, de comunhão (ibidem), de divisão cooperada (idem: 122) e que esta ...unidade básica de cooperação no campo poderia ...ser preservada e incorporada positivamente num processo de transformação social e também de transformação econômica. (idem: 123) Segundo o próprio Martins, seus escritos sobre esta unidade de trabalho camponês foram erroneamente interpretados, criticados e até mesmo chamados de "populismo caipira".¹³⁰

¹³⁰ Segundo Martins, ele foi acusado de ser defensor da agricultura familiar, quando de fato o que procurava mostrar era a existência de um tipo de trabalho baseado na cooperação familiar. Diz ter sido acusado de defender uma volta ao passado: Um desses ideólogos de facção política, escrevendo sob pseudônimo numa publicação partidária, que estava retornando da Europa, de volta do 'exílio', e que classificava a si mesmo 'ministro da agricultura' do seu partido político, chegou a classificar essa compreensão como 'populismo caipira'. Ou seja, ele me comparava aos populistas russos do século XIX, os chamados *narodnik*, combatidos por Lenin desde a juventude, para sugerir que eu tinha uma compreensão não-

Estas formulações e desabafos talvez escamoteiem um ideal, não caipira, mas existencial, da busca da comunidade utópica criada e perpetuada a partir de relações de solidariedade, de usufruto da terra, do uso comunal dela, das relações de parentesco, da negação da submissão à perversidade do capital e da resistência às suas formas cruéis de exploração. Talvez, as lembranças fundadas em valores familiares tão sagrados possibilitaram que Martins acreditasse no estabelecimento de um grupo fortemente homogêneo, capaz de resistir ao capital, às suas formas de expropriação e exploração na fronteira. Talvez aí se origine sua reflexão sobre o caráter anti-capitalista da visão de mundo dos posseiros; do sentido comunal que dão à terra de trabalho; da presença de um projeto camponês alternativo para as lutas e resistências frente ao capital. Mais do que inserir-se na lógica da produção capitalista, a produção camponesa na fronteira, construía sua própria lógica e um tipo de "relação de produção não capitalista", apesar de subordinada e recriada sempre de acordo com os desígnios do capital mercantil. O capital se apresenta como a besta demoníaca a impedir a restauração da utopia comunitária. A ausência de uma análise sobre a diversificação, diferenciação social, refletem o modelo teórico-metodológico adotado.

A partir da concepção de contradição Martins estudou a produção camponesa. A relação deste tipo de produção com o capitalismo não deveria ser substituída pelas concepções de articulação e de subordinação, já que

...o próprio processo do capital cria, gera, produz formas sociais não-capitalistas que viabilizam a exploração capitalista e a acumulação. (MARTINS, 1984a: 78).

leninista e conservadora da realidade do campo e do camponês. Justo eu! Esse era o único parâmetro de que ele dispunha para compreender a realidade de nosso país que, no fundo, não conhecia... Traço notável dessa espécie de covardia ideológica foi que várias dessas figuras escreveram artigos carregados de insinuações de incompetência e de depreciação gratuita de minhas interpretações, sem fazer nenhuma citação expressa dos trabalhos em que estavam contidas, que me assegurasse honestamente a possibilidade e o direito de contestação. (MARTINS, 1997a: 123). Aqui Martins também não explicita seus críticos. O texto de REGO & SILVA, 1980, apontam-nos algumas pistas.

Ainda segundo o autor,

Ao contrário de muitas formulações correntes, o campesinato não é o suporte social do autoritarismo que tem caracterizado o processo político brasileiro. Ele é a vítima. Boa indicação nesse sentido é que suas lutas e reivindicações, suas concepções de direito ao trabalho e à terra, suas concepções de liberdade, têm sido rechaçadas com extrema violência ao longo da história contemporânea do Brasil. (idem: 105).

Estes pontos representaram discordâncias teóricas e metodológicas entre Martins e Otávio Velho quanto ao emprego de categorias analíticas que envolvem ou não a questão da diversificação e diferenciação econômica e social do camponês frente ao capital mercantil.¹³¹

Devido à sua formação acadêmica, Martins trabalha na fronteira dos saberes da sociologia, da antropologia e da história (MARTINS, Carta-resposta, 02/06/97: 2), preocupando-se com questões de caráter histórico e macro-estruturais da análise dos aspectos sócio-econômicos, sem negligenciar, no entanto, uma reflexão sobre a relação sujeito-objeto, associando-a à perspectiva sociológica, aos aspectos culturais, simbólicos e religiosos presentes na vida do trabalhador familiar e em seus usos e costumes. Este seu posicionamento frente à prática teórico-metodológica rendeu-lhe críticas tanto de sociólogos e economistas¹³², quanto de antropólogos.¹³³

Martins destacou elementos novos nas temáticas analisadas somente percebidos e captáveis em uma análise teórica minuciosa e centrada em pesquisas de campo sistematizadas. Ele pode, assim,

¹³¹ Consultar itens 3.2.3 e 3.2.6 no próximo capítulo.

¹³² Veja a menção a este debate em MARTINS, 1986: 113-152. Martins rebate as críticas que recebe de Paulo Sandroni em *Questão agrária e campesinato (A 'funcionalidade' da pequena produção mercantil)*, Editora Pólis, São Paulo, 1980, de Sérgio Silva em "Agricultura e capitalismo no Brasil", In: *Contexto*, n.1, São Paulo, novembro de 1976 e de Maria Nazareth Baudel Wanderley em "O camponês: um trabalhador para o capital", Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, maio de 1981.

¹³³ O texto de Fausto exemplifica bem uma destas polêmicas expressa no uso de categorias empíricas como as de "besta-fera" e "terra livre". (FAUSTO, 1987: 28-43) Outra polêmica refere-se à acusações do uso populista de categorias empíricas e a tradução linear das mesmas. No próximo capítulo (item 3.2.6) serão apontados alguns dos pontos relativos à estas questões.

apreender os sentidos ocultos presentes nas falas de seus entrevistados, ainda em seus primeiros trabalhos.¹³⁴ Ele vinculou a economia agrária ao processo de modernização do setor urbano e ressaltou o caráter subsidiador e de custeio do setor rural na formação da economia nacional, graças à expropriação do proletariado urbano e, principalmente, do homem rural ...confinado no agrarismo extensivo, produzindo excedentes, produzindo-se como caipira.¹³⁵ (MARTINS, 1975: 14). Ironizou, em texto posterior, como o mau entendimento da teoria levou a uma proliferação de conceitos para referir-se à economia camponesa, advindas de uma concepção falseada e de conclusões mal elaboradas.¹³⁶

Em 1980, escreveu um texto que subsidiou o polêmico documento aprovado pelos bispos em Itaiçuba Igreja e problemas de terra e balizador da prática pastoral da Igreja Católica. Os conceitos de terra

¹³⁴ Vide em especial MARTINS, 1975. Nesta coletânea de textos já é possível identificar o olhar aguçado de um pesquisador de campo, que apesar de analisar aspectos mais macro-estruturais da questão agrária, não perdia de vista, a dimensão micro-estrutural dos processos sociais agrários internos, procurando entender internamente o processo histórico, político e social do desenvolvimento capitalista no Brasil e seus desdobramentos no setor rural.

¹³⁵ Nestes textos, Martins ainda referia-se à produção camponesa através do uso da categoria 'caipira'. Computa à Antônio Candido, sua concepção de que ...o mundo caipira é um mundo de mínimos vitais. (MARTINS, 1975: 105-6). Segundo Martins, ...os estudos de Antônio Candido sobre o caipira paulista e de Gioconda Mussolini sobre o caipira do litoral de São Paulo... abriram o caminho num momento de crítica ao culturalismo da antropologia de Robert Redfield e de George Foster. Em *Os Parceiros do Rio Bonito*, Candido havia incorporado e associado Redfield e Marx/Engels (de *A Ideologia Alemã*). Era um caminho aberto, que permitia lidar com as relações sociais e a consciência social erguida sobre elas, enriquecida por uma perspectiva antropológica. Foi o que [lhe] permitiu, no campo, fazendo a pesquisa, perceber logo que o tradicionalismo não se explicava por relações locais, simplesmente. Não era um fenômeno meramente cultural. Ele se apoiava, também, nas relações nem sempre visíveis que vinculavam o produtor rural e o produtor agropecuário ao grande capital... (MARTINS, 1986: 124-5). Martins contribuiu para romper com as leituras etnocêntricas e estereotipadas presentes nas categorias empregadas para referirem-se ao trabalhador rural (caipira) e nas conotações a elas dadas (ingênuo, preguiçoso, desnutrido, doente, maltrapilho, rústico, desambicioso, etc). (MARTINS, 1975: 4). Descreve o etnocentrismo e o preconceito veiculado na obra de Monteiro Lobato, cuja prática intelectual acabou por corroborar com a construção de tais imagens. (idem: 4, 26).

¹³⁶ Para Martins: Às vezes o evolucionismo tende a se transformar numa tese de proliferação de modos de produção. Hoje cada um inventa o seu. Há modo de produção camponês, há modo de produção doméstico, há modo de produção isto e modo de produção aquilo. A leitura atenta dos trabalhos de Marx teria mostrado, como aliás lembra Lukács, a importância do método, do percurso dialético do pensamento na apreensão do processo histórico. Marx utiliza indistintamente a noção de modo de produção para se referir a processo de trabalho e o processo de exploração, este último, sim, definidor de modo de produção na acepção clássica e histórica. Entretanto, os descobridores dos modos de produção não levam em conta essa distinção e dão o mesmo peso a ambas as categorias, confundindo-as entre si. Substancializam e reificam os elementos das contradições do capital. Imobilizam positivamente o processo social no entendimento que dele desenvolvem. (MARTINS, 1979a: 245).

de trabalho e de terra de negócio foram construídos analiticamente a partir de sua pesquisa de campo.¹³⁷

Os conceitos de 'terra de trabalho' e de 'terra de negócio', com o sentido de terra para trabalhar e de terra para explorar o trabalho alheio, nasceram mais ou menos espontaneamente durante a minha pesquisa sobre os conflitos pela terra na Amazônia Legal. (MARTINS, 1980b:41)

O trabalhador possui a "terra de trabalho"¹³⁸ em oposição ao capitalista que a adquire enquanto "terra de negócio" e "terra de exploração". (MARTINS, 1980b: 41). O camponês está diretamente ligado às contradições do desenvolvimento do capital.¹³⁹

Uma postura crítica, uma fidelidade ao marxismo clássico e um rico hibridismo¹⁴⁰ teórico foram algumas de suas contribuições para a prática teórico-metodológica da sociologia rural. Ao

¹³⁷ Em trabalho apresentado no IIº Seminário Anual sobre a questão agrária "Estrutura agrária e política de desenvolvimento"/UNICAMP, Martins apresenta alguns dados preliminares de pesquisa que estava realizando na Amazônia Legal sobre conflitos sobre a terra. Neste encontro com o homem rural Martins buscava ...recolher, registrar e entender a perspectiva e o ponto de vista daqueles que são, no [seu] modo de ver, as vítimas mais visíveis do processo de expansão da fronteira econômica do Brasil neste momento, que são os chamados lavradores, às vezes conceituados como camponeses. (MARTINS, 1979c: 10). Na busca do ponto de vista deste segmento social ao qual ainda não se refere como camponês, Martins reconhece o esforço dos dois saberes disciplinares (antropologia e sociologia) para conseguir se aproximar do objeto de pesquisa. (idem: 11).

¹³⁸ Martins destaca o sentido que a terra tem para o posseiro. Ou seja, ...o posseiro não valoriza a terra como terra. Ser proprietário da terra para ele não tem o menor sentido. O que tem sentido para ele, isto sim, é ser o dono do trabalho. (MARTINS, 1979c: 14).

¹³⁹ Martins criticava as leituras distorcidas que eram feitas sobre o campesinato. Segundo ele: Nos primeiros estudos sociológicos, antropológicos e econômicos, o camponês aparecia como personificação do atraso social e não como vítima. Aparecia, quando valorizado, como personagem folclórico, exterior à realidade social dominante, desvinculado das tensões sociais, à margem da História. Mesmo quando se pensava no camponês em luta, ele não aparecia como agente ativo de construção e desenvolvimento da sociedade capitalista. Ele aparecia como agente de destruição das relações 'feudais' que a análise classificatória identificava no campo. Por esse meio, abria caminho para 'entrar' nas relações capitalistas de produção ou, ao menos, no universo de relações do capital. (MARTINS, 1986: 121).

¹⁴⁰ Para Martins, o modo híbrido de utilizar contribuições teóricas que iam de Marx a Weber e Durkheim, passando por intérpretes menores, como Parsons, Hagen, Germani, Rogers presentes em textos publicados em sua coletânea **Capitalismo e tradicionalismo**, refletia a forma como a USP tratava os ...problemas sociais e, particularmente, sobre a realidade social do campo. Foi assim que a [sua] geração aprendeu sociologia. Nesse hibridismo, se Marx ganhava importância, ganhava-a como crítico da economia política e não como economista, que é como é lido hoje por alguns autores. (MARTINS, 1986: 124).

aprender a vida e as categorias de pensamento do seu objeto de estudo, vinculou o processo histórico de sua constituição com o de seu funcionamento interno.

O marco teórico balizador de seu trabalho é expresso no seguinte relato:

A 'minha' sociologia tem outro percurso, que é a da 'escola sociológica de São Paulo', especialmente na vertente do retorno a Marx, da leitura marxiana e não marxista da realidade atual e das interpretações desenvolvidas sobre ela, que se anunciam na obra e nos cursos de Fernando Henrique Cardoso, de Octavio Ianni, de Marialice Mencarini Foracchi e Maria Sylvia de Carvalho Franco, em 1962/63. Daí o encontro com Lefebvre no período mais recente e mais especificamente no meu trabalho. Os autores que trabalham nessa orientação estão numa linha de confronto crítico agudo em relação aos althusserianos, inclusive os católicos althusserianos. Acho que isso também explica o desencontro entre a sociologia de São Paulo e a antropologia do Rio de Janeiro. No meu caso, em especial, sou responsável pela organização e direção do segundo seminário sobre a obra de Marx, aqui na USP, por período de cerca de 12 anos, a partir de 1975 e, depois, em continuação, o seminário sobre a obra de Henri Lefebvre, até 1992. No caso de Marx, foi possível ler (e reler) criticamente boa parte de sua obra. O interesse principal esteve concentrado na questão metodológica, justamente o ponto débil do debate de esquerda na América Latina sobre a questão agrária. (MARTINS, Carta-resposta, 2/6/97: 5-6).

Desde seus primeiros escritos, defendeu uma análise crítica sobre a reforma agrária. Criticou as posturas políticas que apenas parcialmente tratavam dela:

Através de procedimentos políticos e legais, portanto, as classes dominantes podem submeter a questão agrária ao rótulo de demanda social por reforma agrária. Isto é, o problema real é reduzido à visão que aquelas classes têm sobre os conflitos sociais. Nesse horizonte é possível proteger o valor essencial da sociedade capitalista: a propriedade privada dos meios de produção. (MARTINS, 1975: 54).

Para ele, a reforma agrária é um processo social¹⁴¹ que supõe uma ...intervenção intencional na realidade social, para modificá-la e reorientar as ...relações entre o homem e a natureza, mas ...com base no poder político. (ibidem). Por ser uma ...técnica social baseada no poder político, a reforma agrária depende do apoio legal de ...grupos sociais dominantes, nacionais ou estrangeiros, que têm o controle do Estado ou influência sobre ele. (idem: 55). Seus escritos dos anos 80 revelam explicitamente este compromisso para com a transformação da realidade rural, com a qual teve contato em suas pesquisas de campo. A discussão de

¹⁴¹ De acordo com Martins ...as relações sociais são mediatizadas por condições históricas e que os processos têm duas dimensões: a da consciência social subjetiva da situação e a do sentido e direção objetivos que assume. (MARTINS, 1975: 54).

questões ligadas à renda da terra, à renda monetária, à taxa de lucro na agricultura e à composição orgânica do capital serviram para resgatar a dinâmica do processo de subordinação da pequena produção às formas de capital (financeiro, comercial, industrial), destacando os sujeitos sociais como objeto de pesquisa, não só de carne e sangue, mas também de sangue e alma.

Para mim, ao encontrar-se empiricamente com seu objeto nas pesquisas de campo, Martins conseguiu etnografá-lo com a sutileza e sensibilidade do olhar antropológico que busca o humano das relações humanas.

Em texto posterior, ele explicita o mal estar causado por sua forma de conceber a relação sujeito-objeto na pesquisa participante - um dos pontos de questionamento que tanto recebe/responde quanto responde/recebe, sempre de forma mais velada. Baseando-se na concepção de Ágnes Heller quanto à ...radical passagem do homem da condição de 'objeto' à condição de 'objetivo'¹⁴². (MARTINS, 1989:

137) Ele conclui:

Na produção intelectual, essa passagem significa emancipar o outro da condição de objeto, por meio da nossa própria emancipação, como intelectuais, da condição de tutores do conhecimento. O outro só pode emergir como objetivo no horizonte da pesquisa científica na medida em que desvendamos 'para ele' o seu mistério (e o nosso!), sua condição de objeto, de subalterno, de vítima. Na medida em que lhe desvendamos os limites de seu autoconhecimento. Isso passa pela nossa conversão à condição de objeto dele, no sentido de tomar como premissa o pensamento radical e simples das classes exploradas, meio e instrumento (ao invés de instrumentalizá-lo) para desvendar o lado oculto das relações sociais com os 'olhos dele', revelando-lhe aquilo que ele enxerga, mas não vê; completando, 'com ele', a produção do conhecimento crítico que nasce da revelação do subalterno como sujeito, na medida em que lhe restituímos a condição de objetivo e lhe abrimos a possibilidade de resgatar o pleno sentido do conhecimento alternativo que ele representa e propõe na sua prática. (MARTINS, 1989: 137).

Em pesquisas posteriores, dedica-se cada vez mais à "sociologia da vida cotidiana", ou à "sociologia do conhecimento de senso comum" (MARTINS, 1996a: 17) e, acredito eu, do

¹⁴² O autor refere-se aqui ao texto de Ágnes Heller denominado *Sociologia de la vida cotidiana*, Barcelona: Ediciones Península, 1977: 364-365. (apud MARTINS, 1989: 137, nota 51).

estranhamento da sua própria prática de ensino e pesquisa. O autor revisita sempre - e a partir de um olhar cada vez mais atento e perspicaz - sua produção intelectual e situações de pesquisas vividas por ele. Procura entender a importância social e sociológica de categorias como "cativo", "besta-fera", "terra liberta"¹⁴³ e categorias outras como "estranho", "encontro" e "desencontro"¹⁴⁴; "tempo, espaço e linguagem" nas lutas no campo¹⁴⁵; ou temas como o "imaginário onírico" através de uma análise sociológica do sonho¹⁴⁶; do sentido da "exclusão"¹⁴⁷; do significado da própria prática de assessoria na

¹⁴³ Acompanhar esta discussão no próximo capítulo.

¹⁴⁴ Segundo Martins, ...as ciências sociais têm reconhecido determinadas etnias, grupos, classes, como 'estranhos' e procurado estudar e compreender as características da sua integração na sociedade 'branca' e dominante, na sociedade de classes. (MARTINS, 1993: 12). No entanto, é preciso entender que ...estranho não é, entre nós, apenas o agente imediato do capital, como o empresário, o gerente e o capataz, mas é também o jagunço, o policial, o militar. E, ainda, o funcionário governamental, o agrônomo, o missionário, o cientista social. (idem: 13). Através desta perspectiva, Martins ao rever as concepções de Todorov sobre a relação "entre o eu e o outro", conclui que o ...eu devorou o outro, porque o destruiu e o destrói, sem se construir por meio dele. Isso parece uma contradição permanente que não pode ser resolvida sem uma grande transformação social. (idem: 21). Consultar também seu artigo A chegada do estranho, In: MARTINS, 1993: 61-82.

¹⁴⁵ Ver por exemplo seu artigo Tempo e linguagem nas lutas do campo, In: MARTINS, 1993: 27-59. Para Martins, a concepção de tempo deveria ser pensada a partir de uma ...dimensão de tempo mais dilatada do que aquela que encerra um acontecimento singular, já que ...os casos isolados não revelam a verdadeira natureza do processo histórico, que tem hoje índios e camponeses como sujeitos fundamentais. São eles as únicas força que têm levantado barreiras e dificuldades à constituição de um modelo de capitalismo rentista no país, base de uma organização política autoritária, antidemocrática. (idem: 71).

¹⁴⁶ Segundo Martins: O sonho nos fala de nós mesmos, do nosso modo de viver e, sobretudo, de viver em conflito conosco mesmo, o grande conflito histórico que marca (e demarca) a modernidade, nela introduzindo o arcaísmo contestador da (des)figurações do sonho. (MARTINS, 1996a: 13). Para ele, ...os sonhos são documentos sobre o estado do relacionamento social entre nós e nós mesmos; entre nós e a alteridade que mediatiza a nossa transformação em ser social. (idem: 15-6).

¹⁴⁷ Segundo Martins, ...rigorosamente falando, não existe exclusão: existe contradição, existem vítimas de processos sociais, políticos e econômicos excludentes; existe o conflito pelo qual a vítima dos processos excludentes proclama seu inconformismo, seu mal-estar, sua revolta, sua esperança, sua força reivindicativa e sua reivindicação corrosiva. Essas reações, porque não se trata estritamente de exclusão, não se dão fora dos sistemas econômicos e dos sistemas de poder. Elas constituem o imponderável de tais sistemas, fazem parte deles ainda que os negando. As reações não ocorrem de fora para dentro; elas ocorrem no interior da realidade problemática, 'dentro' da realidade que produziu os problemas que as causam. (MARTINS, 1997a: 14). Para melhor acompanhar o raciocínio do autor sobre as formas de desenraizamento que a sociedade capitalista pratica para excluir e ...incluir de outro modo, segundo suas próprias regras, segundo sua própria lógica (idem: 3), consultar os vários textos da coletânea organizado pelo autor Exclusão social e a nova desigualdade. (MARTINS, 1997a).

CPT¹⁴⁸ e de suas atividades de pesquisa junto aos trabalhadores rurais e aos povos indígenas na "fronteira"¹⁴⁹ e na "frente de expansão"¹⁵⁰.

Além de descrever, analisar e repensar sobre o rural, os textos de Martins deram vida àqueles que foram postos de lado pelas interpretações tradicionais. Mais do que dados congelados, para subsidiar os projetos partidários ou as vertentes teórico-metodológicas do pensamento conservador ou liberal, o objeto de pesquisa (privilegiadamente a população rural) foi resgatado vivo para dentro da análise.¹⁵¹

¹⁴⁸ Conforme atestam os artigos presentes no seu livro *Exclusão social e a nova desigualdade* (MARTINS, op cit).

¹⁴⁹ Estes textos encontram-se reunidos na coletânea denominada **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. Considero estes textos, dentre os que li de Martins, a síntese de uma carreira intelectual espiralada rumo à construção de um saber, de um procedimento teórico-metodológico e de um repensar a relação sujeito-objeto na atividade de pesquisa. A "fronteira" de categoria sociológica transforma-se "na fronteira do humano", onde ...o Homem não se encontra - se desencontra. Não é nela que a humanidade do Outro é descoberta como mediação da gestação do Homem. (MARTINS, 1997b: 12). A fronteira passa a ter ...um caráter litúrgico e sacrificial, porque nela o outro é degradado para, desse modo, viabilizar a existência de quem o domina, subjuga e explora. (idem: 13). Martins explora a dimensão sociológica e antropológica desta categoria. Para ele: É na fronteira que encontramos o humano no seu limite histórico. É nela que nos defrontamos mais claramente com as dificuldades antropológicas do que é o *fazer História*, a história das ações que superam necessidades sociais, transformam as relações sociais e desse modo fundam e criam a humanidade do Homem. (idem: 13) Assim: O que há de sociologicamente mais relevante para caracterizar e definir a fronteira no Brasil é, justamente, a situação de conflito social. (idem: 150). A fronteira ...é essencialmente o lugar da alteridade, é o ...lugar de descoberta do outro e de desencontro, do ...desencontro de temporalidades históricas, pois cada um desses grupos está situado diversamente no tempo da História. (idem: 150-151).

¹⁵⁰ Para Martins "frente de expansão" é a ...categoria mais rica e apropriada para a reflexão sociológica ...porque ela se refere a lugar e tempo de conflito e de alteridade. (MARTINS, 1997b: 162). Esta é uma forma de ocupação da fronteira. A fronteira é portanto, ...a fronteira da humanidade. Além dela está o não-humano, o natural, o animal. Se entendermos que a fronteira tem dois lados e não um lado só, o suposto lado da civilização; se entendermos que ela tem o lado de cá e o lado de lá, fica mais fácil e mais abrangente estudar a fronteira como concepção de fronteira do humano. Nesse sentido, diversamente do que ocorre com a frente pioneira, sua dimensão econômica é secundária. (idem: 162-3). Em seu livro *Fronteira - A degradação do Outro nos confins do Humano* (MARTINS, 1997b), Martins apresenta na Introdução os ...resultados e teorizações da extensa e demorada pesquisa que [realizou] nas frentes de expansão e aponta ...os procedimentos e condições de realização da investigação e suas motivações teóricas mais amplas e define seu ...ponto de vista sobre a chamada 'neutralidade ética' do cientista quando da pesquisa em situação de violência e conflito. (MARTINS, Carta-reposta, 02/6/97: 4). No livro *Exclusão social e a nova desigualdade* (MARTINS, 1997a), Martins diz que ...além de algumas referências autobiográficas, expõe ...pela primeira vez [sua] pedagogia de trabalho com grupos católicos e o modo como [adapta] a orientação crítica da sociologia da USP ao trabalho de educar o educador, ainda que educador de orientação confessional ou partidária. (MARTINS, Carta-reposta, 02/6/97: 4-5).

¹⁵¹ Brandão também reconhece este lado antropológico das pesquisas de Martins. Segundo Brandão, dentre as pesquisas que conhece ...como os atuais estudos de movimentos e lutas camponesas de José de Souza Martins, para citar um só exemplo 'exemplar', mesmo quando não tendo sido realizadas através de coletas de histórias de vida... estão cheias de vidas

Num campo intelectual que primava pela neutralidade, pela cientificidade, pela exclusão de pares politicamente engajados, Martins conseguiu politizar o tratamento da questão agrária e defender um maior compromisso da academia para com ela sem, no entanto, congelar-se dentro do cientificismo ou frente ao objeto de pesquisa. Na academia, seguiu os parâmetros acadêmicos de uma prática disciplinar e, ao criticar os usos desta prática, politizou a reflexão prática e teórico-metodológica dos saberes disciplinares elaborados. Agindo assim, comprometeu-se tanto com o movimento de reflexão intelectual e acadêmico, quanto com sua aplicação à realidade:

Um dia, quando se fizer a história do conhecimento desta quadra histórica, esperamos que os autores do futuro sejam generosos com alguns de nós. Eles provavelmente constatarão que, ao tentarmos ser teóricos do nosso tempo, queríamos fazer História, para acelerar a superação de uma era de injustiças, de miséria e de opressão. E assim fazendo, alguns não disseram o que a História era, mas o que deveria ser. Se compreenderam isso compreenderão o nosso dilema político e compreenderão, sobretudo, que as nossas dificuldades metodológicas tinham sua razão de ser na lealdade às urgências do nosso tempo e da nossa humanidade. Para que eles pudessem fazer ciência no futuro. Ou poesia. (MARTINS, 1986: 152).

Além desta preocupação profundamente intelectual, Martins fala da coerência ética e religiosa como elementos balizadores de um posicionamento a favor da denúncia e não da convivência e da "solidariedade com a vítima, e não com o opressor", que pode ser apreendida na prática de uma ação pastoral social e popular a ser levada a curso, seja por parte da ala conservadora ou progressista da Igreja Católica. (MARTINS, 1994: 98-9).

Seus textos, como num vôo espiral rumo a uma compreensão cada vez mais sutil dos elos aprisionadores da sociedade feita de exploração e marginalização, tanto revelam as contradições e

na história. Sem trocadilhos, são estudos em que, através de compreender o outro popular, companheiro, através da prática de sua pessoa, ou da unidade concreta de pessoas nominadas que agem, fazem com que a explicação se dê como uma análise do pensado e do vivido de sujeitos finalmente reais. (BRANDÃO, 1984: 123). Martins também vê em Brandão, um membro da tribo que se apaixona pelo objeto de pesquisa: Carlos é um companheiro da estrada, um irmão na obstinada esperança no tempo novo que virá, que a gente encontra com alegria e abraça arrojado. (MARTINS, 1980c: 13). Para Carlos Brandão a amizade entre eles ...decorria, em parte, de uma sólida identidade de maneiras pessoais de pensar e agir. (BRANDÃO, 1980: 19).

ambiguidades desta sociedade, quanto indicam esperanças e soluções postas na necessidade do diálogo e do encontro, a nível da teoria e da práxis.

Martins transformou o sonho de ser "professor primário na roça" (MARTINS, 1997a: 128) na realidade de ser um mestre que fêz o caminho ao caminhar e, apesar de não se considerar um sociólogo rural, tornou-se referência obrigatória para o estudo sócio-antropológico do rural.

2.2.3. Moacir Palmeira: jogos ideológicos e políticos no debate da questão agrária

No campo intelectual carioca, destaca-se a contribuição de Moacir Gracindo Soares Palmeira, na formulação de uma interpretação teórico-metodológica alternativa para os debates existentes sobre a questão agrária brasileira. Bacharel em ciências políticas e sociais, doutorou-se em 1971 em sociologia pela L'Université René Descartes. (PALMEIRA, s.d: 3).

Palmeira vinculou-se ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) do Museu Nacional/UFRJ a convite de Otávio Velho¹⁵².

De volta ao Brasil, na segunda metade de 1969, para trabalhar no PPGAS por indicação de Otávio Velho, tive oportunidade, inicialmente acompanhando o seminário Sociedades Camponesas ministrado por Roberto Cardoso de Oliveira e, posteriormente, dando o seminário Sociedades Camponesas, de entrar em contato com a bibliografia propriamente antropológica sobre camponesinato, extremamente extensa e diversificada, naquele momento de crise de objeto da antropologia e de glória dos chamados 'estudos camponeses' que se desenvolvem num espécie de fronteira entre antropologia, sociologia, correntes da história social, certas tradições da economia e a vertente marxista de estudo da questão agrária, a que poderíamos somar os

¹⁵² Palmeira foi ...colega de Otávio Velho na PUC - com quem fizera uma pesquisa em Alagoas quando ambos eram estudantes. (CORRÊA, 1995: 43). Segundo Otávio Velho, Moacir teve dúvidas em aceitar seu convite para vir para o Museu Nacional, mas finalmente, ele "se juntou ao grupo", na "emblemática primeira turma" (VELHO, 1992: 43), sendo posteriormente contratado para seu quadro docente. (idem: 46-7).

estudos latino-americanos sobre estrutura agrária, marcando uma certa oposição com a sociologia e a economia rurais convencionais. (PALMEIRA, 1994: 22).¹⁵³

As pesquisas desenvolvidas por Palmeira e Velho foram cruciais no PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, na execução de projetos coletivos regionais de pesquisa e na orientação de pesquisadores. A orientação teórico-metodológica deste programa indicava a necessidade de novos recortes capazes de destacar categorias analíticas e empíricas a nível micro, que esmiuçassem a realidade interna e sincrônica do universo camponês. As categorias analisadas eram as que procuravam entender como se constituía e/ou reproduzia, culturalmente e simbolicamente, o mundo camponês.¹⁵⁴

A tese de doutoramento de Moacir Palmeira “Latifundium et capitalisme au Brésil: lecture critique d'un débat”(1971) tem sido recorrentemente citada¹⁵⁵ como básica para a reflexão teórico-metodológica sobre a *plantation*¹⁵⁶. Trata-se de um exercício teórico e etnográfico sobre categorias e tendências dos debates existentes no campo político e intelectual, a partir dos anos 1920/30.¹⁵⁷ Esta

¹⁵³ Palmeira ofereceu ...esse curso inúmeras vezes, sozinho ou em parceria com Otávio Velho, Afrânio Garcia, Beatriz Heredia, Lygia Sigaud e Giralda Seyferth. (PALMEIRA, 1994: nota 14).

¹⁵⁴ A criação dos cursos de pós-graduação nos anos 60, a valorização do trabalho etnográfico, o da observação participante para a coleta de dados sobre a realidade pesquisada e os projetos de pesquisa regionais, contribuíram para estas redefinições. Temas como: frentes de expansão, frente pioneira, fronteira agrícola, trabalho familiar, trabalho migrante, processo de capitalização/proletarização da economia camponesa, especificidade da produção camponesa, modo de produção camponês, relações de produção não capitalistas, *plantation*, são alguns dos muitos que passaram a ser pesquisados.

¹⁵⁵ Ver GNACCARINI & MOURA, 1983: 6-7; WANDERLEY, 1985: 19.

¹⁵⁶ O *sistema de plantation* está associado ao desenvolvimento capitalista ocidental ou ao mercantilismo, ou ainda às formas de dominação colonial, cuja produção se voltava para o mercado. Ela estava associada ao trabalho livre. (PALMEIRA, 1971: 134-5). Para Palmeira o *sistema de plantation* tem sua origem na “própria expansão do capital comercial”, operando tanto ...na base de relações de trabalho escravistas, como de relações de trabalho servis, ou na base do assalariado formal (idem: 140), como ...unidades econômicas quase autônomas constituídas em função do mercado (idem: 142), sendo um modo de produção dependente na origem de um outro modo de produção: o modo capitalista (idem: 155-7). Para ele, ...le 'système de plantation' s'est établi en fonction des exigences d'accumulation primitive du capitalisme en développement... (idem: 136).

¹⁵⁷ Segundo Palmeira: Informado por aquela literatura, lancei-me à análise de um debate que consumia muito da energia dos intelectuais brasileiros na época e do entusiasmo político das organizações de esquerda: aquele em torno da existência ou não

tese é referência para uma reflexão epistemológica sobre a construção de uma prática teórico-metodológica sobre a questão agrária e para pesquisas empíricas em áreas de fronteira, não na Amazônia como Otávio Velho e José de Souza Martins, mas no nordeste açucareiro brasileiro.

Através deste trabalho, Palmeira fez uma revisão crítica dos debates teóricos levados a curso pelos historiadores, economistas e sociólogos brasileiros a respeito da constituição e natureza da agricultura brasileira, quando estes se posicionavam relativamente à tese feudal ou à tese capitalista, associadas ou não ao sistema escravista. Ele acabou desagregando ...discursos para chegar a um arsenal ideológico comum (PALMEIRA, 1994: 37), tomando o conhecimento e os produtores deste conhecimento como objeto de sua pesquisa.¹⁵⁸ Ele apresentou uma reconstituição histórica da expansão do capitalismo no meio rural, através de questões teóricas presentes na discussão sobre a natureza da estrutura agrária e das relações sociais dominantes depois do período colonial brasileiro. É, como apontam Gnaccarini & Moura:

O que este autor conclui do debate feudalismo versus capitalismo na estrutura agrária brasileira é que o viés ideológico tornou-se incontrolável. A forma de superá-lo não está somente na pesquisa de campo, já que esta pode servir tão somente para ampliar as 'provas' que cada uma das posições quer dispor para ampliar sua própria evidência. Está, em primeiro lugar, no reconhecimento de que 'o debate transcende as questões explicitamente formuladas e os limites declarados do mesmo'(...) Nesse sentido, o estudo da estrutura agrária brasileira, através das relações de produção que a caracterizam, deve levar os estudiosos à busca de uma 'terceira posição', mediante a reconstrução do objeto... (GNACCARINI & MOURA, 1983: 7).

de feudalismo no Brasil. Creio que consegui contornar a armadilha que esse tipo de debate reserva aos que entram na discussão substantiva de seus conteúdos, dissolvendo os autores nas proposições que faziam seus textos e identificando o arsenal ideológico comum, que tornava possível a existência de tal debate e a migração desses autores entre posições aparentemente incompatíveis. Esbocei também as relações entre campo intelectual e campo político (com as limitações de quem tem que estudar a produção a partir dos produtos) que faziam viável esse jogo. (PALMEIRA, 1994: 5-6).

¹⁵⁸ Para Palmeira: Foi a impossibilidade de uma vinda intermediária ao Brasil para realizar pesquisa de campo, depois de verificar que o material de que eu dispunha era insuficiente para escrever uma tese sobre o tema proposto, que me levou a tomar a bibliografia existente não como meio, mas como objeto de análise. (PALMEIRA, 1994: 5). Foi um período onde ...o estruturalismo e as análises de discurso 'estavam no ar'. (ibidem). Apesar de ter tentado transferir sua ...capacitação para trabalhar sobre textos nos seminários lecionados no PPGAS, não foi ...grande o número daqueles que decidiram trabalhar diretamente sobre produção intelectual. (idem: 6). Esta tese era uma ...tentativa de sociologia da produção intelectual. (idem: 9).

Trabalhando, sob a orientação de François Bourricaud, com os conceitos de campo intelectual de Bourdieu¹⁵⁹ e campo ideológico de Althusser¹⁶⁰, Palmeira mapeou o lugar sociológico do debate, destacando as condições históricas, sociais e políticas de sua construção. (PALMEIRA, 1971: VI). Percebeu que o conjunto de temas e problemas, mesmo submetidos a critérios de legitimidade distintos do campo político, submete-se às questões impostas por este. A diferença é que, no campo intelectual, supõe-se a permanência de regras de legitimação e não a pura transmissão à comunidade intelectual de problemas e temas culturais. Ocorre uma redefinição no campo intelectual e dos problemas que são colocados através do campo político, com a formação de um ...sistema de relações entre os temas e os problemas e entre os dois campos. (idem: VIII). Desta forma, há uma relação privilegiada entre o campo político e o campo intelectual, que mantém sua continuidade pela permanência das regras de legitimidade e não pela ...transmissão substantiva de problemas próprios à comunidade intelectual. (idem: VII-VIII). Problemas e temas culturais postos pelo campo político são redefinidos pelo campo intelectual.

Palmeira identificou os jogos políticos e ideológicos presentes no debate do feudalismo x capitalismo e ...o arsenal ideológico comum que tornava possível a existência de tal debate e a migração destes autores entre posições aparentemente incompatíveis. (PALMEIRA, 1994: 6).

¹⁵⁹ Palmeira inspira-se teoricamente nos textos de Pierre Bourdieu: "Champ intellectuel et projet créateur". In: *Les temps modernes*, Paris, (246): 865-906, novembro, 1966; "Systèmes d'enseignement et systèmes de pensée". In: *Revue Internationale des Science Sociales*, Paris, XIX, (3): 367-88, 1967 e em colaboração com Jean Claude Passeron, "Sociology and philosophy in France since 1945- Death and resurrection of a philosophy without subject". In: *Social Research*, 34 (1): 162-212, Spring, 1967. Para Palmeira, o campo intelectual é um sistema de relações entre os temas e os problemas (PALMEIRA, 1971: VII), uma vez que ...le champ intellectuel ne faisant que rédéfinir les problèmes que lui sont posés à travers le champ politique. (idem: VIII).

¹⁶⁰ Palmeira toma este conceito como equivalente funcional ao de campo cultural (PALMEIRA, 1971: VII) e defende que haja uma reflexão sobre o campo ideológico, sobre o lugar sociológico do debate, sobre a constituição do campo intelectual ...que lhe serve de suporte e das condições históricas e sociais que tornam possível sua existência. (idem: VI). Utiliza o conceito presente na obra de Louis Althusser: *Pour Marx*, Paris: François Maspéro, p.57-78, 1966.

Ao apreender o mecanismo de funcionamento do campo intelectual quanto aos grandes debates sobre a questão agrária no Brasil, Palmeira percebeu que - apesar da existência de certa unanimidade (PALMEIRA, 1971: 36) de propósitos dos agentes de um campo intelectual; da ...adesão a princípios ideológicos e teóricos; da presença de uma ...concepção da relação entre prática teórica e prática política e da preocupação em ...decompor as representações ideológicas comunicadas pela ideologia dominante - estes fatos não foram suficientes para criar um objeto preciso no debate que analisou. (idem: 92). Não se tratavam de estilos diferentes de análise, mas da força política e ideológica de conceitos teóricos.¹⁶¹ Palmeira mostrou que as categorias retiradas da empiria foram usadas como categorias analíticas¹⁶², sem uma elaboração teórica sistematizada.¹⁶³ Para dar novos contornos ao debate, como solução teórico-metodológica e instrumento teórico alternativo, o autor propôs o uso do conceito de *sistema de plantation*¹⁶⁴.

¹⁶¹ São exemplos os conceitos de modo de produção, relações de trabalho, relações de produção, latifúndio, forças produtivas, tipos de propriedade, etc. Estas noções foram empregadas para a compreensão das leis de funcionamento da formação social brasileira, cuja problemática teórica (do materialismo histórico) provocou uma redução realista do conceito à realidade, como numa consciência-reflexo. (PALMEIRA, 1971: 93).

¹⁶² Conforme já foi apontado no capítulo 1 desta tese, para Minayo a categoria empírica é ...construída a partir dos elementos dados pelo grupo social, tem todas as condições de ser colocada no quadro mais amplo de compreensão teórica da realidade, e de, ao mesmo tempo, expressá-la em sua especificidade. Permite avançar o conhecimento a partir da categoria analítica... operacionalizada numa categoria empírica, por sua vez adquirindo possibilidade analítica... (MINAYO, 1992: 94). A crítica de Palmeira relaciona-se ao negligenciamento deste procedimento teórico-metodológico.

¹⁶³ Um exemplo situa-se no marxismo, quando foi ressaltado o peso apriorístico de categorias analíticas econômicas em detrimento de análises empíricas, quando o país legal diferia do país real e a luta de classes não foi explicitada. (PALMEIRA, 1971: 127). Certos conceitos foram construídos e trabalhados de forma limitada, recebendo soluções ambíguas, como é o caso do conceito de sistema misto (idem: 102), que segundo Palmeira foi uma fórmula monstruosa. (idem: 156-7). Assim, o debate dos historiadores e sociólogos não conseguiu romper com o círculo vicioso presente nas discussões e nem solucionar problemas conceituais centrais. (idem: 109,127).

¹⁶⁴ As *plantations* (no plural) seriam o objeto empírico. (PALMEIRA, 1971: 154-5). Sob a perspectiva comparativa, sua proposta resgatou através do recorte econômico e sociológico, a identificação do modo de produção da formação social brasileira (*sistema de plantation*) (idem: 130-38); as relações sociais presentes no processo de produção (os jogos de distribuição de posições, a cooperação, as formas de pagamento, o patriarcalismo, as relações de parentesco) (idem 138-48); a estrutura de classes (sistema de posições de classe). (148-154). Para ele, a unidade econômica do tipo *plantation*, ou *sistema de plantation*, é um modo de produção específico, no qual a lógica não se reduz à do modo de produção capitalista ou à do modo de produção escravista.

Em reflexão posterior, Palmeira (1994: 10) reafirma estranhar o fato da recusa de intelectuais brasileiros e estrangeiros de tratarem a *plantation*, enquanto ...uma forma ou um modo de produção específico. (idem). Decidiu, então, mostrar no último capítulo de sua tese ...as implicações da suspensão daquela espécie de interdição¹⁶⁵. (ibidem).

Ao desenvolver uma análise crítica do debate feudalismo x capitalismo e propor uma solução teórico-metodológica, através da construção de novas questões para se pensar a mediação e redistribuição baseada no *sistema de plantation*, também propiciou a reflexão sobre uma nova forma de

(idem: 154). Este modo de produção é ...dependente na origem (lógica) do modo de produção capitalista. (idem: 155) Seu estatuto difere dos outros, por ser dependente, (subsidiário). O *sistema de plantation* existe na medida em que existe o modo de produção capitalista. (ibidem). O conceito de *plantation* pode operar baseado em relações de trabalho escravagistas, como em relações de trabalho servis ou assalariamento formal (idem: 140), ocorrendo várias combinações no *sistema de plantation*. (idem: 144) As relações de classe neste modo de produção, foram apresentadas através da idéia de posição de privilégio do proprietário na apropriação do sobretrabalho e do fetichismo específico que recobre as relações sociais no sistema de *plantation*. (idem: 142). Ou seja: Tout le travail des producteurs directs va automatiquement au propriétaire. (ibidem). O proprietário faz a política de mediação na produção e na redistribuição, aparecendo com uma aura quase providencial de protetor, que mistifica as relações de separação próprias ao *sistema de plantation*... gerando um patriarcalismo centrado em certo jogo de posições. (idem: 145) Uma grande contribuição de Palmeira aqui é alertar para o fato de que ...as 'relações políticas' entre proprietários e trabalhadores reforçam-se com 'relações de parentesco' simbólicas. (idem: 147). O 'chefe patriarcal' tem o 'direito' e o 'monopólio do emprego da força' e da distribuição da justiça (ibidem). A posição de mediação do proprietário rural liga-se à situação de isolamento em que vive o trabalhador rural, na 'pseudo-comunidade' que é a *plantation* (idem: 148), onde a luta de classe fica 'mascarada'. (idem: 151). O próprio sistema de vendas e barracões foi uma forma de manter a hierarquia e a dependência do trabalhador em relação ao proprietário. (PALMEIRA, 1977c: 213). No entanto, segundo o próprio Palmeira, ele não buscava ...propriamente elaborar um modelo do grande domínio rural de traços substantivamente diferentes daquelas apontadas pelos textos analisados mas esboçar um conjunto articulado de questões capazes de delimitar um espaço de investigações impensável nos marcos do debate que circunscrevia o grosso da literatura histórica e sociológica sobre o tema. (PALMEIRA, 1994: 8-9).

¹⁶⁵ Para designar a *plantation* como modo de produção, valeu-se da ...quebra das periodizações esquemáticas que até então prevaleciam nas análises históricas do marxismo por diferentes vertentes de revisão crítica daquela corrente de pensamento e o restabelecimento do rigor conceitual que guiara Marx na elaboração d'O Capital, operado por autores como Althusser e pelo que seus opositores chamaram de 'estruturalismo marxista', abriam espaço para esse tipo de ousadia. A combinação de elementos que configuravam as relações de apropriação real (que era como as forças produtivas passaram a ser formuladas) e de apropriação formal (relações de produção) nos textos analisados era 'original' e somente um 'discurso da exceção' poderia tomá-la como expressão de qualquer outra coisa que fosse. Havia uma complicação: o que os textos, para além das diferentes tomadas de posição, indicavam era, no meu entender, que a ocorrência dessa combinação original estava associada à presença de um 'mercado externo' desenvolvido, quando não a uma espécie de dependência original ao capitalismo. Não se tratava de uma circunstancial subordinação histórica a um outro modo de produção, mas de uma subordinação constitutiva da própria *plantation*, que nada, todavia, impedia de funcionar como modo de produção principal numa formação social historicamente dada. (PALMEIRA, 1994: 10-11).

saber, que resultou no que denomino um elo espiralado dialético transformador, que impulsionou, dinamizou e abriu, a nível da teoria, o caminho para outras alternativas na construção do saber. Este posicionamento assemelha-se ao de Roberto Cardoso de Oliveira no Museu Nacional/UFRJ¹⁶⁶ que, a partir do conceito de fricção interétnica, também havia apontado novos caminhos teórico-metodológicos para a antropologia dos anos 60.

Através do conceito de *sistema de plantation*, para analisar a realidade nordestina, Palmeira influenciou vários pesquisadores nos anos 70-80, trazendo novos temas para a reflexão teórico-metodológica, ampliando os recortes regionais a serem investigados e mostrando que a análise de um debate ...é uma peça de sociologia da produção intelectual e não da produção agrícola. (PALMEIRA, 1994: 34).

A tese de Palmeira foi importante por mostrar como as regras são criadas e postas em jogo no campo ideológico e como interferem na construção dos saberes elaborados no campo intelectual. Mostrou também como uma abordagem teórica inadequada fez com que autores misturassem causa e consequência¹⁶⁷ no tratamento de uma questão empírica e/ou teórica. Apesar de privilegiar a análise dos fatos epistemológicos, atingiu seu objetivo, qual seja: interrogar um *corpus* discursivo fechado, academicamente aceito. Conseguiu questionar os obstáculos epistemológicos e psicanalisar conceitos,

¹⁶⁶ Para uma análise da contribuição de Moacir Palmeira e Otávio Velho no Museu Nacional é indispensável uma menção à Roberto Cardoso de Oliveira, que constituiu institucionalmente a equipe de professores do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social no Museu Nacional. Roberto Cardoso de Oliveira despontou como um desbravador teórico e metodológico. Ao substituir a noção de aculturação pelo conceito de fricção interétnica, abriu um filão de pesquisas sobre o campesinato indígena e os camponeses nas áreas de fronteira agrícola. Ele conectou esta noção à de colonialismo interno, noções estas sistematizadas a partir da reflexão teórica aliada à prática de pesquisa de campo. Com este procedimento teórico-metodológico ele rompeu com uma forma limitada de se fazer pesquisa e apontou para os aspectos sociológicos de uma questão vista até então pelo prisma limitador da noção de aculturação. Consultar LOPES, 1998: 34-49.

¹⁶⁷ Cita como exemplo o tratamento dado ao conceito de latifúndio - uma noção tirada do senso comum (grande extensão territorial), eleita como questão central, sem ser relacionada ao significado do processo de fragmentação (minifúndios) e/ou concentração da terra, ou sua relação com o modo de produção, ou com as articulações que permitiram sua emergência. (PALMEIRA, 1971: 36-41).

executando também a psicanálise do contexto político e ideológico da comunidade científica, conforme propôs Bachelard (BACHELARD, 1974). Percebeu a existência dos jogos acadêmicos e dos conflitos advindos das posições de prestígio, da troca de bens simbólicos, dos *habitus* de um campo intelectual, dos estilos e simbologias, dos modelos inconscientes expressos pelos autores em suas obras (BOURDIEU, 1971; 1987) e de como tudo isto acabou por conformar hábitos mentais de cunho ideológico e político¹⁶⁸ tão perniciosos para o avanço de um saber disciplinar.

Palmeira mostrou como, na discussão teórica entre historiadores e sociólogos, esteve presente a questão política que conferiu aos debates uma densidade ideológica e prejudicou a construção do saber científico. Ou seja,

Ce qui pourrait être simple querelle entre historiens gagne une 'densité idéologique' qui, quels que soient les malentendus sémantiques, la fait apparaître comme un obstacle à la pratique politique aussi bien qu'à la pratique scientifique. (PALMEIRA, 1971: XIV).

Desta forma, numa prática de tendência circular, os defensores da tese feudal e da tese capitalista criaram os argumentos e respostas que reforçaram suas próprias questões e respostas. Ou seja, ...Leurs réponses étaient déjà contenues dans la question formulée. (idem: 23)¹⁶⁹ Era preciso, através da

¹⁶⁸ Para Palmeira: Um outro elemento que me parece importante para se entender as condições de existência desse debate são as divisões que começaram a se processar na esquerda brasileira. Se até aquela época praticamente apenas o Partido Comunista Brasileiro tinha peso, como organização política de esquerda, começaríamos a assistir ao surgimento de novos partidos, grupos etc., que iriam questionar o que seria, digamos assim, o 'monopólio' exercido por aquele partido. Na medida mesmo em que esse tipo de questão se colocava, impunha-se a necessidade de cada grupo dar a sua versão da história brasileira, sua versão da 'revolução brasileira' que era o termo usado na época, a definição do estágio em que estaríamos dessa 'revolução', etc. (PALMEIRA, 1983: 15). Outra crítica importante é a que faz quanto à confusão sobre o emprego do conceito de classe camponesa, feita à luz da condição de classe baseada na ilusão feudal, que define esta classe por sua ligação à terra. (PALMEIRA, 1971: 150). Tal fato não leva em consideração que ...o 'isolamento' das *plantations* e o isolamento dos trabalhadores são a mesma forma da dominância do político nas formações sociais da *plantation*. (idem: 151). A luta de classe acabava não sendo resgatada e nem reconhecida.

¹⁶⁹ Em texto posterior, Palmeira reforçou sua proposta: ...A questão política, vivida como questão intelectual iria atribuir um sentido político às querelas intelectuais do passado, transformando-as e aos seus protagonistas em elementos de um só e mesmo debate. (PALMEIRA, 1983: 16).

pesquisa de campo e da crítica ao campo intelectual, reelaborar posições alternativas para a compreensão do objeto de pesquisa.¹⁷⁰

O uso da hipótese da *plantation* enquanto forma de compreensão do processo agrário macro-estrutural foi enriquecido pelo entendimento dos processos agrários internos (mercado, trabalho, relações proprietários/trabalhadores, feiras, formas de violência e coação sócio-econômico e cultural). Palmeira foi capaz de associar estes dois níveis de investigação.

Se a articulação crucial da *plantation* passava pela posição de mediação/função de redistribuição dos proprietários, para entender a *plantation* (...) e as mudanças que nela ocorriam, era preciso estudar o 'sistema de barracão' - que tinha espaço garantido nas denúncias políticas mas que nas análises teóricas era tratado como simples 'resíduo' - e as transformações que ele próprio parecia estar sofrendo... Era preciso, igualmente, estudar formas de distribuição que lhe faziam concorrência. No caso do Nordeste brasileiro, as feiras (que só existiam, para os cientistas sociais, no calendário turístico) em primeiro lugar, pela extensão da sua presença e pelo peso que tinham no abastecimento da população rural. (PALMEIRA, 1994: 14-5),171

¹⁷⁰ Gnaccarini & Moura citam entre outros, os trabalhos de Moacir Palmeira (1971), Caio Prado Júnior (1966) e José de Souza Martins (1975) como obras que exemplificam ...um flanco novo de análise em que se identificava a nova sensibilidade e inquietação que estes autores sintetizaram de forma original, bem como, constituíram-se, através da "alternativa conceitual e analítica" que apresentaram, fonte de inspiração para outros pesquisadores. (GNACCARINI & MOURA, 1983: 7). No caso de Palmeira, a construção da hipótese: *plantation* como modo de produção, possibilitou que se mudasse o eixo das discussões, para que se compatibilizasse a teoria e o que se apreendia empiricamente. Segundo Palmeira, sua hipótese de trabalho permitiu compreender a vinculação do trabalho ao mercado; o caráter semi-autárquico das grandes propriedades; a posição de mediação/função de redistribuição dos proprietários; o isolamento dos trabalhadores; a violência e paternalismo nas relações proprietários/trabalhadores e incorporar o que ...era rejeitado como 'resíduos', 'sobrevivências', 'restos' ou similares (... barracões de engenho, os vales de barracão, a condição e o cambão), fantasmas nas construções dos cientistas sociais, mas presenças muito reais no cotidiano das populações das áreas de *plantation*... (PALMEIRA, 1994: 14). A necessidade de se estudar o sistema de barracão, as formas de distribuição (feiras) e a proletarização da força de trabalho, aos poucos foram se fazendo presentes e necessárias.

¹⁷¹ Através da pesquisa de campo constatava-se o crescimento do número de feiras, ... a saída de moradores dos engenhos para as cidades próximas; ...absorção de antigos engenhos pelas usinas de açúcar acompanhada de uma crescente proletarização da força de trabalho, ...a fragmentação de algumas dessas grandes propriedades. (PALMEIRA, 1994: 15). A hipótese de Palmeira era a de que as feiras estariam ...dando suporte ao surgimento de um neo-campesinato... que estaria emergindo na região junto com um proletariado rural, a partir da desagregação da *plantation*, que essa feiras, entre outros elementos, propiciariam, e do desaparecimento do morador, que estaria na origem, através de uma espécie de bifurcação das suas funções, tanto de camponeses quanto de proletários rurais. (*idem*: 15-6).

Palmeira conseguiu também associar e fazer a ...transposição do uso da análise de texto para a pesquisa etnográfica (PALMEIRA, 1994: 6), identificando e problematizando tanto o objeto empírico antropológico, quanto os textos que os analisavam, alertando para ato de que:

Fazer textos 'falarem' é uma coisa; fazer falas falarem é conduzir essa coisa ao infinito e, se não forem promovidos os cortes necessários, impossibilitará qualquer análise. Foi difícil estabelecer esses limites. (idem: 7).

Pesquisando o universo dos fatos epistemológicos e o dos dados sociais, enriqueceu o saber disciplinar e mostrou a importância de se apreender os deslizes ideológicos dos intelectuais envolvidos com a prática teórico-metodológica rural e os aprisionamentos da "(cons)ciência" à ordem social e política. (PALMEIRA, 1994: 51).

O segundo espaço acadêmico de participação de Moacir Palmeira - qual seja, o relativo à prática da pesquisa de campo e a participação em projetos coletivos de pesquisa - permitiu-lhe buscar alternativas para a prática teórico-metodológica sobre a questão agrária. Segundo Palmeira:

...o programa de pesquisas que [foi] montando ao longo dos anos 70 na área canavieira de Pernambuco para entender a *plantation* e suas mudanças centrou-se no estudo das formas de distribuição - Projeto 'Os Mercados Locais como Elemento de Mudanças numa Área de *Plantation*' depois transformado no mais consistente, até por ter incorporado a experiência de trabalho de campo intermediária, 'Sistemas de Distribuição e Estruturas de Poder no Nordeste', de 1974 - e na investigação das categorias sociais que articulavam e, em especial, daquelas para cuja constituição pareciam pesar decisivamente. (idem: 16).

A tradição de projetos coletivos de pesquisa foi introduzida por Roberto Cardoso de Oliveira no Museu Nacional e mantida por Palmeira e Otávio Velho. Pelo menos dois projetos impulsionaram o ensino e a pesquisa na antropologia no Museu Nacional, propiciando o desdobramento de outros projetos, influenciando outros centros institucionais ou possibilitando a vinculação da etnologia com a temática rural. (LOPES, 1998).

O primeiro projeto de pesquisa data de 1962: “Estudos de áreas de fricção interétnica no Brasil”¹⁷². Elaborado e dirigido por Roberto Cardoso de Oliveira, recebeu a ajuda de David Maybury-Lewis e foi financiado pela UNESCO. Este projeto foi crucial para o descobrimento e análise de um tipo particular de camponês indígena e para vincular a questão étnica às questões nacionais, entre as quais a agrária. Através desta pesquisa, Roberto Cardoso de Oliveira formulou uma linha de investigação denominada “Por uma sociologia do campesinato indígena no Brasil”, em 1969, que se desdobrou num segundo projeto denominado “Estudo comparativo de desenvolvimento regional”, que também constituiu-se em ...parte das atividades do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social... (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1972: 10-11) e privilegiou ...a pesquisa de 'temas' rurais¹⁷³. (SIGAUD, 1990: 10). Este projeto demarcou o início do Programa de Pós-graduação do Museu Nacional (PPGAS)¹⁷⁴. (CORRÊA, 1995: 41). Novos projetos foram sendo desdobrados a partir do projeto “Estudo comparativo de desenvolvimento do nordeste”, como o denominado “Estudo do 'colonialismo interno’

¹⁷² Para referência dos textos publicados a partir deste projeto consultar CARDOSO DE OLIVEIRA, 1972: 10. A pesquisa “Áreas de Fricção Interétnica no Brasil” ...foi patrocinada pelo Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais e pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, quando foram realizadas viagens de campo em 1959 e 1962 (idem: 13). A pesquisa fazia parte de um convênio firmado entre a Universidade de Harvard e o Museu Nacional, como parte do Harvard Central-Brazil Research Project. (idem: 14).

¹⁷³ Desse projeto resultaram dissertações de mestrado, livros e artigos sobre o rural. (SIGAUD, 1990: 10). Segundo Maués & Maués, Roberto Cardoso de Oliveira e Roberto da Matta montaram o projeto denominado “Hábitos alimentares em grupos sociais de baixa renda” que pesquisaria os hábitos e crenças alimentares. Otávio Guilherme Velho (Museu Nacional) e Klaas Wortmann (Universidade de Brasília) coordenaram esta pesquisa, realizada em meados dos anos 70. (MAUÉS & MAUÉS, 1978: 120).

¹⁷⁴ Faziam parte do corpo docente inicial do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional do Rio de Janeiro, ligados à questão agrária os professores Otávio Guilherme Cardoso Alves Velho (Ph.D pela University of Manchester, Inglaterra), Moacir Gracindo Soares Palmeira (Doutor pela Universidade René Descartes- Sorbonne, França), Lygia Maria Sigaud (Dra. pela Universidade de São Paulo) e Giralda Seyferth (Dra. pela Universidade de São Paulo) (Boletim BIB: 1978: 7). Sobre a criação do PPGAS vide também: VELHO, 1992: 43;44;46;47.

no Brasil¹⁷⁵ em 1966 e o “Projeto emprego e mudança sócio-econômica no nordeste”¹⁷⁶, iniciado em 1975 sob a coordenação de Moacir Palmeira. (PALMEIRA *et al*, 1977c: 201).

Como forma de se entender o processo macro-estrutural de desenvolvimento capitalista no nordeste e nas regiões de ocupação posterior do Brasil, os temas centrais pesquisados no interior destes projetos coletivos envolviam questões como *plantation*, frente de expansão, fronteira agrícola, frente

¹⁷⁵ Otávio Velho desenvolveu, desde 1966, pesquisa no interior do projeto de pesquisa “Estudo do ‘colonialismo interno’ no Brasil” patrocinado pelo Conselho Nacional de Pesquisas, na Divisão de Antropologia do Museu Nacional, sob a orientação de Roberto Cardoso de Oliveira, pesquisador-chefe e responsável pelo projeto. (VELHO, 1982: 29 e 40). Segundo Velho, esta pesquisa marcou ...o primeiro resultado de uma pesquisa de campo na região de Marabá no Tocantins paraense, que tanto estaria presente na [sua] vida nos anos seguintes. (VELHO, 1992: 9). Vide também CARDOSO DE OLIVEIRA, 1978: 83.

¹⁷⁶ Este projeto foi montado em 1973, aprovado em 1975 e executado até 1977 com o apoio financeiro da FINEP/IPEA/IBGE/UFRJ. Fizeram parte de todas as fases deste projeto: Moacir Palmeira, Afrânio Raul Garcia Jr., José Sérgio Leite Lopes, Luís Antônio Machado da Silva, Lygia Sigaud, Marie France Garcia, Maria Rosilene Barbosa Alvim, Neide Esterçi, Alfredo Wagner Berno de Almeida, Beatriz Herédia, Eliane Cantarino Gonçalves Bastos, Amélia Rosa Barreto Teixeira, Dóris Rinaldi Meyer, Leilah Landim Assumpção, Regina Novaes, Jorge Eduardo Saavedra Durão, Maria Cristina Melo Marin. (LEITE LOPES, 1979: 5; 1978: XVIII). Leite Lopes também chama atenção para o fato de que muitas destas ...pesquisas [complementaram-se] não somente enquanto estudos de diferentes grupos sociais e temas da zona da mata de Pernambuco, mas enquanto trabalho de equipe. (idem, 1978: XVIII). Vide também PALMEIRA, 1977b. O objetivo desta pesquisa era ...identificar a especificidade de situações em termos de relações sociais envolvidas, vendo como se constituem em sistema; isto é, tentar identificar o sistema de posições sociais dentro das populações trabalhadoras nordestinas, desvendar sua lógica, seu movimento e, sobretudo, poder distinguir quais as unidades sociais reais (e seu *modus operandi*) do processo de desenvolvimento, e quais as repercussões deste para cada um dos tipos daquelas. (PALMEIRA *et al*, 1977: 204). Este projeto privilegiava o grupo social dos trabalhadores e fazia parte de um projeto maior: “Estudo comparativo do desenvolvimento regional”, dirigido por Roberto Cardoso de Oliveira e David Maybury-Lewis. (PALMEIRA, 1994: 20, nota 12). Este projeto envolveu ...20 pesquisadores, entre professores e alunos, e que multiplicou o número de dissertações de mestrado, teses de doutorado (defendidas dentro e fora do Programa), livros e artigos, comunicações em Congressos; pelos Projetos Hábitos alimentares em camadas e de baixa renda e O processo de colonização dos vales úmidos, que envolveram outros tantos pesquisadores e do qual resultaram também dissertações, artigos e livros, e mais recentemente, na década de 80, pelo Projeto Efeitos sociais de grandes projetos hidrelétricos, a partir do qual começam a ser defendidas dissertações, publicados artigos e livros. (SIGAUD, 1990: 10). No âmbito do “Projeto Emprego e mudança sócio-econômica no Nordeste”, Sigaud elaborou uma pesquisa ...sobre a expulsão dos trabalhadores dos engenhos de cana-de-açúcar da Zona da Mata de Pernambuco, cujos resultados teóricos foram o seu livro *Os clandestinos e os direitos* (SIGAUD, 1979) e o artigo “As vendas das pontas de rua”, que faz parte do Relatório Final deste projeto. (SIGAUD, 1983: 23). O espaço intelectual e coletivo abarcado por esta equipe de pesquisa, propiciou o diálogo e contato com outros pesquisadores e projetos de pesquisa, como por exemplo a pesquisa realizada por Neide Esterçi “Campesinato e peonagem” numa área de expansão capitalista. (ESTERCI, 1980: 117, nota 1). As regiões previstas para pesquisa no “Projeto Estudo comparativo do desenvolvimento regional” e no “Projeto Emprego e mudança sócio-econômica no Nordeste”, nos quais Palmeira esteve vinculado, eram a zona da Mata Nordestina, estados da Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Leste do Pará, Oeste do Maranhão e Norte de Goiás.

pioneira.¹⁷⁷ A estas questões somaram-se temas como produção familiar camponesa¹⁷⁸, neo-campesinato, mercado de trabalho, economia camponesa e capital comercial, economia de excedente, terra de trabalho, terra de exploração, terra de negócio¹⁷⁹, autonomia ou/não camponesa à nível da produção, resistência ou/não camponesa à expropriação e às formas de dominação do capital, barracões e feiras, moradores e trabalhadores de ponta de rua; besta-fera¹⁸⁰ e cativo, entre tantas outras.

A prática da pesquisa de campo indicava a necessidade do estudo de novas questões, conforme ilustra Palmeira:

Algumas surpresas me aguardavam nas primeiras idas a campo (final de 1969 e primeiro semestre de 1970). A maior delas, no que dizia respeito às formulações teóricas da pesquisa, encontrar feiras dentro de usinas e até mesmo em alguns engenhos. Analisar essa 'exceção' às 'regras' que eu estava formulando, criava uma situação de quase experimento. (PALMEIRA, 1994: 16).

Através do estudo da *plantation* na zona canvieira nordestina e da pesquisa de campo, Palmeira percebeu que esta ...não era apenas uma unidade agrícola, mas apresentava um lado industrial (idem: 18). Certa especificidade deste tipo de produção, até então não detectada, era aos poucos explicitada nos resultados das várias pesquisas que orientava:

¹⁷⁷ A tese de doutorado de Moacir Palmeira (1971) e a dissertação de mestrado de Otávio Velho (1972) são exemplificativas.

¹⁷⁸ A fronteira constituiu-se tema importante para vários estudos sobre a transformação da estrutura agrária brasileira. São exemplos os trabalhos de Moacir Palmeira e Otávio Velho e várias pesquisas individuais sob orientação deles e de outros pesquisadores. Segundo Abramovay, de 1977 a 1980 ...juntamente com Leilah Landim Assupção, Maria Emília Lisboa Pacheco, Jean-Pierre Leroy, Jorge Eduardo Saavedra Durão e Humberto Cunha, realizou pesquisas ...sobre a produção familiar em regiões de fronteira agrícola, em áreas do Pará, do Maranhão e no Sudoeste Paranaense, sob convênio FINEP/INAN/FASE. (ABRAMOVAY, 1990: 109).

¹⁷⁹ Consultar MARTINS 1980a: 58, pé de página.

¹⁸⁰ Em torno deste tema desenvolveu-se um debate que envolveu José de Souza Martins e Otávio Velho. Consultar o item 3.4.1 no próximo capítulo desta tese.

À medida que avançávamos nas pesquisas - e os resultados parciais obtidos por cada um eram amplamente discutidos e incorporados por toda a equipe - novos processos sociais iam sendo identificados e novas questões iam sendo postas, ao mesmo tempo que se ia configurando um quadro mais completo das posições e oposições sociais de que se fazia aquele mundo da *plantation*. (idem: 19-20).

Assim:

Havia mais do que *plantation* na zona canavieira; as relações sociais de que se fazia a *plantation* se projetavam para além dos seus limites. (idem: 22).

Estas pesquisas indicavam, portanto, a presença da posição de mediação/função de redistribuição dos proprietários, do sistema de barracão/formas de distribuição (feiras), da migração sazonal, da proletarização da força de trabalho, dos operários das usinas, da diferenciação social, do surgimento de neo-camponeses¹⁸¹. (idem: 14-23). Apesar de Palmeira considerar que a categoria social neo-camponesinato tenha sido a menos estudada pelo seu grupo de pesquisadores (idem: 21), o que se verifica é que ela abriu um espaço novo, extremamente rico para as pesquisas e debates teórico-metodológicos sobre os processos sociais agrários internos e para as pesquisas sobre o camponesinato¹⁸².

Conforme Palmeira,

...essas pesquisas concorreram para redesenhar a imagem da estrutura social da área canavieira (mas não apenas dela) e dar elementos para se repensar a história recente da região, ao mesmo tempo que oferecia uma contribuição teórica de um certo peso ao conhecimento da economia camponesa, dos modos de dominação, etc. (idem: 26).

O Projeto “Emprego e mudança sócio-econômica no nordeste” representou a consolidação no Museu Nacional de uma prática coletiva de pesquisa, que gerou um

¹⁸¹ Segundo Palmeira, estes neo-camponeses ...não eram apenas ex-moradores que tinham conseguido adquirir lotes de terra de engenhos quebrados e que passavam a produzir alimentos para abastecer os novos proletários rurais. A fronteira entre aqueles e os que continuavam foreiros, resistindo à expulsão, e os que, expulsos, somavam ao trabalho na cana o arrendamento a título precário de pequenas parcelas de terra, ou ainda entre todos esses e aqueles, menos numerosos, é verdade, que, pequenos proprietários ou posseiros já estavam na terra há algumas gerações, era tênue. Independentemente de sua origem histórica e social, combinavam de modo similar - digamos, chayanovianamente - as forças de trabalho da família, o consumo familiar e a venda de seus produtos no mercado. (PALMEIRA, 1994: 21).

¹⁸² Consultar o próximo capítulo.

...trabalho de equipe ininterrupto que, pelo menos desde 1970, se vem desenvolvendo junto ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia do Museu Nacional (UFRJ), ao lado das atividades docentes daquele programa e de outras atividades de pesquisa. (LEITE LOPES et al, 1979: 2).

Esta equipe de trabalho preocupou-se com questões teóricas ligadas à *plantation* e suas variantes no nordeste, à origem do campesinato, à proletarização da força de trabalho e associou-se aos ...pesquisadores que trabalhavam em áreas de frentes de expansão e também com camadas de baixas rendas dentro de grandes cidades.¹⁸³ (ibidem) Os estudos sobre a *plantation* estenderam-se para o sul de Alagoas e para a Paraíba ...onde o processo de transformação da *plantation* parecia tomar rumos diferentes dos... [identificados] em Pernambuco.¹⁸⁴ (PALMEIRA, 1994: 24).

Palmeira lembra que as pesquisas em torno da *plantation* trouxeram para as discussões teóricas não só os temas ligados ao conhecimento da produção camponesa, dos modos de dominação, das redes de comércio, das relações comerciais e sociais dos trabalhadores rurais/moradores/proprietários de engenhos, mas também da participação daqueles em entidades sindicais e grupos religiosos. (idem: 26). Foram estudados tanto os trabalhadores assalariados rurais da

¹⁸³ Segundo Palmeira, por volta de 1975/76, após um balanço do trabalho realizado, resolveram associar-se ...a outros pesquisadores, [e] partir para um projeto mais ambicioso, que incluiria, além de novas áreas de *plantation*, espaços que entretinham, por assim dizer, ligações orgânicas como o mundo da cana - agreste e sertão, mas também as grandes cidades do Nordeste e do Sudeste do país e a fronteira amazônica. (PALMEIRA, 1994: 23-4). Mantiveram um ...diálogo com um grupo de economistas ligados ao IPEA e se propuseram a ...responder a questões que eram objeto de preocupação de alguns setores da sociedade, como as migrações e o emprego. (idem: nota 16).

¹⁸⁴ De acordo com Palmeira, Beatriz Heredia estudou em Alagoas ...as relações entre as mudanças espaciais e as alterações que se processavam na estrutura social. (PALMEIRA, 1994: 24-5). Afrânio Garcia, no Brejo da Paraíba analisou o ...processo de fragmentação de antigos engenhos (mais acentuado do que os de Pernambuco). As grandes fazendas do complexo gado-algodão (barracão que fornece/recebe produção dos moradores) foram estudadas por Alfredo Wagner Berno de Almeida e Neide Esterci, no Ceará e Eliane Cantarino na Paraíba. Marie-France Garcia ocupou-se dos circuitos de feira na Paraíba, explorando a diversidade social dos feirantes e a questão da organização espacial das feiras. Regina Novaes analisou a estratégia econômica de um grupo de pequenos agricultores do agreste pernambucano num município que estava conhecendo um certo *boom* comercial com o cultivo da cenoura. No Maranhão, Alfredo Wagner Berno de Almeida e Neide Esterci iriam dirigir seu olhar para a *plantation* decadente da Baixada Maranhense e tentar entender a lógica da saída de migrantes em direção ao Pará, onde Alfredo Wagner acompanharia a trajetória desses filhos de camponeses em busca de recursos para se constituírem como chefes de família em seus locais de origem. José Sérgio Leite Lopes, junto com Luiz Antônio Machado da Silva e um grupo de pesquisadores, ocupou-se das cidades. (idem: 25). Vide também GARCIA JR., 1983: 11-12, em especial nota 2.

plantation quanto os camponeses, introduzindo-se uma nova forma de se pensar o campesinato, ou seja, como parte de um modo de produção subordinado no interior da *plantation*.¹⁸⁵

O espaço institucional do “Projeto emprego e mudança sócio-econômica no Nordeste” tornou-se crucial para a formação de novos cientistas sociais. Segundo Regina Novaes, ele foi de grande importância para a manutenção de discussões e troca de saberes na antropologia rural desenvolvida no campo intelectual carioca. (NOVAES, 1985: 11). Através de sua participação enquanto auxiliar de pesquisa e sob a coordenação de Moacir Palmeira neste projeto, ela interessou-se pela questão agrária e religião.¹⁸⁶ (idem: 7).

Durante este projeto, Palmeira continuou ...a trabalhar sobre o tema da produção intelectual, tomando-o como objeto de pesquisa e executando um ...levantamento bibliográfico extenso destinado a ser uma espécie de preliminar do Projeto em torno de migração e emprego.¹⁸⁷ (PALMEIRA, 1994: 7).

Muitas foram as orientações dadas por ele a dissertações de mestrado e teses de doutorado.¹⁸⁸ Ele preparou vários antropólogos para a análise de um recorte micro dos processos

¹⁸⁵ Consultar item 3.2.2 no próximo capítulo.

¹⁸⁶ A pesquisa de mestrado de Novaes mostrou como ...a experiência adquirida nas associações pentecostais [era] reapropriada politicamente no bojo do sindicalismo e da organização partidária. (NOVAES, 1985: 9). Ainda segundo seu depoimento, ela ...tinha vontade de fazer 'campo', no sentido antropológico da palavra e foi uma coincidência tão incrível que o Moacir Palmeira e Lygia Sigaud iam fazer um 'campo' num projeto de mudança no Nordeste e tinha vaga para orientandos... Eu fui assistente de pesquisa da Lygia. A viagem no Nordeste com eles foi o meu veio da questão agrária. (NOVAES, Entrevista: 22/12/93).

¹⁸⁷ Este levantamento foi fruto de um trabalho de equipe, ...comandado por José Sérgio Leite Lopes e Alfredo Wagner Berno de Almeida e forneceu ...elementos para as várias pesquisas substantivas realizadas no âmbito daquele projeto. Enquanto José Sérgio e Afrânio Garcia analisavam o material referente a emprego, Moacir e Alfredo Wagner rastream a gênese de categorias (PALMEIRA, 1994: 7), naquele momento, o conceito de migração ...coetâneo de migração interna e da existência de políticas nacionais para a mão-de-obra ou para a população. (idem: 8).

¹⁸⁸ Através de uma análise dos títulos das dissertações de mestrado e teses de doutorado do Programa de Pós-graduação do Museu Nacional, no período de 1970-94 e que sugerem pesquisas vinculadas à temática rural, Moacir Palmeira aparece com o maior número das orientações, tanto para o mestrado quanto o doutorado. (LOPES, 1998: 38-9).

agrários internos, mostrando como era importante extrapolar as noções de estrutura agrária e analisar as relações sociais, os modos de dominação e sua articulação com a política.

Uma terceira atuação intelectual de Moacir Palmeira refere-se à sua prática política, que o fez afastar-se parcialmente da academia para prestar assessoria ao movimento sindical e participar da ...prática administrativa ou governamental de uma diretoria do Instituto de Colonização e Reforma Agrária. (idem: 36). Para ele,

...a reforma agrária se colocava como questão independentemente das formulações que se fizessem em torno dela, e que o que estava em jogo era, antes de qualquer exigência econômica, a questão da cidadania... (ibidem). 189

Palmeira ausentou-se por ... dois anos da Universidade (1978-1980) e reduziu para 20 horas seu regime de trabalho, para trabalhar como assessor da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG)¹⁹⁰. Segundo o autor, não se tratava de um assessoramento antropológico, nem de ...oferecer cursos de marxismo ou sobre resultados do [seu] trabalho intelectual, mas de dialogar ...com as lideranças, dando forma a suas idéias e formulando ...coisas na linguagem dos agraristas. (PALMEIRA, 1994:

35). Palmeira diz ter dado palestras e escrito textos sobre estrutura agrária, bem como ...contribuir para renovação da linguagem sindical e, de algum modo, para o arejamento da linguagem e das concepções dos agraristas. (ibidem).

¹⁸⁹ Palmeira volta a defender este posicionamento quando da sua participação no seminário "Significado e viabilidade da reforma agrária", destacando a importância da reforma agrária, de seus aspectos econômicos e políticos e a necessidade da conquista da cidadania pelo camponês. Consultar este debate In: VILAR DE CARVALHO & D'INCAO, 1982: 17-21, 49-51, 67-8.

¹⁹⁰ A Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG) escudou-se tacitamente no Estatuto da Terra e manteve um espaço político aberto em prol da reforma agrária. Em 1979 promoveu em Brasília o 3º Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais. Este Congresso transformou-se num marco na luta pela terra. Neste encontro ela reafirma ...a reforma agrária como luta prioritária dos trabalhadores rurais, reivindica um módulo máximo para as propriedades rurais e propõe a ocupação de terras ociosas e do Estado como forma concreta de luta. (GÖRGEN, 1987: 21). Para entendimento da disputa entre a Igreja Católica, a AP e os comunistas pelo controle da Confederação, quando da sua formação em 1963, consultar BRUNEAU, 1974: 178.

Conforme seu Memorial (1994), declara sua

...simpatia política pelas forças sociais que se batem pela redistribuição da propriedade da terra, [e sua] antipatia... pelos instrumentos desse saber quase autônomo... em que se constituíram esses estudos agrários, centrados em torno de noções como 'estrutura agrária', uma fórmula boa, redonda, para denúncias políticas, mas que escamoteia as relações sociais que seria preciso identificar para se atacar eficazmente as questões para onde aponta. (PALMEIRA, 1994: 34).

Para ele, a ponte teórica para a explicação da questão do banditismo político e a violência das políticas nordestinas, os movimentos sociais, a construção da identidade e participação política camponesa, as organizações de sindicatos seja através da Igreja Católica e/ou partidos, estava ...na estrutura social, numa estrutura social onde a violência era um valor e tinha o lugar de um valor central. (idem: 40).

Foi analisando o sentido político e social das feiras no interior da estrutura social da *plantation*, que o autor percebeu como

...as feiras, embora não sendo mediadores plurifuncionais como eram os proprietários de engenhos, mas mediadores fundamentalmente econômicos (...) entre a massa de trabalhadores e a sociedade nacional, contribuem decisivamente para a quebra do isolamento a que a *plantation* submete esses trabalhadores, expondo-os a novas redes de comunicação e à ação de novos mediadores políticos, quer se trate do próprio Estado, através de seus organismos fiscais, repressivos ou assistenciais, ou dos sindicatos rurais. (idem: 44).¹⁹¹

No âmbito do movimento sindical e do processo eleitoral pesquisou os ...circuitos efetivos da atividade política e das representações que lhes são solidárias (idem: 47) e os ...circuitos de reciprocidade, que atravessam tanto o *tempo* da política quanto o da não política e cujas moedas de troca são favores, ajuda, proteção, dinheiro etc. (idem: 49).

Se para José de Souza Martins a Igreja Católica e a fronteira amazônica foram um dos espaços institucionais utilizados para prestar assessoria em benefício dos excluídos e para suas reflexões

¹⁹¹ Da análise dos modos de dominação e sua articulação com a política resultou uma série de artigos e tese de alunos orientados por Palmeira como: ...a dissertação de mestrado de Mário Grynspar, 'Mobilização camponesa e competição política no estado do Rio de Janeiro (1950-1964)' e a tese de doutorado de Odaci Luiz Coradini, 'Representações sociais e conflitos nas políticas de saúde e previdência social rural', além de artigos e relatórios desses e de outros pesquisadores como Jorge Romano, Lígia Dabul, Nina Almeida Braga e Mirian Nutti (PALMEIRA, 1994: 46, nota 21), entre outros. Vide op.cit: nota 22.

teóricas, para Moacir Palmeira este espaço foi a CONTAG. Segundo Wanderley, a experiência de Palmeira junto à CONTAG

...ajudou em muito esta instituição a elaborar sua própria ideologia e suas estratégias de ação... É algo simétrico ao que Martins fez com a Igreja. (WANDERLEY, Carta-resposta, 23/03/98: 6).

O cenário sócio-econômico era o da modernização e intervenção do Estado militar, que tornara-se um aliado da burguesia agrária.¹⁹² O sindicato abria aos trabalhadores a tímida possibilidade de ...acesso à justiça e a implementação das leis (PALMEIRA, 1989: 102); de transformar a ...questão agrária em questão política através da ação da CONTAG (1968); de lutar ...para manter juntos na mesma organização todos os camponeses (do trabalhador volante ao pequeno proprietário familiar), todos os beneficiários da reforma agrária. (ibidem).

Reflexo da observação e da análise de uma realidade empírica e de um tempo histórico distintos, a Igreja Católica tornava-se apenas uma aliada, apesar de poderosa, do movimento social rural. Restava aos trabalhadores rurais (camponeses e proletários) buscar na CONTAG, a instituição legal que os representava, a saída legalista para os impasses que a sociedade burguesa autoritária lhes impunha. Assim:

Nos anos recentes, diferentemente do passado, a reforma agrária seria posta pelo movimento dos trabalhadores rurais e por um poderoso aliado, a Igreja Católica que, desde meados dos anos 70, voltara a preocupar-se com o problema agrário, envolvendo-se diretamente na organização dos trabalhadores, em especial nas áreas de expansão da fronteira agrícola do norte e do centro-oeste. Invertia-se o sentido das coisas, comparativamente aos anos 50 e 60: ao invés da bandeira da reforma agrária ser objeto da 'conscientização' dos camponeses promovida por uma elite urbana, o problema agora era as organizações de trabalhadores

¹⁹² Segundo Palmeira, ...os pressupostos legais da ação do Estado, articulados às próprias transformações por ele sofridas enquanto *máquina administrativa*, além dos efeitos provocados por sua presença direta no campo, impuseram uma mudança das relações Estado/grandes proprietários/camponeses. O reconhecimento social, operado legalmente pelo Estatuto do Trabalhador Rural, e a possibilidade, aberta pelo Estatuto da Terra, de uma intervenção direta do Estado sobre os grupos reconhecidos como compondo o *setor agrícola* ou a *agricultura*, permitiriam a elaboração e aplicação de políticas próprias para cada um desses grupos. O camponês - o trabalhador rural - tornou-se *objeto de políticas*, o que até então era impensável, criando-se condições para o esvaziamento das funções de mediação entre camponeses e Estado, até então exercida pelos grandes proprietários ou por suas organizações. (PALMEIRA, 1989: 101).

'venderem' a uma cidade também transformada a idéia de reforma agrária e conseguirem, junto com forças urbanas, levar o Governo a realizá-la. (PALMEIRA, 1989: 104).

Dada a inexistência de um Estado democrático voltado para o bem estar coletivo e de um espaço político e social para a luta dos trabalhadores, restava-lhes exercer pressão, via organização sindical, para que tal situação fosse alterada. O que se observava era a

...multiplicação dos conflitos e [a] ampliação do seu 'âmbito'. Não são mais apenas conflitos em torno da terra, da produção ou das condições de trabalho, mas também da construção de obras públicas, da assistência governamental nas situações de calamidade, do meio ambiente, da assistência médica, etc. (idem: 105).

Apesar de seu envolvimento com a questão agrária, Palmeira não se considera exatamente um agrarista¹⁹³, mas se diz honrado por ...ser considerado um membro da família. (PALMEIRA, 1994: 35). A questão agrária, no entanto, aparece enquanto objeto epistemológico e político em várias de suas indagações teórico-metodológicas.

A atuação de Moacir Palmeira nas pesquisas sobre *plantation* na zona canavieira nordestina e a de Otávio Velho sobre as frentes de expansão e fronteiras agrícolas (descritas a seguir), foram cruciais para que o Museu Nacional se consolidasse enquanto um centro acadêmico de projeção nacional. Da avaliação teórica-metodológica feita por Moacir Palmeira sobre a questão agrária nos anos 60 aprendemos que, para além do grande debate feudalismo *versus* capitalismo, a questão agrária despontava-se como uma questão política e, que finalmente, ...o camponês se tornou também um protagonista político, impondo-se na cena política através da atuação das ligas camponesas e sindicatos rurais. (PALMEIRA, 1983: 15).

A assessoria prestada à CONTAG e as preocupações com aspectos políticos da estrutura social da *plantation* indicaram a Palmeira novas questões para a reflexão sobre as lutas e

¹⁹³ Para Palmeira este termo refere-se aos ...especialistas em direito agrário, [e] acabou tendo seu uso estendido para designar os estudiosos da chamada questão agrária, juristas ou não. (PALMEIRA, 1994: 34).

movimentos sociais rurais, bem como, para o debate sobre a reforma agrária. A nível prático-político Palmeira mostrou que a academia, apesar da necessidade dos critérios científicos e da busca da objetividade, é capaz de ver o seu objeto teórico e concreto, ouvi-lo e deixar que ele se descongele e ultrapasse os marcos teóricos da própria literatura que o analisa. Para além dos jogos ideológicos e políticos, está a necessidade da desmistificação de saberes e práticas acadêmicas e/ou políticas.

2.2.4. Otávio Velho: a academia e a busca da objetividade¹⁹⁴ de um campo disciplinar

Finalmente, destaco a obra de Otávio Guilherme Cardoso Alves Velho que, desde suas primeiras publicações intelectuais¹⁹⁵, preocupou-se em realizar operações de balanço e perspectivas (VELHO, 1982: 10), em analisar as regras de um campo intelectual¹⁹⁶, em refletir sobre os rumos da

¹⁹⁴ Consultar VELHO, 1980: 82-3; 1982: 10-2; 1983a: 240-261. De acordo com Velho: A ciência social 'pós-64' caracteriza-se nas suas expressões mais de ponta e originais em relação ao momento anterior por um compromisso maior com a formação de pessoal e com a pesquisa empírica em oposição ao exercício teórico; de que se seguem consequências não só no volume da produção intelectual, como também no seu caráter, sobretudo no sentido de criação de um padrão de trabalho, de um estilo e de objetivos que inclusive para serem reproduzíveis em escala significativamente mais ampla são construídos de maneira diferente. (VELHO, 1983a: 257). O que se buscava construir a partir desta batalha (VELHO, 1980: 82-3) era ...um pensamento cujo interesse esteja justamente no estímulo à busca da objetividade; em que a sua afirmação, a sua potência, esteja comprometida *com isso*. É essa, provavelmente, a 'pessoa' da comunidade científica a ser desenvolvida. (VELHO, 1983a: 260).

¹⁹⁵ Vide Velho, 1960. Em seu Memorial (1992), Velho relata que perdura até hoje ...uma curiosa retomada de uma linha de trabalho esboçada já no [seu] texto de estréia: aquilo que na falta de melhor termo denominaria provisoriamente uma Antropologia da produção intelectual com ênfase em questões de natureza antropológica. (VELHO, 1992: 23-4).

¹⁹⁶ Em seu Memorial Otávio Velho reconhece sua preocupação com uma .. Antropologia da produção intelectual com ênfase em questões de natureza epistemológica. (VELHO, 1992: 24). Vide também referência dos textos e situações que o colocaram nesta trilha teórico-metodológica. (idem: 24-5). Consultar VELHO, 1982: 9-28; 1980; 1983a e 1983b. A seguinte citação de Velho, bem como o artigo da qual foi extraída, ilustra os questionamentos presentes no campo intelectual nos pós-64: A ênfase na pesquisa beneficiou-se do clima de crise e da sensação de fracasso vivida em 64 e logo após, de que uma das vertentes era o sentimento de que, apesar de todos os protestos em favor da desalienação e da inserção na 'realidade', a verdade é que se tinha em boa parte vivido em um mundo político imaginário e pressuposto. O chamado ao 'trabalho', à 'produção', à 'seriedade' foi encontrando eco e criando uma auto-imagem que se somaria à fome de

antropologia e das instituições acadêmicas¹⁹⁷ e em demarcar uma prática científica¹⁹⁸. Há em seu trabalho uma crítica recorrente contra a adoção de posturas populistas¹⁹⁹ e contra, as que, por uma ausência da perspectiva comparativa, transformaram a observação participante em participação observante²⁰⁰. (VELHO, 1979: 176).

autoconhecimento por parte da sociedade de uma forma que daria às ciências sociais uma visibilidade incomum; em contrapartida, alimentando demandas e expectativas que se refletiriam sobre a própria produção. (VELHO, 1983a 249).

¹⁹⁷ Vide seus textos: Velho, 1979; 1980; 1982, 1983a, 1992.

¹⁹⁸ Velho preocupa-se em não misturar ciência, política e emoção. Ver em seu Memorial referência ao quadro intelectual que deixava o padrão bacharelesco e entrava na luta de gerações; à constituição de uma ciência social nova sob a 'onda estruturalista e o marxismo positivista associado a Althusser'; ao tom do 'existencialismo cristão de Gabriel Marcel e Mounier'; ao 'contexto do desenvolvimentismo', da Revolução de 64, dos posicionamentos políticos e da prática da pesquisa de campo. (VELHO, 1992: 6-8).

¹⁹⁹ Ao escrever num momento de crítica ao personalismo carismático, à patronagem teórica, ao empirismo e interferências das práticas partidárias na constituição de um campo intelectual, Otávio Velho, critica reiteradamente estes posicionamentos. (Vide VELHO, 1979). Em artigo escrito em 1980, denuncia a prática antropológica com posições políticas que *latu sensu* se poderia caracterizar como populistas. Esta crítica aparece em diversas passagens de seus textos e é sintetizada no que denomina de althusserianismo populista (VELHO, 1980: 83); no privilegiamento ...de determinados objetos que não coincidiam com os da Antropologia (idem: 88); na ...exaltação da *consciência* dos grupos subalternos, contra o ...althusserianismo 'invertido e policêntrico' (althusserianismo populista); na concepção da ideologia como ...simples reflexo externo, embora consciente". (ibidem) Para ele: Uma abordagem mais identificada com a prática do antropólogo, por sua vez, corre o risco do culto da não-teoria que o leve, a curto prazo, ao empirismo e ao populismo, e a longo prazo ao refúgio nas metateorias. (VELHO, 1982: 75). Muito preocupado com a denúncia da redução da análise às fórmulas únicas ou populistas, se posiciona contra uma prática política unida à prática acadêmica. Há nos textos de Otávio Velho uma preocupação similar à encontrada no livro *A revolução brasileira* (1978) de Caio Prado Júnior, onde o autor critica o apriorismo a partir das teorias preconcebidas seja elaboradas na academia, seja pelos programas políticos das esquerdas.

²⁰⁰ Para Velho: É esse tipo de treinamento que deve dar a nossa observação um caráter particular, e não o contato 'mágico' com a realidade. (...) Os nossos 'informantes' (palavra horrível!) também têm as suas especificidades e nós não podemos populisticamente supor que seja viável nos confundirmos com eles. A realidade primeira, ou melhor, *primária*, é aqui, como em toda experiência social, a realidade do *outro*. Sem reconhecê-lo é impossível qualquer desenvolvimento. (VELHO, 1979: 176). Para o autor, ao confundir-se como o objeto, o sujeito executa a 'negação de si mesmo', não se dá 'o direito de ser ele mesmo'. (ibidem). Segundo Velho, 'observação participante em si', não é privilégio da antropologia, podendo ser substituída pela 'participação observante' e ficando aquém de uma boa etnografia. (ibidem). Uma das preocupações dele era para com a 'constituição da comunidade acadêmica e científica', livre dos 'paternalismos e populismos' da política partidária; que esta tivesse 'domínio próprio', ...*critérios próprios* de existência, de reprodução, de excelência, de comunicação e do que sejam a liberdade e a responsabilidade social em nossas atividades. (idem: 172 e 173). Velho classifica sua própria prática de 'reflexibilidade' sobre o campo intelectual como ...uma espécie de laboratório de 'participação observante', não só realizada no cotidiano institucional, como também por intermédio das várias posições que [ocupou] em associações científicas, agências de financiamento à pesquisa, entre outras... (VELHO, 1992: 25). Estas preocupações, segundo Velho, ...não deixam de guardar certa continuidade em termos de estilo com preocupações críticas que vinham de antes e que se refletiram, por exemplo, em polêmicas com o que [denominou] 'populistas', a vertente da Igreja Católica

Velho iniciou suas pesquisas sobre o rural a partir do contato com noções como fricção interétnica, frentes de expansão, colonialismo interno, quando foi assistente de pesquisa de Roberto Cardoso de Oliveira²⁰¹, no Museu Nacional. (VELHO, 1992: 10). Ele elegeu os camponeses como um dos objetos de suas primeiras pesquisas e o fez à luz do marxismo leninista e da sociologia política, num movimento que misturou a abordagem antropológica com a sociológica, onde o objeto de pesquisa continuava a ser pensado e vinculado à questão da constituição da sociedade nacional. No entanto, não se restringiu a um recorte micro, ou à dimensão interna do objeto, mas relacionou-o com outras esferas do saber interdisciplinar.²⁰²

Este autor fortaleceu a vinculação disciplinar entre a sociologia e a antropologia, já iniciada por Cardoso de Oliveira. Caía por terra a crença de que a antropologia deveria estudar índios e a sociologia a sociedade nacional. Velho, que partiu do estudo sobre as frentes de expansão (noção duradoura nos anos seguintes), estudou o camponês e também relacionou a ...literatura antropológica com uma de origem política.²⁰³ (VELHO, 1992: 11). Juntamente com Moacir Palmeira, inspirou uma gama de

influenciada pela Teologia da Libertação (ver A propósito de Terra e Igreja), etc. (ibidem). Consultar este artigo: VELHO, 1982: 125-136.

²⁰¹ Otávio Velho fez o bacharelado em Sociologia e sob a orientação de Roberto Cardoso de Oliveira foi estagiário na pesquisa por ele coordenada. Foi escalado para pegar essa ponta do contato, em região onde o grupo já trabalhava (não só Laraia, mas também Da Matta e Melatti). (VELHO, 1992: 13) Otávio ingressou, enquanto estagiário do Museu Nacional, em setembro de 1966. (idem: 13) Em nota no artigo *Análise preliminar de uma frente de expansão da sociedade Brasileira* (VELHO, 1982: 29-39), Otávio Velho reconhece que seu estudo é ...um desdobramento do artigo de Roberto Cardoso de Oliveira (...) **Problemas e hipóteses relativos à fricção interétnica: sugestões para uma metodologia**, [de 1967], ...no qual a questão das frentes de expansão foi formulada em consonância com a análise do sistema de relações interétnicas. (idem, nota 2: 37).

²⁰² Velho reconhece sua ...obsessão por combinar o trabalho de campo com referências mais gerais. (VELHO, 1992: 15).

²⁰³ Segundo o próprio autor ...a noção de camponês, embora já comum nessa última, pouco comparecia na Antropologia brasileira; embora fosse clássica na Antropologia de origem norte-americana que estudava o México e a América Central. Hoje pode parecer insólito, mas o aparecimento de uma disciplina de Sociedades Camponesas (até hoje um dos nossos carros-chefe!) no recém-criado PPGAS não deixou de ser polêmico, soando para alguns como uma importação indevida. O que não deixava de ter analogia com a discussão política sobre a existência ou não do camponês entre nós. (VELHO, 1992: 11).

jovens pesquisadores ligados a projetos coletivos de pesquisa e ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (PPGAS) e à atividade de docência.²⁰⁴ Os projetos coletivos de pesquisa dos quais participou aglutinavam pesquisadores, idéias, conceitos, procedimentos teórico-metodológicos e deram origem aos estudos regionais e aos estudos na fronteira agrícola, aos estudos sobre frente pioneira e frente de expansão. Cardoso de Oliveira foi referência inicial para pesquisas realizadas por Otávio Velho sobre a frente de expansão.²⁰⁵ Suas pesquisas de campo junto a uma equipe de pesquisadores iniciaram-se na região de Marabá no Tocantins paraense, junto com Roberto Da Matta e seu ...introdutor 'no campo' Roque Laraia, a quem diz ser 'eternamente grato'. (VELHO, 1992: 10).

Bacharel em ciências sociais, Velho recebeu ...uma lenta socialização antropológica. (VELHO, 1992: 14).²⁰⁶ Foi aluno da primeira turma de mestrado do programa do PPGAS (1968) e o primeiro a receber a titulação de mestre (VELHO, 1979: 178; 1992: 13) com a defesa da dissertação "Frente de

²⁰⁴ Velho prefaciou vários dos livros publicados dos quais foi orientador. Para referência vide: VELHO, 1992: 56. A partir do Catálogo das dissertações de mestrado e teses de doutorado produzidas no Programa de Pós-graduação do Museu Nacional em Antropologia Social, foram selecionadas aquelas cujos títulos sugeriam pesquisas sobre o rural. Das dissertações de mestrado 27,5% foram orientadas por Moacir Palmeira, 17,5% por Otávio Velho, 12,5% por Roberto da Matta e 12,5% por Lygia Sigaud, entre outros. Enquanto orientadores das teses de doutorado ligadas à temática rural aparecem Luiz de Castro Faria, Otávio Velho e Geralda Seyverth. A escolha a partir do título pode conter certa imprecisão. A ligação com a temática indígena não foi considerada. (LOPES, 1998).

²⁰⁵ Segundo Cardoso de Oliveira: A noção de 'frente', acrescida à de 'expansão', indica claramente a característica dinâmica do fenômeno que se quer investigar. É a sociedade nacional, através de seus segmentos regionais, que se expande sobre áreas e regiões cujos únicos habitantes são as populações indígenas. Mas esse processo de expansão não é conduzido ao acaso. Interesses econômicos o conduzem, motivando as populações neles envolvidas. Contudo, o desbravamento de territórios virgens nem sempre é seguido de sua integração na economia nacional. Tem-se aí uma gama de variação muito grande, tomando-se como critério o desenvolvimento econômico regional. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1978: 96-7). Para delimitar as regiões, o autor não se restringiu aos critérios adotados na análise etnológica, tais como ...o tipo de cultura, a modalidade de contato ou o grau de aculturação... (idem: 98) e sugeriu a adoção de critérios quantitativos demográficos (densidade, incremento populacional) e de dados econômicos, que por princípio, dimensionam a definição de frente de expansão (idem: 103). A partir destes elementos sugeriu a montagem de quadros comparativos da população nacional e grupos tribais, com sua distribuição regional (idem: 98-121).

²⁰⁶ Velho relata, complementando depoimento de Roque Laraia, que vários deles na ...impossibilidade de cursar um programa de Sociologia quando do ...período de repressão às ciências sociais após o golpe, a Antropologia constituiu exceção, transformando-se por isto em refúgio de sociólogos. VELHO, 1992: 43).

expansão e estrutura agrária²⁰⁷, em 1970, sob a orientação de Roberto Cardoso de Oliveira, num tempo recorde²⁰⁸. (VELHO, 1992: 13)

Nesta dissertação, analisou as várias frentes de expansão da região confluyente entre os estados do Pará, Goiás e Maranhão, para explicar as mudanças econômicas, sociais e culturais ocorridas antes do projeto de construção da rodovia transamazônica prevista para aquela região. Para tal, periodizou a atuação das diferentes frentes de expansão (atividade mineradora goiana, frente agrícola paraense e maranhense, a frente pastoril baiana), as atividades extrativistas (borracha, castanha, caucho) e o impacto delas na Amazônia Oriental²⁰⁹, levando em consideração as relações de produção e de trabalho. Velho refere-se à fronteira econômica e às formas de dominação capitalista na agricultura através da instalação de frentes pioneiras, por ele denominadas de frente de expansão.²¹⁰

²⁰⁷ Esta dissertação foi publicada em 1972, acrescida das notas e comentários da banca examinadora composta por Roberto Cardoso de Oliveira, David Maybury-Lewis e Francisco I.S. Vieira e de dados de 'um novo trabalho de campo'. (VELHO, 1992: 14). Otávio classifica sua dissertação como ...um compromisso (no sentido do inglês) entre um 'olhar antropológico' e preocupações sociológicas, políticas e, até, um diálogo crítico com os economistas sobre o significado da pequena agricultura nesse momento bastante marcado por sua terminologia. Como o livro acabou tendo certa repercussão, a que não é estranha a (re)descoberta então, pela mídia e a opinião pública, da região geográfica que lhe serviu de suporte. Descoberta cujo início se deu quando o trabalho já estava em curso (tendo a ver com a construção da Transamazônica e a atividade guerrilheira)... (idem: 15) Velho reconhece neste trabalho sua ...obsessão por combinar o trabalho de campo com referências mais gerais. (ibidem).

²⁰⁸ Conforme Velho, Roberto Cardoso de Oliveira ...foi o principal responsável por essa aceleração e contribuiu para a ...existência de um projeto de pesquisa integrado: *Estudo Comparado Nordeste-Brasil Central* de responsabilidade de RCO e Davis Maybury-Lewis. (VELHO, 1992: 13). Ainda segundo Velho: Havendo iniciado o curso em agosto de 68, no final de 1970 estava com a dissertação aprovada. E, motivo de orgulho para mim: foi a primeira dissertação defendida no PPGAS... (ibidem). É com orgulho também que se refere ao fato de ter sido o personagem 'mais jovem' da tese de doutorado de Mariza Peirano. (idem: 11). Consultar: PEIRANO, [1981] 1991: 162-175. A autora mostra como Velho fez parte da nova geração de pesquisadores que desenvolveram e re-orientaram o lugar da antropologia na configuração das ciências sociais. (idem: 226).

²⁰⁹ Velho chama atenção para as várias frentes de expansão que atravessaram estas regiões através dos ciclos econômicos: frente pastoril, extrativista, mineradora, agrícola (Vide VELHO, 1981: cap. 2 ao 7). A preocupação deste autor não era o estudo de área, mas do inter-relacionamento entre frentes de expansão agropecuária que alcançavam a Amazônia Oriental brasileira. Estas frentes de expansão foram ...caracterizadas e distinguidas de acordo, basicamente, com as relações fundamentais que [estabeleciam] com a natureza, e conforme as relações de produção e trabalho prevaletentes. (idem: 15).

²¹⁰ Em torno desta categoria foram estabelecidas divergências teórico-metodológicas e políticas entre Otávio Velho e José de Souza Martins. Consultar no próximo capítulo o item 3.2.3.

Este intelectual resgatou os elementos econômicos, as relações sociais, políticas, o sistema de arrendamento da terra na extração da castanha, a estratificação social²¹¹, o sistema de comércio e exportação, a atuação dos comerciantes financiadores e o sistema de barracão, a lógica de espoliação econômica, a extorsão da mais-valia²¹², a organização do trabalho consorciado à extração da castanha-criação de gado.²¹³

Otávio Velho conciliou os dados históricos, estatísticos e secundários com os elaborados a partir das observações de sua pesquisa de campo. No entanto, sua análise enfatiza mais os aspectos sócio-econômicos do que os etnográficos, no que tange ao texto elaborado sobre este saber. Os temas ligados às práticas culturais do compadrio, dos tabus alimentares e comportamentais são mais objeto de notas em pés-de-página, do que de recortes analíticos sobre a cultura e representações camponesas.²¹⁴ Como consequência, Velho construiu, neste trabalho, uma linha de análise que privilegiava os processos sociais macro-estruturais, que apresentava o campesinato como vivenciando um processo de diferenciação econômica: - camponês remediado²¹⁵, gerado pelo processo de acumulação e o

²¹¹ O modelo de estratificação social, que constrói, aponta para a diferenciação social ocorrida entre os próprios camponeses e emprega a categoria camponeses remediados, elaborada a partir da observação de elementos ligados à produção agrícola (VELHO, 1981: 116-7).

²¹² Apresenta a categoria sem referir-se ao marco teórico a qual ela pertence (VELHO, 1981: 64, 66).

²¹³ VELHO, 1981: capítulo 6.

²¹⁴ Vide VELHO, 1981, cap.7, em especial notas 12 a 18, p.108-110. Em seu Memorial (VELHO, 1992) o autor reconhece a limitação ao comentar uma crítica recebida: A ponto de Roberto DaMatta um dia ter comentado achar que algumas das notas acrescentadas estavam entre as melhores coisas do livro. Eram, em geral, referências etnográficas do gênero a que eu, na minha lenta socialização antropológica, só aos poucos fui dando a devida importância, tendo sido preciosas muito mais tarde, quando realizei uma reanálise do meu material sob perspectiva bem diversa em 'O Cativo da Besta-Fera'. O que sugere que de fato muitas vezes as etnografias têm valor mais duradouro que as 'teorias'. (VELHO, 1992: 14).

²¹⁵ Os camponeses remediados manobram para utilizar os seus próprios recursos e os da sua comunidade para avançar na sua acumulação. (VELHO, 1981: 137).

camponês marginal²¹⁶ que não chegava a constituir-se num ...'campesinato sólido' - incompatível com o domínio da *plantation*. (VELHO, 1981: 161).²¹⁷

No seu trabalho sobre a frente de expansão, Otávio Velho, como já apontara Cardoso de Oliveira para a questão indígena, explicitou o significado da terra e seu caráter ambíguo para o camponês, fim e instrumento de trabalho, ou possibilidade de libertação do cativo.²¹⁸ O setor camponês foi visto como subordinado ao desenvolvimento capitalista nas frentes de expansão.

Apesar da indicação de um caminho de aproximação interdisciplinar entre as práticas teórico-metodológicas da antropologia e da sociologia rural, a análise de Otávio Velho sobre as frentes de expansão privilegiou a dimensão sócio-econômica. Seus primeiros escritos apontaram, na frente agropecuária para a existência de um sistema mínimo de estratificação social, onde ...estão todos mais ou menos em pé de igualdade, visto ela apresentar uma grande homogeneidade social e onde, ...face da abundância de terra e da relativa facilidade de acesso a ela, detectou ...pequena... distinção de *status* entre o 'proprietário' e o 'não-proprietário' (VELHO, 1982: 36).

Nesta dissertação, Velho adotou o que denominou de uma perspectiva pioneira, onde a pesquisa de campo deveria se fazer presente. Para ele, seu trabalho foi

...fruto, (...), de um batismo de 'campo', representando esse por si um dos elementos materiais e simbólicos fundamentais das 'forças renovadoras' em batalha, ao expressar a idéia do contato direto com o 'real' e com os grupos sociais objeto de estudo. (idem: 12).

²¹⁶ Considerado ...reserva de mão-de-obra para a grande exploração segundo um mecanismo de fluxo e refluxo em relação ao mercado responsável pela estabilidade relativa do sistema. (VELHO, 1981: 161-2). Esta idéia é remetida a Celso Furtado (idem: 162) e Kalervo Oberg (Idem: 161).

²¹⁷ Velho refere-se à Jersey Tepicht, Fausto Cupertino e Moacir Palmeira quando menciona este sistema de produção, sem no entanto, desenvolver esta discussão (VELHO, 1981: 36, 161 e 162). Para ele, ...o sistema da *plantation*... tende a impedir o desenvolvimento de uma estrutura camponesa forte [e] sob o seu domínio [surge apenas] um ralo campesinato marginal ou uma pecuária *involuída*... (idem: 165).

²¹⁸ A categoria cativo faz parte das formulações ideológicas dos participantes da frente e é identificada com a perda de autonomia (VELHO, 1981: 130).

Em 1973, defendeu junto ao Departamento de Sociologia da Universidade de Manchester (Inglaterra) sua tese de doutoramento “Capitalismo autoritário e campesinato”²¹⁹. (VELHO, 1976: 5). Seu doutorado fazia parte do ...projeto institucional do PPGAS concebido por RCO e Maybury-Lewis - de possuir um departamento integrado de Sociologia e Antropologia²²⁰ (VELHO, 1992: 18), onde ele deveria aprofundar-se na antropologia. No entanto, acabou fazendo um doutorado em Sociologia.²²¹ Sua tese de doutoramento transformou-se em texto importante para os estudiosos da questão agrária, seja enquanto exemplo e caminho para as inovações teórico-metodológicas propostas, seja enquanto partida para críticas e/ou modelos alternativos. Nesse trabalho, Otávio Velho analisou a fronteira em movimento, empregando também conceitos e orientações usadas por Roberto Cardoso de Oliveira.²²²

²¹⁹ Otávio Velho produziu de ...agosto de 1968 e 1973 (5 anos e 3 meses, portanto) um mestrado e um doutorado, em instituições diferentes. Ambas as teses seriam publicadas em livro. (VELHO, 1992: 19). Sobre a publicação da tese de doutorado, Velho afirma que este fato ...teve um sabor todo especial para ele, desde que a tese foi publicada na coleção **Corpo e alma do Brasil** da DIFEL, a qual computava uma importância intelectual e emblemática. (idem: 20) Este fato significou um ...verdadeiro rito de passagem a nova companhia nas ciências sociais brasileiras. (ibidem).

²²⁰ Através da Fundação Ford foram concedidas duas bolsas de estudo para o exterior, cabendo uma a ele e a outra à Gilberto Velho. (VELHO, 1992: 17).

²²¹ De acordo com Velho: Ironicamente para quem por contraste visualiza as instituições inglesas como imutáveis, entre a combinação e a minha chegada o Departamento se dividiu. E Bryan Roberts era sociólogo fiquei no Departamento de Sociologia, separado por um pequeno corredor do Departamento de Antropologia. Na verdade, a divisão foi mais política que acadêmica, meu próprio orientador Peter Worsley (autor entre outros, é bom lembrar, de *The Trumpest Shall Sound*) sendo de certa forma visto como um 'jovem rebelde' da Antropologia britânica. E Clyde Mitchell também foi para o Departamento de Sociologia. Mas embora nada disso tenha impedido que frequentasse cursos no Departamento de Antropologia e o seminário integrado de docentes e doutorandos dos dois departamentos, certamente influi nos rumos da tese. Pelo menos por me dar mais espaço para seguir minhas tendências sociologizantes. Mais, até, do que queria, pois imaginava minha ida a Manchester como um mergulho que eu me impunha na Antropologia britânica e na 'Escola de Manchester'. (VELHO, 1992: 18) É interessante notar que, até 1992, Otávio Velho foi ...o único antropólogo que ocupou a presidência [da ANPOCS]. (idem: 51). Velho remete-se duas vezes a este fato em seu Memorial, ou seja, é ...em geral (até anedoticamente) considerado sociólogo pelos sociólogos. (idem: 63). Otávio fala de ...um contágio, uma espécie de *colonização invisível* por parte da Sociologia e de uma migração disciplinar, em sua trajetória intelectual. (idem: 62-3).

²²² Tanto na dissertação de mestrado [1970] (VELHO, 1981: 10), quanto na tese de doutorado (VELHO, 1976: 5, 7), Otávio reconhece a influência de Roberto Cardoso de Oliveira na escolha do tema. Em seu Memorial apresentado ao PPGAS/Museu Nacional em 1992, ele menciona a influência da hermenêutica filosófica e de Roberto Cardoso de Oliveira na sua carreira intelectual. (VELHO, 1992: 2). Sua entrada no Museu, enquanto estagiário, se deveu também a Cardoso de Oliveira. (idem: 41).

Tanto em sua dissertação de mestrado, quanto em sua tese de doutorado apreende-se uma tensão ...entre os estudos localizados e as intenções generalizantes (VELHO, 1992: 10) como as presentes no pensamento de Caio Prado.

Mais uma vez, assinale-se aqui a tensão entre os estudos de campo antropológicos e as preocupações generalizantes, essas últimas representadas no caso pela obra então recém-lançada, muito comentada e estudada por nós em grupos de estudos informais. A **Revolução Brasileira** de Caio Prado Jr. E por esse viés a preocupação com as questões brasileiras e a política... (idem: 11).

Sua tese caracterizou-se, segundo ele próprio, como ...uma sociologia *a partir* da fronteira (from the frontier), ou seja, era um trabalho de sociologia política.²²³ (VELHO, 1976: 6). Onde:

A antropologia manteve-se presente pela ilustração de algumas teses com um certo tipo de material de campo, pela preocupação temática com os campeonatos e principalmente pela aplicação de um procedimento caro a essa tradição acadêmica: o método comparativo. (ibidem).

Para melhor entender o caso da fronteira brasileira, Otávio Velho partiu do estudo de casos históricos, de certa forma acabados, como o movimento do desenvolvimento capitalista para o oeste nos Estados Unidos no século XIX e o movimento russo para a Sibéria no mesmo século e no começo do século XX.²²⁴ Na segunda parte da tese, combinou algumas categorias e relações gerais

²²³ Em seu Memorial Velho recoloca esta questão: Mas já no prefácio do livro, digo que o 'trabalho tornou-se sobretudo de sociologia política'. Apesar de a Antropologia manter-se 'presente pela ilustração de algumas teses com um certo tipo de material de campo, pela preocupação temática com os campeonatos e principalmente pela aplicação de um método caro a essa tradição acadêmica'. (VELHO, 1992: 20) Palmeira, apesar de elogiar a tese de doutoramento de Otávio, aponta para algumas incoerências. Sobre este aspecto consultar: PALMEIRA, 1977a: 309-313).

²²⁴ Vide VELHO, 1976: capítulos II a VI. Nesta análise comparativa elaborou o *status* teórico da categoria capitalismo autoritário e burguês que é central em sua análise, uma vez que procurava estabelecer a relação interna entre o político e o econômico, numa tentativa de fugir ao economicismo. (idem: 47). Credita à Gluckman, de quem foi aluno, a perspectiva metodológica comparativa presente em sua tese. (VELHO, 1992: 20). Para Velho ...o capitalismo com dominância autoritária - é o herdeiro direto de sistemas de repressão da força de trabalho sem nenhum corte revolucionário interveniente. Todavia, é acima de tudo *capitalismo*, não se alterando no que têm de mais geral as características e leis do movimento do capital. Assim, enquanto modo de produção no sentido restrito, é da mesma natureza que o capitalismo burguês clássico. A diferença diz respeito a outro nível, o da política, e particularmente às formas de dominação e de articulação entre a política e a economia. (VELHO, 1976: 42-3). O interesse inicial para este estudo adveio da busca política de ...conhecer mais da história da Rússia no século XIX e começo do século XX, da vontade de conhecer a ...literatura marxista da época, sobretudo Lênin e Trotsky e querer aprofundar seu interesse pela fronteira norteamericana ...que talvez tivesse a ver com os anos de infância lá passados. (VELHO, 1992: 19).

estabelecidas nesta análise histórico-comparativa dos aspectos sócio-políticos, com o ...conhecimento do desenvolvimento político, econômico e social brasileiro... com a agricultura camponesa e a *fronteira em movimento*. (VELHO, 1976: 14). A problemática da fronteira e da agricultura camponesa²²⁵, somam-se à questão do autoritarismo.²²⁶ Numa reflexão posterior escreve:

...a questão do autoritarismo, explicitada aos poucos, já está presente no próprio caráter de 'defesa' da pequena agricultura, necessária diante das incompreensões teóricas, das políticas governamentais e dos conflitos sociais. (VELHO, 1992: 15).

Para dar conta destas indagações teóricas e vinculá-las à temática do campesinato, Otávio Velho utilizou-se da literatura ...marxista da época, sobretudo Lênin e Trotsky²²⁷, da obra de Frederick Jackson Turner, do livro **Social Origins of Dictatorship and Democracy** de Barrington Moore Jr, que ...constituiu verdadeira 'biblia' para Otávio. (idem: 19). Pode assim, associar

...a questão da fronteira ao que [denominou] modos diversos de articulação entre o político e o econômico, particularmente buscando caracterizar o que seria uma variante autoritária do desenvolvimento capitalista. (VELHO, 1992: 29).

²²⁵ Para Velho, o conceito de produção camponesa no capitalismo autoritário fundamentar-se-á em Tepicht (idéia da subordinação da produção; da existência de uma produção particular que não desaparece com o advento do capitalismo autoritário). (VELHO, 1976: 51) Discorda, assim, teoricamente que a ...produção camponesa em si mesma implique em ausência de lucro como motivação, como foi afirmado por Chayanov (1966). (idem: 52).

²²⁶ Sobre as implicações do conceito capitalismo autoritário e as articulações feitas por Velho entre o político e a economia, vide as críticas feitas por PALMEIRA, 1977a: 314-5. Sobre o capitalismo autoritário e campesinato na fronteira vide o artigo de Otávio Velho Modos de desenvolvimento capitalista, campesinato e fronteira em movimento (VELHO, 1982: 48-69) e sua tese de doutorado Capitalismo autoritário e campesinato. (VELHO, 1976: cap.IX e especialmente cap. XIV).

²²⁷ De acordo com Velho, apesar da presença de uma faceta marxista em sua tese e da influência da vertente estruturalista do marxismo, Peter Worsley ...já observara no próprio ato da defesa que embora numa primeira leitura a tese aparecesse como marxista, na verdade parecia-lhe mais sutilmente weberiana. (VELHO, 1992: 22). Otávio reconhece em Weber o apoio fundamental, dado seu interesse na política e a homologia do pensamento de Weber com o marxismo. (idem: 23). Nem Gramsci e nem Bourdieu foram influências duradouras no pensamento de Velho. (idem:22).

Para o tratamento da questão do campesinato, associou a literatura antropológica com a de origem política, incorporou a influência do estruturalismo e elaborou modelos²²⁸ para a pesquisa de uma questão pouco considerada até então.

...o aparecimento de uma disciplina de Sociedades Camponesas (até hoje um dos nossos carros-chefes!) no recém-criado PPGAS não deixou de ser polêmico, soando para alguns como uma importação indevida. O que não deixava de ter analogia com a discussão política sobre a existência ou não do camponês entre nós. (VELHO, 1992: 12).

Introduziu Chayanov nos estudos sobre o campesinato mas, posteriormente, afastou-se desta vertente analítica. (VELHO, 1992: 16). Acabou, segundo Suárez, como o antropólogo que ...mais deliberadamente se afasta do exame dos segmentos sociais como realidades auto-explicáveis e ...dentre os *agraristas*, foi ele quem mais explicitamente colocou em foco a problemática da integração dos diversos segmentos agrários. (SUÁREZ, 1984: 308). Ainda segundo esta autora

Uma das características sempre presente nos trabalhos de Velho é que a unidade de estudo (segmentos agrários) é menor que a unidade de observação (a sociedade regional ou mesmo nacional). Por essa razão, a apreensão do objeto é feita muito menos a partir dele mesmo e muito mais a partir de uma estrutura social mais ampla. (ibidem).

Velho minimiza estas críticas afirmando que:

Havia um chamamento e uma reintegração num campo de questões culturais mais amplo: o que, aliás, levou em resenha a uma simpática reclamação por parte de uma comentadora (Suárez, 1984), como que me defendendo de mim mesmo. (VELHO, 1992: 9).

Mas, para Suárez, Velho caracteriza-se como ...um analista dos processos sociais e políticos em que estes segmentos estão envolvidos, relativizando ao extremo as categorias com as quais os produtores rurais se pensam e se explicam. (SUÁREZ, 1984: 308).

A prática disciplinar desenvolvida por Velho, inscreve-se no que ele denomina de ...época heróica de afirmação do ascetismo e da pesquisa, no que se refere aos valores que estabelece. Ou seja,

²²⁸ Consultar seu artigo O conceito de camponês e sua aplicação à análise do meio rural brasileiro, In: VELHO, 1982: 40-47.

No sentido de que o padrão ascético torna-se hegemônico, passa a ser o referencial legítimo e legitimador na avaliação da atividade científica. Assim, aos poucos também, aquilo que era valor na batalha torna-se valor em si, ganhando significados novos não-reconhecidos. Em outras palavras, torna-se a justificação ideológica de uma nova forma de dominação intelectual e acadêmica, mais sutil porque mais racional, aparentemente menos personalista, mais eficiente e mais internalizada por todos os protagonistas do que as formas de dominação anteriores. (VELHO, 1982: 14).

Otávio Velho privilegiou a pesquisa, a necessidade de se delimitar os objetos pesquisados; a ...fuga a discussões teóricas filosóficas apriorísticas²²⁹; o uso das fontes primárias e sua análise minuciosa; a ...definição precisa de categorias e conceitos; a elaboração de ...projetos de pesquisa coletivos que organizam e dão sentido a pesquisas individuais²³⁰ (ibidem); a fuga ao ensaísmo e ao descompromisso ...com a verificação empírica.²³¹ (VELHO, 1979: 174).

Estes procedimentos teórico-metodológicos já estavam se consolidando no PPGAS com Roberto Cardoso de Oliveira e Moacir Palmeira. (VELHO, 1982: 84). Otávio Velho, no entanto, transforma-os em objeto de vários de seus textos.²³² Ele preocupava-se com ...uma Antropologia da produção intelectual com ênfase em questões de natureza epistemológica (VELHO, 1992: 24) e com a ...*reflexibilidade*, a oportunidade de refletir sobre os rumos intelectuais das ciências sociais entre nós. (ibidem).

²²⁹ Vide também VELHO, 1980: 82.

²³⁰ Velho cita como exemplo as pesquisas realizadas sob a orientação de Moacir Palmeira na Zona da Mata pernambucana, sobre o sistema econômico camponês. (VELHO, 1982: 84).

²³¹ Otávio Velho afirma que nos anos 70, ocorreu ...a vitória da tendência profissionalizante, aumento do ...apoio dado à pós-graduação (VELHO, 1980: 83) já iniciado em 1968.

²³² Consultar VELHO, 1980; 1982: 9-27; 1983a. Segundo Suárez, embora ...subconjuntos de elementos do processo descrito por Velho estejam presentes em muitas instituições das Ciências Sociais, o conjunto de todos eles é encontrado apenas no Museu Nacional e na maneira como este se pensa. A luta pela legitimação da pesquisa de campo, a maneira coletiva de organizar a pesquisa, o rápido prestígio adquirido por uma nova geração e o tom heróico da afirmação caracterizam muito bem, dentro da Antropologia brasileira, o processo de institucionalização do Museu Nacional. Não estaria Velho se referindo à 'batalha' que este específico grupo acadêmico teve de enfrentar (pelas suas peculiaridades de classe, de urbanistas sem *hinterland*, de participantes na construção de uma instituição, etc.) consigo mesmo e com o conjunto institucional dentro do qual estava inserido? (SUÁREZ, 1984: 306).

Velho esteve também ligado à prática de projetos coletivos de pesquisa, envolvendo vários orientandos, como os projetos “Hábitos alimentares em camadas de baixa renda”²³³ e o projeto “O processo de colonização dos vales úmidos do Maranhão e seus desdobramentos”²³⁴.

Para Otávio Velho, a comunidade científica deveria manter uma grande isenção personalista e política, pois a

...plena constituição de uma comunidade acadêmica e científica representa um golpe nos personalismos carismáticos e nas patronagens, mesmo as que um dia possam ter sido progressistas nos seus resultados. (VELHO, 1979: 173).²³⁵

No entanto, reconhece a implicação dos determinantes sócio-políticos na prática acadêmica.

É óbvio que todos nós, mesmo aqueles que se consideram 'puramente' acadêmicos, seremos sempre determinados política e socialmente, embora não com reflexos imediatos e nem unívocos sobre o trabalho. É claro que o produto desse trabalho sempre poderá ser retraduzido e re-utilizado de diversas formas através de mediadores que poderão ser até nós mesmos, alunos e professores... A universidade é apenas um espaço entre outros; articulado e compatível, mas não redutível àqueles ligados à cidadania nos seus aspectos mais gerais. Mas por isso mesmo, não nos iludamos, na própria universidade se trava também uma disputa, cujos resultados não poderão deixar de produzir efeitos sobre toda a sociedade. (VELHO, 1979: 173-4).

Otávio Velho preocupa-se com as consequências negativas das ortodoxias, do ascetismo autoritário e dos posicionamentos políticos²³⁶ presentes na produção do conhecimento no campo

²³³ Este projeto foi desenvolvido ...em conjunto com a Universidade de Brasília sob a coordenação de Klaas Woortman. (VELHO, 1992: 57). A partir deste projeto foram escritos o Relatório da pesquisa e várias dissertações de mestrado. (ibidem)

²³⁴ Este projeto foi realizado sob o patrocínio da FINEP/PPGAS/Museu Nacional e coordenado por Velho. Para ele esta pesquisa significou ...uma experiência muito rica de trabalho de campo (desdobramento do [seu] trabalho anterior no Pará e no Maranhão), as dissertações e livros de Leonarda Musumeci e Luiz Eduardo Soares e alguns artigos [seus]; bem como, literalmente, uma família. (VELHO, 1992: 57).

²³⁵ A despeito desta consideração, ironicamente, a experiência de pesquisa no interior do “Projeto Colonização dos vales Úmidos do Maranhão” e seus desdobramentos contradizem este seu pressuposto. Acabou gerando ...literalmente, uma família. (VELHO, 1992: 57).

²³⁶ Velho critica, por exemplo, como ...da unidade básica dos pequenos produtores rurais reivindicada pelo movimento sindical, (...) se segue significativamente uma resistência à colocação da própria problemática da *diferenciação*... (VELHO, 1982: 24). Em seu Memorial menciona o contexto político da publicação de sua tese de doutorado e como teve que exercitar a autocensura política numa produção acadêmica: ...apesar de o livro manter um tom de certa forma desafiador, o ambiente político, o fato de ter respondido recentemente a um processo na justiça militar (...), a tensão no campo e

intelectual e seus reflexos na academia (VELHO, 1982: 14-19). Esta postura o faz colocar-se quase sempre mais objetivamente e distanciado em relação aos seus próprios escritos²³⁷ e objeto de pesquisa. Este posicionamento talvez se justifique pela preocupação de Velho em relação à qualidade das publicações e dos veículos de comunicação dos textos acadêmicos²³⁸; à importância de conferências, encontros e associações científicas nacionais e internacionais; às agências de financiamento à pesquisa e atividades administrativas e acadêmicas.²³⁹ A própria herança intelectual paterna o colocou em contato íntimo com editoras, bibliotecas, traduções de textos, manuais clássicos das ciências sociais, intelectuais e instituições de pesquisa. (VELHO, 1992: 35-43).

particularmente a ação guerrilheira na área da pesquisa não deixaram o livro incólume. Pratiquei uma autocensura, cuja principal vítima foi justamente a última sessão do último capítulo. (VELHO, 1992: 21). Vinte anos depois julga que os cortes que fez à obra, deu-lhe sutileza e relativa permanência, expurgando-a de alguns arroubos de entusiasmo desesperado diante da conjuntura. (ibidem). Esta censura de Velho remonta a um posicionamento político seu, ainda quando estudante de Sociologia na PUC/RJ, ou seja, ...na época não optei por militância organizada e sistemática. Era considerado parte do paradoxal 'grupo dos independentes'. (idem: 39). Velho chegou a ter ...prisão preventiva decretada, poucos dias depois de partir em bolsa para a Inglaterra e respondeu ...a um processo na justiça militar que levou anos. (idem: 44). Recebeu o apoio de seus pares, especialmente Roberto Cardoso de Oliveira e Luiz de Castro Faria, que testemunharam em sua defesa, o que possibilitou a continuação de seu trabalho. (idem: 45). Velho critica como o ...foco nas questões da *política* e do poder em geral (*versus* a economia) constituiu uma parada fundamental e como para ele surgiu ...uma insatisfação com o monopólio pretendido pela linguagem da política e do poder, que se prolonga até hoje; até numa certa 'militância' paradoxal em prol da multiplicação dos vocabulários. (idem: 64).

²³⁷ Várias são as auto-citações de Velho, feitas sempre de forma bastante impessoal e distante. Consultar entre outras: VELHO, 1982: 18, 20, 24. Suárez classifica o estilo e a postura crítica de Otávio Velho como “sufocada pelo ego-institucionalismo”. A autora se pergunta, entre outras coisas ...até que ponto esse novo estilo intelectual pode ser, ao mesmo tempo, 'ascético' e modo de dominação intelectual e acadêmica. Esperar-se-ia que, como qualquer forma de dominação, sua prática fosse largamente premiada. Não posso conciliar uma postura contemplativa e frugal como o dinamismo e prestígio implicados, por exemplo, num projeto coletivo destinado a produzir à maneira industrial. Dentro do contexto nacional, que premia muito mais a produção do que a criação de conhecimento, muito mais ascético se me afigura um estilo intelectual baseado na reflexão teórica e na solitária criatividade do gabinete de estudo. (SUÁREZ, 1984: 306). Ou ainda ...qual é o papel social do acadêmico que, sem o propósito de criar um conhecimento de utilidade imediata para a solução dos problemas sociais, submete-os, no entanto, à observação e análise e quão eficaz é o estilo acadêmico emergente que, incorporando as normas do próprio sistema de poder, tenta contestá-lo? (idem: 307).

²³⁸ Conforme Velho: Os debates públicos de natureza política e a fraqueza dos periódicos estritamente acadêmicos elegeu a importância de revistas de cultura de natureza mais geral, como a conhecida *Encontros com a Civilização Brasileira*, onde [publicou] duas vezes. ou publicações voltadas para o candente debate sobre o campo nos anos 70, como *Reforma Agrária*. (VELHO, 1992: 16).

²³⁹ Velho menciona a importância de várias destas atividades e destaca, com orgulho, sua participação em várias delas, bem como seus contatos com renomados intelectuais. Consultar: VELHO, 1992: 17, 20, 24,25, 28, 49-58, 60.

Referindo-se à Otávio Velho com muita admiração, Carlos Rodrigues Brandão menciona sua trajetória como sendo de diretriz linear, se comparada à sua própria. Ou seja,

É interessante você pegar dois antropólogos hoje, que foram colegas: o Otávio Alves Velho e eu. É interessante você ver no Otávio uma diretriz linear. Entramos juntos na PUC do Rio, em 61. Só que ele já entra em sociologia. Eu vou entrar na filosofia e depois psicologia. Trabalhando com os dois personagens, você vê duas trajetórias muito curiosas. O Otávio tem a mesma história de militância, de participação, mas ele é, digamos assim, um não 'errante'. Ele é um sujeito que entra no que quer, na área de sociologia, faz um curso muito bom e depois vai para o Museu Nacional como estagiário e fica trabalhando com Roberto Cardoso. Depois faz o mestrado lá mesmo e o doutorado na Inglaterra. É o que eu chamaria de uma carreira linear. (BRANDÃO *apud* LOPES, 1990a: 5).

Otávio Velho parece zeloso deste tipo de imagem acadêmica que imprime a seus pares e suas análises sócio-políticas são cercadas de objetividade²⁴⁰. Tem sido grande sua atuação acadêmica, administrativa e em associações, conselhos editoriais e conselhos científicos de órgãos chaves da sociologia e da antropologia (ANPOCS, ABA, SBPC), junto à diretoria da ONG (FASE)²⁴¹ e à presidência do ISER (VELHO, 1992: 49-55), sentindo-se orgulhoso por este envolvimento com o patrimônio disciplinar e institucional do qual é um dos personagens (*idem*:61), que transforma estas experiências em participação observante. (*idem*: 51).

A prática partidária de Velho manteve-se condizente com sua postura de intelectual: Otávio é diferente. É de PCB. É da antropologia. Quando foi processado já era antropólogo. Inclusive, já tinha título de mestrado... (NOVAES, Entrevista, 22/12/93).

²⁴⁰ Brandão chama a atenção para o estilo não confessante dos Prefácios escritos por Otávio Velho em seus livros: ...Otávio Velho é um 'não confessante'. Os prefácios dele são secos, ele dá conta objetivamente do que ele vai dizer. (BRANDÃO *apud* LOPES, 1990a: 20).

²⁴¹ Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional.

O período pós-tese significou para ele uma ...retirada do campo de discussão política; ...um distanciamento do marxismo²⁴²; um assumir de ...responsabilidades administrativas e de política científica²⁴³ e um navegar tranqüilo num campo intelectual onde obteve o respeito de seus pares e manteve um bom relacionamento com o mercado editorial²⁴⁴.

Fortemente encantado com o ...prazer da leitura e da emulação²⁴⁵, apresenta-se, no hermetismo de seus textos²⁴⁶, como que distanciado dos homens de carne e sangue por ele pesquisados. Segundo Velho,

No fundo, o que [ele] queria era ser testemunha (para [ele] mesmo, inclusive) de que a vida social é um jogo em que o compromisso consiste menos em conformar-se à opinião média ou ao pertencimento a uma facção, e muito mais em aceitar representar um papel, cambiante; em ocupar um *locus* dramático, performático. Mais um comentário que um reflexo da 'sociedade', sem o qual o jogo se empobreceria. Mesmo que se esteja consciente das limitações do ator, mas no meu caso até como contraface do esforço ascético (weberiano?) em que me engajei desde

²⁴² Este distanciamento segundo Velho ...mais do que um repúdio puro e simples, significou a consciência da necessidade (...) de um 'remédio forte' (complicado por anteceder em alguns anos o que hoje parece uma *débauche*) a fim de poder [lhe] permitir experimentar o mundo de outras maneiras. (VELHO, 1992: 22).

²⁴³ Estas tarefas, explicam para Velho ...a dificuldade na realização de 'trabalhos de maior fôlego', após o doutorado. (VELHO, 1992: 48). Consultar in VELHO, *idem*: 47-55 a referência aos encargos administrativos e ligações aos órgãos de fomento à pesquisa, aos comitês, concursos, assessorias, conselhos editoriais, reuniões e associações científicas e Organizações Não-Governamentais (especialmente FASE), exercidos por ele.

²⁴⁴ Em seu Memorial (1992), Otávio relata, em linguagem mais informal, as boas relações e vivências que manteve num campo intelectual, identificado por ele mesmo como um ...estar 'no meu lugar'. (VELHO, 1992: 34). Seu bom relacionamento com o mercado editorial, herança paterna, fica registrado nas págs. 35, 54 e 55. Sua participação em conselhos editoriais e associações científicas também favoreceram esta trajetória. Vide op cit: 49-58.

²⁴⁵ Em seu Memorial, Velho descreve o prazer da descoberta da filosofia, de clássicos como Nietzsche, Trotsky, Weber, etc, que lhe permitiram ...desafiar, começar de novo, injetar ânimo, ver com novos olhos; enfim rever tudo numa nova luz, infinita enquanto dure. (VELHO, 1992: 26). Este prazer espiralado por sobre o saber, parece tê-lo conduzido à abstrações e indagações mais intelectualistas.

²⁴⁶ Suárez ao criticar a coletânea de textos republicados por Otávio Velho em *Sociedade e agricultura*, critica-o duramente por isto: É lamentável que o conteúdo da crítica de Velho, sendo muito pertinente no âmbito da Ciência Social Brasileira, tenha se refugiado no individualismo e numa expressão hermética que dificulta sua compreensão. Certamente isto não ocorre por falta de determinação, já que ele, como poucos, tem sabido sustentar seus pontos de vista, mesmo quando estes, segundo suas próprias palavras, se choquem com a estética dominante (:23). (SUÁREZ, 1984: 304). Sobre a linguagem densa do livro, a autora defini-o como ...um texto para *iniciados*, não apenas na Antropologia como ciência, mas em alguma comunidade particular dentro dela. (*idem*: 303).

sempre e em muitos níveis de *institution-building*, numa representação também, mas talvez mais óbvia e menos reflexiva. (VELHO, 1992: 27).

Talvez por excesso de rigor científico e por temer a prisão à esquemas partidários ou teóricos, já tão denunciados por Caio Prado Júnior nos anos 60 e Moacir Palmeira nos anos 70, o cientista social era, para Otávio Velho, o analista do social e não o militante político ou prático. Como toda negação espelha o seu próprio reverso, apesar da objetividade de suas críticas, sua perspectiva teórico-metodológica não deixou de conformar sua compreensão da realidade analisada e dos modelos macro-estruturais adotados.

Nos anos 80, suas preocupações intelectuais, direcionaram-se para estudos na área da religião e sobre a simbólica do mal²⁴⁷ (VELHO, 1987; 1992: 28-9; 1995), fazendo-o se ...sentir mais próximo da Antropologia e da sensibilidade antropológica, como ...uma conversão. (VELHO, 1992: 29). Segundo Velho, seu artigo O cativo da Besta-Fera representou um marco em seu trabalho, valendo-lhe contatos e publicações internacionais, bem como ...um *acerto de contas* com [seu] trabalho anterior sobre o campesinato e uma visada para o futuro. (ibidem).

A questão do simbolismo representou para ele, um avanço e um ultrapassar da ...ênfase no político. (ibidem) A esta questão somaram-se leituras sobre o ...papel constituidor da Teologia; sobre manifestações religiosas, igrejas, denominações²⁴⁸; sobre psicanálise (Lacan); sobre hermenêutica filosófica; sobre Antropologia Interpretativa; sobre o ...lugar da etnografia e da construção do texto; sobre a narrativa. (idem: 31-2).

²⁴⁷ Segundo Velho, a simbólica do mal de Paul Ricoeur ...serviu inicialmente de passe de entrada e inauguração de uma atenção às questões tratadas pela Teologia. (VELHO, 1992: 29). A partir do simbólico, Velho interessou-se em pesquisar a monarquia e entender ...uma política de saída da política [e de] desenvolvimento de novos jogos de linguagem. (idem: 30). Vários tem sido as publicações deste autor nesta direção, porém estas fogem às considerações do recorte teórico-metodológico aqui proposto. Para referência vide VELHO, op cit: 30.

²⁴⁸ Nesta direção, a participação de Otávio Velho no Instituto de Estudos da Religião (ISER) e o contato com pesquisadores sobre esta temática têm sido de crucial importância para ele. (VELHO, 1992: 32).

Otávio Velho, de uma crítica contra a atuação da instituição católica no meio rural

...vai acabar estudando religião mesmo. O Otávio é que volta de alguma forma. É o Otávio que vai trabalhar com 'besta-fera' e com a questão da religião mais tarde. (NOVAES, Entrevista: 23/12/93).

Do ponto vista pessoal, em entrevista a Porro na Revista Veja em janeiro de 1991, disse ter se convertido ao luteranismo.

Na fase ateísta, filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro, ainda ligado à herança de Stálin. [Depois] Ao pequeno pai do comunismo, como o ditador soviético era chamado, preferi o Grande Pai, diz ele. Esse, tenho certeza, ninguém derruba. (VELHO apud PORRO, 1991: 5).

Após longo período pesquisando camponeses em áreas da fronteira, propôs via interpretação hermenêutica (Ricoeur, Heidegger), uma re-leitura de seu próprio material de pesquisa (VELHO, 1987). A categoria empírica cativoeiro ligada à cultura bíblica do camponês, transformou-se em categoria analítica que passou a absorver outros elementos não mais ligados apenas aos determinantes macro-estruturais. Neste recorte, Otávio Velho resgatou a natureza do discurso simbólico camponês e suas representações. Há, embutida nesta re-leitura do seu próprio material teórico, a busca do estabelecimento da relação hermenêutica entre o universo empírico e teórico²⁴⁹. Consolidava-se nesta nova fase acadêmica os elementos epistemológicos com os quais sempre se preocupou na anterior.

Segundo Otávio Velho, ocorreu uma hiperpolitização dos estudos rurais, o que passou a demandar ...que cada frase tenha que ser medida por causa das interpretações e repercussões possíveis, o que o estimulou ...a abrir novas frentes de pesquisas²⁵⁰. (VELHO, 1992)

²⁴⁹ Vide no Memorial (VELHO, 1992: 29-33) as referências bibliográficas e temáticas (função simbólica, questão do relativismo, leituras teológicas, psicanálise, sublimação, hermenêutica filosófica, Antropologia Interpretativa e/ou pós-moderna, discussão sobre narrativa no âmbito da história, Antropologia da Religião) ligadas a este redirecionamento da trajetória intelectual de Otávio e que não serão analisadas nesta tese. A edição de seu livro Besta-Fera: recriação do mundo (VELHO, 1995), reúne ensaios de antropologia que demarcam esta nova trajetória intelectual do autor.

²⁵⁰ Em nota de pé-de-página, menciona que refere-se à ...essa questão no prefácio a um livro de Hugo Lovisoló (Terra, trabalho e capital: produção familiar e acumulação: Ed. UNICAMP, 1989), o que ...resultou, por exemplo, um

2.3. O vôo espiral de uma prática teórico-metodológica: continuidades e descontinuidades de um debate

Tentei mostrar que o debate construído a partir da contribuição dos quatro autores analisados foi marcado pelas características pessoais e intelectuais de cada um, pelo tipo de investigação que executaram, pelos recortes temáticos adotados, filiações teórico-metodológicas às quais pertenciam, identidade profissional de cada um e vinculação a determinada instituição ou partido.

O esforço de objetivação foi sempre um exercício e em nenhum caso uma concretização, já que ele em si também serve a certas subjetivações. O importante a ser resgatado desta etnografia é a compreensão de que, a despeito das desavenças teóricas, políticas, acadêmicas e/ou pessoais, cada um destes autores foi importante para a consolidação de um saber, de uma prática teórico-metodológica, de uma matriz discursiva e disciplinar que não só descongelaram o objeto nas análises teóricas, mas serviram de ponte para novos caminhos e para a busca de soluções possíveis para a questão agrária, mesmo quando o desejo era apenas refletir objetivamente sobre a realidade rural.

As continuidades se fizeram presentes no que tange à pesquisa de campo, à constituição e crescimento de centros acadêmicos e de pesquisa, à prática de um trabalho coletivo, à construção de saberes disciplinares, à consolidação de práticas discursivas, ao compromisso para com uma ciência mais crítica, à busca constante de reflexões sobre o próprio saber disciplinar elaborado, à preocupação com o destino e a transformação da realidade rural analisada.

estremecimento nas relações pessoais com o sociólogo José de Souza Martins (VELHO, 1992: 53), fato este que muito o desgostou. (idem)

O que demarcou as descontinuidades no debate foram as diferenciações de perspectivas teóricas, os recortes temáticos dados, as formas de problematizar, a variedade de pontos de vista, seja teórico-metodológico, institucional, político-partidário, ou ideológico. As descontinuidades, no entanto, não impossibilitaram a construção de um rico acervo intelectual. Os anos 60-70 foram largamente marcados pela busca do diálogo da teoria com a empiria, do fio condutor dos vários debates teóricos em que se envolveram os intelectuais do campo acadêmico, político e/ou religioso e da relação práxis/teoria.

Se Prado Júnior foi um autor importante para a mudança dos rumos do debate sobre a questão agrária até meados da década de 60, Palmeira tornou-se referência indispensável para aqueles que procuram fazer o estranhamento etnográfico do campo intelectual e dos principais debates sobre a questão agrária e das implicações político-ideológicas destes. Os dois autores apontaram para o viés político e ideológico presente nas práticas teórico-metodológicas e expressaram sua preocupação a respeito da elaboração de um conhecimento mais científico.

Prado Júnior procurou contribuir teoricamente, para a redefinição da prática partidária do Partido Comunista relativa à marcha da revolução brasileira, enquanto Palmeira mostrou a força e influência do campo político sobre o campo intelectual. Ambos foram centrais para que saberes disciplinares e práticas individuais distintas consolidassem na sociologia e na antropologia rural uma determinada postura político-partidária (o primeiro) e político-acadêmica (o segundo). Tanto Prado Júnior, quanto Palmeira, em seus primeiros textos, trabalharam com o recorte estrutural e com as macro categorias. Apesar de adotarem uma abordagem histórico-político (o primeiro) e político-sociológica (o segundo), resgataram aspectos de uma dimensão mais antropológica em suas análises, estimulando novas indagações, reflexões e a introdução de categorias para a análise dos processos

agrários internos. Os textos teóricos elaborados consolidaram uma prática acadêmica sobre o rural e indicaram o caminho rumo aos princípios canônicos da produção do saber científico. Otávio Velho exemplifica, com seu rigor científico, este caminho, que procura fugir de modelos apriorísticos ou de vieses ideológicos, já denunciados por Prado Júnior e Palmeira.

O trabalho de Prado Júnior teve o mérito de construir um saber que rompeu as fronteiras disciplinares e alimentou, a seu modo, novos patamares de questões e indagações. Suas próprias reflexões teóricas e políticas foram viabilizadas pela trajetória daqueles que o precederam. Seus textos inspiraram e provocaram a proposição de outros caminhos para a explicação da realidade agrária nacional e para os posicionamentos teórico-metodológicos. Os trabalhos de Moacir Palmeira e Otávio Velho são ilustrativos e respondem a algumas das questões postas por Prado Júnior ao campo intelectual dos anos 60-70.

O saber libertador, revolucionário e transformador da práxis rural foram objeto de reflexão para Prado Júnior. Este saber, no entanto, não foi apropriado pelo setor rural, sustentáculo das condições de miséria denunciadas por ele. Caio Prado Júnior, no entanto, inovou ao apontar para esta necessidade e inaugurar a defesa da explicitação, na elaboração da prática teórico-metodológica, das práticas discursivas do autor, sejam elas reflexos de sua atuação política, partidária ou intelectual. Sua crítica visava atingir a atuação dos partidos políticos que ditavam os rumos das abordagens analíticas a serem empregados pelo intelectual (crítica que faz ao Partido Comunista) e a atuação junto ao Estado (crítica ao modelo desenvolvimentista do ISEB). Como intelectual, defendia o compromisso do pesquisador para com a realidade pesquisada.

Otávio Velho também ensinou esta lição. Além de defender uma postura extremamente atenta com relação às implicações partidárias no saber elaborado, manteve também uma postura de vigilância

epistemológica e metodológica na prática de pesquisa de campo e da elaboração de um saber disciplinar. Fundamentou a busca da objetividade na produção acadêmica, separando participação observante, quando da obtenção de dados em situações de pesquisa, da busca de uma produção intelectual autônoma. Otávio Velho afirmava o valor da pesquisa enquanto recurso necessário para a produção intelectual.

Os textos de Prado Júnior espelham a preocupação de um intelectual de esquerda para com os rumos da questão agrária no Brasil, no período de 1960 a 64, para com as primeiras manifestações e pressões populares, bem como para com toda conjuntura político-econômica daquele período. Ao ser capaz de sintetizar a crítica contra a natureza feudal da agricultura brasileira e defender sua natureza capitalista, espiraladamente, ajuntou os elementos necessários para fundamentar um novo saber sobre a questão agrária, irrompendo práticas teóricas, metodológicas e empíricas alternativas. Apesar de ainda prisioneira de uma discussão teórica e de um compromisso político-partidário, sua contribuição foi fundamental no arejamento da prática teórico-metodológica sobre o rural.

Como Prado Júnior, José de Souza Martins expressou seu envolvimento político com os trabalhadores rurais. Adepto da posição teórico-metodológica de que o setor rural é composto por relações de produção capitalistas por natureza, assumiu um envolvimento prático e teórico com os destinos da produção camponesa, subsidiadora do processo de acumulação capitalista. Diferentemente de Prado Júnior, o objeto se descongelou em sua análise e foi apresentado, no texto, como uma realidade viva, vista por dentro de suas próprias representações, já que a matriz teórica não era, unicamente, a das macro-categorias.

Ao partir do pressuposto básico de que o modo de produção capitalista tanto apropria e transforma as formas pré-existentes de produzir, quanto cria e recria relações não-capitalistas e

capitalistas de produção, Martins resgata para a prática teórico-metodológica a produção camponesa, olhando-a internamente, estranhando-a a partir da prática da pesquisa empírica, o que não foi feito sistematicamente por Caio Prado Júnior. Os trabalhos de José de Souza Martins, aqui considerados, conseguiram mais do que indicar caminhos e apresentar críticas, exemplificar novos rumos para a prática teórico-metodológica na sociologia rural.

Se a nível epistemológico, uma reflexão já indicava esta possibilidade através de trabalhos como de Prado Júnior, Moacir Palmeira e Otávio Velho, com Martins a prática metodológica confirmava a necessidade de se aproximar o sujeito produtor do saber do objeto deste saber. Os textos, mais do que reflexões teóricas e/ou políticas, revelavam a própria realidade, não só em carne e sangue mas também através de sua alma. Mais do que analisar o objeto, o estudo do rural passou a explicitar o humano das relações sociais, o encontro e o diálogo de sujeitos. Ao contrário de Prado Júnior, Martins fala de dentro da academia, a partir de uma prática intelectual de esquerda e não-partidária, a partir de pesquisas empíricas e do papel de assessor desenvolvido, posteriormente, junto à Igreja Católica.

Otávio Velho, de forma mais acadêmica, lembrou a necessidade da manutenção do compromisso intelectual com a crítica teórica e o distanciamento teórico-metodológico-partidário. Questiona o que denomina de interesse social paternalista e autoritário e os procedimentos populistas. É exemplar a crítica que faz contra a presença de funcionários (religiosos e laicos) da Igreja Católica e dos sindicatos enquanto agentes internos ou externos que apoiavam o pequeno produtor nas áreas de fronteira e que, para ele, distorciam fatos, interpretações e dados. Esta crítica é feita também aos marcos teóricos pré-estabelecidos, aos engajamentos intelectuais e pastorais e aos usos político, partidário, teórico e pastoral do saber disciplinar. Velho mostrou o reverso da medalha. Através de estudos sobre o simbolismo, foi aquele que se voltou para a análise de questões ligadas à religião.

Se em Prado Júnior a temática da questão agrária era vista a partir dos grandes contornos econômicos, históricos, políticos e sociais, sua prática partidária reduziu ainda mais a possibilidade de que se apreendesse da realidade a presença de outros agentes sociais importantes nas transformações sociais a serem desencadeadas no meio rural. Minimizou a força política do campesinato e, erroneamente, igualou suas reivindicações e lutas às da classe trabalhadora rural. Não conseguiu, apesar de suas incansáveis idas a campo enquanto viajante instigado e curioso, apreender o real sentido das lutas camponesas e da posse da terra. Acabou privilegiando, uma prática partidária baseada nos mecanismos legais para a consolidação de uma nova realidade e melhores condições de vida. A ausência de um treinamento acadêmico mais sistematizado para a coleta de dados na pesquisa de campo talvez tenha sido responsável pelo não entendimento do real sentido das falas e visão de mundo de um camponês residual que, recorrentemente, identifica como vítima do processo histórico brasileiro e da prática desfocada dos partidos de esquerda.

A análise da ação prática da Igreja Católica nas lutas camponesas dentro de uma estrutura de classes sociais esteve presente, esporadicamente, nas reflexões teóricas de Palmeira, mas apareceram de forma mais intensa em pesquisas de alguns de seus assistentes. Como Caio Prado Júnior, acreditava numa saída legal para os sindicalizados da CONTAG.

Tanto Martins quanto Velho pesquisaram áreas de fronteira e encontraram diferentes explicações para a atuação da Igreja Católica nestas regiões, para o sentido e consequências do desenvolvimento do capitalismo na fronteira e para a situação e destino sócio-econômico do campesinato lá presente. Práticas teórico-metodológicas e posições políticas distintas conformaram estas diferenças.

Tanto Palmeira quanto Otávio Velho estiveram preocupados com as marcas das subjetividades nas análises teórico-metodológicas. Embora o percurso intelectual de Palmeira esteja largamente identificado com o entendimento epistemológico da construção do saber, ele não manteve a mesma radicalidade de Velho. Como Palmeira e Velho no Museu Nacional, Martins na USP também defendeu o rigor na produção intelectual, mas contrariamente, colocou-se em seus textos, empática e politicamente identificado com o objeto de estudo.

Otávio Velho parece ter se aprisionado nas críticas e debates que defendia. José de Souza Martins parece ter se tornado um pesquisador e observador compulsivo, conforme apontou Brandão. Em seus textos, Moacir Palmeira parece ter conseguido manter a postura relativizadora perante a pesquisa, a prática científica e a de assessoria. Caio Prado Júnior ligou práxis, produção científica e emoção. Cada um a seu modo e através de estilos tão distintos, foi crucial para a identificação dos problemas que afetavam o estudo do campesinato, para a valorização da pesquisa de campo, para influenciar pesquisadores, para lançar desafios e consolidar uma prática disciplinar sobre a sociologia e a antropologia do campesinato. A prática do trabalho coletivo representou o estabelecimento de laços de solidariedade e de crescimento teórico-metodológico. As posturas mais individualizadas dificultaram um fluir mais pleno do saber.

Todos estes intelectuais mostraram que a interdisciplinaridade abre caminhos para o avanço do saber disciplinar. No entanto, a especificidade de cada disciplina, a particularidade do olhar de cada uma e a diferenciação dos pressupostos teóricos-metodológicos adotados nem sempre foram fronteiras para encontros disciplinares, mas sim, às vezes, foram fronteiras de desencontros e de desentendimentos pessoais e acadêmicos, porque misturaram-se também com os obstáculos de diferenças teóricas, políticas e filosóficas.

De comum entre estes autores ficou o fato de que, o estudo da questão agrária, a despeito da matriz da análise marxista adotada, acarretou para todos eles, notoriedade acadêmica e sanções do regime militar.

Como um ramo maldito, o rural foi rejeitado, seja como objeto de uma prática disciplinar (José de Souza Martins ou Moacir Palmeira), como local de desavenças teórico-metodológicas (Otávio Velho), ou como expressão máxima da miséria humana (Caio Prado Júnior).

CAPÍTULO 3

DEBATES E DIÁLOGOS NA CONSTRUÇÃO DE UM SABER DISCIPLINAR: PROCESSOS SOCIAIS AGRÁRIOS INTERNOS (ANOS 60-80)

Palavra não foi feita para dominar/ Destino da palavra é dialogar
Palavra não foi feita para opressão/ Destino da palavra é a união.
Palavra não foi feita para vaidade/ Destino da palavra é a eternidade
Palavra não foi feita prá cair no chão/ Destino da palavra é o coração.
(Canto da Igreja Popular)

3.1. O debate sobre os processos sociais agrários internos

Neste capítulo apresento algumas questões e categorias vinculadas às relações políticas, sociais, culturais, simbólicas e ideológicas sobre a questão do campesinato¹, num recorte predominantemente micro.

Nos anos 60-70, a ênfase explicativa das pesquisas sobre o desenvolvimento do capitalismo na agricultura brasileira, sobre a acumulação de capital, a atuação do Estado, o processo de modernização e a subordinação da produção camponesa ao capital era dada às categorias que explicitavam o processo social, histórico e macro-estrutural. Estas categorias, muitas vezes eram abstratas e idealizadas, conforme foi apresentado em linhas gerais no capítulo anterior. Na década de 70 e em especial na de 80, muitos estudos passaram a apresentar dimensões analíticas cada vez mais perspicazes. Nessas abordagens, a lente do pesquisador aproximou-se da realidade social, para captar dela as complexas relações sócio-culturais e político-ideológicas que escapavam das análises mais abstratas e generalizantes. Este fato foi viabilizado pelos projetos de pesquisas regionais ligados aos programas de pós-graduação, pela efetivação de pesquisas empíricas, estudos de caso e adoção de políticas acadêmicas discutidas nas universidades e encontros científicos. Buscava-se resgatar as dimensões sociais, culturais, simbólicas das análises sobre o rural, até então vistas de forma fragmentada.

Este re-direcionamento das pesquisas possibilitou o estudo das condições reais de existência da classe trabalhadora rural (camponeses e proletários), através da observação de sua prática cotidiana,

¹ Embora a categoria pequena produção fosse uma categoria também usada na época, por indicação de Wanderley, emprego neste exercício a categoria campesinato. Esta escolha justifica-se pelos recortes temáticos efetuados e pelos autores aqui considerados. (WANDERLEY, Carta-resposta, 23/03/98.

da apreensão de suas representações da vida e do trabalho, de suas categorias de pensamento, dos processos de apropriação simbólica do mundo, de suas lutas e reivindicações. Os discursos, falas, pontos de vista, códigos e categorias dos informantes tornam-se elementos cruciais para a compreensão desse outro universo de pesquisa e para as análises sócio-antropológicas realizadas a partir do final dos anos 70. Novas leituras foram feitas sobre a produção camponesa, as formas de subordinação e/ou expropriação desta produção, o processo de diferenciação social² ou de proletarização rural.

Os questionamentos e motivações políticas geradas nos anos 60-70 muito contribuíram para esta mudança teórico-metodológica e para a apreensão de novas dimensões analíticas no interior das ciências sociais nos anos seguintes. (LOPES, 1998). Recuperaram-se textos clássicos³ e autores como

² Segundo Graziano, esta diferenciação expressa-se nas ...situações limites: a) uma camada em processo de tecnificação e capitalização, conduzindo à formação de pequenas empresas familiares; e, b) uma camada em franco processo de proletarização e marginalização da atividade produtiva. Entre esses dois extremos subsiste uma faixa intermediária, ainda com características típicas de campesinato, mas com uma diferenciação interna visível pelo seu maior ou menor grau de riqueza (pobres, remediados e ricos). (GRAZIANO DA SILVA, 1978: 41). Wanderley, lembra-nos que a discussão sobre a diferenciação do campesinato teve início nos anos 70, tendo como partida teórica autores como Lenin (decomposição do campesinato). Dentro desta perspectiva, o campesinato estaria vivenciando um processo de desaparecimento, ou seja, sua produção familiar estaria sendo tecnificada, como uma pequena burguesia, ...representante do pequeno capital na agricultura. (WANDERLEY, 1990a: 1-2). Uma outra vertente explicativa, estaria vinculada à questão da diversidade, da complexidade (idem: 2), à compreensão das ...concepções de família, de trabalho, de bem estar, de sociabilidade, etc. (idem: 6).

³ Para referência deste quadro teórico consultar a tese de Abramovay que apresenta uma interessante análise do ...paradigma a partir do qual se estuda o desenvolvimento do capitalismo na agricultura, cuja matriz são os trabalhos clássicos de Lenin... e Kautsky... (ABRAMOVAY, 1990: IV) e os obstáculos teóricos enfrentados sobre questões como, a inferioridade econômica ou não da agricultura familiar, a noção de unidade familiar de produção, o sentido da categoria camponês. Apesar da base empírica da pesquisa do autor ser os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e Europa Ocidental, ele oferece ricos elementos para se pensar a questão do campesinato no Brasil. Resgatando os desdobramentos teóricos da perspectiva marxista, Abramovay mostrou como que em torno de Lenin ...formou-se talvez o mais importante paradigma marxista no estudo da questão agrária: o esforço permanente de encontrar na diferenciação social dos produtores a essência da vida agrária de qualquer país capitalista. (idem: 19). Caberia ao proletariado rural carregar o futuro da organização agrícola. (idem: 313). Em torno de Lenin formou-se um conjunto teórico que sustentou-se ...durante muitos anos como tendência universal, paradigmática, apesar das evidências históricas de sua natureza fundamentalmente circunstancial. (idem: 321). Kautsky ofereceu o paradigma que sustentava a análise da relação entre agricultura e indústria em termos da ...idéia de 'industrialização da agricultura', na impossibilidade de o pequeno estabelecimento agrícola incorporar as conquistas técnicas, organizacionais e econômicas à disposição dos capitalistas e portanto na tendência a que o grande e não o pequeno produtor se integre com a indústria, em suma, na reflexão sobre temas praticamente ausentes do trabalho de Lênin. (idem: 26).

Jerzy Tepicht, de A.V. Chayanov, Boguslaw Galeski e Teodor Shanin.⁴ Até os anos 60, a produção camponesa era analisada sob a ótica das relações sociais, da contraposição latifúndio-minifúndio, da

⁴ Abramovay mostra como Chayanov e Tepicht subsidiaram teoricamente, novos rumos para se pensar a questão camponesa, quando estes defenderam que a ...economia camponesa pode ser objeto de um conhecimento racional e positivo e que ela possui leis de funcionamento que responde à lógica da necessidade social. (ABRAMOVAY, 1990: 33). Chayanov afasta-se da obstinada *diferenciação* leninista do campesinato, para mostrar sua *unidade* e a identidade social centrada na produção e renda familiar; como unidade indivisível, ou organismo econômico único que se auto-explora (idem: 43-4), de acordo com fatores de natureza econômica (idem: 49) e de composição demográfica. (idem: 66). Chayanov também foi referência teórica para se pensar a integração vertical da produção camponesa ao capital financeiro (cooperativa) e ao capital industrial. (Vide NEVES, 1981: 20). Tepicht foi inspiração teórica para reforçar a tese da debilidade e capacidade de submissão da economia camponesa (ABRAMOVAY, 1990: 63), como ...tipo social específico sobre o qual o desenvolvimento capitalista exerce um efeito altamente desagregador. (idem: 67). Tepicht formulou o conceito de modo de produção camponês, que influenciou pesquisadores no Brasil. Estes dois autores inspiraram também os estudos que passaram a apreender a lógica da conduta do sistema econômico camponês e sua vinculação com a racionalidade capitalista. Para os desdobramentos neoclássicos desta discussão (Schutz, Lepton, Sen, Nakagima), vide o capítulo III da tese acima mencionada. (ABRAMOVAY, 1990). Sobre a influência de Tepicht e a adoção do modelo de modo de produção camponesa e a análise baseada na lógica de mercado e os critérios sócio-políticos, vide os trabalhos de Otávio Velho (VELHO, 1976; 1981). Chayanov, acabou se transformando na década de 80, no teórico inspirador da concepção de sistema econômico camponês. Galeski foi importante para se pensar a adaptação, a ...imposição de um padrão especializado de produção como um conjunto de fatores que determinam a especialização (NEVES, 1981: 20) e as ...transformações internas às unidades de produção, em face da separação das funções e atividades, aos mecanismos de equilíbrio entre a produção de valores de troca e de valores de uso, e à mudança de atitudes em relação ao trabalho e à própria unidade de produção. (idem: 21). Estes autores, Shanin, e o próprio Tepicht apontaram para a dupla natureza da produção camponesa, ou seja, aquela ditada por sua lógica interna e a da sua subordinação ao mercado. Estes autores, entre outros, foram centrais para o resgate das dimensões sócio-políticas e antropológicas na análise sobre o campesinato. Questões como a lógica camponesa específica campesinato enquanto grupo doméstico ou unidade de produção e consumo, atendimento das necessidades sociais, especificidade camponesa, necessidades sociais de reprodução, etc, passaram a ser temas recorrentes nas pesquisas acadêmicas e institucionais desenvolvidas, em especial, no Museu Nacional. Palmeira ao lembrar este fato, cita que tal ocorrido foi importante para estimular ...novos estudos, explorando novos temas... e aponta como exemplificativos estudos como o de Margarida Maria Moura sobre a herança no Sul de Minas; a pesquisa de Eliane Cantarino no interior do Rio de Janeiro; as novas questões que foram trazidas para o interior do projeto *plantation* (diferenciação social do campesinato, cálculo econômico camponês, trabalho familiar). Também outros professores receberam tais inspirações (PALMEIRA, 1994: 23), o que resultou numa ...sequência volumosa de trabalhos sobre camponeses, conduzidos sob a orientação de diferentes professores, cuja qualidade e originalidade acabou se constituindo numa das marcas do PPGAS. (idem: nota 15). Ver também WOORTMANN, 1990: 24. Rego e Silva, alertam para o fato de que Chayanov, enquanto corrente de interpretação intelectual, influenciou a elaboração do Documento de Itaici de 1980 *Igreja e problemas da terra*. Segundo estes autores, ...o meio intelectual [estava] marcado pelo revigoramento das teses que afirmam o desenvolvimento da agricultura com base na pequena produção, em particular as teses populistas (*narodniks*), expressas notadamente nos estudos de Chayanov, das quais o documento se aproxima. (REGO & SILVA, 1980: 30). Wanderley também destaca a importância e a atualidade do pensamento de Chayanov para se repensar a produção familiar no Brasil naquele momento. (WANDERLEY, 1989: 30-2).

...diluição do conceito de pequena propriedade e do privilegiamento da categoria camponês.⁵ (PORTO & SIQUEIRA, 1992: 5).

Nos anos 70, devido às transformações políticas e à redefinição econômica em direção à modernização conservadora, novos contornos foram dados às análises teóricas sobre o rural na sociologia e na antropologia. Foram enfatizados os conceitos de pequena produção e de produção camponesa, enquanto tentativa para uma relativa despolitização do tema.⁶ (idem: 6). Num primeiro momento, a produção camponesa e/ou a pequena produção eram analisadas como funcionais, subordinadas, integradas e/ou vinculadas às determinações do sistema capitalista, necessárias, portanto, ao processo de acumulação do capital na agricultura (capital comercial, industrial ou financeiro). Aos poucos, novos elementos foram sendo observados e analisados sobre os vários tipos de relações de

⁵ Como apontam Porto & Siqueira, as ...relações sociais [foram] percebidas a partir de dois grandes blocos: latifundiários e camponeses, e estavam informadas, por sua vez, pelo então chamado 'binômio latifúndio-minifúndio'. Tal nível de generalização dominava as análises sobre conflitos sociais e relações de poder no campo. A força política e a abrangência teórica desses blocos conceituais conduzia, em termos analíticos, à diluição do conceito de pequena propriedade: todos eram denominados camponeses e era, portanto, nessa condição que parceiros, foreiros, arrendatários, moradores, proprietários, sitiantes, ocupante, etc. eram percebidos, sobretudo em oposição ao latifúndio... Da mesma forma, na dimensão político-ideológica a identidade fundamental, que informava as lutas, era a de camponês. O exemplo por excelência deste fenômeno foram as ligas camponesas. (PORTO & SIQUEIRA, 1992: 5). A categoria camponês, ainda sob forte influência disciplinar da economia passou a compreender os pequenos produtores, vistos a partir da dimensão jurídica da propriedade da terra (posse ou propriedade), a partir da posse parcial ou total dos instrumentos de trabalho, a partir do uso do trabalho familiar e a partir da posse de determinadas práticas e representações simbólicas, culturais, sociais e políticas da vida, do trabalho, da terra. Wanderley apresenta um interessante trabalho sobre a constituição do campesinato no Brasil e como esta questão tem sido analisada. A autora indica alguns elementos-chaves para a compreensão da especificidade da produção camponesa, enquanto categoria social (acesso à terra, a particularidade do trabalho da família, sua racionalidade e formas de sociabilidade). A autora trabalha com as hipóteses de que ...a agricultura familiar é um conceito genérico, que incorpora uma diversidade de situações específicas e particulares... [possuindo] ...um modo específico de produzir e de viver em sociedade...; [que deve] ...adaptar-se a um contexto sócio-econômico...; [mas mantém] ...uma tradição camponesa... [e] características particulares, [conservando um] patrimônio sócio-cultural. (WANDERLEY, 1996: 2-3). Consultar também o trabalho de Mauro W. Barbosa de Almeida (ALMEIDA, 1986: 66-83) que apresenta uma interessante resenha comentada sobre ...a contribuição empírica e teórica ao conhecimento da família rural (idem: 67), através do foco analítico ligado à questões econômicas (modo de produção camponês, lógica da reprodução econômica da unidade familiar) e à questões extra-econômicas (lógica do parentesco). Ver WOORTMANN, 1990.

⁶ Ainda segundo Porto & Siqueira, não ocorreu um abandono do conceito de campesinato, mas certa articulação, ou trânsito conceitual entre os conceitos de campesinato e pequena produção. Consultar PORTO & SIQUEIRA, 1992: 6-11.

produção camponesa e do uso da terra, através das pesquisas empíricas, dos estudos de caso e do contato direto do pesquisador com seu objeto em carne, sangue e alma.

Num segundo momento, o saber disciplinar sobre a produção camponesa deixou de enfatizar as explicações baseadas em categorias macro-estruturais, duais, abstratas, dedutivas e generalizantes, para voltar-se para a análise de aspectos culturais, simbólicos, políticos e/ou ideológicos, constitutivos do imaginário camponês e de sua vida prática. Foi um distanciamento das primeiras análises, que enfatizavam os aspectos históricos, políticos, econômicos, estatísticos e sociais da natureza da agricultura do país.⁷

O resgate deste novo universo empírico - a pequena produção familiar e/ou camponesa (com a posse ou propriedade da terra) - representou na prática teórico-metodológica da antropologia e da sociologia rural a criação de um saber subsidiador de uma prática política. Consolidou-se de um saber teórico-acadêmico que, ao contrário das décadas anteriores, não se restringiu à análise centrada em dimensões quantitativas, mas empregou as técnicas qualitativas da pesquisa (entrevistas, história de vida, observação participante, história oral). Procurava-se compreender as formas de acesso e uso da terra, não mais a partir da ótica da grande propriedade, do latifúndio, da grande produção ou do capital, mas da própria produção camponesa. Buscava-se compreender a especificidade e a lógica deste tipo de produção, através do entendimento das relações sociais estabelecidas no interior da unidade

⁷ É como apontam Gnaccarini & Moura .. Para explicar e interpretar o campesinato foi necessário não só deslocar a discussão do latifúndio para a pequena produção mas também fazê-lo através da apreensão da variada desigualdade de movimentos do capital. A pequena produção camponesa não teria aqui a ver com a existência de um campesinato no sentido clássico ou 'europeu' da palavra, produzido num sistema feudal e recriado amplamente em regimes burgueses de propriedade e produção. Ela seria produto da ocupação de terras livres ou do fracionamento das fazendas que, num sistema colonial primeiro de expansão capitalista posterior ela se mantém ou se recria na estrutura agrária como uma forma que luta por sua permanência, ao mesmo tempo que dela se vale o sistema dominante para extração e captação de seu sobretrabalho. (GNACCARINI & MOURA, 1983: 8). Buscava-se novas explicações teóricas, não referendadas unicamente na história do campesinato europeu, mas na própria história da formação do campesinato brasileiro.

camponesa, seu funcionamento, organização produtiva e representações, o sentido do trabalho familiar, as estratégias de sua reprodução, resistências e reações que elaboravam frente o desenvolvimento do capital na agricultura.

O camponês era descoberto numa variedade de categorias: parceiro, arrendatário, morador, ocupante, colono, pequeno produtor, produtor familiar, integrado, etc.⁸ A posse da terra (e não necessariamente a sua propriedade) e o trabalho familiar, passavam a ser critérios definidores do estatuto do camponês⁹. O campesinato passou a ser visto como capaz de desenvolver uma estratégia de reprodução que, não efetivamente, deveria se subordinar ao capital. O produtor familiar seria mesmo capaz de resistir e reagir contra o movimento do capital. Além de resistir e desenvolver estratégias econômicas contra a subordinação ao capital, o camponês e/ou o produtor familiar apresentavam resistências políticas (movimento sindical, lutas pela terra, busca de alternativas nas frentes de expansão) ao processo de capitalização e modernização da agricultura. Todas estas questões foram

⁸ Segundo Martins, ...a palavra camponês não designa apenas o seu novo nome, mas também o seu lugar social, não apenas no espaço geográfico, no campo em contraposição à povoação ou à cidade, mas na estrutura da sociedade; por isso, não é apenas um novo nome, mas pretende ser também a designação de um destino histórico. (MARTINS, 1981b: 22-3). Deste contingente fazem parte, entre outros, o agregado, que ...mora na propriedade de um grande fazendeiro, com direito de fazer sua roça e com a obrigação de prestar serviços ao proprietário, como trabalhador ou como capanga (idem: 103); o arrendatário ou parceiro, ...que pagam renda em dinheiro ou espécie ao proprietário em troca do direito de fazer suas lavouras (ibidem); o posseiro, que ...não possui o título de propriedade da terra em que trabalha [e] ...vende no mercado os excedentes agrícolas do trabalho familiar, depois de ter reservado uma parte da sua produção para o sustento da sua família. (idem: 104).

⁹ Para os adeptos do debate sobre a produção camponesa, em especial para a da fronteira, estes elementos seriam definidores da autonomia camponesa. No entanto, para outra vertente, ...a defesa do estatuto do camponês tem menos a ver com a autonomia e mais com a ambigüidade, já, que ...a autonomia camponesa é e sempre foi mais do que relativa - pelo menos na Amazônia -, sendo duvidosa a suposição de, na chamada frente de expansão, estarmos simplesmente diante de economias de excedente. (VELHO, 1983b: 33). Esta concepção parte da suposição de que o capital comercial e/ou capital comercial-usurário é o organizador da produção camponesa. (idem) Assim sendo, a ...presença do capital comercial na produção é incompatível com a tese da valorização da autonomia camponesa. Mas, dentro dos quadros que normalmente definem a atividade camponesa, é compatível com sua 'ambigüidade', bem mais difícil de ser atualizada nos quadros de uma plena proletarização. (idem: 34).

apontando novos temas para as pesquisas, bem como um re-direcionamento da prática teórico-metodológica e da postura do pesquisador frente à realidade pesquisada.¹⁰

A questão do campesinato embora já mencionado no debate feudalismo x capitalismo, enquanto meta de ação política e partidária para as correntes ideológicas, passou a refletir, no final da década de 70 e especialmente na de 80, uma postura mais crítica e acadêmica.¹¹ No lugar da discussão sobre a natureza do modo de produção na agricultura brasileira, sobre o sentido e significado do latifúndio, a especificidade da acumulação do capital na agricultura brasileira, a dominação e subordinação imposta aos processos sociais de trabalho e de produção pela lógica do sistema capitalista, os estudos passaram a enfatizar as estratégias de reprodução da produção camponesa em relação ao processo de acumulação do capital. A partir de uma perspectiva mais interna, buscavam compreender a produção camponesa através de sua própria lógica e especificidade, de suas estratégias de reprodução, resistência e/ou reação à acumulação capitalista.¹²

¹⁰ Segundo Leite Lopes ...a pesquisa empírica direta com grupos camponeses ou de trabalhadores, além de comportar riscos, era excluída da hierarquia dos objetos de conhecimento, pois que os próprios sinais de significância pública desses grupos - reivindicações, conflitos, lutas - permaneciam abafados e não alcançavam o campo de visibilidade dos observadores externos. (LEITE LOPES, 1983: VII). O autor refere-se aqui ao livro **Terra de trabalho** de Afrânio Garcia Jr. e menciona ainda que este livro possibilitou a abertura de ...novos caminhos para a pesquisa sobre o campesinato e para o ensino da prática das ciências sociais no meio universitário... (idem: VIII).

¹¹ Segundo Gnaccarini & Moura, isto se explica ...porque havia, por um lado, a recusa em conceituar as formas camponesas, com ou sem propriedade privada jurídica da terra, como restos feudais; bem como, por idênticos motivos, uma insatisfação para com a tese de proletarização no campo, à qual se interpunham, nas pesquisas e nas releituras conceituais, tanto dados e interpretações contrarrestantes, que a própria noção de 'tendência' das reações naquela direção deveria ser repensada no plano empírico e teórico... Nos autores das teses 'feudal' e 'capitalista', o campesinato enquanto pequena produção aparecia como questão marginal ou como um tipo de produtor residual. Como o centro da questão era esmiuçar a natureza do latifúndio, o colono e o parceiro é que eram vistos como camponeses ou reminiscentes destes, ou proletários disfarçados. (GNACCARINI & MOURA, 1983: 7-8).

¹² Segundo Tavares dos Santos, estas estratégias vinculam-se à ...manutenção e a busca da apropriação da terra para servir de espaço de produção de vida, sob regime de propriedade familiar ou de posse, expressa uma resistência à expropriação das condições de produção. Também a preservação do trabalho familiar reflete uma resistência à individualização do trabalho. (TAVARES DOS SANTOS, 1980b: 83). Para uma crítica a esta tese consultar: VELHO, 1983b: 34.

Nos anos 80, as análises teórico-metodológicas destacariam as formas de subordinação da produção camponesa ao capital, as formas de integração ou exclusão da agricultura familiar¹³, bem como suas lutas políticas e movimentos sócio-religiosos.

3.2. Campesinato e capital: versões de um debate¹⁴

O contato com o objeto de pesquisa em carne e sangue exigia que se compreendesse o significado do estatuto teórico e político daquele segmento social, até então pouco estudado nos esquemas macro-estruturais, ou seja: a produção camponesa. Este nível de questões, apresentou o campesinato enquanto categoria analítica e empírica, pensada à luz de uma dimensão eminentemente econômica e política, herdeira das várias nuances da teoria marxista a nível acadêmico e/ou partidário.

No plano teórico, o Partido Comunista acabou impondo o uso de certas categorias e opções para referir-se à realidade nacional. Novaes, baseada em Martins (MARTINS, 1981b: 21), chama atenção para o uso de palavras, tais como, camponês e campesinato,

...que prestaram para dar unidade às lutas de diferentes categorias de trabalhadores do campo que ocorreram naquela época. Eram mais que meras palavras designativas, traziam consigo toda uma concepção da natureza das relações sociais no campo e do papel político que estava reservado ao 'campesinato' naquela 'etapa da Revolução'. Tratava-se de repetir um processo ocorrido em alguns países da Europa, conhecido como revolução Democrática Burguesa. Ao

¹³Dado o recorte empregado nesta tese, os vários exemplos empíricos de pequena produção integrada (agricultura familiar moderna, *farmer*) e de pequena produção excluída (assentados, barrageiros, sem terra, invasores) não serão objeto desta análise.

¹⁴Para o mapeamento das discussões e do esquema teórico-metodológico apresentados a seguir foram fundamentais os textos de Caio Pado Júnior, José de Souza Martins, Moacir Palmeira e Otávio Velho, analisados no capítulo anterior e a leitura dos seguintes trabalhos: GNACCARINI & MOURA, 1983, SUÁREZ *et al*, 1983; WANDERLEY, 1985; ALMEIDA, 1986; TAVARES DOS SANTOS, 1980a, 1988, 1991.

'campesinato' brasileiro estava reservado o destino histórico de, em aliança com as outras forças progressistas da sociedade, destruir o *latifúndio* que representava um obstáculo ao desenvolvimento do capitalismo, e ao mesmo tempo (em outra 'etapa'), um obstáculo a sua superação. (NOVAES, 1987: 70-1).

A autora ainda lembra que estes termos, além de ...importados e transpostos mecanicamente, foram impostos tanto aos que ...não partilhavam da mesma concepção, quanto aos ...que questionavam a existência de 'restos feudais' que justificam as formas de existência do 'campesinato' no Brasil; tanto aos que não concordavam sobre o ...papel específico e restrito reservado ao 'campesinato' na revolução, quanto aos ...que, devido sua posição e interesses de classe, se opunham às reivindicações expressas pelos trabalhadores do campo. (idem: 71). Os termos camponês e campesinato ganharam existência social, ao lado da organização de associações de trabalhadores agrícolas, de sua mobilização e identidade política.¹⁵ (idem: 72)

A nível teórico, as análises teórico-metodológicas continuaram a empregar macro-categorias para a compreensão do processo de constituição histórica da estrutura agrária brasileira, aliando-as, em alguns casos, aos resultados empíricos detectados nas pesquisas de campo, através de estudo de caso, realizadas especialmente nos projetos coletivos de pesquisas regionais¹⁶ e pesquisas acadêmicas individuais¹⁷.

¹⁵ Novaes mostra como o próprio camponês passou a empregar este termo para auto denominar-se quando alcança consciência política e elabora sua identidade de camponês. (NOVAES, 1987: 73-104). Baseando-se em Palmeira, lembra que ...a mobilização política do campesinato, num certo sentido, cria o campesinato. Ao tirá-los do isolamento político, tira-os do anonimato político. Uma das exigências para sua eficácia política é que ele assuma identidade política. Não é por acaso que o vocabulário político 'emprestou' ao campesinato um termo novo - camponês - para formular uma identidade nova, prisioneiro que era de termos de circulação restrita (matuto, caboclo, lavrador, etc...) no momento de sua entrada no cenário político e que, em algumas áreas, o termo tenha sido reapropriado para designar os trabalhadores rurais engajados na luta política. (PALMEIRA apud NOVAES, idem: 72).

¹⁶ Este foi o caso das pesquisas realizadas por Moacir Palmeira e por Otávio Velho, envolvendo outros colegas do PPGAS e vários de seus orientandos.

¹⁷ Esta tendência esteve mais presente na USP e a trajetória de José de Souza Martins a confirma (LOPES, 1998), apesar de sua trajetória também ter se iniciado a partir de uma prática coletiva de pesquisa ligada ao CEST/USP.

Muitos destes primeiros estudos sobre os processos agrários internos foram vinculados à abordagem macro-estrutural, ou seja, enfatizaram a relação do campesinato com a produção capitalista. A produção camponesa era pensada e analisada como estando vinculada e/ou subordinada ao ciclo da produção econômica circunscrita à lógica da reprodução do capital e das relações sociais aí geradas. Um dos pontos de partida nas várias modalidades dessas teses era o da concepção da natureza capitalista da formação social brasileira, mesmo que convivendo com o *sistema da plantation*. Vários foram os enfoques utilizados nestes estudos e, sem pretender listar e resenhar todos eles, apresento-os em dois grupos de acordo com os recortes disciplinar e temático propostos.

No primeiro, são apresentados os trabalhos que, numa versão sócio-econômica, herdeira da tradição teórica do marxismo, enfocaram a produção camponesa como vinculada e subordinada ao processo de acumulação do capital. Eram estudos teóricos, que enfatizaram o processo de expropriação da renda e do sobretrabalho gerados pela produção camponesa. A questão central era a da articulação desta produção com o modo de produção capitalista, já que partiam das regras e da lógica de funcionamento e desenvolvimento do próprio capitalismo na agricultura. Ele trouxeram para a discussão teórico-metodológica questões como a da subordinação da agricultura à indústria; a da tendência de reprodução ou dissolução da produção camponesa frente ao avanço das frentes pioneiras ou frentes de expansão; a dos condicionamentos externos desta reprodução segundo a composição do capital; a da subordinação indireta e/ou formal da produção camponesa ao capital; a da relação desta produção com o mercado capitalista; a das formas de apropriação feitas pelo capital comercial, financeiro, ou industrial, do trabalho excedente, do lucro e da renda gerada pela produção familiar; a da constituição da produção camponesa na fronteira agrícola; a do modo de produção camponês; a do *sistema de plantation* e produção camponesa; a formação de relações não-capitalistas de produção;

entre tantas outras. Muitos destes estudos estavam presos a uma dimensão mais descritiva, abstrata ou meramente teórica. A questão central nestas várias possibilidades de análise era entender o caráter capitalista/ou não da produção camponesa e sua relação/ou não com o processo de desenvolvimento capitalista. A suposição teórico-prática relacionava-se à manutenção ou desaparecimento da produção camponesa, ou ao seu processo de proletarização e/ou diferenciação interna.¹⁸

Num segundo grupo, são apresentadas as análises numa vertente sócio-antropológica. Apesar de ainda muito ligadas às categorias econômicas, políticas e analíticas do modelo marxista, elas enfocaram muitas das questões mencionadas acima, buscando porém compreender a lógica interna e a especificidade própria da produção camponesa ou familiar a partir das pesquisas de campo, dos estudos de caso e da observação minuciosa dos grupos sociais pesquisados.

Muitas poderiam ser as possibilidades de classificação, mapeamento e organização dos dados, temas e autores vinculados à estes dois recortes de análise. A reconstrução etnográfica realizada baseou-se primordialmente, na contribuição dos intelectuais analisados no capítulo anterior, ou seja, Caio Prado Júnior, José de Souza Martins, Moacir Palmeira e Otávio Velho.

3.2.1. Economia camponesa residual

Para Caio Prado Júnior, a economia camponesa era vista como

...a exploração parcelária e individual do pequeno produtor camponês que trabalha por conta própria e como empresário da produção, em terra suas ou arrendadas...(PRADO JÚNIOR, 1978:46).

¹⁸ Para referência dos autores, questões e obras, vide GNACCARINI & MOURA, 1983; WANDERLEY, 1985; TAVARES DOS SANTOS, 1988, 1991.

Esta se apresenta enquanto um setor residual que se conjuga com a grande exploração rural (idem), constituída pelos

...trabalhadores e pequenos produtores autônomos que, ocupando embora a terra a títulos diferentes - proprietários, arrendatários, parceiros... - [exerciam] sua atividade por conta própria. (idem: 129).

Segundo ele, a forma mais próxima de relações de produção propriamente camponesas, seria a que denominava de pequena produção autônoma de arrendatários e de pequenos ou médios proprietários. Fariam parte desse grupo os ...trabalhadores autônomos e empresários de sua produção. (idem: 131). A pequena produção autônoma teria um: 148). ...papel subsidiário e de segundo plano. (idem) Trata-se de uma classificação sócio-econômica, quanto à relação com o sistema de produção agropecuária e política, quanto às reivindicações no processo revolucionário. Campesinato seria,

...uma categoria econômico-social caracterizada, e distinta da dos trabalhadores dependentes que não exercem suas atividades produtivas por conta própria e sim a serviço de outrem, em regra o proprietário da terra que, nesse caso, não é apenas 'proprietário', mas também e principalmente 'empresário da produção'. Os trabalhadores de que se trata neste último caso são 'empregados', e suas relações de trabalho constituem 'prestação de serviços'. (ibidem).

Conforme este autor, estas ...distinções não são acadêmicas ou ...tampouco são simplesmente jurídicas e ...comportam implicações econômicas, sociais e políticas da maior importância.¹⁹ (idem: 129-130) Assim, a pequena produção autônoma de arrendatários e os pequenos e médios proprietários são formas de relações de produção, que deveriam ser analisadas e consideradas nas proposta políticas partidárias de forma diferenciada. Estas não deveriam ser, sumariamente, englobadas numa única categoria de trabalhadores rurais²⁰, uma vez que é indispensável se conhecerem todos os setores da massa trabalhadora rural, para

¹⁹ Prado Júnior está preocupado com o tipo de reivindicações que as várias categorias sociais rurais teriam na política revolucionária e sua aliança com a classe trabalhadora urbana. (PRADO JÚNIOR, 1978: 130; 170-184). De olho na história, ele criticava ...os erros da esquerda, erros derivados seja de uma insuficiente consideração dos fatos reais de nossa vida coletiva, e da distorção teórica deles em consequência de falsas e apriorísticas concepções sócio-econômicas acerca da realidade brasileira... (idem: 183).

²⁰ Para o autor é preciso que se faça ...essa distinção e discriminação, a fim de fixar precisa e seguramente a posição respectiva dos diferentes setores da população trabalhadora rural brasileira no processo revolucionário. No próprio segmento do

...definir a posição de cada qual e seu papel no processo revolucionário. (idem: 131). De acordo com Prado Júnior, grande parte dos parceiros²¹, meeiros²² e daqueles que ocupam os principais e fundamentais setores da agropecuária, são de fato empregados que recebem o pagamento de seus serviços com a metade da produção. Ele compara esta forma de pagamento com as ...puras e típicas relações capitalistas que são o salariado. (idem: 41-2). Os parceiros serão, portanto vistos, em sua maioria, como pertencendo não ao grupo dos camponeses, mas ao dos trabalhadores empregados, ou seja,

Uma considerável proporção dos 'parceiros' no Brasil, certamente a grande maioria (...), e justamente aqueles que ocupam os principais e fundamentais setores da agropecuária, são de fato 'empregados que recebem o pagamento de seus serviços com a metade da produção'. Não são legítimos parceiros, na verdadeira acepção jurídica e sócio-econômica da palavra, bem como para os fins e efeitos que interessam à política revolucionária. Isto é, não são produtores autônomos que pagam a ocupação e a utilização da terra alheia com parte do produto, como seria o caso se fossem efetivamente 'parceiros'. (PRADO JÚNIOR, 1978: 130).

Enquanto saída econômica e política para estes segmentos sociais seriam necessárias:

campepinato (trabalhadores autônomos e empresários de sua produção) observavam-se diferenças consideráveis. Não são evidentemente equiparáveis entre si, do ponto de vista sócio-econômico e, portanto, político, categorias tão profundamente distintas como entre outras os 'colonos' do Brasil meridional (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná), os sitiantes de São Paulo, os pequenos proprietários e foreiros do *agreste* nordestino, e assim outros grupos, cada qual com características próprias e posição sócio-econômica específica e bastante bem caracterizada. (PRADO JÚNIOR, 1978: 131). Ao utilizar critérios econômicos, Prado Júnior enfatiza o uso da categoria pequeno produtor quando se refere ao camponês. Segundo Wanderley, os estudos mais sistematizados sobre o campeonato foram redefinidos com Otávio Velho, que mostra ...justamente que nem todos são pequenos e com José de Souza Martins que ...também politiza esta categoria. (WANDERLEY, Carta-resposta, 23/03/98).

²¹ Caio Prado critica o uso da categoria parceria para referir-se a uma natureza semifeudal, ou feudal da economia brasileira. Para ele, a parceria seria ... pelo menos naquelas instâncias de real significação econômica e social no conjunto da vida brasileira, (...) simples relação de emprego, com remuneração *in natura* do trabalho. Isto é, com o pagamento da remuneração do trabalhador com parte do produto, a metade, na meação; duas terças partes, na terça. A nossa parceria assimila-se assim antes ao salariado, e constitui, pois, em essência, uma forma capitalista de relação de trabalho. Ao menos no que respeita a suas implicações sócio-econômicas. (PRADO JÚNIOR, 1978: 40). Ainda segundo ele, ocorreu o entendimento incorreto, por parte dos teóricos da tese do feudalismo sobre categorias ligadas à parceria, como as de barracão e cambão. Estas formas são para Prado Júnior ...remanescentes, isto sim, do sistema de trabalho vigente legalmente no Brasil até fins do século passado, a saber: a escravidão. (idem: 42). Para ele estas deformadoras teorias não perceberam que os trabalhadores das grandes explorações da cana-de-açúcar, café, algodão, cacau, etc, são ...como empregados que são da grande exploração, simples vendedores de força de trabalho, portanto, e não 'camponeses', no sentido próprio, aquilo pelo que aspiram e o que reivindicam, o sentido principal de sua luta, é a obtenção de melhores condições de trabalho e emprego. É isso que nos mostram os fatos como realmente ocorrem... (idem: 49).

²² Para Prado Júnior, os meeiros ...só formalmente se assemelham a parceiros propriamente, mas são de fato 'empregados', tanto quanto os assalariados. (PRADO JÚNIOR, 1978: 130).

...a transformação da grande exploração, com a eliminação de seus aspectos negativos que consistem essencialmente nos baixos padrões tecnológicos, que são a regra, bem como do tipo de relações de trabalho predominantes e que reduzem o trabalhador às miseráveis condições materiais, culturais e sociais que são as suas. (idem: 143).

Para Prado Júnior, o tipo de relações e formas de exploração do trabalho desenvolvidas no setor agropecuário brasileiro ...não derivam de nenhuma circunstância de ordem institucional e jurídica.²³ (PRADO JÚNIOR, 1979: 68). Desta forma, para ele, as mudanças nas relações de trabalho não deveriam virar instituições jurídicas, mas ...atuar direta ou indiretamente sobre as circunstâncias determinantes do equilíbrio no mercado de trabalho.²⁴

Apesar de mencionar o movimento social de resistência dos trabalhadores rurais, Prado Júnior acabou por reforçar uma argumentação baseada em elementos jurídicos como definidores da economia camponesa, do sentido e significado da grande exploração e da submissão da pequena produção a esta. Ao conceber os camponeses como um setor residual e a parceria e o pequeno arrendamento como relações de trabalho semelhantes à dos trabalhadores rurais, ele concluiu que as "reações psicológicas, reivindicações e ação" seriam pela

...liberdade efetiva, pela melhoria de suas condições de trabalho: melhor remuneração, tratamento adequado. Não se dirige, como os fatos confirmam, e normalmente não se pode dirigir contra a grande exploração a fim de a destruir. Não lhe ocorre, essencialmente, e na generalidade dos casos, modificar seu estatuto econômico, que é, passar de trabalhador

²³ Segundo Prado Júnior: As brutais formas de exploração do trabalho na agropecuária brasileira não derivam de nenhuma circunstância de ordem institucional e jurídica, de estatutos pessoais distintos, de enraizadas tradições, como se insinua e dá a entender ao falar de 'relações feudais'. (PRADO JÚNIOR, 1979: 68).

²⁴ Prado Júnior, refere-se aqui à ...concentração da propriedade agrária e virtual monopólio da terra que daí deriva, sendo que a ...repartição da propriedade agrária e o ...mais fácil acesso a ela para os trabalhadores rurais, deveriam portanto, constituir-se ...a meta principal de uma política orientada para a transformação das relações de trabalho, e melhoria das condições de vida do trabalhador. Mas não há que ver aí, por não ser o caso, nenhuma superação de pseudo- etapa feudal ou semifeudal, e 'ascensão' para o capitalismo. (PRADO JÚNIOR, 1979: 69). As relações de trabalho presentes nas relações de produção da agropecuária, demarcam, para o autor, a natureza e o caráter das relações de produção da estrutura agrária do Brasil, centrada na grande exploração e na concentração fundiária, que domina e subjuga totalmente a pequena produção e a pequena propriedade. (Vide em especial, páginas 71-85 e seu artigo "Nova contribuição para a análise da questão agrária no Brasil" In: PRADO JÚNIOR, 1979: 86-126). O privilegiamento da grande propriedade nas análises feitas por Prado Júnior interferiu no sentido dado à pequena produção tradicional e à produção familiar modernizada. (Vide também, SORJ, 1980: 122).

entrosado num conjunto orgânico, que é a grande exploração - situação essa a que se condicionou através de gerações sucessivas -, passar daí a produtor autônomo, o que se acha entrosado, bem como se suas próprias relações e métodos de trabalho. Faltar-lhe-iam mesmo, em regra, qualidades e condições para isso e para seu estabelecimento por conta própria: tradição cultural, conhecimentos, experiência, iniciativa, já para não falar em recursos materiais. E é a isso que corresponderia sua reivindicação pela posse e ocupação da terra. (idem: 141).

Prado Júnior considerou que a pequena produção autônoma (ou setor camponês) desempenhava um ...papel subsidiário e de segundo plano no interior da grande unidade produtora da exploração agrária (idem: 148); sem "qualidades e condições" necessárias para se estabelecer (idem: 141); incapaz de ...substituir, em igual e até mesmo aproximado nível de produtividade, a grande exploração; podendo na ...maior e melhor parte das situações presentes na agropecuária [representar] por certo um retrocesso. (idem: 142). Não acreditava que nas cooperativas²⁵ e na luta pela terra estariam as soluções para a miséria do campo e para a efetivação do espaço de organização econômica e política do camponês. Ou seja,

Não somente não existe na maior e principal parte da agropecuária brasileira (onde predomina, como forma de relação de trabalho, a grande exploração rural), a reivindicação efetiva e luta revolucionária dos trabalhadores pela posse e ocupação parcelária da terra, como verificamos anteriormente; mas ainda essa luta não se propõe, com o papel destacado e de primeiro plano que se pretende, nas atuais circunstâncias do processo histórico-social em desenvolvimento no campo brasileiro. (idem: 144).

Ele não via na questão da terra a

...natureza e direção em que evolui o processo histórico-social. (...) O que avulta naquele processo e constitui seu motor e dinamismo básico são as contradições nela presentes ligadas a relações e situações de emprego. É pois nesse sentido que se há de dirigir a ação revolucionária

²⁵ Quando Prado Júnior analisa a questão da reforma agrária em relação aos parceiros ele conclui que deveria ser realizado o ...fracionamento da propriedade, outorgando aos parceiros estabilidade permanente, até o momento em que se tornar oportuna a transferência definitiva a eles de todos os direitos à ocupação e exploração do seu lote. (PRADO JÚNIOR, 1979: 104). Ao tornar a terra acessível ..à massa trabalhadora rural terá um duplo resultado favorável às finalidades da reforma agrária, que conforme vimos se destina essencialmente à promoção e elevação dos padrões de vida da população rural. (idem: 105). O desmembramento da propriedade, segundo ele, ...não afeta, ou afeta secundariamente e sem determinar maiores dificuldades, a organização econômica e as atividades produtivas. (idem: 106-107). Este seria um ponto importante a ser considerado, evitando-se ...perturbação das atividades produtivas e a organização dos estabelecimentos. (idem: 107). A produção seria individual e não coletiva, a propriedade seria fracionada em unidades produtivas autônomas (idem: 104) e ...a substituição do sistema iria de encontro ao objetivo da reforma agrária de se utilizar a parceria como etapa de transição da relação de emprego para a de proprietário. (idem: 105).

cujo objetivo não é e não pode ser o de criar do nada, de instituir um esquema abstrato saído do bojo de alguma teoria proposta a priori. E sim estimular as forças e impulsos efetivamente presentes no contexto da evolução econômica e social do país. (idem: 152-3).

Desta forma, para Prado Júnior a tarefa do programa revolucionário

...consiste sobretudo na mobilização e organização da massa trabalhadora do campo, a fim de ela pôr em condições de efetivamente lutar pela conquista de seus direitos e reivindicações. É a maneira, única aliás com reais perspectivas, de ela assegurar sua ascensão econômica e social, sair da marginalidade em que se encontra e integrar-se na vida geral do país. Essa é sem dúvida a grande tarefa e meta revolucionária do momento... (idem: 153).

As soluções para a classe trabalhadora estariam na ...elevação de seus padrões materiais e culturais,

[na] organização, mobilização e luta reivindicatória, que pressionariam em direção de uma reorganização da vida econômica e política do país.

A acentuação e o desenvolvimento da luta reivindicatória por melhores condições de trabalho e emprego tenderá assim a eliminar as empresas que não tiverem condições para se adaptar, pelo aumento da produtividade, à nova situação criada pelas exigências dos trabalhadores. A solução será o desmembramento da propriedade. (idem: 149).

Curiosamente, apesar de basear-se em critérios teórico-metodológicos formulados pelo contato pessoal com a empiria nas pesquisas de campo, Caio Prado também errou em suas previsões como aqueles a quem criticava. A luta por melhores condições de trabalho e emprego não se concretizou, não ocorreu a eliminação da grande exploração, nem o aprimoramento da legislação rural trabalhista, não houve uma melhor distribuição econômica, a iniciativa privada manteve-se livre e

...sem harmonizar-se com os interesses gerais e fundamentais do país e da grande maioria de sua população, por não assegurar suficiente perspectiva de progresso e melhoria de condições de vida...dem: 165).

Ao comparar o trabalhador da agricultura com o da indústria, Prado Júnior imputou-lhe perspectivas semelhantes e não apreendeu plenamente seu universo simbólico, mais próximo do camponês do que do assalariado industrial. Acabou defendendo a idéia de que a pura ...melhoria das relações de emprego rural [e] ...das condições de vida desse trabalhador passíveis de serem atingidas com a

...legislação social trabalhista e da luta reivindicatória do trabalhador, seriam otimista e legalmente ...um poderoso e sem dúvida também o principal fator de transformação de nossa economia e estrutura agrária.²⁶ (PRADO JÚNIOR, 1979: 157). Através da pesquisa de campo sem sistematização captou, apenas parcialmente, o mundo interno do trabalho e a lógica específica dos produtores camponeses. Os estudos desenvolvidos posteriormente passaram a adotar novos recortes internos e critérios teórico-metodológicos mais específicos para a análise dessas questões.²⁷

O questionamento da posse da terra era para o autor um argumento, ou impulso revolucionário de uma ...revolução democrático-burguesa, agrária ou reforma antifeudal (PRADO JÚNIOR, 1978: 64), posição por ele criticada. Para Caio Prado Júnior, a realidade pesquisada mostrava-lhe ...a profundidade e extensão da luta reivindicatória da massa trabalhadora rural por melhores condições de trabalho e emprego (idem: 53). Criticava o partido comunista pela

...ausência de suficiente acentuação e estímulo daquelas forças e situações em que se localizavam as contradições essenciais e fundamentais presentes no campo brasileiro, e onde, portanto, se encontram os pontos nevrálgicos do processo revolucionário em curso. A saber, a luta reivindicatória dos trabalhadores rurais por melhores condições de trabalho e emprego. Embora se reconheça, diante da evidência dos fatos, a necessidade dessa luta, não se apanha o seu alcance e significação profundos, porque isso é embaraçado por concepções teóricas em que ela não se ajusta convenientemente e tem de ser incluída através de artifícios e ajeitamentos mais ou menos arbitrários. Ou então se deixa simplesmente ao acaso das improvisações. (idem: 61).²⁸

²⁶ Consultar a respeito seu artigo *Marcha da questão agrária no Brasil*, In: PRADO JÚNIOR, 1979:161-172.

²⁷ Segundo esses critérios é preciso analisar-se a utilização do trabalho familiar, a posse dos instrumentos de trabalho ou parte deles; a existência de fatores excedentes (...) destinados ao mercado, quando ...não é fundamental a propriedade, mas sim a posse da terra, que mediatiza a produção, como mercadoria. Sendo assim, não só o proprietário, como também o parceiro, o arrendatário, o posseiro, podem se configurar como formas de produção camponesa. (GRAZIANO DA SILVA, *et al.*, 1978: 3-4). À estes critérios foram somados, na década de 80 e 90, os de ordem simbólica e moral. Consultar entre outros WOORTMANN, 1990.

²⁸ Alguns dos aspectos mais contundentes desta crítica referem-se ao que Prado Júnior denomina de: ...perspectivas sobre a realidade brasileira derivada de posições teóricas decalcadas em modelos estranhos que não se aplicam à situação do nosso país, bem como as danosas consequências práticas e de ordem política que daí provêm, se verificam em outras concepções da consagrada teoria da revolução brasileira. Verifica-se particularmente quando se procura traduzir em termos político-sociais o seu esquema da revolução antifeudal e antiimperialista. (PRADO JÚNIOR, 1978: 70). Ou ainda, ...é certo também que toda ação, quando se reveste de uma roupagem ideológica, certa ou errada, mas de elevado padrão ético, adquire por isso mesmo outra força e impulso que não teria se exprimisse apenas, nua e cruamente, mesquinho interesses pessoais ou

Ao pensar a produção camponesa através da lógica das relações de mercado, de sua condição de residual e subordinada a partir de critérios sócio-políticos e comparar suas reivindicações econômicas e políticas com a dos "empregados", Prado Júnior elaborou uma expliação para o sentido da luta dos foreiros nas Ligas Camponesas, dos posseiros das zonas pioneiras, etc. (idem: 144-157) fundamentada nessa construção teórica. No entanto, a despeito desta limitação, seu trabalho foi de grande importância e tornou-se referência teórica e fonte de inspiração para vários intelectuais ligados às análises sócio-antropológicas sobre os segmentos sociais - camponês e trabalhador rural, mesmo quando tomado como ponto de partida para críticas e refutações.²⁹

3.2.2. A *plantation* e a produção camponesa

As transformações sócio-econômicas ocorridas na *plantation* açucareira nordestina tornaram-se uma das linhas de pesquisa desenvolvidas no Museu Nacional envolvendo a prática coletiva de pesquisa, ligada a projetos institucionais e acadêmicos. A produção camponesa e os trabalhadores rurais foram resgatados enquanto categorias empíricas e analíticas para dentro das investigações de

de grupo. E serve para agregar e arrastar outros esforços iludidos pelas enganadoras aparências e ideais expressos naquela ideologia. Foi o que em muitas instâncias se deu no Brasil, inclusive nestes últimos anos, com a falseada teoria da revolução que tem servido de roteiro político da esquerda nacionalista e progressista brasileira. (idem :75). Para Prado Júnior seria necessária a ...revisão teórica, rigorosa e conscienciosa da realidade brasileira, considerada em sua dialética revolucionária, numa palavra, a revisão da teoria da revolução brasileira. (ibidem).

²⁹ Segundo Wanderley: Os estudiosos do campesinato, por razões óbvias, dificilmente seguirão este autor. Martins, por exemplo, quando se refere à produção capitalista de relações não capitalistas vai mais além de Caio Prado. No texto em questão ele critica sobretudo a tese de Sérgio Silva, para quem o colono é um assalariado, este sim, mais próximo de Caio Prado. Os do Museu, com maior razão, também se distanciam desta visão de Caio Prado. (WANDERLEY, Carta-resposta, 23/03/98). Para mim estas desavenças teórico-metodológicas são de grande importância na elaboração de uma prática disciplinar, por serem responsáveis pelo rompimento de elos na espiral da construção do saber e alimentarem críticas e propostas alternativas. Entre tantos consultar a coletânea de textos organizada por D'INCAO, 1989, onde através de 40 textos e anexos, foram descritas e analisadas as contribuições da obra de Caio Prado Júnior para a história econômica e política do Brasil, a questão agrária, o debate do feudalismo e capitalismo, a revolução brasileira e seus reflexos em estudos sobre a realidade brasileira.

campo e das reflexões teóricas. Várias foram as categorias sociais pesquisadas (SIGAUD, 1981b), enquanto desdobramentos destas.

No âmbito do projeto Emprego e mudança sócio-econômica no Nordeste desenvolveram-se várias pesquisas que, sob a direção e/ou orientação de Moacir Palmeira, estudaram a proletarianização de trabalhadores e/ou camponeses na *plantation*/usinas e a especificidade da produção camponesa. Como privilegio, aqui, uma reflexão sobre a produção camponesa, é a ela que darei maior espaço nestas considerações.

Ao buscar entender a formação social agrária brasileira, Moacir Palmeira defendia a combinação do sistema capitalista com o modo de produção subsidiário do denominado *sistema de plantation*³⁰. (PALMEIRA, 1971). As pesquisas de campo e os estudos de caso regionais realizados por Palmeira e seus colaboradores nas áreas da *plantation* açucareira do nordeste, apontavam para a necessidade de se resgatar a lógica interna e/ou a especificidade da produção camponesa propriamente dita. Grande parte destas pesquisas foram realizadas por uma segunda geração de pesquisadores sob a orientação de Moacir Palmeira³¹. Estes estudos versavam sobre os

³⁰ Vide análise no capítulo anterior, item 2.2.3.

³¹ Toda esta geração de pesquisadores fazem referência à contribuição de Moacir Palmeira na sua formação intelectual, ao emprego de categorias elaboradas por Palmeira e/ou na formulação de pesquisas seguindo uma trilha aberta por ele. Segundo Garcia Jr. a ...idéia de que as formas de circulação dos produtores se liguem à subordinação específica dos trabalhadores aos proprietários de *plantation* vem de Moacir Palmeira (...) e está na base de sua pesquisa, da qual este trabalho é um subproduto. (GARCIA JR., 1983: 32, nota 15). Ou ainda: A especificidade das relações entre trabalhadores agrícolas e grandes proprietários nas grandes plantações pode ser pensada pelo modelo da *plantation*, como indica Moacir Palmeira (1971). (idem: 22). Segundo Garcia Jr. ...as hipótese delineadas eram resultado da pesquisa desenvolvida desde 1968 por Moacir Palmeira, bem como dos resultados da pesquisa desenvolvida por Lygia Sigaud sobre os moradores da grande plantação canavieira (idem: 10) e estavam também sendo trabalhadas por colegas do PPGAS, entre os quais José Sérgio Leite Lopes que estudava ...os trabalhadores da parte industrial das Usinas, Vera Echemique, sobre resolução de conflitos na Zona da Mata; Luís Maria Gatti, sobre Sindicatos de Trabalhadores Rurais; Roberto Ringuelet, sobre os "corumbas", trabalhadores que migram durante a safra para a área da cana; Beatriz Heredia, sobre os pequenos produtores da Mata Norte; Marie France Garcia, sobre Feiras e Barracões na Zona da Mata, e Lygia Sigaud (...) sobre trabalhadores da rua, os moradores que passam a residir nas cidades da Zona da Mata. (idem: 11, nota 2). Ver também GARCIA JR. *et al*, 1980: 267-8, nota 1. Dentre estes pesquisadores, Moacir Palmeira foi orientador da dissertação de mestrado de José Sérgio Leite Lopes (O vapor do diabo-1975), Afrânio Raul Garcia Júnior (Terra de trabalho: Trabalho familiar de

...arranjos sociais prevalentes nas diferentes áreas de *plantation* nordestinas [e o] ...significado desse movimento para os diferentes agentes sociais envolvidos: trabalhadores rurais residentes, trabalhadores rurais expulsos, empreiteiros, fornecedores de cana, usineiros.³² (PALMEIRA *et al*, 1977c: 208).

Palmeira chama a atenção para o fato de que, além da questão da *plantation* e suas implicações, novas reflexões foram feitas, como aquelas, sobre o sistema de mediação/redistribuição dos barracões (comércio/intermediação); as feiras (como o *bacurau*); a cultura operária dos operários de usina; a relação indústria/agricultura no interior das usinas; o campesinato com certo grau de autonomia; a competição pela terra; os conflitos ligados à terra e direitos trabalhistas; a lógica social da relação proprietários/trabalhadores, moradores/senhores de engenho; as redes de sociabilidade. (PALMEIRA, 1994: 27-33).

A descoberta dos circuitos de feira e de circuitos de vendedores de feira explicitavam questões que ultrapassavam o mundo da *plantation* ou o mundo camponês e mostraram uma rede de relações sociais bastante complexa

...o corte estabelecido entre indústria e agricultura no interior das usinas, parte do sistema de privilégios que atravessa todas as relações entre proprietários e dependentes, colocando estes últimos, categorialmente (trabalhadores de fora x moradores, moradores de condição x moradores foreiros, na parte agrícola; artistas x profissionais, aprendizes x profissionais, permanentes x temporários, na indústria; do campo x operários, entre os dois setores) ou individualmente (pessoalmente) disputando os favores do patrão ou de seus prepostos. (PALMEIRA, 1994: 28).

pequenos produtores-1976), Marie-France Claudine Garcia (O Bacurau-1977), Beatriz Heredia (A morada da vida-1977), Roberto Ricardo Ringuelet (Migrantes estacionales de la región del agreste del estado de Pernambuco-1977). (PALMEIRA, 1994). Heredia, orientanda de Palmeira, utiliza-se, inclusive, de resultados de pesquisas realizados por Palmeira e Lygia Sigaud para elaborar o texto introdutório de sua dissertação. Consultar HEREDIA, 1979: 15).

³² Garcia Jr. mostra em sua pesquisa [1972] (1983), que foi exatamente a luta dos foreiros ...contra o aumento constante do *foro* que vão nascer as Ligas Camponesas (Caillado, 1964). Esse foi o caso do Engenho Galiléia, em Vitória de Santo Antão, onde os *foreiros* se associaram para entreajuda no pagamento do *foro* e na tentativa de resistirem ao seu aumento constante. (GARCIA JR., 1983: 48).

As pesquisas em torno da *plantation* mostraram a presença de um ...movimento constante de imobilizar mão-de-obra e, portanto, a circulação de trabalhadores. (idem: 29). A própria presença de um campesinato³³

...antigo ou novo também não representa uma ameaça que a *plantation* não possa conjurar. Não só pela funcionalidade que... teria como mão-de-obra sazonal, mas porque uma maior liberdade de plantar pode ser compensada, como nas fazendas do semi-árido, por uma maior dependência ao barracão. (idem: 29-30).

As pesquisas também indicaram que os confrontos (pela autonomia; pela terra; pelos conflitos trabalhista; pela lei do governo e a lei do patrão) não conduziam ...por eles mesmos, à quebra da *plantation*. (idem: 30). Assim,

A ruptura se dará efetivamente na dissociação entre a *plantation* como unidade de produção, que invibilizará o barracão (...), transformará todos os trabalhadores em trabalhadores de fora (de fora do local de trabalho), mesmo os que continuam morando no campo, e subordinará simultaneamente a dois esquemas de autoridade mesmo aqueles que continuam a residir num engenho (...) que pertença, tanto quanto os locais onde planta, limpa ou corta cana, a um único dono. (idem: 30-1).

Estas descobertas foram viabilizadas pela

...tradução da lógica social dessas relações num idioma que perpassasse, infundindo a consistência lógica necessária a sua transformação em instrumento de conhecimento, as categorias em que ela se expressa no discurso e na prática das populações observadas. (idem: 31).

A regra para definição dos camponeses ou de um neo-campesinato não se baseava em critérios ligados ao uso da força de trabalho familiar ou à venda de produtos no mercado. Mais do que regras vinculadas à produção agrícola, estas consideravam

...antes a combinação da agricultura com algum tipo de negócio. Era mais nítida a fronteira entre todos esses pequenos agricultores e aqueles que se especializavam, como lavradores ou micro-fornecedores, na agricultura da cana-de-açúcar. (PALMEIRA, 1994: 21).

³³ Palmeira define esta categoria enquanto ...pequenos produtores livres ou subordinados mas investidos de um certo grau de autonomia. (PALMEIRA, 1994: 29).

Aos poucos ficava claro que, para além do idioma da morada, das ...relações estabelecidas no barracão entre proprietários, barraqueiros e moradores, as relações sócio-econômicas presentes na *plantation* deveriam ser pensadas através da ótica da reciprocidade. Assim o fosso entre a morada e o barracão desapareceria e tornava-se possível entender a dívida material no barracão, seu lado de dívida social e ...objetivador do estado das relações sociais que uniam moradores e senhores de engenho. (idem: 33). O estudo das feiras indicava a permanência de uma estrutura social e política diversificada (de campesinato à assalariados) no interior da *plantation* nordestina.

Em 1977, Palmeira escreveu um texto balizador das discussões teóricas sobre o trabalho camponês e sobre as relações sociais presentes no engenho e nas áreas da *plantation* (PALMEIRA, 1977b), inspirando novos estudos³⁴. Estas pesquisas foram resgatando e indicando uma lógica específica e própria da produção camponesa e de suas categorias de pensamento. Numa primeira fase, a produção camponesa foi pensada à luz de critérios sócio-econômicos e ainda vinculada à lógica da produção capitalista. Aos poucos, a análise da especificidade voltava-se para o estudo do cálculo econômico camponês, das regras de parentesco, do caráter familiar do trabalho, da organização social e política da unidade camponesa³⁵, das relações de reciprocidade presentes na estrutura social.

³⁴ Foram resgatadas várias categorias empíricas para referir-se ao trabalhador familiar: morador; corumbas (agricultores vindos das áreas mais secas); asilado (que não volta para o sertão); trabalhador da rua; trabalhador de fora, morador de condição (que recebe trabalho); morador-foreiro (que recebe terra); morador com sítio; diferenciação interna dos moradores de engenho; cativo (invasão da esfera privada do trabalhador). (PALMEIRA, 1977b: 103-114). Como exemplo de trabalho teórico à partir deste quadro teórico-metodológico, vide a pesquisa de Sigaud (SIGAUD, 1983: 23-42). Várias outras categorias se somaram à estas, como atestam os trabalhos de SIGAUD, 1979, 1980a; MEYER, 1979; GARCIA JR., 1983; HEREDIA, 1979.

³⁵ É ilustrativo o trabalho de Afrânio Raul Garcia Jr., que combinou estes dois procedimentos. (GARCIA JR., 1983) O fio condutor da tese seria ...a análise da estrutura interna, do funcionamento e do movimento da economia do pequeno produtor. Efetivamente, se o caráter familiar do trabalho lhe dá especificidade, fomos buscar nas classificações sobre as atividades exercidas pela família os fundamentos da divisão do trabalho familiar. Logicamente, nem toda atividade familiar tem o mesmo significado; todas as atividades se apresentam estruturadas. (idem: 19).

Os dados obtidos nas pesquisas de campo forneciam os elementos para a análise dos discursos, das falas e das interpretações do saber camponês e mostravam a existência de uma lógica que lhe era própria. Formas alternativas no tratamento destes dados constituiriam pontos de discordância teórico-metodológicas e políticas entre pesquisadores, como será indicado nos próximos itens.

Os estudos realizados na área de *plantation*

...revelaram, logo no início dos anos 70, as regras que regiam as relações entre os *senhores de engenho* e os seus *moradores na plantation* açucareira do Nordeste (na agro-indústria); o modo como a dominação era vivida, pensada e legitimada; o modo como se deu a dissolução das formas tradicionais de dominação. São estes trabalhos que revelam o fim do *morador* enquanto categoria social, o aparecimento dos trabalhadores de *ponta de rua* (os moradores) a emergência de um campesinato nas margens do sistema de *plantation*; as mudanças na composição social e no significado das feiras e sua relação com o fim do sistema de *morada* e com o aparecimento dos camponeses. (SIGAUD, 1990: 28-9).

As pesquisas nesta região mostraram a presença de lutas no interior das fazendas, a participação dos Sindicatos Rurais e de sua organização, a existência de um movimento rural, o o que ...se supunha até então inexistentes em função da repressão militar. (idem: 29). O sistema de barracão revelava as formas de submissão dos moradores de engenho aos proprietários. As ...lutas sociais dos anos 50 e início dos anos 60 eram indícios dos conflitos gerados pela ...expulsão dos *moradores dos engenhos*.³⁶ (idem) Este processo foi acelerado ...com a promulgação do Estatuto do Trabalhador Rural (1963) e do Estatuto da Terra (1965) (Sigaud, 1977). (GARCIA JR. *et al*, 1980: 268). Consequentemente ocorreu um processo de ...proletarização dos trabalhadores da *plantation* e de emergência de um 'neocampesinato' nas áreas onde as terras foram liberadas.³⁷ (idem: 269).

³⁶ Garcia Jr. *et al* desenvolveram projeto de pesquisa para entenderem o ...papel dessas lutas sociais na transformação da relação campesinato livre-*plantation*, e mesmo de trabalhadores submetidos-proprietários de *plantation*, em suma como afetam a própria dominação dos grandes proprietários sobre as várias categorias de trabalhadores. (GARCIA JR., *et al*, 1980: 282). Para indicação de pesquisas realizadas, o significado destas lutas e conquistas adquiridas pelos setores sociais, vide páginas 282-3.

³⁷ Segundo Garcia *et al*, parte dos pequenos produtores foram expropriados e ...passaram a ser trabalhadores fixos nas grandes propriedades, enquanto outros estabeleceram-se nas cidades próximas, circulando como *trabalhadores da rua* entre diversas propriedades ou migraram para a cidade. Aqueles que se mantiveram em explorações vivenciaram duas

As questões referentes à emergência de um neocampesinato³⁸ na *plantation* e as relativas à proletarização foram estudadas por Garcia Jr.:³⁹

...sempre existiu um campesinato ligado à *plantation* e a ela subordinado: as transformações da *plantation* nordestina, se por um lado provocaram a proletarização de grande parte dos seus trabalhadores, deram origem ao mesmo tempo, pelo mesmo movimento, ao surgimento de novas gerações camponesas. Porém, a expansão desse campesinato que surgiu nessas condições tem limites que o afetam na sua própria reprodução. (GARCIA JR. *et al.*, 1980: 267).⁴⁰

Num mesmo texto poderia estar presente tanto a análise que vinculava o campesinato ao *sistema de plantation*, o sentido de suas representações sociais e simbólicas, a estrutura interna do trabalho familiar, do movimento interno deste tipo de economia, da problemática da diferenciação

situações indicativas da ...existência de diferenciação interna desse campesinato: a necessidade de ...complementar as atividades no seu roçado com o trabalho na cana enquanto que outros estariam introduzindo o cultivo de cana nas suas parcelas. (GARCIA *et al.*, 1980: 277-8). Ainda segundo estes autores, na região por eles pesquisada, a ...feira em vez de constituir um elemento de socialização da pobreza, torna-se um elemento de diferenciação do campesinato, sendo que é através do *negócio* conjugado com outros elementos, que se dá a diferenciação... (idem: 279).

³⁸ Para Garcia Jr. nas áreas de *plantation* encontravam-se novas gerações camponesas. (GARCIA JR. *et al.*, 1980: 267). Para Velho a fronteira seria o ...*locus* privilegiado, embora não exclusivo, para o desenvolvimento desse neocampesinato. (VELHO, *op. cit.*: 105).

³⁹ O trabalho de Afrânio Garcia Jr. (GARCIA JR. 1983) tornou-se pioneiro e inovador. A literatura que o fundamentava e aos que se desdobraram dele embasaram-se na Antropologia Econômica (Polanyi e discípulos, Shalins, etc.), na literatura marxista (Marx, Korsch Hobsbawm Godelier, Bettelheim), na literatura sobre o sistema econômico camponês e na sociologia rural vinculada a autores da Europa do Leste como Chayanov, Tepicht, Galeski, Kula. (LEITE LOPES, 1983: IV) Garcia Jr. utiliza-se da de concepção da especificidade do modo de produção camponês, como foi concebido por Galeski, Tepicht, Kula. Para Garcia Jr., o modo de produção seria subordinado e caracterizaria-se como uma ...unidade precisa entre forças produtivas e relações de produção. (idem: 16) Existem assim, ...particularidades da economia camponesa devido ao fato que tanto a unidade de produção quanto a de consumo [serem] constituídas por regras de parentesco, e que o caráter familiar da divisão do trabalho é responsável por muitas de suas especificidades. (ibidem) Para Garcia Jr. o central não seria ...a importância do 'mercado', mas sim das relações sociais em jogo na circulação mercantil dos produtos ou na circulação segundo outros princípios, como o da redistribuição (Polanyi, 1957), em que os produtos circulam de baixo ao topo de uma hierarquia por força da hierarquia, e depois do topo para baixo para que sejam consumidos. (GARCIA JR, 1983: 32, nota 15)

⁴⁰ Nesta pesquisa, os autores estudaram a forma de acesso à terra e a produção, bem como a circulação dos produtos. (GARCIA JR. *et al.*, 1980: 267). Para eles, o campesinato ...era subordinado à *plantation*. Cabia-lhe tanto abastecer a *plantation* no que se refere aos produtos para o consumo interno dos trabalhadores a ela ligados, como se constituía em uma mão de obra disponível segundo as exigências da *plantation*. (idem: 269). Esta pesquisa possuía ...o objetivo de construir um modelo que permitia compreender a situação do campesinato ligado à *plantation* açucareira. (idem: 272).

interna do campesinato⁴¹, das formas de dominação às quais é submetido, da variedade de categorias empíricas para referir-se ao campesinato⁴², quanto a análise que apontava para o processo de proletarização presente na *plantation*. O estudo da *plantation* explicitava a presença de um rico mosaico de relações sociais, econômicas e políticas.

Garcia Jr. empregou o conceito de campesinato marginal à *plantation*, como forma de

...especificar a subordinação que lhe é própria, ou seja, como movimentos da *plantation* influem sobre o campesinato, e como seus movimentos influem no desenvolvimento da *plantation*. (GARCIA JR, 1983: 7).⁴³

A pesquisa de Afrânio Garcia Jr. exemplifica um tipo de exercício teórico-metodológico que privilegia tanto a perspectiva sócio-antropológica quanto a análise da estrutura interna da economia do pequeno produtor, através do estudo da especificidade do trabalho familiar, do uso da terra, do processo de produção camponesa. A questão da subordinação e da autonomia são pensadas a nível do processo de trabalho. O recorte teórico-metodológico empregado no estudo de Garcia Jr. difere do utilizado por Otávio Velho, que também trabalha com o conceito de campesinato como um modo de

⁴¹ Vide GARCIA JR, 1983: cap. II a IV.

⁴² Os pequenos produtores, que constituíam o campesinato marginal à grande plantação canavieira, tinham em comum o uso da força de trabalho familiar, mesmo quando eram forçados a vender a força de trabalho aos grandes proprietários e o cultivo das lavouras de subsistência. A presença da força de trabalho familiar e o roçado estavam presentes entre os pequenos proprietários, os moradores (morador foreiro e morador de condição) e aqueles trabalhadores residentes na cidade. Consultar GARCIA JR: 1983: em especial cap.I.

⁴³ Segundo este autor, sua tese ...baseia-se na concepção do modo de produção camponês, mas não é um estudo do modo de produção camponês. O que procuramos fazer foi partir da análise etnográfica das representações e dos modelos de comportamento de pequenos produtores determinados sobre sua prática econômica, para então tentar reconstruir a economia do pequeno produtor. As classificações e categorias ideológicas dos agentes são nosso ponto de partida, porque são elas que os inserem em suas práticas. Não se tratava de ver a racionalidade de comportamentos dada a *priori*, mas de conhecer a racionalidade dos comportamentos efetivos. É claro que as classificações e categorias imediatas não explicam estas práticas, no sentido de sua explicação científica pois sua realidade seria então transparente. Porém, é através delas que se pode saber o que se relaciona com o que, a menos que se queira impor um modelo de relações próprias à ideologia do pesquisador. (GARCIA JR., 1983: 17-18).

produção subordinado⁴⁴ nas áreas de fronteira, ou como subsistemas⁴⁵ "ligados à *plantation*. Partindo de critérios comparativos, históricos e teóricos, Otávio Velho afirma que, ...o sistema da *plantation* durante boa parte da história brasileira foi um obstáculo ao desenvolvimento de uma massa de camponeses livres. (VELHO, 1976: 137). O trabalhador que surgia no seu interior relacionava-se muito mais com a própria *plantation*, ou seja,

...o fato é que o seu trabalho principal tinha a ver com a *plantation*, submetidos ao dono da *plantation* e a uma divisão do trabalho complexa que estava longe de algo que pudesse lembrar uma produção camponesa. Mesmo os pequenos pedaços de terra que cultivavam apareciam frequentemente como uma espécie de 'doação' do proprietário em terra marginal da *plantation*, de fato constituindo uma maneira de permitir uma reprodução barata da força de trabalho. (ibidem).

Ainda segundo Velho, alguns autores⁴⁶ tendiam a ...considerá-los simplesmente como proletários rurais. (ibidem). Na verdade essa força de trabalho manteve as suas características principais (formalmente considerada escrava e/ou livre). Velho complementa o parágrafo com uma crítica à interpretação dada por Palmeira a esta questão:

Palmeira sugere que poderia ser melhor tratada como um tipo social distinto, uma de cujas características seria o fato de suas relações com o 'exterior' serem mediadas pelo proprietário de terras, com o qual cada indivíduo procuraria estabelecer uma relação pessoal de patronagem. (Palmeira, a sair).

O fato permanece que esse tipo não constitui um campesinato, se bem que certos subtipos como o foreiro se aproximassem por vezes mais dessa caracterização em algumas de suas manifestações. Por outro lado, as grandes *plantations* tendiam a monopolizar o controle da terra e havia escassas possibilidades para um campesinato livre fora das *plantations*. Qualquer aglomerado de pessoas que trabalhassem para si mesmas sem elos com o sistema dominante (e

⁴⁴ Consultar o item 3.2.5. Estes pontos de divergência expressar-se-ão também nas críticas de alguns dos orientandos de Velho. Ver em especial: SOARES, 1981: 204-220.

⁴⁵ Segundo Velho, a decadência secular do nordeste, ...estimulou a formação de uma população que embora ainda vinculada ao sistema dominante da *plantation*, fisicamente colocava-se mais para o interior: seja em atividades de pequena agricultura, seja na criação de gado. Essas atividades, em muitos casos, através de migrações sazonais, serviam como uma espécie de depósito de mão-de-obra para a *plantation*... Essa criação de subsistemas ligados à *plantation* já indicava de certa forma os limites da própria *plantation* no que diz respeito à absorção da população, aos poucos vindo a surgir o que poderia ser considerado uma 'população excedente' em relação à qual a possibilidade e a necessidade de manter alguma forma de mobilização tornava-se cada vez menor. (VELHO, 1976: 175).

⁴⁶ Aqui Otávio Velho não explicita estes autores.

que frequentemente eram refugiados desse sistema dominante) era sempre visto com grande suspeita e frequentemente encontrava oposição direta, senão armada. (idem:137-8).

Ao lado da *plantation* surgiram subsistemas subordinados (idem: 176) como o morador⁴⁷ e que constituíam reserva de mão-de-obra para ela. Porém, conforme as pesquisas desenvolvidas por Palmeira e outros pesquisadores do PPGAS/Museu Nacional e citadas por Velho, ...a transformação capitalista da *plantation* levou a um ...gradual desaparecimento do seu típico morador [e ao] ...aparecimento 'simultâneo' de um proletariado rural e de um campesinato. (VELHO, 1976: 186). Para Velho, a *plantation* apresentava o seguinte dilema: ... o mesmo sistema que era incompatível com um campesinato de massas deu origem a tensões que trabalhavam no sentido de forçar a existência de um campesinato. (idem: 139). Este processo fez surgir vilas e um pequeno mercado para produtos alimentares no cinturão açucareiro da *plantation*. A construção de estradas para o Oeste, a busca de terras virgens e de trabalho nas atividades extrativistas, estimularam a ocupação da fronteira (idem: 197) e o surgimento de um campesinato (neocampesinato) que se desmarginalizava gradativamente (VELHO, 1976: 199-209) na fronteira.

Otávio Velho, a partir de pesquisa no sul do Pará, concluiu que, nos finais dos anos 50, o *sistema de plantation*, fortemente marcado por um sistema repressor da força de trabalho, foi substituído por um capitalismo autoritário que conviveu com um campesinato que passou por processo de diferenciação econômica nas áreas da fronteira.

As discussões teórico-metodológicas existentes no Museu Nacional sobre a questão agrária explicitavam as questões ligadas ao desenvolvimento do capitalismo e das forças produtivas, o desaparecimento do campesinato ou sua permanência. Refletiam uma re-leitura do marxismo e a

⁴⁷ Segundo Velho o morador era um trabalhador típico da *plantation*. Este ...possuía o seu próprio lote de subsistência para o qual se retirava sempre que não fosse necessitado nas principais atividades da *plantation*... (VELHO, 1976: 175).

...possibilidade de se cruzar marxismo e questão agrária. (NOVAES, Entrevista: 22/12/93). No entanto, estes estudos produziram resultados diferentes.

3.2.3. A fronteira: espaço de desavenças teórico-metodológicas e políticas

A fronteira agrária brasileira da Amazônia Legal foi palco de várias pesquisas, de disputas teórico-metodológicas, de práticas discursivas e políticas, envolvendo pesquisadores e partidos. A Igreja Católica aparece, nesta região, como agente de mudança importante e também enquanto objeto de estudo. O posseiro torna-se o segmento social privilegiado das pesquisas e da atuação da prática teológica da Igreja Católica. A teologia da libertação, as Comunidades Eclesiais de Base (CEB) e a atuação da Comissão Pastoral da Terra (CPT) serão temas-chave nos estudos sobre o rural a partir dos anos 80. (LOPES, 1997). Os estudos sobre frente pioneira e frente de expansão na fronteira materializam alguns destes debates/embates teórico-metodológicos e partidários em curso, nos anos 70-80.

Em 1970, Otávio Velho, em dissertação de mestrado sobre o tema: “Frente de expansão e estrutura agrária”, analisou as várias frentes de expansão da região confluyente entre os estados do Pará, Goiás e Maranhão, para explicar as mudanças econômicas, sociais e culturais ocorridas naquela região, antes do projeto de construção da rodovia transamazônica. Foi um estudo sobre a atividade mineradora goiana, a frente agrícola paraense e maranhense, a frente pastoril baiana, as atividades extrativistas (borracha, castanha, caucho) e o impacto delas na Amazônia Oriental.⁴⁸ A fronteira econômica foi

⁴⁸ Na Amazônia Legal a apropriação da terra, enquanto reserva de valor, levou ao fechamento da fronteira no final dos anos 70, fato este facilitado pelas políticas de incentivo fiscal e de colonização do Estado. Consequentemente, as tensões sociais, a luta pela terra, os fluxos migratórios e a carência de alimentos aumentaram nesta região. Sobre o tema consultar GRAZIANO DA SILVA, 1979. Será neste cenário de alta tensão social e política, que a Igreja Católica fortalecerá seu trabalho pastoral.

apresentada enquanto o espaço de formas de dominação do capital, através da instalação de frentes pioneiras, denominadas de frente de expansão.⁴⁹

A partir da análise dos aspectos sócio-econômicos Velho buscava entender ...a mudança de caráter da pequena agricultura, que segundo ele:

Em boa parte dos casos, o 'camponês marginal'⁵⁰ brasileiro constituía-se numa reserva de mão-de-obra para a grande a exploração segundo um mecanismo de fluxo e refluxo em relação ao mercado responsável pela estabilidade relativa do sistema (ver Furtado). Todavia, isso se dava de modo diferenciado e, nos casos extremos, o papel de reserva de mão-de-obra tornava-se cada vez mais apenas uma possibilidade, realizável ou não conforme as vicissitudes da economia. (VELHO, 1981: 160-1).

No espaço da fronteira geográfica e da fronteira econômica, este campesinato poderia manter-se enquanto reserva de mão-de-obra, marginalizada, como um modo de produção camponês subordinado (idem: 167), ou poderia vivenciar, mesmo que em raros casos, um processo de diferenciação econômica, enquanto um neocampesinato (VELHO, 1976: 199). A terra, enquanto categoria analítica, apresentava um caráter ambíguo, constituindo-se em fim e instrumento de trabalho ou em possibilidade de libertação da situação de cativo. Como questão política Velho indagava-se sobre o sentido do

...desenvolvimento capitalista de um sistema originalmente baseado na repressão da força de trabalho, através de sua transformação gradual e não-revolucionária. (VELHO, 1976: 119).

Em artigo escrito em 1971⁵¹, José de Souza Martins apresentou também uma contribuição sobre a temática frente pioneira e frente de expansão. Será no âmbito destes conceitos que dar-se-ão as

⁴⁹ Velho estuda uma micro-região de Marabá (PA) e resgata historicamente o ...inter-relacionamento entre frentes diversas e [o] estudo da frente de expansão agropecuária que hoje alcança a Amazônia Oriental brasileira. (VELHO, 1981: 15).

⁵⁰ Velho baseia-se aqui na expressão "camponês marginal" de Oberg. (VELHO, 1981: 161).

⁵¹ Este texto foi apresentado na XXII Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, realizado em Curitiba e publicado, posteriormente, no livro **Capitalismo e tradicionalismo** (1975). Dentre os autores citados estão Roberto Cardoso de Oliveira e Otávio Velho (MARTINS, 1975: 46).

primeiras divergências teórico-metodológicas entre Martins e Velho. Como ponto recorrente em suas análises, Martins critica a presença de uma concepção dualista na caracterização de zona pioneira (zona pioneira/zona antiga) que poderia, na análise sociológica, ...encontrar apoio teórico na dicotomia moderno/tradicional, ou em interpretações que empregariam a idéia de ...evolução de um tipo a outro. (MARTINS, 1975: 44). Para Martins, ao conceito de frente pioneira com a conotação dada pelos geógrafos, ou seja, de mobilidade espacial, dever-se-ia acrescentar o conhecimento sociológico. Para ele, são ...as relações sociais que definem a sociedade na zona pioneira, não constituem resultado do aparecimento da zona pioneira, mas são as relações sociais necessárias à sua implantação. (idem: 44). Assim, a ...frente pioneira exprime um movimento social cujo resultado imediato é a incorporação de novas regiões pela economia de mercado. Ela se apresenta como fronteira econômica (idem: 45) ...como empreendimento econômico: empresas imobiliárias, ferroviárias, comerciais, bancárias etc...⁵² (idem: 47).

Já a frente de expansão apresenta-se como uma ...faixa, com suas peculiaridades econômicas, sociais e culturais, como frente ...integrada na formação capitalista (idem: 46); como algo ...novo apenas na ocupação do espaço geográfico e não na estrutura social (idem: 45); que se caracteriza pelo ...uso privado das terras devolutas, em que estas não assumem a equivalência de mercadoria, sendo ...o ocupante ou posseiro sua figura central (idem: 46). A frente de expansão é, pois, fruto de ...um estado de insuficiência econômica, cujos componentes da estrutura social não são os do empreendimento capitalista (ibidem). Produz-se excedente e não mercadorias. A frente de expansão está ligada à ...atividade econômica (extrativa ou agrária) [e] não se baseia numa característica apropriação capitalista da terra. (idem: 52). Já a frente pioneira ...se instaura como empreendimento econômico, como resultante

⁵² A frente pioneira está ...organizada em bases capitalistas no interior da fronteira econômica [e] ...sobrepõe-se à 'frente de expansão'. (MARTINS, 1975: 52).

da expansão da economia de mercado, da reprodução da sociedade capitalista e da implantação da propriedade privada da terra. (idem: 47)

O ponto antagônico entre a frente pioneira e a frente de expansão será ...em torno de um valor: a propriedade privada da terra, isto é, a renda capitalizada (ibidem) e os conflitos e tensões serão uma consequência.⁵³ Martins nega enfaticamente que as relações de produção desenvolvidas nas frentes pioneiras, como o colonato e o arrendamento, possam ser confundidas como pertencentes ao antagonismo capitalismo/pré-capitalismo⁵⁴ e que a frente pioneira, ao restaurar ...continuamente, as condições para aparecimento do estado de insuficiência econômica, não pode ser vista sociologicamente como ...pólo privilegiado da dicotomia tradicional-moderno. (idem: 50). Apesar destas ressalvas, Martins será criticado de dualista e populista por intelectuais ligados ao Museu Nacional.

Para Martins a frente de expansão se relaciona ao ...movimento social que desenrola naquele espaço móvel que se situa entre o território já ocupado empresarialmente, cujo ...personagem característico é o posseiro, que utiliza o trabalho familiar e o excedente ...se torna mercadoria eventualmente (MARTINS, 1981b: 114). A terra é de ocupação. Já a frente pioneira está relacionada ao capital, à circulação e comercialização da mercadoria, ao proprietário capitalista. (ibidem). A terra é de compra e de negócio.

Segundo Martins ...a 'frente pioneira' (organizada em bases capitalistas no interior da fronteira econômica) sobrepunha-se à 'frente de expansão' (MARTINS, 1975: 52) e certamente expressa todas as

⁵³ Martins menciona os vários movimentos messiânicos presentes na instauração de frentes pioneiras, bem como, os movimentos de posseiros, quando entram em ...choque duas ordens econômico-sociais diversamente estruturadas. (MARTINS, 1975: 48). Para referência bibliográfica sobre estes movimentos, vide MARTINS, op. cit: 48, nota 11, p.49 e 52.

⁵⁴ Para Martins, estas relações são ...possíveis e necessárias à reprodução do capital. (MARTINS, 1975: 49).

contradições deste sistema social. Com estas categorias, Martins criou ...um modelo do processo de progressiva absorção das regiões de fronteira pela economia de mercado. (SZMRECSÁNYI, 1979: 262).

A conotação dada a estes conceitos é divergente das que foram dadas pelos antropólogos, especialmente, Otávio Velho e alguns de seus orientandos no Museu Nacional/PPGAS. Para Martins, inicialmente, o conceito de frente de expansão era utilizado na literatura antropológica para referir-se à frente étnica, do não-índio, do branco, avançando sobre territórios tribais⁵⁵ (MARTINS, 1981b: 112), numa ...concepção de quem via o mundo do branco no lugar do índio, de fora para dentro. (ibidem). Posteriormente, os antropólogos passaram a empregar este conceito com ...um sentido próximo ao de 'frente pioneira', definido de dentro para fora, de quem olha a partir do avanço da sociedade 'branca' sobre novos espaços⁵⁶ (ibidem), sem distinguir as diferenças internas do campesinato daquelas regiões (ibidem).

Para Martins, o conceito de frente de expansão foi incorporado ao de ...sua aceção etnográfica, de quem vê o avanço da sociedade a partir da situação tribal, definindo a ...sociedade de classes (...) como se fosse uma sociedade tribal, ou melhor uma sociedade antitribal definida a partir do seu antagonismo com as sociedades tribais. (ibidem). A esta crítica já tão radical, acrescenta que os antropólogos desta última tendência, entenderam o conceito de frente de expansão ...como equivalente ao de 'frente pioneira' dos geógrafos, já que neste conceito ...não se reconhece o conflito que essa frente leva aos territórios tribais, a expropriação que é condição do seu avanço. (idem: 113). Agindo assim, estes antropólogos não relativizaram a concepção de

⁵⁵ Martins está se referindo ao livro de Darcy Ribeiro, **Os índios e a civilização**, 2ª ed., RJ: Vozes, p.7-17. (MARTINS, 1981b: 5, nota 5).

⁵⁶ Martins menciona textos de Roberto Cardoso de Oliveira, Otávio Velho, Francisca Isabel Vieira Keller, Roberto da Matta e Roque Cezar Melatti. Consultar MARTINS, op. cit: 112, nota 6.

pioneiro⁵⁷ e analisaram ...situações, como a do campesinato, nas áreas de expansão da sociedade nacional, a partir da dinâmica capitalista da sociedade... (ibidem).

Para Martins, Roberto Cardoso de Oliveira conseguiu colocar o ...tema da frente de expansão em termos mais adequados, mais ricos e mais promissores do que os que prevaleceriam depois.⁵⁸ (MARTINS, 1997b: 155), enquanto Otávio Velho colocou a ênfase nos ...aspectos propriamente econômicos da frente de expansão.⁵⁹ (idem: 155, nota 15).

Ao buscar entender a lógica de funcionamento da frente de expansão, Martins conclui que o campesinato que aí se constitui, em especial o posseiro ...não compreende a lógica do capital, mas o capital compreende a sua lógica, que não é a de quem acumula, mas de quem trabalha. (MARTINS, 1981b: 117). Ele mostra que a terra tem valor sagrado para o índio (idem: 117-8) e um sentido de valor de uso para o posseiro. É a terra ...para trabalhar e produzir (idem: 145). Desta concepção (terra de trabalho) construída

⁵⁷ Segundo Martins ...a noção de 'pioneiro' escamoteia de imediato qualquer ocupação territorial anterior. De certo modo, a concepção de 'pioneiro' nesse contexto mereceria ser analisada do ponto de vista ideológico e do ponto de vista das suas consequências sociais e políticas. Ela é sempre empregada no sentido de que pioneiro é aquele que leva para outras regiões, por isso mesmo concebidas como novas, as velhas virtudes, concepções e relações sociais essenciais da sociedade que representa. O 'pioneiro' tem sido aquele que reconhece nessas características e só nelas a própria condição humana. Por isso mesmo, a observação cuidadosa mostrará sempre que é 'pioneiro' aquele que não reconhece a humanidade de quem não o é. Isso provavelmente ficará mais claro se tivermos presente que muitos massacres de indígenas e a forma violenta como são perseguidos os posseiros na história contemporânea do Brasil estão profundamente determinados pelo não-reconhecimento da humanidade do índio e dos pobres do sertão, seja posseiros, seja trabalhadores das fazendas. (MARTINS, 1981b: 113).

⁵⁸ Segundo Martins, nos trabalho de Cardoso de Oliveira, ...a frente de expansão se define pela *situação de contato*, isto é, pelo pressuposto metodológico da totalidade, como é próprio da tradição dialética. Aí, as relações interétnicas são relações de *fricção interétnica*, o equivalente lógico, mas não ontológico, como ele esclarece, da luta de classes. Embora Oliveira esteja se referindo às relações entre índios e brancos, sua interpretação já é indicativa da impossibilidade de analisar a realidade dos protagonistas da fronteira de outro modo que não seja como momento de uma totalidade dialética e, portanto, momento de contradição e lugar de conflito. (MARTINS, 1997b: 155).

⁵⁹ Para Martins, foi nesta mudança de ênfase que ocorreu o problema. Em suas palavras: *É aí que nasce, no meu entender, a reorientação reducionista dos estudos antropológicos da frente de expansão na perspectiva do que os geógrafos definiram como frente pioneira*, dominados pelas questões econômicas, como se veria no primeiro livro do autor sobre o tema (cf. Otávio Guilherme Velho, *Frentes de Expansão e Estrutura Agrária*, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1972). Nessa orientação, a questão da centralidade do conflito, que motiva Cardoso de Oliveira, vai para um plano inteiramente secundário, embora Velho tenha dito no referido artigo (p.29), que seu trabalho 'pretende ser um desdobramento do artigo de Roberto Cardoso de Oliveira...'. (MARTINS, 1997b: 155-6, nota 15).

a partir do empírico e de um trabalho de assessoria junto à Igreja Católica, se originará mais um ponto de divergência entre o sociólogo (Martins) e o antropólogo (Velho).

Em texto de 1979, Martins questiona a questão da chamada penetração do capitalismo na Amazônia, por considerar que, na verdade, se tratava ...apenas da penetração e da invasão de latifundiários, de 'pioneiros'... sulistas, que ...têm aliados que são os tecnocratas do regime. (MARTINS, 1979c: 18). Não se tratava de ocupação capitalista característica, mas de ...uma ocupação subvencionada e forçada, não sendo a ...problemática da Amazônia... uma problemática estritamente econômica. (ibidem).⁶⁰

Para este autor, a fronteira econômica seria o espaço dos empreendimentos econômicos; a frente de expansão seria o espaço móvel do posseiro, do uso do trabalho familiar, da terra de ocupação e trabalho, da economia de excedente; a frente pioneira seria o território da propriedade capitalista da terra, da renda capitalizada, da mercadoria, da terra de compra e negócio, dos conflitos e tensões. O camponês, cuja lógica não é a da acumulação, mas a do trabalho não compreende a lógica do capital, mas este o compreende e o expropria.

Martins se encontra na fronteira com o posseiro - figura emblemática do modelo bíblico da Igreja Católica - o posseiro da elaboração teológica do Documento de Itaiaci, da busca da terra prometida, da guerra de extermínio. (WANDERLEY, Carta-resposta: 23/03/98: 4). Ele

...descobre o posseiro que está de fato, vivendo esta experiência de luta pela terra, o camponês que resiste, que será o fundamento de toda a reflexão de Martins. É importante lembrar que, o sindicalismo rural estava, praticamente, ausente nestas regiões de fronteira - Norte e Centro-Oeste. A Igreja assume, na prática, então um papel de organizadora e formuladora do discurso e mesmo da ideologia destes posseiros, embora ela nunca tenha admitido isto. (...) O chamado sindicalismo de oposição nasce neste contexto. Dá para entender porque Martins é tão crítico à Contag. Ele acha que os posseiros não estão interessados em terra legalizada, enquanto a Contag para ele está presa à luta burocrática do estatuto da Terra. (ibidem).

De acordo com Novaes,

⁶⁰ Consultar também MARTINS, 1981b: 118-24.

Martins tem uma idéia muito otimista na época, de que o campesinato vai resistir (...) que estão se gestando novas formas de uso da terra. (...) Ele vai dizer que é 'terra de trabalho', não é 'terra de negócio'. Que o camponês tem uma outra relação com a terra. E o Otávio vem em cima dizendo que o capital está lá. (NOVAES, Entrevista, 22/12/93).

Segundo Wanderley, Otávio Velho apresenta outra interpretação teórica-metodológica de uma situação similar de pesquisa:

Otávio assume a perspectiva leninista, sobretudo quando trabalha com a diferenciação (decomposição, na expressão de Lenine). Este aspecto é muito importante e, de fato, vai fazer a diferença... Ele trabalha com outras categorias e personagens da fronteira, não necessariamente trabalhados pela Igreja e ele identifica que há posseiros e posseiros. Uns são os explorados, da resistência, etc... Mas, há outros que estão acumulando posses, explorando os outros, etc. Isto é verdade. Talvez, as possibilidades de que estes kulaques consigam de fato acumular sejam remotas, a longo prazo. Mas, eles faziam e fazem parte do universo social da fronteira... (WANDERLEY, Carta-resposta, 23/03/98: 6).

Concepções teóricas distintas fomentaram também classificações/desclassificações quanto ao rótulo devido/ou indevido de populistas. Para Novaes,

Aí está... o debate entre os dois. Nesta chave, por exemplo, é que vai haver uma cumplicidade que não tinha havido antes entre Martins e Moacir. Martins, Moacir, Afrânio, tinham caminhos até diferentes. Mas nesta cumplicidade face ao rótulo populista, eles vão se reconhecer... Vão se citar... não se citavam antes. (NOVAES, Entrevista, 22/12/93).

3.2.4. A fronteira e o modo de produção camponês

Parte das pesquisas realizadas no Museu Nacional, vinculou, numa perspectiva sociológica e política, o modo de produção camponês com o modo de produção capitalista desenvolvido nas frentes pioneiras das áreas de fronteira.⁶¹ Para Velho, o modo de produção camponês é distinto do modo de produção capitalista. (VELHO, 1982: 115). Sua tese central, ligada a este tema, fundava-se nas relações entre o campesinato, a fronteira e o capitalismo autoritário. Seu propósito seria, a partir de uma perspectiva comparativa e teórica, analisar

⁶¹ É exemplificativo o trabalho de Otávio Velho. Ver VELHO, 1981; 1976; 1982: 29-39, 48-69, 75-81, 82-99. Sobre a análise de aspectos da obra de Velho, vide entre outros, WANDERLEY, 1985: 24-6; PALMEIRA, 1977a: 308-317; CARVALHO, 1980: 17-28.

...1) o papel 'democrático' de um campesinato em desenvolvimento versus um campesinato decadente; 2) a fronteira como um locus privilegiado, embora não exclusivo, para o desenvolvimento desse neocampesinato; 3) os limites à passagem ao capitalismo (mesmo como 'sócio menor') de um campesinato em desenvolvimento no interior de uma formação autoritária e as alternativas estruturais: subordinação em última instância ou aliança com elementos pós-capitalistas (levando a outros desdobramentos subsequentes). (VELHO, 1976: 105-106).

Estes estudos desenvolveram-se na região de expansão da fronteira agrícola na Amazônia e,

...revelaram a formação de um campesinato numa região até então vista apenas como locus da economia extrativa; que nos propuseram pensar o capitalismo autoritário *a partir da fronteira*; que nos revelaram os impasses e as contradições nas quais aquele campesinato recente estava imerso. (SIGAUD, 1990: 29).

Para Velho, o conceito-chave para definir este campesinato seria o de modo de produção.

(VELHO, 1976: 50). Ele partiu da noção de sistema econômico camponês de Tepicht⁶² e do materialismo histórico (Marx e Lenin) para a elaboração da noção de modo de produção camponês⁶³, com a qual trabalhou desde sua tese de mestrado [1972] (1981). (VELHO, 1982: 85). A noção de camponês utilizada por Velho envolvia a idéia de uma subordinação econômica e política.⁶⁴ Incorporou

⁶² Já em 1970 na sua dissertação de mestrado (VELHO, 1981), Velho utilizou-se de textos de Jersey Tepicht, ampliando sua compreensão da temática com textos de Chayanov. (VELHO, 1982: 84 e 64: nota 12). Tepicht foi inspiração inicial para o uso do conceito de modo de produção camponês em seu sentido restrito, ou seja, como um sistema econômico camponês (VELHO, 1982: 84) ou como um modo de produção subordinado (VELHO, 1976: 51). Para Otávio, A.V. Chayanov foi outro aliado teórico importante, juntamente com ...outros pensadores do seu grupo e com outros ainda, posteriores, que sobretudo na Europa de Leste tentaram compatibilizar as suas contribuições com a tradição marxista. (VELHO, 1992: 16). Cita como significativo o apoio logístico desempenhado pelo seu orientador no programa de doutoramento na Universidade de Manchester, Peter Worsley e por ...figuras que se associariam (idem: nota 6: 16) à esta universidade como Teodor Shanin e Boguslaw Galeski. Otávio Velho parece orgulhoso quando afirma que: ...Creio poder dizer que fui eu, então, o introdutor de Chayanov em nosso meio, apesar de nos seguintes ter sido menos fiel a sua obra que outros colegas. (idem: 16). Esta literatura passou, a partir de 1971, a influenciar trabalhos e cursos no PPGAS, dado ...o potencial dessa literatura como referencial para o trabalho de campo antropológico e na abertura de um espaço teórico para considerar o campesinato como objeto. (VELHO, 1982: 84).

⁶³ Tepicht foi fonte de inspiração para se pensar o modo de produção camponês e a oposição à classificação de agricultura de subsistência: *Rapports de l'économie paysanne avec le marché - Ces rapports pourraient être résumés comme on le fait dans la plupart des cas, en désignant cette économie comme 'partiellement marchande'. Chacun de ces deux mots a son importance. Le premier distingue le paysan du 'farmer' américain ou australien par exemple, dont la production est entièrement commercialisable. Le second s'oppose à l'identification de l'économie paysanne à l'économie de subsistance', terme assez ambigu par ailleurs: Il est tantôt employé dans le même sens qu'économie naturelle, tantôt dans le sens de ce qu'un marxiste appelle 'reproduction simple', ce qui ne signifie pas la même chose.* (Tepicht, 1973,p.27). (*apud* GARCIA JR., 1983: 127, nota 28).

⁶⁴ Para Velho ...o modo de produção camponês se define não só por suas características endógenas, entre as quais a exploração familiar como unidade típica, mas por ser *subordinado*, sofrendo ao mesmo tempo a influência do dominador e uma

no seu primeiro trabalho sobre o campesinato⁶⁵ a influência do estruturalismo⁶⁶, ou seja, a noção de modelo, numa visão formalista, cuja concepção de camponês seria muito marginal e ...reflexo da posição de Caio Prado e de outros no campo intelectual. (VELHO, 1992: 12).⁶⁷ Através de uma análise leninista e de dados obtidos em pesquisa de campo, Velho aponta para a face burguesa de um campesinato que, desde os anos 50, passou a se desenvolver e desmarginalizar na região do Maranhão e sul do Pará. Estes seriam formados por três amplas camadas de camponeses: a camada superior de culaques (uma espécie de burguesia-camponesa); a segunda camada uma espécie de campesinato médio, que pode utilizar mão-de-obra extrafamiliar e a ...massa do campesinato, muito dependente dos pequenos comerciantes culaques. (idem: 208).

ausência de alternativas provocadas pelas pressões 'exógenas' que o fazem subordinado e às quais de alguma forma opõe resistência. O aparecimento da face pequeno-burguesa do campesinato estaria ligado ao primado do valor de troca no modo dominante e a esse jogo simultâneo de influências, pressões e resistências. Idealmente, ao se romper a pressão, estaria então rompida a situação camponesa e a face burguesa se tornaria dominante, ocorrendo então livremente a polarização de classes no seio do antigo campesinato. Tal, no entanto, pelas razões apontadas, tenderia a não ocorrer de forma dominante sob o capitalismo autoritário. Sob o capitalismo burguês essa *evolução* poderia se dar em parte, mas ao lado, em graus variados, de sua *destruição* por pressões burguesas externas, e não apenas sua *subordinação*. (VELHO, 1982, nota 12: 64-5). Em sua tese de doutorado [1973] (VELHO, 1976), Velho mostrou que considerava modo de produção o conceito chave para referir-se ...à produção camponesa sob o capitalismo autoritário como uma forma subordinada de produção. (idem: 50). Através de análise comparativa, mostrou que na fronteira se deu a convivência de um campesinato em desenvolvimento com um campesinato decadente. Vide, VELHO, 1976: especialmente cap. IV, VI, X, XII e XIII).

⁶⁵ Refere-se ao seu artigo "O conceito de camponês e sua aplicação à análise do meio rural brasileiro". (VELHO, 1982: 40-47) Segundo Otávio Velho este artigo ...foi bastante utilizado em cursos de graduação e (...) atendia a uma certa demanda por cientificidade da época. Foi o primeiro dos meus trabalhos que traria a curiosa experiência de ver a sua existência e utilização ganhar autonomia em relação à trajetória do meu próprio pensamento. (VELHO, 1992: 12) Cita ainda que este artigo inspirou projetos de pesquisa como os de Maria Conceição D'Incao e Melo em 1975 e Klaas Woortmann. (ibidem)

⁶⁶ Conforme Velho aponta, esta influência do estruturalismo não foi sob a forma da versão ensaística. (VELHO, 1992: 12).

⁶⁷ A noção de campesinato marginal com que trabalha em sua tese de doutorado parece ser originária da noção de camponês residual de Prado Júnior, especialmente no que se refere à força política deste campesinato. Ou seja: O ponto básico a ser acentuado é que em última análise assiste-se aqui, mais uma vez, ao *desenvolvimento capitalista de um sistema originalmente baseado na repressão da força de trabalho, através de sua transformação gradual e não-revolucionária*. (VELHO, 1976: 119). Ver também VELHO, 1992: 119.

Ele concebeu a questão da diferenciação social através da hipótese de que não existe uma ...oposição pura e simples entre camponeses e proletários e que estes devem ser pensados como

...um *continuum* com dois casos-limites entre os quais teriam de ser colocadas todas as situações em que parceiros, meeiros, arrendadores etc. podem ser encontrados em nosso interior em graus diversos de autonomia de trabalho. Dada a variedade dessas ocorrências, parece mais justo situá-las como pontos em um continuum. (VELHO, 1982: 45).

Os critérios definidores da posição social neste *continuum* seriam os de ...terra escassa, mão-de-obra abundante, alta integração no sistema nacional e internacional (VELHO, 1982: 44), que estabeleceriam o grau de proletarização ou de campesinidade. Esta conclusão baseia-se na noção de camponês, considerando satisfatório o critério estabelecido por Caio Prado Júnior para caracterização de camponeses, ou seja, trata-se de pequenos agricultores autônomos. (VELHO, 1982: 43) A elaboração de um modelo baseado em critérios definidores da relação terra/mão-de-obra/integração no sistema nacional e internacional demarcariam os dois casos-limites extremos: a campesinidade ou a proletarização. (idem: 44)

Conforme indica Wanderley,

Otávio, mesmo tendo partido do conceito de modo de produção camponês subordinado, na verdade o abandona para adotar a decomposição leninista. (WANDERLEY, Carta-resposta, 23/03/98: 6).⁶⁸

Para Otávio Velho, o campesinato da fronteira manteria relações sociais e econômicas ditadas pela lógica de sua inserção no mercado. Este campesinato oscilaria ora para uma economia de mercado ora para uma economia de subsistência. Conseqüentemente, a pequena produção poderia vivenciar possíveis trajetórias sociais ascendentes. O campesinato da fronteira não era o campesinato da

⁶⁸ Ainda segundo Wanderley: ...não é a partir do conceito de mp camponês que Otávio chega à diferenciação/decomposição. Chayanov minimizava a decomposição, no sentido leninista; para ele a diferenciação do campesinato é sobretudo demográfica, isto é, tem a ver com as diferenças resultantes do ciclo de vida das famílias camponesas. Otávio chega à 'face burguesa do campesinato' através de sua análise leninista. (WANDERLEY, Carta-resposta, 23/03/98: 7).

plantation, que era mantido imobilizado pelas dívidas contraídas nos barracões, pela doação de pedaços de terra, pela violência, etc. (VELHO, 1976: 119).

Os camponeses da fronteira foram analisados a partir da busca do entendimento teórico-metodológico e político do como se processava o amadurecimento do regime autoritário imposto pelo capitalismo autoritário no Brasil nos últimos anos. (VELHO, 1976). Agindo assim, Velho procurou desvendar a lógica própria deste sistema, dos mecanismos de cooptação por ele empregados (idem: 229); da tendência estrutural à desigualdade e à concentração da renda (idem: 230); do jogo político, da face democrática, episódica e secundária da burguesia (idem: 231) e dos ...resultados do seu 'sucesso' relativo para superá-lo. (ibidem). Baseando-se em Tepicht conclui que:

Já mencionamos como que no capitalismo autoritário um campesinato pode constituir até uma base de massa para o fascismo. Em nossa opinião a questão da autonomia e da trajetória social, seja dada sociologicamente ou engendrada politicamente, é crucial na determinação de seu papel político. (idem: 233).

Velho indaga-se sobre quem adquiriria a hegemonia inicial sobre as massas rurais na fronteira.⁶⁹ Para ele, dentro da vivência do capitalismo autoritário estariam tensões e possibilidades para a passagem a um novo modo de produção, quando ao desenvolvimento desigual extremo se contrapõem forças subordinadas dinâmicas e alianças de classe que buscariam nas contradições a superação deste sistema. (idem: 244-6).

⁶⁹ Segundo Velho, ...é a trajetória social ascendente de indivíduos e classes e os limites impostos a essa ascensão que parece crucial. Deve-se também evitar qualquer economicismo que vincule mecanicamente posição sócio-econômica e atitude política. Não só a trajetória é crucial, mas essa pode ser alterada politicamente, e as ideologias de grupos, partidos e classes, dependendo de situações concretas, podem espalhar a sua influência. Em última análise, é a disputa pela hegemonia que decide o futuro das sociedades humanas. Nessa disputa, a existência de uma massa de pequenos produtores que não seja apenas um resquício de épocas passadas aumenta a possibilidade da classe trabalhadora não ser isolada e do fascismo não coroar o desenvolvimento do capitalismo autoritário como a solução última para as suas próprias contradições. (VELHO, 1976: 242).

Ao lado da noção de modo de produção camponês⁷⁰ empregada por ele aos camponeses da fronteira, desenvolveram-se outros estudos, que ele criticou como privilegiadores da análise das características internas e da típica unidade da produção familiar. (VELHO, 1976: 51). Velho não acreditava que ...a produção camponesa em si mesma implicasse em ausência de lucro como motivação, como foi afirmado por Chayanov (1966).⁷¹ (VELHO, 1976: 52). Esta discordância o distancia, teoricamente, do grupo que encontrou em Chayanov⁷² a inspiração teórica. Na verdade, existiam dois universos de análise nestes estudos, a saber: os autores que privilegiavam o nível da macro análise e o da microanálise. Estes posicionamentos teórico-metodológicos consideravam, segundo Velho, a noção da existência de um ...caráter subordinado da produção camponesa e ligavam-se

...à visão marxista usual do campesinato como constituindo uma pequena burguesia especial, a qual se apresenta sob duas formas diferente: a que acentua a sua posição basicamente homogênea em face da sociedade (e que para certos propósitos pode ser relacionada à visão do campesinato como constituindo um modo de produção específico) e a que considera como primordial a sua tendência a uma diferenciação de classe interna. De fato essas duas visões do

⁷⁰ De acordo com Velho: Se aceitarmos a possibilidade de ver o campesinato constituindo um modo de produção, e dizemos que não desaparece como o advento do capitalismo autoritário, a sua subordinação segue-se como uma consequência teórica natural, ao mesmo tempo resolvendo a possível objeção a considerar esse modo de produção como tal pelo fato de 'isolado' não se reproduzir a si mesmo. É a própria subordinação que garante a sua reprodução. (VELHO, 1976: 51).

⁷¹ Para Velho ...'as motivações' como um todo parecem constituir um argumento espúrio para a análise estrutural, incluindo a sua idéia de um equilíbrio através de retornos decrescentes, entre o 'esforço' de trabalho e as necessidades familiares. Em última análise isso não parece tão exclusivo da produção camponesa, embora certamente a maneira pela qual se realiza e Chayanov descreve pareça de fato iluminar de forma importante a natureza da produção camponesa a um nível de microanálise. (VELHO, 1976: 52).

⁷² Otávio é adepto da posição de que: Em termos ideais (...) enquanto se mantém a subordinação, o campesinato representa acima de tudo um modo de produção específico. No entanto, se essa subordinação desaparece ou se enfraquece uma 'face burguesa' pode vir à superfície. (VELHO, 1976: 55). O campesinato constituiria para Velho uma classe política e existiria uma articulação entre o político e o econômico. (idem: 57-8). Já para Garcia Jr. sua tese ...baseia-se na concepção do modo de produção camponês, mas não é um estudo do modo de produção camponês. O que procuramos fazer foi partir da análise etnográfica das representações e dos modelos de comportamento de pequenos produtores determinados sobre sua prática econômica, para então tentar reconstruir a economia do pequeno produtor. As classificações e categorias ideológicas dos agentes são nosso ponto de partida, porque são elas que os inserem em suas práticas. Não se tratava de ver a racionalidade de comportamentos dada a priori, mas de conhecer a racionalidade dos comportamentos efetivos. É claro que as classificações e categorias imediatas não explicam estas práticas, no sentido de sua explicação científica pois sua realidade seria então transparente. Porém, é através delas que se pode saber o que se relaciona com o que, a menos que se queira impor um modelo de relações próprias à ideologia do pesquisador. (GARCIA JR., 1983: 17-18). Em Chayanov, Garcia Jr. encontrou elementos para entender as leis de funcionamento e de movimento particulares, ou seja ...a indicação de que o estudo da especificidade da economia camponesa está na importância que aí assume o trabalho familiar. (idem: 15).

campesinato não têm expressado apenas dois pontos de vista 'acadêmicos', mas podem ser encontrados por detrás de importantes controvérsias políticas... (VELHO, 1976: 52-3).

Velho também foi criticado por ter empregado o conceito de modo de produção camponês como o fez em sua tese de doutoramento.⁷³ Para Palmeira, um destes críticos, os pontos fracos da análise de Velho referem-se ao fato de Otávio Velho ter privilegiado a concepção de campesinato com modo de produção baseada na concepção de Tepicht de modo de produção necessariamente subordinado e tê-la conciliado com ...a concepção do campesinato como uma protoburguesia. (PALMEIRA, 1977a: 315). A questão posta por Palmeira refere-se ao caráter ambíguo da categoria subordinação do modo de produção camponês:

Onde fica a especificidade dessas regras se, no momento em que a subordinação é suspensa, o campesinato aparece ipso facto como uma burguesia talvez sem os ares 'civilizados' de uma burguesia citadina, mas burguesia? (...) (idem: 316).

E ainda:

Mas onde fica nesse caso a especificidade do modo de produção camponês? É conveniente lembrar que os autores nos quais se inspira Otávio Guilherme Velho para formular a idéia de uma protoburguesia vêem também o campesinato (ou uma parte dele) como um protoproletariado. Por que a suspensão de subordinação do campesinato revelaria apenas e necessariamente a sua 'face burguesa'? (ibidem).

Ainda segundo Palmeira, quando Velho enfatizou a ...fronteira como ponto de partida e objeto de suas reflexões, deixou de relativizar este conceito, empregando-o enquanto ...uma fronteira turneriana (física e aberta), e pergunta-se se agindo assim, Velho não estaria ...descartando os conflitos reais da fronteira que diriam respeito à trajetória descendente de um 'campesinato marginal' em liquidação? (ibidem).⁷⁴

Palmeira ainda indaga:

...privilegiar a posição política potencial de um campesinato protoburguês da fronteira física e não as implicações de uma trajetória de classe sobre o próprio 'projeto político' de uma classe,

⁷³ Vide artigo de Moacir Palmeira (PALMEIRA, 1977a) e resposta de Velho (VELHO, 1982: 82-99).

⁷⁴ Nesta direção também se deu a crítica de Martins quanto ao uso que Velho faz da noção de fronteira (similar de frente de expansão). Consultar item anterior.

como pretende, a fronteira física [entraria] apenas como exemplo privilegiado? Será que a tentativa de descolar o suporte social da democracia da burguesia como um todo para o que seria uma 'pequena burguesia especial' não pode terminar por reintroduzir o mito turneriano da democracia de fronteira, com todas as implicações que Otávio Guilherme Velho nos revela? (ibidem).

Otávio Velho, respondendo às críticas de Palmeira, historiciza o uso da categoria modo de produção camponês:

...existem autores que buscam compatibilizar as reflexões sobre o sistema econômico camponês feitas a partir dos chamados neopopulistas russos com o materialismo histórico. Outros só o fazem marginalmente. Trata-se de esforço extremamente difícil e do qual surge a noção de modo de produção camponês. Tepichit pertence a esse primeiro subgrupo. Ao mesmo tempo, é o mais explicitamente 'político' de todos esses autores, o que é atestado não só por sua vida extra-acadêmica, mas também por seus trabalhos. (VELHO, 1982: 85).

Reportando-se a Marx e principalmente a Lenin, ele nos lembra que estes são os principais autores a referirem-se ...ao campesinato como (pequena) burguesia, embora não certamente a qualquer campesinato, como indaga Palmeira. (idem: 86) Ao fazerem isto, estes clássicos, estariam realizando uma análise política. Ao responder à crítica de Palmeira diz que:

...o campesinato que se proletariza já não é, no limite, um campesinato, ao passo que o campesinato que foi objeto principal de [seu] interesse no livro é, por assim dizer e no sentido acima, uma pequena burguesia, e não apenas uma burguesia em potencial. (VELHO, 1982: 88).

Para Otávio Velho, a especificidade do campesinato ...tem sido em geral vista como referindo-se à caracterização do grupo doméstico como unidade de produção e de consumo (ibidem), o que ...permite por exemplo distinguir (...) a noção de proletariado da de pequena burguesia camponesa. (ibidem). Para ele, a especificidade camponesa não existia⁷⁵, podendo esta questão resgatar somente ...o estudo do

⁷⁵ Velho afirma que: Mas, exatamente deslocada a problemática para o campo da política, a meu ver, não cabe propriamente responder à questão de qual a especificidade do campesinato, pequeno-burguês ou não, nem em supor haver a identificação de uma camada camponesa com o campesinato. Explicitamente *nego* essa especificidade ao afirmar que apenas formalmente tratar-se-ia sempre do mesmo ator social. (...) A especificidade estaria dada, por assim dizer, em outro nível, o que não deve impedir o estudo das *diferenças*, muito coincidente com uma preocupação da Antropologia, embora nem sempre tendo o seu melhor tratamento na redução a variantes, como na prática estruturalista. É nesse sentido, aliás, que também ganha toda a sua força o tema clássico das diferenciações internas aos grupos camponeses concretos, uma vez despedido de qualquer carga evolucionista, economicista ou metafísica. (VELHO, 1982: 90).

campesinato de uma enorme indeterminação sociológica (VELHO, 1982: 90) e conduzir, no entanto, a posicionamentos populistas⁷⁶, quanto ao tratamento deste tema.⁷⁷

A questão da especificidade remeteria também à da resistência que, para Velho, seria questionável, uma vez que: ...'Resistência' supõe uma atitude única de um ator único diante de atores também únicos. (VELHO, 1983b: 34). A noção de ambigüidade seria mais adequada (ibidem) e explicaria melhor as diferenciações econômicas e as estratégias diversas presentes nas pontas diversas das ambigüidades.⁷⁸

O modo de produção camponês define-se para Velho, tanto por suas características endógenas (exploração familiar como unidade típica), quanto por pressões exógenas, já que se encontra subordinado ao modo dominante de produção. (VELHO, 1982: 64-5, nota 12). Os camponeses podiam, no entanto, exercer pressões e resistências, que idealmente poderiam levá-los a romper com a

⁷⁶ Segundo Velho a importância que atribui às pequenas burguesias camponesas ...e que não é exclusiva, a questão da hegemonia estando bastante presente, é assim, coincidente com a tradição clássica do marxismo, de que constantemente nos olvidamos ao pretender pensar a história simplesmente da ótica suposta, muitas vezes idealizada e deformada, dos pobres e oprimidos *tout court*. Chegaria mesmo a arriscar estar presente nesse 'desvio' populista (entre nós ao que parece de inspiração cristã) um sério caso de contrabando ideológico, obviamente permitido por um paternalismo e um moralismo de classe muito acentuados, bem como por uma dificuldade em se relacionar e aceitar 'homens reais', mesmo quando camuflado por argumentos teóricos. Em casos extremos isso chega a tomar a forma de um horror santo a que se sugira possa o camponês ter algo a ver com o capitalismo e com seu 'espírito'. A meu ver, um risco que ronda mesmo os melhores antropólogos (e não só os que dedicam ao estudo do campesinato) é o de, ao se insistir, por bons motivos éticos e científicos, no reconhecimento de lógicas sociais múltiplas, acabar por se negar, por outro lado, em toda a sua extensão e consequências, o desenvolvimento capitalista em suas diversas modalidades, independentemente das simplificações e/ou adesões que hajam sido cometidas em nome disso. (VELHO, 1982: 90-91) Sobre esta sua crítica ao posicionamento populista, vide VELHO, op. cit.: 95-6, 104, 105, 111, 126, 127, 133, 134, 135, 136, entre outras. Vide, em especial, o artigo "Da aparente relação entre concepção e estratégia" (VELHO, idem: 137-145). A esquerda populista estaria ligada à agrupamentos políticos particulares. (idem: 138) Para Velho os populistas influenciaram a vertente da Igreja Católica ligada à Teologia da Libertação. Vide seu artigo "A propósito de terra e Igreja". (VELHO, idem: 125-136).

⁷⁷ Para Velho, a ...ciência social praticada entre nós nos últimos anos tem dado muita ênfase à especificidade dos grupos e classes sociais. Isso se fez em parte como crítica a noções extremamente abstratas de cultura e sociedade, que diluíam a realidade das diferenças e dos conflitos. Todavia, ao se confundir determinado nível de análise com uma realidade naturalizada, esses grupos e classes sociais transformaram-se como que em átomos fixos, por vezes transformados em entidade abstratas. No caso presente: campesinato, Estado, capital etc. (VELHO, 1983b: 34).

⁷⁸ Estas ambigüidades ligam-se às noções de ...terra como valor de uso *versus* terra como mercadoria; autonomia *versus* dependências calculadas etc. (VELHO, 1983b: 34).

situação camponesa fazendo com que despontasse sua face burguesa, que é dominante sob o capitalismo autoritário. (ibidem).

O autor referenda-se num recorte empírico que identificava a trajetória social de uma pequena burguesia camponesa na fronteira⁷⁹, a partir da focalização da circulação e vinculação ao mercado⁸⁰. Consequentemente, as concepções sobre economias de subsistência, ou economia natural, seriam criticáveis porque ...supunham campesinatos desvinculados de relações de mercado, ou a partir de um modelo único de relação subsistência-mercado.⁸¹ (VELHO, 1982: 93). Para Velho, estes estudos não analisaram a relação existente entre a economia de subsistência e os circuitos de mercado⁸² (idem: 93), não

⁷⁹ Conforme Velho o objeto de seu interesse eram as pequenas burguesias camponesas, que constituíam um subtipo particular que tendeu ...a definir pela trajetória social ascendente. (VELHO, 1982: 90). No entanto, nem o processo de aburguesamento ou proletarianização do campesinato estava dado a priori. (idem: 92). Segundo Suárez, o fato de Otávio apreender o significado de mudança potencial que tem a fronteira, permitiu-lhe ... ver nos grupos agrários de fronteira forças dispostas a romper barreira e a ascender. (SUÁREZ, 1984: 314-5). No entanto, somente os ...estudos etnológicos sobre a estrutura e organização social destas comunidades (idem: 315) poderiam melhor informar este debate. Para Velho porque a ...lógica da produção camponesa [é] diferente da produção capitalista, é possível para o camponês vender o seu produto a preços que para o capitalista representariam um prejuízo (VELHO, 1976: 198) O uso do sobretabalho permite ao camponês vender seu produto mais barato. O trabalho familiar não é empregado como critério definidor do estatuto de camponês, mas para demarcar uma racionalidade econômica, ou seja, segundo Velho ...ao não se 'remunerar' e a sua família, é também capaz de resistir melhor do que um capitalista a uma situação onde os preços são baixos ou onde não existem compradores para o seu produto, recuando para a subsistência (idem: 199), ou expandindo onde há a retração da produção capitalista, fazendo com que ...esse campesinato parece estar gradativamente se desmarginalizando. (ibidem).

⁸⁰ De acordo com Velho é importante ...revalorizar a *circulação* como elemento da conjunção que determina as situações históricas. (VELHO, 1982: 89). Baseando-se em Lenin, lembra que: Trata-se, apenas, de não pensar a circulação abstratamente, mas em suas diversas modalidades concretas e a partir do estabelecimento ou do processo de estabelecimento de um núcleo produtivo dominante. (ibidem). Sua argumentação vai no sentido ...de se pensar as relações (políticas e outras) que não se reduzem à circulação de mercadorias. (ibidem).

⁸¹ A crítica que Velho faz a estes estudos refere-se ao fato de que, ao estudarem a especificidade camponesa geral, não enfatizaram a análise das diferenças quanto sua inserção no mercado, vista segundo ele através de um modelo único. (Velho, 1982: 93). Ou seja, este ...modelo único (de que se teriam apenas variações submetidas a invariantes precisas) determinado por um mecanismo de alternatividade subsistência-mercado que se liga diretamente a uma lógica geral de funcionamento interno da unidade camponesa segundo suas necessidades sociais de reprodução e que passa a integrar a própria concepção de campesinato. Diversos estudos de caso de primeira qualidade realizados no Nordeste (esp. Garcia Jr., 1976) fixaram o padrão. (VELHO, 1982: 93). Para Velho, grande parte ...dos estudos sobre a produção camponesa tem se concentrado nas suas características 'internas' e na sua típica unidade de produção familiar. (VELHO, 1976: 51).

⁸² Vide em VELHO, 1982: 93-94, exemplos de estudos sobre a integração da produção camponesa ao mercado.

consideraram a integração vertical nem a lógica do cálculo camponês.⁸³ (idem: 94). Outro elemento de diferença relaciona-se à própria concepção de produção camponesa na Amazônia, sua vinculação com as frentes pioneiras instauradas com a dominação capitalista nesta região e com a frente de expansão ligadas à dominação do capital comercial e/ou usuário. A produção camponesa ou era vista como possuindo uma ...autonomia ao nível da produção e mantendo uma ...resistência à expropriação e a formas de dominação capitalistas nas frentes pioneiras, era organizada a partir do capital comercial e/ou comercial-usurário na frente de expansão (VELHO, 1983b: 33), não oferecendo-lhe qualquer resistência. Como consequência, o sentido elaborado para as concepções: terra, cativo, autonomia, resistência, ambiguidade, subordinação, etc, variavam. As perspectivas analíticas, privilegiariam as contradições ou a partir da organização do sistema capitalista ou da produção camponesa.

Como Otávio Velho parte sua análise do dinamismo da fronteira e do ...caráter mais amplo da frente, ele considerou as atividades lá desenvolvidas pelo pequeno produtor como algo que se sujeita à ...ocorrência de 'recursos' exploráveis, [à] inexistência de uma estrutura tradicional e ao encontro de outras atividades alternativas, ...que servem como escoadouro⁸⁴. (VELHO, 1982: 36). Por conseguinte, o pequeno produtor da fronteira é apresentado, nos textos, como possuindo um caráter mais competitivo e executando atividades econômicas com possibilidades de ascensão e igualdade⁸⁵, embora este

⁸³ Velho sugere que não se desconsidere a parte da obra de Chayanov ...que trata da chamada 'integração vertical' (...), ou seja, da incorporação da produção camponesa ao sistema inclusivo, [e que] não tem merecido muita atenção entre nós. (VELHO, 1982: 92). Ainda lembra-nos que o conceito de integração vertical tem ...muito a ver com o que Lenin denominava desenvolvimento capitalista em extensão. Na verdade lança luz, inclusive, sobre a tendência à passagem da 'extensão' à 'profundidade' com a incorporação final, por via gradual e singular, à grande produção, bem como sobre a natureza do jogo complexo de contradições característico de todo esse processo. Tudo isso tem a ver, também, com uma refocalização da circulação. E creio ser esse um dos pontos de partida possíveis para se pensar as *diferenças* no que diz respeito ao campesinato no Brasil. (ibidem).

⁸⁴ Com o fechamento de uma atividade, como por exemplo a extração da castanha ...pode-se voltar para outras atividades, que servem como escoadouro. (VELHO, 1982: 36).

⁸⁵ Para Velho, estes produtores ...participam intensamente de um processo de mudança, em contraste com os membros de uma sociedade tradicional. Têm bastante consciência da mudança, e por isso vivem muito mais em função do presente e do

produtor ainda esteja inscrito nos ...mecanismos de poder manipulados pelo estrato dominante e que não estão ao seu alcance.⁸⁶ (ibidem). Otávio Velho critica os estudos que não levaram em consideração os conflitos internos vivenciados pelo campesinato⁸⁷ e tem também seus textos criticados por este mesmo motivo.⁸⁸

Segundo Palmeira, foi pelo fato de privilegiar a noção de fronteira e ...identificar uma trajetória ascendente do campesinato, visto como ...uma protoburguesia, como uma camada de kulaks 'modernizante', que Velho descartou ...os conflitos reais da fronteira que diriam respeito à trajetória descendente de um 'campesinato marginal' em liquidação... (PALMEIRA, 1977a: 316). Ainda segundo Palmeira, o emprego da concepção de modo de produção camponês fez com que Velho desvendasse ...apenas e necessariamente a (...) 'face burguesa'... deste campesinato e privilegiasse

...a posição política potencial de um campesinato protoburguês da fronteira física e não as implicações de uma trajetória de classe sobre o próprio 'projeto político' de uma classe... (ibidem).

Velho rebate a crítica afirmando:

Tal como no caso das ações individuais (até mesmo de cientistas sociais!) a meu ver são essas possibilidades, ligadas a posições assumidas, mas também nas suas contradições, que fornecem

futuro que do passado, sendo que a inexistência de uma classe dominante tradicional e a facilidade de acesso à terra fazem com que as relações entre os indivíduos sejam mais secularizadas e de igual para igual. (VELHO, 1982: 36).

⁸⁶ Velho escreve que na década de 70, a frente agropecuária na Amazônia vivenciava um sistema de estratificação mínima dada a abundância de terra e da relativa facilidade de acesso a ela, sendo pequena a distinção de *status* entre o proprietário e o não-proprietário, ou seja: O dinamismo da frente hoje está intimamente ligado à busca de terra. Na medida em que é ocupada, os novos contingentes tendem a se internar mais na mata, e assim avança a frente. Na região que fica para trás, é possível que, com o tempo, se acentue a distinção entre os primeiros povoadores - que retêm a posse da terra - e os novos contingentes populacionais; ou então entre aqueles que tiveram maior sucesso econômico, com isso passando a controlar, legal ou ilegalmente, a terra dos outros, e os demais. (VELHO, 1982: 36).

⁸⁷ Segundo Velho ocorria às vezes ...uma espécie de idealização da própria unidade familiar, com relação à qual acabamos nos colocando inclusive politicamente, numa posição conservadora, não damos margem para examinar esses conflitos internos. (VELHO, 1982: 114).

⁸⁸ Este é dos aspectos do debate Moacir Palmeira x Otávio Velho nos anos 70. (PALMEIRA, 1977a; VELHO, [1978] 1982: 82-99).

as bases para um projeto de classe; e não uma autonomia garantida pela suposição da não-integração. (VELHO, 1982: 96).

O autor acentua os aspectos sócio-políticos e os da lógica da inserção dos produtores a uma estrutura de estratificação social de mercado. Para Velho, o pequeno produtor nas áreas de fronteira é, para o capitalista, além de posseiro incômodo, o fornecedor de arroz, o cliente, o eleitor e até mesmo o compadre. (idem: 79). Para se empregar as categorizações besta-fera, cativo, etc, é preciso entendê-las de forma politizada, relativizada e inserida em seu contexto (idem: 78), já que os pequenos produtores da fronteira não constituem uma massa homogênea (idem: 80) e nem encontram-se marginalizados política ou economicamente. (idem: 104).

Otávio Velho, apesar de suas críticas e sugestões, e talvez por temer incorrer numa atitude empiricista e populista⁸⁹, privilegiou o uso de procedimentos metodológicos⁹⁰ e esquemas teóricos mais gerais. Como indica a reflexão de Tavares dos Santos sobre o clima intelectual deste período, tais procedimentos demarcaram encontros e/ou desencontros, continuidades e/ou descontinuidades a nível teórico-metodológico, político ou pessoal:

⁸⁹ Velho criticava aqueles que se transformaram em porta-vozes do objeto da pesquisa, ou tradutores diretos de suas categorias de pensamento (VELHO, 1982: 129) e aqueles que se dividem quanto a ...perspectivas de: 1º) afirmar a existência e importância do pequeno produtor rural; 2º) afirmar, complementarmente, seu caráter *não-capitalista* ou, mesmo *anticapitalista*. Na visão populista a articulação entre essas duas afirmações é fundamental. E, a propósito, é importante assinalar que a segunda delas tem-se beneficiado, explícita ou implicitamente, por se basear num critério identificado com o marxismo: a *produção*. Segundo o raciocínio desenvolvido, já que a pequena produção familiar não se baseia no trabalho assalariado, não é capitalista. Pode-se mencionar de passagem que trabalhos acadêmicos de orientação marxista feitos entre nós nos últimos anos têm efetivamente compartilhado, *grosso modo* essa visão, e ao que me parece terão influído e/ou sido influenciados por ela. Uma dessas tendências é a que se utiliza da noção de *modo de produção camponês* e/ou da de uma *lógica camponesa* específica. Outra concepção, que surgiu como alternativa teórica, é a da *produção capitalista de relações não-capitalistas*, a qual parece ter tido influência mais direta sobre a Igreja. Embora pretendendo evitar os 'dualismos' implícitos por suposto na tendência anterior, compartilha no entanto a mesma concepção de produção e do seu primado. (idem: 127-8).

⁹⁰ Wanderley considera que as posições de Velho refletem ...sua resistência a adotar o campesinato como bloco único e os resultados ...de dados obtidos em pesquisa, tão legítimos e verdadeiros quanto os outros. (WANDERLEY, Carta-resposta, 23/03/98: 7). Apesar de concordar com Wanderley o que indico aqui é o fato de que os esquemas teóricos e procedimentos metodológicos e até mesmo os posicionamentos políticos marcaram positiva e/ou negativamente os vários saberes disciplinares aqui analisados.

Talvez lá, nestas estantes, eu tenha descoberto, num dia de janeiro de 75, o livro de Chayanov, que todos conhecem, que tantos ensinamentos e dissabores viria me provocar. (...) Evidentemente, o clima intelectual da época nos impediria de uma incorporação tranquila a saber, que aquele autor, condenado por Lenin, poderia figurar em nossa bibliografia. Entretanto, o paralelismo entre o Chayanov e o Marx era possível, porque nos levou a um diálogo, ainda que distante, com o grupo de Moacir Palmeira e Afrânio Garcia, cujos trabalhos, simultaneamente, embora sem muito contato, armavam uma profícua composição, entre Lévi-Strauss, Marx, Chayanov primeiro, ao que se juntaria mais tarde, a influência de Pierre Bourdieu. (...) As dificuldades de fazer verossímil tal análise, malgrado a evidência empírica apresentada, decorriam da conjuntura teórica da época, fortemente marcada pelo marxismo-leninismo, pela concepção das leis gerais de tendência do capitalismo, dos embates políticos acerca do desenvolvimento do capitalismo no campo brasileiro. Tais embates oscilavam entre uma descrença na existência mesmo do campesinato, seu caráter transitório até uma exortação, por algumas correntes políticas das virtualidades inatas ou essenciais do camponês. Este período pode ser chamado também período da transição democrática da sociedade brasileira, a partir de 75 se quiser. (...) Na realidade, naquela época, quando se abordava a questão camponesa (...) havia de imediato toda uma armação de conflitos e de defesas, de agressões que impedia a análise da realidade social... (TAVARES DOS SANTOS. Mesa Redonda/APIPSA: 07/12/92).

A prática teórico-metodológica elaborada sobre a realidade encontrada na fronteira acabou sendo, simbioticamente, trespassada pelas construções ideológicas e por uma retórica que buscava refazer e direcionar, nos textos, o mundo real. Saberes disciplinares parecem ter sido contaminados por uma retórica que, ao burilar conceitos e chavões descolou-se da realidade.

3.2.5. A fronteira e a *plantation*: processo de diferenciação interna do campesinato e/ou de proletarianização

Nos vários estudos sobre o processo de diferenciação e/ou proletarianização rural estavam presentes as discussões sobre a estrutura das classes sociais surgidas no processo de desenvolvimento do capitalismo na agricultura; a discussão sobre o destino sócio-político do país e dos segmentos sociais rurais; a integração e/ou exclusão da produção familiar ao capital comercial, industrial ou financeiro e o aumento da oferta de mão-de-obra temporária (volantes, bóias-frias, diaristas, avulsos, clandestinos,

etc).⁹¹ O resultado foi a concepção de uma dicotomia camponês x proletariado rural⁹² onde os critérios da diferenciação ainda eram os econômicos. As pesquisas sobre esta temática foram feitas privilegiando a lógica da racionalidade econômica do capital e/ou a lógica interna da produção camponesa. Estas tendências sofreram várias críticas.⁹³ Segundo Tavares dos Santos,

...a categoria de 'diferenciação social' funcionaria como sinônimo inevitável de decomposição do campesinato, para o qual se percebiam, a nível teórico apenas duas alternativas lineares: ou a proletarianização dos camponeses ou sua conversão em 'pequenos burgueses'. (TAVARES DOS SANTOS, 1991: 38).

Quanto ao recorte analítico, estas pesquisas foram executadas a partir de categorias históricas, econômicas e/ou políticas de caráter macro-estrutural, que apreendiam a produção camponesa enquanto vinculada à lógica da acumulação do capital, ou senão elaboradas através de um recorte micro ou regional para compreendê-la internamente.

⁹¹ Para informações sobre estas denominações e seu significado para as várias regiões do Brasil, consultar: GOMES DA SILVA & RODRIGUES, 1976: 6).

⁹² Vide como referência o texto de Otávio Velho: "O conceito de camponês e sua aplicação à análise do meio rural brasileiro" (VELHO, 1982: 40-47) e entrevista dada à revista Proposta e republicada In: VELHO, 1982: 107-124, sob o título Entrevista com Otávio Velho. Esta dicotomia seria resultante da tradição marxista, que supunha de um lado, que a superação do capitalismo estaria ...ligada a uma dinâmica interna ao próprio capitalismo [cujo] ...desenvolvimento capitalista não é visto como um mal absoluto, mas como uma precondição para transformações ulteriores. De certa forma, e este, por exemplo, o pano de fundo que (no caso malfadadamente) fez com que o advento do *bóia-fria* tendesse a ser visto como um dado paradoxalmente positivo, indicador da proletarianização que acompanha o desenvolvimento capitalista. Já a perspectiva populista é basicamente de superação do capitalismo por *resistência* (externa). (VELHO, idem: 127) Do outro lado da questão estaria a perspectiva da ...existência e importância do pequeno produtor rural [e do] ...caráter não-capitalista ou, mesmo, *anticapitalista* [desta produção]. (ibidem) Ainda segundo Otávio Velho, na ...visão populista, a articulação entre essas duas afirmações é fundamental. E, a propósito, é importante assinalar que a segunda delas tem se beneficiado, explícita ou implicitamente, por se basear num critério identificado com o marxismo: a *produção*. Segundo o raciocínio desenvolvido, já que a pequena produção familiar não se baseia no trabalho assalariado, não é capitalista. (ibidem).

⁹³ Segundo Graziano da Silva, a questão da diferenciação envolvia um questionamento sobre: Porque alguns eram pobres e continuavam pobres e outros transitavam para baixo pela proletarianização ou para cima pela modernização... [Aprendemos]... a idéia central, que o problema não estava da porteira para dentro, as variáveis fundamentais que condicionavam esta diferenciação eram da porteira para fora. Ou seja, era na relação deste campesinato, desta pequena produção com a sociedade nas suas formas mais amplas, com o mercado de trabalho, com o mercado de produtos, com o mercado de terras. (...) As condições fundamentais estavam fora, externas (...) e nos levou a uma crítica bastante dura à lógica camponesa ou lógica chayanoviana interna da unidade de produção. Eu acabei entrando daí, desta pequena produção, estudando o processo de diferenciação me interessando por estudar mais especificamente a questão dos 'bóia-frias'. (GRAZIANO DA SILVA, Mesa Redonda/APIPSA, 07/12/92).

Também as pesquisas nas áreas de comercialização camponesa mostravam as ...feiras enquanto locus através do qual se resgata a diferenciação interna ao campesinato e mecanismos de acumulação.⁹⁴ (SIGAUD, 1990: 30). Aos poucos, explicitavam outras questões como as ligadas às práticas, participação e alianças políticas⁹⁵. Várias delas desenvolveram-se no âmbito de projetos coletivos como o denominado projeto “Emprego e mudança sócio-econômica no Nordeste”, que fazia parte do projeto “Estudo comparativo de desenvolvimento regional”⁹⁶, dirigido por Roberto Cardoso de Oliveira e David Maybury-Lewis. (PALMEIRA, 1994: 20, nota 12). A partir deste projeto foram criadas linhas de pesquisa no Museu Nacional sobre a ...problemática específica da *plantation* e dos grupos sociais que em torno dela se articulam e sobre ...as concepções diversas de 'trabalho' de diferentes grupos sociais e os conflitos por eles vivenciados.⁹⁷

⁹⁴ Vide também GARCIA JR *et al*, 1980: 271, 279-80; GARCIA JR. 1983. Garcia Jr *et al*, vincularam as feiras ao processo de diferenciação social camponesa. Estes autores falam do processo de autonomização/subordinação do campesinato, que ...pode ser especificado através da análise concreta da vida de grupos trabalhadores determinados (GARCIA *et al*, 1980: 283), ou seja, para eles a ...autonomização se manifesta tanto a nível do processo de trabalho como na esfera de circulação dos produtos, em dois planos distintos. (idem) O ...processo de autonomização desse campesinato está intimamente relacionado ao crescimento das feiras com participação de pequenos produtores, o próprio espaço onde se realiza a feira e a dominação política que sobre ele se exerce parece qualificar a própria feira. (...) Assim a análise da autonomização exige que se atente para as propriedades de localização das feiras. (idem: 284) Para estes autores, os ...aspectos 'mais internos' da economia do pequeno produtor, [não são] ...uma resposta interna a um processo que se realiza fora de seus domínios [mas] ...respostas a determinações desse processo que são internalizadas e que possibilitam lutar contra as possibilidades vistas como adversas as condições materiais de existência do grupo doméstico de sua reprodução. (ibidem) Garcia Jr. chama a atenção para a importância das pesquisas sobre feira realizadas por Palmeira e Marie France Garcia. (GARCIA JR, 1983: 10-11. Sobre a importância da feira (bacurau) no estabelecimento das relações econômicas e sociais ver também o trabalho de MEYER, 1979, em especial cap.II.

⁹⁵ Conforme Palmeira, a questão da diferenciação não se restringia ao nível econômico imediato, mas também estava relacionada com o nível da participação política do camponês. Este redirecionamento das discussões estava presente nas reflexões das atividades de pesquisa e ensino do Museu Nacional. (PALMEIRA, s.d.: 11).

⁹⁶ A ...direção das pesquisas no Nordeste esteve a cargo do Professor Moacir Gracindo Soares Palmeira. (MEYER, 1979: 11).

⁹⁷ No bojo deste projeto, ocorreu o desenvolvimento de temática ...voltada para a problemática específica da *plantation* e dos grupos sociais que em torno dela se articulam, preocupada com problemas que iam dos mecanismos tradicionais de imobilização de mão-de-obra às estruturas de uma economia camponesa de implantação recente, passando pelas concepções diversas de 'trabalho' de diferentes grupos sociais, pelos novos mecanismos de resolução de conflitos, pelas formas e mecanismos de resolução de conflitos, pelas formas e mecanismos de diferenciação social entre operários agroindustriais e trabalhadores rurais, pela competição entre diferentes formas de distribuição e pelas estratégias de utilização do trabalho sazonal de pequenos agricultores... (LEITE LOPES *et al*, 1979: 2).

(LEITE LOPES *et al*, 1979: 2). Várias foram as dissertações de mestrado e relatórios de pesquisa produzidos e publicados a partir destes projetos.⁹⁸

O que estava em jogo era como se concebiam as categorias campesinato/proletário rural⁹⁹ e o que as diferenciava quanto aos distintos interesses relativos à terra, às condições de trabalho, às lutas e reivindicações, às leis trabalhistas e quanto ao sentido da ligação delas com o processo de desenvolvimento capitalista. A questão central da reflexão teórico-metodológica era como se processavam ou/não a proletarização e a diferenciação sócio-econômica camponesa. Esta diferenciação

⁹⁸ Meyer, orientanda de mestrado de Palmeira, reconhece a presença marcante de Palmeira em sua dissertação, que foi elaborada no âmbito do projeto “Emprego e mudança sócio-econômica no Nordeste”. A autora utilizou-se de dados coletados por Moacir Gracindo Soares Palmeira, Lygia Sigaud, Afrânio Raul Garcia Jr. e Marie-France e com eles discutiu resultados encontrados. (MEYER, 1979: 10). Para ela, esses ...trabalhos não só despertaram [seu] interesse pelo estudo de um campesinato que tem sua existência associada às transformações da *plantation* canavieira, como forneceram as primeiras informações com base nas quais [elaborou seu] projeto de pesquisa. (idem: 11-2). Meyer também tributa aos seminários organizados por Palmeira e Otávio Velho o ...direcionamento de [seu] interesse pelo estudo do campesinato. (idem: 9). A partir de sua própria pesquisa de campo, detectou a existência de uma diferenciação interna ao conjunto dos pequenos produtores. (idem: 12) Partindo de categorias dos próprios informantes (clandestino, fichado, rendeiro, moradores, direitos, roçado, trabalho alugado, forte/fraco, feira/bodega/bacurau) e consideradas à partir de pesquisadores ligados ao PPGAS, a autora estuda a terra do santo, que aparece enquanto ...uma 'área livre' dentro do engenho permitindo que aqueles que residiam no povoado, enquanto localizado nas terras do patrimônio de Santo Antônio, tivessem condições de se situar mais autonomamente em relação ao *senhor de engenho*. A possibilidade de cultivar um lote de subsistência nas terras do *patrimônio*, independentemente de concessão do *senhor de engenho*, aproximava-os da condição de pequenos produtores autônomos tais como alguns residentes nas vizinhanças da vila. (idem: 59). Este espaço institucional auxiliou até mesmo outros pesquisadores, como atesta Esterçi, que pesquisou posseiros no Mato Grosso e discutiu parte dos dados no âmbito do Projeto “Emprego e mudança social no Nordeste”. (ESTERCI, 1987: 17). Vide também de PAULO, 1990b: 39.

⁹⁹ Para Velho a noção de camponês poderia em seu limite ser até mesmo explodida, por ser uma noção ...que realmente não se realiza historicamente (VELHO, 1982: 110) e se encontrar ...pouco definível em termos concretos (idem), sendo mais expressivos termos como ...colono, arrendatário, pequeno-burguês. (ibidem) Aos poucos esta noção se tornou fruto de um debate político, que concebia o pequeno produtor, camponês, ou lavrador como ...um personagem *externo* ao capitalismo, [que oferecia] ...*resistência* ao próprio avanço capitalista. (idem: 125). Otávio Velho no entanto, ressalta o caráter repressivo da *plantation*, sobre a força de trabalho e sua conseqüente dissolução. Apesar de considerar as reações políticas camponesas estas acabam sendo vistas como imbuídas de certa passividade sob o peso do capitalismo autoritário. Vide: VELHO, 1976, em especial capítulos VII, X, XII). Já a figura do proletário rural pressupunha um outro recorte teórico e político para a questão agrária, conseqüência direta das transformações capitalistas na agricultura. Ainda para Velho: Um grupo de pesquisadores do PPGAS (...) [dedicou-se] ao estudo da *plantation* e dos seus desdobramentos, na zona da mata de Pernambuco. De acordo com o que têm observado (Palmeira e outros, 1972) a transformação capitalista da *plantation* e o gradual desaparecimento do típico morador tem sido seguida pelo aparecimento *simultâneo* de um proletariado rural e de um campesinato. (VELHO, 1976: 186).

interna baseava-se em critérios de manutenção ou/não da terra¹⁰⁰, da relação com o mercado¹⁰¹ e dos limites impostos à trajetória ascendente¹⁰² do campesinato da "fronteira", das regiões agropecuárias¹⁰³ e agro-industriais¹⁰⁴; ou àqueles que informavam a existência ou/não de trajetórias ascendentes/descendentes nas áreas da *plantation* açucareira.¹⁰⁵

Parte destes estudos enfatizou um recorte político-sociológico, acreditando estar a produção camponesa vivenciando um processo de diferenciação, seja a nível da contradição capital/trabalho, ou da circulação. A produção familiar, apesar da expropriação capitalista, poderia ser classificada em camponeses ricos, médios e pobres, de acordo com sua capacidade de resistência ao capital. Esta diferenciação se efetivaria a nível da circulação. (VELHO, 1976). A tecnificação ou modernização da produção familiar poderia ou não conduzi-la ao processo de aburguesamento ou de proletarização.

No Museu Nacional a questão da diferenciação marcou rupturas teóricas e metodológicas entre Moacir Palmeira, Otávio Velho e orientandos a eles ligados. Apenas para exemplificar, cito os

¹⁰⁰ Consultar, por exemplo, a pesquisa realizada por MEYER, 1979. A autora mostra como o agricultor 'forte' que mantém o controle da terra, que cultivava também um produto comercial e realiza o controle da comercialização deste produto, consegue maior acumulação e o aumento da extensão de seu sítio.

¹⁰¹ Otávio Velho, por exemplo, considera que a produção camponesa deveria ser pensada a partir da idéia de ...alternatividade entre autoconsumo e mercado, num contexto político mais geral e não a partir da ...lógica interna ao funcionamento da unidade camponesa. (VELHO, 1982: 110).

¹⁰² De acordo com Otávio Velho: Não só a trajetória é crucial, mas essa pode ser alterada politicamente, e as ideologias de grupos, partidos e classes, dependendo de situações concretas, podem espalhar a sua influência. (VELHO, 1976: 242). Sobre pesquisas relativas à trajetória ascendente dos grupos na *plantation*, vide referência in GARCIA *et al*, 1980: 281.

¹⁰³ Numa perspectiva mais antropológica e restrita ao mundo do saber camponês, a diferenciação social é mostrada nos textos: MOTTA, 1983; WOORTMANN, Ellen, 1983. Vide também WOORTMANN, 1983, para exemplo de um estudo antropológico que vincula o processo da diferenciação social camponesa, aos mecanismos externos de subordinação ao capital.

¹⁰⁴ Vide, entre outros LEITE LOPES, 1978; NEVES, 1981.

¹⁰⁵ Vide referência in GARCIA JR *et al*, 1980: 281.

trabalhos de Luiz Eduardo Soares e Leonarda Musumeci que, sob a orientação de Otávio Velho, deram prosseguimento ao caminho teórico-metodológico apontado por ele, quanto à questão da diferenciação e os de Lygia Sigaud e José Sérgio Leite Lopes, ligados à orientação proposta por Moacir Palmeira.

Luiz Eduardo Soares, a partir de um estudo de caso com camponeses num município maranhense¹⁰⁶, analisou as relações entre campesinato e capitalismo, dentro da perspectiva das ...investigações sobre a formação do campesinato de fronteira. (SOARES, 1981: 34). Através da análise da constituição histórica de camponeses descendentes de escravos¹⁰⁷ e herdeiros de terras em Bom Jesus¹⁰⁸ (MA), Soares apresenta o cativo como um ...modelo de relações sociais, ou uma espécie de síntese de vivências dolorosas de opressão, insegurança, injustiça, violência e exploração.¹⁰⁹ (idem: 36).

A questão da diferenciação é ditada pela inserção e subordinação destes camponeses, enquanto produtores de mercadorias, no mercado capitalista¹¹⁰. Suas representações revelaram ao

¹⁰⁶ A pesquisa de Soares fazia parte do projeto "Colonização dos vales úmidos do Maranhão e seus Desdobramentos", coordenado por Otávio Guilherme Alves Velho sob o patrocínio da FINEP/PPGAS/Museu Nacional. À Otávio Velho, seu orientador, Soares computa ...tudo que porventura houver de positivo neste trabalho [e a] ...marca de sua inspiração. (SOARES, 1981: 10). Leonarda Musumeci, cunhada e companheira de pesquisa, é mencionada como ...cô-autora de muitas idéias e de um certo espírito crítico que [procurou] transmitir ao longo do texto. (idem: 9).

¹⁰⁷ Para Soares, o patrimônio étnico do grupo pesquisado representava uma ...conjunção positiva entre 'direito', 'liberdade' e negritude. (SOARES, 1981: 48).

¹⁰⁸ Consultar SOARES, 1981: cap. 2.

¹⁰⁹ O cativo se reproduz no presente através das ameaças de ...perda de controle sobre os meios de produção e o processo de trabalho, sobre a distribuição do tempo entre lazer e trabalho, sobre os limites entre vida doméstica e vida produtiva. (SOARES, 1981: 37). Ele está presente ...nos grilhões dos endividamentos e das relações mercantis. (idem: 38) A liberdade representa a ...defesa de sua herança tão cobiçada - as terras, ou seja, depende de seus 'direitos' sobre determinado território. (idem: 41) A liberdade está associada à direitos e o cativo à restrições. A liberdade é um ideal, uma vez que para a realidade pesquisada ela ...se confunde, neste sentido, com riqueza e poder. (idem: 219).

¹¹⁰ Vide em SOARES, 1981: cap.3 e 4. Para Soares existe uma .. indissolubilidade entre economia e política, na determinação das diferenciações sociais. (SOARES, op. cit: 139). De posse do que determina as tradições mais ricas da antropologia social, qual sejam, ...as representações dos próprios atores sociais, apreendendo suas origens e consequências (idem: 141), Soares reafirma que ...para os agentes envolvidos, as diferenças sociais têm base econômica. Isto as distingue das diferenças estritamente políticas entre determinados segmentos sociais. As diferenças sociais têm, ainda segundo o próprio povo de Bom Jesus, indistigável sentido prático: não são meras construções mentais ou simples imagens analíticas. (ibidem).

autor a reprodução de valores capitalistas ligados à propriedade da terra¹¹¹, à dominação social e ao processo de acumulação do qual faziam parte.¹¹² A partir da literatura marxista, Soares explica a subordinação e a reprodução da produção familiar através do recorte do ciclo reprodutivo do capital, ou seja: de critérios econômicos ditados pelo mercado¹¹³, e critica os modelos explicativos centrados na leitura linear das categorias resgatadas da empiria, na redução da especificidade e da autonomia aos critérios internos à própria unidade familiar, e na crença da existência de certa independência deste tipo de produção frente ao mercado.¹¹⁴ Além de um debate crítico sobre estas posições teórico-metodológicas, Soares explicita a necessidade de se resgatar e ...incorporar as determinações ideológicas ou simbólicas ou políticas na análise da especificidade camponesa. (SOARES, 1981: 213).

Existe no posicionamento teórico-metodológico do autor, uma crítica às divergências analíticas em curso, iniciados com Otávio Velho e prosseguidas por seus orientandos, entre os quais ele próprio. Para Soares, na comunidade pesquisada ...a atribuição de um ou outro significado à diferenciação não decorre simplesmente de óticas ideológicas diversas, de estruturas conceituais distintas. Decorre principalmente do impacto sobre tais estruturas e óticas da adesão a um ou outro projeto político, da identidade política do observador em causa. A atenção concedida às percepções daqueles que estão diretamente ligados ao problema discutido, que o definem como tal e enfrentam no dia-a-dia, não nos deve fazer abdicar da assunção das tarefas analíticas, sob pena de cristalizarmos a empiria e reificarmos suas indicações. Com este espírito procuramos, no curso deste capítulo, desvendar motivos e implicações, significados não legíveis a olho nu, estruturas e dinâmicas subjacentes à realidade visível. (ibidem). Como exemplificativo consultar a análise desenvolvida pelo autor sobre as representações e estratégias presentes nos projetos individuais e sociais do grupo pesquisado. (idem: 142-66).

¹¹¹ Trata-se de uma concepção utilitária e não anti-mercantil ou anti-capitalista da terra. Através do acesso coletivo, a terra possui um valor de uso (terra para produção e extração de matéria-prima) e não valor de troca. Os embates políticos envolviam um projeto comunitarista para a terra, através da manutenção de sua integridade e do acesso comum à ela, não envolvendo, portanto, negócio, mas uma possível extração de renda. A propriedade privada da terra não se confundia com propriedade individual e esta deveria continuar como posse comunal. O projeto individualista, pressupunha a demarcação das terras, a reprodução de unidades domésticas, o desenvolvimento de estratégias econômicas individuais fundamentadas pela pretensão à uma trajetória ascendente. Consultar SOARES, 1981: 103-139.

¹¹² Consultar SOARES, 1981: cap.6.

¹¹³ Vide em especial SOARES, 1981: capítulo 6. O autor conclui desta discussão que ...a propósito dos trechos citados de Marx, a indicação fundamental a ser destacada como lição da maior importância: o mercado ou a circulação de mercadorias constitui o plano estratégico a partir do qual se pode pensar as relações sociais subjacentes à articulação entre modalidades não-capitalistas de organização da produção e o sistema abrangente. Os vínculos da estrutura imediata com o mercado devem ser o trampolim para a investigação concreta. (idem: 184).

¹¹⁴ Ver em especial: SOARES, 1981: 204-220.

O trabalho de Leonarda Musumeci enriquece os estudos sobre o processo de diferenciação camponesa e ilustra a rede organizatória das relações de parentesco existente entre os conceitos e autores, na construção de uma prática disciplinar. Estas relações simbioticamente construídas chegam mesmo a extrapolar a relação acadêmica entre pesquisador(a)/orientador/orientanda/colega/pessoa e espelham a rede de relações pessoais e dos vários papéis sociais desempenhados.¹¹⁵ A tese de Musumeci, como a de Soares, também exemplifica um estudo comparativo de distintos processos de colonização da Amazônia maranhense por pequenos produtores, desenvolvido a partir de um projeto coordenado por Otávio Velho.¹¹⁶

Musumeci, nesta pesquisa, reproduziu e ampliou muitos dos argumentos de seu orientador Otávio Guilherme Velho. Também questionou as premissas endossadas pela ala progressista da Igreja Católica no que se refere à ocupação da terra liberta pelos posseiros e na resistência que apresentavam

...à expropriação norteados por uma lógica não-capitalista, não-mercantil, comunitária e igualitária, oposta, em essência, à do sistema econômico e social dominante, cuja personificação mais imediata no contexto da fronteira seriam os agentes expropriadores das 'frentes capitalistas': grileiros, grandes proprietários de terra, criadores de gado etc. (MUSUMECI, 1988: 18)

¹¹⁵ Ver no item "Agradecimentos" a referência feita ao cunhado Luiz Eduardo Soares e à Otávio Velho seu orientador, a quem dedica a dissertação e a quem computa também a co-autoria do texto. Segundo Leonarda ...o 'nós' que [emprega] no texto não é mera expressão formal de modéstia, mas o sinal de um caminho verdadeiramente compartilhado, do início ao fim. (MUSUMECI, 1988: 12).

¹¹⁶ Trata-se do "Processo de colonização dos vales úmidos do Maranhão e seus desdobramentos" que obteve o apoio do convênio FINEP-PPGAS/UFRJ (MUSUMECI, 1988: 11). Foram estudados a partir de ...três estudos de caso, três situações-tipo, representativas de processos históricos de colonização camponesa (idem: 16-7): ...colonização tradicional, ...formação de um campesinato a partir da crise da *plantation* maranhense no século XIX por Luiz Eduardo Soares e transformado no livro *Campesinato: Ideologia e política*; a ...colonização dirigida, ...assentamento de lavradores por iniciativa estatal ou para-estatal estudada por Otávio Velho e a ...colonização espontânea, ...ocupação de terras devolutas sem direcionamento oficial, levada a efeito por pequenos produtores imigrantes, na maioria de origem nordestina ...estuda por Musumeci e Velho. (ibidem) Musumeci procurou, através das entrevistas, da observação participante (idem: 23) e do estudo 'a partir de um caso' (idem: 24) ...reconstituir o processo de colonização camponesa na área, a partir das narrativas dos seus protagonistas; estudar as concepções e práticas associadas à *terra liberta*, à posse, à situação passada de *fronteira*; verificar que tipos de mudanças (em termos de relação com a terra, atividades econômicas, estruturação interna do grupo camponês, etc.) estavam se processando como pressuposto, instrumento ou efeito da luta contra a expropriação. (idem: 17).

Através de sua pesquisa de campo no interior da comunidade maranhense, Musumeci discordou desta tese e defendeu outra relativa à ...diferenciação econômica acentuada e laços hierárquicos de patronagem, cujos camponeses ...não vivem e jamais viveram numa economia 'de subsistência' ou 'de excedentes' e sim vinculados à comercialização com 'uma rede mercantil supralocal'. (idem: 19).

Vários foram os desdobramentos deste caminho teórico-metodológico nos anos 80.¹¹⁷

A existência do processo de proletarização no meio rural foi confirmada, através de estudos e pesquisas de campo realizados por pesquisadores também ligados ao Museu Nacional¹¹⁸ nas áreas de *plantation* e em áreas onde ocorreu a expansão das relações capitalistas na agricultura¹¹⁹. A vertente sobre o processo de proletarização esteve também vinculada ao projeto “Emprego e mudança sócio-econômica do Nordeste”, dirigido por Moacir Palmeira. Destaco aqui os trabalhos de Lygia Sigaud e José Sérgio Leite Lopes. Estes estudos trouxeram para dentro das práticas disciplinares da sociologia e da antropologia rural um operário de carne e osso, para que este não fosse

¹¹⁷ A partir dos anos 80 foram estudadas: a produção familiar capitalizada, a pequena produção tecnificada ou tecnicista, a produção dos integrados, a pequena burguesia rural. (TAVARES DOS SANTOS, 1988: 11-13; 1991: 20-21). Esta produção foi analisada a partir de sua vinculação com o complexo agroindustrial que favoreceu este processo de diferenciação social entre os camponeses. Segundo Tavares dos Santos, as pesquisas localizaram ...produtores de soja, no Rio Grande do Sul e no Paraná; de aves e de suínos em Santa Catarina; de café em São Paulo; agricultores em projeto de assentamento dirigido no Distrito Federal; produtores de cebola, em Sobradinho, no Estado da Bahia; e, ainda, em muitas regiões do Nordeste. (TAVARES DOS SANTOS, 1991: 21). A diferenciação social do campesinato foi um dos temas analisados tanto através dos ...aspectos 'externos', derivados do 'modelo econômico' mais amplo, [quanto através da análise dos] ...agentes sociais, [das] ...relações sociais, enfim [do] jogo de forças sociais presente em cada caso estudado (Neves, 1985, pp.220-41). (*apud* TAVARES DOS SANTOS, op cit:).

¹¹⁸ Vide por exemplo, os trabalhos de LEITE LOPES, 1978, 1979; SIGAUD, 1980a (1971), 1980b; entre outros.

¹¹⁹ Numa vertente mais sociológica, este debate foi vinculado às mudanças nas relações de produção presentes na instauração das usinas em substituição aos antigos engenhos bangüês e ao processo de mobilidade espacial (SUAREZ, 1977); ao processo decorrente da expansão da agricultura comercial em detrimento da agricultura de subsistência, da concentração da propriedade fundiária, da substituição de relações de produção (arrendamento, parceria, agregados) pelo sistema de assalariamento, pela intensificação da mecanização agrícola e conseqüente expulsão da produção camponesa. Consultar a resenha bibliográfica: GOMES DA SILVA & RODRIGUES, 1976: 3-21 e os trabalhos de D'INCAO E MELLO, 1975, 1976; D'INCAO, 1978, entre outros.

...banido da teoria ou por ela devorado nas grandes sínteses teórico-metodológicas que, a exemplo dos usineiros, 'comem a carne e deixam os ossos' ou então picado junto com suas 'opiniões' e 'atitudes' como o fazem os doxosofos de diferentes matizes. (PALMEIRA, 1978: XII).

Lygia Sigaud começou seus estudos sobre os trabalhadores rurais, nos anos 69-70, justamente com a pesquisa de campo para elaboração de sua dissertação de mestrado¹²⁰, defendida em 1971 e denominada "A nação dos homens - uma análise regional de ideologia".¹²¹ Neste estudo, Sigaud buscou entender as representações que estes trabalhadores faziam de suas condições de existência e de sua prática econômica - através dos códigos, discursos e categorias por eles empregadas. Estes trabalhadores rurais foram considerados como uma classe social da formação social da *plantation* açucareira.¹²² Segundo a própria autora, apesar das restrições, seu texto teve sua importância no momento em que foi produzido, porque:

Tratava-se de uma primeira tentativa de utilização da abordagem antropológica para pensar a questão da ideologia da classe dominante, tomada não com mais um aspecto da vida social, mas enquanto objeto de análise, o que entre nós era algo de novo, assim como a preocupação

¹²⁰ Segundo Sigaud, a ...maior parte do trabalho de campo foi feita em colaboração com Moacir Palmeira, professor do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, que realizava uma pesquisa sobre mudanças econômicas na Zona da Mata. (SIGAUD, 1980a: 25, nota 12). David Maybury-Lewis foi seu orientador.

¹²¹ Este trabalho foi apresentado ...como dissertação de mestrado ao Programa de Pós-graduação em Antropologia do Museu Nacional (UFRJ). (SIGAUD, 1980a: 13). Apesar de largamente utilizado, enquanto fonte bibliográfica, este estudo só foi publicado em 1980, pelo *Anuário Antropológico* 78. (ibidem). A autora fez ...a análise da ideologia do trabalhador rural da *plantation* açucareira da Zona da Mata de Pernambuco, isto é, da maneira como ele vive e exprime suas condições de existência. (SIGAUD, 1980a: 17). Eric Wolf, Sidney Mintz, Nicos Poulantzas, Louis Althusser, Pierre Macherey, Claude Lévi-Strauss são alguns dos intelectuais em que Lygia Sigaud se inspirou para escrever sua dissertação.

¹²² Os diferentes tipos de trabalhadores rurais que Sigaud pesquisou na *plantation* foram: o ...morador que residente no engenho e tem obrigação"; [o] ...trabalhador de rua, um ex-morador expulso do engenho, que mora na cidade (SIGAUD, 1980a: 29); [o] ...trabalhador residente no engenho sem obrigações com o proprietário e que só trabalha com empreiteiro; [o] ...trabalhador residente na cidade que mantém um contrato formal de trabalho com o proprietário ou com a empresa; [o] ...pequeno proprietário ou foreiro [camponês da periferia da *plantation*]; [o] 'corumba' [que] ...é o pequeno proprietário ou arrendatário do Agreste (...) que na época da moagem migra para a Zona da Mata... (idem: 30). A autora privilegia a análise das representações do morador por considerá-lo ...a categoria mais importante da força de trabalho ocupada na produção das *plantation*. (idem: 31) A autora transcreve vários dos discursos e categorias empregadas por seus informantes. Este tipo de procedimento foi muito criticado por Otávio Velho, que sem mencionar diretamente os autores, os identifica como fazendo uma transposição dos dados empíricos para as explicações analíticas. Vide seu artigo "Campepinatos e política". (VELHO, 1982: 82-99).

de tomar essa ideologia como uma dentre outras vias de acesso ao conhecimento da realidade. Em relação à Zona da Mata de Pernambuco, o trabalho representou também uma primeira tentativa de reflexão pós-64 sobre o modo como aqueles trabalhadores que haviam sido os atores de um dos mais importantes movimentos sociais ocorridos no país representavam suas novas condições de existência num momento de forte repressão política. (SIGAUD, 1980a: 14).¹²³

Em pesquisa posterior, Sigaud detecta a ...situação de subordinação da produção camponesa ao trabalho assalariado e o surgimento de uma situação distinta para o trabalhador assalariado que ...'bota roçado' nas terras de 'solta'¹²⁴ no momento da entressafra. (SIGAUD, 1981b: 181,182). A partir deste material empírico, a pesquisadora aponta questões importantes a serem investigadas: ...como se dá essa relação entre o trabalho assalariado e o trabalho familiar (idem: 190) e o sentido do roçado na vida daquele que é apenas assalariado e daquele que ainda é pequeno produtor. (idem: 191). A pesquisa de Sigaud procura entender o sentido do roçado para aqueles que já foram totalmente expropriados de suas terras.¹²⁵ Como a própria autora menciona, este projeto teria o mérito de

...chamar a atenção para os perigos da generalização baseada em abstrações, como aquelas que, comumente, consideraram o trabalhador assalariado no campo como suporte apenas de lutas por melhorias salariais, sem levar em consideração o que significou a expropriação desses trabalhadores, em que condições históricas ela se deu e quais as condições concretas em que vivem. (idem: 195).

José Sérgio Leite Lopes pesquisou os trabalhadores do açúcar no setor industrial da *plantation* nordestina (operários fabris, os ligados a outros serviços da usina, os ligados à parte agrícola da *plantation*), atentando para sua diferenciação interna (artistas e profissionais; permanentes e

¹²³ Lygia Sigaud trabalhou com entrevistas gravadas e dados de observação obtidos na pesquisa de campo. (SIGAUD 1980a: 24). A classificação das categorias de trabalhadores utilizadas pela autora ...foi montada a partir da observação direta e das classificações existentes na área, feitas por proprietários, tecnocratas, políticos, comerciantes, líderes sindicais, estudiosos da região e pelos próprios trabalhadores. (idem: 30).

¹²⁴ Este termo ...designa localmente uma área de terra cercada e coberta de mato onde o gado pasta. Quando o mato de uma *solta* se esgota, o gado é transferido para outra solta... (SIGAUD, 1981b: 183).

¹²⁵ Para Sigaud estes trabalhadores vivenciam ...um sentimento de profunda privação pelo fato de estarem impossibilitados de exercerem determinadas funções tidas como essenciais, ou seja, a possibilidade de produzirem para o seu próprio consumo. É esse sentimento que os leva a reivindicarem a restauração de determinados direitos, fundamentalmente, o direito de acesso à terra. (SIGAUD, 1981b: 193).

temporários)¹²⁶, para o fetichismo exercido pela máquina da usina, para o fetichismo do salário sobre os vários segmentos sociais no mercado de trabalho e produção.¹²⁷ O autor analisou estes trabalhadores rurais da zona da mata de Pernambuco que conviviam com os *corumbas*, com os camponeses da periferia da *plantation* (foreiros, pequenos proprietários, trabalhadores da rua). Era a busca do sentido ...das representações, das categorias de pensamento e dos modelos de comportamento do grupo social estudado (LEITE LOPES, 1978:7) e como estes se manifestavam no seu trabalho e em sua prática econômica.¹²⁸

Este tipo de pesquisa possibilitou o resgate de diferenciações internas em grupos de operários da usina, a apreensão da ideologia operária presente em sua prática de trabalho e em relação ao contexto sócio-cultural dos demais segmentos sociais de camponeses com os quais convivem. Como aponta Duarte numa resenha sobre o trabalho de Leite Lopes:

Foi (...) essa linha de abordagem que permitiu a manipulação no corpo de O Vapor do Diabo de um vasto acervo de pequenos temas ou núcleos do pensamento dos operários observados, em que se pode distinguir, detalhar, comparar e compatibilizar traços, tendências, processos ou mecanismos ideológicos, dando carne precisamente àquele conhecimento para cuja relevância apontávamos inicialmente. (DUARTE, 1977: 304).

Tanto Lygia Sigaud quanto Leite Lopes reconhecem a influência de Moacir Palmeira na temática escolhida em suas pesquisas, bem como a importância da prática de um trabalho coletivo

¹²⁶ Vide em especial LEITE LOPES, 1978: capítulos 1.

¹²⁷ Consultar LEITE LOPES, 1978, especialmente o capítulo III. Vide também o "Prefácio" escrito por Palmeira (PALMEIRA, 1978) e resenha crítica de DUARTE, 1977: 303-7.

¹²⁸ Leite Lopes concluiu em sua tese que ...não somente as categorias de pensamento e os modelos de comportamento dos operários se afirmam no próprio quadro da dominação exercida sobre eles pela usina, como essas categorias e práticas afirmam-se de maneira variada segundo a diferenciação interna dos operários. (LEITE LOPES, 1978: 214). Na verdade, estão próximas ...as reclamações e as formas de resistência dos operários às dos *moradores* da parte agrícola. (ibidem) A usina sempre faz questão de reforçar ...a estanquização entre operários e trabalhadores rurais, [pois é aí, que reside a] ...condição estratégica de sua dominação sobre todos os seus trabalhadores. (ibidem).

desenvolvido pela equipe do Museu Nacional.¹²⁹ A partir destes temas, foram surgindo novas questões, como desdobramentos destes estudos e dos problemas postos pela sociedade dos anos 80. São exemplificativas as questões sobre as formas de luta pelo salário¹³⁰, pela cidadania¹³¹, pela terra e as alternativas propostas em detrimento da reforma agrária.¹³² A importância destas pesquisas encontra-se no emprego da observação direta enquanto prática metodológica. Os textos revelam uma reorientação das pesquisas de campo e de uma nova prática disciplinar preocupada com o desvendar dos outros sentidos da realidade, do objeto e dos textos elaborados.

Na vertente sociológica, vários outros trabalhos foram importantes e tornaram-se marco teórico-metodológico para a discussão da proletarização camponesa. A tese de D'Incao e Mello

¹²⁹ Conforme Sigaud: Já no ano de 1971, através de seminários que oferecia no PPGAS, Moacir Palmeira estimulou um certo número de alunos a darem desdobramento ao trabalho que havíamos iniciado em 69, ele com uma pesquisa sobre mudanças nas formas de redistribuição e eu com a pesquisa sobre trabalhadores rurais. Constituiu-se então uma equipe de pesquisa com um projeto comum em relação à Zona da Mata e cujos principais resultados podem ser avaliados através dos seguintes trabalhos: Palmeira, M.: *Feira e mudança econômica* (1971), *Casa e trabalho: notas sobre a plantation tradicional* (1977); Leite Lopes, J. S. *O Vapor do Diabo* (1976); Garcia Jr., *A terra de trabalho* (1976); Garcia, M. F.: *Bacurau* (1977); Heredia, B.: *La morada de la vida* (1977); Ringuélet, R.: *Migrantes estacionales del agreste de Pernambuco* (1977); Meyer, D.: *Terra de santo e o mundo dos engenhos* (1978); Assumpção L.: *Cooperativa do trabalhador* (1978); Novaes, R.: *Os escolhidos: religião e prática social* (1979); Gatti y Echonique: *Relaciones sociales en una feria* (1974); Sigaud, L.: *A percepção do Salário entre trabalhadores rurais* (1977); *A morte do caboclo* (1975/78), *A idealização do passado e os direitos* (1977); *Palmeira et al: Emprego e mudança sócio econômica no Nordeste* (1977); *A reprodução da subordinação* (1979). Como membro da equipe também dei continuidade à atividade de pesquisa, voltando minha atenção para os trabalhadores expulsos dos engenhos produtores de cana de açúcar da Zona da Mata (*Os clandestinos e os direitos/1977*). (SIGAUD, 1980A: 14) Para José Sérgio Lopes, os trabalhos anteriores de Palmeira ...sobre o tema da mudança social na área de *plantation* estão na origem da definição de vários outros temas subordinados de pesquisa, entre os quais o desta tese. Também os trabalhos anteriores de Lygia Maria Sigaud e os de Maria Rosilene Barbosa Alvim foram de grande valia. Afrânio Raul Garcia Júnior, Marie-France Garcia, Vera Echevique, Beatriz Heredia, Luís Maria Gatti, Roberto Ringuélet e Maria Rosilene Barbosa Alvim, assim como Moacir Palmeira e Lygia Sigaud, que fizeram simultaneamente pesquisas no campo no mesmo período, foram de grande apoio tanto no campo quanto posteriormente em discussões em seminários. Nossas pesquisas complementam-se não somente enquanto estudos de diferentes grupos sociais e temas da zonas da mata de Pernambuco, mas enquanto trabalho de equipe. Em certo sentido, muitas das idéias e formas de raciocínio presentes na tese devem-se a esse trabalho coletivo, sem eliminarem no entanto a responsabilidade de minhas deficiências pessoais. (LEITE LOPES, 1978: XVIII)

¹³⁰ As greves dos assalariados temporários tornam-se, nos anos 80, temas privilegiados de pesquisa. Para maiores esclarecimentos consultar: D'INCAO, 1985; FERRANTE, 1988.

¹³¹ Tanto os camponeses quanto os assalariados buscaram na luta pela cidadania o reconhecimento político.

¹³² Nos anos 70-80 foram objeto de reflexão teórico-metodológica temas como: assentamentos e assentados, que exemplificam estas políticas adotadas pelo Estado. Consultar: ESTERCI *et al*, 1992.

exemplifica este fato.¹³³ A autora estudou as relações de trabalho na região Alta Sorocabana, utilizando-se do conceito de camponês de Caio Prado Júnior e do modelo teórico proposto por Otávio Guilherme Velho¹³⁴. A partir dos dados coletados, a autora refuta ...o modelo proposto por Otávio Guilherme Velho para a análise das relações de trabalho no campo (D'INCAO E MELLO, 1975: 56), mas aprova-o para a análise dos trabalhadores assalariados rurais, em especial os volantes ou bóias-frias - objeto de sua pesquisa.¹³⁵

No recorte das pesquisas sobre o processo de proletarização, o trabalho de D'Incao e Mello teve, para Otávio Velho, a relevância social de apresentar, nos anos 70, uma importante questão política, qual seja, a do crescente processo de proletarização rural e do significado de uma ação política

¹³³ Maria Conceição D'Incao e Mello investigou, através do uso das técnicas história de vida e entrevistas, combinadas com dados estatísticos, as causas estruturais ...da existência de populações vivendo em condições de miserabilidade, numa região economicamente próspera como é a Alta Sorocabana. (D'INCAO E MELLO, 1975: 20). Este texto vinculou a teoria com a pesquisa e estas com a necessidade de se denunciar o caráter perverso do processo de acumulação capitalista. A categoria de trabalho bóia-fria aparece como uma manifestação histórica das contradições inerentes ao próprio desenvolvimento capitalista na agricultura, como ...proletários, no sentido de que são obrigados a vender a sua força de trabalho para poder existir. (idem: 130). A autora procurou mostrar ...a possibilidade histórica da *práxis* negadora do 'bóia-fria', ou seja, a possibilidade do grupo estudado transformar-se em força social, em havendo condições propícias ao desenvolvimento da *práxis* transformadora no meio inclusivo. (idem: 133). Conclui ...que, embora a *práxis* do 'bóia-fria' seja ratificadora do sistema, a sua consciência traz implícita a negação do mesmo. (idem: 146) Otávio Velho refere-se à tese de D'Incao como possuindo grande importância social na produção das ciências brasileiras nos anos 70, pelo seu uso social e pela apresentação do proletário rural: ...presença essa agora socialmente confirmada pela chancela legitimadora do trabalho de campo. (VELHO, 1982: 101).

¹³⁴ Este modelo encontra-se no texto "O conceito de camponês e sua aplicação à análise do meio rural brasileiro". (VELHO, 1982: 40-47 Segundo D'Incao e Mello: Otávio Velho, tomando como ponto de referência a definição dada por Caio Prado Jr. ao termo camponês - 'trabalhadores e pequenos produtores autônomos que, ocupando embora a terra a títulos diferentes (proprietários, arrendatários, parceiros), exercem a sua atividade por conta própria' -, sugere um critério para um primeiro diagnóstico da região em estudo. Esse critério se baseia na consideração conjunta de três variáveis principais: 1) Abundância ou escassez da terra; 2) Abundância ou escassez de mão-de-obra e 3) Maior ou menor integração no sistema nacional. (D'INCAO E MELLO, 1975: 48).

¹³⁵ De acordo com D'Incao e Mello: O recurso à observação - de como se realiza cada um destes tipos de relações de trabalho no meio rural da Alta Sorocabana - revelou, entretanto, a inoperância daquela análise, feita em razão dos quesitos legais vigentes. (D'INCAO E MELLO, 1975: 57). No entanto, o modelo de análise adotado é "inquestionavelmente confirmado" para a análise da categoria dos assalariados rurais (peões, administradores, tratoristas, motoristas, etc) e para a dos ...trabalhadores volantes - os 'bóias-frias', residentes na cidade, que se deslocam para o campo, sobretudo nas épocas de colheitas. (idem: 66).

de massas.¹³⁶ (VELHO, 1982: 102-103). No entanto, dever-se-ia ficar atento para não ...reduzir a realidade a fórmulas únicas (idem: 104) ou ...absolutizar a proletarização. (idem: 105). Velho chama a atenção para a complexidade e dinamismo da realidade social ...o que, embora pareça acaciano, nem sempre ocorre, dada a própria lógica dos debates intelectuais. (VELHO, 1982: 104-5). Portanto, a questão do assalariamento rural colocara em cheque o problema da prática política, das alianças e do privilegiamento de uma ou de outra categoria analítica (camponeses x proletários rurais). (idem: 105-6)

Para Velho, o marxismo abstrato era utilizado por aqueles que ilegítimavam as noções de revolução burguesa e diferenciação interna. Ele discordava da caracterização do ...lavrador como um proletário de novo tipo ou um trabalhador para o capital (em contraste com a proletarização do 'bóia-fria'). (VELHO, 1982: 135). Há no pensamento de Velho uma crítica recorrente aos populistas e aos que pareciam, segundo ele, se ...esconder por detrás de concepções de unidades paralizantes.¹³⁷ Os embates, na verdade, revelavam a construção de uma prática teórico-metodológica que exaltava ou questionava a possibilidade de manutenção do mundo camponês e a possível transitoriedade do seu caráter. As práticas teórico-metodológicas pareciam refletir os pressupostos de marcos teóricos, de aspirações políticas ou de compromissos existenciais com a visão idílica do mundo agrário, seja na sua vertente da comunidade camponesa seja na força de um proletariado rural rumo à construção de uma sociedade alternativa.

¹³⁶ Conforme, Velho a obra de D'Incao teve o uso social de apresentar uma outra categoria social, até então pouco analisada. Ou seja: Quanto à obra, não é que ela negue a presença de outros agentes sociais, no caso especificamente o chamado camponês. Porém, inclusive apoiada numa literatura que inclui o meu artigo de 1969, relega-o a uma posição de crescente marginalidade que, no limite, tende a se aproximar de uma formulação de Fernando Henrique - 'o povo de Deus' - expressiva da suposição de uma insignificância política concreta. (VELHO, 1982: 103).

¹³⁷ É sugestiva a leitura de seu artigo "Da aparente relação entre concepção e estratégia", onde Velho explicita suas principais divergências políticas, práticas e teóricas em relação aos que denomina populistas e reformistas, quanto ao tratamento da questão da pequena produção rural e o papel do Estado no desenvolvimento capitalista. (VELHO, 1982: 137-145).

3.2.6. A fronteira e o campesinato enquanto relações não-capitalistas de produção

José de Souza Martins foi pioneiro no uso do conceito relações não-capitalistas de produção para referir-se ao tipo de produção baseado em relações predominantemente familiares, à margem da acumulação de capital ou do uso do trabalho assalariado. Esta concepção enfatizava, no entanto, a vinculação da pequena produção à lógica do capital, empregando critérios ligados à ordem sócio-econômica¹³⁸.

Ao estudar o sistema de colonato implementado pela imigração subvencionada no final do século passado no Brasil, Martins empregou este conceito:

A produção capitalista de relações não-capitalistas de produção expressa não apenas uma forma de reprodução ampliada do capital, mas também a reprodução ampliada das contradições do capitalismo - o movimento contraditório não só de subordinação de relações pré-capitalistas, mas também de criação de relações antagônicas e subordinadas não capitalista. Nesse caso, o capitalismo cria a um só tempo as condições da sua expansão, pela incorporação de áreas e populações às relações comerciais, e os empecilhos à sua expansão, pela não mercantilização de todos os fatores envolvidos, ausente o trabalho caracteristicamente assalariado. Um complemento da hipótese é que tal produção capitalista de relações não-capitalistas se dá onde e enquanto a vanguarda da expansão capitalista está no comércio. (MARTINS, 1979a: 21).

Martins conclui que esta ...fazenda de café transformou-se num empreendimento de conversão de trabalho em mercadorias, a partir de relações não capitalistas de produção, que a ...mais-valia absoluta incorporada ao café entregue no mercado... realizava-se predominantemente fora da economia cafeeira (idem: 92), que o ...colono não se considerava proprietário dos meios de produção nem mesmo proprietário da terra, e, sim ...se considerava proprietário do seu trabalho, do trabalho materializado nos produtos da agricultura de subsistência.¹³⁹

¹³⁸ Segundo Wanderley: O ponto de partida comum é a afirmação de que a 'formação social brasileira' é capitalista e que, portanto, é necessário explicar seus diversos elementos a partir da dinâmica do processo, real da acumulação do capital. O artigo de Francisco de Oliveira (1975) a respeito deste processo desde os anos 30, certamente muito contribui para a adoção desta perspectiva. (WANDERLEY, 1985: 27). Esta tese teve vários desdobramentos nos anos 80. As questões-chaves eram a concepção da reprodução camponesa através do trabalho familiar, de valores, objetivos e representações específicos que funcionavam de acordo com a lógica camponesa. Vide análise no item 3.3 deste capítulo.

¹³⁹ Era como se este colono ...estivesse entregando o seu trabalho a outrem, ao fazendeiro. (MARTINS, 1979b: 93).

(idem: 92-3) Conseqüentemente, ocorria ...a sujeição de relações não-capitalistas de produção do colonato às relações do modo especificamente capitalista de produção da grande indústria.¹⁴⁰ (idem: 93). Ao estudar os camponeses posseiros na frente de expansão amazônica, Martins retomou estas hipóteses:

...não só relações não-capitalistas de produção podem ser dominadas e reproduzidas pelo capital, como é o caso da produção familiar de tipo camponês, como também determinadas relações podem não parecer integrantes do processo do capital, embora o sejam, como é o caso da propriedade capitalista da terra. Não podemos esquecer nunca que o modo capitalista de produção não se circunscreve à produção; ele é modo de produção e modo de circulação de mercadorias e de troca de mercadorias por dinheiro e de dinheiro por mercadoria. (MARTINS, 1981b: 171).

Ele afirma também que quando se ...percorre unicamente a superfície da realidade social, somente apreendemos ...exterioridades, o imediato, o revelado. (ibidem). Perceber o capital enquanto relação de produção no processo de produção, poderá levar-nos a ...considerar a propriedade da terra como uma anomalia que poderia ser repelida pela simples extensão de relações capitalistas de produção ao campo. (idem: 172). Não se poderia entender o sentido da ...propriedade da terra e a força social e política que ela tem (ibidem), associando-o, erroneamente, a outro modo de produção (feudal ou pré-capitalista)¹⁴¹. Desta forma:

Se eu separo cada um dos elementos do processo social, se não vejo a terra como relação social que é parte desse processo que é o processo do capital, a minha tendência será ver aí modos de produção diferentes e serão tantos os modos de produção quantas forem as diferenças. Essa tem sido, infelizmente, uma forte tendência especialmente na análise das situações no campo: cada diferença é tomada como indicador de um modo de produção distinto -no proprietário há

¹⁴⁰ O texto "A produção capitalista de relações não-capitalistas de produção: o regime de colonato nas fazendas de café", é balizador desta hipótese. Consultar MARTINS, 1979b: 7-93. Martins retoma esta discussão nos textos: "Os novos sujeitos das lutas sociais, dos direitos e da política no Brasil rural", In: MARTINS, 1984a: 75-112 e "Pequena produção agrícola - antimito da produção capitalista no campo (crítica aos críticos)", In: MARTINS, 1986: 113-152. Consultar também MARTINS, 1997b: 91-102, 184-196.

¹⁴¹ Posteriormente, Martins rebate as críticas que recebe de Sérgio Silva e Maria Nazareth Baudel Wanderley, que segundo ele, não entenderam o uso que fez das categorias pré-capitalista e não-capitalista. Martins defendeu-se afirmando que ...modo, relação e forma não são categorias equivalentes, cada qual dando conta de um aspecto distinto da realidade social. Por outro lado, pré-capitalista é a relação, mesmo que recriável pelo capital e incorporada à sua temporalidade contraditória, que tem data e antecede, na origem, a relação capitalista. Há o pressuposto de uma sucessão histórica nessa palavra que expressa determinadas contradições do processo do capital. Não-capitalistas, por outro lado, constituem formas de relações sociais que não têm a temporalidade das relações pré-capitalistas e que são contemporâneas das relações capitalistas de produção. As relações não-capitalistas de produção, determinadas pelo processo de reprodução ampliada do capital, são uma outra forma desse processo, mediação diversa da mediação do trabalho assalariado na acumulação do capital. (MARTINS, 1986: 149).

os que vêem o senhor feudal e o modo de produção feudal; no produtor familiar há os que vêem o camponês e o modo de produção camponês. Este último caso é bem indicativo da invasão positivista no modo de pensar. Um modo de produção é um modo de exploração, que encerra antagonismos de categorias sociais. Nesse sentido a produção camponesa jamais poderia constituir um modo de produção, pois como todos sabemos ela se determina como produção familiar autônoma. (MARTINS, 1981b: 172-3).

É necessário entender-se o campo, enquanto expressão de um processo, como

...indicações de contradições no interior desse processo, ...que essas diferenças realizam a sua unidade na contradição, [e] ...que esse processo não é uma soma de características, de traços, de tamanhos, mas sim uma totalidade em movimento, em que a diferença não se resolve pelo alijamento, mas pela superação. (idem: 173).

Para Martins, considerar ...que a terra representa um modo de produção e o capital outro e que ...a terra e o capital são a mesma coisa no capitalismo (ibidem), é um erro positivista. Aí se encontra uma das divergências teórico-metodológicas entre ele e Otávio Velho. José Vicente Tavares dos Santos, um de seus orientandos no Programa de Mestrado em Sociologia da USP, retoma este procedimento teórico-metodológico. Tavares dos Santos, ao estudar o processo de trabalho camponês, conclui que,

...o processo de trabalho camponês é um processo de trabalho não especificamente capitalista reproduzido historicamente pelo modo de produção capitalista: o camponês do Brasil meridional é um personagem não especificamente capitalista que se constitui na história pelo modo de produção capitalista, determinado como produtor de mercadorias e criador de trabalho excedente. (TAVARES DO SANTOS, 1978: 23).¹⁴²

Além do conceito de processo de trabalho ...não especificamente capitalista reproduzido historicamente pelo capitalismo, Tavares dos Santos resgata de Martins o conceito de comunidade utópica, com o qual descreve o sentido das formas de ...resistência aos efeitos das rupturas estruturais da sociedade capitalista que incidem sobre o camponês (idem: 158); das formas de solidariedade presentes no trabalho; da sociabilidade

¹⁴² Assim: O camponês repõe, a cada ciclo produtivo, seja por via de produção direta, seja por via da troca monetária, os meios de produção e a força de trabalho necessários para a simples repetição da produção. Inversamente, o que a formação capitalista provoca é a ampliação das contradições sociais, na medida em que reproduz o personagem não especificamente capitalista do camponês. (TAVARES DOS SANTOS, 1978: 67).

encontrada no lazer como o "filó" (reunião de vizinhos), as festas, a bodega, a capela; do esboço de uma consciência política a nível das instituições locais e no sindicato¹⁴³.

Otávio Velho considera a noção de relações de produção não-capitalistas como alternativa teórica para a análise da produção camponesa em relação ao desenvolvimento do capitalismo no Brasil, porque poderia significar a possibilidade de um exame do campesinato não como algo exterior ao capitalismo, ou ...algo exterior ao processo dominante, como se fossem lógicas diferentes que apenas se tangenciam. (VELHO, 1982: 115) No entanto, não acreditava ser esta a melhor explicação para a natureza da produção camponesa.¹⁴⁴

As relações de produção não-capitalistas, seriam geradas pelo próprio capitalismo, como forma de garantir ...o acesso à terra ao camponês e a preservação da terra para o camponês... (VELHO, 1982: 120) Esta se apresentava como uma possibilidade teórica aceitável, sem demarcar de fato, na prática, a profundidade deste processo. (idem) Por considerar a questão através do recorte do modelo de coexistência de vários modos de produção, Velho faz a crítica por meio deste viés. Ou seja:

Acho que num país como o Brasil existem vários modos do desenvolvimento capitalista em andamento, não é só um, não é? E a relação entre esses vários modos é que eu acho que também tem de ser vista em relação a essa questão. (ibidem).

¹⁴³ Consultar TAVARES DOS SANTOS, 1978: 157-170. A utopia comunitária revelaria ...uma 'resistência defensiva, passiva', cujo sentido consiste em 'absorver-se implicações da pauperização' relativa provocada no camponês pela dominação do modo de produção capitalista. (idem: 164).

¹⁴⁴ Velho refere-se ao trabalho de José de Souza Martins. (VELHO, 1982: 115-6). Para Velho: Relações de produção não-capitalistas, no âmbito, digamos, no bojo do próprio desenvolvimento capitalista, talvez então tenha a vantagem de você tentar evitar um pouco tanta externalidade. (...) Não sei até que ponto é útil você falar em relações de produção não-capitalistas ou se a gente não poderia examiná-las como sendo outras relações de produção capitalistas também. Não quer dizer que a sua forma não tenha sido tomada historicamente de relações de produção não-capitalistas. Mas não está bem claro para mim se é realmente útil pensar nisso como sendo relações de produção não-capitalistas. Não sei se com isso a gente não vai tender a repetir em algum nível alguns dos problemas existentes em outras formulações. (idem: 116). Sem referir-se explicitamente à Martins, mas ao uso da concepção pequena produção agrária não-capitalista ou pré-capitalista, Soares, orientando de Velho, também critica este procedimento teórico. Consultar SOARES, 1981: 209-214.

Sua crítica pretende atingir o que considera uma visão populista da questão agrária¹⁴⁵ que, utilizando a perspectiva marxista, mantinha a existência da produção capitalista de relações não-capitalistas nas frentes de expansão. Segundo Velho, esta premissa ...parece ter tido influência mais direta sobre a Igreja.¹⁴⁶ (idem: 128).

Segundo a trilha teórica aberta por Velho, Musumeci também chamava de populistas aqueles intelectuais que analisavam a realidade pesquisada empregando categorias retiradas da empiria¹⁴⁷ e

¹⁴⁵ Segundo Velho, as tendências populistas percebiam a pequena produção rural como não ou anticapitalista (VELHO, 1982: 137) e parte da esquerda revolucionária destacava o caráter antimassa do capitalismo. (idem: 139) Para este autor seria ilusório imaginar que não fôssemos impregnados pelo desenvolvimento capitalista e que, na verdade, ...o pequeno produtor está inserido no sistema capitalista e possui reivindicações democráticas capitalistas. (idem: 138). O desenvolvimento capitalista não poderia ser ...pensado como instância à parte, apenas 'articulada' com a política... [que os] ...grupos subalternos [têm] uma rejeição absoluta dos valores dominantes (o que teria como manifestação máxima no limite a rejeição por parte dos posseiros do próprio instituto da propriedade privada). (idem: 143).

¹⁴⁶ De acordo com Velho: Quem foi treinado profissional e politicamente a pensar em termos analíticos tem dificuldade em dialogar com textos ou pessoas para os quais os juízo de valor são desinibidamente não apenas misturados, mas *fundidos* a categorias supostamente 'científicas'. No recente texto de Itaiçi, por exemplo, considera-se apenas propriedade *privada* da terra a que, cultivada pelo proprietário com mão-de-obra assalariada, tem 'função social e respeita os direitos fundamentais do trabalhador', reservando-se a expressão - no caso imediatamente acusatória - *capitalista* à que é utilizada como 'instrumento de exploração do trabalho alheio'. (VELHO, 1982: 126). Crítica o uso de categorias pinçadas da empiria (citando com exemplo: terra de negócio e terra de trabalho no documento da Igreja em Itaiçi) conclui que ...num certo nível a visão do cientista social pode não diferir muito da do padre e até reforçá-la. Particularmente para os antropólogos é muito grata uma formulação que pretenda partir do próprio discurso dos agentes sociais, ao invés de impor esquemas abstratos e finalísticos. Quase 15 anos, no entanto, de trabalhos de pesquisa e reflexão sobre o pequeno produtor na Amazonas não me convencem de que esse privilegiamento e transcrição literal de *um* dos discursos dos 'informantes' ou mesmo um reforço teórico reificador desse discurso seja a melhor maneira de interpretar a sua realidade e sua própria consciência e ideologia. Antes, me afastaram do que havia de próximo a essa concepção em minhas formulações. (VELHO, 1982: 129).

¹⁴⁷ Musumeci, retoma a crítica de Velho: Nosso objetivo consiste em, a partir da análise de um caso específico, de uma experiência concreta de pesquisa, e dentro dos quadros mais imediatos do debate sobre a fronteira e o pequeno produtor, especificar os limites do 'dualismo populista', a inadequação da suas premissas e os impasses a que pode conduzir a sua proposta de tradução do discurso dos agentes sociais. (MUSUMECI, 1988: 20). Consultar MUSUMECI, op. cit.: 53-4; 143-4; 373, nota 20; 375: nota 34, entre outras. O próprio Martins, ao criticar a 'leitura positivista do documento' de Itaiçi, que ...acabou colocando uma análise de direita em muitas bocas 'de esquerda' (MARTINS, 1984: 10), também questionam o que Musumeci e Velho criticavam: A mera classificação etnográfica e exterior não alcança a profundidade da contradição entre o revelado e o oculto. Buscar nas intenções *imediatas* dos próprios agentes o sentido completo das relações é supor que todo o processo social é transparente, que entre o homem que age e os resultados da sua ação, sobretudo da sua ação coletiva, não há mistério algum, não há alienação alguma. Do mesmo modo, desprezar as verbalizações e intenções imediatas, reveladas, dos agentes é supor que a história é natural, uma natureza sem história, um novo fetiche. (idem: 12). Em texto posterior, Martins volta a polemizar, sem mencionar seus críticos: O aparecimento de canais de expressão política para essas lutas, o aparecimento de análises sociológicas e antropológicas que procuram resgatar a dimensão política e histórica de tais lutas, são definidos como *populismo*, no sentido que essa palavra tinha no vocabulário político russo do século XIX: eram populistas os que acreditavam que as populações camponesas e as lutas camponesas promoveriam o desenvolvimento social e a superação do capitalismo. O uso depreciativo e ideológico do conceito de *populismo* é expressão direta do liberalismo exaltado de raiz oligárquica que está nos alicerces de algumas ideologias de esquerda no Brasil. Ainda é uma fala oligárquica

através das noções de frente de expansão, produção camponesa não-capitalista, terra liberta, economia de subsistência, classificando-os de dualistas. Como Otávio Velho, Musumeci questionou a ação eclesial na comunidade pesquisada, o ...modelo pronto, rígido, dicotômico, maniqueista, da Igreja Católica ...incapaz, muitas vezes de dar conta da situação real que está sendo vivida pelos supostos beneficiários dessa interferência.¹⁴⁸ (MUSUMECI, 1988: 144).

Para Velho, a Igreja Católica estimulava a idealização do passado e via ...o processo de desenvolvimento capitalista como um mal absoluto e em bloco (VELHO, 1982: 133), que favorecia formulações teóricas como a de pequeno produtor não-capitalista. Ao agir assim, a Igreja popular usava um "olho de vidro" e "idealizado".¹⁴⁹ Para Velho,

A camisa-de-força ideológica que foi construída, utilizando entre os seus fios alguns não tão novos assim (ao contrário do que pensaram certos bispos conservadores em Itaici), impede o acompanhamento desnudado das tendências e possibilidades. Impede até que sequer se coloquem certos temas clássicos, como o de 'revolução burguesa' e da 'diferenciação interna' do camponato, ilegítimos a priori. (VELHO, 1982: 135).

Parte destas críticas e as de Musumeci destinavam-se, veladamente a José de Souza Martins e Moacir Palmeira e seus orientandos, acusados de se utilizarem de ...noções recorrentes no discurso dos camponeses (como fartura, cativo, besta-fera) e de interpretá-las ...de forma simplificada e maniqueista.¹⁵⁰ (idem: 225).

que, por esse meio, procura deslegitimar a capacidade política dos trabalhadores rurais, seu papel na História, seu lugar no processo de expressão política das contradições do capital. (MARTINS, 1988: 78) Leite Lopes, ao prefaciar o livro de Afrânio Garcia Jr., também rejeita o rótulo de populistas aos que introduziram no Brasil este recorte teórico. Segundo ele: Com efeito, a introdução de fato desta literatura pressupõe uma assimilação real e um respeito às contribuições - pré-condições desta valorização prática que aprofunda tal literatura e evita o hábito difundido tanto de uma etiquetagem simplista e imprecisa quanto de uma rejeição apriorística de contribuições por suspeitas tais como as de 'populismo' ou 'neopopulismo russo', ou ainda de utilização de instrumental econômico marginalista. (LEITE LOPES 1983: IV)

¹⁴⁸ Consultar em especial MUSUMECI, op. cit: cap.3.

¹⁴⁹ Segundo Velho, a Igreja deveria se livrar desta postura ...para revelar de forma plena a real extensão da 'cegueira' do conjunto das esquerdas e a sua perda (se é que alguma dia a tiveram) da iniciativa. (VELHO, 1982: 135).

¹⁵⁰ Em nota de pé-de-página a autora fundamenta sua crítica numa referência a seu orientador: Otávio Velho, em texto recente, propõe novas interpretações para a recorrência dessas 'categorias' (sobretudo *cativo* e *besta-fera*) entre os

Como que antevendo críticas desta natureza, Martins, ainda em 1981, já havia questionado aqueles que classificavam de populista o compromisso com as lutas camponesas e lhes diz que essa designação é "extemporânea e estrangeira" e que se faz necessária uma reflexão mais crítica sobre a literatura que dá origem a esta discussão (Marx e Lenin), e que, através da comparação, se vissem as diferenças entre a situação brasileira e a russa.¹⁵¹ (MARTINS, 1981b:15)

Sob o rótulo de populista críticos e criticados se dispuseram, gerando divergências teóricas, políticas e pessoais, como se vê nas seguintes afirmativas:

...o Otávio, de alguma forma vai (...) lembrar que o Chayanov é um populista russo e vai questionar um pouco esta idéia da reforma agrária, da questão da terra. Otávio vai trabalhar com a questão do capital (...) Ele começa a trabalhar com a questão do capital financeiro, capital agrário, etc, e vai questionar a questão da reforma agrária e faz um debate com o Moacir, onde vai chamar o Moacir de populista no sentido da expressão do Chayanov para o Brasil. O Martins acaba entrando nesta chave de populista via Igreja. O Moacir entra na chave do populismo com Otávio via, basicamente, Chayanov e outros populistas russos... (NOVAES, Entrevista, 22/12/93).

Ou ainda:

...Estava muito fatigado das grandes teorias sociológicas, ou seja, o movimento social na época ultrapassava todas as formulações sociológicas verificadas e eu estava extremamente fatigado dos conceitos muito cristalizados, todos os termos estruturais, modo de produção, tendência de desenvolvimento, penetração do capitalismo na agricultura e outros. Assim, como estava fatigado dos debates sociológicos muito gastos do populismo: Lenin, Chayanov, etc. Na realidade, naquela época, quando se abordava a questão camponesa,.... havia de imediato toda uma armação de conflitos e de defesas, de agressões que impedia a análise da realidade social.

camponeses brasileiros, indicando a necessidade de relacioná-las a uma 'cultura bíblica' mais ampla, ao invés de torná-las apenas como analogias, expressivas, simplesmente, de relações e representações contextuais - que é o modo como até hoje têm sido analisadas pelos autores que as registraram em seus trabalhos de pesquisa na Amazônia ou em outras áreas do país (cf. Velho, 1987...). (MUSUMECI, 1988: 394, nota 68).

¹⁵¹ Conforme Martins: Classificar como populistas as lutas camponesas é parte de uma conduta ideológica e política que só deixa às lutas camponesas o caminho da alienação, do abandono, do misticismo, do banditismo. (MARTINS, 1981b: 17). Para ele, ...ouvir o campesinato não quer dizer, simplisticamente, partir do próprio discurso dos 'agente sociais'. Quer dizer isso e muito mais. Quer dizer que é preciso mobilizar recursos teóricos que permitam decifrar a fala do camponês, especialmente a fala coletiva do gesto, da ação, da luta camponesa. É preciso captar o sentido dessa fala, ao invés de imputar-lhe sentido, ao invés de desdenhá-la. E isso somente será possível se entendermos que a resistência do camponês não expressa o seu sentido num universo particular e isolado, camponês; que a resistência do camponês à expropriação, ao capital, vem de dentro do próprio capitalismo. Que essa resistência só adquire sentido pela mediação das contradições fundamentais que contrapõem operários e burgueses, pois a questão agrária é uma entre outras expressões das contradições do capital. (idem: 17-8).

E é claro que nesta época eu não sabia muito bem como sair disso... (TAVARES DOS SANTOS, Mesa redonda/APIPSA, 07/12/92).

As classificações populismo, populista, dualidade, positivismo, a denúncia da utilização indevida e direta de categorias da empiria na análise científica, ou contra uma apologia da produção camponesa ou da proletarização, explicitavam as divergências políticas e teórico-metodológicas entre os autores. Tais acusações, feitas a partir da especificidade do olhar disciplinar daquele que escreve, refletiam o compromisso ético e político em relação aos rumos da sociedade nacional. Assim, quem explicitava as contradições geradas pelo capitalismo e desvendava os mecanismos de *expropriação* da terra e *exploração* do trabalho¹⁵² gerados na sua forma de produção social e de apropriação privada da terra, da riqueza, ou da renda camponesa, certamente concluiria que a luta pela terra era uma luta contra o capital (MARTINS, 1981b: 177), ou que a ...questão política no campo é principalmente a questão da propriedade da terra. (MARTINS, 1980a: 11). Consequentemente, não é de se estranhar que este autor prestasse apoio aos setores da Igreja Católica que apresentavam uma proposta de questionamento da propriedade nas áreas de expansão da fronteira agrícola.

Por outro lado, quem considerava a possibilidade de ver o campesinato constituindo um modo de produção que ...não desaparece com o advento do capitalismo autoritário (VELHO, 1976: 51), concluiria, como o próprio Velho reconhece, que ...a sua subordinação segue-se como uma consequência teórica natural (ibidem) e como garantia prática de sua reprodução. O trabalho familiar, portanto, não poderia ser critério definidor do estatuto de camponês, mas do processo de diferenciação frente ao mercado. (idem: 198-9). Aqueles que reconheciam a importância da racionalidade econômica como critério classificatório do "ser" camponês, provavelmente só poderiam obter resultados diferentes

¹⁵² Consultar MARTINS, 1980a: 49-66. O autor alerta que ...é sério engano propor a *exploração* e não a *expropriação* como eixo principal da questão política no campo... (idem: 20).

daqueles que afirmam que o camponês ...é um homem do trabalho, porque ...ele fala com as mãos. (MARTINS, 1980a: 28).

Para mim, estas interpretações tão distintas não se explicam pelo uso ou/não de categorias retiradas diretamente do empírico, mas pelo seu uso valorativo e político e pela não relativização dos resultados obtidos em situações de pesquisa (*plantation* ou fronteira) e com objeto de pesquisa (produção camponesa/posseiros/colonos,etc) tidos como supostamente semelhantes. Na verdade, a realidade pesquisada era composta por ambientes e situações diversificadas.

Acredito que as críticas feitas de parte a parte, exemplificam posturas metodológicas diferentes, representam um posicionamento distinto frente ao uso de expressões e falas camponeses, frente ao estranhamento antropológico e ao distanciamento teórico-político entre o observador/observado na elaboração e comparação de modelos explicativos. A crítica espelha o próprio procedimento, como se a virtude carregasse o próprio vício.¹⁵³

A busca de objetividade parece ter sido levada às suas últimas consequências por Velho. Como que se policiando contra um encontro mais inteiro e contaminado com o mundo pesquisado, Velho parece ter ficado prisioneiro do próprio marco teórico. Ao considerar a terra de trabalho como um mito da terra liberta, ao criticar como errônea a visão de um ...camponês de fronteira como apartado da sociedade capitalista, vivendo num mundo sem conflitos e sem exploração¹⁵⁴ (crítica feita por MUSUMECI,

¹⁵³ Musumeci também se utilizou, nos textos, das categorias empíricas. São exemplificativas as várias falas de camponeses utilizadas e que expressam a interpretação advinda do próprio material de pesquisa como as noções de integração do camponês da fronteira ao capital comercial-usurário, sua trajetória ascendente. Apenas para citar um exemplo, Musumeci menciona uma situação empírica que informa à Velho a compreensão de um modelo explicativo: Otávio Velho, em seu estudo sobre a frente agrícola no Pará registrou a seguinte frase, expressiva do desejo de *integração*: 'Depois desses anos de sacrifício, agora que isto aqui é *Brasil*, eu não vou me meter de novo dentro do mato'... (MUSUMECI, 1988: 394: nota 69).

¹⁵⁴ Também Soares critica esta visão: 1) o campesinato amazônico das áreas de fronteira recentemente fechada não é um segmento social autônomo, ilhado, isolado de relações sociais que o inscreveriam em sistemas econômicos e ideológicos mais amplos. Não é portador de uma lógica própria absolutamente avessa ao capitalismo, em suas mais diversas manifestações. Ao

1988: 190), Velho e Musumeci, à luz do modelo interpretativo que empregavam, enfatizaram as relações de comercialização, de crédito e de patronagem para explicar a vida econômica e social do grupo camponês analisado.

Se a ...libertação do cativo seria libertação do domínio das leis (VELHO, 1995: 26) e se a busca da ambiguidade se daria através da atividade comercial¹⁵⁵ (idem: 30-1), certamente o mito da liberdade e a concepção de autonomia de Martins, apresentavam-se como um saber que deveria mesmo ser questionado. Não haveria concordância teórico-metodológica e/ou política com um saber que vincula o sentido da liberdade com ...o rumo [que] é o do pôr-do-sol... (MARTINS, 1979c: 19; 1981b: 137), com a negação do sistema capitalista e com a busca da alternativa comunitária para além da fronteira. Assim, se para Velho a terra é local da expansão da frente pioneira, através do comércio, para Martins a terra só poderia ser o local da geração do conflito e do trabalho¹⁵⁶ como forma de libertação e negação do direito burguês.

contrário, ele se articula segundo padrões diferenciados - e na definição desses padrões o ideológico e o político cumprem papéis fundamentais - com o movimento hegemônico do capital. Esta articulação, por sua vez, não deve ser pensada como o mero estabelecimento de vínculos entre dinâmicas exteriores, essencialmente antagônicas. Entretanto, assim como se viu que entre as diversas manifestações do capital não existe *harmonia*, também entre a pequena produção e as várias formas do capital não há uma *funcionalidade* absoluta, pelo contrário; 2) mesmo o campesinato comunal não representa concepções e prática anticapitalistas; 3) o comunismo (acesso comum às terras) - tanto o restritivo quanto o radical - sugere igualitarismo, mas pode alimentar imediata ou progressivamente diferenciações sociais significativas. Alimentá-las, estimulá-las, encobri-las e dialeticamente expressá-las; 4) propriedade privada não se confunde forçosamente, nos cálculos dos pequenos produtores agrícolas, com propriedade individual, e essa distinção pode ter implicações importantes. (SOARES, 1981: 225).

¹⁵⁵ Para Velho ...a mesma ambivalência autonomia-servidão, que divide os analistas, registra-se no que diz respeito à atividade comercial. A maioria deles (bem como os militantes políticos e religiosos) preferiu acentuar a ligação do camponês da frente de expansão com a terra, e a rejeição de outras atividades que não caracterizavam propriamente o *trabalho*, ao passo que outros (especialmente Musumeci, 1985; Soares, 1981; Velho, 1982) viram no comércio uma atividade extremamente valorizada... (VELHO, 1995: 30-1). A isto se soma a noção de trajetória social ascendente, que segundo Velho, ...não deve ser entendida em termos economicistas, [já que] ...as condições 'objetivistas' como a *fronteira*, a favorecem, [bem como uma] ...ação política, disseminando hegemonias, incorporando estilos de luta diferentes característicos de outras trajetórias sociais (...) e alterando as trajetórias (e com elas a consciência social) pela modificação do quadro social que lhes dá o sentido. (VELHO, 1976: 241).

¹⁵⁶ Há até mesmo para Martins uma relação transcendental do possessor para com a terra: O trabalhador concebe a terra como uma dádiva, uma dádiva de Deus. Em geral, ele pensa nesse sentido, porque ele é religioso, crê, tem fé e isso é um dado que a gente tem que incorporar. É uma dádiva de Deus para todas as pessoas, para todos os que queiram trabalhar, de modo que, por exemplo, um possessor nunca proíbe que alguém trabalhe numa terra em que ele já trabalhou, embora do ponto

3.2.7. Formas de subordinação do campesinato ao capital

Vários foram os desdobramentos da forma de se conceber a organização da produção camponesa como subordinada a partir da lógica da reprodução e dominação do capital. A reprodução subordinada do campesinato se daria portanto, através da subordinação do trabalho ao capital, quando o camponês é expropriado pelas várias formas do capitalismo na agricultura.¹⁵⁷ O sistema econômico capitalista é apontado como espinha dorsal, como determinante econômico e político da produção/reprodução da unidade familiar. A renda da terra gerada pelo camponês e o seu sobretabalho lhe são confiscados, tornando a sua reprodução subordinada ao capital¹⁵⁸. Diferentes conceitos foram empregados para analisar e explicar a articulação e/ou subordinação da produção familiar ao capital¹⁵⁹:

de vista de alguém que pense como proprietário, a coisa já fosse mais complicada. (MARTINS, 1980a: 177) À terra se soma o trabalho incorporado nela, ou seja, ...há um grande respeito pelo trabalho. (idem: 178). Pedir licença para usar uma terra ...é pedir licença pelo trabalho que está lá, que é trabalho do outro. (ibidem).

¹⁵⁷ Ver em Graziano da Silva um resumo destas formas de subordinação da produção camponesa ao capital comercial, ao proprietário fundiário, à agro-indústria e cooperativas capitalistas. (GRAZIANO DA SILVA, 1980a: 59-61).

¹⁵⁸ Segundo Tavares dos Santos: A reprodução subordinada do campesinato vai ocorrer, em um primeiro nível, pela subordinação do trabalho camponês ao capital. A exploração da força de trabalho camponesa efetiva-se pela conversão dessa forma de produção em viveiro de força de trabalho para o próprio setor agrícola, para o setor urbano-industrial e para as frentes de expansão e frentes pioneiras, expressando-se pela presença de membros da família camponesa em trabalhos temporários no setor agrícola e por sua participação nos fluxos migratórios rural-urbano e rural-rural contemporâneo. Ao mesmo tempo, dá-se uma apropriação do sobre-trabalho cristalizado no produto da unidade produtiva camponesa, seja na forma de alimentos, seja na forma de matéria-prima, apropriação que se dá por intermédio das relações do mercado. Tais situações configuram historicamente a subordinação do campesinato a distintas formas de capital. A primeira forma do capital que os tem subordinado é o capital comercial (...) No período mais recente da industrialização brasileira, passa a ser o capital industrial aquele que detém a primazia sobre o campesinato, apropriando-se do valor cristalizado no produto do trabalho camponês (...) Finalmente, a modernização da agricultura que se expande no país a partir dos anos 60, levou, em algumas culturas, a uma utilização de técnicas modernas no processo de trabalho camponês. Esse procedimento foi viabilizado pelo capital financeiro, cabendo ao crédito rural possibilitar o consumo produtivo de insumos industrializados e de máquinas e equipamentos agrícolas, sem que tenha havido uma transformação do camponês em pequeno capitalista. (TAVARES DOS SANTOS, 1980a: 4-5).

¹⁵⁹ Vide a análise e referência a estes trabalhos In: GNACCARINI & MOURA, 1983: 8-10; WANDERLEY, 1985: 27-37; PAULILO, 1990a: 11-15; TAVARES DO SANTOS, 1988, 1991.

complementaridade e funcionalidade; subordinação direta e indireta¹⁶⁰; subsunção formal e subsunção real¹⁶¹, sujeição real e/ou formal¹⁶²; trabalhadores para o capital¹⁶³.

Tais estudos demonstraram uma tendência de transformação, integração, eliminação e/ou rearticulação desta produção às várias formas de capital desenvolvidas no setor agropecuário. Vários foram os desdobramentos destes estudos na década de 80, bem como daqueles vinculados à questão do aburguesamento e/ou proletarização do pequeno produtor. A questão posta pelo modelo adotado para a agricultura brasileira foi a da necessidade de se analisar a modernização conservadora através do incentivo aos complexos agro-industriais e da integração da indústria-agricultura.

À questão da subordinação do pequeno produtor ao capital - discussão esta vinculada à perspectiva marxista dos ...mecanismos de transformação e eliminação da unidade de produção familiar¹⁶⁴

¹⁶⁰ Consultar GRAZIANO DA SILVA, 1980a: 61-64. A pesquisa de Tavares dos Santos sobre os colonos do sul, exemplifica como o trabalho do pequeno produtor está submetido indiretamente ao capital. (TAVARES DOS SANTOS, 1978). É como explica Martins, seu orientador, no prefácio do livro: Embora preserve a sua autonomia formal e aparentemente trabalhe para si mesmo, na verdade foi subjugado pelo capital financeiro dos bancos que lhe fazem empréstimos, de que não pode abrir mão se quiser manter o nível e a qualidade da sua produção; foi submetido pelo capital dos intermediários e foi submetido, final e decisivamente, pelo capital das indústrias vinícolas, que o dominam através do seu produto comercial - a uva. (MARTINS, 1978b: XV). A subordinação formal do trabalho camponês ao capital pressupõe que haja a geração da mais-valia absoluta, que o camponês mantenha a autonomia de seu trabalho, mesmo quando é obrigado a fornecer o sobretrabalho a outrem (no caso a indústria vinícola). Consultar TAVARES DOS SANTOS, op.cit., em especial 125-133.

¹⁶¹ Acompanhar esta discussão em SOARES, 1981: 191-204.

¹⁶² Para uma análise crítica do emprego desta noção vide: MARTINS, 1981b: 173-5.

¹⁶³ Um estudo pioneiro nesta direção é o de Wanderley, que apresenta o camponês como um trabalhador para o capital, distinto do proletariado. Segundo a autora, este trabalhador renuncia à renda fundiária a favor do capital. Suas iniciativas são limitadas e restritas ao estreito espaço estabelecido pelo capital. O camponês se vê obrigado a transferir o sobretrabalho para os setores dominantes da acumulação capitalista, seja a indústria ou cooperativas. (WANDERLEY, 1985: 13-78) Graziano da Silva, ao falar da gênese e constituição do mercado de trabalho no Brasil, emprega também este conceito e afirma que o elo comum entre o morador, o agregado, o colono, o posseiro, o meeiro, o pequeno arrendatário, o rendeiro, o sitiante, etc, é fato de serem todos ...trabalhadores para o capital, representado este pela grande lavoura de exportação, pela agro-indústria, ou pelo próprio capital comercial; e nenhum desses trabalhadores perdeu completamente a posse do principal meio de produção, no caso a terra. (GRAZIANO DA SILVA, 1980a: 58).

¹⁶⁴ Esta produção familiar era definida por ...seu caráter pré-capitalista ou mercantil simples e pela transitoriedade, em face da própria subordinação ao capital. Desse ponto de vista, a análise recai sobre as contradições sociais, os processos de

(NEVES, 1981: 15) - somaram-se as várias nuances do debate que enfatizava a especificidade e/ou a lógica da produção camponesa. Desta forma, em um mesmo trabalho teórico podia-se encontrar tanto a questão da subordinação, da submissão formal da produção camponesa ao capital, como a da especificidade das relações de produção das unidades familiares.¹⁶⁵

O universo empírico a ser pesquisado foi se ampliando e vários estudos sobre a produção familiar foram feitos: eram os colonos, assentados e posseiros na Amazônia Legal; os moradores e agregados em vias de desaparecimento no interior das grandes fazendas; os parceiros, pequenos arrendatários vinculados ao capital comercial; os "tecnificados" e "integrados" ao capital industrial, entre outros. Através de uma leitura crítica destes debates, Novaes descreve o clima acadêmico no qual ocorreriam nos anos 70/80:

Eu nunca vou esquecer que em 80... a gente fez um grande encontro em Campina Grande, onde se estudava muito o marxismo. (...) Este encontro foi impressionante, porque naquele grupo como um todo, tinha uma certa cumplicidade. Todo mundo discutia, todo mundo descobria formas marxistas. A Nazareth era o 'camponês trabalhador para o capital', o Martins era... 'relações não-capitalistas de produção', o Afrânio era 'modo de produção camponês' baseado em Marx..., o Moacir trabalhava com a questão dos 'sistemas de *plantation* que eram subordinados ao modo de produção, formação social... De fato tinha o marxismo que era fundamental. Era um lugar do diálogo. Você podia até discordar, mas todo mundo partia [do fato] de que era possível tirar do Marx a interpretação... (NOVAES, Entrevista, 22/12/93).

transformação do pequeno produtor em pequeno-burguês ou em proletário, as relações que estabelece com o capital em suas várias formas ou com o mercado. (NEVES, 1981: 15-6) A análise das condições concretas de vida do pequeno produtor foram vinculadas empírica e teoricamente aos ...mecanismos de integração à produção social, destacando os fatores externos que atuam a nível da organização e da transformação do processo imediato de produção. (idem: 17).

¹⁶⁵ É exemplificativo o trabalho de NEVES, 1981. Esta autora considerou ...o caráter subordinado da forma de organização da produção dos pequenos produtores agrícolas e a especificidade das relações de produção das unidades familiares, caracterizadas por racionalidades nem sempre orientadas do ponto de vista do lucro e da reprodução do capital, (...) tomando as relações de produção imediatas dessas unidades familiares como uma forma de organização da produção não-capitalista ou como um modo de produzir específico. (idem: 18). Neves, baseando em Otávio Velho, considera que a questão da ...especificidade engloba não só relações internas mas também as formas de subordinação... através da integração social, [presentes nas] ...relações econômicas e políticas do processo de circulação. (ibidem). Neves destaca ...não só a capacidade adaptativa dessa forma de organização da produção, como também algumas das condições em que ela participa da reprodução daquelas relações. (idem: 172).

3.2.8. Lógica interna e especificidade da produção camponesa

Estes estudos, numa versão sócio-antropológica, encontram-se intimamente ligados àqueles desenvolvidos sob a perspectiva disciplinar sócio-econômica. Se no primeiro recorte a produção camponesa era pensada através do eixo externo de categorias econômicas - vinculadas à lógica da reprodução capitalista, de determinações econômicas e de critérios sócio-políticos, neste segundo grupo, os trabalhos caracterizaram-se por apreender, vincular e ressaltar a lógica e a especificidade da própria unidade camponesa¹⁶⁶, bem como estudar as estratégias de uma reprodução não-subordinada do camponês ao capital¹⁶⁷.

No primeiro grupo de estudos, a preocupação central, apesar da variedade de modelos teórico-metodológicos, era analisar a organização da produção familiar enquanto integrada/articulada e/ou subordinada ao sistema econômico dominante, seja ele o modo de produção capitalista, o sistema de *plantation*, ou o sistema escravagista. Apesar de alguns destes estudos já apontarem para a existência de uma especificidade camponesa, esta era ainda pensada a partir do estudo da organização da unidade de produção familiar e de sua integração às relações de produção dominantes ou ao processo de circulação e comercialização.

Já no segundo recorte teórico-metodológico e disciplinar, o universo ampliou-se, englobando tanto a produção camponesa quanto o trabalhador rural; a produção autônoma e a subordinada ao

¹⁶⁶ Para Garcia Jr. ...a especificidade da unidade produtiva é seu caráter familiar. Ou seja, a participação de cada membro depende de sua inserção nas relações de parentesco. (GARCIA JR., 1983: 104). A fonte teórica de inspiração é Chayanov e o fato de ...que haja produção mercantil generalizada e que o próprio campesinato se insira nesta produção mercantil. É suposto também que haja propriedade privada da terra e que também a terra seja uma mercadoria. (idem: 104, nota 4).

¹⁶⁷ Segundo Tavares dos Santos estas estratégias de reprodução não-subordinada do campesinato estariam ligadas às ...pressões no sentido de permanência na própria região, principalmente através do movimento sindical e da Igreja [e aos] ...deslocamentos para as frentes agrícolas, a fim de reproduzir a propriedade familiar ou de efetuar uma posse... (TAVARES DOS SANTOS, 1980a: 11).

modo de produção capitalista; a que se encontrava em vias de capitalização e diferenciação como a em vias de desaparecimento e/ou de proletarização; as formas de acesso aos meios de produção e relações de trabalho camponês como a sua relação como o mercado interno, suas estratégias de consumo e reprodução social.

O que diferencia este segundo grupo de pesquisas é o resgate das representações que os próprios camponeses faziam sobre sua condição de vida. A especificidade era lida a partir dos códigos fornecidos pelo contato com o objeto de pesquisa, pelo processo produtivo, pelos laços de parentesco, pelos valores camponeses, pela tradição, pelas estratégias de reprodução, pelas formas de resistência e pela reação à expansão do capital.

Se no primeiro grupo encontram-se os estudos que relacionavam a produção camponesa à subordinação, articulação e/ou determinação com o modo de produção capitalista, neste os estudos destacavam o processo interno da produção camponesa a partir de suas estratégias, resistências, autonomia, especificidade e/ou sua lógica interna. Mesmo quando as estruturas internas da produção familiar continuavam sendo analisadas à luz do processo de capitalização, industrialização e/ou modernização da agricultura brasileira, elas eram vistas não mais como produção residual, marginal ou subordinada, mas enquanto uma forma de permanência e resistência no interior do sistema econômico dominante¹⁶⁸.

¹⁶⁸ Estas teses estão ligadas às formas de subordinação do trabalho camponês ao capital, buscando não só resgatar os mecanismos de dominação do capital sobre a agricultura camponesa, mas também as formas de resistência econômica e política dos camponeses frente ao processo de expropriação, às ações do Estado, às agro-indústrias, às exigências do mercado. Este procedimento teórico foi resultante das pesquisas de campo e dos estudos de caso, quando foi possível se apreender o lado não passivo da relação capital-trabalho. (GNACCARINI & MOURA, 1983: 9-10).

O eixo temático da estrutura das classes e da organização social dos grupos sociais¹⁶⁹ passou a ser pesquisado e analisado a partir da ótica de categorias de pensamento do próprio campesinato. Um novo entendimento sobre este segmento social, sobre as condições de sua expropriação e da organização de seu trabalho familiar foi sendo elaborado.

A pesquisa empírica tornou-se procedimento metodológico necessário nesta mudança dos rumos dos debates e de fuga de aplicações de categorias analíticas estranhas à realidade brasileira¹⁷⁰. Empiricamente, ocorreu o contato direto com o objeto de pesquisa em "carne e sangue", quando posseiros/índios/capitalistas passaram a ser entendidos não apenas através da lógica do capital. Nas pesquisas regionais, o pesquisador descobriu uma outra realidade, constituída por um campesinato real que sobrevivia no interior das grandes fazendas do nordeste e do sudeste (os parceiros, os agregados)¹⁷¹, ou por posseiros da Amazônia Legal.

Na década de 80, estes estudos sobre o campesinato ganharam novas orientações teórico-metodológicas, conciliando os saberes da prática disciplinar da sociologia com os da antropologia, em

¹⁶⁹ De acordo com Tavares dos Santos, este eixo temático provocou dificuldades interpretativas, ou seja, ...descompasso entre os conceitos disponíveis, definidos de modo rígido (...) e sua aplicação às realidades sociais em análise (...) cujo alcance interpretativo deveria ser verificado no momento de confronto com as diferentes realidades empíricas em análise. (TAVARES DOS SANTOS, 1988: 19-20). Este fato demandou uma ...diversificação de métodos e de técnicas de investigação, [o] privilegiamento progressivo da pesquisa de campo, das entrevistas, da observação etnográfica, da história de vida, etc. (idem: 21-2).

¹⁷⁰ Como aponta Palmeira no Prefácio do livro de Leite Lopes (1978), os estudos monográficos ou os estudos de caso, como o que estava prefaciando, significaram um avanço sobre as pesquisas feitas até então, quando se reproduzia uma teoria a respeito de um recorte temático. Ele elogia o trabalho de Leite Lopes por conseguir o desvendamento da ...lógica das relações sociais que a suportam sem passar pela mediação das 'grandes questões' (PALMEIRA, 1978: XI), onde era comum encontrar-se ...sínteses sociológicas ou históricas de intenção teórica proclamada (idem: XII), ou mera transcrição de entrevistas no bojo da argumentação, com indicações de números sobre os dados levantados, banindo da teoria 'operário de carne e osso', ou apenas resenhando 'o senso comum'. (ibidem)

¹⁷¹ Sobre o agregado, vide referências in TAVARES DOS SANTOS, 1991: 22.

detrimento dos da economia¹⁷². Buscava-se o entendimento da lógica da reprodução sócio-econômica da família camponesa, expressa nas relações de trabalho, produção, mercado e consumo.¹⁷³ Parte destes estudos foram construídos a partir de problemas teóricos e da ...intencionalidade dessa construção teórica (LEITE LOPES, 1983: III), confrontados, no entanto, com a pesquisa etnográfica.¹⁷⁴

3.4. Significados simbólicos da prática social camponesa

Os estudos sobre a lógica específica da produção camponesa, seja na versão interna da própria produção camponesa, seja na externa da sua inserção na lógica do mercado, descortinaram para a análise sócio-antropológica os critérios ditados pela lógica da cultura, das categorias de pensamento, da representação do saber camponês, das formas de solidariedade articuladas pelo parentesco, pelos laços de vizinhança, pelos vínculos econômicos e políticos. O entendimento destas representações sociais e categorias coletivas de pensamento do grupo pesquisado tornou-se indispensável. Urgia que se entendesse o sentido e o significado simbólico que a terra, o trabalho familiar, a atividade econômica, a organização social camponesa, as lutas e as estratégias de sobrevivência econômica e política possuíam, não só para os teóricos mas também para os camponeses.

¹⁷² Este diálogo não se deu sem conflito, conforme informa PAULO (1990a: 2) ao referir-se ao ocorrido no XIV Encontro do PIPSA em Belém, quando os sociólogos foram acusados de estar perdendo sua ...identidade própria, comportando-se ora como economistas, ora como antropólogos. (idem: 16).

¹⁷³ Para referência aos vários trabalhos que enfatizaram a lógica econômica da produção familiar camponesa, muitos dos quais como unidade econômica a partir das formulações teóricas de Chayanov, vide revisão comentada feita por ALMEIDA, 1986: 71-6. Pesquisadores ligados à Universidade de Brasília foram também pioneiros neste recorte temático.

¹⁷⁴ Leite Lopes refere-se aqui ao trabalho de Afrânio Garcia Jr. Terra de trabalho. (LEITE LOPES, 1983: III).

A partir da descoberta da existência de uma lógica interna própria da produção camponesa e/ou de uma especificidade inerente a ela, abriu-se o caminho teórico e/ou empírico para se entender a dialeticidade da esfera da produção econômica e simbólica das relações de produção e reprodução social da unidade familiar com o mundo do capital. As categorias de pensamento e as regras elaboradas pelos camponeses para pautarem o seu viver e pensar concreto e existencial tornaram-se indispensáveis para o entendimento do objeto que, além de ser de "carne e sangue", passava a ter também "alma".

Esse novo cenário trouxe à tona a necessidade de se entender a produção camponesa não apenas como um processo social localizado, circunscrito à formação sócio-econômica brasileira, mas também a partir da dimensão cultural e simbólica, isto é, da reconstrução dos sentidos e significados dados pelos próprios grupos pesquisados. Era preciso captar como eles próprios percebiam e representavam sua vida, seu trabalho, a terra, etc.

Foi comum nestas pesquisas a constatação da presença de uma outra lógica camponesa, que diferia da capitalista. A produção camponesa, embora inscrita na lógica capitalista, não se pautava unicamente por ela. Apesar de prisioneira do processo de exploração e expropriação, o trabalhador camponês buscava o acesso ao fruto do próprio trabalho produzindo na "terra de trabalho". Mesmo que a produção camponesa estivesse subordinada de forma formal ou indireta ao capital, esta relação teria que ser analisada a partir de sua lógica econômica-social, apreendida através da pesquisa de campo. Esta prática metodológica foi responsável pela inovação dos estudos já realizados.

Nos itens seguintes, mais do que me prender a uma destas perspectivas, explico o significado dado à terra, ao trabalho familiar, à atividade econômica e social, às lutas e estratégias camponesas, ao saber camponês e suas práticas culturais e religiosas, a partir das questões teórico-metodológicas propostas nesta tese.

3.4.1. A terra: garantia da reprodução econômica ou do saber camponês?

Aos poucos, as pesquisas resgatavam o sentido simbólico da terra para o camponês/ produtor familiar. A terra foi apreendida enquanto categoria explicativa da reprodução da vida e do próprio "ser" camponês. A posse ou propriedade da terra, a produção sob a organização do trabalho familiar (trabalhador coletivo e não individual) tornaram-se elementos importantes naquelas análises e pesquisas.

Várias foram as categorias resgatadas da empiria e através delas entendeu-se o sentido e significado dado à terra: terra de negócio e terra de trabalho¹⁷⁵, de morada, de roçado e de pasto¹⁷⁶, de alimento¹⁷⁷; terra de herança e parentesco¹⁷⁸, do "santo"¹⁷⁹, etc.

¹⁷⁵ Esta noção foi elaborada por MARTINS, 1979c; 1980a; 1980b; 1980d) e GARCIA JR. (1983). Para Martins: Os conceitos de *terra de trabalho* e de *terra de negócio*, com o sentido de terra para trabalhar e de terra para explorar o trabalho alheio, nasceram mais ou menos espontaneamente durante a [sua] pesquisa sobre os conflitos pela terra na Amazônia legal. Em acepção diferente e distinta polarização, a concepção de 'terra de trabalho' surgiu, também, numa pesquisa realizada no Nordeste. Cf. Afrânio Raul Garcia JR., *Terra de Trabalho - Trabalho Familiar de Pequenos Produtores*, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1975, esp. cap. V. (MARTINS, 1980a: 58, nota) Segundo Velho ... a idéia central é a de que o camponês não concebe a terra como mercadoria, mas apenas como *locus* de aplicação do seu trabalho, cujos resultados, estes sim, são apropriáveis. (VELHO, 1982: 18) Existiria assim, para o camponês, uma concepção da terra distinta da ... concepção 'capitalista' informada por um 'ideal camponês' da *terra liberta*, em que todos podem plantar livremente, colhendo o fruto do seu trabalho. (ibidem) Velho, a partir de sua pesquisa com camponeses na fronteira, se posiciona radicalmente contra o que denomina formulação tirada do próprio discurso dos agentes sociais como tentativa de fugir dos esquemas abstratos e finalísticos (idem: 129), o que pode levar à reificação de um discurso. (idem: 131). Para ele, estes produtores mantinham uma relação com o capital comercial e usuário (idem: 130) e a noção de terra liberta usada pela Igreja Católica era duplamente um mito. (idem: 133). Segundo ele, isto provoca uma idealização do passado e aponta ... o processo de desenvolvimento capitalista como um mal absoluto e em bloco. (ibidem) A concepção produtor camponês não-capitalista impediria a colocação de temas como revolução burguesa, diferenciação interna do campesinato. (idem: 135) Ainda segundo Velho, a caracterização do ... lavrador como um proletário de novo tipo ou um trabalhador para o capital (em contraste com a proletarianização do bóia-fria) pode ser útil para chamar atenção para certos aspectos do problema ignorados pelo populismo (como o da precedência teórica da produção social sobre a produção imediata). Mas pode ignorar a existência de modalidades *diversas* de capital entendidas como *forças sociais concretas* que chegam a se *opor* entre si, ao invés de um único e abstrato capital, possuidor de *leis* que se afirmam inexoravelmente e não como tendência. E pode também, em nome de uma perspectiva 'estrutural', abrir mão de dimensões políticas e ideológicas tratadas de forma superficial e enganadora pelo pensamento populista, mas que, no entanto, são fundamentais. (idem: 135-6) A crítica de Otávio Velho será retomada por sua orientanda Leonarda Musumeci. Vide em especial MUSUMECI, 1988: cap. I e 2. Musumeci critica em Martins a noção da ... posse ser 'uma noção que privilegia não a terra, mas o trabalho' (Martins, 1981, p.131)... (MUSUMECI, op.cit.: 43) Para ela, esta noção efetivou o mito da "terra liberta" da frente de expansão, sendo usada por mediadores ideológicos entre os quais a Igreja Católica e influenciou ... ativamente na produção e difusão das 'concepções camponesas' sobre a *terra liberta*, o *trabalho*, a *reforma agrária* etc. (idem: 55).

¹⁷⁶ Consultar os trabalhos de GARCIA JR, 1983; MEYER, 1979; SIGAUD, 1981b; HEREDIA, 1979.

As pesquisas empíricas mostraram que ...cada categoria social [construiu] a sua própria concepção de propriedade, o seu próprio regime de propriedade anticapitalista: a propriedade camponesa, a propriedade comunitária e a posse. (MARTINS, 1980a: 62). Consequentemente, várias seriam as propostas políticas e teóricas para a categoria terra. Na região da fronteira, a proposta de reforma agrária relacionava-se com aquilo que Musumeci critica como sendo a visão "comunitarista", identificada com a pregação eclesial: ...terra deve voltar a ser acessível a todos, liberta ou redistribuída igualmente, porque no início pertencia a todos.¹⁸⁰ (MUSUMECI, 1988: 145).

Esta proposta - reflexo da busca da terra liberta pelos posseiros camponeses, apreendida nos estudos de Martins sobre a terra de trabalho e a terra de negócio - sugere que se considere este tipo de uso da terra quando se for pensar a questão da reforma agrária e do Estatuto da Terra.¹⁸¹ No entanto, para seus críticos (Musumeci e Velho), a "terra liberta" representava um "mito". (MUSUMECI, 1988).

¹⁷⁷ Consultar entre outros: GARCIA JR. 1883.

¹⁷⁸ Vide entre outros MOURA, 1978 e o comentário crítico de MEYER, 1980; MEYER, 1979: 92-99.

¹⁷⁹ Ver em Meyer o sentido de várias destas categorias. A "terra fraca" (a que é dos pobres, dos sítios, da "lavoura branca") e a "terra forte" (a que é "terra de engenho ou usina"). MEYER, 1979: cap.III. Esta oposição expressa ou ...a relação entre a *plantation* e a pequena produção, em termos de controle sobre as terras, [ou uma] ...alternativa real [para também dedicarem-se à produção comercial (cana-de-açúcar)], ou a ...inserção em uma cadeia de subordinações, que vai desde a produção propriamente dita ao transporte e à comercialização do produto, acentuando a *fraqueza* dos que a ela precisam se submeter. (idem: 74) A perda dos direitos sobre as terras santo (área livre) ...a partir do avanço do *senhor de engenho* sobre as *terras do santo*, expressa uma modificação das relações que uniam habitantes da vila e *senhor de engenho*. (idem: 63) Como consequência: O aumento do poder do *senhor de engenho* em detrimento do poder *santo* significa a diminuição relativa de possibilidade dos trabalhadores se situarem mais autonomamente face ao proprietário. (idem: 67).

¹⁸⁰ Ainda segundo a autora: Não sendo mais viável hoje (como a maioria reconhece) abolir toda a propriedade jurídica e retornar à situação original, que o acesso à terra seja então garantido, por meio de um loteamento homogêneo, à totalidade das famílias que a exploraram e ocuparam, sem exclusão de ninguém. (MUSUMECI, 1988: 145). Estariam sendo incentivados a formação dos ...laços comunitários que teriam predominado no tempo da *terra liberta* [e] um projeto coletivo e homogeneizante de *Reforma*. (idem: 151).

¹⁸¹ Consultar em especial seu artigo: MARTINS, 1980a: 45-66.

Uma segunda proposta, a concepção "individualista" de reforma agrária, presente na fronteira, foi também detectada pela pesquisa realizada por Musumeci. (idem: 146-51). Ou seja, o acesso à terra deveria continuar sendo regulado "pelos *direitos*" (idem: 146) e pelo ...princípio do trabalho e da produção, contra o uso especulativo da terra.¹⁸² (idem: 148). A terra poderia ser obtida por aqueles lavradores que ...pela 'sabedoria', pela 'sorte' ou pelo espírito empreendedor (idem: 152) desenvolveram estratégias mais sábias e eficazes de manutenção e/ou obtenção de novas terras. Este princípio do trabalho e da produção, o espírito empreendedor e as estratégias mais sábias e eficazes (MUSUMECI) acabariam funcionando, na fronteira, enquanto concepção teórica para se pensar em trajetórias ascendentes. Tal procedimento teórico-metodológico parece também esconder um "mito". A possibilidade de diferenciação interna e de ascensão funcionariam como visões ideológicas reversas, que contribuíram para jogar o conflito para longe: - onde a frente pioneira ainda não chegou, e os fracassos econômicos para dentro da frente de expansão, escamoteando os conflitos, conforme apontado por Martins.¹⁸³

O sonho da "terra liberta" presente na frente de expansão (Martins) esconde também o "mito" da "terra de trabalho" e recoloca a ilusão e a possibilidade da realização da produção para um camponês deserdado que, historicamente, já sabe o que significa o processo expropriatório do capital, das impossibilidades impostas pelo sistema capitalista.

¹⁸² A reforma agrária proposta deveria ...respeitar os *direitos* de todos aqueles, grandes ou pequenos, que estão efetivamente utilizando a terra, para lavoura e/ou para criação de gado, e desapropriar e redistribuir os terrenos improdutivos, pequenos ou grandes, que estejam *presos* só para fins de *negócio* e cobrança de renda. (MUSUMECI, 1988: 148).

¹⁸³ Partindo do conceito analítico de frente de expansão, Martins diz que, no movimento empresarial e capitalista de ocupação da fronteira, se sobrepõem o movimento expropriatório da frente pioneira e o da de frente de expansão (frente de ocupação territorial). (MARTINS, 1980a: 75) É da ...superposição da frente pioneira sobre a frente de expansão (...) que surgem os conflitos pela terra. (ibidem) A partir desta constatação teórica pode-se ...entender e caracterizar as áreas de tensão social [e] ...definir os seus personagens, a natureza do seu conflito. (ibidem) Conseqüentemente, ocorrerá a sobreposição de dois regimes de propriedade, que entrariam em conflito: o da posse e o da propriedade capitalista (ibidem), já que a posse é uma ...manifestação subversiva do direito à terra. (idem: 79)

Ao conceito de frente pioneira (Velho) vincula-se a possibilidade do camponês produzir e ascender e ao de frente de expansão (Martins), a possibilidade de ele ter terra para trabalhar e concretizar a realização de uma vida comunitária. O "mito" de ascensão parece escamotear a impossibilidade da obtenção da terra, e o "mito da terra liberta" lançar o sonho político da obtenção da terra para trabalhar. Cada uma destas propostas, mais do que divergências, somou entendimentos. Afinal, nem a reprodução econômica e nem a reprodução do saber camponês interessavam ao *sistema latifundiário* imposto na fronteira amazônica. A construção teórico-metodológica destes mitos foi fundamental para esclarecer esta problemática.

O debate das noções de "terra de negócio" e de "terra de trabalho" teve grande importância também para a elaboração do documento de Itaiçi (1980) e de toda uma redefinição da prática da Igreja Católica no meio rural. (LOPES, 1997). Este debate também explicitou o que representava, simbolicamente, a questão da posse e/ou da propriedade da terra, da existência de uma lógica capitalista que se diferenciava da lógica especificamente camponesa; das formas de subordinação camponesa e/ou da diferenciação interna deste campesinato; da relação capital mercantil e usurário/posseiro nas frentes pioneiras e da presença e reprodução camponesa nas "terras libertas" ou "livres" nas frentes de expansão. (idem). Era a instalação de uma ...concepção moral da terra, como instrumento de trabalho, ou seja, ...a concepção da terra como um bem comum. (MARTINS, 1988: 100). Esta ...concepção embutida foi se transformando numa espécie de conceito político, foi emergindo na palavra e na consciência das pessoas. (ibidem).

Para Martins, estas várias interpretações têm sido informadas pelo saber popular (MARTINS, 1980a: 62), em resposta à expansão do capital, tanto ao nível da circulação das mercadorias, quanto ao da produção e do trabalho. O comum entre elas é o ...caráter anticapitalista das diferentes modalidades de lutas pela terra levadas à frente por trabalhadores do campo - sejam índios ou brancos. (ibidem) Estas lutas

inauguram um ...outro código de direito popular, construído na experiência diária e concreta dos lavradores. (idem: 64-5). Um projeto de reforma agrária deveria considerar os ...projetos e formulações já revelados nas próprias lutas dos lavradores, ...as diferentes concepções e práticas alternativas de propriedade [e os] ...regimes alternativos sem a tutela do capital. (idem: 66).

Na crítica que Otávio Velho faz com relação à redução da análise teórica ao emprego de categorias empíricas, fica clara a desavença teórico-metodológica no como apreender a lógica interna da produção camponesa, quando o autor critica o emprego político e prático destas categorias. Apesar de não citar explicitamente, José de Souza Martins, Otávio Velho critica-o, pois Martins é o assessor intelectual na elaboração de um documento balizador da prática pastoral da Igreja na fronteira. (VELHO, 1982: 128-9). Este recorte temático transformou categorias empíricas em categorias analíticas e categorias analíticas em categorias políticas. Segundo Leite Lopes:

De 1975 para cá o completo abafamento dos conflitos e reivindicações dos grupos subalternos foi relaxado e a manifestação das lutas camponesas ganhou a luz do dia e cresceu através de suas associações próprias, do movimento sindical dos trabalhadores rurais - do qual o autor deste livro para além de suas atividades universitárias passou a colaborar como assessor - e da ajuda de outros setores da sociedade. Ilustrativo disto é a trajetória da expressão 'terra de trabalho', que de categoria de pensamento dos camponeses, registrada e elaborada como categoria analítica por pesquisadores (nesta obra e em pesquisa, independente desta, de Souza Martins no Centro Oeste e Norte do país, conforme referências publicadas em 1980), passa a ganhar ressonância maior para o conjunto da sociedade no contexto diverso em que aparece no importante documento de Itaici dos bispos brasileiros 'Igreja e Problemas da Terra.' (LEITE LOPES, 1983: VII-VIII).

A discussão sobre terra de trabalho e terra liberta explicitou também categorias como cativo e besta-fera. Velho concebe os camponeses da fronteira como portadores de uma visão otimista quanto ao presente, sem a ...idealização de uma 'idade de ouro' situada no passado, que contrasta com as dificuldades do presente. (VELHO, 1982: 62). O presente de liberdade¹⁸⁴ é aliado à trajetória social com

¹⁸⁴ Velho cita inclusive um interessante caso de alguém ...que conseguira um bom emprego em São Paulo. Trabalhava numa das grandes fábricas de automóveis e gozava de todos os benefícios e vantagens que poderia imaginar: bom salário, boa comida, assistência médica etc. Apesar disso tudo simplesmente não pode acostumar-se a ter um horário de trabalho rígido e a ter de submeter-se a um exame médico sempre que não quisesse trabalhar por sentir-se 'doente'. Deixou o emprego e foi para o

possibilidades de ascensão.¹⁸⁵ (idem: 63) O cativo seria, conseqüentemente, a expropriação e a proletarização, vistas apenas como uma possibilidade ou um receio para as camadas prósperas.¹⁸⁶ (idem: 62) A noção de terra da liberdade é contrária à ...definição jurídica fundamental da propriedade capitalista (VELHO, 1982: 77) que limita a produção camponesa de forma mais ou menos brusca, expropriando-a. A categoria cativo foi apreendida enquanto uma formulação presente na fronteira e identificada como possibilidade da perda de autonomia (Velho, 1981: 130) ou como oposto da rejeição à sujeição ou resistência nas áreas de ...terras livres e de terra de homens livres. (MARTINS, 1979c: 16).

Outra categoria empírica importante nas pesquisas foi a de besta-fera que, segundo Otávio Velho, também foi apreendida nas pesquisas sobre a *plantation*.¹⁸⁷ Esta noção era contraposta à da busca do bom padrão perdido, um fundamento para a migração, quando seria deslocada ...a imagem do

Norte. Em Marabá é na verdade muito comum os camponeses manipularem a categoria de 'doente' e não irem trabalhar. Isso não quer dizer que não trabalhem muito, mas aparentemente é muito importante para eles sentirem que podem alocar o seu tempo e a sua energia de acordo com a sua disposição e essa manipulação serve para reafirmar a existência dessa possibilidade. (VELHO, 1976: 237).

¹⁸⁵ Para Velho os camponeses ...contrastam o *presente de liberdade*, embora com sinais de ameaça, com o passado que seus antepassados teriam conhecido nas regiões de origem no Nordeste, antes da abolição da escravatura (a 'época do cativo'). Diferentemente do que ocorre em outras regiões do Brasil, não existe a nostalgia e a busca do 'bom padrão' ou de um paternalismo governamental, mas efetivamente consideram como o maior bem não só o fato de serem patrões de si mesmos e de terem a posse da terra (o que poderia ocorrer eventualmente com os 'marginais' do sistema), como também que este é o caminho real para a sua prosperidade e integração na sociedade. (...) Quanto ao futuro, coexiste o receio de que o *cativo* possa retornar (*cativo* parecendo representar hoje a sua expropriação e proletarização) e a esperança, sobretudo em suas camadas mais prósperas, de que tal não ocorra, e de que não sejam perturbados em seu caminho. (VELHO, 1982: 62). Consultar também VELHO, 1976: 234-242.

¹⁸⁶ De acordo com Velho a ...*trajetória social* destes camponeses é percebida como ascendente, e no pior dos casos como não-declinante... (VELHO, 1982: 63). Para ele, a ...ideologia 'espontânea' do pequeno agricultor na Amazônia tende a ser a de visualizar a *fronteira* como a realização de um ideal de *liberdade*, que se opõe ao *cativo* de situações constrangedoras. No que diz respeito a sua atividade produtiva, isso significa perceber a terra como sendo inapropriável em si mesma, caracterizando-se o sentido da propriedade apenas em relação ao fruto do trabalho realizado, sobretudo em suas roças que mudam de localização de ano para ano. (idem: 77).

¹⁸⁷ Velho refere-se aqui aos artigos de Moacir Palmeira "Morar: a lógica social da *plantation* tradicional"; Lígia Sigaud "The idealization of the past among rural workers in a *plantation* area (Northeast of Brazil)", in J. Corradi, S. Mintz e J. Nash (orgs.), "Ideology and Social Change in Latin America" e "Percepção do salário entre trabalhadores rurais". Nestas investigações entre moradores na Zona da Mata de Pernambuco foi apreendida ...uma clara tendência à idealização do *passado* em contraste com o *presente*. Isso se liga aparentemente ao processo de transformação da velha *plantation* paternalista em empresa capitalista e as conseqüências que isso acarreta para eles. (VELHO, 1976: 234).

'bom patrão' de qualquer empregador concreto para o governo, que se espera ser um 'pai de todos'. (VELHO, 1976: 234). A categoria se associava também à idéia de cativo¹⁸⁸. A volta do cativo e da besta-fera¹⁸⁹ seria ...uma representação ideológica do duplo temor da *expropriação* e da *proletarização*. (idem: 237).

A categoria *cativo* parece assim representar uma *chave* importante e inesperada para a compreensão do funcionamento do sistema: repressão da força de trabalho, marginalidade, migração. (idem: 238).

Para Martins ...a 'besta-fera' é um personagem muito definido para o posseiro amazonense. A 'besta-fera' é o 'dinheiro'. (MARTINS, 1979c: 15).

De fato, para usar uma linguagem não ortodoxa entre os economistas em particular, o dinheiro tem o atributo de uma 'besta-fera', ou tem aquilo que economistas ingleses chamam de 'o caráter perverso do dinheiro'. De fato, o dinheiro é um medidor diabólico, ele tem essa característica não só para o sertanejo mas para nós também. Por exemplo, a inflação come o nosso dinheiro a todo instante e nós não vemos ele sumir... e ele some. Portanto, isso é 'obra do demônio' obviamente. Mesmo que o demônio ocupe um argo político ou semelhante. (...) Ora, o sertanejo vê isso com muita clareza. De fato, o dinheiro quando passa a permear as relações entre as pessoas, subverte a existência, altera a existência, tira das mãos das pessoas o controle da sua vida, tira o controle de suas opções, tira o direito de optar, tira a liberdade, fundamentalmente. Ele institui uma forma de cativo, ele oferece esse risco, ele oferece esse perigo. (idem: 15-6).

Este personagem do Apocalipse retrata o próprio sistema que expropria o camponês e o apavora, porque representa a sujeição, o medo de ...ser sujeito de alguém, [de] ...ser usado por alguém, usado por alguma coisa. (MARTINS, 1979c: 16). Nas representações mentais dos camponeses da fronteira as categorias cativo e besta-fera explicitaram a resistência contra as ...usurpações persistentes por parte da *Besta-Fera* do capitalismo autoritário... (VELHO, 1976: 240) ou a luta pela liberdade e trabalho. (MARTINS,

¹⁸⁸ Conforme Velho: O passado é identificado com o tempo em que havia a escravidão ou, como dizem, o *cativo*, de que ouviram falar através dos mais velhos nos seus locais de origem. Segundo eles, quando havia o *cativo* tinha-se que trabalhar em troca de nada, apenas recebendo comida e algumas roupas. Não podiam deixar o local onde trabalhavam. Comparado a isso, a situação presente é muito mais favorável, apesar de todas as dificuldades. Podem mudar-se quando sentem vontade, podem decidir quando e como vão trabalhar. Caso se sintam doentes e não queiram trabalhar podem fazê-lo sem dar satisfações a ninguém. São deixados em paz. (VELHO, 1976: 235). Velho ainda associa a categoria cativo à compreensão de ...certas manifestações de *preconceito racial*. (VELHO, 1976: 238).

¹⁸⁹ Este conceito refere-se ao personagem que é descrito no Apocalipse e identificado na região de Marabá ...com os ricos, o governo e em alguns casos com estrangeiros. (VELHO, 1976: 237) A besta-fera associa-se com as usurpações persistentes do capitalismo autoritário. (idem: 240).

1979c: 17). Estas categorias refletem a ambigüidade ou autonomia camponesa frente ao processo de exploração e/ou expropriação do capital. A noção de cativo também foi encontrada por aqueles que estudaram o processo de proletarização no *sistema de plantation*. Ela foi utilizada nas representações sociais dos camponeses¹⁹⁰ e dos proletários da usina de cana. Para estes, esta noção está ligada ao sentido de real ...convocação abrupta para o trabalho.¹⁹¹ (LEITE LOPES, 1978: 83-4).

Para uma parte dos estudos apresentados até aqui, o acesso à terra, apesar de ser condição essencial para a sobrevivência das formas camponesas, não se processava através da propriedade privada, mas da busca da terra de trabalho. Estes estudos envolvem mitos, medos, representações otimistas ou pessimistas. A questão da terra é o elemento central nas reivindicações dos camponeses e dos trabalhadores rurais. É como aponta Wanderley o ...denominador comum que os une [é a] ...reivindicação do acesso à propriedade da terra, [ou] ...a reivindicação do controle dos frutos de seu trabalho.

¹⁹⁰ Segundo Sigaud, a categoria cativo e a oposição sujeito/liberto foram de grande importância para a ...elaboração da percepção das formas de dominação a que estão submetidos os camponeses (as que viveram, as que vivem e as que temem viver); da 'idealização do passado' através da qual, por um mecanismo de resgate seletivo do 'bem' do passado, os camponeses nos falam do seu mal estar no presente; dos direitos, categoria através da qual, se reapropriando de conteúdos dos enquadramentos legais que lhe foram impostos, periodizam sua história, pensam suas relações com outros camponeses e com os proprietários, pensam sua relação com a terra e as trocas que porventura possam fazer, pensam sua relação com o Estado; da oposição fracos/fortes para pensar as diferenças internas entre eles; da oposição pequenos/grandes, pobres/ricos, nós/homens, para pensar a hierarquia social; da oposição entre de origem e brasileiros para dar conta das diferenças que opõem os descendentes dos imigrantes alemães, italianos e poloneses aos 'outros'. A importância da noção pro gasto e da oposição trabalho/negócio para se entender a complexa relação entre subsistência/mercado; da oposição fichados/clandestinos para assinalar a inclusão/exclusão em relação aos direitos trabalhistas recém implantados no campo; da oposição centro/beira para entender a organização do espaço social na Amazônia; das noções sítio/linha/povoado para entender as diferentes formas de organização camponesa e as formas de sociabilidade que lhes são solidárias; da noção de propriedade que não se confunde com a propriedade jurídica, mas designa todo um trabalho de construção social da unidade de produção e consumo; das oposições terra de trabalho/terra de gado para pensar as relações entre a pequena e a grande produção e terra de trabalho/terra de negócio para pensar as relações dos camponeses com os grileiros e com as grandes empresas na Amazônia. (SIGAUD, 1990: 35-6). Também Garcia Jr. encontrou a designação de cativo para descrever a ...subordinação do morador ao patrão na área da cana. (GARCIA JR., 1983: 73).

¹⁹¹ A noção cativo aparece nas representações sociais dos operários da usina, numa convocação de regime de emergência. (LEITE LOPES, 1978: 136-7; 142). Os trabalhadores têm consciência da ausência de recompensa, pois podem ser ...expropriados em todas as concessões anteriormente feitas por administrações passadas, o que vem reforçar o fatalismo pessimista que preside a visão dos operários quanto ao futuro. (idem: 189).

(WANDERLEY, 1985: 72). Tal fato recoloca a questão da reforma agrária como solução para a democratização do país e resolução dos problemas sociais, demográficos, econômicos. (idem: 76).

Uma análise do significado simbólico do uso, da posse e propriedade da terra mostrou o lado cruel desta história. Numa avaliação das principais questões que atravessaram a questão da constituição do campesinato¹⁹² no Brasil, Wanderley conclui que:

O acesso à terra foi aqui, doloroso e restrito, do que resultou, para a historiografia analisada, as características principais do campesinato brasileiro em sua origem: a pobreza, o isolamento, a produção centrada na subsistência mínima e a extrema mobilidade espacial. (WANDERLEY, 1996: 28).

Este segmento social continua com seus "velhos problemas", que não foram "nunca resolvidos", contando ...na maioria dos casos, com suas próprias forças (idem: 28-9), vítimas de uma ...tradição extensiva e desperdiçadora de terras. (WANDERLEY, 1989:31).

3.4.2. O mundo do trabalho familiar enquanto atividade econômica e organização social

Questões como o trabalho familiar, organização da produção camponesa, formas de articulação dos fatores de produção, relações de trabalho, composição e uso do trabalho familiar, relação trabalho familiar para a subsistência e/ou para o comércio tornaram-se objetos de pesquisa e análise¹⁹³. Estas análises resgataram a dimensão sócio-antropológica dessa temática na tentativa de

¹⁹² Segundo Wanderley estes elementos relacionam-se ao ...acesso à terra e a reprodução de formas particulares de produção e de sociabilidade. (WANDERLEY, 1996: 28).

¹⁹³ A partir de pesquisa de campo realizada em 1972, Garcia Jr. chama a atenção para a importância da divisão familiar do trabalho na vida do pequeno produtor. Este interesse já havia sido despertado com a leitura teórica de Godelier, Bettelheim, quando Garcia Jr. diz ter percebido como seria importante se estudar a ...racionalidade específica a outros modos de produção que não o capitalista, e que a análise do cálculo econômico das unidades produtivas poderia se constituir em importante ponto de partida, [desde que se estudasse também as] ...categorias econômicas específicas, suas leis próprias de funcionamento e de movimento. (GARCIA JR. 1983: 15). Para isto a leitura de Chayanov completou o quadro de referências e indicou-lhe ...que o estudo da especificidade da economia camponesa está na importância que aí assume o trabalho familiar. (ibidem).

entender as relações sociais e econômicas, vinculando-as diretamente à totalidade do processo de acumulação do capital. Mais do que analisar a produção camponesa enquanto uma reprodução do capital, buscava-se entender o processo de trabalho camponês a partir do saber camponês¹⁹⁴. Os aspectos simbólicos da organização interna da produção camponesa passaram a ser vistos através de categorias como a divisão do trabalho familiar por sexo e idade, as relações de gênero; as relações homem/natureza e a participação de cada elemento da família nas relações de produção, de consumo e comércio.¹⁹⁵

A ampliação para este nível de indagações foi viabilizada pela introdução do método da observação etnográfica, através do estudo de caso ou a partir dele, do uso crescente de métodos qualitativos, como a história de vida e as entrevistas, muitas vezes associados com os métodos quantitativos. As pesquisas empíricas nos *labs* rurais, apresentavam um outro - o camponês -repleto de símbolos, representações, interpretações e também capaz de ler sua própria vida, seu mundo e relações de trabalho, o viver e trabalhar em família. Este novo procedimento teórico-metodológico, trouxe da pesquisa de campo, da observação contínua e sistemática, as categorias de pensamento do próprio grupo social pesquisado¹⁹⁶, o entendimento de suas práticas e relações sociais, econômicas, políticas,

¹⁹⁴ Vide MOTTA, 1983; SUÁREZ, 1983; WOORTMANN, Ellen, 1983; WOORTMANN, Klaas, 1983; HEREDIA, 1979; GARCIA JR., 1983.

¹⁹⁵ Muitas foram as pesquisas ligadas ao aspecto simbólico do trabalho familiar. Segundo Garcia Jr.: Lygia Sigaud (1980) mostra que a categoria *trabalho*, para os *moradores* da grande plantação açucareira da Zona da Mata de Pernambuco, tem por referente o trabalho ligado ao cultivo da terra ou aquele realizado sob o sol. Assim, os *moradores* julgam serem eles os trabalhadores, mas negam esta qualidade aos operários das usinas de açúcar. Leite Lopes (1976), estudando este último grupo, ressalta a concepção 'smithiana' do trabalho entre os operários por oposição à concepção fisiocrática do trabalho entre os moradores. Mais próximos da concepção de trabalho dos moradores estudados por Lygia Sigaud, os pequenos produtores estudados pela presente pesquisa apresentam uma concepção que ressalta sua posição de trabalhadores familiares independentes. (GARCIA JR., 1983: 209, nota 1).

¹⁹⁶ O trabalho de campo de Garcia Jr. inaugurou no Museu Nacional esta nova prática. Segundo este autor se privilegiava a entrevista em profundidade e sobretudo o convívio tão prolongado quanto possível com o grupo pesquisado. (GARCIA JR. 1983: 13).

culturais e/ou religiosas. Brotavam uma nova forma de fazer teoria e uma prática coletiva de pesquisa e ensino, ligadas aos programas de pós-graduação, em especial ao Museu Nacional.

Foram importantes os estudos sobre o tipo de reciprocidades presentes nas relações familiares camponesas, nos grupos residenciais; a campesinidade enquanto ordem moral¹⁹⁷; o sentido das relações de compadrio, da composição da mão-de-obra familiar (papel das crianças e mulheres na produção camponesa)¹⁹⁸; as determinações internas da organização social da produção familiar, advindos das relações de parentesco¹⁹⁹; as tradições culturais, os laços de solidariedade presentes na vida em família, na vizinhança, na comunidade e nas práticas coletivas.

3.4.3. Lutas e estratégias camponesas

A pesquisa com as representações coletivas camponesas desvendou as estratégias econômicas, sociais e políticas elaboradas pelos pequenos produtores ou camponeses para resistirem econômica, social, cultural e politicamente. Descobriu-se o fio teórico-metodológico da rearticulação da unidade familiar frente às pressões do capital; o significado econômico, político e cultural do subconsumo, do aumento da jornada de trabalho, do uso do trabalho da família e das crianças; as lutas e

¹⁹⁷ Consultar WOORTMANN, 1990, que relaciona categorias empíricas ou culturais como família, trabalho, liberdade às categorias antropológicas ou teóricas como reciprocidade, honra e hierarquia para compreender suas relações com a ética da campesinidade. O autor regata uma ...nova especificidade, aquela da campesinidade como ordem moral, como um modo de ser, não local, mas específico, distinto quando contrastado à ordem da modernidade. (idem: 58).

¹⁹⁸ A pesquisa de Garcia Jr. ilustra este mergulho teórico-metodológico no mundo doméstico (o roçado, a criação, a casa, o roçadinho) e sua apreensão através do entendimento das tarefas realizadas segundo sexo, idade, posição no grupo familiar. (GARCIA JR., 1983).

¹⁹⁹ Muito interessante é o trabalho de Almeida (1986) que resgata e comenta os estudos que analisam a ...lógica de parentesco que perpetua famílias via nascimento, casamento, morte e herança. (ALMEIDA, 1986: 67). As relações de compadrio e casamento são chaves para definição das relações de parentesco *a posteriori*. (idem: 79). Para entendimento e revisão deste debate vide em especial ALMEIDA, op cit: 79-81.

conflitos sociais rurais e as formas de resistência²⁰⁰; as migrações sazonais como estratégia econômica de sobrevivência.

As pesquisas indicavam uma lógica própria de sobrevivência econômica e política camponesa²⁰¹, sua resistência e formas de lutas²⁰². Detectou-se a presença de vários mediadores políticos ou religiosos solidários a estas lutas, seja assistindo as Comunidades Eclesiais de Base, os Movimentos dos Trabalhadores Sem Terra, os posseiros ou os sindicatos rurais²⁰³. Alguns destes mediadores procuraram, inclusive, utilizar-se das estratégias camponesas em seus próprios projetos de ação junto aos camponeses.²⁰⁴ Aos poucos, apontava-se para a existência de uma conscientização camponesa em torno de seus direitos (ligados à terra, à água, ao lucro, ao fruto de seu trabalho) e em torno da construção de sua identidade camponesa e do resgate de sua cidadania²⁰⁵.

²⁰⁰ Para a análise das pesquisas sobre a violência rural, os conflitos sociais e mudanças sociais presentes na sociedade rural brasileira vide referências in: GNACCARINI & MOURA, 1983: 13-14, 50-52; TAVARES DOS SANTOS, 1988: 14-17; TAVARES DOS SANTOS, 1991: 18-9, 25-9, 40-43. O espaço dos conflitos e das lutas sociais são chaves para se entender ...a formação, desenvolvimento e transformação das próprias classes, frações de classe, grupos sociais e categorias sociais. (TAVARES DOS SANTOS, 1991: 41) As três frentes de lutas sociais no campo têm sido deste então, a dos assalariados rurais, a dos posseiros e a dos trabalhadores "sem terra".

²⁰¹ Vide os estudos sobre o tema in TAVARES DOS SANTOS, 1988: 13; GNACCARINI & MOURA, 1983: 13-4.

²⁰² Várias foram as frentes de lutas dos trabalhadores rurais e camponeses contra a expropriação, a perda da terra, a subordinação de seu trabalho ao capital, a perda de direitos e cidadania. As lutas e movimentos sociais cresceram muito nos anos 80. Para referência bibliográfica e análise, consultar entre outros: GRZYBOWSKI, 1987.

²⁰³ As próprias mudanças do movimento sindical rural apresentavam um novo direcionamento para as lutas da CONTAG a partir de 1978 e para a reflexão teórico-metodológica das disciplinas sociologia e antropologia. Nesta direção consultar MEDEIROS, 1989.

²⁰⁴ Segundo Garcia Jr., a Igreja Católica procurou utilizar-se, sem muito sucesso, das redes de solidariedade existentes no mundo camponês e nas comunidades de base. (GARCIA JR., 1983: 163, nota 7).

²⁰⁵ Para referência dos estudos sobre cidadania vide referência in TAVARES DOS SANTOS, 1991: 42-3.

3.4.4. Saber camponês e identidade social

O significado simbólico das categorias e representações socialmente construídas pelos camponeses apontou para a necessidade de se estudar o sistema de saber camponês expresso nas relações sociais e no processo de trabalho²⁰⁶. Os resultados das pesquisas redirecionaram a prática teórico-metodológica provocando um questionamento de ordem política e científica.²⁰⁷ Mais do que discutir a subordinação econômica e política do camponês ao capital ou sua autonomia, buscava-se a compreensão de sua reprodução através do como se processava seu saber de camponês, suas representações, sua visão de mundo²⁰⁸, seu destino sócio-político, sua identidade sócio-política. Tratava-se de compreender que,

... 'aquele que permanece camponês continua capaz de ler nas fases da lua, na cor das ervas, com uma sabedoria profunda e antiga, plena de detalhes e só equiparável ao saber dos sábios mais sábios. Ao longo desse processo lentíssimo, penosíssimo, os desenraizados vão sendo convertidos em homens tábua-rasa, deserdados de seu bem maior que é a inteligência de si mesmos, sua sabedoria do mundo' (Cf. Ribeiro, 1980: 8). (apud SUÁREZ, 1983: 155).²⁰⁹

O resgate, na empiria, das categorias que revelavam as formas de saber e percepção simbólica da vida social, cultural, política e também econômica trouxeram para o debate teórico-metodológico questões até então desconsideradas. Diferentes categorias empíricas referentes ao camponês

²⁰⁶ Vide, por exemplo, NEVES, 1981 (em especial capítulo 7); MOTTA, 1983; SUÁREZ, 1983; WOORTMANN, Ellen, 1983; WOORTMANN, Klaas, 1983.

²⁰⁷ Conforme Suárez ...a análise dos sistemas de conhecimento que transformam possibilidades de recursos em recursos, no quadro das relações sociais que 'contêm' tais sistemas e cuja dinâmica determina suas transformações. Na medida em que a pesquisa privilegia o campo do saber, estará contribuindo para o entendimento antropológico da reprodução camponesa, seja avaliando as possibilidades de desenvolvimento das forças produtivas (...) e a medida em que o campesinato é capaz de aumentar o aproveitamento de recursos (mantendo-se camponês), seja estudando a capacidade de resposta do conhecimento camponês a pressões externas nos termos de uma lógica de produção camponesa. Saberíamos então até que ponto e como esse conhecimento se constitui em condição de reprodução da economia camponesa. (SUÁREZ, 1983: 154).

²⁰⁸ Vide por exemplo: MOTTA, 1983.

²⁰⁹ Trata-se do texto de Darcy Ribeiro "Etnicidade, indigenato e campesinato", in: **Revista de Cultura**, Vozes, 23 (8). 1980.

(sitiantes, fracos, roceiros, chegantes, foreiros, cativos, clandestinos, entre outras) tornaram-se categorias analíticas. O sentido e significado simbólico e político de cada uma delas, transformou-as em definidoras da própria identidade do camponês e de suas lutas.

3.4.5. O mundo da cultura e do sagrado

O mundo do sagrado e os rituais profanos, a religião e a cultura popular rural²¹⁰, o catolicismo popular²¹¹, as manifestações culturais, as festas, os rituais, os tabus transformaram-se em objeto de vários estudos²¹². As contradições da vida camponesa eram reveladas no oculto das relações políticas, profanas e sagradas. Os significados e os usos sócio-culturais e ideológicos dos sistemas simbólicos tornavam-se elementos indispensáveis de pesquisa.

Os estudos sobre cultura, ideologia, religião, partidos, foram também deixando a descoberto as contradições das relações de dominação e exploração estabelecidas no meio rural. Estes estudos mostraram que existe, para o camponês, um saber que liga o universo da magia, da religião e da ciência.

²¹⁰ Vide a tese de doutoramento de Carlos Rodrigues Brandão, sob a orientação de José de Souza Martins: **Os deuses do povo** (BRANDÃO, 1980). Orientador e orientando possuem um único estilo, cada um no seu canto, na sua 'tribo', mas ambos dão vida ao texto e ao objeto que analisam. Este sobressai como ser vivo, real, esperançoso, temeroso, lutador, que passa a nos acompanhar durante a leitura. (LOPES, 1990c: 23). Para resenha crítica sobre este livro consultar MAUÉS, 1983; LOPES, op. cit: 20-24. Em trabalho escrito em 1993, Brandão resgata a produção antropológica rural, onde a temática da religião, da ideologia e do catolicismo popular estão presentes na produção intelectual que analisa. (BRANDÃO, 1993).

²¹¹ Consultar entre outros ZALUAR, 1983. O trabalho de Alba Zaluar, apesar de não estar vinculado à orientação direta dos autores aqui considerados, se efetivou no programa do PPGAS e Moacir Palmeira é citado por ter feito indicações bibliográficas importantes. (ZALUAR, op. cit: 11). Também é sugestivo o artigo onde esta autora analisa a cultura popular, o catolicismo e os códigos que intermediam as relações entre os homens, suas crenças e sua relação com o sagrado. (GUIMARÃES, 1973).

²¹² A pesquisa de Brandão é uma síntese brilhante nesta direção. É como aponta Martins, que prefacia o livro: *Os Deuses do Povo* (...) não é apenas um trabalho sobre religião popular, mas um trabalho de grande profundidade que abre perspectivas teóricas fundamentais sobre a *lógica do popular*, da religião popular, da educação popular, da cultura popular, como lógica do oprimido, como lógica de confronto e luta. (MARTINS, 1980c: 1).

Sua relação profunda com a natureza, com a vida, com a morte, faz da sua existência uma relação dialética entre a energia vital que flui e reflui do seu mundo do trabalho, do animal que cria, da terra em que labuta, da tecnologia que é obrigado a adotar. Os sistemas sociais e simbólicos do sagrado tornaram-se indispensáveis para o entendimento das representações sócio-culturais e da construção da identidade camponesa.

3.5. Encontro da prática teórico-metodológica com a prática empírica: o resgate do objeto rural em carne e sangue e seu reencontro em sangue e alma na espiral da vida

O que se apreende deste debate é que ele, aos poucos, em lugar de separar sujeito-produtor do conhecimento e objeto de pesquisa como elemento congelado no laboratório da vida, aproximou-os, principalmente na prática teórico-metodológica daqueles que saíram de seus gabinetes e enveredaram pelo mundo concreto das relações de produção e do trabalho, deparando-se com o excluído, o sofrido, o marginalizado da sociedade rural.

Uma parte do sujeito-histórico produtor do conhecimento se enamorou e se solidarizou com seu objeto-rural, fazendo com que os marcos teóricos macro-estruturais, aos poucos, resgatassem estes agentes sociais, excluídos até então das análises anteriores. No entanto, algumas análises se aprisionaram nos seus próprios modelos teóricos.

A pesquisa empírica possibilitou tanto a transcrição linear de dados observados e coletados em campo, quanto a descrição dialeticamente vinculada à interpretação; tanto resultou numa

esquizofrenia de textos descolados da realidade, quanto gerou uma reflexão crítica no sentido de contribuir para solucionar questões não resolvidas; tanto escamoteou a realidade quanto foi instrumento de conscientização do processo expropriador da acumulação capitalista.

Os jargões de um 'sócio-economês' foram substituídos por uma reflexão mais real sobre o universo social camponês, sobre o sentido simbólico de suas categorias de pensamento.

O autor - produtor do conhecimento, detentor de uma visão de mundo, sujeito que dá sentido à sua vida prática e política, indivíduo feito de paixões e desejos de mudanças, ser político frente às transformações da vida, cientista na busca da neutralidade e objetividade - dificilmente não se transformou ao contactar a realidade pesquisada. Por mais observador que fosse desta realidade, trafegou, igualmente, pela contra-mão da paixão construtora de saberes libertadores e pela contra-mão legitimadora de *status quo*.

O objeto rural, ao ser captado pelo pesquisador, deixou a descoberto o código revelador de sua situação de excluído, marginalizado, vítima de um processo crescente de expropriação do trabalho pelo capital, e de privação econômica, social, política e pessoal.

Os pesquisadores, todos andarilhos de pesquisas empíricas, trouxeram do campo uma lembrança preciosa e inesquecível de uma fala, de um olhar, de um desejo, de um contato de alma, que captaram, registraram e guardaram do diálogo com aquele outro - objeto de suas reflexões. Este outro, afinal de contas, era também um semelhante daquele que pesquisava. Ambos se depararam como sujeitos históricos, prisioneiros dos vários elos da vida e das muitas possibilidades de transformações.

Aos pesquisadores da década de 70 e 80, que inauguraram esta nova prática teórica-metodológica, restava ou a construção de um saber objetivo, que simplesmente descrevia e analisava, ou um saber crítico que denunciava a dura realidade de expropriação do homem rural. Frente a este ser

semelhante ao pesquisador brotou uma relação de intersubjetividade que, aos poucos, fez com que pesquisadores se comprometessem com um saber-libertador. Sua prática não poderia ser puramente acadêmica e ligou-os a partidos políticos ou a instituições para a prestação de assessoria (Igreja Católica - único agente com certa autonomia frente à atuação opressora do Estado Militar de 64, ou CONTAG - espaço legitimado), para, espiraladamente, romper o círculo dos saberes conservadores de estruturas de dominação.²¹³ A pesquisa de campo, neste contexto histórico, foi indispensável para resgatar o objeto de pesquisa para dentro da academia e exigir do pesquisador uma profunda reflexão sobre sua prática intelectual.

De forma diferenciada, os textos dos autores aqui considerados desvelaram, pelo menos para mim, este movimento existencial dos produtores da prática teórico-metodológica no campo intelectual sobre a questão agrária - objeto-bomba que revela e exige do pesquisador uma postura conservadora, liberal ou radical frente à manutenção e/ou rompimento de um modo de existir capitalista, seja material e/ou culturalmente.

O contato direto com humanos semelhantes, encontrados no *lab* concreto da vida, mostrou um objeto constituído não só de carne e sangue, mas de alma, sonhos e reivindicações. O pesquisador acordou para outras práticas teóricas, metodológicas, políticas e/ou existenciais. Tratar da questão agrária, a partir de então, passou a demandar dos intelectuais que escreviam e escrevem sobre este tema que não mais se façam de surdos e cegos às reivindicações políticas advindas dela. Novas posturas intelectuais e políticas têm se feito presentes deste então.

²¹³ Nos anos 80-90 este espaço de engajamento passou a ser ocupado pelas ONGs. Consultar NOVAES, 1991: 7-9.

Se os textos apresentam tantas possibilidades, se expressam as possíveis visões e se também não mentem²¹⁴, resta desejar que o ideal posto na epígrafe deste capítulo mostre um caminho, onde as palavras sirvam para a construção e resgate de cumplicidades, diálogos e encontros, não só a nível teórico-metodológico mas, especialmente, a nível do nós+outro+bem coletivo.

²¹⁴ Em analogia a termos empregados por Velho em sua crítica à interpretação e projeto da Igreja Católica para a questão da terra. (VELHO, 1982: 131).

CONCLUSÕES

FIM O DO COMEÇO OU O RECOMEÇAR SEM FIM

...os mitos são repositórios de algumas das mais belas tentativas feitas pelos povos, em todo o decorrer da história, para dar significado aos problemas da condição humana. (...) Os mitos são, portanto, uma linguagem, uma forma de interpretar a existência e, assim, sua 'verdade' está na capacidade que tenham de orientar os homens em suas trilhas. (MACEDO, 1989: 22).

Se iniciei esta tese citando uma epígrafe de Marshall (MARSHALL, 1972: 9-10) sobre O ramo de ouro, mito imortalizado por Virgílio e analisado por Sir James Frazer em livro com este nome (FRAZER, 1982), termino-a associando minhas conclusões à eterna luta pela sucessão ao ...sacerdócio dos pretendentes a consorte de Diana¹.

Como a construção de mitos não é uma prerrogativa do pensamento primitivo, mas algo universalmente elaborado como tentativa de se dar ...significado aos problemas da condição humana, como uma linguagem que busca interpretar a existência e as verdades para ...orientar os homens em suas trilhas (MACEDO, 1989: 22), também a produção de qualquer forma de saber cumpre esta função. O campo intelectual também constrói mitos que lhe dão sustentação acadêmica e política, tornando-o pleno de sentido e significado, mantendo-o como o campo magnético descrito por Bourdieu. (BOURDIEU, 1971: 135-6).

No campo intelectual está presente um sistema de linhas de força que opõem ou agregam os agentes políticos e ideológicos, ou intelectuais que o compõem, bem como os saberes disciplinares que estes elaboram. Os intelectuais que pertencem a determinado campo intelectual ocupam uma posição particular, exercem poder ou autoridade neste campo, mantêm determinada posição de saber, constroem mitos na sua prática temática, teórico-metodológica e/ou discursiva.

A partir de um recorte temporal, tentei mostrar como a comunidade científica - através de um recorte temático do saber disciplinar sociológico e antropológico sobre a produção camponesa - construiu seus textos, analisou seu objeto de estudo e fez uso de uma prática intelectual para atingir determinados fins políticos, sociais, ideológicos, acadêmicos ou existenciais.

¹ Deusa dos bosques de Nemi e da fecundidade. Vide a Introdução desta tese, p.1.

A construção da prática teórico-metodológica, apesar de ter sido feita através do nome de um intelectual, ou de um sacerdote no Santuário (MARSHALL, 1972 :9-10) do saber sobre o rural, extrapolou projetos individuais e ficou largamente marcada pelo recorte temático (o rural) e pela perspectiva da disciplina que se consolidava, seja a antropologia ou a sociologia do campesinato. A prática da observação participante e da pesquisa de campo possibilitaram que estas disciplinas alcançassem certo desenvolvimento. Alguns nomes, no entanto, se destacaram como *experts* na temática rural, tanto no campo intelectual e acadêmico, quanto no mercado editorial, na obtenção de títulos, na participação de encontros científicos ou atividades ligadas à pesquisa, docência e/ou administração. Apesar de buscar circunscrever esta análise a recortes temáticos, aos poucos, alguns nomes de intelectuais foram despontando como significativos e importantes para a compreensão da prática teórico-metodológica aqui analisada. Preocupei-me, às vezes sem êxito, em fugir de reificações seja de recortes teóricos, de autores ou de ênfase a uma ou a outra prática teórico-metodológica disciplinar (antropologia e sociologia).

Alguns intelectuais souberam, a partir do acervo intelectual existente, propor saídas teóricas e/ou metodológicas para o avanço do saber, transformando as discontinuidades em elementos chaves, que romperam a circularidade do saber até então elaborado. Uma importante constatação foi a de que a construção de um saber segue um percurso espiralado, que se soma e supera contradições e desavenças, continuidades e discontinuidades teóricas, políticas, ideológicas, filosóficas e/ou pessoais. A prática teórico-metodológica desenvolvida pelos intelectuais ligados às disciplinas sociologia rural e antropologia rural buscou alternativas e problematizou, mesmo quando esta parecia retroceder e não

conseguir soluções e entendimentos para os impasses e problemas analisados. Percebi assim, que o campo intelectual obedece ao movimento de uma espiral ascendente,

Pois na maioria dos casos o que restaura a antiga ordem envolve, ao mesmo tempo, algum elemento novo de criação; na nova ordem, o esquema antigo retorna em um nível mais elevado. O processo lembra uma espiral ascendente, que cresce em direção ao alto enquanto retorna, simultaneamente, ao mesmo ponto. (FRANZ, 1964: 225).

A instauração de uma nova ordem de questões ou de saídas teórico-metodológicas representaram sempre um recomeço, pois a síntese encontrava-se engravidada pelos germes das novas e velhas questões em debate. Mesmo lentamente, ela pressupôs um processo vivo de reflexões, fruto talvez do sentimento do incompleto, do desejo de recomeçar, da busca de novas saídas. É como se a "cabeça que recebe a coroa" conferida pela posse de algum saber, estivesse ...destinada a ter o sono inquieto e os dias contados (MARSHALL, 1972: 9-10) e a espera de recompensas simbólicas.

Todos nós somos consumidos por um fogo interior, embora a obsessão de produzir uma obra intelectual demonstre que o indivíduo acredita em si próprio e nos outros e acha que a obra vai transcender a si mesmo, vai prolongá-lo na consciência coletiva da sociedade. Quiçá, alimenta a esperança de ajudar os outros a chegarem a idéias, a explicações que desvendem o mundo.

A principal função do ser humano é desvendar-se e desvendar a realidade... (FERNANDES, 1989: 27-8).

Detectei, com este exercício, que os intelectuais de uma prática disciplinar estão sempre em busca de soluções para os impasses teóricos e metodológicos encontrados; de respostas para as questões que a sociedade lhes impõe; de harmonizações psicológicas e da diminuição das dores sinistras que a exclusão e a expropriação social, política, econômica e cultural impõem àqueles que são suas vítimas tanto quanto àqueles que, ao pesquisá-las, adquirem uma consciência crítica. A coragem de dizer basta ao sofrimento individual e social, a determinação de ver e dar vida aos sentidos e significados apreendidos e concretizados nas análises elaboradas têm possibilitado que o saber construído não se congele nos textos escritos e desvele realidades internas e externas.

Espero ter mostrado com esta etnografia que o saber deve ser visto como algo que está sempre resgatando um novo-novo, ou um velho-novo não resolvido. A construção de um saber serve para transcender a cronicidade, a circularidade e libertar as possibilidades, os sonhos e as utopias como construções do presente, em direção a um *self social* ...que trabalha secretamente para unir indivíduos que se acham separados e que foram feitos, no entanto, para se entender. (FRANZ, 1964b: 229).

Entendi que a concepção que apreende o saber como obedecendo à lei da tradição pendular é cíclica, pois aprisiona a realidade num círculo vicioso, num movimento de modelos repetitivos, paralisantes, defensores de princípios rígidos, norteadores de condutas que cerceiam as possibilidades de destruição dos grilhões daquilo que nos impede de tentar novos vôos ascendentes em torno da árvore da vida e em busca dos ramos de ouro de uma nova forma de pensar e de agir. Com a imagem da espiral busco, tão somente, resgatar a idéia de transcendência e transformação a partir do que possibilitaria a dialética revolucionária de uma outra forma de ver, de pensar, de propor, de dialogar, de agir, de ser.

A etnografia de um saber mostra-nos que estudos sobre o rural tornaram possível a interdisciplinariedade, explicitaram um procedimento holista (JOLLIVET, s/d.: 22) que vincula os vários níveis da relação dialética: campo+cidade e suas consequências sobre a sobrevivência física, ambiental, econômica, política, social e cultural da sociedade e do planeta.

A partir das questões postas nesta etnografia de um saber disciplinar, concluo:

4.1. Quanto às explicações ou mitos teórico-metodológicos construídos pela comunidade acadêmica

O objeto da pesquisa pode ser visto, analisado, recortado, demarcado, pela ótica ou olhar dos múltiplos saberes e através da ação dos intelectuais responsáveis pela configuração de um campo disciplinar. Estes vários recortes representam a reconstrução, o repensar e o entendimento de uma mesma realidade a partir de novas dimensões e questionamentos que as várias disciplinas, através de suas práticas teórico-metodológicas, foram elaborando. A construção de um saber foi absorvendo novas dimensões da prática teórico-metodológica, numa perspectiva cada vez mais interdisciplinar, capaz de oferecer novas possibilidades, modelos, avanços e até mesmo retrocessos para a análise das questões postas pela realidade rural e pelos intelectuais com ela envolvidos. A soma disto tudo tem constituído o nosso patrimônio intelectual, social, político.

A propriedade de um campo disciplinar significa a ruptura ou manutenção de uma estrutura de saber, da consolidação ou questionamento de uma prática disciplinar que aprisiona ou liberta o saber, o objeto, um campo, uma estrutura de poder. A construção de um saber oferece sempre a chance de se resgatar a objetividade da relação sujeito+objeto+texto+leitor+saber disciplinar, porque deixa a descoberto a intersubjetividade das relações sociais postas neste jogo de relações pessoais, acadêmicas, sociais e políticas. O saber gera consciência e mudanças, mas também ideologias e retrocessos.

Pode-se perguntar sobre o sentido e o uso da elaboração dos saberes disciplinares aqui analisados. Esta prática teórico-metodológica, enquanto construção social, conseguiu de fato espiralar-se e irromper-se num novo? Ela conseguiu criar um entendimento, uma percepção, ou uma consciência do verdadeiro sentido da relação social que, no lugar de separar, soma

sujeito+objeto+saber+leitor+objeto e as múltiplas possibilidades que esta relação pode representar? Os diálogos presentes nesta relação, gerados no interior de um recorte disciplinar, algumas vezes materializaram-se numa nova prática teórico-metodológica que somou os saberes na direção da construção de uma nova ética humana, justa e consciente. Foram exemplo as pesquisas de campo, o uso da observação participante, as assessorias dadas e alguns dos textos elaborados.

O saber construído só se amplia se ele se move na direção de novas alternativas, sentidos, indagações, soluções para as questões apresentadas pela sociedade. Este saber só avança se se volta para a libertação dos círculos aprisionadores que nos impedem de estranhar conceitos ou concretizar os novos saberes que a relação dialética sujeito+objeto+saber vai nos apresentando. Este saber só transforma as relações sociais de desigualdade e exclusão quando passa a ser propriedade e meio de conscientização de todo aquele que o busca, já que a posse de qualquer forma de saber pode se transformar num mecanismo de exclusão e expropriação ainda mais perverso do que aquele ditado por critérios econômicos de posse ou propriedade de meios de produção.

Os resultados desta análise indicam que foram apontados caminhos, intenções, ideais, sonhos, utopias aprisionadas ou/não em posicionamentos ideológicos e em práticas teórico-metodológicas. No entanto, as soluções para a condução do diálogo e da construção de uma realidade mais igualitária, justa e humana é algo ainda por ser construído. O saber por si não rompe e nem liberta, apesar de poder informar, formar e sensibilizar.

O entendimento das causas e razões dos problemas sociais rurais atinge e/ou mobiliza apenas parcialmente a sociedade nacional, que é posta como espectadora de uma realidade conturbada, onde os segmentos sociais excluídos e explorados parecem não fazer parte de sua vida ou contexto sócio-

político. Até temáticas como "sem terra", extermínio de trabalhadores rurais entre outros, reforma agrária, bailam como ficções ou banalizações de situações num país do faz-de-conta.²

O saber elaborado quase que se torna estéril e raramente consegue ultrapassar os muros acadêmicos, epistemológicos e práticos, ou divulgar uma verdade capaz de impedir a perpetuação da estrutura de poder e de expropriação. A própria elaboração teórico-metodológica acabou na maioria das vezes como prisioneira deste muro construído por valores ideológicos, partidários ou pelo zelo extremado do princípio da objetividade. No entanto, constituíram exceção a atuação e assessoria dadas por alguns destes intelectuais aos partidos, à Igreja Católica, à CONTAG, aos sindicatos, aos movimentos sociais, etc.

Os que compreenderam que a Igreja Católica era um agente importante nas mudanças sociais nas frentes pioneiras e nas frentes de expansão da fronteira contribuíram para o arejamento e problematização do saber elaborado, através das novas questões que trouxeram para serem pesquisadas. Os que utilizaram os espaços institucionais dos partidos e do sindicato mostraram que o saber é também construído a partir do enamorar-se, da empatia e da preocupação para com o destino social dos que são postos à margem do sistema social.

Ao longo deste trabalho procurei mostrar como a prática disciplinar de alguns intelectuais foi crucial para que ocorresse o avanço teórico e metodológico na prática disciplinar da sociologia e da antropologia do campesinato e como esta sofreu a influência das práticas discursivas e políticas de

² Refiro-me à novela *O rei do gado*, exibida ao longo do ano de 1996 e início do ano 1997, pela TV Globo, em horário nobre, justamente num período de fortalecimento do movimento dos "sem terra" e de suas marchas reivindicativas. Este é um tema que mereceria ser melhor investigado.

partidos de esquerda e da Igreja Católica, quando da elaboração de saberes ligados à produção camponesa.

Alguns autores construíram verdadeiros mitos teóricos: *feudalismo*, *capitalismo*, *sistema de plantation*, *modo de produção camponesa*, *diferenciação camponesa*, *proletarização*, *integração da produção familiar*, *subordinação/resistência da produção camponesa ao capital*, *especificidade da produção camponesas*, etc.³ Foram cruciais os conceitos de fricção interétnica e fronteira agrícola (Roberto Cardoso de Oliveira); modo de produção capitalista (Caio Prado Júnior); *sistema de plantation* (Moacir Palmeira); fronteira e modo de produção camponês (Otávio Velho); especificidade camponesa, diferenciação camponesa, proletarização (como fruto dos projetos coletivos do PPGAS); relações de produção não-capitalistas (José de Souza Martins), entre outros. Muitos destes conceitos adquiriram força política e ideológica. Solidificaram cumplicidades ou divergências.

Apesar do quadro aqui analisado ser bastante restrito, pode-se concluir que a prática teórico-metodológica sobre o rural conheceu histórias e movimentos distintos em São Paulo e no Museu Nacional/UFRJ, no Rio de Janeiro. Na USP, como já apontara Schaden, não se solidificou uma escola antropológica paulista (SCHADEN, 1984: 254) e tampouco um campo específico vinculado à questão agrária. Os temas pesquisados e analisados espelham os mais variados interesses, sob uma forte influência da perspectiva sociológica e política. A temática urbano-industrial e as influências filosóficas estrangeiras articularam e solidificaram marcos interpretativos consistentes na teoria sociológica e antropológica. Apesar da existência de projetos coletivos de pesquisa (CESIT/USP), ou de um mercado editorial consistente, a tendência foi a da consolidação de práticas intelectuais mais individuais

³ Vide capítulos 2 e 3 desta tese.

e pesquisas sobre temas pulverizados. O rural era apenas um recorte especial de temas maiores e mais hegemônicos. Através de modelos generalizantes e categorias polares (arcaico/moderno, subdesenvolvimento/desenvolvimento, agricultura/indústria, rural/urbano, feudalismo/capitalismo, tradicional/progressista, entre tantas outras), buscava-se pensar a realidade brasileira. Esta polêmica refletia-se nas disciplinas sociologia e antropologia na busca do objeto de cada uma (estrutura ou cultura), no significado e origem social da sociedade nacional.

No campo intelectual carioca, a antropologia iniciou-se na antiga Divisão de Antropologia do Museu Nacional, com uma tradição de pesquisa pura. A partir do final da década de 60, com a instalação do Programa de Pós Graduação no Museu Nacional, esta tendência foi preservada com a adoção de prática teórico-metodológica mais acadêmica e institucional e menos política e ideológica. Os projetos coletivos de pesquisa, centrados em torno intelectuais carismáticos capazes de incentivar, motivar, orientar e compatibilizar interesses individuais com coletivos foram cruciais para que a temática rural fosse tomada enquanto objeto importante nas indagações sobre o quem somos nós, como produzimos e como tornar-nos uma nação desenvolvida. Múltiplas foram as implicações, os desdobramentos e re-arranjos teórico-metodológicos e político-ideológicos destes estudos sobre a prática disciplinar da sociologia e da antropologia do campesinato.

Nas décadas de 70-80 várias foram as reflexões sobre a necessidade da busca da neutralidade, da cientificidade dos procedimentos teórico-metodológicos, do estranhamento de categorias empíricas, analíticas e políticas, da consolidação de práticas acadêmicas mais sistematizadas através das reformas universitárias e programas de pós-graduação, da realização de projetos coletivos de pesquisa e da concretização de uma rede mais sólida de pesquisa, ensino, extensão, publicações, associações e

encontros científicas. Uma parte dos pesquisadores procurava resgatar o espaço acadêmico para as reflexões teórico-metodológicas desenvolvidas num campo intelectual perpassado por vários posicionamentos acadêmicos, políticos, partidários, ideológicos e pastorais. Outra parte fazia pesquisas para também denunciar as injustiças presentes no meio rural. O campesinato surgia enquanto agente, como sujeito histórico de seu destino e não engrenagem passiva submetida à lógica do sistema capitalista. Os grupos de pesquisas sofriam influências destes posicionamentos, dos questionamentos dos modelos macro-estruturais, das mudanças políticas a nível mundial e nacional, das críticas aos modelos dualistas, marxistas, teoria da dependência, nacional-desenvolvimentismo, da busca de saídas para os impasses da modernização e do desenvolvimento do capitalismo na agricultura.

Alguns autores, apesar de não estarem diretamente envolvidos com a pesquisa sobre a questão agrária, muito contribuíram para que ela passasse a ser área de pesquisa, como foi o caso de Roberto Cardoso de Oliveira no Museu Nacional e Caio Prado Júnior no cenário intelectual paulista.

As terminologias sociologia rural, sociólogo rural, antropologia rural, antropólogo rural, foram em alguns casos negadas e substituídas por outras expressões, talvez como reflexo e exemplo das implicações etnocêntricas, pejorativas e ideológicas de tais termos na prática teórico-metodológica, acadêmica e política, aqui analisada. Autores como Moacir Palmeira e José de Souza Martins, apesar de não se considerarem especialistas do rural, são assim identificados por seus pares graças às suas primeiras publicações. Souberam interpretar os códigos, as barreiras disciplinares e corroborar uma prática coletiva de pesquisa e ensino.

Notória também é a presença daqueles que se preocuparam com a definição e demarcação de um campo de saber, com sua delimitação teórica, política e ideológica, com a defesa de um campo de

saber objetivo, com abordagens teóricas cuidadosamente elaboradas, porém retratos em preto e branco da realidade empírica analisada. Alguns dos textos de Otávio Velho, aqui analisados, exemplificam esta tendência.

Os escritos etnografados nesta tese apontam na direção de uma reestruturação de temática, de método, de estilo literário, de preocupação política. Se o rural foi tema de reflexão inicial para todos eles, aos poucos foi se mesclando a outras preocupações. Apesar da importância desta mudança, centrei-me unicamente nos textos mais diretamente vinculados à produção camponesa. O recorte da sociologia e da antropologia do campesinato surgiram como as mais pertinentes para delimitar o espaço dos debates aqui analisados.

A construção do objeto científico deixou clara, como aponta Tavares dos Santos, que há uma ...distinção entre questão social e questão sociológica, que a ...passagem daquela para esta se faz ...mediante um processo de trabalho intelectual (TAVARES DOS SANTOS, 1991: 45) e estes trabalhos têm demonstrado que, apesar de todo um saber gerado nas práticas teórico-metodológicos sobre o rural, ele tem sido insuficiente para ajudar na reconstrução e no repensar desta realidade. O saber construído parece muitas vezes pairar descolado por sobre a realidade nacional.

4.2. Quanto aos mitos e veracidade das práticas discursivas elaboradas

Se pensarmos em termos de um sistema de parentesco⁴, pode-se dizer que existe uma rede organizatória de relações de parentesco entre os conceitos e autores que expressa as relações sociais

⁴ Inspirando-me em artigo de Woortmann, que relembra-nos que o ...parentesco é ideologia; e é uma linguagem que 'fala' de algo ainda que, e necessariamente, nas culturas em que ele fale, ele seja também algo em si mesmo. (WOORTMANN, 1977: 176).

presentes na construção de uma prática disciplinar no campo intelectual acadêmico. Os intelectuais pertencem a grupos teóricos como as linhagens reais, mantêm relações jurídicas (institucionais) que são tão fortes quanto as relações de sangue, que servem para formar verdadeiros clãs teóricos, representados por um tipo de linguagem que escamoteia ou explicita nos textos, os sentidos, as desavenças pessoais, os embates teóricos, os jogos políticos e as lutas ideológicas. Porém, os intelectuais obedecem a regras específicas para tornar possível a estrutura acadêmica, para manter organizado o campo intelectual e as estruturas de poder ligadas às instituições e ao saber. O caso do PPGAS/Museu Nacional confirmou esta preposição.

Verdadeiros clãs teóricos, ideológicos e pessoais foram construídos em torno de recortes temáticos e posturas políticas frente à teoria, às linhas de pesquisa e às orientações metodológicas. No entanto, apesar de originária de uma formação intelectual vinculada a uma prática coletiva de pesquisa na USP, a trajetória intelectual de José de Souza Martins expressa nos textos aqui considerados, reflete uma prática disciplinar mais individualista e isolada. Também a de Caio Prado Jr., apesar de sua vinculação partidária e editorial, segue esta mesma tendência.

Ao rastrear as genealogias das categorias analíticas e empíricas, percebeu-se que estas são atravessadas por sentidos simbólicos, ideológicos e pela linguagem específica de uma linhagem que norteia o clã (saber disciplinar). É, como aponta Woortmann, ...a linhagem emerge das relações de parentesco pela segmentação, a um outro nível elas são deduzidas do 'clã'... (WOORTMANN, 1977: 177).

As linhagens teóricas na sociologia e na antropologia do campesinato, aqui consideradas, são marcadamente patrilineares. Há sempre um autor ou projeto de pesquisa em torno de um 'pai' agregador, seja teórica ou empiricamente.⁵

Todos os sistemas explicativos, aqui analisados, demarcaram avanços teóricos ou sistematizaram o saber disciplinar sobre o rural, seja através de concordâncias ou de críticas. Todos eles foram fruto de um fio condutor vindo de esquemas do passado. Estes saberes foram usados para manter, criticar e/ou transformar o *status quo*; referendar o pensamento conservador ou crítico; resgatar a objetividade ou o compromisso para com o destino do objeto de pesquisa; recolocar a relação de pesquisa entre sujeito/objeto; descobrir novas dimensões simbólicas presentes nas relações sociais rurais. É importante ressaltar que este saber, mais do que exemplificativo de um exercício teórico de coerência e de boa estruturação, cumpriu também um sentido social, teve um uso social e histórico. Ele extrapolou o pensamento de seus autores, contribuindo para que novas dimensões fossem abertas.

O saber gerado pelas matrizes discursivas - quer acadêmicas, religiosas ou políticas - não pode acompanhar as mudanças sociais e políticas da sociedade brasileira e nem sempre possibilitou as transformações sociais e políticas necessárias. Por mais engajadas que algumas destas matrizes pareçam estar, elas apenas apontaram caminhos, mesmo quando pretenderam e/ou agiram como vanguarda nas lutas pelas transformações políticas. Sua grande contribuição foi problematizar temas como injustiça social, luta pela terra, luta pela cidadania, questão agrária, questão agrícola e trazê-las

⁵ Exceção parece ter sido o caso de Maria Isaura Pereira de Queiroz na USP, que reflete também uma linha própria de trabalho. (LOPES, 1998). Este tema precisaria, no entanto, ser melhor estudado.

para a discussão e reflexão nacional, expressando não mais um discurso, mas várias compreensões e saberes sobre a vida sofrida e espoliada dos trabalhadores rurais.

As práticas discursivas elaboradas a partir deste contato com a empiria conduziram à compreensão de que era necessário transformar as estruturas injustas de posse e uso da terra, do trabalho e do capital. No entanto, se soluções foram apontadas a nível do discurso político, religioso e/ou acadêmico, elas não foram suficientes para propiciar as mudanças, que historicamente a práxis reivindicava e a estrutura de poder negava ou adiava. A circularidade aprisionadora da práxis, dos saberes elaborados, das ações já iniciadas ainda não foram suficientes para que a espiral dialética da vida irrompesse em direção à concretização de um novo 'novo' em prol da dignidade, da ética e da igualdade. A questão agrária não foi resolvida como as práticas discursivas previam e a história seguiu sua trajetória alheia às análises.

A partir dos vários encontros, seja entre teoria e práxis, entre práticas discursivas acadêmicas, partidárias, ideológicas e religiosas, entre pesquisador-pesquisado, os conflitos não foram suficientes para transformar o que Martins denomina a "alteridade original e mortal" em "alteridade política". Ou seja:

A fronteira só deixa de existir quando o conflito desaparece, quando os tempos se fundem, quando a alteridade original e mortal dá lugar à alteridade política, quando o 'outro' se torna a parte antagônica do 'nós'. Quando a História passa a ser a *nossa* História, a História da nossa diversidade e pluralidade, e nós já não somos nós mesmos porque somos antropofagicamente nós e o outro que devoramos e nos devorou. (MARTINS, 1997b: 151).

4.3. Quanto à efetivação de mitos e/ou de práticas nas soluções das chamadas questões agrárias

Os vários estudos sobre a agricultura brasileira têm demonstrado que a produção camponesa tem sido explorada e dominada pelo desenvolvimento do capitalismo no país. Os vários textos acadêmicos escritos sobre esta temática têm servido aos diversos interesses e usos, quer a favor de críticas a este processo, quer para legitimá-lo.

Em análise comparativa dos rumos do desenvolvimento capitalista na agricultura, dos temas e obstáculos paradigmáticos que têm norteado o estudo do campesinato e do capitalismo agrário, Abramovay chegou a algumas conclusões importantes, das quais saliento as seguintes:

- ...existem alguns traços comuns [e] recorrentes neste processo que também se expressam no Brasil; há ...concentração da renda e sobretudo à persistência da miséria absoluta (ABRAMOWAY, 1990: 322); a agricultura não se constitui um ...empecilho ao crescimento (idem: 324);
- a ...agricultura garantiu abastecimento alimentar abundante, a preços estáveis (idem: 326);
- a agricultura tem sido brilhante para produzir lucros, mas não tem conseguido ...um tipo de desenvolvimento onde o consumo de massas exerça um papel relevante (idem: 327); que esta agricultura tem um caráter atrasado devido ao ...excesso de trabalho pouco produtivo, [às] terras sub-utilizadas, à desigualdade do desenvolvimento deste setor (idem: 328-9).
- que até hoje, ...foi muito mais a grande agricultura patronal do que a sociedade que se beneficiou das políticas estatais de apoio ao setor. (idem: 329).

Apesar de constituir 71,6% dos estabelecimentos do país (KAGEYAMA & BERGAMASCO, *apud* WANDERLEY, 1989: 31), a produção familiar ainda está à margem de uma

...modernidade, socialmente definida (WANDERLEY, op. cit: 31) a ser expressa num sistema de acesso aos recursos necessários para a vivência em igualdade. Historicamente, este campesinato está marcado pela

...profunda precariedade: acesso precário à terra, intensa mobilidade espacial, agricultura rudimentar, dieta insuficiente, vida social restrita, ausência de direitos sociais, etc. (WANDERLEY, 1990a: 6).

As terras continuam ...não (ou mal) aproveitadas produtivamente e é grande o ...contingente dos excluídos do progresso e do bem estar. (WANDERLEY, 1990b: 10).

Estas conclusões são confirmadas pelos dados apresentados por Gonçalves, ou seja, 2,8% do número de propriedades são constituídas de grandes propriedades (acima de 15 módulos fiscais)⁶ e ocupam 56,7% da área total, 8% do número de propriedades são de médias propriedades (até 15 módulos fiscais) e que ocupam 19,9 da área total e 89,1% do número de propriedades são de pequenas propriedades (até quatro módulos fiscais) e ocupam 23,4% do percentual da área total. (GONÇALVES, 19/05/1996: 9).

No meio a tantos desequilíbrios, as injustiças e lutas têm sido uma consequência histórica. Desde os anos 60, a reação da classe trabalhadora no campo se fez presente através da atuação das Ligas Camponesas, do movimento de sindicalização rural, do clamor pela reforma agrária, da busca de apoio junto aos partidos de esquerda, à Igreja Católica ou aos intelectuais defensores e simpatizantes de sua causa. Após o Golpe de 1964, o Estatuto da Terra e Estatuto do Trabalhador Rural ...ficaram letra morta também porque faltava uma ação vigorosa dos sindicatos, naquele tempo já quase todos em mãos de pelegos. (JOOSTEN, 1986: 153).

⁶ Segundo Gonçalves, o ...módulo fiscal varia de acordo com o município - o menor módulo no Brasil mede 5 hectares, nas regiões metropolitanas das capitais. O maior módulo é no pantanal matogrossense e mede 110 hectares. (GONÇALVES, 1996: 9).

A reforma agrária continuou como questão não solucionada e desde então tem sido, recorrentemente, recolocada, enquanto espólio não resolvido, que reforça a manutenção da exclusão e da desigualdade, tendo sido transformada num falso problema, apesar de todas as tensões existentes na sociedade.

Nos anos 80, com a Nova República e com Tancredo Neves, reiniciou-se a discussão em torno da Reforma Agrária sob a reação contrária de organizações patronais (JOOSTEN, 1986: 156) e até mesmo de partidos de esquerda. (SANTANA, 1993: 13). A modernização da agricultura foi o caminho trilhado em substituição às mudanças estruturais necessárias para o sistema fundiário brasileiro. Esta opção levou à implementação de políticas agrícolas e de crédito voltadas para os proprietários rurais capazes de reivindicá-las. A oferta de uma assistência técnica a nível da produção, da comercialização e do aproveitamento dos recursos humanos e naturais priorizou este segmento social.

No lugar de uma solução mais eficaz para a problemática rural, esta foi resolvida a partir dos significados dados pelos setores dominantes e preocupados com a manutenção do *status quo* e dos valores de uma tradição cultural ainda baseada na estrutura latifundiária dos ...senhores que, compreendendo a natureza aleatória de sua soberania, lutam para conservá-la. (MARSHALL, 1972: 9).

Permanece ainda como questão não solucionada, a luta pelo poder expressa na propriedade dos meios de produção e no tipo de relações sociais presentes na estrutura de dominação. A institucionalização do tipo de estrutura agrária vivenciada no Brasil revela, portanto, o tipo de código ou o sistema de representações elaborados neste contexto histórico, bem como um sistema especial de relações sociais que lhes dão sustentação, seja a nível econômico, político, social, jurídico, ideológico,

cultural e/ou religioso. Os critérios econômicos não são suficientes para indicar uma solução para a reforma agrária, como já apontara Sá Jr. nos anos 70 (SÁ JR., 1973: 92) e Graziano da Silva (GRAZIANO DA SILVA, 1987: 56-7) nos anos 80, já que esta discussão envolve critérios sociais e políticos.

Fazer a reforma agrária significaria questionar o sistema de propriedade privada da terra e suas consequentes implicações não só para o setor rural, como para o urbano-industrial; o sentido e significado do Estado burguês brasileiro, que caminha a reboque do capital industrial e financeiro. Do ponto de vista simbólico, o projeto de reforma agrária alimenta e reforça este contexto econômico-histórico e este imaginário sócio-cultural, apresentando apenas medidas paliativas para a sua solução. A reforma agrária burguesa⁷ não passou de desapropriações tópicas⁸, do uso ideológico da propriedade da terra, da adoção seletiva e manipulável de políticas agrícolas pouco sistematizadas, ou da adoção de projetos de colonização, de assentamentos e de titulação de pequenos proprietários rurais em áreas de tensão social e política. Afinal, a questão da terra envolve luta, transformação, redefinição. (POLETTO, 1987: 19)

O próprio ministro extraordinário da Política Fundiária, Raul Jungmann, lembra-nos que segundo o Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso,

...os chamados sem-terra continuam sendo um problema grave, de tratamento dramático e difícilíssima solução; e que é preciso reformar a reforma agrária. (JUNGMANN, 1997: 3).

⁷ POLETTO, 1987, 20; CARVALHO, 1997.

⁸ COMISSÃO PASTORAL DA TERRA, 1983: 17.

Mas como reformar aquilo que, historicamente, ainda não foi formado no país? Reinventar ou reformar seria esperar por políticas de assentamento e distribuição de títulos à massa rural? Como transformar o drama em ação ou vontade política, antes que mais cadáveres continuem sendo produzidos?

O poder político, técnico, econômico e o entendimento dele continua a servir à desigualdade e aos grupos sociais dominantes. Existe um acervo intelectual sobre a realidade rural e sobre os impasses enfrentados frente à ausência de uma política agrária, que não foi ainda apossado por aqueles que deveriam gerenciar estas questões.

Já nos anos 70, a incapacidade do setor capitalista de resolver seus problemas era notória. É como se assistíssemos hoje ao replay de um movimento aprisionador:

...nem à burguesia se pode pedir que abra mão da perspectiva da acumulação, que é própria dela, nem às classes trabalhadoras se pode pedir que incorpore a perspectiva da acumulação, que lhe é estranha. Essa situação conduz, inevitavelmente, as contradições da infra-estrutura a uma posição de comando da vida política do país: a luta pelo acesso aos ganhos da produtividade por parte das classes menos privilegiadas transforma-se necessariamente em contestação ao regime, e a luta pela manutenção da perspectiva da acumulação transforma-se necessariamente em repressão. Essa dialética penetra hoje os mais recônditos lugares da vida nacional, em todas as suas dimensões, em todos os seus níveis: qualquer lugar, qualquer atividade, é hoje um campo de batalha, da música ao cinema, das atividades educacionais aos sindicatos, do pregão da bolsa à pregação do padre; desapareceram as questões específicas de cada uma das atividades *per se*, para colocar-se a questão da manutenção do *status quo* ou o seu oposto. Melancolicamente, até mesmo a frágil oposição armada que tentou erguer-se contra o regime foi esmagada como o último apelo romântico ao sistema para que se reformasse em nome da justiça social. Nenhum determinismo ideológico pode aventurar-se a prever o futuro, mas parece muito evidente que este está marcado pelos signos opostos do *apartheid* ou da revolução social. (OLIVEIRA, 1972: 82).

Se a reforma agrária se transformou num instrumento de modernização econômica, através de esporádicos projetos de colonização e assentamentos, enquanto questão técnica, ela não cumpriu sua função social de contribuir para a melhoria das condições de vida. Tampouco tornou-se uma questão política para aqueles que têm o poder e as condições necessárias para intervir nas relações de produção

presentes no meio rural. As relações de trabalho e o sistema de propriedade, continuam sendo instrumento de dominação e deterioração das condições de vida no meio rural e, conseqüentemente, do meio urbano. O acesso à terra de trabalho; a conquista da liberdade democrática; a realização da cidadania; a produção de alimentos e matérias primas para um mundo cada dia mais faminto e des-humanizado; a integração do trabalhador com o ecossistema, com uma nova ética e um caminho povoado de esperanças, se tornam ainda algo a ser conquistado. O *apartheid* social e político impedem o romper desta circularidade.

A partir do que foi dito e analisado até aqui e sem repetir todo um discurso mais crítico sobre esta questão, resta-me concluir que: mais do que reformar ou reinventar a reforma agrária é preciso entender que até mesmo para a viabilidade e estabilidade social e política do sistema burguês ela se faz necessária. É premente que se repense a estrutura tributária do campo; o crescimento generalizado do desemprego; os desequilíbrios de distribuição da renda; as injustiças do acesso à educação, saúde, emprego; as arbitrariedades no uso do poder e patrimônio público; a não adequação das técnicas para um setor produtivo rural tão diversificado; da ausência de um programa em defesa do ecossistema e da vida.

Hoje, quase quarenta anos após as mobilizações populares, intelectuais, partidárias e/ou religiosas dos anos 60, a questão agrária continua sendo questão ou problema nacional. O objeto analisado recoloca vivamente as mesmas questões do passado, mas a partir de um novo patamar, de um novo local, de uma nova dimensão. Temas como: reforma agrária, miséria no campo, "sem terra", expropriação, exclusão, violência rural, etc, continuam sendo denunciados como problemas não solucionados. Pairam como categorias elaboradas a partir do próprio saber burguês, que desclassifica

os problemas que cria, já que as soluções pressupõem perda econômica e perda política para o próprio capitalismo.

Hoje, o próprio objeto das pesquisas se descongela das análises sociológicas e antropológicas feitas pela academia, pelos partidos políticos e pela Igreja Católica e se apresenta como vítima que tem corpo, sangue e alma. O objeto busca se libertar do texto e fazer sua história, mas termina reproduzindo também a violência e as arbitrariedades vivenciadas.⁹

Ao assistirmos o recolocar das mesmas questões, a partir de novos personagens, percebemos que o diálogo entre as práticas discursivas dos agentes pensantes da realidade rural e os contingentes sociais não se deu efetivamente. Os textos elaborados, quer pela academia, partidos de esquerda ou Igreja Católica, não deram conta ainda de materializar as reivindicações destes. A manutenção de uma estrutura agrária marginalizadora e a não apropriação dos recursos técnicos e creditícios pela grande maioria dos produtores têm mantido o êxodo rural, a marginalização, a baixa produtividade, o uso pouco racional e responsável dos recursos técnicos e naturais, comprometendo a preservação das terras e do meio ambiente.

Se no passado não teve êxito uma resistência política ao golpe militar, hoje se assiste a um novo tipo de confronto: - não são apenas os 500 mil camponeses de Julião que continuam na luta, a eles se somam os vários sem do país. O campo parece tomado por um enxame enfurecido de abelhas, expresso no enfrentamento direto UDR/Sem Terra. Como num efeito bumerangue, as violências, os sequestros, os crimes, as gaiolas-prisões, os menores abandonados se somam neste retrato já tão cruel

⁹ Cito como exemplo a luta do Movimento dos Sem Terra que tem se apresentado, reiteradamente, como um movimento de trabalhadores, acima de partidos, das entidades de classe e da Igreja Católica. Em alguns casos os trabalhadores têm devolvido à sociedade as arbitrariedades sofridas.

de uma sociedade de libertos de terra e de esperança. Como acreditar na transformação da 'vontade política' em ação, se a história continua a repetir a estranha tragédia da sucessão sacerdotal como no Santuário de Nemi? (MARSHALL, 1972: 9-10)

Se, no passado, a luta pela reforma agrária envolvia apenas camponeses expulsos das fazendas (de cana, café, etc), posseiros e índios expulsos das terras que ocupavam na Amazônia Legal, hoje, quase quarenta anos depois, esta luta se alastra por todo o país. É a luta de um número cada vez maior de sem terra, de sem moradia, de sem trabalho, de sem comida, que continuam a brigar pela reforma agrária, pela permanência na terra, pela concretização de políticas eficazes destinadas ao campo, pelo direito de também serem cidadãos "com" esperança, com dignidade, com oportunidade. A própria categoria "sem" trava as engrenagens de um processo de circulação ou de um *kula* simbólico pleno de possibilidades, de concretizações, de inclusões.

De sul a norte, de leste para o oeste, sobe o "grito por terra", sobe "o vôo das andorinhas"¹⁰, seja vindo dos silenciados em Contestado ou Canudos, seja do contingente de deserdados social e etnicamente: índios, negros, nacionais e estrangeiros, seja dos silenciados no batalhão de Julião ou nas lutas dos partidos e da Igreja Católica. A eles se somam os vários gritos de camponeses expulsos de suas terras e dos sem emprego e todos juntos rumam em busca da concretização não só do "mito" da "terra de trabalho", da "terra liberta", mas também da inclusão no "processo de diferenciação", da preservação de suas "especificidades", da concretização da "melhoria de vida e de salários", da autonomia...

¹⁰ MARTINS, 1988: 43-61.

Com esta etnografia, ao revisitar os estudos sobre o campesinato, espero ter mostrado que, apesar das armadilhas de uma leitura romântica ou idealizada do mundo camponês, pode-se apreender que os vínculos sociais podem ser ditados por uma outra tradição valorativa da vida em comunidade e de laços baseados também na solidariedade e lealdade. Os elementos econômicos podem não ser os determinantes e redutíveis de uma racionalidade ou de uma forma de viver.

Ao descobrir o outro, na relação pesquisador-pesquisado, o eu do pesquisador, repleto de modelos teórico-metodológicos para sua análise, se pôs frente ao outro também repleto de subjetividades difíceis de serem cientificamente mensuradas. Como consequência deste encontro, ficou aberto o questionamento sobre qual deveria ser seu sentido prático, teórico ou político.

O encontro de pesquisa também foi desencontro, e o diálogo muitas vezes foi monólogo a serviço da exclusão, do estranhamento, que erroneamente, estranhou para se negar e negar também o outro que desfocadamente era visto enquanto homens pobres itinerantes, ou enquanto índios intrusos numa terra que deveria ser destinada a empreendimentos capitalistas, em detrimento de etnias empobrecidas e marginalizadas. O que fazer frente à pobreza deste encontro/desencontro de diversidades e da possibilidade/impossibilidade de diálogo frente às reciprocidades e alteridades postas em contato, continuam enquanto questões não solucionadas.

Existe no conhecimento camponês um saber rico de representações e compreensão da vida e do processo de trabalho, que vai se perdendo na medida em que as relações sociais e os saberes deixam de ser intermediados pela relação homem+homem' e homem'+natureza¹¹, construídas a partir de relações sociais, políticas e econômicas que transcendam a "pré-humanidade" de nossas relações.

¹¹ Em analogia ao processo de geração da mais-valia. (MARX, 1980b: 165-197). A relação homem+homem' supõe a construção de uma 'mais-valia cultural' não expropriatória, mas somatório de novas relações, estabelecidas

Novos ...'desenraizados' - como 'homens tábua-rasa, deserdados de seu bem maior que é a inteligência de si mesmos, sua sabedoria do mundo' (Cf. Ribeiro, 1980: 8). (*apud* SUÁREZ, 1983: 155), conformam uma outra relação ditada pela ...lógica da técnica moderna (MOTTA, 1983: 163), do mercado, do capital e/ou do lucro, que desembocam em questões problemas como as aqui apontadas.

Como o modo de produção capitalista tem se apresentado como um modo eficaz de produção de miséria, de pobreza e de exclusão, resta-nos saber até onde ele continuará reproduzindo, geometricamente, os deserdados do saber de si, da vida, do trabalho, do diálogo, do entendimento. De forma inusitada, assiste-se à expropriação das esperanças, das possibilidades, dos entendimentos e à reprodução ampliada da naturalização de dores, de anomias, de descrenças.

Os saberes elaborados deveriam, portanto, ser capazes de

...permitir discursos e conversas entre pessoas que se diferenciam entre si pelos mais diferentes critérios, mas compartilham o mesmo mundo e estão sempre e necessariamente em contato. (CALDEIRA, 1988: 156).

Para além dos avanços teórico-metodológicos postos pelos debates, até aqui apresentados, há algo urgente a ser construído e compartilhado: - um mundo de relações humanas que possibilite-nos

no mercado da circulação de reciprocidades, diversidades, encontros, diálogos, mudanças e transformações, que questionem o irreverente e irônico quadro, descrito por Marx, há mais de cem anos atrás: A esfera que estamos abandonado, da circulação ou da troca de mercadorias, dentro da qual se operam a compra e a venda da força de trabalho, é realmente um verdadeiro paraíso dos direitos inatos do homem. Só reinam aí liberdade, igualdade, propriedade e Bentham. Liberdade, pois o comprador e o vendedor de uma mercadoria, a força de trabalho, por exemplo, são determinados apenas pela sua vontade livre. Contratam como pessoas livres, juridicamente iguais. O contrato é o resultado final, a expressão jurídica comum de suas vontades. Igualmente, pois estabelecem relações mútuas apenas como possuidores de mercadorias e trocam equivalente por equivalente. Propriedade, pois cada um só dispõe do que é seu. Bentham, pois cada um dos dois só cuida de si mesmo. A única força que os junta e os relaciona é a do proveito próprio, da vantagem individual, dos interesses privados. E justamente por cada um só cuidar de si mesmo, não cuidando ninguém dos outros, realizam todos, em virtude de uma harmonia preestabelecida das coisas, ou sob os auspícios de uma providência onisciente, apenas as obras de proveito recíproco, de utilidade comum, de interesse geral... Ao deixar a esfera da circulação simples ou da troca de mercadorias, à qual o livre-cambista vulgar torna de empréstimo sua concepção, idéias e critérios para julgar a sociedade baseada no capital e no trabalho assalariado, parece-nos que algo se transforma na fisionomia dos personagens do nosso drama. O antigo dono do dinheiro marcha agora à frente como capitalista; segue-o o proprietário da força do trabalho como seu trabalhador. O primeiro com um ar importante, sorriso velhaco e ávido de negócios; o segundo tímido, contrafeito, como alguém que vendeu sua própria pele e apenas espera ser esfolado. (*idem*: 196-7).

espiralar em direção a um nós transformado/a, em busca de uma relação nós-outro e/ou outro-nós não só mais humanizado(a), mas também em crescente transformação. O encontro de reciprocidades e o diálogo entre alteridades possibilitam o estranhamento construtivo de relações de expropriação e de dominação de um imaginário que naturaliza e legitima, esquizofrenicamente, realidades tão distintas, que ainda aceitam o holocausto da vida.

Este exercício me ensinou que é preciso ter coragem e esperança para fazer de todo fim o recomeçar sem fim da edificação e concretização, no presente, de utopias que não se realizaram e nem tão pouco se congelaram em fugazes sonhos.

Esta etnografia também me ensinou que as mudanças se enraizam no passado e dele devem ser trazidas as esperanças e o aprendizado daquilo que já foi ensinado, caso contrário não se somarão os saberes necessários para romper os elos que aprisionam a sociedade e a impedem de espiralar-se em busca do novo.

Depois desta longa trajetória, sinto que apenas tangenciei algumas das muitas questões levantadas. Deixo ao leitor o desafio da abertura de um novo elo em busca de um entendimento mais pleno para as indicações aqui apontadas.

5. ABSTRACT

This ethnography is an attempt to identify, to understand, and to interpret some aspects of the theoretical-methodological practice of a certain disciplinary knowledge sought (peasant sociology and peasant anthropology), through the analysis of the ethnographical data collected (social facts), and through the analysis of texts and elaborated disciplinary knowledge (epistemological facts), during the period 1960 to the end of 1970's. The triad author-text-discipline was transformed into the object of this research.

6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABRAMOVAY, Ricardo. Novas formas de luta pela terra: acampar. **Boletim da ABRA**, Campinas, v.15, n.2, p.55-9, 1985.

ABRAMOVAY, Ricardo. **De camponeses a agricultores**: paradigmas do capitalismo agrário em questão. Campinas: UNICAMP, 1990. (Tese doutorado).

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. GETAT: a segurança e o revigoramento do poder regional. **Boletim da ABRA**, Campinas, v.11, n.2, p.24-41, 1981.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. A reforma agrária localizada e a política regional. **Boletim da ABRA**, Campinas, v.12, n.1, p.22-34, 1982.

ALMEIDA, Mauro W. Barbosa de. Redescobrimdo a família rural. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.1, n.1, p.66-83, 1986.

AMIN, Samir, VERGOPOULOS, Kostas. **A questão agrária e o capitalismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Agricultura & Capitalismo**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

ANDRADE, Manuel Correia de. Mesa Redonda/APIPSA: Repensando a questão agrária. XVI Encontro Nacional da Associação PIPSA (Projeto de Intercâmbio e Pesquisa Social em Agricultura), Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, de 7 a 9/12/92. Exposição oral. (Documento de Trabalho: Transcrição das fitas da exposição de Leonilde Sérvolo Medeiros (coord.), José Vicente Tavares dos Santos, Manuel Correia de Andrade e José Graziano da Silva)

ANDRADE, Regis de Castro. Perspectivas no estudo do populismo brasileiro. **Encontros com a Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v.7, 1979. P.41-86.

ARAÚJO, Braz José de *et al.* Bibliografia complementar sobre a questão agrária: ordem cronológica. **Cadernos CERU**, São Paulo, n.12, p.156-202, 1979.

ARAÚJO, Braz José de, ABRAMOVAY, Ricardo, *et al* **Ensaios de Opinião**. v.11, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

AZEVEDO, Fernando Antônio. **As ligas camponesas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

- AZZAN JÚNIOR, Celso. **Antropologia e interpretação**: explicação e compreensão nas antropologias de Lévi-Strauss e Geertz. Campinas: UNICAMP, 1993.
- BACHELARD, Gaston. **La formación del espíritu científico**: contribución a un psicanálisis del conocimiento objetivo. Argentina: Siglo XXI, 1974.
- BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. São Paulo: DIFEL, 1985.
- BAKHTIN, Mikhaïl. **A cultura popular na idade média e no renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Universidade de Brasília, 1987.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BASTIDE, Roger. **Brasil terra de contrastes**. São Paulo: Difel, 1976.
- BASTOS, Elide Rugai. **As Ligas Camponesas**. Petrópolis: Vozes, 1984.
- BEOZZO, Pe. José Oscar. **Cristãos na universidade e na política**: História da JUC e da AP. Petrópolis: Vozes, 1984.
- BERGSON, Henri. **As duas fontes da moral e da religião**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- BIB-Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais. Perfil Institucional: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) do Museu Nacional/UFRJ. **BIB**. Rio de Janeiro, n.3, p.5-7, 1978.
- BLEICHER, Josef. **Contemporary Hermeneutics**: hermeneutics as method, philosophy and critique. 2 ed. London: Routledge & Kegan Paul, 1982.
- BOFF, Leonardo. A Igreja e a paixão do povo. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, n.2, p.115-118, 1977.
- BOFF, Clodovis. A influência política das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, n.4, 1979a. P.95-119.
- BOFF, Clodovis. **"Sinais dos Tempos"**: princípios de leitura. São Paulo: Edições Loyola, 1979b.
- BOLETIM APIPSA. Rio de Janeiro, n.1, março 1996.
- BORDIN, Luigi. **Marxismo e teologia da libertação**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual y proyecto creador. In: BOURDIEU, Pierre *et al.* **Problemas del estructuralismo**, 4.ed. México: Siglo XXI, 1971. P.135-182.

- BOURDIEU, Pierre. In: ORTIZ, Renato (org.). **Sociologia**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, n.39, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular**. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Histórias de lutas entre camponeses de arroz. **Cadernos CERU**, São Paulo, n.19, p.117-125, 1984.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O desencanto do outro: mistério, magia e religião nos estudos do mundo rural no Brasil. In: **Anuário Antropológico/91**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993. P.9-30.
- BRESSER PEREIRA, Luiz Carlos. **As revoluções utópicas: a revolução política na Igreja, a revolução estudantil**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- BRESSER PEREIRA, Luiz Carlos. De volta ao capitalismo mercantil. In: D'INCAO, Maria Angela. (org.) **História e Ideal: ensaios sobre Caio Prado Júnior**. São Paulo: UNESP/Editora Brasiliense, 1989. P.279-297.
- BRUNEAU, Thomás C. **Catolicismo brasileiro em época de transição**. São Paulo: Loyola, 1974.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia. **Novos Estudos CEBRAP**, n.21, p.133-157, 1988.
- CALLADO, Antonio. **Tempo de Arraes: a revolução sem violência**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- CAMARGO NETO, Pedro de. A revolução agrária. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 01 maio 1996. Folha Dinheiro, p.2.
- CANDIDO, Antônio. A força do concreto. In: D'INCAO, Maria Angela. (org.) **História e Ideal: Ensaios sobre Caio Prado Júnior**. São Paulo: UNESP/Brasiliense, 1989. P.23-26.
- CANGUILHEM, Georges. **Études d'histoire et de philosophie des sciences**. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1975.

- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O índio e o mundo dos brancos**. 2.ed. São Paulo: Pioneira, 1972.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **A sociologia do Brasil indígena**. 2.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Sobre o pensamento antropológico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O saber, a ética e a ação social. **Manuscrito**, Campinas: v.13, n.2, p.7-22, 1990.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto, RUBEN, Guillermo Raul (orgs.). **Estilos de antropologia**. Campinas: UNICAMP, 1995.
- CARDOSO, Fernando Henrique. **As idéias e seu lugar**: ensaios sobre as teorias do desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1980.
- CARDOSO, Ruth C.L. Os "símbolos" e o "drama" na Antropologia Política. **Anuário Antropológico/77**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1978. P.317-326.
- CARVALHO, Horácio Martins de. As ilusões pequeno-burguesas de uma reforma agrária no Brasil. **A luta pela terra**: a Comissão Pastoral da Terra 20 anos depois. São Paulo: Paulus, 1997. P.142-156.
- CARVALHO, Márcia Siqueira. **Campesinato**: um saco de batatas? Projeto de Intercâmbio de Pesquisa Social em Agricultura/CPDA/ETAP/FGV. São Paulo, 1980. Texto para discussão do grupo Movimentos Sociais no Campo.
- CASALDÁLIGA, Pedro. Nos 20 anos desta menina-moça. **A luta pela terra**: a Comissão Pastoral da Terra 20 anos depois. São Paulo: Paulus, 1997. P.79-84.
- CASTRO, Antônio Barros de. **7 ensaios sobre a economia brasileira**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense, v.1, 1972.
- CEAS. Os excluídos e excludentes e a felicidade geral da nação. **Cadernos do CEAS**, Salvador, n.157, p.2-5, 1995. Editorial.
- CEAS, Questão agrária: uma pauta antiga e atual. **Cadernos do CEAS**, Salvador, n.161, p.3-6, 1996. Editorial.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

- CHAYANOV, Alexander V. *et al.* Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas. In: GRAZIANO DA SILVA, José, STOLCKE, Verena (org.). **A questão agrária**. São Paulo: Brasiliense, 1981. P.133-163.
- CLIFFORD, James. Introduction: partial truths. In: CLIFFORD, James, MARCUS, George E. (ed.). **Writing culture: the poetics and politics of ethnography**. Los Angeles: University of California Press, 1986. P.1-26.
- CLIFFORD, James. **The predicament of culture: twentieth century ethnography, literature, and art**. Cambridge: Harvard University Press, 1988.
- CLIFFORD, James, MARCUS, George E. (ed.). **Writing Culture: the poetics and politics of ethnography**. Los Angeles: University of California Press, 1986.
- COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **CPT: pastoral e compromisso**. Petrópolis: Vozes, 1983.
- CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). Igreja e problemas da terra. **Reforma Agrária**, ano X, n.2, p.4-20, 1980.
- CORRÊA, Mariza. Traficantes do simbólico. In: CORRÊA, Mariza. (org.) **História da antropologia no Brasil (1930-1960)**, Testemunhos: Emilio Williams e Donald Pierson. São Paulo: Vértice, 1987. P.13-26.
- CORRÊA, Mariza. Traficantes do excêntrico. os antropólogos no Brasil dos anos 30 aos anos 60. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.3, n.6, p.79-98, 1988.
- CORRÊA, Mariza. A história das reuniões da ABA: 1953-1993. **Boletim da ABA**, n.20, p.7, 1993.
- CORRÊA, Mariza. A antropologia no Brasil (1960-80). In: MICELI, Sérgio (org.). **História das ciências sociais no Brasil**. São Paulo: Editora Sumaré/FAPESP, v.2, 1995. P.25-106.
- DARNTON, Robert. **O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro, Graal, 1986.
- DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DARNTON, Robert. História e antropologia (entrevista a Lília K. Moritz Schwarcz e Pedro Puntoni). Campinas, **Boletim da ABA**. n.26, p.7-11, 1996.
- DATAFOLHA, Sem-terra Especial. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 jun. 1996. 10p. Caderno Especial DATAFOLHA.

- DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1987.
- DESROCHE, Henri. **Sociologia da esperança**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- D'INCAO E MELLO, Maria Conceição. **O "Bóia-Fria": acumulação e miséria**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- D'INCAO E MELLO, Maria Conceição. Reflexões sobre o estudo do "bóia-fria" no Brasil. **Cadernos Centro de Estudos Noel Nutels**. Niterói, n.3, p.36-47, 1976.
- D'INCAO, Maria Conceição. O significado do trabalhador volante na transformação da sociedade brasileira. **Cadernos CERU**, São Paulo, Série 1, n.11, 1978.
- D'INCAO, Maria Conceição. **Qual é a questão do Bóia-Fria**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- D'INCAO, Maria Angela. Apresentação. In: D'INCAO, Maria Angela. (org.) **História e Ideal: ensaios sobre Caio Prado Júnior**. São Paulo: UNESP/Brasiliense, 1989. P.9-12.
- DIRCEU, José. Eldorado, terra sem justiça. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 24 abr. 1996. Opinião I, p.3.
- DIREITO AGRÁRIO/REFORMA AGRÁRIA. GETAT: malabarismo jurídico e prática repressiva. **Boletim da ABRA**, Campinas, v.11, n.4, 37-41, 1981.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. O antropólogo e o "Vapor": trabalhando a ideologia. **Anuário Antropológico/76**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977. P.303-307.
- DURHAM, Eunice R. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. P.17-37.
- DURKHEIM, Emile. **Las formas elementares de la vida religiosa**. Buenos Aires: Editorial Achapire S.R.L., 1968.
- DURKHEIM, Émile, MAUSS Marcel. Contribuição para o estudo das representações coletivas (1903). In: DURKHEIM, Émile, MAUSS Marcel. **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 1981. P.399-455.
- DUSSEL, Enrique. **De Medellín a Puebla: uma década de sangue e esperança**. São Paulo: Edições Loyola. 1981.
- EASLEA, Brian. **La liberación social y los objetivos de la ciencia: un ensayo sobre objetividad y compromiso en las ciencias sociales y naturales**. Madrid: Siglo Veintiuno, 1977.

- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Lisboa: Livros do Brasil, s/d.
- ESTATÍSTICAS E INDICADORES/REFORMA AGRÁRIA. Conflitos pela posse da terra no Brasil, 1980-81. **Boletim da ABRA**, Campinas, v.13, n.5, p.46-48, 1983.
- ESTERCI, Neide. Campesinato e peonagem na Amazônia. **Anuário Antropológico/78**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980. P.117-139.
- ESTERCI, Neide. **Conflito no Araguaia**: peões e posseiros contra a grande empresa. Petrópolis: Vozes, 1987.
- ESTERCI, Neide *et al.* **Assentamentos rurais**: um convite ao debate. Rio de Janeiro: UFRJ/CEDI/IBASE, p.1-19, 1992.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. **Os Nuer**: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- FALEIROS, Maria Isabel Leme. A questão agrária. In: D'INCAO, Maria Angela. (org.) **História e Ideal**: ensaios sobre Caio Prado Júnior. São Paulo: UNESP/Brasiliense, 1989. P.143-151.
- FAUSTO, Carlos. Do monólogo à arte dialógica: considerações sobre textos de José de Souza Martins. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro: ISER/CER, n.14/1, 1987. P.28-43.
- FERNANDES, Florestan. Unidade das ciências sociais e a antropologia. **Anhembi**, São Paulo, n.132, v.44, p.453-470, 1961.
- FERNANDES, Florestan. A visão do amigo. In: D'INCAO, Maria Angela. (org.) **História e Ideal**: ensaios sobre Caio Prado Júnior. São Paulo: UNESP/Brasiliense, 1989. P.27-39.
- FERREIRA, Antônio Carlos de Moura. Atuação da Igreja junto aos trabalhadores rurais. In: **Ensaio de Opinião**. Rio de Janeiro: Paz e Terra S.A., v.11, 1979. P.41-50.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 9.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.
- FISCHER, Michael M. J.. Da antropologia interpretativa à antropologia crítica. **Anuário Antropológico 83**. Rio de Janeiro Tempo Brasileiro. 1985. P.55-72.
- FLORES, Mário César. A agricultura familiar. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11 jun. 1996. Opinião I, p.3.
- FRANZ, M. L. von. A ciência e o inconsciente. In: JUNG, Carl G. *et al.* **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964a. P.304-310.

- FRANZ, M. L. von, O processo de individuação. In: JUNG, Carl G., *et al.* **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964b. P.158-229.
- FRAZER, Sir James George. **O ramo de ouro**. Rio de Janeiro: Guanabara S.A., 1982.
- FREEMAN, John. Introdução. In: JUNG, Carl G., *et al.* **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964. P.9-15.
- FROMM, Erich. Consciência e sociedade industrial. In: FORACCHI, Marialice Mencarini, MARTINS, José de Souza (org.). **Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1977. P.126-134.
- GARCIA JR., Afrânio R. **Terra de trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GARCIA JR., Afrânio R. *et al.* Campesinato e "Plantation" no Nordeste. **Anuário Antropológico/78**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980. P.267-287.
- GARCIA, Marco Aurélio. Um ajuste de contas com a tradição. In: D'INCAO, Maria Angela. (org.) **História e Ideal: ensaios sobre Caio Prado Júnior**. São Paulo: UNESP/Brasiliense, 1989. P.271-78.
- GASPAROTO, Jayme Wanderley. Militância. In: D'INCAO, Maria Angela. (org.) **História e Ideal: Ensaio sobre Caio Prado Júnior**. São Paulo, Editora UNESP/Editora Brasiliense, 1989. P.55-60.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, 1978. P.13-41.
- GEERTZ, Clifford. "From the native's point of view": on the nature of anthropological understanding. In: GEERTZ, Clifford. **Local Knowledge: further essays in interpretative anthropology**. New York: Basic Books Inc. Publiers, 1983. P.55-70.
- GEERTZ, Clifford. Anti anti-relativismo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.3, n.8, p.5-19, 1988.
- GEERTZ, Clifford. Estar lá, escrever aqui. **Revista Diálogo**, Rio de Janeiro, v.22, n.3, p.58-63, 1989.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- GNACCARINI, José C. **Latifúndio e proletariado: formação da empresa e relações de trabalho no Brasil rural**. São Paulo: Polis, 1980.

- GNACCARINI, José C. A. A propriedade como negócio. In: D'INCAO, Maria Angela. (org.) **História e Ideal: Ensaio sobre Caio Prado Júnior**. São Paulo, UNESP/Brasiliense, 1989. P.163-177.
- GNACCARINI, José C., MOURA, Margarida M. Estrutura agrária brasileira: permanência e diversificação de um debate. **BIB**, Rio de Janeiro, n.15, p.5-52, 1983.
- GOMES DA SILVA, José, RODRIGUES, Vera L.G. da Silva. A problemática do "bóia-fria". Uma revisão bibliográfica. In: **Cadernos Centro de Estudos Noel Nutels**, Niterói, n.3, p.3-21, 1976.
- GÓMEZ DE SOUZA, Luiz Alberto. **A JUC: os estudantes católicos e a política**. Petrópolis: Vozes, 1984.
- GONÇALVES, Marcos Augusto. Crise no campo atormenta Brasil urbano. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 19 de maio 1996. Caderno I, p. 9.
- GORENDER, Jacob. Do pecado original ao desastre de 1964. In: D'INCAO, Maria Angela. (org.) **História e Ideal: ensaios sobre Caio Prado Júnior**. São Paulo: UNESP/Brasiliense, 1989. P.259-269.
- GORENDER, Jacob. Gênese e desenvolvimento do capitalismo no campo brasileiro. In: **Trabalhadores, sindicatos e política**. São Paulo: Global, s.d.. P.45-56.
- GÖRGEN, Sérgio Antônio. **Os cristãos e a questão da terra**. São Paulo: FTD, 1987.
- GRAMSCI, Antonio. **Obras escolhidas**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- GRAZIANO DA SILVA, José. A porteira já está fechando? In: **Ensaio de Opinião**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v.11, 1979. P.32-37.
- GRAZIANO DA SILVA, José. A pequena produção e as transformações da agricultura brasileira. **Cadernos do CEAS**, Salvador, n.69, p.56-67, 1980a.
- GRAZIANO DA SILVA, José. **O que é questão agrária**. São Paulo: Brasiliense, 1980b.
- GRAZIANO DA SILVA, José. **Progresso técnico e relações de trabalho na agricultura**. São Paulo: Hucitec, 1981.
- GRAZIANO DA SILVA, José. Reforma agrária, já? **Boletim da ABRA**, Campinas, v.15, n.2, p.5-17, 1985.

- GRAZIANO DA SILVA, José. Mas qual reforma agrária?. Brasília: ABRA, 20 a 23/02/1987, 70p. (Mimeo - Trabalho encomendado pela Diretoria da ABRA para o Encontro Nacional da Associação Brasileira de Reforma Agrária).
- GRAZIANO DA SILVA, José. (coord.) **Estrutura agrária e produção de subsistência na agricultura brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1978.
- GRAZIANO DA SILVA, José & HOFFMANN, Rodolfo. A reconcentração fundiária. **Boletim da ABRA**, Campinas, v.10, n.6, p. 3-17, 1980.
- GREENHALGH, Luiz Eduardo, FON FILHO, Aton. Eldorado da impunidade. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21 maio 1996. Opinião I, p.3.
- GRZYBOWSKI, Cândido. **Caminhos e descaminhos dos movimentos sociais no campo**. Petrópolis: Vozes/FASE, 1987.
- GUIMARÃES, Alba Zahuar. Sobre a lógica do catolicismo popular. **Dados**. Rio de Janeiro, n.11, p.173-193, 1973.
- GUIMARÃES ROSA, João. **Grande sertão: veredas**. 17.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- GUNDER FRANK, Andre. A agricultura brasileira: capitalismo e o mito do feudalismo. **Revista Brasiliense**, São Paulo, p.47-70, 1964.
- HARRIS, Marvin. **El desarrollo de la teoría antropológica: una historia de las teorías de la cultura**. 6.ed. Madrid: Siglo Veintiuno, 1985.
- HEKMAN, Susan J. **Hermenêutica e sociologia do conhecimento**. Lisboa: Edições 70, 1990.
- HEREDIA, Beatriz Maria Alasia. **A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- HOFFMANN, Rodolfo. Evolução da desigualdade da distribuição da posse da terra no Brasil no período 1960-80. **Boletim da ABRA**. Campinas, v.12, n.6, p.17-34, 1982.
- HOMEM, Maria Cecília Naclério. Do palacete à enxada. In: D'INCAO, Maria Angela. (org.) **História e Ideal: ensaios sobre Caio Prado Júnior**. São Paulo, UNESP/Brasiliense, 1989. P.45-54.
- IANNI, Octávio. Populismo e classes sociais. In: **Debate & Crítica**. São Paulo: Hucitec, n.1, 1973. P.7-17.
- IANNI, Octávio. A classe operária vai ao campo. **Cadernos Cebrap**, São Paulo, n.24, 1976.

- IANNI, Octávio. O reino deste mundo. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro: Hucitec, v.1, n.1. 1977. P.163-168.
- IANNI, Octávio. A dialética da história. In: D'INCAO, Maria Angela. (org.) **História e Ideal**: ensaios sobre Caio Prado Júnior. São Paulo: UNESP/Brasiliense, 1989. P.63-78.
- IGLÉSIAS, Francisco. Introdução: um historiador revolucionário. In: IGLÉSIAS, Francisco (org.), FERNANDES. **Caio Prado Júnior**: história. São Paulo: Ática, Coleção Grandes Cientistas Sociais, n.26, 1982. P.7-44.
- IGLÉSIAS, Francisco. Caio Prado Júnior, 1907/1990. **Dados**, Rio de Janeiro, v.33, n.3, p.361-378, 1990.
- IUMATTI, Paulo Teixeira. **Diários políticos de Caio Prado Júnior**: 1945. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- JAGUARIBE, Hélio. ISEB - Um breve depoimento e uma reapreciação crítica. In: **Cadernos de Opinião**. São Paulo: Paz e Terra S.A., n.14, 1979. P.94-110.
- JOLLIVET, Marcel. A "vocação atual" da sociologia rural. 25p. (Documento de trabalho em fase de publicação: Tradução de Maria de Nazareth Baudel Wanderley do artigo publicado originalmente em **Ruralia**, Revista da Associação dos Ruralistas Franceses (ARF), n.1, p.111-132, 1997).
- JOOSTEN, Cristiano. Problemas da terra na diocese de Campina Grande, PB (contribuição para a reunião do CEHILA - Lagoa Seca). In: SILVA, Severino Vicente da (org.). **A Igreja e a questão agrária no Nordeste**: subsídios históricos: São Paulo, Paulinas, 1986. P.152-156.
- JORNAL ESTADO DE MINAS. Violência: PM cerca sem-terra e usa força para apreender armas brancas e ferramentas. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 10 abr. 1996a. Caderno I, p.1.
- JORNAL ESTADO DE MINAS. Violência contra os sem-terra: batalhão de choque espanca e prende lavradores que se negam a entregar ferramentas de trabalho. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 10 abr. 1996b. Gerais, p.21 e 23.
- JORNAL ESTADO DE MINAS. Reforma agrária precisa de serenidade. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 23 abr. 1996c. Caderno I, p.6.
- JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. MST inicia marcha pela reforma agrária. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 06 abr. 1996. Caderno I, p.8.
- JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. PM reprime caminhadas de sem-terra. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 abr. 1996a. Caderno I, p.8.

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. De surpresa, MST invade o Incra em São Paulo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11 abr. 1996b. Caderno 1, p.8.

JULIÃO, Francisco. **Que são as ligas camponesas?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.

JUNG, Carl G. Chegando ao inconsciente. In: JUNG, Carl G. *et al.* **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964. P.18-103.

JUNGMANN, Raul. Vamos atender o apelo do papa. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 de fev. 1997. Caderno 1, p.3.

KADT, Emanuel de. **Catholic radicals in Brazil**. London: Oxford University Press, 1970.

KAGEYAMA, Angela, BERGAMASCO, Sônia M.P. Novos dados sobre a produção familiar no campo. Campinas: UNICAMP, 1989, 23p. (Mimeo), apud WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Em busca da modernidade social. Uma homenagem a Alexander V.Chayanov. Campinas: UNICAMP, 1989, 33p. (Texto apresentado no Seminário: Os camponeses têm futuro? Uma homenagem a Alexander Chayanov)

KAUTSKY, Karl. **La cuestión agraria**: análisis de las tendencias de la agricultura moderna y de la política agraria de la social democracia. Mexico: Siglo Veintiuno, 1977.

KNORR-CETINA, Karin. **The Manufacture of Knowledge**: an essay on the constructivist and contextual nature of science. Oxford: Pergamon Press, 1981.

KNORR-CETINA, Karin, MULKAY, Michael (ed.). **Science Observed**: perspectives on the social study of science. Londres: Page Publications, 1983.

KOLAKOWSKI, Leszek. A revanche do sagrado na cultura profana. **Revista Religião e sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Hucitec, v.1, n.1, 1977. P.153-162.

KOTSCHO, Ricardo. **O massacre dos posseiros**: Conflitos de terras no Araguaia-Tocantins. São Paulo: Brasiliense, 1981.

KOTSCHO, Ricardo. A terra que queriam ver dividida. **Revista Atenção**, São Paulo, p.30-41, 1995. (Edição de lançamento).

KUHN, Thomas S. Lógica da descoberta ou psicologia da pesquisa? In: LAKATOS, Imre, MUSGRAVE, Alan. (org.). **A crítica e o desenvolvimento do conhecimento**. São Paulo: CULTRIX/USP, 1979. P.5-32.

- KUHN, Thomas S. Reflexões sobre os meus críticos. In: LAKATOS, Imre, MUSGRAVE, Alan. (org.). **A crítica e o desenvolvimento do conhecimento**. São Paulo: CULTRIX/USP, 1979. P.285-343.
- KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- LAKATOS, Imre. **Historia de la ciencia y sus reconstrucciones racionales**. Madrid: Editorial Tecnos, 1974.
- LATOUR, Bruno. Give me a laboratory and a will raise the world. In: KNONN-CETINA, Karin D., MULKAY, Michael (ed.), **Science Observed: Perspectives on social study of science**. Londres: Sage Publications, 1983. P.141-170.
- LATOUR, Bruno. **Les microbes guerre et paix suivi de irredutions**. Paris: A. M. Métailié, 1984.
- LATOUR, Bruno. **Science in Action: how to follow scientists and engineers through society**. Inglaterra: Open University Press, 1987.
- LATOUR, Bruno, WOOLGOR, S. **Laboratory Life: the social construction of facts**. London: London and Beverly Hills Sage, 1979.
- LEITE LOPES, José Sérgio. **O vapor do diabo: o trabalho dos operários do açúcar**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- LEITE LOPES, *et al.* **Mudança social no nordeste: a reprodução da subordinação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- LEITE LOPES, José Sérgio. Prefácio. In: GARCIA JR, Afrânio R. **Terra de trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. P.I-VIII.
- LENIN, V.I. **El desarrollo del capitalismo en Rusia: el proceso de la formación de un mercado interior para la gran industria**. Barcelona: Editorial Ariel, 1974.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Um copinho de rum. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. Portugal: Libreria Plon, 1955. P.479-494.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural dois**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.
- LIMA, Heitor Ferreira. Caio Prado e seu tempo. In: D'INCAO, Maria Angela. (org.) **História e Ideal: ensaios sobre Caio Prado Júnior**. São Paulo: UNESP/Brasiliense, 1989. P.15-21.

- LIMONGI, Fernando. Marxismo, nacionalismo e cultura: Caio Prado Jr. e a Revista Brasiliense. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.2, n.5, p.27-46, 1987.
- LINHARES, Maria Yedda, TEIXEIRA SILVA, Francisco Carlos. **História da agricultura brasileira: combates e controvérsias**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- LOPES, Juarez Rubens Brandão. Do latifúndio à empresa: unidade e diversidade do capitalismo no campo. **Caderno CEBRAP**, São Paulo, n.26, 1978, 56p.
- LOPES, Juarez Rubens Brandão. Desenvolvimento capitalista e estrutura agrária no Brasil. **Ensaio de Opinião**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v.11, 1979. P.9-16.
- LOPES, Raquel Miranda. **Entrevista com Carlos Rodrigues Brandão: passos de uma trajetória**. Campinas: UNICAMP, 1990a, 27p. Documento técnico.
- LOPES, Raquel Miranda. **Idéias preliminares de um pré-projeto: etnografia da teoria social rural (religião e cultura popular)**. Campinas: UNICAMP, 1990b. 21p. Documento técnico.
- LOPES, Raquel Miranda. **Itinerário intelectual de um 'errante' em busca de seu caminho: Carlos Rodrigues Brandão**. Campinas: UNICAMP, 1990c, 25p. Documento técnico.
- LOPES, Raquel Miranda. **Questão Agrária e Igreja Católica: etnografia de um saber disciplinar**. Campinas: UNICAMP, 1991, 44p. (Projeto de tese de doutorado).
- LOPES, Raquel Miranda. **Eixo das práticas discursivas - a interseção de práticas discursivas sobre o rural - academia, partido político e Igreja Católica**. Belo Horizonte, 1997, 90p. Documento técnico.
- LOPES, Raquel Miranda. **Exame de Qualificação: "Questão agrária e Igreja Católica: etnografia de um saber disciplinar" ou "Etnografia de um saber disciplinar: um olhar por sobre a sociologia e a antropologia do campesinato?"**. Belo Horizonte, 1998, 70p. (Documento para o Exame de Qualificação no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/UNICAMP/Área de Concentração Itinerários Intelectuais e Etnografia do Saber).
- LORENA, Carlos. As respostas do governo ao problema agrário. **Boletim da ABRA**, Campinas, v.12, n.2, p.26-34, 1982.
- LORENA, Carlos. A Campanha Nacional pela Reforma Agrária: a urgência da reforma agrária. **Boletim da ABRA**, Campinas, v.13, n.4, p.52-57, 1983.
- LULA DA SILVA, Luiz Inácio. A reforma agrária possível. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 mar. 1996. Opinião I, p.3.

- MACEDO, Carmen Cinira. **Tempo de gênese**: o povo das Comunidades Eclesiais de Base. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- MACEDO, Carmen Cinira. **Imagem do eterno**: religiões no Brasil. São Paulo: Moderna, 1989.
- MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo: Abril, 1976.
- MANNHEIM, Karl. A mentalidade utópica. In: MANNHEIM, KARL. **Ideologia e Utopia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972. P.216-285.
- MANTEGA, Guido. **A economia política brasileira**. São Paulo: Petrópolis: Vozes, 1984.
- MARCONDES, J.V. Freitas. O regime da propriedade da terra e a reforma agrária no Brasil. **Sociologia**, São Paulo, v.26, n.1, p.123-133, 1964.
- MARCUS, George E., FISCHER, Michael M.J. **Anthropology as Cultural Critique**: an experimental moment in the human sciences. Chicago: The University of Chicago Press, 1986.
- MARSHALL, James. **Espadas e símbolos**: a técnica da soberania. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1972.
- MARTINEZ-ALIER, Verena. As mulheres do caminhão de turma. **Debate & Crítica**, São Paulo, n.5, p.59-86, 1975.
- MARTINS, José de Souza. **A imigração e a crise do Brasil agrário**. São Paulo: Pioneira 1973a.
- MARTINS, José de Souza. Adoção de práticas agrícolas e tensões sociais: a situação dos plantadores de algodão na Alta Sorocabana. **Cadernos CERU**, São Paulo, n.6, p.201-221, 1973b.
- MARTINS, José de Souza. **Capitalismo e tradicionalismo**: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1975.
- MARTINS, José de Souza. **Sobre o modo capitalista de pensar**. São Paulo: Hucitec, 1978a.
- MARTINS, José de Souza. Prefácio. In: TAVARES DOS SANTOS, José Viscente. **Colonos do vinho**: estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital. São Paulo: HUCITEC, 1978b, P.IX-XVIII.

- MARTINS, José de Souza. Ciência e crise política: a sociologia a caminho da roça. **Revista Encontros com a Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro, v.12, p.243-47, 1979a.
- MARTINS, José de Souza. **O cativo da terra**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Sociais, 1979b.
- MARTINS, José de Souza. Terra e liberdade: a luta dos posseiros na Amazônia Legal. **Boletim da ABRA**, Campinas, ano XI, n.1, p.10-19, 1979c.
- MARTINS, José de Souza. **Expropriação e violência**: a questão política no campo. São Paulo: Hucitec, 1980a.
- MARTINS, José de Souza. O documento da terra prometida. **Boletim da ABRA**, Campinas, ano 10, n.2, p.39-43, 1980b.
- MARTINS, José de Souza. Prefácio. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**: um estudo sobre a religião popular. São Paulo: Brasiliense, 1980c. P.11-14.
- MARTINS, José de Souza. Terra de negócio e terra de trabalho: contribuição para o estudo da questão agrária no Brasil. **Cadernos do CEAS**, Salvador, n.67, p.34-44, 1980d.
- MARTINS, José de Souza. **Introdução Crítica à sociologia rural**. São Paulo, Hucitec, 1981a.
- MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil**: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político. Petrópolis: Vozes, 1981b.
- MARTINS, José de Souza. **A militarização da questão agrária no Brasil** (Terra e poder: o problema da terra na crise política). Petrópolis: Vozes, 1984a.
- MARTINS, José de Souza. Prefácio. In: ESTERCI, Neide (org.) **Cooperativismo e coletivização no campo**: questões sobre a prática da "Igreja Popular" no Brasil. Rio de Janeiro: Marco Zero, n.16, 1984b. P.7-12.
- MARTINS, José de Souza. **A reforma agrária e os limites da democracia na "Nova República"**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- MARTINS, José de Souza. **Não há terra para plantar neste verão**: o cerco das terra indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1988.
- MARTINS, José de Souza. **Caminhada no chão da noite**: emancipação política e libertação nos movimentos sociais no campo. São Paulo: Hucitec, 1989.
- MARTINS, José de Souza. **A chegada do estranho**. São Paulo: Hucitec, 1993.

- MARTINS, José de Souza. **O poder do atraso**: ensaios de sociologia da história lenta. São Paulo: Hucitec, 1994.
- MARTINS, José de Souza. Apresentação; A Peleja da vida cotidiana em nosso imaginário onírico. In: MARTINS, José de Souza (Org.). **(Des)Figurações**: a vida cotidiana no imaginário onírico da metrópole. São Paulo: Hucitec/USP, 1996a: P.11-13; P.15-71.
- MARTINS, José de Souza. O Brasil arcaico contra o Brasil moderno. **Folha de São Paulo**, São Paulo. 22 abr. 1996b. Opinião, p.3.
- MARTINS. José de Souza. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997a.
- MARTINS. José de Souza. **Fronteira**: a degradação do Outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec/USP, 1997b.
- MARTINS. José de Souza. O significado da criação da Comissão Pastoral da Terra na história social e contemporânea do Brasil. In: SECRETARIADO NACIONAL DA CPT. **A luta pela terra**: a Comissão Pastoral da Terra 20 anos depois. São Paulo: Paulus, 1997c, p.70-8.
- MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- MARX, Karl. Como o dinheiro se transforma em capital. In: **O capital**: crítica da economia política. 6.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Livro Primeiro, v.I, 1980a. P.165-197.
- MARX, Karl. Conversão do lucro suplementar em renda fundiária. In: **O capital**: crítica da economia política. 6.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Livro Terceiro, v.6, 1980b. P.703-954.
- MATTA, Roberto da. O sagrado e a sociologia. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.175-180, 1977.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. Religião e política: os deuses do povo (e dos poderosos). **Anuário Antropológico/81**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983. P.302-311.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo, MAUÉS, Maria Angélica Motta. O modelo da 'reima': representações alimentares em uma comunidade amazônica. **Anuário Antropológico/77**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978, P.120-147.
- MEDEIROS, Leonilde Sérvo de. Mesa redonda: Os anos 60: Reforma Agrária no período populista. In: PAULINO, Ana Yara, ASCIUTT, Cacilda e SALES, Tereza. (coord.) **Revisão crítica da produção sociológica voltada para a agricultura**. São Paulo: ASES/CEBRAP/FINEP/CNPq, p.45-62, 1983.

- MEDEIROS, Leonilde Sérvalo de. **História dos movimentos sociais no campo**. Rio de Janeiro: FASE, 1989.
- MEDEIROS, Leonilde Sérvalo de. (coord.). Mesa Redonda: Repensando a questão agrária, XVI Encontro Nacional da Associação PIPSA (Projeto de Intercâmbio e Pesquisa Social em Agricultura), Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, de 7 a 9/12/92. (Transcrição de fitas, Documento de trabalho).
- MELO, Jayro Gonçalves. O economicismo em Caio Prado Júnior. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n.18, p.42-8, 1987.
- MERTON, Robert K. Los imperativos institucionales de la ciencia. In: MERTON, Robert K. *et al.* **Estudios sobre sociología de la ciencia**. Madrid: Alianza Editorial, 1972.
- MEYER, Dóris Rinaldi. **A terra do santo e o mundo dos engenhos**: estudo de uma comunidade rural nordestina. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MEYER, Dóris Rinaldi. Herança e reprodução camponesa. **Anuário Antropológico/78**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980. P.342-347.
- MICELI, Sérgio. Por uma sociologia das ciências sociais; Condicionantes do desenvolvimento das ciências sociais. In: MICELI, Sérgio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Editora Sumaré/FAPESP, v.1, 1989. P.5-19 e P.72-110.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec/ABRASCO, 1992.
- MONTEIRO, John M. A dimensão histórica do latifúndio. In: D'INCAO, Maria Angela. (org.) **História e Ideal**: ensaios sobre Caio Prado Júnior. São Paulo: UNESP/Brasiliense, 1989. P.154-161.
- MOTTA, Mariza Veloso. Conhecimento camponês e forças produtivas: a fazenda goiana. **Anuário Antropológico/81**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983. P.157-163.
- MOURA, Margarida Maria. **Os herdeiros da terra**. São Paulo: Hucitec, 1978.
- MÜLLER, Geraldo. O rural e o industrial na transição agrária brasileira. In: D'INCAO, Maria Angela. (org.) **História e Ideal**: ensaios sobre Caio Prado Júnior. São Paulo: UNESP/Brasiliense, 1989. P.179-195.
- MUSUMECI, Leonarda. **O mito da terra liberta**: colonização 'espontânea', campesinato e patronagem na Amazônia Oriental. São Paulo: Vértice/Editora Revista dos Tribunais/ANPOCS, 1988.

- NASSIF, Luís. A reforma agrária-1, **Folha de São Paulo**, São Paulo, 06 maio 1996a. Caderno Dinheiro, p.3.
- NASSIF, Luís. A reforma agrária-2, **Folha de São Paulo**, São Paulo, 07 maio, 1996b. Caderno Dinheiro, p.3.
- NASSIF, Luís. A reforma agrária-3, **Folha de São Paulo**, São Paulo, 08 maio, 1996c. Caderno Dinheiro, p.3.
- NASSIF, Luís. A reforma agrária-4, **Folha de São Paulo**, São Paulo. 09 maio, 1996d, Caderno Dinheiro, p.3.
- NAVARRO JR., Lamartine. MST e o "massacre" de Eldorado. **Folha de São Paulo**, 25 maio 1996. Opinião, p.3.
- NEVES, Delma Pessanha. **Lavradores e pequenos produtores de cana**: estudo das formas de subordinação dos pequenos produtores agrícolas ao capital. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- NOGUEIRA, Marco Aurélio. Escravismo e sistema colonial. In: D'INCAO, Maria Angela. (org.) **História e Ideal**: ensaios sobre Caio Prado Júnior. São Paulo: UNESP/Brasiliense, 1989. P.79-85
- NOVAES, Regina C. Reyes. **Os escolhidos de Deus**: pentecostais, trabalhadores e cidadania. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.
- NOVAES, Regina C. Reyes. **De corpo e alma**: catolicismo, classes sociais e conflitos no campo. São Paulo: USP, 1987, v.1, 157p. (Tese de doutorado)
- NOVAES, Regina C. Reyes. Questão agrária, hoje?. In: **Tempo e Presença**. Rio de Janeiro: CEDI, ano 13, n.257, 1991. p.5-9.
- NOVAES, Regina C. Reyes. **Igreja Católica e trabalhadores rurais**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, s/d, 31p. Notas para discussão.
- NOVAIS, Fernando. Caio Prado Jr: historiador. **Novos Estudos Cebrap**. São Paulo, v.2, n.2, p.66-70, 1983.
- OLIVEIRA, Francisco. A economia brasileira: crítica à razão dualista. **Estudos Cebrap**. São Paulo: Editora Brasileira de Ciências. 1972. P.4-82.
- OLIVEIRA, Francisco. **Elegia para uma re(li)gião**: SUDENE, nordeste. Planejamento e conflitos de classe. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

- OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. As ciências sociais no Rio de Janeiro. In: MICELI, Sérgio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Editora Sumaré/FAPESP, v.2, 1995. P.233-307.
- PALMEIRA, Moacir. **Latifundium et capitalisme au Brésil**: lecture critique d'un débat. Paris: Universidade de Paris, 1971. 170p. (Tese de 3º ciclo).
- PALMEIRA, Moacir. Campesinato, fronteira e política. **Anuário Antropológico/76**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977a. P.308-317.
- PALMEIRA, Moacir. Casa e trabalho: notas sobre as relações sociais na *plantation* tradicional. **Contraponto**, v. 2, n.2, p.103-114, 1977b.
- PALMEIRA, Moacir. *et al.* Emprego e mudança sócio-econômica no Nordeste (projeto de pesquisa). **Anuário Antropológico/76**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977c. P.201-238.
- PALMEIRA, Moacir. Prefácio. In: LEITE LOPES, José Sérgio. **O vapor do diabo**: o trabalho dos operários do açúcar. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. P.XI-XV.
- PALMEIRA, Moacir. Os anos 60: revisão crítica de um debate. In: PAULINO, Ana Yara, ASCIUTTI, Cacilda, SALES, Tereza (coord.). **Revisão crítica da produção sociológica voltada para a agricultura**. São Paulo: ASES/CEBRAP/FINEP/CNPq, 1983. P.13-27 e 39-43.
- PALMEIRA, Moacir. A diversidade da luta no campo: luta camponesa e diferenciação do campesinato. In: PAIVA, Vanilda (org.). **Igreja e Questão Agrária**, São Paulo: Loyola, 1985. P.43-51.
- PALMEIRA, Moacir. Modernização, Estado e questão agrária. **Estudos Avançados**, São Paulo, n.7, v.3, p.87-108, 1989.
- PALMEIRA, Moacir. **Memorial**. Rio de Janeiro: Departamento de Antropologia/Museu Nacional/UFRJ, 1994. 51p. (Trabalho apresentado ao Concurso Público e Títulos de Professor Titular do Departamento de Antropologia/Museu Nacional/UFRJ).
- PALMEIRA, Moacir. **Diferenciação social e participação política do campesinato**: primeiras questões. Rio de Janeiro: Museu Nacional, s.d., 13p. Documento técnico.
- PALMER, Richard E. **Hermenêutica**. Lisboa: Edições 70, 1986.
- PASSOS GUIMARÃES, Alberto. **Quatro séculos de latifúndio**. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- PAULILO, Maria Ignez Silveira. O "ser" e o "deveria ser" no conceito da pequena produção. Caxambu: XIV Encontro Anual da ANPOCS (Seminário "Questão Agrária e Democracia"). 1990a. 32p. (Mimeo).

- PAULILO, Maria Ignez Silveira. **Produtor e agroindústria: consensos e dissensos: o caso de Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC/Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1990b.
- PEIRANO, Mariza G. S. **The Anthropology of Anthropology: the brazilian case**. Brasília: Universidade de Brasília, 1991. 289p. (Tese de doutorado: Harvard University, 1981)
- PEIRANO, Mariza G. S. **Uma antropologia no plural: três experiências contemporâneas**. Brasília: Universidade de Brasília, 1992.
- PEIRANO, Mariza G. S. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995a.
- PEIRANO, Mariza G. S. Desterrados e exilados: antropologia no Brasil e na Índia. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto, RUBEN, Guillermo Ruben (orgs.). **Estilos de antropologia**. Campinas: UNICAMP, 1995b. P.13-30.
- PETRINI, João Carlos. **Cebs: um novo sujeito popular**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- PICCOLI, Daniel, MATO, Andrés. Conflitos no campo 96: balanço e perspectivas. **Cadernos do CEAS**, Salvador, n. 172, p.11-20, 1977.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio. Massacre: missão cumprida. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 25 maio 1996. Opinião, p.3.
- PINTO, Lúcio Flávio. Finalidades e atuação do Ministério da Terra. **Boletim da ABRA**, Campinas, v.13, n.4, p.11-19, 1983.
- POLETTO, Ivo. Igrejas cristãs e a luta pela terra. **Tempo e Presença**, n.221, p.17-20, 1987.
- POLETTO, Ivo. A terra e a vida em tempos neoliberais. Uma leitura da história da CPT. In: **A luta pela terra: a Comissão Pastoral da Terra 20 anos depois**. São Paulo: Paulus, 1997. P.21-69.
- PORRO, Alessandro. Entrevista: Otávio Velho - O Brasil vai em frente. **Revista Veja**, São Paulo, ano 24, n.3, 16/01/91.
- PORTO, Maria Stela Grossi, SIQUEIRA, Deis Elucy. A pequena produção: entre os conceitos teóricos e as categorias empíricas. Belo Horizonte: XVI Encontro Nacional da Associação PIPSA, 7 a 9 de dezembro, 1992, 22p. (Mimeo)
- PRADO, Danta. Meu Pai. In: D'INCAO, Maria Angela. (org.) **História e Ideal: ensaios sobre Caio Prado Júnior**. São Paulo: UNESP/Brasiliense, 1989. P.41-3.
- PRADO JÚNIOR, Caio. **A revolução brasileira**. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1978.

- PRADO JÚNIOR, Caio. **A questão agrária no Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1979.
- QUEDA, Oriowaldo. Formas de propriedade e tecnologia: algumas reflexões. **Boletim da ABRA**, ano 10, n.2, p.34-8, 1980.
- RABINOW, Paul *et al* (ed.). **Interpretative Social Science: a reader**. Berkeley: University of California Press, 1979.
- RAMOS, Alcida Rita. Cor local e compreensão na antropologia de Clifford Geertz. **Anuário Antropológico/83**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985. P.301-305.
- RANGEL, Ignacio. Feudalismo e propriedade fundiária. In: D'INCAO, Maria Angela. (org.) **História e Ideal: ensaios sobre Caio Prado Júnior**. São Paulo: UNESP/Editora Brasiliense, 1989. P.209-226.
- RÊGO, Rubem Murilo Leão, *et al*. A questão agrária e o momento atual. **Boletim da ABRA**, Campinas, v.10, n.4/5, p.102-105, 1980.
- RÊGO, Rubem Murilo Leão. Capitalismo, reforma agrária e cidadania. In: D'INCAO, Maria Angela. (org.) **História e Ideal: ensaios sobre Caio Prado Júnior**. São Paulo: UNESP/Brasiliense, 1989. P.197-205.
- RÊGO, Rubem Murilo Leão, SILVA, Sérgio S. Itaci: a questão agrária à luz da doutrina social da Igreja. **Boletim da ABRA**, Campinas, v.10, n.2, p.29-33, 1980.
- RIBEIRO, Darcy. Prefácio. In: FRAZER, Sir James George. **O ramo de ouro**. Rio de Janeiro: Guanabara S.A., 1982. P.7-8.
- RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologias**. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- RODRÍGUEZ, Octávio. O pensamento da CEPAL: síntese & crítica. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n.16, p.8-28, 1986.
- RUBEN, Guilherme Raul. O "tio materno" e a antropologia quebequense. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto, RUBEN, Guilherme Raul (orgs.). **Estilos de antropologia**. Campinas: UNICAMP, 1995. P.121-138.
- SÁ JR., Francisco. O desenvolvimento da agricultura nordestina e a função das atividades de subsistência. **Estudos CEBRAP 3**. São Paulo: Editora Brasileira de Ciências, 1973. P.87-147.
- SAMPAIO, Plínio Arruda. A lógica da questão fundiária. **Família Cristã**, São Paulo, Ano 61, n.718, p.48-49, 1995a.

- SAMPAIO, Plínio Arruda. A volta da questão agrária. **Família Cristã**, São Paulo, Ano 61, n.719, p.48-49, 1995b.
- SAMPAIO, Plínio Arruda. O bloqueio da reforma agrária. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 08 jul. 1996. Opinião I, p.3.
- SANTANA, Eudoro. Erros afastam esquerda da reforma agrária. **Revista Políticas Governamentais**, Rio de Janeiro, v.9, n.95, p.13-16, 1993.
- SANTOS FILHO, José dos Reis. GETAT: da regularização fundiária à prática de controle social. **Boletim da ABRA**, Campinas, v.14, n.3, p.1-55, 1984.
- SANTOS FILHO, José dos Reis, PORTO, Mayla Yara. A geografia da violência e algumas presenças em conflitos pela posse da terra. **Reforma Agrária**, Campinas, v.14, n.1, p.3-35, 1984.
- SCHADEN, Egon. Os primeiros tempos da antropologia em São Paulo. **Anuário Antropológico/82**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984, P.251-258.
- SECRETARIADO NACIONAL DA CPT. Análise dos conflitos e da conjuntura no campo (95-96). **Cadernos do CEAS**, Salvador, n.166, p.12-15, 1996.
- SECRETARIADO NACIONAL DA CPT. Os rostos da CPT hoje. In: SECRETARIADO NACIONAL DA CPT. **A luta pela terra: a Comissão Pastoral da Terra 20 anos depois**. São Paulo: Paulus, 1997. P.177-272.
- SIGAUD, Lygia. **Os clandestinos e os direitos**. São Paulo: Duas Cidades, 1979.
- SIGAUD, Lygia. A nação dos homens - uma análise regional de ideologia. **Anuário Antropológico/78**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980a. P.13-114.
- SIGAUD, Lygia. **Greve nos engenhos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980b.
- SIGAUD, Lygia. Congressos camponeses. **Boletim da ABRA**, Campinas, v.11, n.6, 3-8, 1981a.
- SIGAUD, Lygia. Trabalho assalariado e trabalho familiar no nordeste. In: **Anuário Antropológico/79**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981b. P.181-199.
- SIGAUD, Lygia. As vendas das pontas de rua. In: **Anuário Antropológico/81**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983. P.23-42.
- SIGAUD, Lygia. **E para o quê serve conhecer o campo?**. Rio de Janeiro: Museu Nacional/PPGAS, 1990. 54p. Documento de trabalho.

- SILVA, Sérgio. **Desenvolvimento econômico e agricultura no Brasil**. As formas de acumulação e o desenvolvimento do capitalismo no campo. Niterói: Centro de Estudos Noel Nutels, 1976. 22p.
- SILVA, Sérgio S. A crítica ao capitalismo real. In: D'INCAO, Maria Angela. (org.) **História e Ideal**: ensaios sobre Caio Prado Júnior. São Paulo: UNESP/Brasiliense, 1989. P.299-307.
- SIMAS FILHO, Mário. Reforma agrária na marra. **Revista Isto É**. n.1358, 11 out. 1995.
- SOARES, Luiz Eduardo. **Campesinato**: Ideologia e política. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- SORJ, Bernardo. A questão agrária no Brasil, de Caio Prado Júnior e A crise agrária, de Alberto Passos Guimarães. **Dados**. Rio de Janeiro, v.23, n.1, p.119-124, 1980.
- SOUSA SANTOS, Boaventura de. Da idéia de universidade à universidade de idéias. In: SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. Porto: Afrontamento, 1994. P.163-201.
- SOUZA, Diolinda Alves. Uma medida provisória para se fazer justiça no campo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 abr. 1996. Opinião I, p.3.
- SUAREZ, Maria Tereza Sales de Melo. **Cassacos e corumbas**. São Paulo: Ática, 1977.
- SUÁREZ, Mireya *et al.* Seminário: Saber e reprodução camponesa - Introdução. **Anuário Antropológico/81**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983. P.149-156.
- SUÁREZ, Mireya. Sociedade e agricultura: (auto?) crítica. **Anuário Antropológico/82**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. P.302-316.
- SUPLICY, Marta. Sem medo dos sem-terra: conhecendo a história. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21 fev. 1996. Opinião, p.1-3.
- SZMRECSÁNYI, Tamás. Expansão da fronteira agrícola e mudanças na estrutura agrária. **Cadernos CERU**, São Paulo, n.12, p.260-277, 1979.
- SZMRECSÁNYI, Tamás. Apresentação. **Boletim da ABRA**, Campinas, v.10, n.4/5, p.1-2, 1980.
- TAVARES, Assis. Caio Prado e a teoria da revolução brasileira. **Revista Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, v.1, n.11-12, p.48-80, 1967.
- TAVARES DOS SANTOS, José Viscente. **Colonos do vinho**: estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital. São Paulo: HUCITEC, 1978.

- TAVARES DOS SANTOS, José Viscente. **A reprodução subordinada do campesinato**. s.l., 1980a, 18p. Documento de trabalho.
- TAVARES DOS SANTOS, José Viscente. A reprodução subordinada do campesinato. **Boletim da ABRA**, Campinas, v.10, n.4/5, p.83-4, 1980b.
- TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. Notas sobre a investigação sócio-antropológica do "rural": (o caso do grupo de trabalho Estado e Agricultura da ANPOCS). Trabalho apresentado ao XII Encontro anual da ANPOCS. Águas de São Pedro, 1988. 22p.
- TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. Crítica da sociologia rural e a construção de uma outra sociologia dos processos agrários. **Ciências Sociais Hoje**. São Paulo: Vértice, 1991. P.13-51.
- TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. Mesa Redonda: Repensando a questão agrária, XVI Encontro Nacional da Associação PIPSA (Projeto de Intercâmbio e Pesquisa Social em Agricultura), Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, de 7 a 9/12/92. (Documento de trabalho da transcrição da exposição oral em 07/12/92).
- THOMPSON, E.P. **A miséria da teoria**: ou um planetário de erros - uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- TOPALOV, Christian. **Estruturas agrárias brasileiras**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- UNESP/Departamento de Economia Rural/Faculdade de Ciências Agrônômicas. **A mão-de-obra volante na agricultura**. São Paulo: CNPq/UNESP/Polis, 1982.
- VAZ, Henrique C. de Lima. O sagrado e a história. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Hucitec, v.1, n.1, 1977. P.169-74.
- VEJA. Tiros de aluguel. **Revista Veja**, ano 29, n.19, 08/05/96.
- VELHO, Otávio. O cientista social brasileiro. **Cadernos Brasileiros**. ano 8, n.4, n.36, p.45-55, 1966.
- VELHO, Otávio G. **Capitalismo autoritário e campesinato**. Rio de Janeiro/São Paulo: DIFEL, 1976.
- VELHO, Otávio G. A universidade e a antropologia no Brasil, hoje. **Encontros com a civilização brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v.17, 1979. P.169-179.
- VELHO, Otávio G. Antropologia para suco ver, **Dados**. Rio de Janeiro, v.23, n.1, p. 79-91, 1980.
- VELHO, Otávio G. **Frentes de expansão e estrutura agrária**: estudo do processo de penetração numa área da transamazônica. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, [1972] 1981.

- VELHO, Otávio G. **Sociedade e agricultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- VELHO, Otávio G. Processos sociais no Brasil pós-64: as ciências sociais. In: SORJ, Bernardo, ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares (org.). **Sociedade e política no Brasil pós-64**. São Paulo: Brasiliense, 1983a. P.240-261.
- VELHO, Otávio G. Sete teses equivocadas sobre a Amazônia. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro: Tempo e Presença Editora, 1983b. P.31-6
- VELHO, Otávio G. O cativo da besta-fera. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, v.14, n.1, p.4-27, 1987.
- VELHO, Otávio G.. **Memorial**. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ. 1992. 69p. (Trabalho apresentado ao Concurso Público e Títulos de Professor Titular do Departamento de Antropologia/Museu Nacional/UFRJ.)
- VELHO, Otávio G. **Besta-Fera - recriação do mundo**: ensaios críticos de antropologia. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 1995.
- VENEU, Marcos Guedes. A cruz e o barrete. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, v.13, n.2, p.38-56, 1986.
- VILAR DE CARVALHO, Abdias. A Igreja e os problemas da terra. Campinas, **Boletim da ABRA**, v.10, n.2, p.21-8, 1980.
- VILAR DE CARVALHO, Abdias, D'INCAO, Maria Conceição. (coords). **Reforma Agrária: significado e viabilidade**. Petrópolis: Vozes/CEDEC, 1982.
- VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- ZALUAR, Alba. **Os homens de Deus**: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- WANDERLEY, Luiz Eduardo. Igreja e sociedade no Brasil: 1950-64/1964-75. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, n.3, 1978. P.93-105.
- WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O camponês: um trabalhador para o capital. **Cadernos de Difusão de Tecnologia**, Brasília, v.2, n.1, p.13-78, 1985.
- WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Em busca da modernidade social. Uma homenagem a Alexander V.Chayanov. Campinas: UNICAMP, 1989, 33p. (Texto apresentado no Seminário: "Os camponeses têm futuro? Uma homenagem a Alexander Chayanov").

- WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A diferenciação social como objeto de pesquisa. Rio de Janeiro: PIPSA (Grupo III: Diferenciação da pequena produção - Mesa Redonda: A pequena produção e as ciências sociais nos anos 80), 1990a, 11p. (Mimeo).
- WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A questão agrária na atualidade: quem é o agente do progresso?. Rio de Janeiro: PIPSA (Balanço de 10 anos - Mesa Redonda: A questão agrária hoje), 1990b. 10p. (Mimeo).
- WANDERLEY, Maria de Nazareth Baude. Agricultura familiar: tema e problema. Belo Horizonte: XVI Encontro Nacional da Associação PIPSA, Grupo III: O avanço da pesquisa sobre a agricultura familiar: o estado do debate. Mesa Redonda I, 1992, 10p. (Mimeo)
- WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Raízes históricas do campesinato brasileiro. Caxambu: GT Processos Sociais agrários - XX Encontro Anual da ANPOCS, 1996. 32p. (Mimeo).
- WEBER, Max. **Economia y sociedad**: esbozo de sociología comprensiva. Bogotá: Fondo de Cultura Económica, v.1, 1944.
- WHITLEY, Richard. **Social Process of Scientific Development**. London: Routledge & Kegan Paul, 1974.
- WINCH, Peter. **A idéia de uma ciência social**: sua relação com a filosofia. São Paulo: Nacional, 1970.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Abril, 1975.
- WOORTMANN, Ellen F. O sítio camponês. **Anuário Antropológico/81**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983. P.164-203.
- WOORTMANN, Klaas Axel A. W. Reconsiderando o parentesco. **Anuário Antropológico/76**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977. P.149-186.
- WOORTMANN, Klaas Axel A. W. A transformação da subordinação. **Anuário Antropológico/81**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983. P.204-229.
- WOORTMANN, Klaas Axel A. W. 'Com parente não se neguceia'. O campesinato como ordem moral. **Anuário Antropológico/87**. Rio de Janeiro: Tempo, Brasileiro. 1990. P.11-73.

7. FONTES PRIMÁRIAS

1. ENTREVISTAS

- Com Carlos Rodrigues Brandão, Campinas: IFCH/UNICAMP, 14/11/91.
- Com Regina Reyes Novaes e Nair Costa Muls, Belo Horizonte: restaurante Verde Gaió, 22/12/93.

2. ENCONTRO CIENTÍFICO

Transcrição das fitas da exposição de Leonilde Sérvolo Medeiros (coord.), José Vicente Tavares dos Santos, Manuel Correia de Andrade e José Graziano da Silva, em 07/12/92, na "Mesa Redonda: Repensando a questão agrária", XVI Encontro Nacional da Associação PIPSA (Projeto de Intercâmbio e Pesquisa Social em Agricultura), Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, de 7 a 9/12/92.

3. CARTAS

- DURHAM, Eunice Ribeiro. **Carta-resposta**. São Paulo, 11/03/97.
- BORGES PEREIRA, João Baptista. **Carta-resposta**. São Paulo, 03/04/97.
- LOPES, Raquel Miranda. Carta a José de Souza Martins. Belo Horizonte, 26/03/97).
- MARTINS, José de Souza. Carta-resposta. São Paulo, 14/04/97.
- MARTINS, José de Souza. Carta-resposta. São Paulo, 02/06/97.
- WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Carta-resposta. Recife. 23/03/98.

4. CURRICULUM VITAE

- José de Souza Martins
- Moacir Palmeira
- Otávio G. Velho

8. BANCO DE DADOS

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Teses e dissertações defendidas - Área de concentração - Antropologia Social**. Dissertações. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Departamento de Antropologia (1964 a 15/05/91).

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Teses e dissertações defendidas - Área de concentração - Antropologia Social**. Tese. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Departamento de Antropologia (1964 a 13/05/91).

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Dissertações de Mestrado**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) (21/05/93 a 27/05/95).

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Teses de Doutorado**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (26/04/93 a 20/06/95).

RUBIM, Cristina de Rezende. **Mestrado Antropologia USP - 1970 a dezembro de 1994**. (Inclui Área de Arqueologia), s/d.

RUBIM, Cristina de Rezende. **Doutorado em Antropologia USP - dezembro de 1975 a outubro de 1994**. (Inclui Área de Ciência Política), s/d.

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA. Dissertações e teses em sociologia na USP: 1945-1996. **Revista Plural**. São Paulo: Departamento de Sociologia/FFLCH/USP, p.7-68, 1º sem. 1997. (Número Especial).

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL. **Relação das DISSERTAÇÕES DE MESTRADO defendidas no PPGAS**. Rio de Janeiro: Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro. (16/11/70 a 15/05/96).

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL. **Relação das TESES defendidas no PPGAS**. Rio de Janeiro: Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro. (28/11/83 a 28/03/96).